O HOMEM E A SERRA

(2. EDIÇÃO)

DO MESMO AUTOR

na *série* A *da*

BIBLIOTECA GEOGRÁFICA BRASILEIRA

O Homem e o Brejo
O Homem e o Restinga
O Homem e a Guanabara (No prelo)
O Homem e a Serra **(2.ª** *edicão)*

Série A — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação N.º 8

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Setores da Evolução Fluminense

IV

O HOMEM E A SERRA

2.ª edição

" Questa selva selvaggia e asprae forte.."
DANTE: " **Inferno** " 1,4 .

POR
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO
[LAMEGO FILHO]

Edição da Divisão Cultural
1963

A
meus
PAIS
com
gratidão

PREFACIO *DA* 1.ª EDIÇÃO

Depois de "O Homem e o Brejo", "O Homem e a Restinga" e "O Homem e a Guanabara", dá-nos o engenheiro ALBERTO RIBEIRO LAMEGO *sob o titulo de "O Homem e a Serra" mais uma substanciosa contribuição na série em que vem sintetizando o resultado de importantes pesquisas realizadas sôbre um dos trechos mais significativos do desenvolvimento econômico de nosso país.*

Armado de sólida cultura histórica e de ampla compreensão das realidades físicas e humanas, bem como dos fenômenos sociais, ALBERTO RIBEIRO LAMEGO *Situou-se num ângulo de onde pôde descortinar com nitidez todos os problemas ligados à terra e ao homem e as relações que entre uma e outro se estabelecem através das influências recíprocas.*

Unindo os conhecimentos científicos ao amor ao torrão natal, ALBERTO RIBEIRO LAMEGO *já nos havia dado nesse setor especializado de nossa cultura, "O Homem e o Brejo", um valioso trabalho da nossa literatura geográfica sôbre a "vitoriosa tenacidade de um grupo étnico brasileiro sôbre o meio físico, desmentindo a apregoada inadaptabilidade do europeu a climas tropicais, com uma acelerada evolução cultural ininterrupta" e uma exposição da "opressão econômica em que, em plena fartura por êle mesmo criada, êsse mesmo grupo sempre se debateu, para que definitivamente o livrem dela".*

Do mesmo modo pôde compreender os fatôres que condicionaram a adaptação do homem ao meio, cujas características bastante se diferenciam daquelas estudadas em seu anterior ensaio "O Homem e a Restinga".

O mesmo gênero de investigações conduziu-o a "O Homem e a Guanabara", em que são estudados outros aspectos da progressiva adaptação do homem do Brasil às condições de outro meio.

Todos êsses trabalhos, que se somaram a vasta bibliografia de ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, *foram editados pela Biblioteca Geográfica Brasileira, na coletânea intitulada "Setores da Evolução Fluminense", lista agora acrescida com o "O Homem e a Serra", trabalho em que se ressalta a sólida cultura de seu autor no campo geográfico.*

Como nas obras similares acima citadas, esta também se divide em três partes fundamentais: a primeira se refere a

Terra, a segunda ao Homem e a terceira as conseqüências decorrentes das relações estabelecidas entre êsses dois fatores.

Mostra o autor a luta que o homem trava com a mata, fazendo ressaltar que esta representa obstáculo maior do que o relêvo físico. Ao mesmo tempo defende a tese do "grande sinclinal condicionando o vale do Paraíba", estudando minuciosamente os principais centros de povoamento e cultura da Serra.

Nessa série de observações mostra que tôda a vida na região se desenrola sob o signo da cultura do café.

Como os seus anteriores trabalhos, "O Homem e a Serra" constitui um estudo profundo, marcado pela seriedade e pelo sentido construtivo que caracteriza tôda obra de caráter altamente científico. Através das considerações apresentadas, verifica-se o dominio de ALBERTO RIBEIRO LAMEGO *nos campos da fisiografia e da antropogeografia. O desenvolvimento da vida na Serra, considerada como decorrência da influência do meio sôbre o elemento humano e dos processos de que êsse elemento teve de se valer para superar os obstáculos naturais que se antepuseram a sua ascensão, forma o arcabouço central do livro, Acrescente-se que para a compreensão dêsse trabalho, muito concorre o estilo claro e conciso do autor. Não faltaram as bem escolhidas ilustrações, assim como reproduções de algumas gravuras de* DEBRET *e* RUGENDAS, *além de excelentes fotografias originais.*

Estudo geográfico do torrão brasileiro em que nasceu o seu autor, "O Homem e a Serra" pelo brilho da exposição, pela riqueza de documentos, pela precisão do método e justeza dos conceitos é, sem dúvida, uma obra de real mérito.

JOSÉ CARLOS DE MACEW SOARES
Presidente do I.B.G.E.

CURRICULUM VITAE DO AUTOR

I — Nascido na cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro Estudos primários e secundários no Colégio de Campolide em Lisboa e no Colégio Saint Michel em Bruxelas, ambos dos Jesuitas. Estudos superiores iniciados na Universidade de Louvain, na Bélgica e terminados na Royal School of Mines, de Londres. Diplomado em Engenharia de Minas e Licenciado em Ciências pela Universidade de Londres.

II — Ingressou no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em 1920, de onde saiu em 1924, regressando ao mesmo em 1933.

III — Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento da Produção Mineral de 1951 a 1961, tendo nessa gestão publicado 162 trabalhas, executados pelos técnicos sob a sua direção, e iniciado no Brasil a fotogeologia em grande escala com os projetos "Araguaia", "Nordeste de Goiás e sudoeste do Maranhão", "Auto Xingu-Tapajós", Brasília" e "Cuiabá". O total de novos levantamentos fotogeolõgicos e terrestres naquele período cobrem Uma área de cêrca de 2,5 milhões de quilômetros quadrados, equivalente à áreas reunidas da Grá-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Suécia e Noruega, ou seja mais de um quarto da superfície da Europa, onde milhares de geólogos trabalham para as cartas geológicas de países de alta cultura, enquanto os levantamentos no Brasil são feitos por número reduzidíssimo de geólogos e com insuperhveis deficiências financeiras.

IV — Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, da Sociedade Brasileira de Geologia, da Sociedade Brasileira de Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, da Academia Fluminense, da Academia Campista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico da Cidade do Rio de Janeiro, do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (O.E.A.) com séde no México.

V — Delegado do Ministério da Agricultura junto ao Conselho Nacional de Geografia de 1951 a 1961

VI — Delegado do Brasil aos Congressos Internacionais de Geologia de Londres (1948), de Argel (1952) e de Copenhague (1960). Delegado do Brasil ao Congresso Internacional de Geografia do Rio de Janeiro (1956) e aos Congressos Pan-Americanos de Engenharia de Minas e Geologia de Petrópolis (1946) e da cidade do México (1951). Delegado aos Congressos Nacionais de Geografia de Florianópolis (1940) e do Rio de Janeiro (1956) e ao Congresso Nacional de Geologia de Brasilia (1960).

VII — Vice-presidente da Comissão da Carta Geológica Internacional do Mundo, com sede em Paris, Vice-presidente da Comissão da Carta Tectônica Internacional do Mundo, com sede em Moscou, Vice–Presidente da União Internacional das Ciências Geológicas com sede em Copenhague.

VIII — Membro das bancas examinadoras dos concursos para chtedras de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (candidato professor Aroldo Azevedo), de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (candidato professor Josué de Castro) e de Geografia Geral do Colégio Pedro II (candidatos professôres Nilo Bernardes Pimentel Gomes).

IX — Membro da Comissão do Conselho Nacional de Economia para Recuperação do Nordeste, em 1958.

X — Prêmio José Boiteux (Medalha de Ouro) para a melhor tese apresentada ao Congresso Nacional de Geografia do Rio de Janeiro de 1946, com o trabalho "O Homem e a Restinga".

Prêmio Orville A. Derby (Medalha de Ouro) para o melhor trabalho sôbre Geologia do Brasil no qüinqüênio 1956-1961, com o "Mapa Geológico do Brasil".

XI — Chefe do Grupo Brasileiro do Convênio Brasil-Estados Unidos para pesquisas de urânio no Brasil de 1957 a 1961. Nessa chefia foram localizadas várias ocorrências de urânio, entre as quais as de Caldas do Jôrro, em Tucano, na Bahia. Ao demitir-se do cargo que acumulava com o de Diretor da D.G.M., em janeiro de 1961, devido à extinção do Convênio, em carta ao Presidente da Republica Dr. Juscelino Kubitschek encareceu a importância do prosseguimento das pesquisas em Tucano, como a zona mais promissora e com probabilidades de nela ser encontrada uma jazida de exploração comercial. Os estudos atualmente ali realizados pela Comissão Nacional de Energia Nuclear já tendem a confirmar aquela previsão, feita após uma longa série de reconhecimentos nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás, e Mato Grosso. Os resultados dêsses trabalhos foram apresentados ao Almte. Otacilio Cunha, Presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, em 102 relatórios das pesquisas efetuadas.

TRABALHOS PUBLICADOS

1 — "Contribuição à geologia do vale do Rio Grande, Minas Gerais", Serv. Geol. e Miner. do Brasil, Rio, 1933.
2 — "A planície do solar e da Senzala", Rio, 1934.
3 — "O maciço do Itatiaia e regiões circundantes", D.G.M., Rio 1936.
4 — "Teoria do Protognaisse". D.G.M., Rio 1937.
5 — "A Gipsita da Boa Vista". D.G.M., Rio, 1937.
6 — "Escarpas do Rio de Janeiro", D.G.M., Rio, 1938.
7 — "Sôbre um critica à Teoria do Protognaisse". Anais da Academia Brasileira de Ciências, Rio, 1940.
8 — "Mármores do Muriaé". D.G.M., Rio, 1940.
9 — "Restigas na Costa do Brasil". D.G.M., Rio. 1940.
10 — "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo", D.G.M., Rio, 1944.
11 — "O Desabamento no Farol de Maceió". D.G.M., Rio, 1944.
12 — "A Geologia de Niterói na Tectônica da Guanabara". D.G.M., Rio, 1945.
13 — "Ciclo evulutivo das Lagunas Fluminenses". D.G.M., Rio, 1945.
14 — "Grafita de Conceição de Macabu". D.G.M., Rio, 1946.
15 — "Análise tectônica e morfológica do Sistema da Mantiqueira". — Anais do Congresso pan-Americano de Engenharia de Minas e Geologia de Petrópolis, 1946.
16 — "Fôlha do Rio de Janeiro". D.G.M., Rio, 1948.
17 — "A Faixa Costeira de Vitória". D.G.M., 1947.
18 — "Areia de Fundição de Macaé". D.G.M., Rio, 1947.
19 — "O Congresso Internacional de Geologia de Londres". D.G.M., Rio, 1948.
20 — "O Homem e o Brejo". Tese aprovada com louvor no Congresso Nacional de Geografia de Florianópolis de 1940. Biblioteca Geográfica Brasileira do C.N.G., Rio, 1946.
21 — "O Homem e a Restinga". Medalha de Ouro do Congresso Nacional de Geografia do Rio de Janeiro de 1946. Biblioteca Geográfica Brasileira, Rio, 1946.
22 — "O Homem e a Guanabara". Bibliot. Geogr. Brasileira, Rio, 1948.
23 — "O Homem e a Serra". Bibl. Geogr. Brasileira, Rio, 1950.
24 — "Uma chaminé vulcânica no Distrito Federal" D.G.M., Rio, 1954.
25 — "Geologia das Fôlhas de Campos, Sáo Tonié, Lagoa Feia e Xexé". D.G.M., Rio, 1955.
26 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia de 1951". D.G.M., Rio, 1952. 60 paginas.
27 — "Relatório Anual do Diretur da Divisáo de Geologia e Mineralogia de 1952". D.G.M., Rio, 1953. 80 páginas.
28 — "O geólogo, pioneiro da economia mineral". Rev. Engenharia, — Mineração e Metalurgia, vol. XVIII. n.º 107, 1953.
29 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia de 1953". D.G.M., Rio, 1954. 93 páginas.
30 — "Relatório Anual do Diretor da Divisáo de Geologia e Mineralogia de 1954". D.G.M., Rio, 1933. 119 páginas.
31 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia de 1955". D.G.M., Rio, 1956. 125 páginas.
32 — "Relatório Anual do Diretor da Divisãode Geologia e Mineralogia de 1956". D.G.M., Rio, 1957. 137 páginas.
33 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia de 1957". D.G.M., Rio, 1958. 157 páginas.
34 — "Recursos Minerais do Nordeste". Rev. do Conselho Nacional de Economia, Rio. 1958.
35 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia de 1958". D.G.M., Rio, 1959. 200 páginas.
36 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Gealogia e Mineralogia de 1959". D.G.M., Rio, 1960. 240 páginas.
37 — "Mapa Geológico do Brasil" Prêmio Orville A. Derby (Medalha de Ouro).
38 — "Relatório Anual do Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia de 1960". D.G.M., Rio, 1961, 252 páginas.
39 — "Mapa Geológico da América do Sul" apresentado ao Congresso Internacional de Geologia de Copenhague em 1960. Em preparo para publicaçilo.
40 — Atividades da Divisãode Geologia e Mineralogia do D.N.P.M. no período de 1951 a 1960" Rev. Eng. Min. e Met., vol. XXXI n.º 182 pág. 53.
41 — "Mapa Tectônico da América do Sul" em execução.

PREFACIO DO AUTOR

Os "SETORES DA EVOLUÇAO FLUMINENSE" feitos em curto prazo, tinham de ser revistos. O Homem *e* o Brejo *e* O Homem e a Restinga, *para congressos nacionais de Geografia em datas fixas, foram de apressada execução, não menos rápida que para O* Homem e a Guanabara *e* O Homem *e* a Serra, *escritos para completarem os livros iniciais.*

Essa revisão, contudo, limitou-se as partes em relação com A Terra, *simplificadas quando excessivamente técnicas ou aperfeiçoadas por estudos mais recentes.* * *No que se alude a O* Homem *e do que se disse de A* Cultura, *apenas houve alterações na forma.*

Poderiamos atualizar as estatisticas com acréscimos censitários. Mas, tratando-se de um documentario coincidente com o marcante período histórico da segunda guerra mundial, preferimos nada acrescentar as cifras de uma etapa cultural do povo fluminense.

Porque, ao findar a guerra, inesperadas condições passaram a reger a vida. Desenvolvimentos técnicos, gananciosos interesses e aventureiras ambições políticas por tôda parte agitam os povos, mesmo os mais letárgicos e de estabilidade milenar. Por tôda parte acirram-se idealismos súbitos, despertados ao estourar das bombas e de obuses, tangendo as massas para caminhadas novas.

São colônias que se libertam, tratados que se rompem, nacionalismos que se exaltam, criam novas pátrias e aguçam ideais dormentes em almas centenárias de vencidos que reclamam a resti-' tuição da liberdade.

Evanescidas energias raciais dinamizam-se, explosivas, e esgotam-se potenciais imperialistas, irremediavelmente gastos. Estarrecem plutocracias impotentes ante a audácia de nações submissas que empunham acôrdos vampirescos, extorquidos a canhão, e lhos rasgam impudentemente no nariz.

Com o gênio de **EINSTEIN** *muda-se a face política, econômica e social do Globo. A energia atômica prenuncia um equilíbrio de poderes. Diplomacias cautelosas refreiam arreganhos bélicos, mos-*

---

* **LAMEGO, A. R.:** *Geologia das quadrículas de Campos, Sdo Tomé, Lagoa Feia e Xéxé. "Boletim" n.º 154, da Divisão de Geologia e Mineralogia, Rio,* 1955.

trando-lhes resistências a temer. A agressividade é contida pelo mêdo.

Irresolutos e perplexos estadistas não concebem planos do futuro, e esperançosamente, apenas se deseja que a ilusória Paz não se perturbe.

Porque o desequilibrio resultante da hecatombe não cessou, e imprevisíveis são ainda as suas comeqüências. Vivemos no empirismo dos conceitos e na inversão de valores éticos.

Despenhou-se tudo isto sôbre o Mundo, e conseqüentemente sôbre nós. Em tôda parte há o desajuste das idéias, o entrechoque de egoísmos, Desabam economias oscilantes, a cupidez de grupos vis que sorrateiramente se enrodilham para os botes nas finanças.

Na política, oposições tenazes, permanentes, e mesquinharias partidárias antepondo-se à Nação. A insinceridade por principio. o pistolão por meio e por fim a sinecura. Talentos na penumbra e nulidades em poleiros.

Contrastes sociais hediondos. O luxo de argentários fartos na trapaça e crianças na indigência dos farrapos. Vaidades grã-finescas inconscientes do grotesco e misérias que pululam, chocadas em favelas. O crime, o jôgo, o entorpecente epidêmicos nas metrópoles a corroerem corpos e almas.

E sob tais escombros rui a honestidade, esvai-se a fé e nasce o cepticismo.

Há um hiato na evolução humana, como entre os longos períodos geológicos. Transita-se para uma Nova Era, mas na incerteza dos rumos a seguir. Por tôda parte os guias se improvisam, e aos gritos seus em múltiplas chamadas, os homens desnorteados se conturbam. A dúvida, a inquietação, a angústia assaltam a Humanidade em transe. E enquanto a Forma se contorce, o Espírito interna-se no silêncio. Apaga-se a Única luz perene.

É êste o grande drama do Presente. O da vigília dos que sentem, e olhando em tôrno o Mundo, a Pátria, o Estado, o Município, em tudo vêem, no desvario coletivo o Guia Eterno ausente.

Não é hora de prever, mas de esperar. Por isso é que, não obstante alterações sensíveis, progressistas, já se notem na terra fluminense como alhures, são elas desconexas. Aparente evolução material, sem que se vise a socialização de bens. Sobem as curvas da produção e o altissimo custo da vida, mais, ainda. Em ritmo quase acelerado crescem as indústrias, mas sob uma economia débil e crise inflacionária ininterrupta.

Movemo-nos entre paradoxos a enublarem as diretrixes sociais futuras. E os sociólogos emudecem, confusos na desordem, expectantes de vislumbres cio porvir.

A obra fica assim, estacionária, sem adicionais aos dados estatísticos. É o relato de um período já em fuga para trás e fixo no passado, cujo têrmo é o marco onde paramos. Que dêle sigam outros para a frente, quando as névoas sôbre a Terra se dissipem e o Homem torne a achar o seu caminho.

Rio, **1959.**

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

ÍNDICE GERAL

A TERRA

INTRODUÇÃO 3
FISIOGRAFIA E GEOLOGIA 11
I — GEOLOGIA 13
II — GEOMORFOLOGIA DO VALE DO PARAÍBA 25
III — RECURSOS MINERAIS 61

O HOMEM

I — O HOMEM E O MEIO 87
II — O DESBRAVAMENTO: fatôres determinantes da localização dos centros cafeeiros 94
1 — Resende e o determinismo geológico 95
2 — São João Marcos e o "Caminho de São Paulo" 101
3 — Itaverá e o pôrto de Angra dos Reis 114
4 — Piraí e o determinismo potamográfico 116
5 — Barra Mansa da capela solitária ao centripetismo das encruzilhadas 121
6 — Paraíba do Sul e o "Caminho Nôvo" 126
7 — Três Rios e o "Caminho do Piabanha" 133
8 — Vassouras a "Princesa do Café", milagre de um êrro geográfico 136
9 — Marquês de Valença e a reação indígena 167
10 — Rio das Flôres e a germinação de novos núcleos municipais com o alastramento do café 173
11 — Barra do Piraí e o determinismo geográfico nos traçados ferroviários 175
12 — Petrópolis e o halo da Coroa 184
13 — Teresópolis e a maravilhosa potência criadora de uma estrada de ferro 199
14 — Cantagalo e a miragem do ouro 216
15 — Nova Friburgo e as repercussões contrárias do seu clima 229
16 — Sapucaia e a convergência de caminhos para uma ponte sôbre o Paraíba 237
17 — Carmo e a infiltração mineira pelos caminhos do "Mão-de-Luva" e baixo Paquequer 240
18 — Sumidouro e o "Caminho do Paquequer" 242
19 — Duas Barras nas cabeceiras de três rios, encontro de caminhos naturais de penetração 243
20 — Bom Jardim e o cantrifugismo agrícola de Nova Friburgo pela imposição climática 245
21 — Cordeiro, a influência da topografia no urbanismo e a tecnizaçáo da pecuária 247
22 — Santa Maria Madalena um *optimum* para o café em face à dupla corrente migratória 249

23 — Trajano de Morais e o "Caminho do Macabu" 251
24 — São Sebastião do Alto e o individualismo geográfico das mesopotâmias 264
25 — São Fidélis, o "Caminho do Paraíba" e o monumento religioso 265
26 — Cambuci e o centripetismo de uma estação ferroviária 272
27 — Itaocara, a missão dos capuchinhos e o encontro dos caminhos de penetração do Paraíba e de Cantagalo 274
28 — Santo Antônio de Pádua, o "Caminho do Pomba" e o missionário 277
29 — Miracema e a função autonomista de um ramal ferroviário 282
30 — Itaperuna, o gigante da Serra e o "Caminho do Muriaé" 285
31 — Bom Jesus do Itabapoana e o individualismo do seu rio 294
32 — Natividade e Porciúncula e o "Caminho do Carangola" 296

A CULTURA

I — OS "BARÕES DO CAFÉ" 301
11 — CONCLUSÕES ECONÔMICO-SOCIAIS 398
BIBLIOGRAFIA 433
RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÓES 445
ÍNDICE ANALÍTICO 449

A TERRA

"Laudato si, Misignore, per sora nostra
[matre terra
La quale ne sustenta et governa...

Do *Cântico* ao Sol de SÃO FRANCISCO
DE ASSIS.

INTRODUÇAO

"No começo, o Universo fêz o homem; depois o homem começou a refazer o Universo".

JOHN LANGDON DAVIES: O Homem e o seu Universo. Trad. de ÉDISON CARNEIRO, São Paulo, 1941, pag. 1.

"On ne s'empare pas du monde par le commerce mais par la culture".

EDMOND DEMOLINS: Comment la route a créé le type social". Paris, 1927, vol. I, pag. 241.

O homem vai enfim subir a Serra, de machado em punho.

Confrontando-se os três primeiros volumes dos "Setores da Evolução Fluminense" referentes a Baixada, com êste único *e* final a descrever a zona serrana, poder-se-ia erroneamente supor que a deprimida tarja litorânea é bem mais importante para a Geografia Humana que a faixa interna e montanhosa.

Tal idéia seria exata quanto ao período evolutivo. O da região costeira precedeu de mais de duzentos anos o desbravamento da serra do Mar e do vale do Paraíba, deixados em quase plena selvajaria até os últimos decênios do século XVIII, quando as estradas de penetração começaram a esgalhar caminhos por tôda a bacia do grande rio.

Em O *Homem e a Guanabara* vimos porque o descobrimento da montanha fluminense fôra tão longamente retardado. Num cotejo com a subida do Cubatão, contemporânea em Santos da chegada de MARTIM AFONSO em 1532, frisamos que, a imediata ascensão ao planalto paulista não foi devida ao maior arrôjo dos pioneiros vicentistas sôbre os cariocas. Mesma era a gente e mesma a combatividade portuguêsa em todos os primitivos núcleos erguidos em tôrno dos padrões fincados no litoral.

As causas que impeliram os colonizadores de São Vicente ao altiplano de Piratininga, foram sobretudo geográficas. Foi a falta de uma base física para a sua fremente expansividade. Bloqueados num lagamar de área restrita e a beira de uma costa onde as montanhas quando não mergulham diretamente no oceano, sobem com abruptas encostas de imensos pantanais, começam logo os colonos em sua ânsia de terras a escalar a cordilheira.

Dizer-se que, também de pântanos era tôda a Baixada Fluminense é argumento que não cabe, visto haver nesta larga faixa marítima acidentada de colinas amplas, zonas sêcas entre os rios embrejados e planícies de aluviões e restingas a constituírem vastas superfícies para a dispersão dos colonizadores.

A Serra Fluminense a dezenas de quilômetros da orla costeira, exceto em sua parte ocidental, murava os distantes fins de uma gleba a ser imediatamente cultivada. E além de estar assim o homem prêso a terra pela iniciativa agrária, era atraído pela Guanabara, escoadouro a mão para os seus produtos, sem as penosas travessias da montanha paulista que o próprio ANCHIETA descreve como dificílimas. [1]

Foi êste o grande motivo do atraso cultural da zona serrana. Um determinismo geográfico e não uma incapacidade racial, pois que a tremenda luta contra os pântanos da Baixada desde os primórdios até hoje, prova, de sobra, que o cêpo étnico fluminense, ao se ramificar por essa imensidão de charcos, frutificou numa descendência rígida com os mesmos atributos dos conquistadores da Guanabara.

Não existisse uma área tão vasta a ser dominada pelo trabalho, marcharia o homem sem detença para a Serra, varando as florestas rumo ao planalto. Provável seria mesmo que, mais próximo das jazidas de ouro, as houvesse êle descoberto antes do paulista, com êste vindo a partilhar a glória das Bandeiras.

Porque a tenacidade com que vimos o primitivo fluminense expelir o francês e caçar o índio, atirar-se ao pântano e derrubar a selva, levantar engenhos e criar boiadas num meio tão adverso a aclimação do branco, leva-nos a concluir por uma combatividade idêntica a do paulista. Andejos foram ambos na aventura das entradas, sendo, porém, que a gente fluminense, ao se aferrar a terra, sôbre ela veio a despender inteiramente os seus esforços, ao invés de fracioná-los na conquista dos sertões.

Por isso é que a Baixada tem uma história tão antiga. É que nos vem ela dos próprios fundamentos das capitanias, numa evolução jamais tolhida por quaisquer óbices, a não ser a temporária pausa conseqüente a Abolição.

Essa longa e heterogênea história de uma gente em luta obstinada contra o meio hostil e pela própria geologia retalhado em cenários locais diversos, é que nos deu uma série de paisagens humanas diferentes, tornando-se impositivo o seu estudo em três setores distintos: O *Homem e o Brejo,* O *Homem e a Restinga* e *o Homem e a Guanabara.*

---

[1] Descrevendo a subida de São Vicente a Piratininga. diz-nos ANCHIETA: "Por lá vão por umas serras tão altas que, dificultosamente podem subir nenhuns animais, e os homens sobem com trabalho e às vêzes de gatinhas por não se despenharem, e por ser o caminho tão mau e ter tão ruim serventie padecem os moradores e os nossos grande trabalho". *(Carta,* Rio, 933, pág. 423).

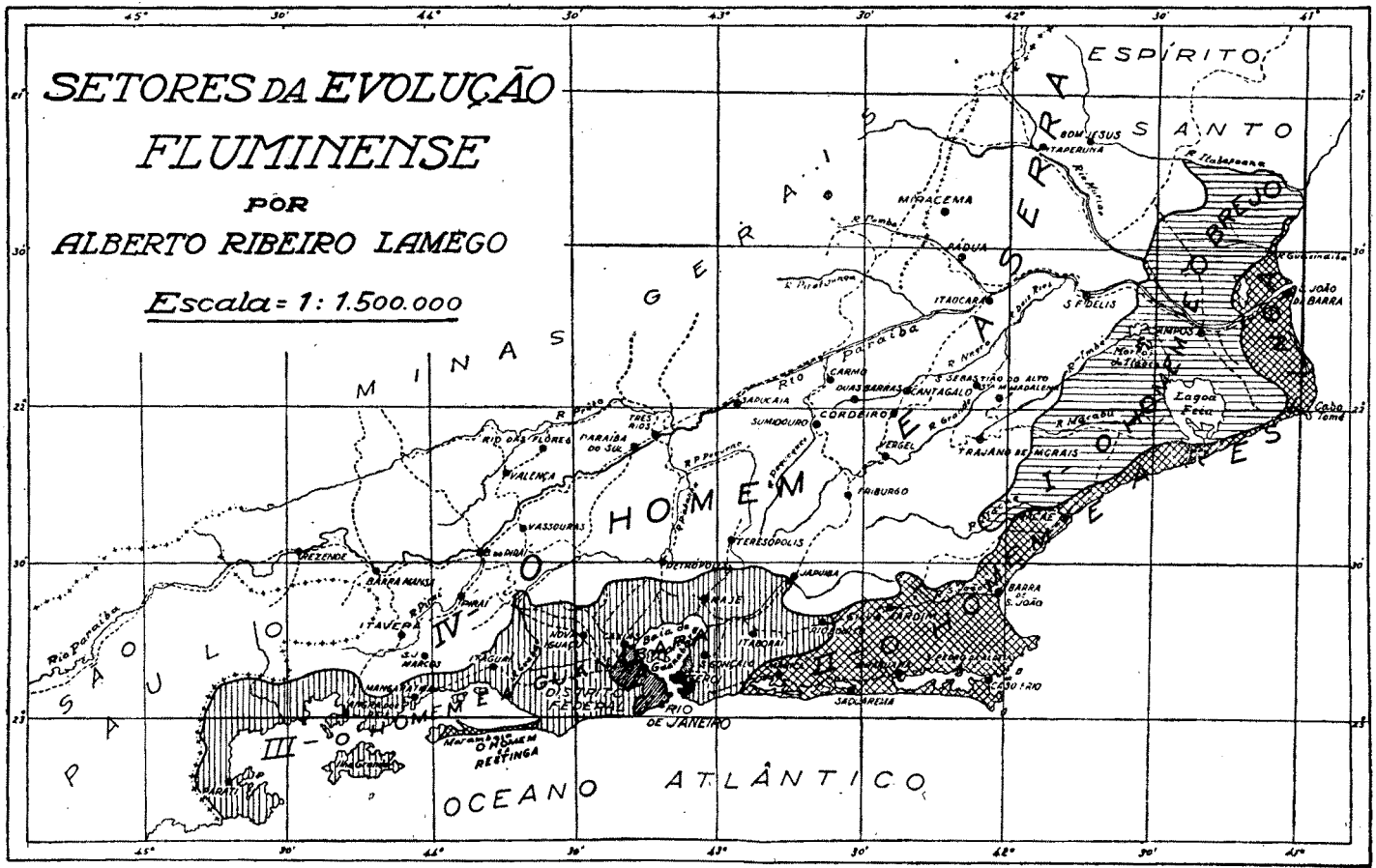

SETORES DA EVOLUÇÃO
FLUMINENSE
POR
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO
Escala = 1: 1.500.000
ESPÍRITO SANTO
MINAS GERAIS
SÃO PAULO
OCEANO ATLÂNTICO
I – O HOMEM E AS PLANÍCIES
II – O HOMEM E AS SERRAS
III – O HOMEM E A RESTINGA
IV – O HOMEM E A BAÍA DE GUANABARA
Rio Paraíba
Rio Itabapoana
Rio Muriaé
Rio Pomba
Rio Preto
Rio Paraíba do Sul
Rio das Flores
Rio Piraí
Rio Guandu
Rio Macacu
Rio Guapimirim
Rio Iguaçu
Rio Iguassú
Rio Sarapuí
Rio Meriti
Rio Pavuna
Rio Irajá
Rio Faria
Rio Timbó
Rio Inhaúma
Rio Maracanã
Rio Joanes
Rio Suruí
Rio Magé
Rio Iriri
Rio Guaxindiba
Rio Imbetiba
Rio Macabu
Rio Grande
Rio Negro
Rio Dous Rios
Rio Preto Junqueira
Rio Paraíba Morto
Rio Pirapetinga
Rio Carangola
Rio Pardo
Rio Itabapoana
Rio Muriaé
Rio Pomba
Rio Preto
Rio Paraíba do Sul
Rio das Flores
Rio Piraí
Rio Guandu
Rio Macacu
Rio Guapimirim
Rio Iguaçu
Rio Iguassú
Rio Sarapuí
Rio Meriti
Rio Pavuna
Rio Irajá
Rio Faria
Rio Timbó
Rio Inhaúma
Rio Maracanã
Rio Joanes
Rio Suruí
Rio Magé
Rio Iriri
Rio Guaxindiba
Rio Imbetiba
Rio Macabu
Rio Grande
Rio Negro
Rio Dous Rios
Rio Preto Junqueira
Rio Paraíba Morto
Rio Pirapetinga
Rio Carangola
Rio Pardo
BOM JESUS DO ITABAPOANA
ITAPERUNA
MIRACEMA
PÁDUA
ITAOCARA
CAMPOS
S. FIDELIS
S. JOÃO DA BARRA
CARMO
DUAS BARRAS
SANTA MADALENA
SAPUCAIA
CORDEIRO
SUMIDOURO
TRAJANO DE MORAIS
VERGEL
TRÊS RIOS
PARAÍBA DO SUL
VALENÇA
RIO DAS FLORES
VASSOURAS
PIRAÍ
BARRA MANSA
RESENDE
PETRÓPOLIS
TERESÓPOLIS
FRIBURGO
MAGÉ
ITABORAÍ
SÃO GONÇALO
NITERÓI
RIO DE JANEIRO
SAQUAREMA
ARARUAMA
CABO FRIO
BARRA DE S. JOÃO
RESTINGA DE MARAMBAIA
Lagoa Feia
Cabo Tomé

Fig. 1

Na Serra, entretanto, tais desigualdades não se notam. Embora devendo-se ali esperar uma fragmentação maior dos processos culturais pela desarticulação inerente as paisagens serranas, o que iremos notar é o formidável desdobramento de uma súbita e inesperada colonização que, em poucos decênios do passado século equipara a região pelo esplendor econômico a Baixada com os seus trezentos anos lentamente progressivos.

É que a Serra teve de esperar por um nôvo fator agrícola, enèrgicamente capaz de estimular o homem para a sua difícil investida e permitindo-lhe inaugurar um gênero de vida inédito para a civilização rural dos senhores de engenho da Baixada. Êsse fator foi o café.

Vimo-lo aparecer no próprio Rio de Janeiro com as primeiras mudas trazidas pelo chanceler CASTELO BRANCO, reproduzir-se na chácara dos Barbadinhos e no convento de Santa Teresa. Vimo-lo a seguir, aventurosamente crescer em módicos plantios pelos sítios que eram então subúrbios da pequena capital. Observamos o seu alastramento pelos morros da cidade, pelas encostas das serras da Carioca, da Tijuca, de Marapicu, e, de imprevisto, avançar sôbre as elevações de tôda a Baixada Fluminense, desde as encostas marítimas de Parati aos galhos extremos e desgarrados da serra do Mar em Campos.

Mas tôda esta súbita aparição do café embora surpreendendo o senhor de engenho com uma cultura estranha, que vinha profundamente revolucionar as suas idéias de exploração rural, hereditariamente firmada na cana-de-acúcar, conquanto já duplicasse a economia da Baixada nada era ainda, ante o que iria acontecer na Serra. Tôda essa repentina modificação do cenário agrícola nada mais seria que o prelúdio da mais espetacular revolução agrária que até hoje abalou a vida brasileira.

Contràriamente a cana-de-açúcar, amiga das várzeas, das aluviões e das grandes planícies, é o café por excelência um trepador de morros, um inveterado escalador de serras. É êle que arrasta o homem para as altitudes, para o clima próprio a sua máxima frutificação. Com o café, o homem das baixadas marítimas é vivamente alvoroçado pela nevrose das alturas.

A maré cafeeira inundando a Baixada atinge os bordos da serra do Mar. A tentação torna-se irresistível, e, numa ressaca gigantesca, as grandes vagas dos cafèzais sobem as encostas da cordilheira virgem.

Adianta-se afoitamente o homem pelos caminhos serranos. Desbasta e derruba a floresta intacta. Risca picadas no matagal. De aguilhão em punho sobe e desce a morraria oculta na mais cerrada cobertura vegetal. Nas imensas clareiras de troncos enegrecidos pela queimada em grande escala, limpam-se as esplanadas para a casa do colono, para as senzalas, para o curral. Incon-

táveis núcleos agrários começam a aparecer onde há pouco fôra a selva. Cabanas, casinholas, terreiros batidos evolvem para a "casa grande", para os sobrados aristocráticos, para os grandes terreiros cimentados, enquanto as ondas verdes seguem sem parar, indefinidamente em marcha para os horizontes...

Novas estradas, vendas e pousos, capelas e paróquias, tudo isto surge quase de improviso com a opulenta economia do café que, andante sempre, transforma tudo a sua passagem. Estira infindáveis fileiras de tropa pelos caminhos, articula pontes sôbre os rios, estreita comunicações, constrói estradas de ferro, impulsiona o comércio, multiplica a população, levanta palácios imponentes em plena brenha e espalha por todo o vale privilegiado cidades as dezenas,

Resende, São João Marcos, Rio Claro, Piraí, Barra Mansa, Barra do Piraí, Valença, Santa Teresa, Vassouras, Paraíba do Sul, Sapucaia, Carmo, Nova Friburgo, Sumidouro, Duas Barras, Vergel, Cordeiro, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Madalena, Trajano de Morais, São Francisco de Paula, São Fidélis, Cambuci, Pádua, Miracema, Itaperuna e Bom Jesus, marcam indelevelmente no Estado do Rio o itinerário do café. Além das cidades, por centenas se contam as vilas, povoados e arraiais, nascidos no grande ciclo cafeeiro fluminense, além de muitos outros núcleos que, na Baixada mesma, não indo além de medíocres ajuntamentos, repentinamente floresceram com o simples trânsito das torrentes de café de serra acima.

Parati revive temporariamente os prósperos dias coloniais. Angra dos Reis torna-se o segundo pôrto do Brasil meridional. Mangaratiba aparece enriquecida pelos BREVES. Itaguaí simples registro fiscal passa de aldeia indígena a cidade. Maricá, Araruama, São Pedro d'Aldeia e o próprio Cabo Frio, muito devem ao café. Barra de São João é um dos maiores portos fluviais do norte fluminense com os seus embarques de café. Macaé recebe a colheita de numerosas fazendas esparsas em diferentes galhos serranos. Mesmo Campos, solitariamente obstinada em seus canaviais, com os seus enormes sobrados dos grandes senhores de engenho enobrecidos com o açúcar, vê as florestas dos seus morros, para além da planície e dos tabuleiros, caírem sob a expansão impositiva dos cafèzais.

Algumas vilas e cidades menos felizes, nascidas a beira de rios e no marco zero das estradas que partem para a cordilheira, brilham meteòricamente por alguns decênios e logo desvanecem. Assim acontece com Iguaçu, Pilar, Estrêla, Inhomirim e Pôrto das Caixas, que, no recôncavo da Guanabara colhem provisòriamente os frutos do esplendor agrícola das fazendas de serra-acima que generosamente se derramam por todos os recantos da terra fluminense.

Tôda a Velha Província, recebe, direta ou indiretamente os benefícios do café, Há cidades como Petrópolis e Teresópolis que, embora não tendo tido origem na riqueza própria de cafèzais, dêles recebem, pelo menos, luminosos reflexos culturais da aristocracia agrária do café.

Enquanto os trezentos anos de labutas na Baixada, deixam em mais de metade a terra fluminense bruta e inalterada, um curto ciclo de alguns decênios basta, apenas, para a civilizar.

Pouco importa que tão curto fôsse tal período. Fizera-se o essencial com o domínio da terra pelo homem. Tôda a bacia inacessível do vale do Paraíba fôra conquistada num assalto que, não obstante empobrecer o solo pela exaustão com a planta insaciável, desvendou ao Brasil uma região de inigualáveis possibilidades industriais, próximo ao litoral e aos grandes centros de beneficiamento, de consumo e exportação.

Pouco importa que o vale novamente adormecesse após a fuga do café e que tôda a riqueza dos seus magníficos solares de súbito se eclipsasse com maior rapidez ainda do que a da sua construção. O relevante dessa epopéia contra a floresta e a montanha é que, com ela entrou o Brasil numa nova fase econômica apressando-lhe os passos para o seu lugar entre as grandes nações.

Esgotara-se o ouro que o tornou famoso na Colônia, ao qual devemos as cidades mineiras, goianas e mato-grossenses. Insignificante era agora a sua produção açucareira como gênero de exportação, em face da grande concorrência das Antilhas e das colônias asiáticas. O Brasil ainda exclusivamente agrícola após a decadência da mineração, necessitava com premência de um nôvo fator capaz de reerguer as suas finanças abaladas, e suficientemente poderoso para acelerar a sua evolução até que um nôvo ciclo industrial, ao lado da agricultura, viesse completar os seus fundamentos econômicos com a base dupla estruturadora das grandes potências.

Êsse fator providencialmente surge com o café, no exato período histórico em que as explorações auríferas se esgotaram. É a nova fase que se inaugurara na própria capital, teve como vasto campo de experimentação tôda a província do Rio de Janeiro, a mais rendosa durante o Império, entre tôdas as unidades brasileiras.

E nessa província, foi então a zona serrana do vale do Paraíba, quase inteiramente retalhada em fazendas que, com o seu escol particularista dos "barões do café", não sòmente salvou a derrocada econômica do Brasil, como lhe veio a dar nova orientação agrária, a qual transpondo os limites de São Paulo, gigantescamente capitalizou os nossos recursos financeiros.

Tudo o que é São Paulo na liderança da economia nacional, deve-o ao ciclo do café na "Velha Província". Deve-o a imitação

dos enérgicos plantadores na Serra Fluminense, guias alpinistas de incontáveis filas de café pelas subidas íngremes das montanhas da cordilheira. Do seu exemplo e pertinácia os paulistas aprenderam a espalhar um mar de café sôbre as suas terras colinosas, de cultivo bem mais fácil e de maior produtividade pela excelência climática para a planta.

Sòmente essa çolossal prosperidade paulista exige estudos criteriosos sôbre os seus fundamentos geográficos e históricos. Mas, além dessas repercussões sôbre o vizinho Estado, outras não menos importantes acusam a influência dos cafèzais fluminenses sôbre o Brasil inteiro.

A êles se deve a opulência imperial que permitiu a rápida evolução do Rio de Janeiro. A espiritualização da nossa capital no passado século. *O* seu aprimoramento material e de costumes a refletirem por todo o povo brasileiro.

Do vale do Paraíba é que descia a maior parte daquela nobreza polidora da vida carioca. Das suas fazendas, do trabalho incessante da sua escravaria é que provinha todo o esplendor dessa requintada política de salões, na qual, entre uma cortesia e uma valsa, decidiam-se muitas vêzes urgentes problemas para os destinos do país.

Foi essa opulência que afrancesou a cultura carioca, permitindo a importação de hábitos e mentalidade parisienses. Foi afinal, dos seus magníficos solares rurais que essa mesma cultura se espalhou pela Serra. Daqueles esplêndidos focos culturais arquitetados com o mais sóbrio gôsto, mobiliados com o mais fino apuro, espiritualizados pela educação na Côrte próxima e frequentemente visitada, é que se irradiou pela terra fluminense tôda uma nova civilização.

Rápida foi a esplendecência dêsse lustre. Quase meteórica a sua passagem no filme histórico brasileiro. Mas enquanto perdurar a memória do mais decisivo período inicial da nossa evolução, — a adolescência imperial —, com ela sobreviverão também os "barões do café", desbravadores da serra do Mar e que sôbre ela derramaram uma das mais preciosas culturas de que se beneficiou o Brasil.

Daí a importância da Serra na geografia humana fluminense. *O* seu sentido é formidável. Tão grande como o da Baixada, se não maior, por seu notável exemplo dinamizador.

Contrariamente, porém, ao que vimos na faixa litorânea seccionada em meios diferentes pela geologia, o ambiente florestoso da Serra permitindo a generalização de um gênero de cultura, deu-nos uma única paisagem humana, sobreposta a um cenário geográfico de motivos quase uniformes por todo o médio vale do Paraíba.

Tão notável foi essa uniformidade cultural no período cafeeiro que, ainda hoje, tantos anos já passados e com a superposição de novos fatores de trabalho as repercussões da terra sôbre o homem singularizam-se por uma idêntica fisionomia em tôda a Serra.

Justifica-se dêste modo a feitura de um só livro. A Serra Fluminense é um setor a parte, o quarto e o último, no qual veremos a evolução do povo fluminense processar-se diferentemente no grande vale paralelo ao litoral, porém erguido a centenas de metros sôbre o nível do mar, em condições inéditas para o homem da Baixada, dêle isolado pela formidável muralha de escarpas da Cordilheira Marítima.

Após estudarmos o embasamento físico sôbre o qual êste homem serrano tanto mourejou concluiremos que, o essencial de tôda a sua realização imensa, transformadora da paisagem, foi, com a implantação de uma elevadíssima cultura, um magnífico exemplo da energia e da vontade humanas dominando a natureza.

FISIOGRAFIA E GEOLOGIA

"Parecia-me ver de longe uma serra monstruosa, com os dentes caprichosamente recortados... Desde o dia em que o ponto da terra em que nos encontramos adquiriu a sua primeira **rugosidade,** destinada a transformar-se em montanha, a natureza, — em movimento e **transformação** incessante —, trabalhou sem descanso para modificar o **aspecto** da protuberância; aqui elevou a massa; ali, deprimiu-a; eriçou-a de pontas; **semeou-a** de **zimbórios** e **cúpulas;** dobrou-a, enrugou-a, sulcou-a, lavrou-a, **esculpiu** até o infinito aquela superfície mutável, e ainda hoje, ante os nossos olhos, continua o trabalho. Ao espírito que contempla a montanha através da **duração** das Idades, aparece-lhe ela tão flutuante, tão incerta como a orla do mar levantada pela borrasca: é **uma** onda, um vapor: quando houver desaparecido, não será mais que um sonho...

A montanha enorme oferece uma combinação de elementos diversos **que** se misturaram em **proporções** variáveis: **cada** cristel, cada. mineral, cada **grão** de areia ou partícula de **calcário** tem a sua infinita história como os próprios astros. O menor fragmento de rocha tem a sua gênese como o Universo. Mas, enquanto mutuamente se **ajudam,** o astrónomo, o geólogo, o físico e o químico ainda se perguntam com ansiedade se bem compreenderam o que é a pedra e o mistério da sua origem...
Afortunadamente a terra, sempre a trabalhar em novas criações, não cessa o seu labor a nossos olhos e nos ensina como transforma **pouco** a pouco as rugosidade da **sua** superfície..."

ELISEU RÇCLUS: **"La Montaña"**. Trad. de *h.* Lopes Rodrigo, Buenos Aires.

O que se denomina "Serra" no Estado do Rio de Janeiro, em oposição a longa faixa deprimida e litorânea que forma a Baixada Fluminense, é tôda a parte montanhosa compreendendo a bacia do médio Paraíba.

Esta simples advertência põe-nos defronte a uma variedade indescritível de cenários, desde o paredão costeiro de escarpas elevadas as ondulações em "mar de morros" ou em colinas baixas que se desdobram pelo interior, e as novas subidas para as altitudes da Mantiqueira, com a qual, no extremo oeste, reergue-se o vale nos limites de Minas Gerais.

O têrmo não deve pois ser confundido com serra do Mar, designação esta restrita para os bordos meridicnais e abruptos da bacia do Paraíba, e que sobem a isolar com a nitidez dos grandes relevos, duas faixas paralelas e de características geográficas opostas.

Percorremos os setores da Baixada com as suas paisagens heterogêneas, entre si distintas por uma diferenciação variada de motivos, desde o serrote apendicular ou a montanha desgarrada até as planícies que se estendem por um território conquistado ao mar. Dessa mutabilidade paisagística manifestada em quadros bem diversos, embora vizinhos, resultou uma profusão de cenários humanos conseqüentes da conquista do solo por vários meios de adaptação, como a pecuária, os engenhos de açúcar, a pesca, as salinas, as atividades comerciais e portuárias dos pequenos rios e das baías, além de outras formas de trabalho a coordenarem uma incessante evolução social.

A Baixada, cujo nome a primeira vista nos parece sugerir uma grande área de caracteres geográficos uniformes, subdivide-se em zonas onde o homem, para o domínio da terra, teve de selecionar variados processos de cultura.

Enquanto isto, paradoxalmente iremos ver a Serra, vocábulo êste fazendo lembrar ao geógrafo os mais variados aspectos paisagísticos, desde as cumeadas inacessíveis aos amplos vales acolhedores, desde as encostas íngremes e fragosas de penedos as pequenas planícies convidativas a lavoura, desde as cachoeiras que destacam degraus estruturais aos longos e tranquilos trechos dos rios represados, sòmente permitir o seu domínio pela identificação mental de grupos humanos, enfeixados em comuns iniciativas na primeira fase desbravadora e num só gênero de trabalho.

A Serra só pôde ser conquistada pela uniformização da mentalidade coletiva dos seus povoadores, indesviavelmente aferrada a monocultura do café. É que, sôbre todos os contrastes peculiares as paisagens serranas, imperava como elemento opositor a penetração do homem a generalização das grandes selvas. Não foi a montanha e sim a floresta que retardou o seu desbravamento, exigindo a chegada de um fator econômico assaz possante para que tivesse início a derrubada em massa.

Não obstante, porém, essa preponderância do elemento botânico sôbre o geológico, como empecilho ao desenvolvimento serrano, é a geologia que individualiza os caracteres fisiográficos do vale do Paraiba. Os fenômenos petrográficos e sobretudo os estratigráficos e tectônicos é que particularizam esta região, dando-lhe uma *facies* tôda peculiar. Dêles é que decorre a complexidade dos fatôres geográficos, ao mesmo tempo que os coordenam e os apresentam, num confronto com a Baixada, como unitariamente constituindo uma paisagem bem diversa desta.

Embora fôsse pois a floresta o fator coesivo das atividades humanas, contra ela impelidas para um mesmo fim, a topografia montanhosa é que serviu de base a tôda uma nova civilização aparecida com o café. Essa topografia está intimamente relaciona-

da com os fenômenos geológicos dêste setor da crosta. A geologia da Serra que passaremos a esboçar, é dêsse modo o primeiro passo para a compreensão do que nela fêz o homem.

I — GEOLOGIA

> "Eis ai uma série de problemas dos mais intrincados e interessantes de tôda a ciência geológica, que hoje ocupa a atenção de um grande número dos geólogos mais sagazes do mundo, e que forçosamente hão de interessar os geólogos brasileiros.. . Os problemas que ai se apresentam para serem resolvidos, incluem alguns dos mais fundamentais e mais controvertidos de tôda a ciência geológica, e, ao que parece, o distrito oferece condições excepcionalmente favoráveis para a sua solução".
>
> ORVILLE A. DERBY: "Boletim n.º 3 do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas", Rio, 1909, tomo I, págs. 75-76.

Em síntese, o vale do Paraíba é um longo sinclinal de rochas primitivas, de exposição erguida a centenas de metros do nível do mar, e singularmente paralelo ao litoral.

Em todo o território fluminense, com exceção do extremo norte mais perturbado por tectonismos, em qualquer secção transversal ao curso do rio, a estrutura dessa dobra é inequivocamente percebida. Basta-nos, para isso, observar o mergulho geral das camadas gnáissicas para o norte desde a serra do Mar até o Paraíba, e, para o sul a partir do rio até os limites de Minas, nas diversas linhas ferroviárias que atravessam a bacia.

O seu prolongamento para São Paulo pode ser igualmente acompanhado. Mas neste Estado, interpenetrações de rochas da série de São Roque registradas por vários geólogos, mas sem delimitações cartográficas ainda precisas, tiram ao vale a sua uniforme característica estrutural de uma plicatura de rochas primitivas, tão bem definida na zona fluminense.

Além das nossas observações pessoais nas cabeceiras do alto rio Grande que comprovam parcialmente a existência do sinclinal na zona mineira, [2] não nos consta haverem sido executadas nesse Estado pesquisas estratigráficas que possam interessar o presente estudo. Do que a respeito há notícias, pode-se entretanto prever a mesma estrutura. A mesma adaptação da bacia de um grande rio, a feições estruturais subordinadas a fenômenos orogênicos e estratigráficos.

Dêsse ajuste de ocorrências geológicas é que resultou a formação do vale do Paraíba.

---

[2] LAMEGO, Alberto Ribeiro: O maciço do *Itatiaia* e regiões *circundantes*. "Boletim" n.º 88 do Serviço Geológico e Mineralógico, Rio, 1938. (Vide mapa anexo).

Frisemos, pois, o caráter sintético da nossa definição do sinclinal salientado logo de comêço, visto que, a rigor, a estrutura do vale se complica de numerosos fenômenos tectônicos, efetivamente os responsáveis pela gênese do vale, de complexa e controvertida geomorfologia.

O compartimento da crosta sôbre o qual se estende êsse vale é constituído de rochas ácidas cristalinas, em maioria produtos metamórficos de intrusões graníticas em camadas gnáissicas, em vários graus relacionados com a distância do batolito oculto no âmago da cordilheira.

O que se deduz da estrutura dêsse vale em relação a sua estratigrafia, é que, não obstante o seu embasamento primitivo geralmente perturbado em quase tôdas as regiões do Globo, por consecutivos diastrofismos através das Idades, é ser ela relativamente simples, sem complexos, amarrotamentos aparentes.

Os próprios desabamentos tectônicos que esculpiram as linhas mestras da bacia por jogos de grandes blocos, não parecem ter afetado o mergulho geral das rochas de maneira a obliterar o primitivo enrugamento.

Estudos estratigráficos especializados em cortes transversais ao vale na zona paulista ainda não foram publicados. Em que pêse, porém essa deficiência, respigos de observações de autores diversos, permitem com relativa segurança ligar a estratigrafia dêste setor à do fluminense, do qual essencialmente se distingue por fenômenos tectônicos peculiares.

MORAIS RÊGO diz que as rochas do vale paulista "constituem uma gigantesca isoclinal fechada, tendo no núcleo o andar superior constituído pelo gnaisse do Paraíba".[3] Nas secções traçadas por DE MARTONNE, ótimas para fins geomorfológicos mas de estratigrafia inexata, o gnaisse em geral mergulha continuamente para o interior, mesmo na Mantiqueira, o que não nos parece coincidir com a realidade.[4] Nas que se referem ao vale fluminense, veremos no capítulo seguinte ser acentuado o seu contraste com as nossas observações.

Considera êste ilustre geógrafo o escudo brasileiro como "um pedestal insensível aos dobramentos e que a erosão tendia a nivelar e a soterrar sob os seus detritos". Concentrando-se, porém, sobretudo nos deslocamentos tectônicos e relegando a um lugar menos proeminente a estratigrafia, as suas observações neste campo não podem ser consideradas definitivas, e as suas secções têm apenas valor para a geomorfologia.

---

[3] MORAIS RÊGO, **Luis Flores de Contribuição ao estudo das** *formações pré-devonianas* **às** *São* **Paulo. São Paulo, 1933, pág. 8.**

[4] **DE MARTONNE, Emmanuel: Problemas** *morfológicos* **do Brasil tropical** *atlântico*. **"Revista Brasileira de Geografia", n.º 4, ano V, 1943, pág. 527.**

[5] **Idem, pág. 528.**

As poucas anotações que temos do mergulho das camadas ao sul do Paraíba para êste rio, e as nossas observações em Minas na zona de Passa Quatro a Caxambu, parecem indicar que, também o trecho paulista da bacia corre no interior de um sinclinal, em cujo bordo setentrional foi talhada a Mantiqueira por um sistema de falhas.

Quanto a petrografia do vale temos de considerá-la em seus aspectos fundamentais, visto que os diferentes graus de metamorfismo em que necessariamente se apresentam as suas rochas, requerem possivelmente, para a sua completa diferenciação, o trabalho de gerações de geólogos e petrógrafos.

Muito esparsas têm sido até hoje as contribuições a petrologia do vale paulista para que possamos devidamente isolar as espécies diversas. Somos, dêste modo, forçados a citar apenas alguns autores, enumerando os seus achados para um conhecimento superficial do vale.

Na secção que entre São José dos Campos e Caraguatatuba DE MARTONNE executou, regista êle "gnaisses de grã fina, gnaisses escuros ricos em biotita e mesmo micaxistos".[6] MORAIS RÊGO não verifica entretanto as formações da série de São Roque no vale do Paraíba, surgindo a possibilidade de que os referidos micaxistos venham antes a ser gnaisses muito micáceos, semelhantes a tipos por nós observados ao longo da estrada Rio-São Paulo, nas cercanias de Areias. Estas rochas em estado de alta decomposição assemelham-se às que encontramos no Estado do Espírito Santo, em cortes da rodovia litorânea em Muriquioca, a leste de Guarapari, as quais aparentam ser micaxistos quando decompostas, mas quando inalteradas provam ser gnaisses micáceos de grã finíssima.

RAIMUNDO RIBEIRO FILHO comenta do seguinte modo a inexistência de rochas proterozóicas no vale paulista do Paraíba: "Contudo, fato a observar, é que, na região interior da bacia do Paraíba, não são encontrados terrenos de idade posterior ao arqueano, e que, portanto, em tôda essa vasta área, o mar nunca penetrou, desde que se tornou terra firme; mesmo a série de São Roque e a de Minas não são especificamente encontradas dentro da bacia, talvez por terem sido destruidas pela desnudação, ou mais provavelmente, por falta de uma investigação minuciosa que as notifique".[7]

Embora mais precisos quanto a localização de algumas espécies de rochas, AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA e OTHON LEONARDOS resumem num apanhado geral, infelizmente curto, as. seguintes anotações sôbre a petrografia desta zona: "No vale do Paraíba predominam os gnaisses xistosos. Camadas de dolomito sacaróide intercalam-se naquelas rochas em Bananal; na serra Quebra-Can-

---

[6] **Idem, pág. 529.**

[7] **RIBEIRO FILHO, Raimundo: Bacia do *Paraíba*, "Anuário Fluviométrico" n.º 4 Divisão de Águas, São Paulo, 1943, pág. 30.**

galhas, entre Taubaté e São Luís do Paraitinga; no rio Embaú-Mirim, na base da Mantiqueira, próximo a Cruzeiro; etc.

Em Areias os gnaisses passam a quartzitos e em Paraibuna a micaxistos. Subindo, de Caraguatatuba, a encosta abrupta da serra do mar, os gnaisses facoidais da base da serra vão perdendo os feldspatos, passam a gnaisses xistosos, depois a biotita-xistos e finalmente, no divisor de águas a muscovita-xistos". [8] Segundo êstes autores se observa gradação idêntica no caminho de Santo Amaro a Itapecerica da Serra, o que liga a geologia do vale paulista à zona ao sul da cidade de São Paulo, por uma similar ocorrência de elementos petrograficos.

A presença de rochas da série de São Roque nesta zona do vale, embora não mencionada por outros autores, daria dêsse modo uma facies geológica peculiar que a diferencia da zona fluminense, embora se identifiquem ambas pelo embasamento arqueano de que são formadas, e estruturalmente façam parte de um mesmo enrugamento primitivo.

A divisão entre as duas zonas faz-se pelo maciço da Bocaina, onde nasce o Paraiba e pelas elevações que dêste se prolongam até o Itatiaia.

A serra da Bocaina ainda não foi competentemente estudada, mas tudo leva a crer que, em sua formação tenha tido grande influência o magma granítico. Falando sôbre a constituição dêsse divisor, pergunta RAIMUNDO RIBEIRO FILHO se não seria o seu relevo resultante de um magma foiaítico intrusivo sob um espêsso teto de gnaisse. [9] Firma-se êle na sugestão em ORVILLE DERBY que, ao descrever as nossas rochas nefelínicas, mencionou-as na referida serra. [10] O próprio DERBY, todavia, é que na continuação da sua tese elimina a Bocaina da lista de localidades com importantes afloramentos foiaíticos, visto que, "um exame recente mostrou ser ela constituída exclusivamente de gnaisse e granito". [11]

Gnaisses graníticos e granitos predominam de fato na zona ocidental do vale fluminense, onde os anotamos em reconhecimentos subretudo nas zonas mais acidentadas, constituindo em geral os mais conspícuos relevos, com intercalações de gnaisses a biotita e comumente de gnaisses a hornblenda.

Nos altos da serra do Mar no vale do Mambucaba, onde êste rio atinge os contrafortes da Bocaina, os morros são graníticos em sua maioria, segundo OLIVEIRA ROXO, [12] e no alto vale do Paraíba RAIMUNDO RIBEIRO FILHO ainda registou "relevos de massas

---

[8] *Geologia do Brasil,* 2.ª edição, Rio, *1943,* pág. 87.

[9] *Obr.* cit., pág. 47.

[10] DERBY, Orville *A.: On Nepheline-Rocks in Brazil. "Quartely Journai* of *the* Geological Society", agôsto *de* 1887, págs. 457-458.

[11] *Idem, maio de* 1891, *vol.* XLVII, *pág. 251.*

[12] OLIVEIRA ROXO, Matias Gonsalves: *A Hulha Branca no Estado do Rio de Janeiro, Rio,* 1922, pág. 40.

graníticas e porfiróides que circundam um terraço inferior, havendo também "indentações porfiróides" nas serras do Jambeiro e Quebra-Cangalhas. [13]

O gnaisse lenticular de tão importantes afloramentos ao redor da Guanabara, torna-se mais raro na serra do Mar e no vale do Paraíba. RAIMUNDO RIBEIRO FILHO anotou-o na Cachoeira Grande do Paraibuna, onde o rio salta 20 metros sôbre uma bossa desta rocha.

No vale paulista verificou ainda MORAIS RÊGO que, os bordos do seu isoclinal, constituindo as serras do Mar e da Mantiqueira, são formadas de gnaisse porfiroidal, ao passo que no centro da bacia, predomina o gnaisse leptinítico. [14]

São pois concordes abalizados pesquisadores em admitir que nos grandes relevos delimitadores do vale paulista, predominam rochas em que os elementos graníticos vieram condicionar texturas minerais que resistem melhor aos agentes erosivos.

Tal verificação poderia reforçar a hipótese de MORAIS RÊGO de ser o vale nesta zona obra da erosão, não fôssem as investigações geomorfológicas mais conclusivas para uma hipótese tectônica, como veremos no capítulo seguinte.

Das considerações que acabamos de fazer sôbre a petrografia do vale paulista, surgem correlações a serem destacadas no domínio estratigráfico. Sòmente o orogenismo com as suas plicaturas da crosta pode, em síntese, explicar essa ocorrência de rochas mais resistentes aos desgastes nos relevos da bacia, e mais facilmente destrutíveis na depressão central.

Numa estrutura isoclínica as abóbadas laterais dos anticlinos repousam sôbre o batolito permitindo uma ascensão mais alta do graniti responsável por metaformismo que enrijecem os gnaisses, enquanto na zona central a massa plutônica permanece a maior profundidade. Dêsse modo é nos anticlinais que a peneplanação mais rapidamente atinge os gnaisses porfiróides e facoidais mais próximos do batolito e mais elevados pela própria estrutura do enrugamento.

É fácil explicar dessa maneira como os sistemas de'falhas que talharam a serra do Mar e a Mantiqueira, cortando, pelo menos em tôda a extensão da primeira, uma faixa por onde corre o eixo de um batolito, deixou ao norte um sinclinal de rochas de mais fácil destruição pelos agentes erosivos.

Êste sinclinal, no caso do Paraiba, é o mesmo que, no território fluminense, por grandes extensões concorda com o talvegue do rio, e que prossegue para oeste até São Paulo, onde embora bem mais castigado por metamorfismos, influi sôbre o curso do Paraitinga e do Paraibuna com a orientação das suas camadas.

---

[13] RIBEIRO FILHO, Raimundo: Obr. cit., pág. 37.
[14] *Formações pré-devonianas*, pág. 8.

Uma única observação merece aqui o nosso reparo, quanto a natureza das rochas no interior do sinclinal. Para MORAIS RÊGO são elas leptiníticas, em contradição aparente com o que se observa no médio curso fluminense, onde a rocha é de modo geral um plagioclásio-gnaisse. Embora em nossas rápidas anotações no vale paulista, onde as rochas não aparecem com características leptiníticas uniformes, sendo as vêzes essencialmente biotíticas como no caso do túnel de Guararema, não devemos esquecer que, as perturbações tectônicas foram bem mais violentas nesta zona, com o diastrofismo que enrugou a série de São Roque, quando novos magmas graníticos subiram de profundidade, metamorfizando intensamente as rochas regionais.

O plagioclásio-gnaisse possivelmente quase intacto no sinclinal após o primitivo enrugamento, sofreu dêsse modo completa metamorfização devido a bossas graníticas, bastante possantes para transformá-lo em tipos leucocráticos como os leptinitos e os gnaisses graníticos, ambos muitas vêzes de aparência similar, o que pode haver concorrido para a generalização de MORAIS RÊGO.

Os modernos tectonismos que esculpiram o vale fluminense não afetaram a composição das rochas.

A sudoeste de Barra Mansa as camadas do centro dessa dobra foram intensamente perturbadas por intrusões graníticas que alteraram a sua composição e textura originais. É o que se nota sobretudo ao sul de Resende, onde a estrada Rio-São Paulo entre Barreiro e Bananal, corta quase exclusivamente gnaisses graníticos e mesmo afloramentos de granito, sendo menos importantes as rochas biotíticas, restritas por assim dizer as redondezas daquelas cidades. A influência dos granitos da Bocaina são nesta zona bem visíveis projetando-se mesmo para leste, onde em Capelinha, no ramal de Barra Mansa a Angra dos Reis, esta via-férrea contorna um espigão granítico, ponta de lança da serra do Rio Claro, ao longo da qual desce o rio Piraí.

Esta serra parece limitar com os seus contrafortes orientais os granitos da Bocaina, visto que, na margem direita do Piraí estende-se uma vasta faixa de gnaisse a biotita que sobe além de Silva Jardim indo até as vertentes da serra do Mar, onde novamente os gnaisses graníticos afloram em tôda a descida até Angra dos Reis, em cujo litoral são frequentes os boulders de granito.

A partir de Barra Mansa o Paraíba entra definitivamente no sinclinal da serra, onde predomina o plagioclásio-gnaisse.

De modo geral e sem rigorismos bizantinos de minúcias locais inaplicáveis a uma ocorrência estratigráfica de, tamanho vulto, pode-se com segurança definir o curso do rio daquela cidade para jusante como inteiramente subordinado por centenas de quilômetros aos fundos de uma ruga, embora *fôsse* para ela conduzido por desabamentos tectônicos formadores da bacia.

Quando no trecho de Barra Mansa a Pati o Paraíba se retorce em grandes curvas, como entre Volta Redonda e Pinheiral, ou em Barra do Piraí, Desengano e Comércio, é sempre verificável pelo gnaisse granítico aflorando nestas zonas, a presença de bossas de granito que metamorfizaram o primitivo gnaisse, contorcendo-o localmente ou obliterando a sua dirigente laminação, sem destruir contudo a consolidada estrutura do sinclinal. Para o estratígrafo de ampla visão tais anomalias pouco representam em face do contínuo mergulho das camadas de rochas para o rio, em tôda a extensão das faixas de ambas as margens por dezenas de quilômetros.

Foi o que até aqui já conseguimos registar desde Angra dos Reis até Minas Gerais ao longo dos cortes da Estrada de Ferro Oeste de Minas investigados em automóvel de linha, desde a subida da serra do Mar até Barra do Piraí e desde esta cidade até Santa Rita de Jacutinga ao longo da tortuosa Rêde Mineira de Viação que atravessa uma zona serrana das mais acidentadas. Excursões ao norte de Barra Mansa e ao sul desta cidade constantemente comprovaram a presença do sinclinal, também verificado na secção ao longo dos rios Pomba e Paraíba.

Pode-se pois afirmar que, na maior parte do médio curso do Paraíba fluminense, a estratigrafia teve a mesma importância na conformação do vale que os grandes deslocamentos da crosta que, em grandes golpes, talharam a bacia em tempos modernos.

Conforme veremos em nossas referências a geomorfologia, um dos mais poderosos elementos na evolução dos afluentes da margem direita do Paraíba na zona central serrana foi o bloco de Petrópolis, similar ao da Bocaina, onde intrusões graníticas ali mantiveram um elevado divisor, no qual a influência do magma no metamorfismo do plagioclásio-gnaisse, pode ser notado desde Raiz da Serra até Areal ao longo da Estrada de Ferro Leopoldina. Desta vila em diante, esta rocha é quase exclusiva na zona marginal ao rio.

Foi esta zona central da Serra, a única onde a preponderância do magma granítico teve decisiva influência no relêvo, quer por uma atuação direta, elevando núcleos montanhosos resistentes a erosão, quer indiretamente obliterando o paralelismo das camadas no gnaisse metamorfizado, com uma conseqüente desorientação dos cursos d'água, não mais adstritos a direção dos leitos de rochas e por grandes distâncias subordinados a falhas e fraturas do referido bloco basculado para o norte.

Esta zona granítica estende-se pelos municípios de Teresópolis e de Nova Friburgo, não sòmente constituindo os próprios bordos da serra do Mar mas também alargando-se pelo vale do Paraíba. Conspícuos afloramentos de granito são bem visíveis na subida da serra do Subaio para Nova Friburgo, e, em tôrno desta cidade, os

morros de gnaisse granítico atestam a profunda atuação do magma sôbre a rocha primitiva, podendo-se dizer o mesmo de quase tôda a zona atravessada pelo ramal de Sumidouro.

A leste de Nova Friburgo, entretanto, esvai-se quase completamente essa predominância da rocha plutônica sôbre o gnaisse da crosta. Nos bordos da serra do Mar desde as nascentes do rio Macaé até a planície de Campos, dominam ainda quase sempre os granitos, como na serra da Boa Vista, a oeste daquela cidade e constituída destas rochas, no alto vale do Macabu em tôda a série de altas escarpas marginais ao rio Imbê, onde a rocha toma um aspecto essencialmente porfiróide, com grandes cristais de feldspato embutidos numa textura de grã média.

O paralelismo dos rios Grande e Negro atestam a primeira vista, a um bom observador, a subordinação apalachiana dêsses cursos d'água a uma estrutura geológica de camadas bem orientadas. Embora, pois, haja, como era de se esperar, esparsas ocorrências de rochas granitizadas, a rocha regional é o plagioclásio-gnaise de afloramentos repetidamente visíveis por tôda esta zona até São Fidélis.

Desta cidade para leste até os limites da serra do Mar na planície de Campos, temos ainda sempre a mesma rocha embora em trechos substituída por leitos de leptinito proveniente das proximidades do granito, o qual, como vimos, tende a surgir nesta zona sob a forma porfiróide.

De São Fidélis para oeste, ainda o plagioclásio-gnaisse é a rocha do leito e das margens do Paraíba até proximidades de Funil, sendo especialmente notáveis os afloramentos de Grumarim, onde se levanta uma série de pontões.

De Cambuci para montante, as camadas da rocha no leito do rio são verticais, continuando com tal mergulho por centenas de quilômetros até além de Anta, no longo trecho retilíneo que define o centro da calha do sinclinal.

Ao longo do rio Pomba, a rocha que passa a gnaisse granítico em Funil, mergulha sempre para suleste, com pendor decrescente até os limites de Minas.

A súbita deflexão do curso do Paraíba na zona de Cambuci a São Fidélis, em seu caminho para o mar, é um claro indício de perturbações tectônicas e de fenômenos tectônicos de imensa atuação em tôda a morfologia do grande vale.

Tais anomalias já são evidentes no mergulho do gnaisse a jusante de São Fidélis, onde amarrotamentos aparecem, conquanto predomine a inclinação das rochas para noroeste, confirmando ainda a existência do sinclinal pela simetria dos mergulhos observados ao longo do rio Pomba.

Ao norte do Paraíba nesta zona, a dobra vai rapidamente desaparecer. O fenômeno que mais minuciosamente explanaremos com argumentos geomorfológicos, deve-se ao desaparecimento da serra do Mar e a sua aproximação do primeiro degrau da Mantiqueira. E tão violenta foi a ação do tectonismo que, na vizinha bacia do Muriaé, quase desaparecem os indícios da grande ruga até aqui abatida entre os dois grandes cordões serranos.

De Itaperuna para montante o curso dêsse rio corta um gnaisse negro e milonítico do tipo Ipanema, com mergulhos invertidos para nordeste ou para suleste. Mas da mesma cidade para jusante até Cardoso Moreira a rocha é um gnaisse granítico, por vêzes muito laminado e de grã fina, aproximando-se de um leptinito, com mergulhos igualmente variáveis mas predominantes para o sul. Em Itaperuna, aparece um tipo de rocha leucocrática, finamente laminada, em intercalações no gnaisse milonítico, demonstrando com a presença dêste a atuação de formidáveis pressões diastróficas.

O plagioclásio-gnaisse que deixamos na zona de São Fidélis, ali formando o leito do Paraíba desde Cambuci até a definitiva saída da Serra, só nos aparece no Muriaé em restritos afloramentos, nas margens dêste rio. É êle ainda visível ao longo do trecho ferroviário da Estrada de Ferro Leopaldina entre Cardoso Moreira e Murundu.

O sinclinal comprimido ao norte pelas serras de Monte Verde e de Santo Eduardo que fazem parte do sistema da Mantiqueira, e ao sul pelas serras da Caconda, da Onça e da Pedra Lisa, — derradeiros fragmentos emersos da serra do Mar, cuja continuidade ininterrupta desde o alto Paraíba foi subitamente interrompida em Campos ao atingir a margem direita dêste rio —, estreita-se repentinamente nesta zona para enfim desaparecer.

O tectonismo que talhou a grande bacia não encontrando mais ali um espêsso pacote gnáissico dobrado e resistente, desordenou a disposição das camadas, invertendo frequentemente os mergulhos, que passam mesmo a fortes ângulos, como na extremidade final da Cordilheira Marítima em São Fidélis. Em seu último testemunho isolado, a Pedra Lisa, a serra do Mar apresenta as suas rochas como um livro de camadas verticais, de faces voltadas para o norte e para o sul, mas que visto de quina, em Murundu, se salienta como uma imensa agulha sôbre os serrotes circundantes.

O sinclinal que veio de São Paulo teve, dêsse modo, um fim já próximo ao Itabapoana, afilando-se numa estreita nesga de gnaisse, e perdendo as suas notáveis características estruturais de uma dobra primitiva que o tectonismo posteriormente retalhou com a criação das serras do Mar e da Mantiqueira e formando o vale do Paraíba.

Êste vale é pois essencialmente constituído de rochas primitivas não obstante possíveis intercalações de sedimentos proterozóicos, e a presença de bacias lacustres modernas no médio e alto curso, resultantes da acumulação de detritos do próprio rio.

Como rochas intrusivas que vieram enriquecer a sua petrografia, além do granito com todo o seu cortejo esquizolitico, afloram por vêzes rochas básicas, comumente em veios, e a volumosa intrusão de rochas alcalinas do maciço do Itatiaia, de tão importante atuação na história geológica da bacia.

O Itatiaia com os seus 2 787,4 metros, — segundo pico em altitude do Brasil após o Caparaó — é provavelmente a maior massa de afloramentos de rochas foiaíticas do Globo. Cobrindo uma área de 1 450 quilômetros quadrados, é neste ponto apenas inferior a exposição de rochas similares em Kola, na Escandinávia, com 1554 quilômetros quadrados. Esta bossa intrusiva entretanto, localizada numa zona submetida a um violento desgaste por geleiras, deve ter o seu volume de afloramentos bem inferior ao maciço brasileiro.

Na petrologia do Itatiaia que estudamos em trabalho anterior, destinguem-se sobretudo os foiaítos de ocorrência generalizada em quese todo o maciço, com localização especializada de sienitos-nefelínicos, sodalita-sienitos e nordmarquitos, além de mais raras espécies porfiróides e efusivas.

A transição dessas rochas alcalinas para tipos ácidos no tôpo do maciço e na zona a0 sul de Itatiaia na sua base, onde a rocha passa mesmo a espécies graníticas, sugere uma digestão do teto gnáissico da intrusão.

Para a origem dêste maciço que, de um lado se liga a intrusões tipicamente vulcânicas como as do maciço do Tinguá e as da serra do Mendanha nas proximidades da Guanabara, mas cujas rochas são texturalmente plutônicas, foi-nos impossível aceitar a teoria de um simples vulcanismo. Tampouco se pode considerar o Itatiaia como um batolito, — têrmo êste usado por DE **MARTONNE** —, visto que a intrusão de modo algum afetou a estrutura das camadas arqueanas que, em ambos os lados do maciço, tanto no fluminense quanto no mineiro, *continuam* a *uniformemente mergulhar para o vale do Paraiba.*

A Única hipótese que nos satisfez foi a recente teoria de HOLMES- BACKLUND, que se apóia no princípio de diferenciação petrogenética denominado por **USSING** de "agpaítica" e desenvolvido por **FERSMANN**.[15]

Talvez seja essa a única teoria que possa cientificamente explicar a origem do Itatiaia, com a diferenciação dos vários tipos

[15] LAMEGO, Alberto **Ribeiro:** *O maciço do Itatiaia e regiões circundantes,* **Rio. 1938, págs. 26-33.**

de rochas observados no maciço, ao mesmo tempo que explicaria estabilidade da crosta a seu redor.

Em confronto com a "orogênese" que define as fases revolucionárias de enrugamentos montanhosos, e com "epirogênese" que se refere a deslocamentos verticais, BACKLUND batizou a sua teoria de "epeirodiátrese", relacionando-a com a perfuração de áreas continentais estáveis, além de antigas, como observa o autor para a localização de todos os maciços alcalinos. É o que também se aplica ao Itatiaia, numa zona sòlidamente estabilizada através das Idades, antes do tectonismo que deu origem a Mantiqueira e a serra do Mar, retalhando um velho continente peneplanado.

Uma das importantes conclusões ao admitir-se a epeirodiátrese para a origem do Itatiaia, é que a mesma teoria, com a explosão do teto explica a origem de crateras vulcânicas, aplicando-se dessa maneira, igualmente, aos casos do Tinguá, Mendanha e outras zonas de rochas alcalinas, onde espécies efusivas aparecem de permeio com tipos plutônicos, e mesmo com tufos e bombas vulcânicas, fato êsse inexplicável para os geólogos, por qualquer outro processo de intrusão, e que o próprio ORVILLE **DERBY** não pôde elucidar em seus famosos estudos no maciço do Tinguá.

Quanto à idade do Itatiaia, já expusemos a nossa opinião. Levando-se em conta as sucessivas intrusões de rochas foiaíticas no Brasil desde os tempos paleozóicos até o Quaternário, fomos levados a estabelecer, em face de outros fenômenos, particularmente os relacionados com a ruptura do nosso litoral, o Gretáceo superior ou o Cenozóico inferior para a sua formação. [16]

Além dêsse grande maciço, a única outra exposição de rochas alcalinas em volume apreciável no vale do Paraíba até hoje conhecida, é a do Morro Redondo, que descobrimos a leste do Itatiaia e ao sul de Ribeirão da Divisa, no qual o foiaíto é ainda a rocha dominante.

Resta-nos agora para completar êste rápido lance de olhos sôbre a geologia do vale do Paraíba, mencionar as lentes de calcário que nêle ocorrem, de valiosa importância econômica, e uma breve referência aos depósitos cenozóicos, sôbre os quais ainda voltaremos nos capítulos seguintes.

Duas são as bacias terciárias no médio curso. A paulista que das vizinhanças de Cachoeira Paulista se estende até além de Jacareí, continuando pela bacia de um afluente do Paraíba, o Parateí até proximidades de Moji das Cruzes, tem sido até hoje a mais bem estudada por conter rochas oleígenas e interessantes fósseis que permitem estabelecer com precisão a sua idade pliocênica.

Não poucos têm sido os autores que dela se ocuparam, a partir de PISSIS em 1842, bastando-nos para um trabalho desta ordem mencionar as suas características principais.

---

[16] **Idem:** *O Homem e a Restinga,* Rio, *1946*

Excedendo 120 quilômetros de extensão por 6 a 20 de largura, os sedimentos cenozóicos apresentam-se muitas vêzes recobertos por vastas extensões de planícies quaternárias depositadas pelo rio, o que lhe dá na atualidade uma origem flúvio-lacustre.

Segundo os autores da ***Geologia do Brasil,*** uma sondagem para água realizada pelos frades trapistas de Taubaté, mostrou que a formação terciária é constituída de mais de 150 metros de folhelhos pirobetuminosos, areias, argilas e raros leitos de calcário. [17]

No antigo lago que nesta zona precedeu a formação do Paraíba, uma rica fauna de vertebrados, sobretudo peixes, tem sido pesquisada por famosos especialistas como SMITH WOODWARD, EIGENMANN e MYERS que estabeleceram para a sua idade o Cenozóico Superior.

Quelônios e répteis foram também colhidos, entre os quais um crocodiliano, jacaré ***(Alligator paraibensis)***, classificados por OLIVEIRA ROXO.

A espessura total dos sedimentos ainda não é conhecida, visto que, além da referida sondagem, mais de 200 metros em outra foram atravessados, sem que fôsse atingido o embasamento. [18]

A bacia paulista do Paraíba que segundo alguns autores parece ter sido outrora ligada a bacia igualmente cenozóica sôbre a qual assenta a cidade de ***São*** Paulo, deve se ter ramificado pelo alto vale, onde testemunhos de sedimentos similares já têm sido registrados.

A segunda bacia formada por depósitos terciários é a fluminense, que, da base do Itatiaia se estende além de Quatis, sendo conhecida por bacia de Resende.

Os seus sedimentos são em geral arenitos vermelhos, friáveis, com estratificação falsa. Essa coloração não é todavia uniforme, passando ao róseo, carmim, púrpura, amarelo, branco e cinza.

A rocha que Ys vêzes é bem rugosa, deriva em algdns lugares para um tipo argiloso, roxo e quebradiço. 'Uma das características dêstes sedimentos é de apresentarem no seu limite superior grande abundância de seixos rolados'', [19] denotando um período de erosão violenta. Ligamos êste período ao último das geleiras do hemisfério setentrional, [20] podendo nêle ter-se dado um anormal ciclo de desgaste, com a descida do nível do mar pela retenção de enormes volumes d'água solidificados naqueles tempos glaciais.

Não foram até hoje encontrados fósseis nesta bacia, a não ser esparsos troncos carbonizados em Quatis, cuja pesquisa efetuada pelo engenheiro ABEL *PAULO* DE OLIVEIRA, demonstrou ser improfícua a sua exploração.

---

[17] OLIVEIRA, Avelino Inácio e LEONARDOS, Othon: Obr. cit., pág. 683.
[18] WASHBURNE, Chester W.: ***Petroleum Geology of the State of S. Paulo,*** São ***Paulo,*** 1930, pag. 84.
[19] LAMEGO, Alberto Ribeiro: Obr. cit., pág. 53.
[20] Idem, pág. 54.

Como na bacia paulista, o Paraíba igualmente nesta removeu grandes extensões dos sedimentos cenozóicos, sobretudo na sua extremidade oriental, posteriormente substituindo-os por planícies de aiuviões, nas quais se depositaram valiosos depósitos de turfa com pequena porcentagem de cinza, alto teor em parafina e um poder calorífico que atinge 8 000 calorias. [21]

Testemunhos de rochas similares aos da bacia de Resende, foram por nós achados no vale do rio Bananal, e em outros pontos adiante referidos; que indicam pretéritas extensões lacustres bem mais amplas.

II — GEOMORFOLOGIA'DO VALE DO PARAÍBA

"Os traços gerais do relêvo sugerem evidentemente a idéia de um bloco antigo levantado e fraturado".

EMMANUEL DE MARTONNE: "Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico". Rev. Bras. de Geogr., ano V, n.º 4, Rio, 1943, pág. 525.

"Do ponto de vista geomorfológico, é difícil que o Paraiba seja um simples vale".

FRANCIS RUELLAN: "20.ª Tertúlia Semanal". (Boletim Geográfico, ano I, n.º 7, Rio, 1943, pág. 79).

Com as designações de cordilheira Marítima ou de serra do Mar vem sendo o cordão montanhoso litorâneo repetidamente apresentado como cadeia indivisível, que borda a faixa costeira do Brasil meridional. Geològicamente, não tem ela porém, essa unidade estrutural que nos habituamos a dar-lhe, pela contínua reprodução de um tal aspecto em cartas geográficas.

É isto o que se deduz de uma análise mesmo parcial dêste sistema serrano, mal classificado por sua estrutura singular entre as grandes cadeias mundiais.

Em primeiro lugar, o têrmo "cordilheira" implica a existência de um processo geológico bem definido por um complexo de fenômenos orogênicos, e que se deve ter em vista na classificação de uma longa série de montanhas agrupadas.

Estruturalmente, uma cordilheira se integra em amplo sistema de plicaturas coordenadas em relação a um eixo comum, e resultantes de orogenismos indentifirados. E tal interpretação não pode aplicar-se à serra do Mar.

Um dos seus setores, por exemplo, que precisa ser focalizado pela crítica, é o da Paranapiacaba, de rochas intensamente movimentadas no litoral paulista, bem mais novas que as que por

---

[21] **Idem,** págs. 56-58.

baixo lhe ficam, dobradas por enrugamentos mais antigos em primitivos gnaisses.

Nesta serra dominam os sedimentos proterozóicos ligados a série Minas, e generalizou-se a opinião de GUILHERME FLORENCE e de MORAIS RÊGO, de não existir uma indiscutível discordância entre estas rochas e as inferiores do Arqueano. Mas o último dêstes geólogos nos diz que "o contacto entre o Arqueano e as séries cristalofilianas nunca é nítido", havendo gradual passagem de uma a outra ou intercalações graníticas, o que torna menos peremptória e sujeita a indagações a sua afirmativa de que "não há absolutamente indícios de discordância". [22]

MORAIS RÊGO, aliás, não estabelece um critério absolutista que lhe têm querido atribuir. Nas suas secções geológicas sempre aparecem as rochas proterozóicas da série São Roque encaixadas em granitos que podem mascarar a discordância com a intrusão, adiantando êle mesmo que as suas considerações "não encontram ainda cabal evidência nos fatos; são apenas sugestões a serem examinadas". [23]

A nosso ver, a estabelecida ligação entre a série São Roque e a série Minas, parece eliminar quaisquer objeções quanto a discordância entre a primeira e o Arqueano, visto que, embora sendo esta imprecisa no Estado de São Paulo. conforme verificamos, é ela bem nítida em Minas Gerais, apresentando-se mesmo como ocorrência regional entre Rutilo e Bocaina, por onde corre o alto rio Grande. [24]

Torna-se para nós dessa maneira evidente que, o orogenismo que elevou a Paranapiacaba, enrugou de encontro a formações anteriores já submetidas a erosão as formações da série São Roque.

Sòmente nesse trecho vamos pois verificar na pseudo-cordilheira dois diastrofismos orogênicos de idades diferentes, além da poderosa movimentação epirogênica a qual se deve o aspecto atual dos rebordos do planalto, onde um grande sistema de falhas atuando sôbre uma superfície de velhos ciclos de erosão, refez o aspecto serrano ativamente remodelado por um nôvo ciclo.

Basta êste caso para que percebamos a complexidade do problema estrutural da cordilheira Marvtima. Sòmente agora vem ela sendo parcialmente estudada por geólogos e geógrafos, e dessa análise, já se pode ver que, mesmo em pequenos setores, é grande aquela complexidade a suscitar divergências entre os pesquisadores.

O mais frisante exemplo é o da zona do vale do Paraíba no Estado de São Paulo, onde cientistas eminentes não chegaram a um completo acôrdo sôbre a origem das formas geográficas.

---

[22] MORAIS RÊGO, Luis *Flores de: Contribuição ao estudo das formações pré-devonianas de São Paulo. São Paulo, 1933, pág. 10.*

[23] *Idem*, pag. 11.

[24] LAMEGO, Alberto *Ribeiro: O maciço do Itatiaia e regiões czrcundantes "Boletim"* n.º 88 do Serv. Geol *e* Mineralógico *Rio, 936,* págs *59-79* (vide *mapa regional anexo)*

MAULL, WASHBURNE, MORAIS RÊGO, DEFFONTAINES, DE MARTONNE e RUELLAN, entre outros, são nomes de ilustres geólogos e geógrafos que examinaram o problema e emitiram a sua opinião.

O único a patrocinar a idéia de uma ação puramente erosiva do vale, foi MORAIS RÊGO, o qual, como geólogo, não pôde certificar-se de uma nítida evidência de falhas, expondo que, "dada a ausência de vestígios claros de tais fenômenos, talvez seja preferível considerar o vale tão sòmente como o resultado da erosão". Os demais, porém, a partir de MAULL que admite a presença de um fôsso, — *Grabem* —, afundado entre a serra do Mar e a Mantiqueira, ou como WASHBURNE que apenas vê o falhamento na elevada face desta serra marginal ao Paraíba, preferindo considerar o vale como abatido apenas dêste lado em ângulo de falha, enfileiram-se todos êles partidários do tectonismo.

Todos, porém, são concordes em admitir uma peneplanização anterior a formação do Paraíba, cujos vestígios permanecem na superfície das mais altas elevações, e que pensa MORAIS RÊGO se ter processado no Eoceno.[25]

Para êste autor, foi êsse peneplano atacado simplesmente por agentes erosivos, com um "desgaste profundo para dar lugar a topografia na qual se haviam de depositar as camadas pliocênicas" das bacias cenozóicas de São Paulo e do médio Paraíba superior.[26]

Êste ciclo de erosão não teria porém terminado com a sedimentação dêsses depósitos, continuaiido a processar-se a evolução topográfica para uma nova peneplanização pleistocênica, em seguida à qual se deu um "movimento epirogênico positivo, responsável pela topografia atual", onde "a nova rêde hidrográfica obedeceu grandemente ao mesmo delineamento que a anterior". Salvo excepcionais casos de capturas, subordina-se a rêde atual as feições mais proeminentes da topografia anterior, onde, sôbre o peneplano pleistocênico, sobressaíam *monadnocks* a orientarem a erosão. cujas diretrizes são também fixadas pela estrutura das rochas cristalinas.[27]

Vê-se pois que, mesmo para o geólogo adstrito a meros fenômenos erosivos, a formação da bacia paulista do Paraíba não foi simples.

Complica-se porém o caso com a declaração de WASHBURNE, de terem sido as camadas cenozóicas desta zona depositadas "numa fossa tectônica, — *fault valley* —, com basculagem para

---

[25] *MORAIS RÊGO, Luis Flores de: Notas sôbre a geomorfologia de São Paulo e sua génese. Inst.* Astronômico e Geográfico. *São Paulo,* 1932, pág. 13.

[26] *Idem: Contribuição para o estudo dos granitos da serra da Cantareira. Inst. de Pesquisas* Tecnológicas *de São Paulo, 1938,* pág. 134.

[27] *Idem,* págs. 134-136.

noroeste".[28] Frisa, porém, o autor que estas falhas, "pelo menos parcialmente ocorreram após a deposição de todos os sedimentos, excetuando-se os mais recentes do vale, e certamente após a sedimentação das argilas contendo fósseis". Não garante, porém, WASHBURNE que haja sido formada a bacia por falhas mais antigas, não obstante a sua declaração de "haver muitas considerações que favorecem esta idéia".[29]

Na opinião dêste geólogo há no vale três alinhamentos de falhas bem definidos e em concordância com a escarpa da Mantiqueira e com o curso dos rios Paraibuna e Paraitinga, todos êles paralelos ao desabamento costeiro que deu origem a Serra do Mar. Tôdas essas falhas são normais, com mergulho para suleste, estando o peneplano dos sedimentos terciários empenados para noroeste.[30]

Dá-nos WASHBURNE como idade provável do fôsso o Plioceno, tendo sido originado como um "distante efeito das deformações nos Andes, no Terciário Superior e no Pleistoceno".[31]

Para o eminente geógrafo DE MARTONNE o problema ainda é mais complexo. "O fôsso do Paraíba é talvez uma hipótese simples demais. O rio, como os lagos alongados que o precederam no Terciário, parece instalado ao pé de um abrupto tectônico, flexura decomposta em escadaria de falhas, marcando a borda de um bloco basculado para o norte, da mesma maneira que o bloco da serra do Mar".[32]

Observa DE MARTONNE que o antigo maciço tropical atlântico guarda os testemunhos "de dois modelados de erosão, levados até a maturidade". Afirma ainda o autor, estarem "os sedimentos pliocênicos continentais no alto Tietê e no médio Paraíba" acamados sôbre uma superfície amadurecida, considerada por todos os pesquisadores como neogênica.[33]

Quanto à idade dos desabamentos responsáveis pela formação da bacia, DE MARTONNE opõe-se a WASHBURNE ao dizer que "o rebordo da Mantiqueira podia já se ter esboçado no principio do Terciário", quando êste geólogo o atribui aos fins da mesma era.

É porém no Neogêneo que, para DE MARTONNE, a superfície atual é escavada com nitidez. Precisa-se a escarpa da Mantiqueira, afunda-se pela erosão e por movimentos tectônicos uma ampla bacia recoberta de lagos por sua vez aterrados pela sedimentação até as bordas da serra do Mar, cuja formação se encontra

---

[28] WASHBURNE, *Chester W.: Petroleum Geology of the State of São Paulo-Brazil.* São *Paulo*, 1930, pág. 82.

[29] *Idem, pág.* 84

[30] *Idem, pág.* 131.

[31] *Idem,* págs. 92-93.

[32] DE MARTONNE, *Emmanuel: Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico. "Revista Brasileira de Geografia", ano V,* n.º 4, 1943, pág. 537.

[33] *Idem,* págs. 538-539.

quase terminada ao chegar o Quaternário, pela estabilização dos blocos falhados.

Do lado marítimo, a velha superfície paleogênica desce para o Atlântico em três degraus, o último dos quais, submerso, formou a plataforma continental. Do lado terrestre remanescem no vale testemunhos do antigo peneplano em cristas apalachianas destacadas por fraturas concordantes com a direção das camadas, as quais orientam as diretrizes fluviais.

Para DE MARTONNE, a geomorfologia do vale do Paraíba nesta zona apresenta-se como um problema "de condições peculiares, sem exemplo na Europa nem na América do Norte", mas com aparente analogia a ocorrências na Africa e na Austrália, "na borda de fragmentos do mesmo bloco gondwânico".[34]

Pelo que expusemos ao analisarmos a estratigrafia do vale do Paraíba, é êste, em síntese, uma dobra em sinclinal, cujo eixo se alinha de W-SW a E-NE. Mas tôda essa poderosa massa de rochas cristalinas que se manteve desde as primeiras idades da crosta terrestre submetida a contínuo desgaste, foi intensamente fraturada a partir do Cenozóico.

DEFFONTAINES é mais um geógrafo de renome a confirmar pelo exame do relêvo essa' estrutura íntima do vale do Paraíba. "A rêde de falhas é complexa; elas se cortam muitas vêzes em ângulos retos e decompõem blocos quadranbulares, denteados; em volta dêsses blocos os rios seguem ,estranhos cursos com súbitas mudanças de direção, lembrando as rêdes fluviais dos montes Apalaches, nos Estados Unidos".[35]

Um dos geólogos que francamente aceitam a hipótese tectônica é RUI OSÓRIO DE FREITAS, que vê prova de "existência de falhas escalonadas" na topografia da serra do Mar, e o mesmo escalonamento nas serras da Mantiqueira e de Quebra-Cangalhas.[36]

Um dos pesquisadores que mais se aprofundaram nos problemas geomorfológicos da bacia, condensando estudos anteriores numa ampla síntese, e desenvolvendo idéias próprias, foi o engenheiro RAIMUNDO RIBEIRO FILHO, a cuja exposição damos alto valor devido ao seu minucioso conhecimento do Paraíba como chefe do 1.o Distrito da Divisão de Águas do Departamento Nacional da Produção Mineral, e a quem estão particularmente adstritos os estudos hidráulicos no vale dêsse rio.

Reúne-se também êle aos partidários do tectonismo, não sem aceitar parcialmente, porém, a hipótese de erosão de MORAIS RÊGO. Considera a existência de uma depressão marítima durante o cor-

---

34 *Idem*, pág. 525.

35 DEFFONTAINES, *Pierre: Geografia Humana do Brasil. Separata* da *"Revista Brasileira de Geografia", Rio, 1940, pág.* 12.

36 OSÓRIO DE FREITAS, *Rui: Jazimento das rochas alcalinas no Brasil meridional. Separata da revista. "Mineração e Metalurgia", Rio, 1944, pág. 4.*

rer dos tempos geológicos até o Cenozóico, na região central brasileira antes da aparição do Atlântico, e também conclui que, "em suma, deve-se ter como coisa firmada que, todo o espaço abrangido pelo vale do Paraíba, sempre foi parte integrante e insubmersa do escudo continental". [37]

Pela inexistência de indícios de mar acima de 100 metros nesta faixa costeira, enquanto "em níveis bem mais altos do planalto a oeste, acamam-se possantes sedimentos de origem marinha desde o Secundário", diz-nos êle: "tôda essa região que abrange a bacia do Paraíba e terras adjacentes ao norte dela, achava-se mais alta que aquela outra que se acha hoje a cêrca de quinhentos e tantos metros de altitude no planalto paulista. Certo pois que não havia aquela funda calha do vale. Por isso, é de se crer que não existiria qualquer configuração atual da bacia do Paraíba no início ou mesmo fim do Cenozóico". [38]

O sincronismo entre a formação do vale e a da serra do Mar é também por êle admitido. "O paralelismo e a feição das grandes linhas sugerem que o fenômeno de um tectonismo se tenha produzido em tôda a extensão costeira: o vale e a serra do Mar teriam surgido simultâneamente pelo efeito de uma mesma ação geodinâmica nesse compartimento da crosta terrestre. É de fato surpreendente, em tão grande extensão, o paralelismo geral do talvegue com as longas dobras orográficas que seguem a costa, como que corroborando a idéia da correlação diastrófica". [39]

Uma das mais importantes contribuições trazidas pelo autor ao estudo dêste setor do vale, é a que se refere a captura dos cursos d'água da bacia Paraitinga-Paraibuna pelo Paraíba, em detrimento do Tietê, do qual teriam sido aquêles rios afluentes, segundo a hipótese de WOODWORTH, de aceitação generalizada.

Ao verificarmos o divisor granítico entre Guararema e Moji das Cruzes, atravessada pela Central do Brasil, éramos também inclinados a admitir o fenômeno como decorrente da própria evolução de um ciclo erosivo, ao serem encontradas pelo desgaste rochas mais resistentes, que teriam forçado o alto curso do rio a desviar-se em sentido oposto no cotovêlo de Guararema.

Profundo conhecedor, porém, dos acidentes topográficos relacionados a hidrografia do alto vale, RAIMUNDO RIBEIRO FILHO prefere considerar êsse cotovêlo como devido a uma falha transversal contemporânea do próprio jôgo de blocos. Tôda a porção de terreno adjacente a bacia do Paraíba nesta zona teria caído em relação ao Tietê, com um desnível de 250 metros. Observa êle que, embora não haja entre os dois rios nenhum divisor elevado, "mas simplesmente uma linha de rebordos acidentados de 200 a 400

---

[37] **RIBEIRO FILHO, Raimundo Francisco: Bacia do** Paraiba. **"Anuário Fluviométrico" n.º 4** da **Divisão de Águas, São Paulo, 1943, pág. 30.**

[38] **Idem,** pág. 33.

[39] **Idem, págs.** 21-22.

metros acima do vale do Paraíba", êste serrote apresenta, porém, uma face íngreme para êste rio e um declive suave para o Tietê. [40]

Fortifica o autor os seus argumentos descrevendo os contornos da falha, a qual delimita um terraço mais alto nas bacias do Paraitinga e Paraibuna, demonstrada por uma localização dos saltos dêstes rios, que estabelecem degrau tectônicos entre uma zona mais alta, circundada de "relevos de massas graníticas e porfiróides que escoram terraços superiores de nível médio de 750-800 metros a leste e a oeste, bem como pela faixa de rebordos da serra do ,Mar, devendo-s eincluir também as indentações porfiróides das serras do Jambeiro e Quebra-Cangalhas". [41]

Presume, pois, RAIMUNDO RIBEIRO FILHO que, "o nível geral do terreno se tenha quebrado nas bordas atuais do vale do Tietê, arriando-se dêsse lado, ao mesmo tempo que, nas falhas longitudinais do Paraíba e Paraitinga, criando os aclives circundantes de tôda essa porção ocidental da bacia". [42]

Um dos mais interessantes achados geológicos dêsse engenheiro é o testemunho de arenitos terciários, no ribeirão dos Afonsos, a cêrca de 30 quilômetros a nordeste de Natividade da Serra onde a cota dêsse afluente do Paraitinga é de 800 metros sôbre o nível do mar. [43] Isto prova ter o alagamento regional atingido êste nível, a não ser que tais sedimentos resultem de pequenas bacias represadas, como sugere o professor FRANCIS RUELLAN. [44]

---

[40] Idem, pág. 36.

[41] "Afigura-se que, tôda essa concavidade da área ocidental da bacia do Paraiba resultou de um abaixamento para oeste, havendo-se o terreno rompido nos limites atuais do vale do Tietê. Possivelmente, a leste, o limite dessa depressão do terreno seria grosseiramente, segundo uma linha norte-sul, passando mais ou menos em Natividade da Serra. Observa-se que, uma tal linha apanha pontos dos vales do Paraibuna e Paraitinga. após os quais êstes rios passam a cair rapidamente de nivel quando seguem para oeste: o Paraitinga começa a descer numa forte sucessão de degraus, — desde a Ponte dos Mineiros —, e o Paraibuna salta na Cachoeira Grande uma massa de gnaiese facoidal de quase 20 metros e, depois de acompanhar o pé do terraço de montante durante um trecho tranquilo em que segue vara noroeste, vira para oeste. novamente caindo em acentuada. declividade; juntando-se com o Paraitinga, o curso ainda continua a cair ràpidamente até a curvatura de Guararema. Na direção de nor-noroeste ou não muito afastada dêsse rumo, o caimento do terreno para o interior é muito fraco, enquanto é muito pronunciado na direção perpendicular.

O Lourenço Velho que recebe as águas da serra do Mar diante de Caraguatntuba. tem rumo noroeste desde aquela serra até desembocar no Paraibuna, pouco antes da cidade do mesmo nome. A declividade é muito suave, tal como sucede no trecho paralelo do Paraibuna que lhe fica a leste. Em suma, todo êsse quadrilátero limitado de um lado pela linha do Paraibuna de leste, e, do outro, pelas fronteiras ocidentais da bacia do Lourenço Velho, forma um terraço inferior muito pouco inclinado no sentido nor-noroeste, desde a serra do Mar até a planicie do Jambeiro que se estende próxima de São José dos Campos. E' circundado de relevos de massas graniticas e porfiróides que escoram terraços superiores de nivel médio de 750-800 metros, a leste e a oeste, bem como pela faixa dos rebordos da serra do Mar, devendo-se incluir também as indentações porfiróides das serras do Jambeiro e Quebra-Cangalhas. Portanto, a feição topográfica é de que ai se apresenta uma larga quebrada do terreno, ocupada agora pela bacia do Lourenço Velho e certa parte adjacente do Paraibuna". (*Bacia* do ***Paraibuna,*** págs. 36-37).

[42] Idem, pág. 37.

[43] Idem, pág. 37.

[44] "Não é certo que o Paraiba tenha tido como origem um grande lago; entre os rios existem prolongamentos laterais que levam a hipótese da existência de pequenas represas de cuja reunião resultou o curso do Paraíba". ("21.ª Tertúlia Semanal". "Boletim Geográfico", ano I, n.º 8, 1943, pág. 101).

O vale paulista do Paraíba teria tido, assim, de acôrdo com RAIMUNDO RIBEIRO FILHO a sua formação inteiramente ligada a tectonismos, no que se refere ao curso atual do rio, sendo excluída a hipótese de captura do Paraitinga-Paraibuna. O cotovêlo de Guararema seria explicado pelo próprio mecanismo do fôsso, não obstante parecer o autor, pelos seus dizeres, parcialmente partidário de uma erosão inicial, conforme MORAIS RÊGO.[45] Deduzimos da sua exposição que o autor concilia as duas correntes sôbre a origem do vale do Paraíba na zona paulista, fazendo preceder a formação tectônica de uma fase erosiva na bacia. Mas não obstante ser nela contrariada a hipótese de captura do Paraitinga-Paraibuna, o Tietê nasceria nos referidos lagos. A drenagem do vale paulista era feita para oeste, e não para leste, onde o Paraíba em seu atual percurso passa rente ao Itatiaia.

Êste maciço unido ao da Bocaina barrava dêsse lado a região lacustre de São Paulo, onde se depositavam os sedimentos pliocênicos. Dessa região de lagos de alto nível sairia o Tietê, não sendo possível precisar as suas nascentes.

Sôbre o desvio posterior dessas águas para leste o autor discute longamente as três hipóteses que apresenta uma ruptura tectônica no flanco sul do Itatiaia, a barragem da bacia lacustre por êste maciço, e o transbordamento dos próprios lagos abrindo passagem pela erosão. A primeira é a única a nos oferecer indícios favoráveis.

O cepticismo que em veral mostram os geólogos para admitir a existência de falhas sem provas tectônicas bem especificadas, vai nos mostrar na estrutura do vale a importância do auxílio mútuo entre ramos correlatos da Ciência para *o* esclarecimento de problemas cuja solução uma só delas não tem elementos para resolver.

---

[45] "Entretanto o mecanismo do Graben explicaria satisfatòriamente o cotovêlo do Paraiba, sem que o Paraitinga fôsse, necessariamente, cabeceira do Tietê; essa idéia parece que é sugerida sòmente porque um se acha no prolongamento do outro; ela importaria em supor que, antes do Pleistoceno, a drenagem do Tietê se prolongava muito pouco inclinatla até a serra da Bocalna, sem que essa parte tivesse sido afetada pelo tectonismo do Paraiba. Note-se que a altitude do ramõ oriental das cabeceiras do Tietê — Paraitinga do Tieté —, só é encontrada no Paraitinga, — do Paraiba —, muito *além* de São Luis do Paraitinga, isto é, a mais de 100 *quilômetros* em *reta, para leste*. Além disso, a ação erosiva de águas pouco volumosas haveria produzido entre um e outro rio mais de 200 metros de diferença de nível no cristalino, rebaixo êsse que não é impossível mas improvável, dado o que se observa na atividade de outras partes do curso.

É mais fácil compreender que a singular forma de drenagem atual naquele canto do Vale, tenha sido conseqüência apenas da depressão tectõnica, afetando a inclinação do terreno. Antes do Graben, na Era Terciária, o nivel geral das terras teria atingido o estádio de planura, embora conservando topos salientes na formação cristalina; na planura se estendiam grandes superfícies lacustres, particularmente um lago talvez continuo, desde o maciço do Itatiaia até a planicie de São Paulo, cujas bordas atingiam pontos que hoje estão entre 800 e 900 metros acima do nivel do mar. O terraço formado pelas bacias do Paraitinga e Paraibuna, bem como os depósitos terciários do vale do Paraiba e da planície de São Paulo, fazem acreditar a hipótese dêsse largo espaço tabular e lacustre. Em tôrno dêle, entre os limites acima referidos, há uma particular disposição orográfica, capaz de haver fechado o contôrno, salvo aberturas em que situavam cabeceiras fluviais saindo da região dos lagos". (RAIMUNDO RIBEIRO FILHO, obr. cit., págs. 38-39).

Sem a Geologia não pode ser explicada a Geografia Física. Mas também os geógrafos mais preocupados com as formas do relêvo, podem comumente nos trazer valiosas contribuições, mormente as que se referem a fenômenos geomorfológicos fundamentais. São elas capazes de revelar a existência de movimentos tectônicos duvidosos pela inexistência de argumentos geológicos indiscutíveis.

MORAIS RÊGO com a sua elevada competência de geólogo, em falta de irrecusáveis provas tectônicas que o pusessem a vontade com a sua ética profissional, preferiu aceitar uma formação erosiva para a bacia paulista do Paraíba.

Quando escrevemos sôbre o Itatiaia, também nos recusamos por motivos idênticos admitir falhas apontadas no alto da montanha por ALBERTO BETIM PAIS LEME, o qual não se baseava em claros indícios de um desabamento mas em ilusórios aspectos locais, adiantando que, "as fôrças orogênicas que dobraram as camadas de gnaisse, dando-lhe a orientação, atuaram igualmente nas massas compactas de sienito".[46]

Em nossas observações locais e em tôrno da montanha, quando focalizávamos fenômenos estritamente geológicos, nada encontramos que viesse ccnfirmar essa afirmativa, mormente quanto a atuação do enrugamento sôbre o compacto maciço foiaítico, de idade posterior *à* dobra, que mesmo nem sequer foi perturbada pela intrusão.

De maneira idêntica e dentro das possibilidades de observação num estudo sintético de caráter regional, nenhum indício de falha foi verificado, merecendo especial anotação o fato de que as camadas de gnaisse em ambos os lados do maciço mergulham uniformemente para suleste, sem perturbações estratigráficas devidas a grande massa intrusiva. Não foram registadas mudanças súbitas na inclinação das camadas, presença de estruturas autoclásticas de arrastamento, drag —; ou quaisquer outras provas inequívocas de um desabamento a investigação geológica.

Restava pois, entregar o problema aos geomorfologistas para uma análise da evolução superficial do vale.

DE MARTONNE, absorvido pelas formas singulares do relêvo no cimo do Itatiaia, concentrou-se na explicação da sua origem, interessando-se particularmente pela atuação dos elementos climáticos. Não penetrou na questão das falhas, embora em uma das suas secções apresente o maciço como um pilar. Neste corte, em ambas as faces do bloco falhado, o mergulho do gnaisse aparece justamente em sentido inverso a realidade, com pendor para Minas Gerais, além de que, nesta e nas demais secções, tanto ao norte de Petrópolis quanto na bacia paulista coloca o Paraíba numa fossa de

[46] PAIS *LEME, Alberto Betim: Notas geológicas sôbre o maciço* do *Itatzaia* "Boletim do Museu Nacional", n.º 1, *Rio,* 1933, pag. *33.*

rochas proterozóicas da série São Roque,[47] o que prova desacertada concepção da petrografia do vale ainda com uma escassa literatura geológica e impossível de se conhecer em rápidas viagens.

FRANCIS RUELLAN, mais senhor da questão por uma prolongada permanência no Brasil, apresenta-nos, porém, uma convincente argumentação favorável a um desabamento na face meridional do Itatiaia.

É êle também adepto da formação do vale paulista por uma falha do lado da Mantiqueira, não rejeitando todavia inteiramente a possibilidade de um verdadeiro fôsso. Prefere entretanto a hipótese de um ângulo de falha, considerando a serra de Quebra-Cangalhas como testemunho de uma superfície de erosão que continua no centro do vale o rebordo do planalto da serra do Mar, de idêntica altitude.

Esta preferência não o encerra, porém, num critério absolutista, e, como RAIMUNDO RIBEIRO FILHO, coordenando as idéias opostas de uma origem tectônica ou erosiva, coloca-se entre ambas. Admite "grandes falhas na parte oriental do planalto brasileiro, e, depois a erosão se adaptando a êstes movimentos, e finalmente movimentos eustáticos".[48]

Dedicando-se com particular interêsse ao estudo da serra do Mar e do vale do Paraíba, RUELLAN reuniu valiosa série de elementos analíticos, com os quais nos viria dar uma eloquente síntese em "A evolução geomorfológica da baía de Guanabara e das regiões vizinhas".[49]

Em suas pesquisas sôbre o Itatiaia, considera-o nivelado com a superfície dos campos mineiros, sôbre os quais os picos das Agulhas Negras e das Prateleiras despontam como antigos *monadnocks* "posteriormente acentuados pela ação de nevadas".

Ao tecer considerações em tôrno da hierarquia de superfícies observada na serra do Mar vista do Itatiaia, bem como sôbre os relevos intermediários do vale do Paraíba, — Quebra-Cangalhas —, e, ao analisar os contrafortes do maciço foiaítico entre a estação de Itatiaia e o distrito do mesmo nome, antigo Campo Belo,[50] que forçam o rio dêste nome a correr numa garganta, afirma o autor a "existência de falhas em degraus". A descida do Itatiaia ao Paraíba é feita por degraus, várias cristas são transpostas sucessivamente. Logo, deve ser aceita a hipótese de uma ou duas escadarias de falhas.[51]

---

[47] DE MARTONNE, Emmanuel: art. cit., "Revista Brasileira de Geografia", ano V, n.º 4. pág. 527.

[48] RUELLAN, Francis: *86.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", ano II, n.º 21, 1941, pág. 1735.

[49] Idem: "Revista Brasileira de Geografia", ano VI, n.º 4, 1944.

[50] A estação Barão Homem de Melo servia ao distrito de Campo Belo. Com a mudança do nome dêste Para Itatiaia, aquela estação tomou também por fôrça de lei, a denominação de Itatiaia. Isto fêz mudar a designação de Itatiaia de outra estação vizinha, Para Nhangapi.

[51] Idem: *21.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", ano I, n.º 8, pág. 100.

Outra importante consideração de RUELLAN em tôrno de tectonismos na morfologia do vale do Paraíba e que envolvem o Itatiaia, é o de serem os afluentes nesta zona juvenis. "Do ponto de vista morfológico, é difícil que o Paraíba seja um simples vale. Parece ser algo de mais complexo; de cada lado do vale há zonas montanhosas, entre ambas fica uma zona de "meias-laranjas" e uma zona intermediária de planície. Se o Paraíba tivesse sido capaz de escavar tudo isto, haveria na sua margem esquerda rios mais evoluídos que o Maromba. Ora, êles são na margem esquerda muito mais curtos e modestos. Se o Paraíba fôsse tão poderoso, seus afluentes aumentariam na direção de Minas; isto não se dá, as capturas em proveito da rêde do Paraíba, são raras. De um lado tem-se o Paraíba com seus afluentes pequenos, do lado de Minas, encontram-se grandes rios que teriam sido capturados se o Paraíba fôsse suficientemente poderoso". [52]

Cremos bastarem êstes argumentos para que se dissipem quaisquer negações de falhas no Itatiaia, semelhantes as que para oeste haviam talhado a Mantiqueira.

Quanto ao divisor entre o rio Prêto e o Paraíba, a serra da Pedra Selada com o seu perfil regular, na qual DE MARTONNE localizou vestígios de uma superfície paleogenica, também parece terem-se nela verificado os mesmos deslocamentos. Do lado do Paraíba notam-se nesta zona os mesmos baixos relevos nas proximidades da bacia terciária de Resende, seguidos para o interior de "meias-laranjas", e subitamente, de formas de erosão juvenil nas encostas serranas.

A transição é repentina e o alinhamento da serra sugere um plano de fratura, ao longo do qual se afundou a zona fronteira do vale. Um dos cursos d'água dessa vertente, o Jacutinga, ao ser atingido em Pedra Selada pela estrada de rodagem que vai de Resende ao Núcleo Mauá, tem o leito completamente forrado de seixos rolados de gnaisse com raros espécimes de fonolito. Não seria impossível que, no sopé da Pedra Selada, onde êste rio deixa a serra, venha a ser encontrado um cone de dejeção semelhante ao de Itatiaia, cujos testemunhos chegassem até ali desintegrados.

O trecho do Paraíba a jusante de Cachoeira Paulista onde terminam os sedimentos cenozóicos da bacia paulista, deve, pois, ser considerado como adaptação a uma ruptura, provavelmente contemporânea do cotovêlo de Guararema.

O rio nesse trecho até Itatiaia divide o curso médio superior paulista do médio inferior fluminense. Nota-se claramente ali, no perfil longitudinal do Paraíba excepcional declividade. O rio desce encachoeirado, como em degraus. De Queluz ao Paredão o seu desnivelamento é de 3,6 metros por quilômetro. E deve êste último

[52] Idem: *20.ª Tertúlia Semanal*. "Boletim Geográfico", ano I, n º 7, 1943, págs. 79-80.

o seu nome ao fato de ser o leito ali atravessado por um verdadeiro muro vertical de rocha, com um portal de apenas 14 metros para a passagem das águas.

Ao sul da estação de Itatiaia o rio contorna uma projeção do maciço foiaítico, comprime-se de nôvo e vara as corredeiras do Funil. Sòmente após tais corredeiras é que de nôvo as águas se remansam, ao cortarem a bacia fluminense até Ribeirão da Divisa.

A declividade referida ao atingir Itatiaia confirma e consolida a hipótese de uma ruptura que houvesse ligado as duas bacias sedimentares, na qual o rio acomodando-se a um'a estrutura cortada pelo tectonismo, desgasta vivamente o bordo paulista da antiga bacia em busca de equilíbrio.

Pelo seu perfil longitudinal divide-se o Paraíba em dois andares sub-horizontais no médio curso, intervalados por uma zona de erosão ativa. RAIMUNDO RIBEIRO FILHO considera o médio curso superior de Guararema a Cachoeira Paulista e o inferior desta cidade a Itaocara.

Achamos entretanto preferível introduzir mais duas subdivisões no médio curso, salientando o trecho intermediário entre Cachoeira Paulista e a localidade de Itatiaia, como degrau entre dois andares bem definidos, e o trecho entre Anta e São Fidélis, no qual de nôvo o rio se precipita em viva declividade até alcançar nesta cidade a zona tranquila e navegável que vai ao mar. No alto curso é bem visível ainda um terceiro degrau no Paraitinga, da confluência dêste com o Paraibuna até São Luís do Paraitinga, onde começa nôvo andar que vai até a estrada de Cunha. Dêste ponto para as nascentes começam os abruptos da serra do Mar.

Ao considerar o Itatiaia primitivamente ligado a Bocaina, RAIMUNDO RIBEIRO FILHO supõe ter existido a leste dêsse divisor um rio .que corria para o sul através das serras de Parati, "e adiante, por terras austrais desaparecidas hoje". [53] Crê o autor haver sido o rio Pomba o coletor geral do norte fluminense, considerando com razão o trecho do Paraíba de Sapucaia para jusante até a foz do Pirapetinga, como "jovem, retilíneo e de forte declive, *impossível* de ser *admitido* num baixo curso de *rio* extenso e caudaloso que tenha tão longa existência". [54] Não atribui êle êsse declive a um rejuvenescimento por elevação epirogênica, dada a já referida inexistência de depósitos marinhos até abaixo de 100 metros de altitude.

Conclui o engenheiro ser aquêle trecho do Paraíba um antigo afluente do rio Pomba, indo as suas cabeceiras até proximidades de Sapucaia, não precisando porém a existência de um divisor delimitante da bacia do Pomba dêste lado.

---

[53] RIBEIRO FILHO, Raimundo obr. cit., págs. 39-41

[54] Idem, pag. 40.

Êste fato parece-nos porém, suficientemente comprovado, com a leitura da importante contribuição de RUELLAN ao descrever a geomorfologia da Guanabara. A parte ocidental do vale do Paraíba fluminense, seria isolada da oriental, por um maciço de montanhas residuais do antigo planalto, localizado ao norde da Guanabara.

Verificando igualmente o paralelismo de muitos rios serranos, precisa-o RUELLAN como "adaptação apalachiana as direções dos dobramentos que afetaram o gnaisse", chegando a conclusões fundamentais na zona central onde êsse paralelismo é notòriamente obliterado.

Considera êle a serra dos Órgãos como um "bloco falhado, modelado pela erosão fluvial basculado para o norte", e admite a possível existência de falhas transversais, "orientadas sul-norte, delimitando blocos e explicando a depressão e a dissimetria do relêvo do rio Piabanha, e sobretudo, seu repentino rebaixamento a oeste da serra da Estrêla, isto é, a oeste do alinhamento definido pelo pico do Couto — 1364 metros —, e a cidade de Paraíba do Sul". [55]

Como vestígios de uma peneplanação paleogênica subsistem ainda os altos cimos da Pedra **Açu, —** 2 230 metros, e da Pedrg do Sino —, 2 263 metros, talhados em mesa, "bastante regular, sub-horizontal". São êles "alguns testemunhos da superfície de campos, cortados por profundas ravinas". [56]

A existência da superfície paleogênica nos mais altos topos de serras dos fundos da Guanabara, não foi registrada por DE MARTONNE em sua carta geomorfológica na qual sòmente são traçadas nesta zona curvas de nível de superfície neogênica. A notificação de RUELLAN, bem como a sua demonstração do bloco das serras da Estrêla e dos órgãos, tornam-se dêsse modo uma contribuição de máximo valor para a morfologia do vale do Paraíba.

Poderíamos apenas objetar que, para a direção dos afluentes dêsse rio na zona do referido bloco, a hipótese de falhas não é absolutamente necessária para o seu percurso inteiro. Mas pelo menos uma série de fraturas paralelas deve corresponder a orientacão dos rios Ubá, Piabanha, Paquequer Pequeno e Paquequer, em grande extensão dos respectivos cursos, e provavelmente, na margem esquerda do Paraíba ao trecho final do Paraibuna e ao seu afluente o rio Cágado. Parecem êstes últimos acomodados a uma fratura que estabelecendo o curso do Secretário, rio do Fagundes e baixo curso do Piabanha, teria atravessado o leito do Paraíba nas proximidades de Três Barras, indo cortar os terrenos de Minas Gerais.

---

[55] RUELLAN, Francis: *A evolução geomorfológica da baia de Guanabara e das regiões vizinhas.* "Revista Brasileira *de* Geografia", ano VI, n.º 4, 1944, págs. 448-449.

[56] Idem, págs. 449-450.

Fig. 2 — *A "Agulha do Diabo", — cuja escalada é prova das mais difíceis dos alpinistas brasileiros —, é um dos inúmeros picos espetaculares da serra do Mar em Teresópolis.*

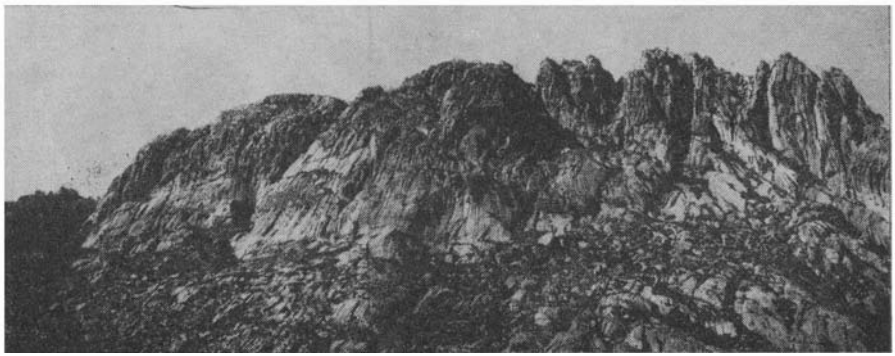


Fig. 3 — *O pico das Agulhas Negras no Itatiaia —, que deve o nome aos numerosos sulcos verticais resultantes da erosão.*

Fig. 4 — *A erosão nas rochas foiaiticas no alto do Itatiaia produz formas bizarras. (Foto do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem)*

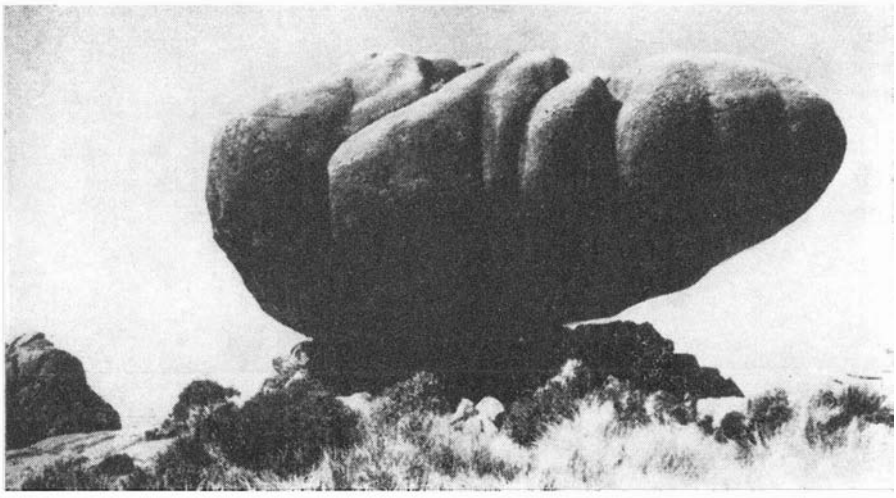


Fig. *5* — *Entre essas formas salientam-se a "Tartaruga" ...*

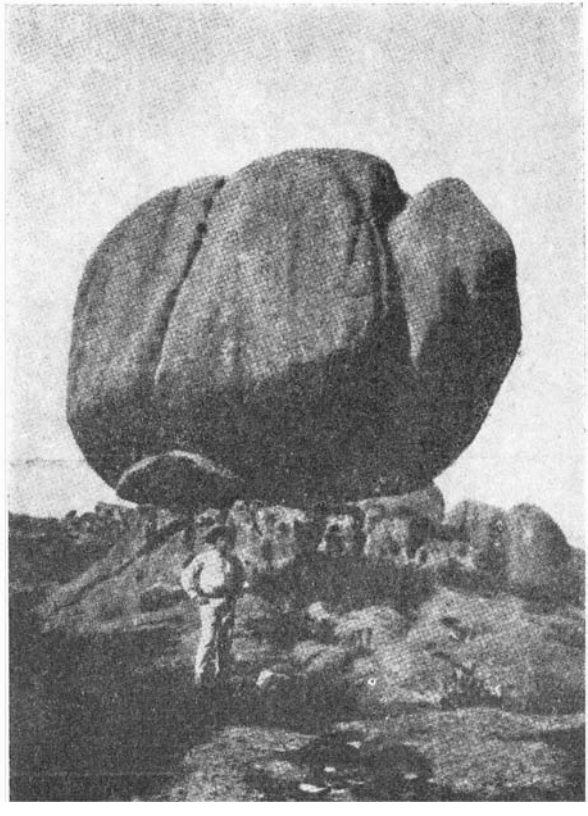


Fig. *6* — *... e a "Maçã"*

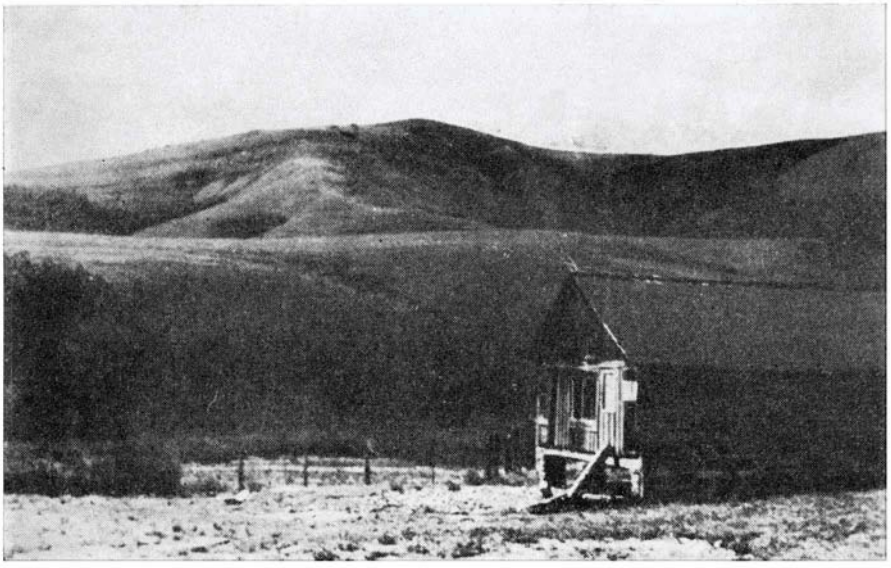


Fig. 7 — *Campos e matas ciliares do alto da serra da Bocaina.*

(Foto AROLDO DE AZEVEDO*)*

Fig. 8 — Vista aérea de um trecho da elevada zona de campos da serra da Bocaina, mostrando as cabeceiras de formadores do Paraíba com matas ciliares ao longo dos seus cursos.

(Foto da Emprêsa Nacional de Fotografias Aéreas)

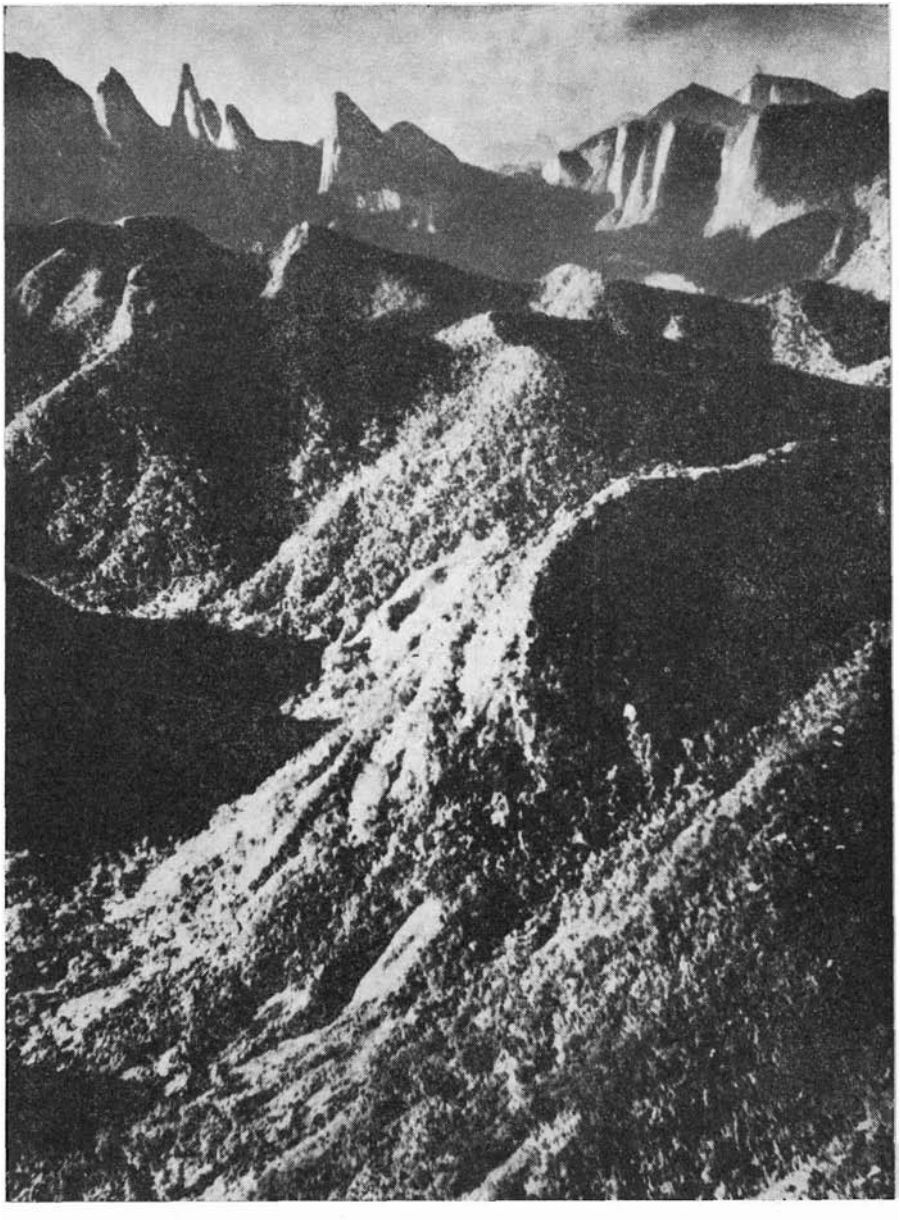


Fig. *9* — *Os mesmos picos da serra dos* **Órgãos** *da figura* **anterior,** *vistos de avião das suas proximidades. Notam-se em vários planos, alinhamentos sucessivos de falhas em degraus, tanto nos contrafortes quanto na prdpria crista da serra partida por elas. Estas falhas são orientadas de sul a norte, coincidindo com as do "Bloco de* **Petrópolis",** *de* **RUELLAN.**

(Foto Panair do Brasil)

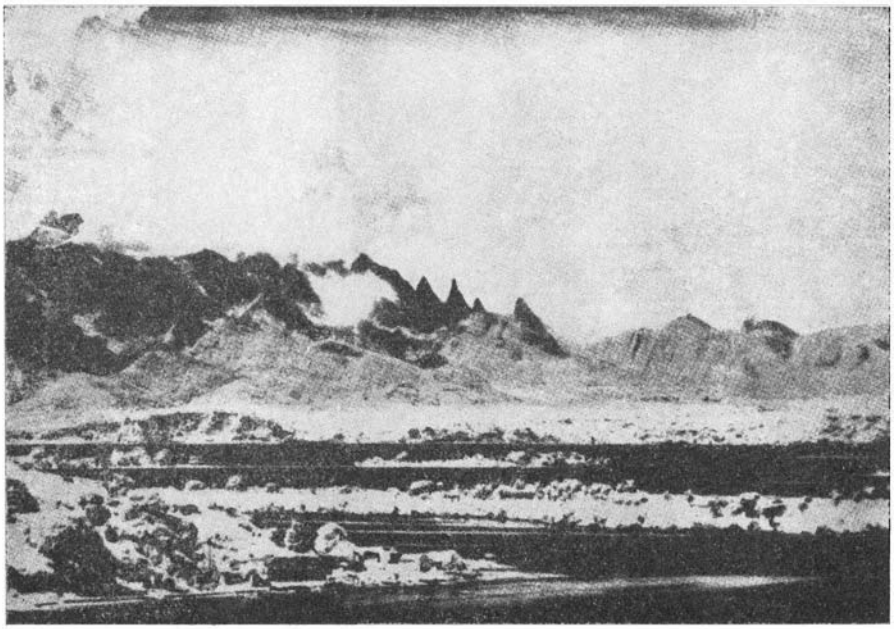


Fig. 10 — O denteaão perfil da serra dos **Órgãos** em **Teresópolis,** em **teleobjetiva, vendo-se no primeiro plano** a **baia** de Guanabara e um trecho do seu **recôncavo.**

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

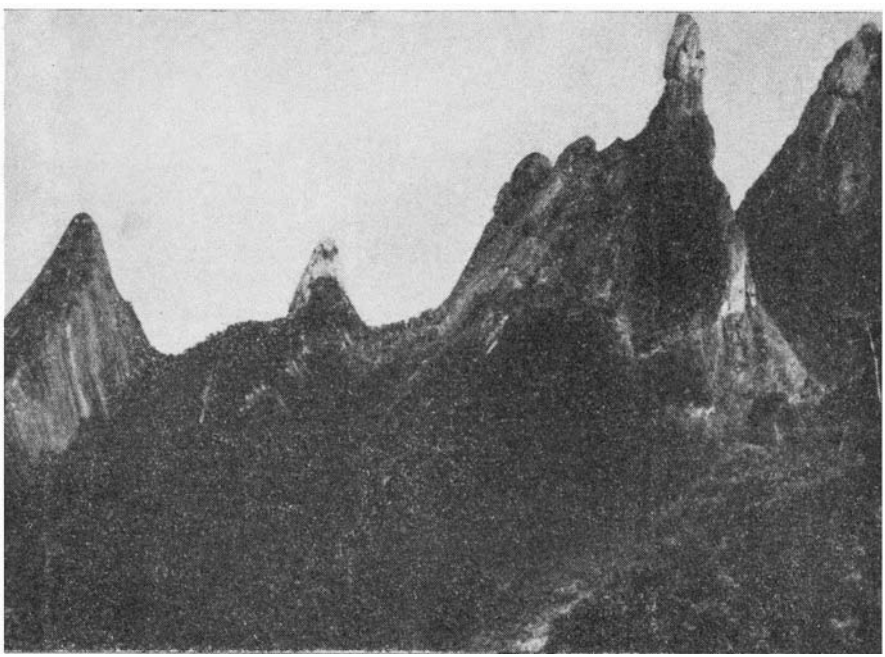


Fig. 11 — O "Dedo de **Deus"** *e alguns dos picos da figura* **anterior,** *vistos do norte da cidade de* **Teresópolis,** *resultantes de uma erosão violenta na zona intensamente fraturada.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

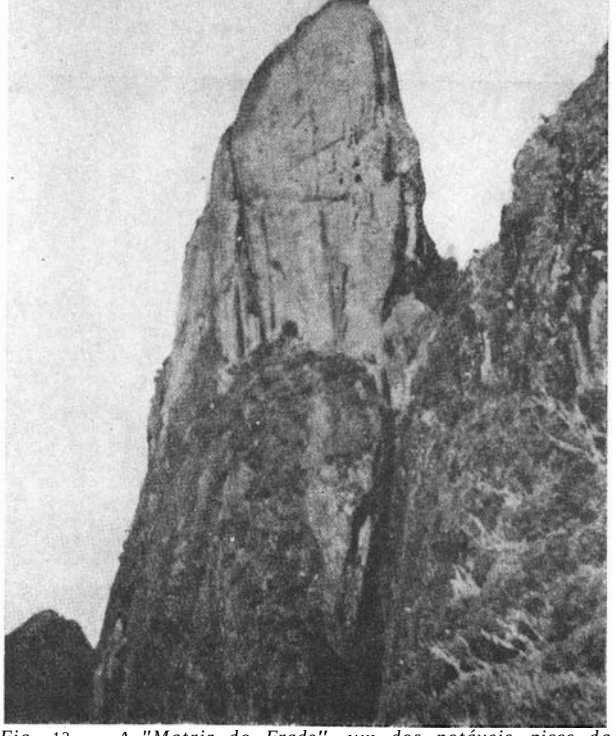


Fig. 12 — A "Matriz do Frade", um dos notáveis picos da serra do Mar em Teresopolis. Em baixo do penedo liso em forma de capuz nota-se escultura natural de uma cabeça humana, com os olhos, o nariz e a longa barba.
(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

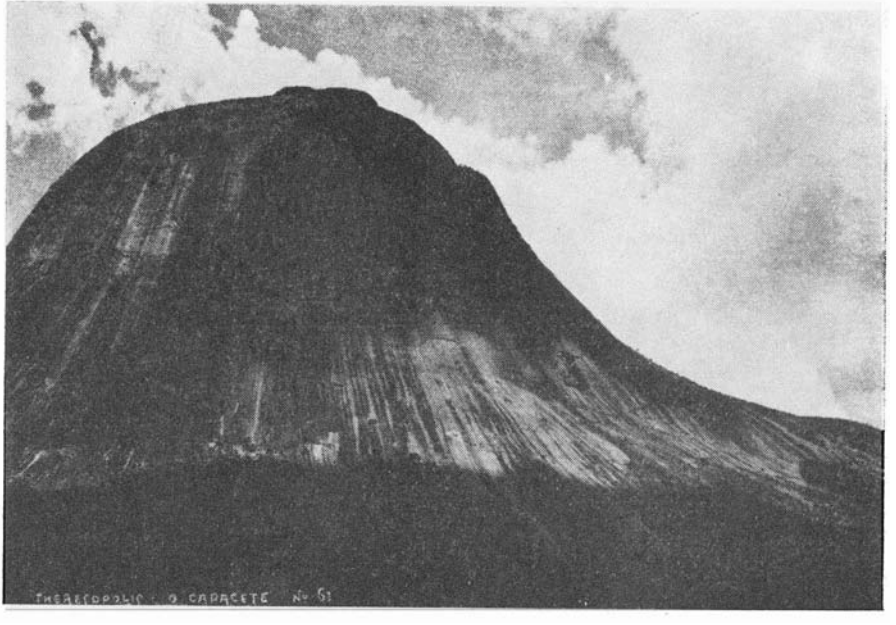


Fig. *13 — Em meio a extraordinária série de picos de Teresópolis, onde entre outros, avultam as agulhas do "Dedo de Deus", do "Frade" e do "Pico do Diabo", sobressaindo pela sua forma singular "O Capacete", que aqui vemos com as suas centenas de metros de lisos paredões.*
(Foto da Prefeitura de Teresopolis)

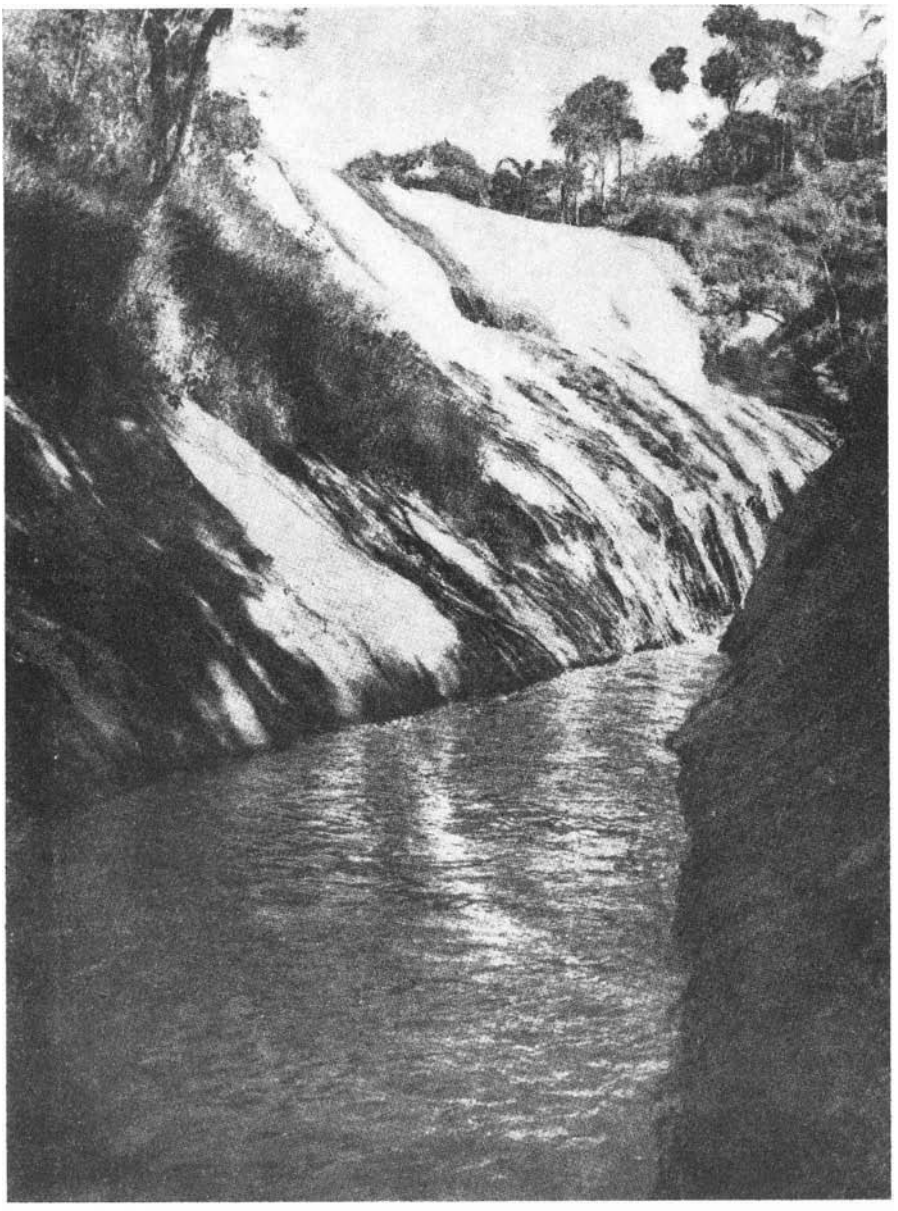


Fig. 14 — Na acidentada zona de Teresópolis não sòmente os picos mas também várias cachoeiras e cascatas parecem resultar do sistema de falhas do "Bloco de Petrópolis". Aqui vemos a cachoeira do Imbui, cuja base retilinea nos leva a admitir uma falha para a sua origem.

(Foto da Prefeitura de Teresópolis)

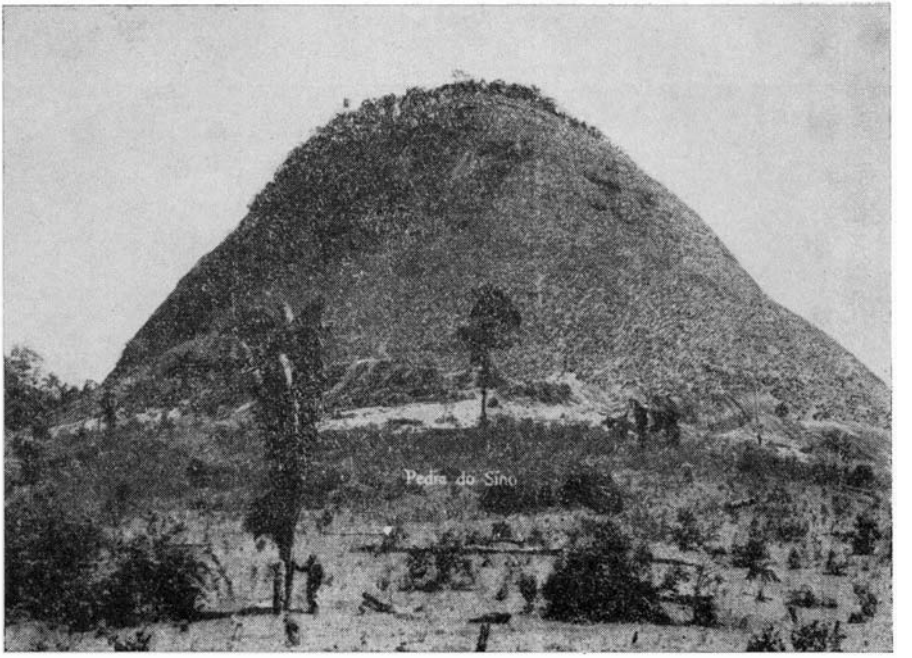


Fig. 15 — A "Pedra do Sino" na serra dos órgãos e seu ponto culminante com 2 263 metros.
(Fototeca do Conselho Nacional de Geografia)

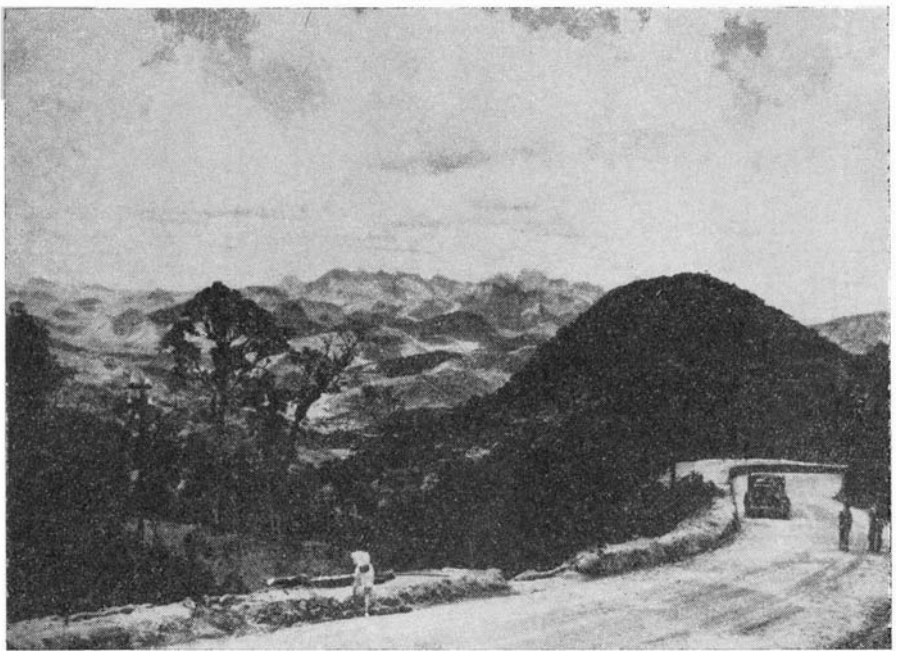


Fig. 16 — A estrada de Itaipava a Teresópolis atravessa parcialmente o "Bloco de Petrópolis" com as suas montanhas elevadas.
(Fototeca do Conselho Nacional de Geografia)

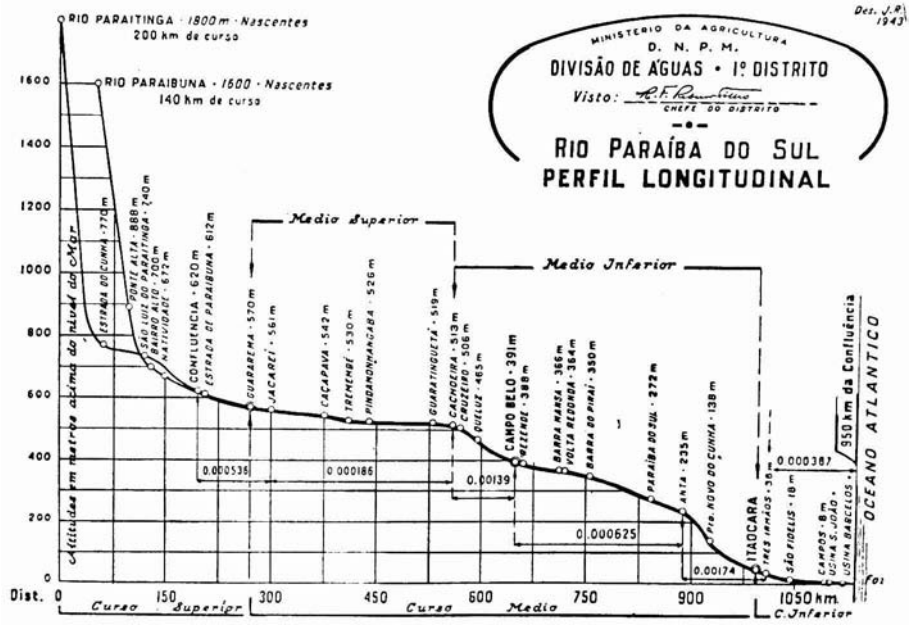


Fig. 17

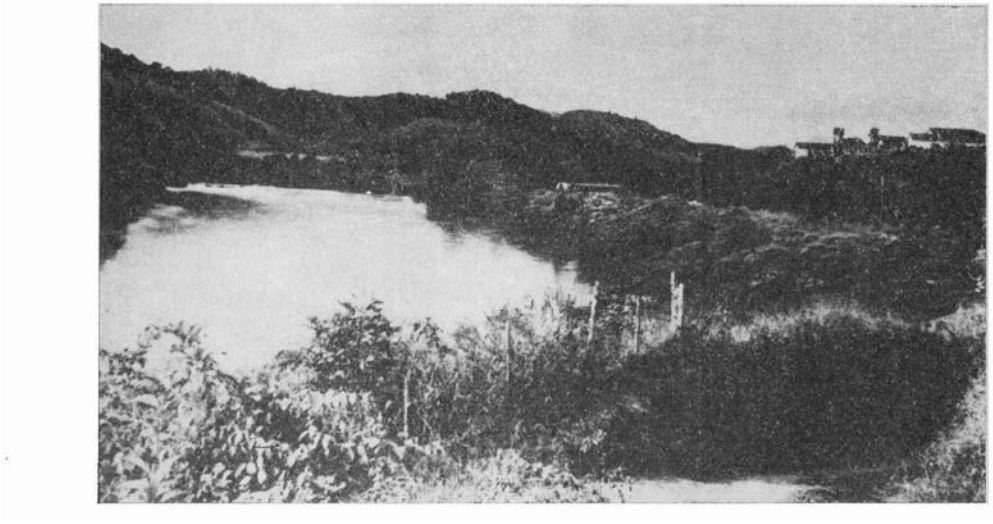


Fig. *18* — *O rio Paraiba, visto de norte a sul no cotovêlo de Guararema e próximo* à *Escada. Ao fundo o morro de Itapema que acompanha o cotovêlo.*

(Foto AROLDO DE AZEVEDO)

Fig. 19 — O rio Paraiba ao chegar a Jacarei, onde deixa a acidentada zona de rochas atoicas para entrar na planície terciaria paulista, podendo-se já notar a degradaçao do relévo no primeiro plano.

(Aerofoto da Emprêsa **Nacional** *de Fotografias Aéreas, por gentileza do Prof.* AROLDO DE AZEVEDO *i*

Fig. *20 — Enquanto nas zonas cristalinas o Paraiba é compelido a ajustar o seu curso à direção do gnaisse, a fraturas tectônicas ou ao contôrno de bossas graniticas, na longa bacia terciariá paulista de rochas menos resistentes e mais facilmente decompostas, o rio divaga por onde quer em vastos meandros. Note-se ao alto um meandro já seccionado, como prenúncio de seu abandono Pelo rio. Outros meandros abandonados e já secos podem ser observados.*

(Foto da Emprêsa Nacional de Fotografias Aéreas, tirada entre Pindamonhangahx e **Roseira**. *Por gentileza do Prof.* AROLDO DE AZEVEDO)

Fig. 21 — *Outro aspecto da divagação geral do rio* na ***bacia terciária paulista,*** *vendo-se no* ***primeiro*** *plano um fragmento de antigo leito abandonado, formando um lago em crescente.*

(Aerofoto a montante de **Guaratinguetá,** *do Anuário* ***Fluviométrico*** n.º *4 — "Bacia do* **Paraíba"** *— da* **Divisão** *de Aguas)*

Fig. 22 — *Ainda na bacia* ***terciária*** *paulista, na zona atravessada pela E.F. Campos do* ***Jordão,*** *vemos antigos meandros que revelam mudanças sucessivas do leito do rio, o qual removeu os sedimentos cenozdicos, depositando aluviões que foram cobertas de vegetação.*

(Foto da ENFA)

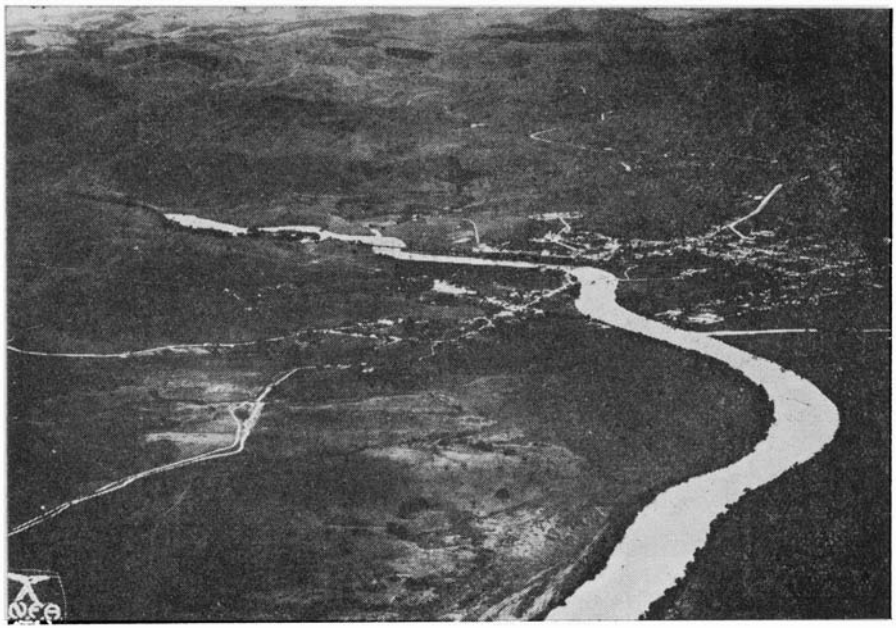


Fig. *23 — O rio Paraiba em Cachoeira Paulista, ao deixar a bacia* ***terciária*** *para* ***ingressar*** *na zona de corredeiras dos limites de São Paulo com o Rio de Janeiro. Nota-se a topografia já mais acidentada na parte superior da fotografia, onde o rio vai passar entre os contrafortes das serras da* ***Bocaina*** *e do Itatiaia.*

(Foto da **ENFA**)

Fig. 24 — A serra da ***Mantiqueira*** *no vale* ***médio*** *paulista, vendo-se a garganta do* ***Embaú.*** *No primeiro plano um trechó da planicie do Parafba.*

(Foto AROLDO DE AZEVEDO)

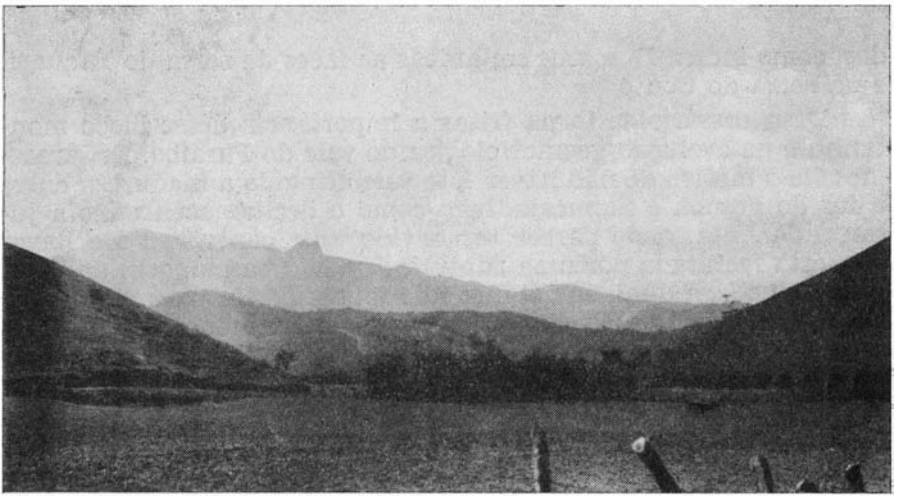


Fig. *25 — A serra da "Pedra Selada", a qual, segundo o autor e contrariamente ao conceito generalizado, prolonga a Mantiqueira para leste do Itatiaia, no Estado do Rio de Janeiro, fazendo ela parte da grande cadeia frontal do sistema. Esta nova cadeia da Mantiqueira estende-se das proximidades da cidade de São Paulo até Vitória. ("Analise Tectônica e Morfológica do Sistema da Mantiqueira"). No primeiro plano o vale do rio Jacutinga forrado de aluviões.*

(Foto do autor)

A elevação dos bordos do bloco nas serras da Estrêla e dos órgãos e o seu empenamento para o Paraíba, seriam suficientes para que os tributários corressem de sul a norte, mas não justificariam o seu paralelismo, sòmente explicável neste caso, por uma adaptação a fraturas paralelas, cujos planos estruturais são predominantes sôbre a orientação das camadas gnáissicas, nesta zona altamente granitizada onde o metamorfismo grandemente obliterou a laminação.

A influência desta torna-se, entretanto, imperiosa quando, longe das cabeceiras, aquêles afluentes atingem a zona do plagioclásio-gnaisse sôbre a qual flui o Paraíba, como nos mostra a orientação do rio Prêto desde que recebe o Paquequer Pequeno até Areal, ou a súbita deflexão do Paquequer ao norte de Sumidouro, entre São Francisco e Carmo.

Onde se poderia, possivelmente, sugerir uma falha é no caso da fratura das baixos cursos do Piabanha e Paraibuna, mas ali, um sensível degrau deveria neste caso notar-se no leito do Paraíba próximo a Três Barras, denunciado quer por uma cachoeira, quer por acentuados declives no perfil do rio.

A hipótese de fraturas é portanto mais viável, embora nas cabeceiras daqueles afluentes na serra do Mar possam elas passar a verdadeiras falhas, formando paredões que estão sendo disseca-

dos, como indica RUELLAN em ambas as faces da serra do Taquaril e na serra do Couto.

Desnecessário se torna frisar a importância dêsse bloco montanhoso na evolução geomorfológica do vale do Paraíba. Esclarece-nos êle o motivo de não haver êste vale atingido a madureza entre a foz do Pomba e Sapucaia, bem como o declive acentuado a jusante de Anta, onde parece ter havido uma captura. Pode haver sido esta facilitada por uma ruptura devido a basculagem do bloco de Petrópolis, a qual, entretanto não foi suficiente para eliminar o divisor entre as duas bacias primitivas, possivelmente ainda representado pelas serras do Bongue e dos Puris em Minas, e por outros pequenos maciços neste Estado, no mesmo alinhamento do bloco de Petrópolis.

Com a presença dêste bloco a dividir a zona do atual médio curso inferior, fortifica-se igualmente a hipótese de RAIMUNDO RIBEIRO FILHO, de um rio com nascentes no Itatiaia. Entre aquêle bloco e a antiga serra Itatiaia-Bocaina, uma ampla bacia poderia ser escavada no planalto, após a modelagem tectônica da Mantiqueira.

Não vemos entretanto sólidos argumentos para que um tal rio fluísse sôbre terras que se estenderiam ao sul de Parati. É bem mais provável haver êle rumado para suleste, sôbre a zona que posteriormente veio a desabar formando as baixadas de Sepetiba e da Guanabara, o que explicaria a erosão das rochas desta faixa litorânea, desgastadas até o batolito. É duvidoso que, um simples desabamento em épocas recentes e a ocorrência de novos ciclos de erosão nas bacias da Baixada, possam explicar a completa remoção em muitos lugares das camadas de gnaisse de um primitivo *anticlinal* que vimos ter existido sôbre esta zona, onde por tôda parte, nos fundos da Guanabara, espontam testemunhos da massa batolítica. Sòmente a peneplanização através de longas idades poderia erodir a primitiva dobra até o embasamento granítico.

Deve ter sido por conseguinte uma superfície já bem peneplanada a que desabou ao ser formada a Guanabara. [57]

Quanto ao curso d'água entre o maciço Itatiaia-Bocaina e o de Petrópolis, os limites setentrionais das suas cabeceiras até o presente são imprecisos, e continuarão a ser antes que estudos geomorfológicos minuciosos sejam efetuados na parte central do vale, no qual, malgrado o testemunho de anteriores ciclos erosivos, o aspecto geral dominante é o de planalto, não obstante o rejuvenescimento do relêvo a processar-se nêle atualmente.

Nesse planalto o cordão das serras do Amparo e das Abóboras e, mais para o interior o das do Rio Bonito e da Taquara, paralelos entre si, indicam deslocamentos estruturais contemporâneos da Mantiqueira.

[57] LAMEGO, **Alberto** Ribeiro: *O Homem e a Guanabara.*

Um pouco além da sua passagem pelo Itatiaia, o Paraíba entra em Barra Mansa no sinclinal do vale, que o irá conduzir por cêrca de 300 quilômetros até São Fidélis. Considerando êste fato, com razão nos diz RAIMUNDO RIBEIRO FILHO que "certamente não significa que o vale tenha existência contínua em tal dobra desde os tempos arqueanos, e partindo do planalto paulista, pois se assim fôsse, com aquêle grande caudal, teria uma bacia profundamente envelhecida, alargada e maduramente desnudada, e isso não é o que denota a forma do vale nem o perfil do rio".[58] Por outro lado, ao por sua vez também notar os dois andares do médio curso, adianta RUELLAN que "observando o perfil longitudinal do Paraíba, pode-se claramente observar duas grandes paliçadas separadas por importantes rupturas de declividade. Deve-se, portanto, encontrar superfícies de erosão encaixadas. Notemos também que, ao escavar o seu leito atual, o Paraíba exumou alinhamentos retilíneos que se assemelham a falhas. É no interior do nível das "meias-laranjas" que se encontram o atual vale do Paraíba e os depósitos terciários".[59]

FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES descrevendo um perfil transversal da bacia do Paraíba na zona do Itatiaia, sintetiza o relêvo como "um imenso fôsso, cercado por duas escarpas abruptas, zonas de "meias-laranjas" de ambos os lados e no fundo uma planície".[60]

Ainda observa RUELLAN que o tôpo das "meias-laranjas" define uma superfície típica, tanto do lado da serra do Mar quanto da Mantiqueira, de notável regularidade, mas que desce gradualmente ao longo do rio. O seu nível que é de 800 metros em Pindamonhangaba, reduz-se a 450 metros ao norte da serra dos órgãos, *o* que para o autor "não é perfeitamente conciliável com a idéia de uma superfície de erosão", podendo representar "a sobrevivência de um dêsses altos níveis abaixados por falhas, ou talvez, como disse DE MARTONNE,, esteja diretamente ligado ao aluvionamento terciário".[61]

Para esta derradeira hipótese, como diz RUELLAN, seria necessária a presença de testemunhos de sedimentos cenozóicos longe do Paraíba e resultantes de um bem mais alto nível do lago em que foram depositados, o qual deveria estender-se por grandes áreas. Já vimos que o autor prefere admitir uma série de pequenos lagos represados.

Numa excursão ferroviária de Barra Mansa a Bananal encontramos num corte entre Cafundó e Rialto, estreitas camadas horizontais de argilas vermelhas e pretas, sob uma capa de aluviões,

---

58 Obr. cit., pág. 40.
59 *21.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", n.º 8, 1943, pág. 100.
60 *18.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", n.º 7, 1943, pág. 71.
61 *21.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", n.º 8, 1943. pág. 100.

que nos pareceram sedimentos cenozóicos. Ora, estando êsses testemunhos quase nos limites de São Paulo, a cêrca de 24 quilômetros ao sul de Ribeirão da Divisa, o lago de Resende teria também nesse caso uma amplitude bem maior, com cêrca de cinco léguas de largura ao invés de uma, além de igualmente expandir-se pelas margens setentrionais do rio. A 3 quilômetros de Rialto há ainda seixos rolados, que também iremos encontrar entre Bananal e Três Barras.

As referidas argilas encontram-se em nível não muito superior ao da várzea do rio Bananal cercado de colinas que ainda apresentam formas de "meias-laranjas", embora seja a região mais acidentada. A sua posição contrapõe-se dêsse modo a hipótese de um aluvionamento terciário generalizado, como preconiza DE MARTONNE, parecendo mais viável a de RUELLAN, ao admitir pequenas bacias isoladas.

O que se dera na zona paulista, parece repetir-se na fluminense, onde em tôrno do grande lago de Resende, outros menores teriam existido, contendo as águas de afluentes do Paraíba.

Os recentes cortes da Estrada de Ferro Central do Brasil em Ribeirão da Divisa, mostram que a bacia de Resende se estendia mais para o sul de Quatis. As camadas no corte parecem estar em nível bem mais alto do que o da bacia desnudada pelo Paraíba, o que nos faz supor uma extensão maior do lago, sem contudo empìricamente admitirmos um alargamento geral que tivesse erguido aquêle nível ao das "meias-laranjas". Não seria impossível neste caso que outro pequeno lago tenha mesmo existido em Volta Redonda, onde a topografia embora em muito menor escala, assemelhe-se a dos contornos da bacia de Resende, apresentando colinas de suave declive num anfiteatro que contrasta com o trecho do rio entre Ribeirão da Divisa e Barra Mansa, com altos morros marginais de encostas vivas.

Irrefutáveis indícios de mais de um ciclo de erosão, podem ser encontrados em tôda esta zona.

Em Resende, registra RUELLAN "uma superfície terciária com dois andares". [62] Interessantes fenômenos de rejuvenescimento foram observados por PEDRO GEIGER ao longo do rio Barra Mansa entre a cidade dêste nome e Getulândia, num adensamento de morros com o vale do curso d'água em "V", entre duas áreas de colinas baixas e espaçadas como terraços. [63]

Encontramos paisagens de contrastes semelhantes no rio Bananal, em Cafundó, onde ao sul da faixa de "meias-laranjas" de Saudade, ondulações de pequena altitude aparecem deprimindo o relêvo, como encaixamento de uma superfície amadurecida, cercada de uma topografia mais acidentada, sem que a petrografia re-

---

[62] RUELLAN, Francis: *21.ª Tertúlia Semanal*. "Boletim Geográfico", n.º 8, 1943, pág. 101.
[63] *20.ª Tertúlia Semanal*. "Boletim Geográfico", n.º 23, fev. 1943, pág. 1736.

gional indique a presença de rochas de menor resistência aos agentes erosivos.

Difícil se torna explicar tais rebaixamentos superficiais, a não ser pelo tectonismo, que teria descido fragmentos de antigas superfícies de erosão, em faixas marginadas por altos relevos, sôbre os quais age com mais vigor o ciclo atual. Não seria pois improcedente e meramente especulativo, considerar estas áreas rebaixadas do nível das "meias-laranjas" como testemunhos de um ciclo anterior, talvez ligado à última fase erosiva da rêde fluvial intermediária entre o maciço Itatiaia-Bocaina e o de Petrópolis. A velha superfície dêsses pequenos fossos ainda não foi completamente obliterada devido justamente ao seu baixo nível, proporcionador de uma erosão mais suave.

Se o nível das "meias-laranjas" representasse uma peneplanação pliocênica, os encaixamentos de colinas baixas poderiam ser ainda vestígios do mesmo peneplano, descidos a um nível inferior com o reajustamento final dos blocos cuja movimentação arquitetou o vale do Paraíba. Êste rio sulcaria dêsse modo, em tôda a parte ocidental do território fluminense, a área de uma velha bacia de escoamento para suleste, na qual um antigo ciclo de erosão deixou testemunhos em isolados fossos de colinas baixas.

Uma hipótese que nos induziria a supor aquela direção para o escoamento da velha bacia, é a soleira de Barra do Piraí, como tal já bem reconhecida por PIERRE DÉNIS,[64] onde entre o maciço do Tinguá e a serra das Araras, há uma visível depressão no perfil da serra do Mar, que desce a 450 metros, na única passagem baixa para o interior em tôda a cordilheira marítima. Dir-se-ia que, ali, o desgaste anterior das camadas foi tão grande que, o próprio bloco não deixou uma crista, ao ser trabalhado para a conformação atual do vale.

É bem possível que esta depressão ocupe a zona central de uma antiga bacia, sendo de notar que, em Barra do Piraí o Paraíba faz um ângulo, como se o rio ainda ali se adaptasse ao talvegue de uma rêde anterior, com dois braços opostos que nêle se unissem. Um, a vir do Itatiaia e outro da zona de Três Rio, sendo que êste último poderia nas cabeceiras haver dissecado o maciço de Petrópolis, rebaixado no interior pelo empenamento, enquanto na face contrária dêsse divisor uma simétrica dissecação era efetuada pelo mencionado afluente do Pomba, talhando um futuro vale para receber o Paraíba.

Quanto a bacia do Paraibuna mineiro, teve também ela origem com a Mantiqueira, embora não se possa ainda precisar se os deslocamentos nesta zona foram contemporâneos ou posteriores aos da formação do vale paulista. É porém provável que tais rupturas se-

---

[64] Cf. JOSÉ VERÍSSIMO: *30.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", ano I. n.º 8, novembro de 1943, pág. 133.

jam de mesma idade que o rasgão do Paraíba rente ao Itatiaia, e em concordância com o tectonismo formador do cordão montanhoso das serras da Pedra Selada e da Taquara, responsável pelo paralelismo dos rios Prêto, das Flôres e Bonito. A não ser que o Paraibuna tenha sido outrora um afluente do Pomba, o que é difícil de se admitir, pois neste caso teria êle contribuído para um maior envelhecimento da bacia do Paraíba a leste de Sapucaia, a hipótese mais plausível para a sua origem, é a de não ser um rio muito antigo.

Algumas interessantes observações de FANNY KOIFFMAN, parecem nos indicar dois aspectos contrastantes na morfologia do Paraibuna. Os degraus da Mantiqueira no vale dêste rio, contrariamente ao cerrado escalonamento da zona de sudoeste, distanciam-se uns dos outros, erguendo-se o primeiro pouco após a entrada em terras mineiras. No alto vale escalado pela Central do Brasil, no qual não viu DE MARTONNE quaisquer indícios de tectonismo, pois não no-los mostra em sua carta, a erosão parece processar-se no próprio planalto empenado para suleste, enquanto o baixo curso atravessa uma zona fraturada.

"Nesse trecho a Mantiqueira é mais baixa, por ser mais dissecada pelos rios a partir do rio Prêto; seu rebôrdo não é tão nítido. Exatamente esta ocorrência faz com que seja mais fácil a passagem para o planalto, passagem esta marcada a entrada por Três Rios.

Perto da confluência do rio Prêto com o Paraibuna, aparece um imponente paredão de gnaisse, com grande escarpamento, — a Pedra do Paraibuna —, que representa já o rebordo da Mantiqueira e a "ponta de lança", a mais avançada do planalto de Minas. É marcada por uma superfície de erosão, provavelmente paleogênica.[65]

Em sua comunicação a autora admite uma subida "por níveis de erosão emboités, cuja progressão para montante é momentâneamente impedida por intrusões de rochas duras, a que correspondem cascatas e rápidos", atingindo-se afinal um nível de "largas planícies, cercadas irregularmente por colinas de suave relêvo".

A partir de Juiz de Fora, entra-se numa *zona* de *transição*, "quer do ponto de vista geomorfológico quer antropogeográfico". Troca-se "uma superfície de erosão arqueana, já bastante desgastada, por outra, mais alta, — a paleogênica —, onde já se entra em contacto com a série Minas".[66]

---

[65] *57.ª* Tertúlia Semanal. "Boletim Geográfico", n.º 15, 1944, pág. 335.

[66] A autora marca a transição para a série de Minas além de Rocha Dias, e justamente um dos argumentos geológicos a confirmarem essa formação em degraus da Mantiqueira, seria o achado de sedlmentos proterozóicos no médio e baixo vale do Paraibuna. Infelizmente, até hoje tais sedimentos não foram encontrados. Diz-nos entretanto SAINT-HILAIRE que, a serra Negra, entre os rios do Peixe e Prêto, é constituída de terrenos quartzosos, com muita areia branca, e de rochas escorregadias que sugerem xistos e quartzitos da série de Minas. A vegetação em contraste com a dos morros circundantes *6* de cerrados. (Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo — *1822* (tradução de AFONSO DE E. TAUNAY, São Paulo, 1932, 43-48). Não

Trazendo a borda do planalto as vizinhanças do Paraíba, FANNY KOIFFMAN apresenta-nos uma contribuição original para esta zona, que DE MARTONNE deixou em branco em sua carta, entre aquêle rio e o Prêto, não obstante as elevadas serras dos municípios fluminenses de Marquês de Valença e de Rio das Flores. Articuladas ao divisor dêste rio que vem do Itatiaia, as serras das Minhocas, das Cruzes e das Abóboras, levantam um grande paredão a impedir qualquer escoamento do interior, e, a não ser a passagem relativamente estreita do Paraibuna para atingir o Paraíba, essa muralha continua para nordeste.

DE MARTONNE a representa por uma falha, paralela a êste rio, do lado mineiro, a partir da confluência do Cágado com o Paraibuna.

As águas desta bacia só poderiam dêsse modo atingir o vale do Paraíba nesta zona através da indicada fratura Piabanha-Paraibuna, rasgando aquêle paredão de serras na modelagem tectônica e final do vale.

A existência da superfície paleogênica acima de Juiz de Fora leva-nos a presumir a existência nesta bacia de um nôvo bloco movimentado. RUELLAN considera o rio do Peixe, afluente da margem direita do Paraibuna como um rio de planalto, com descida lenta, sem acidentes perturbadores do seu percurso.[67] Vemos em contraste, porém, os afluentes da margem esquerda extremamente curtos, como se dissecassem uma próxima crista de falhas. E tal hidrografia dá-nos a idéia de um bloco basculado para leste, com ruptura ao longo do leito do Paraibuna, o que ao mesmo tempo explica a direção dêste curso d'água, transversal a do gnaisse e a orientação do Paraíba. Normalmente a essa ruptura, outras deram os degraus distanciados da Mantiqueira.

Na carta de DE MARTONNE não se encontram referências geomorfológicas à zona entre os rios Pomba e Muriaé. No mesmo alinhamento porém, da falha a leste da confluência do Cágado com o Paraibuna, distingue-se entre aquêles rios no território fluminense a serra de Monte Verde, em frente a qual, entre Cambuci e Pureza, estende-se para nordeste uma faixa de colinas muito baixas.[68] Não temos dúvidas que igualmente êsse relêvo esteja ligado ao mesmo tectonismo, visível ainda, no mesmo correr, em outro cordão serrano de aspecto semelhante: as serras de Monte Alegre e Santo Eduardo, entre o Muriaé e o Itabapoana.

---

existindo estudos geológicos sôbre esta serra, não podemos garantir seja ela de rochas proterozóicas ou azóicas altamente silicificadas e passando a pseudo-quartzitos primitivos.

[67] *20.ª Tertúlia Semanal.* "Boletim Geográfico", n.º 7, Rio, 1943, pág. 30.

[68] Contrariamente ao que se vê na carta do Estado do Rio de Janeiro de 1922, a serra de Monte Verde não é ligada à do Sapateiro. Existe de permeio uma larga depressão de colinas de baixo nível. O Sapateiro aliás, não é mais que um penedo de cêrca de 900 metros, unido ao cordão serrano da Caconda entre o Paraíba e o Muriaé, cuja face para as planícies de Campos é um grande paredão de falhas, pertencentes ao sistema da serra do Mar.

Seriam estas serras o primeiro degrau da Mantiqueira no norte fluminense, bem mais próxima ao mar do que se supunha.

Por trás destas elevações nos municípios de Pádua, Miracema e Itaperuna, parece existir outro degrau. Nos dois primeiros, os afluentes do Pomba, paralelos entre si até os limites de Minas, demonstram uma adaptação apalachiana dos rios aos relevos, e o mesmo se pode dizer dos afluentes da margem direita do Muriaé em Itaperuna, embora essa adaptação seja ali menos aparente. Entre o Muriaé e o Itabapoana, entretanto, há como que uma deflexão dos cursos d'água que seguem mais uma orientação de norte a sul, o que é explicado pela abertura de leques de serras no sul do Espírito Santo, o que demonstramos ao analisar o sistema da Mantiqueira. [69]

Altos morros irregulares se ressaltam em certas zonas de Itaperuna, sulcados de vales estreitos e encachoeirados, em meio a um modelado mais maduro, como de um ciclo anterior.

Nos fundos de tôda essa topografia, nos limites de Minas com o Estado do Rio entre o Pomba e o Carangola, outro elevado cordão serrano indica o nôvo degrau a que nos referimos, mormente na serra da Divisão a noroeste de Pádua e de Miracema, e na Pedra do Elefante, ou Elefantina, cujo abrupto paredão tem tôda a verossimilhança de uma grande falha.

Adicionadas estas referência a carta geomorfológica de DE MARTONNE, vemos ter êle razão ao dizer que, "um exame rápido do sul do Estado de Minas, permite pois, completar com felicidade o que ensina a análise do relêvo e da estrutura do maciço antigo do Estado de São Paulo", [70] acrescentando apenas que, mais definitivas ainda se tornam as conclusões, com as pesquisas sôbre o relêvo no território fluminense.

A sua afirmação de que o "grande abrupto *da* Mantiqueira permanece intacto, e os afluentes da margem esquerda do grande rio, — o Paraíba —, só ganha em terreno com os rios Pomba e Muriaé, lá onde o degrau contínuo desde as nascentes do Atibaia até as do rio Grande, se divide em numerosas flexuras de amplitude relativamente reduzida", contestaremos porém que, nas bacias daqueles rios repetem-se os mesmos fenômenos que na do Paraibuna. com a existência de largos degraus tectônicos da Mantiqueira. O próprio curso do Muriaé, de Cardoso Moreira onde finaliza a navegação, para montante com os seus longos estirões tranquilos intervalados de corredeiras de gnaisse, parece refletir essa estrutura por êle cortada normalmente. O rio parece descer uma longa escadaria no território fluminense, de amplos degraus transpostos sucessivamente.

---

[69] LAMEGO, Alberto Ribeiro: Análise Tectônica e *Morfológica do* Sistema da Mantiqueira. Tese aprovada com louvor no 2.º Congresso Pan-Americano de Engenharia de Minas e Geologia, realizado em Petrópolis em outubro de 1946..

[70] Obr. cit., ano V, n.º 4, pág. 541.

Em seu conjunto a topografia do vale do Muriaé, apresenta-se entretanto, ao ser vista de Campos, como sensivelmente deprimida, em confronto com a do vale do Paraíba, e mesmo mais ao norte com a do Itabapoana. Nota-se uma larga depressão entre os divisores dêsses rios ocupada pelo Muriaé, que deve ser um rio bem mais velho, não obstante o aspecto juvenil de certas zonas do vale, remodeladas por tectonismo.

O coletor geral do norte fluminense parece dêsse modo ter sido o Muriaé e não o Pomba, como sugere RAIMUNDO RIBEIRO FILHO, sendo que êste rio bem poderia ter sido um afluente do primeiro, unindo-se a êle através da baixada ao sul da serra de Monte Verde, visto que a garganta do Paraíba ao sul de São Fidélis é por demais estreita para que se lhe possa atribuir idade muito antiga.

Prova subsidiária da antiguidade do vale do Muriaé, dir-se-ia também ser dada pelos tabuleiros litorâneos que, no baixo curso do rio penetram até Santana, nas fraldas da serra da Onça, uma velha enseada hoje por êles entulhada, enquanto uma tal abertura não é observada na zona serrana de onde sai o Paraíba.

Em síntese final, vemos, pois, ter sido complexa a formação do vale do Paraíba. Embora ainda nos faltem muitos elementos para uma elucidação completa do problema, os já existentes permitem esboçar em linhas gerais a origem da bacia, a qual se integram hoje três bacias outrora independentes, sendo que uma delas, a central, desapareceu remodelada, integrando-se no vale atual.

A primeira, na zona paulista, com escoamento para oeste, tinha por coletor o Tietê. A segunda, entre o maciço Itatiaia-Bocaina e o de Petrópolis, com uma provável circulação para suleste e a terceira tendo como coletores os rios Pomba e Muriaé. Tôdas três, de comêço diferençadas por um jôgo tectônico de blocos rompendo um velho planalto, acabaram por se unirem pela própria evolução dêsse tectonismo, que auxiliado pela erosão na zona central, veio a formar uma calha que serviu de coletor geral.

Iniciado êsse dinamismo provavelmente em princípios do Plioceno, só veio êle a cessar em começos do Pleistoceno com a estabilização dos blocos. O alto Paraíba formado pelo Paraitinga e o Paraibuna anexou-se ao médio curso paulista, provavelmente por uma falha, e o rio passou a circular para nordeste, através de um rasgão tectônico entre Cachoeira Paulista e a localidade de Itatiaia. Desabamentos paralelos ao longo do médio curso fluminense abateram o que restava do velho maciço de Petrópolis, de fraca altitude no interior devido a basculagem, e já quase anulado por dissecação intensa. O centro de uma primitiva dobra onde as rochas comprimidas apresentam notável laminação, foi descoberto nesta zona em que a resultante principal de todo aquêle dinamismo geológico foi a ruptura de Anta, onde o Paraíba começa a descer o último de-

grau para o baixo curso, com a captura das águas de montante pelos afluentes do rio Pomba.

Por tôda a parte oriental do médio curso, o intenso desgaste dos ciclos anteriores que pôs a descoberto os fundos da grande ruga em sinclinal, fêz com que esta passasse a exercer uma decisiva orientação no rio. O gnaisse não é ali perturbado por intrusões graníticas, mantendo-se a estratigrafia primitiva nas rochas perfeitamente larninadas pela compressão orogênica, e uniformemente orientadas de W-SW a E-SE. E o Paraíba estritamente se ajustou ao fundo de uma calha estratigráfica, onde o gnaisse é vertical e tem a direção das águas, com mergulhos de ambas as margens para o leito.

Teve assim êsse grande rio uma tormentada história condicionada pelo tectonismo que, em fases sucessivas foi remodelando a geomorfologia do seu vale. O velho continente que se estendia para o sul, com a formação do Atlântico foi rompido por grandes sistemas de falhas. Um nôvo e escarpado litoral apareceu, seccionado em blocos fraturados com basculagem para o interior. A movimentação dêsses blocos delimitou bacias prolongadamente escavadas, que afinal, com a cessação dêsse dinamismo, acabaram por somar num rio único as águas de três bacias autônomas.

O nível de base do Paraíba, erguido ao se depositarem os tabuleiros terrígenos litorâneos, desceu de nôvo quando êstes sedimentos, provavelmente no Pleistoceno foram submetidos a erosão, sendo em alguns lugares completamente removidos. [11] Um forte ciclo erosivo desbastou nesse período tôda a bacia do grande rio, deixando-nos por tôda parte os seus testemunhos com a abundância de seiros rolados no tôpo dos depósittos cenozóicos do médio curso.

No fim do Pleistoceno de nôvo reergueu-se o nível de base na sedimentação do velho delta do Paraíba em Campos, num crescente afundamento verificado por sondagens, achando-se, porém, hoje estabilizado desde a formação atual das restingas.

Êsse mergulho do bordo continental, na zona da foz do rio, teve como conseqüência um progressivo enfraquecimento das atividades erosivas, em contraste com as do ciclo anterior. Mas com a estabilização atual do nível de base os decrescentes efeitos dessa imersão no relêvo também cessaram. Por tôda parte surgiram no vale retomadas de erosão que o escavam e destroem as superfícies dos sucessivos ciclos modeladores da sua complexa morfologia.

---

[11] Entre a cidade de Campos e as fraldas do morro de Itaoca, há uma fossa que atinge o gnaisse a cêrca de 100 metros de profundidade, inteiramente entulhada de areias e argilas quaternárias que nivelaram a planície, entre remanescentes testemunhos de tabuleiros naqueles dois locais. Como as sondagens que nos forneceram êstes dados foram executadas muito próximo à cidade, na usina do Queimado, é provável que mais para oeste, aquela profundidade seja ainda maior: A emersão que resultou na completa remoção dos tabuleiros, erodidos nesta zona, deve ter sido portanto superior a 100 metros, com uma descida idêntica do nível de base do Paraiba.

Para concluir, apontamos aos geógrafos importante revelação a que chegamos do estudo geomorfológico do vale do Paraíba: *a Mantiqueira não é uma simples cadeia como até hoje a consideram, mas um vasto sistema de serras que, a partir do Itatiaia para nordeste se ramifica pelo norte do Estado do Rio, sul do Espírito Santo e vale do rio Doce em Minas Gerais. A cadeia frontal dêste sistema estende-se do norte da cidade de São Paulo até Vitória, passando pelo norte fluminense com as serras de Monte Verde, Monte Alegre e Santo Eduardo e prosseguindo pelo Espírito Santo com a serra do Itapemirim e demais relevos da faixa marítima.*[72]

Neste Estado a cadeia de escarpas vizinha do litoral já não é portanto mais a serra do Mar, como se tem suposto, dada a sua terminação na Pedra Lisa ao norte de Campos, com deflexões para leste dos seus últimos testemunhos que mergulham em direção ao Atlântico.

III — **RECURSOS** MINERAIS

"Muitos dos mais ricos distritos mineiros ocupam regiões perturbadas, tais como cadeias de montanhas, e a conexão das jazidas minerais com os movimentos da crosta pode ser considerada como íntima".

THOMAS e MAC ALISTER: "The Geology of Ore Deposits". Londres, 1909, pág. 7.

O período colonial das lavras gravou-se indelèvelmente em nossa formação mental. Vivemos a mercê de um saudosismo que alimenta romancistas e historiadores e visionamos, fascinados ainda, a esplêndida Vila Rica das arrôbas de ouro. Aguça-nos um romântico desejo de retôrno as numerosas cidades auríficas espontâneamente a surgirem nos planaltos até os confins de Mato Grosso. Ofusca-nos a miragem coruscante dos lendários garimpos diamantinos e cintilam ainda, cobiçadas, as imaginárias esmeraldas de PAIS LEME.

Mas com as mais sólidas tradições mineiras, não temos hoje uma indústria mineral que consolide a nossa economia.

Iniciativas despontadas com as duas guerras mundiais pela procura de minerais estratégicos, novamente esmoreceram, e a extração de produtos do subsolo tende a estacionar na mesma frouxa indiferença.

Verdade é que, no mercado internacional de minérios, além do ferro, do manganês, da xilita, do cristal e de outros minerais de consumo reduzido, poucas são as perspectivas que se nos abrem, com o bloqueio dos grandes trustes açambarcadores. As grandes

---

[72] LAMEGO, *Alberto Ribeiro: Análise Tectônica e Morfológica do Sistema da Mantiqueira.*

jazidas goianas de níquel por exemplo, por muitos anos permanecerão inexploradas pela incombatível concorrência de um consórcio canadense.

Há um vigilante controle internacional da produção mineira. A grafita, o cromo, o berilo, a mica, quase tôdas as nossas possibilidades de exportação mineral se submetem a grandes capitais gigantescamente organizados, donos de minas e de reservas e absolut s senhores dos mercados pela entrosagem de interêsses mútuos.

Não quer isso dizer, porém, que, não possamos desenvolver a exploração mineral em escala crescente, e compatível com as nossas exigências industriais.

Para um país de 75 milhões de habitantes ainda são poucas as indústrias que utilizam produtos do subsolo, devendo a mineração por todos os meios ser estimulada. E pela sua posição geográfica entre os grandes centros consumidores, parece-nos, também que, neste ponto, o futuro do Estado do Rio não é dos menos promissores, em vista do seu potencial hidráulico como fonte de energia.

A iniciativa de grandes indústrias baseadas na mineração, embora com minérios de outro Estado, já foi dada pelo próprio Govêrno com a usina siderúrgica de Volta Redonda. Mas a exploração das próprias jazidas fluminenses poderá sensivelmente concorrer para a elevação da economia estadual.

Sempre se considerou o Estado do Rio de Janeiro de se subsolo relativamente pobre, mas vindo-lhe esta fama do confronto desigual com Minas Gerais, que por sua riqueza mineral, como indica o próprio nome, coloca-se entre as regiões mais bem favorecidas da Terra. Geólogos e mineralogistas sempre atravessavam a terra fluminense em busca do vizinho campo mineiro de pesquisas e sem a preocupação de investigar uma zona sempre tida como de exploração exclusivamente agrária.

Malgrado, porém, estar ainda por se fazer um reconhecimento mineralógico estadual, os elementos colhidos permitem-nos encarar sem pessimismo o futuro da sua mineração.

Temos como primeiro exemplo os seus depósitos de calcários dolomíticos e de calcita, em lentes alinhadas ao longo da bacia do Paraíba, a partir de Resende e indo até os vales do Muriaé e do Itabapoana, no extremo oposto.

Na sua parte ocidental contêm êsses calcários percentagem bastante elevada de magnésio, tornando-os próprios quase exclusivamente para a fabricação de cal. Mas, à medida que vão sendo 'encontrados na parte inferior da bacia, essa percentagem sensivelmente diminui, sendo mesmo conhecidas enormes jazidas de calcita, em que êste mineral é quase puro.

Essa redução no teor de magnésia dos calcários, sern levar em conta as grandes massas de calcita nos depósitos em Cantagalo e do norte do Estado, que computadas em centenas de milhões de toneladas pode ser avaliada pelas seguintes análises oficiais, efetuadas no Laboratório Central da Produção Mineral:

Localidades	*CaO*	*MgO*
Barra Mansa	27,29	22,64
Rademaker	30,09	18,87
Pinheiral	30,08	20,16
Desengano	27,73	17,52
Barão de Vassouras	27,55	13,15
Laranjais	50,58	2,81
Italva	32,70	12,79
São Joaquim	45,88	6,37

O estudo da jazida da fazenda São Joaquim, provou a existência ao lado do calcário de dezenas de milhões de toneladas de calcita, propiciando a formação da Companhia de Cimento Portland Paraíso. Nessa localidade e em Italva o mármore branco já é explorado para as construções civis do Rio de Janeiro e de São Paulo, havendo mesmo extração de grandes blocos do tipo Carrara, próprio para a estatuária. [73]

Imensas jazidas de calcita podem ter a mesma aplicação na zona de Cantagalo, em Cambuci e em Bom Jesus do Itabapoana, sendo presentemente, geral a fabriçação de cal em quase tôdas.

Na zona serrana ocidental o calcário é, como vimos, dolomítico, e a sua elevada percentagem de magnésio o torna impróprio para cimento. Numerosas são entretanto as jazidas atualmente exploradas em caieiras, quase tôdas a margem da Estrada de Ferro Central do Brasil. Embora de tonelagem muito inferior a dos depósitos de leste e do norte, alcançam por vêzes centenas de toneladas de cubagem, como nos mostra o seguinte quadro: [74]

Localidades							
Faz. Bocaina	Barra Mansa	11,0	km	111 000	ton.	30,15	19,99
Faz. Glória	”	20,11	km	—		25,12	22,90
Faz. São Pedro	”	4,5	km	10 000	ton.	31,82	21,47
Barbará	”	3,0	km	25 000	ton.	35,17	12,74
Faz. Caieira	Rademaker	0,24	km	2 000	ton.	32,66	18,38
Faz. Caieira	”	0,1	km	2 000	ton.	35,73	24,51
Faz. Feliz Remanso	Pinheiral	7,5	km	5 000	ton.	29,75	20,13
Faz. Santa Mônica	Desengano	1,0	km	945 000	ton.	30,15	23,89
Faz. Cotrim	Barão de Vassouras	0,6	km	656 250	ton.	31,08	17,01

[73] LAMEGO, Alberto Ribeiro: Mármores do Muriaé. "Boletim" n.º 97 do Serviço Geológico e Mineralógico, Rio, 1940.

[74] ARROJADO LISBOA, J. M. e ARAÚJO OLIVEIRA, Gabriel, M.: *Jazidas* de *dolomito à* margem da Central do Brasil. "Mineração e Metalurgia", vol. VI, n.º 32, Rio, 1943, pág. 81.

Com uma cubagem que excede 1755 000 toneladas e muito próximos de estações ferroviárias, êsses calcários poderão ter grande importância na economia estadual.

Além dessas jazidas, localizamos um pequeno afloramento em Resende, na 'fazenda Caieiras, légua e meia a suleste da cidade, mas de qualidade inferior e pequeno volume, sendo conhecidas lentes calcárias ainda nas Seguintes localidades: fazenda Cachoeira em Serraria, fazenda Santo Antônio, na serra da Bocaina; fazenda Sossêgo em Paraíba do Sul, Santa Branca na Linha Auxiliar, H. Valente em Barra do Piraí, Batata1 na Estrada de Ferro Leopoldina, Moura Brasil a 6 quilômetros da estação dêsse nome,[75] na serra do Mar em Mambucaba,[76] e em Sousa e Silva.

Amostras de calcário com anfibolita foram. colhidas entre Mário Belo e Serra, na Central do Brasil, e no túnel da serra das Lajes.

Se considerarmos sòmente esta rocha; há pois de um extremo ao outro da região serrana fluminense incalculável riqueza mineral para a extração de mármore ou a ser convertida em produtos econômicos dando origem a pequenas e grandes indústrias, como a do cimento que encontra nos imensos depósitos de calcita da zona oriental matéria-prima de primeira qualidade.

Uma das interessantes jazidas minerais da Serra é a de pirita da fazenda Rio das Canoas, na estação de Sousa e Silva, município de Itaverá, cujo minério é utilizado como fonte de enxôfre da fábrica de pólvora de Piquête. Veios já foram localizados nos locais Bancor, Volta Brava, Colengo, Paraguai e Três Córregos,[77] sendo êste um dos nossos minérios mais complexos.

Quando ali estivemos, anotamos a associação de blenda e galena a pirita, existindo assim vestígios de zinco e chumbo.[78] OTHON LEONARDOS ainda verificou "pequenos cristais aciculares de chalmersita", — sulfeto de cobre e ferro,[79] adiantando-nos também conter a galena 7,2 gramas de prata por tonelada e sendo além disso determinada no sufureto de chumbo a . presença de tálio, metal êste pela primeira vez descoberto no Brasil, e de emprêgo na fabricação de tintas especiais.[80]

FRÓIS ABREU e AGUINALDO DE OLIVEIRA que igualmente estudaram os veeiros de Itaverá, consideram-nos como boa e bem lo-

---

[75] "Mineração e Metalurgia", vol. IV, n.º 19, Rio, 1939, pág. 5.

[76] OLIVEIRA ROXO, Matias Gonsalves de: A Hulha Branca no Estado do Rio de Janeiro, Rio, 1932, pág. 40.

[77] CAPPER ALVES DE SOUSA, Henrique: Piritas de Rio Claro. "Boletim" n.º 34 da Divisão de Fomento da Produção Mineral, Rio, 1939.

[78] LAMEGO, Alberto Ribeiro: O maciço do Ztatiaia e regiões circundantes. "Boletim?' n.º 88 do Serv. Geol. e Mineralógico, Rio, 1937, pág. 51.

[79] LEONARDOS, Othon Henry: Chumbo e Prata no Brasil. "Boletim" n.º 2 do Serv. de Fomento da Prod. Min. Rio, 1934, pag. 64.

[80] Idem: Depósitos de Pirita de Rio Claro, Estado do Rio de Janeiro. "Mineração e Metalurgia", vol. VI, n.º 34, 1942, pág. 184.

calizada fonte de matéria-prima para produção de ácido sulfúrico, base de quase tôdas as indústrias químicas. [81]

"De tôdas as grafitas nacionais a que reúne mais qualidades, tendo sido comparada pelos especialistas as grafitas cristalinas e oleosas do Ceilão" é a das minas de São Benedito e Saudade em São Fidélis. [82] São êstes depósitos bastante conhecidos, visitados por numerosos técnicos nacionais e estrangeiros, concordando todos sôbre a alta qualidade do minério. A questão em dúvida é porém a viabilidade de exploração econômica.

A objeção provém do modo de ocorrência do minério em pequenas bôlsas isoladas, tornando-se aventurosa a prospecção nas rochas encaixantes, com inevitável perfuração de galerias estéreis. Esta disposição das lentes de grafita em rosário e com poucos afloramentos, torna difícil uma idéia de cubagem para uma bem prevista exploração.

Em Pádua também ocorre a grafita, porém mais pobre, e em Itaperuna verificamos no sítio do Portela e no Alto Limoeiro afloramentos do minério. Neste último local aflora a grafita em grande blocos de várias toneladas, parecendo tratar-se de uma bossa. Mas a sua associação a óxidos de ferro e de manganês tem desaconselhado a sua exploração.

Amostras de grafita semelhante a de São Fidélis foram encontradas no rio Bela Joana, na vertente marítima da serra do Mar, não sendo impossível que afloramentos venham a ser descobertos no vale do rio Imbê, pois que identificamos dois pequenos veios 'na escarpa gnáissica de um morro, na margem esquerda do rio Macabu, a uns três quilômetros em linha reta da vila de Conceição". [82a]

A grafita em palhêtas também aparece nos calcários de Italva e Paraíso, e em outros lugares, sobretudo em Itaperuna, onde há notícias de ocorrências na fazenda Pôrto Alegre e na serra de Pirapetinga.

O cristal de rocha é outro mineral de possível exploração no Estado do Rio. Bons exemplares foram lavrados no sitio "Duas Barras", em Rio Bonito, chegando a pesar 25 quilos, [83] e grandes cristais localizados em Chuchu, no 7.º distrito de Macaé, não sendo improvável que ocorrências semelhantes venham a ser descobertas na vizinha zona do Frade, igualmente mineralizada pelos granitos da serra da Boa Vista que se estendem para leste.

---

[81] FRÓIS ABREU, S. e QUEIRÓS DE OLIVEIRA, **Aguinaldo: Pirita. Publ. do Inst. Nacional de Tecnologia, Rio, 1934, pág. 41.**

[82] **Mineração e Metalurgia, vol. VI, n.º 36, 1943, pág. 282.**

[82a] LAMEGO, Alberto Ribeiro: **Grafita em Conceição de Macabu. Relatório inédito apresentado a Divisão de Geologia e Mineralogia.**

[83] **Mineração e *Metalurgia,* vol. VI, n.º 33, Rio, 1942, pág. 124.**

Muitas são as localidades onde pequenos e transparentes cristais têm sido colhidos, generalizando-se dêste modo as possibilidades de novos achados de exploração econômica.

O quartzo róseo brasileiro exportado para a China, Japão e Alemanha para trabalhos artísticos de elevado preço, aparece em várias localidades da zona ocidental da Serra fluminense, notadamente em Silva Jardim e Sousa e Silva e nos arredores de Barra Mansa. [84] Ao sul desta cidade colhemos belas amostras em Morgado, a 4 quilômetros da estação de Antônio Rocha.

Outra variedade de quartzo, a ametista, também ocorre comumente em pegmatitos, tendo existido uma pequena exploração em Sete Pontes, no município de São Gonçalo, zona aliás bastante mineralizada com afloramentos de feldspato, quartzo, mica, barita, calcedônia e grafita. [85]

O feldspato branco ou róseo, em geral associado ao quartzo nos pegmatitos, é um dos minerais mais frequentes na zona cristalina estadual, havendo explorações, inclusive na própria capital do Estado. Uma das mais interessantes jazidas é a de Antônio Rocha, na Estrada de Ferro Oeste de Minas.

Ainda em associação com os minerais pegmatíticos, a mica foi explorada em Niterói, havendo ocorrências em Rio do Ouro e em Grumarim, próximo a São Fidélis. Menciona DJALMA GUIMARÃES como zonas de achados de mica, São Sebastião do Rio Bonito e o município de Carmo [86] e OTHON LEONARDOS cristais de corindon cinzento e baritina na fazenda Santo Antônio, — serra das Araras —, na estrada de Petrópolis.

Provenientes, da decomposição de veios de feldspato, há esparsas ocorrências de caulim, — matéria-prima da porcelana —, tendo havido autorizações de pesquisa nos municípios de Barra do Piraí, Cantagalo, Duas Barras, Paraíba do Sul e Rio das Flôres, na Serra, além dos de Niterói, Maricá, Nova Iguaçu e Macaé, na Baixada. [87]

Entre as localidades brasileiras conhecidas como tendo minérios de níquel, figura a Grota do Ouro, na fazenda Laranjeiras, entre Areal e Bemposta no município de Paraíba do Sul, procedendo a garnierita de um pequeno maciço peridotítico. [88] Foi esta jazida computada em '500 000 toneladas de serpentinitó, contendo em média 2 a 2,5% de níquel''. [89] Também foi coletada garnierita

---

[84] LEONARDOS, *Othon Henry: Quartzo róseo no Brasil.* "Mineração *e Metalurgia",* vol. *I,* n.º 2, *Rio,* 1936, *pág.* 62.

[85] LAMEGO, *Alberto Ribeiro: A geolqgia de Niterói na tectónzca da Guanabara. "Boletim"* n.º 115, *da Divisão de Geologia e Mineralogia, Rio,* 1945, págs. 25-26.

[86] GUIMARÃES, Djalma: *Aspectos econômicos da mzca. "Boletim"* n.º 43 *do Serviço* Geológico e Mineralógico *do Brasil,* Rio, 1929, pág. 34.

[87] *Mineração e Metalurgia, vol. VII,* n.º 38, *Rio,* 1943. pág. 90.

[88] LEONARDOS, *Othon Henry: Ocorrência de garnierita em Areal, municipio de Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro.* Apêndice *ao "Boletim"* n.º 9 *do Serv. de Fomento* da Produção *Mineral, — Níquel no Brasil. de* LUCIANO JAQUES DE MORAIS *e outros.*

[89] IPIRANGA DOS GUARANIS, Milcíades: *Níquel no Brasil. "Mineração e* Metalurgia", vol. III, n.º 13, Rio, 1938, pág. 12.

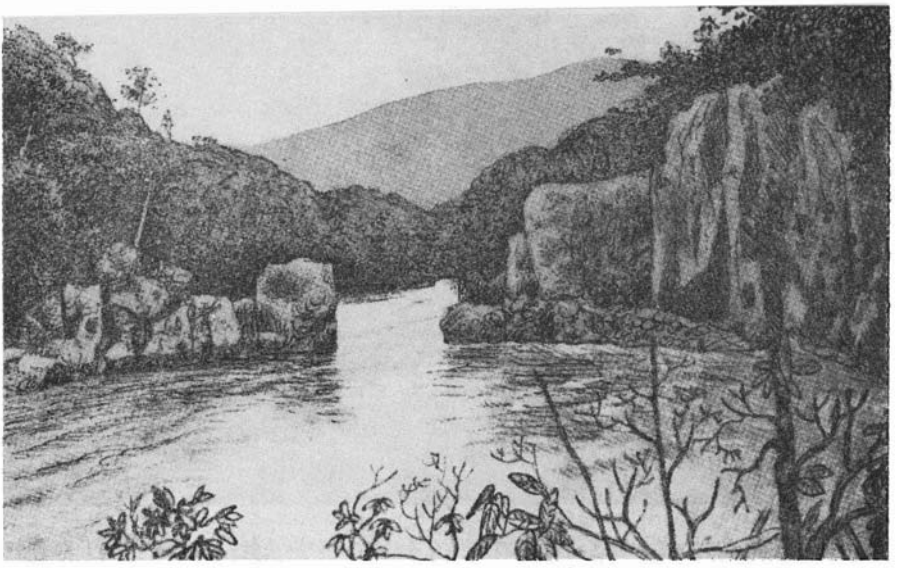


Fig. 26 — O rio Paraiba pouco além da sua entrada no território fluminense, no local denominado "Paredao", devido a uma muralha natural de rocha que ali atravessa o leito, deixando uma passagem para as águas de apenas 14 metros.

(Desenho *de* PERCY LAU, *de uma fotografia do* autor)

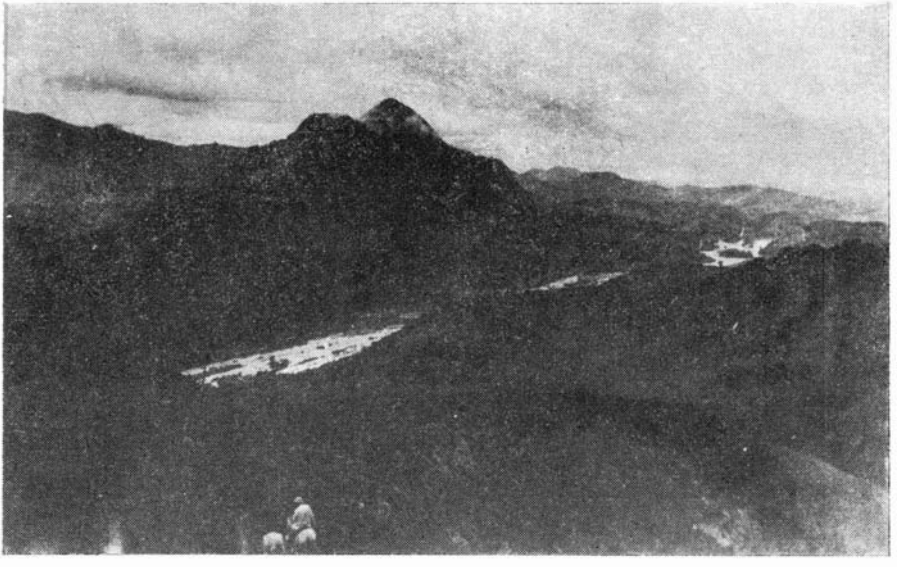


Fig. 27 — Entre Anta e Sapucaia já o Paraiba começa a correr encaixado numa calha, acompanhando o eixo do seu grande sinclinal de gnaisse, cujas camadas verticais e paralelas a direção do rio, podem ser vistas na fotografia. Em ambas as margens, as mesmas camadas mergulham simètricamente para o curso d'água.

(Foto da *Divisão de Águas, do DNPM)*

Fig. *28* — *Na zona da figura anterior, entre Anta e Pôrto Nôvo do Cunha, o Paraiba despenha-se em sucessivas corredeiras. Veia-se o perfil da fig. 17.*

(Foto DNER)

Fig. *29* — *Ainda em Portela o Paraiba apresenta no seu leito o gnaisse em camadas verticais e alinhadas na direção do curso, a semelhança de grandes jangadas de toras. Nas zonas de ambas as margens as rochas continuam a mergulhar simètricamente para o rio, evidenciando a ligação do curso ao eixo do grande sinclinal.*

Fig. 30 — *Últimas corredeiras do Paraiba, a montante de* **São Fidélis**
(Foto CAMILO DE MENESES)

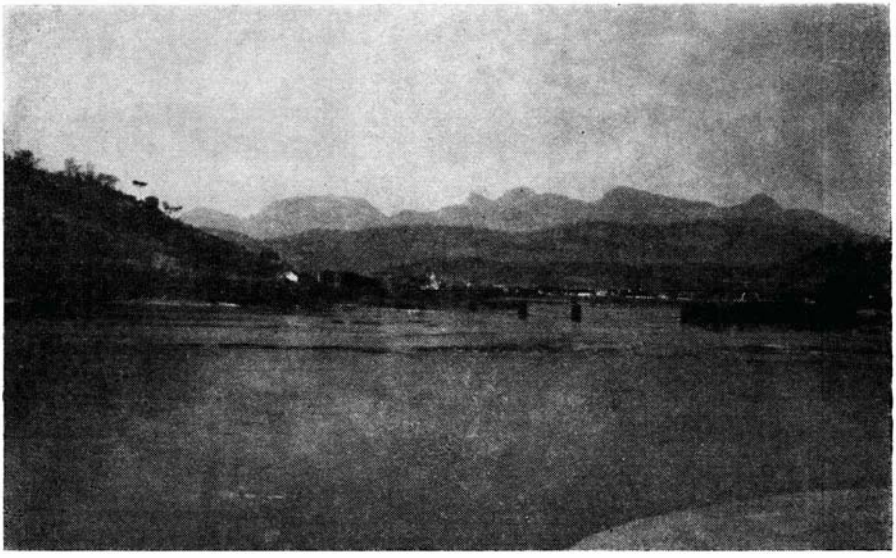


Fig. 31 — *De* ***São Fidélis,*** *que se vê ao centro, o rio Paraiba, embora navegável, tem de atravessar os* ***últimos*** *lances da serra do Mar — ao fundo — pela garganta do Sapateiro, para atingir a planicie campista.*
(Foto CAMILO DE MENESES)

Fig. 32 — *Na sua parte oriental, ao longo do rio* ***Imbé,*** *a serra do Mar apresenta* ***elevadas*** *escarpas* ***inacessíveis,*** *como as da serra Grande ...*

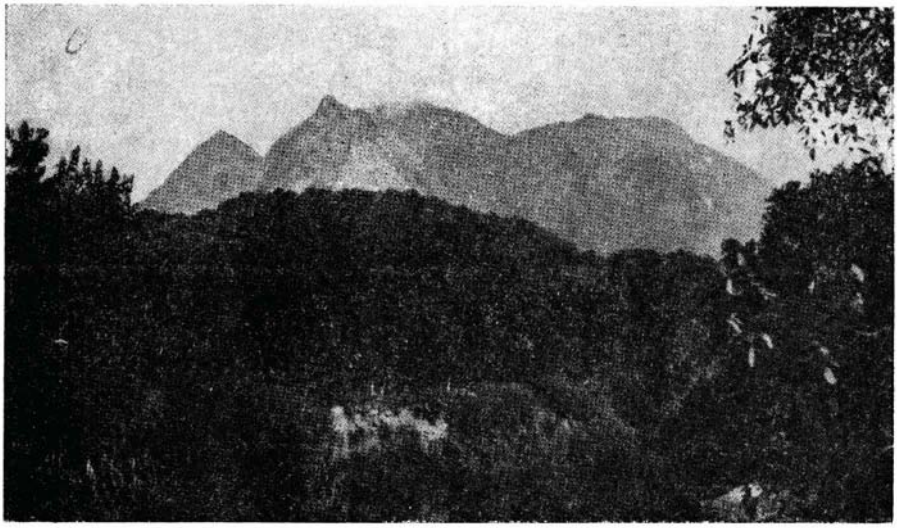


Fig. 33 — ... *pesadas massas de montanhas como a do Mocotó* ...

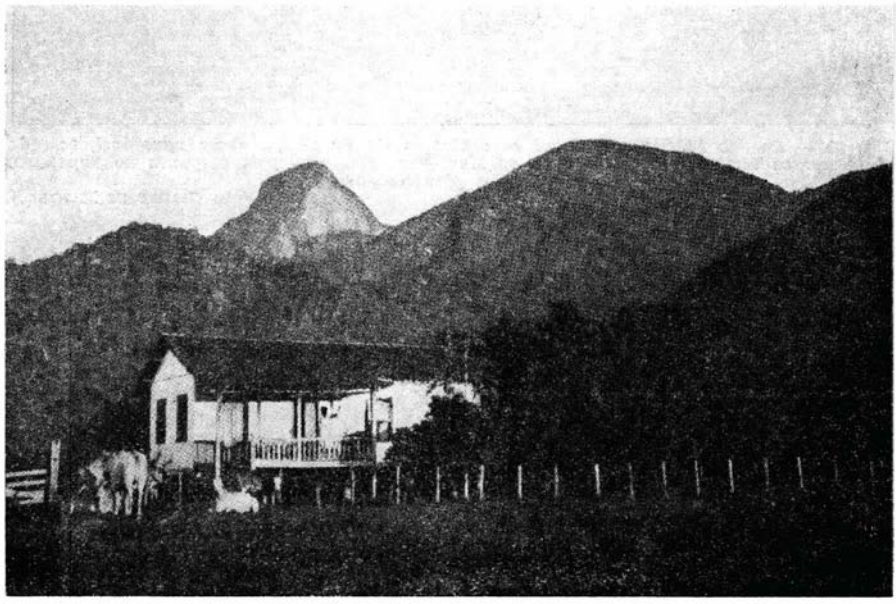


Fig. 34 — ... *e picos rudes e polidos como a Pedra Goivada, denunciantes de uma erosão juvenil em estruturas muito fraturadas.*

Fig. 35 — *Os caminhos de acesso a cordilheira nesta zona são raros conto o rio Mocotó. Ao fundo v&-se a serra da Grandeza.*

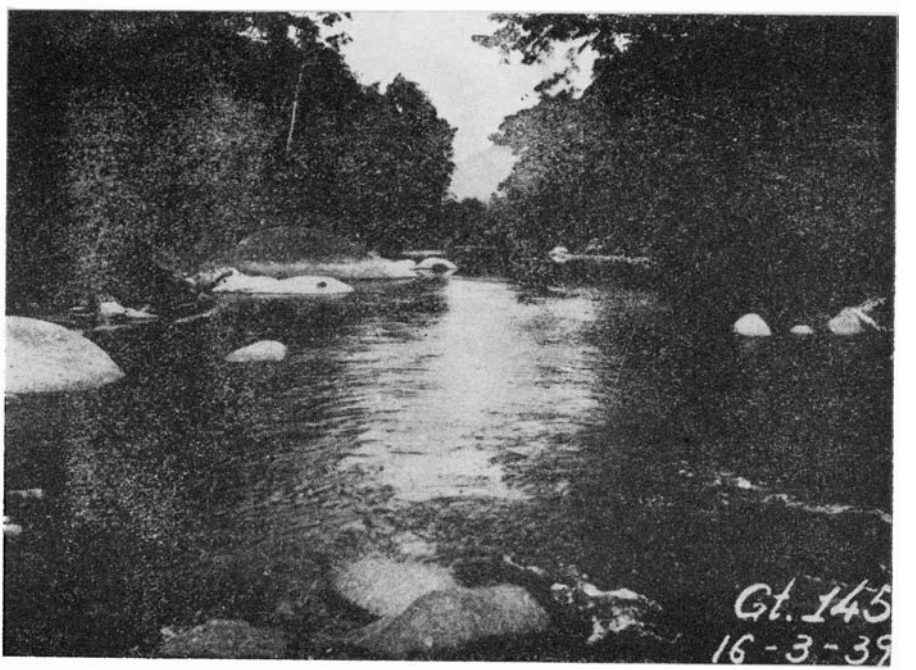


Fig. 36 — *O Mocotó tem, porém, curto regime de planície, apresentando para montante o leito acidentado de boulders ...*

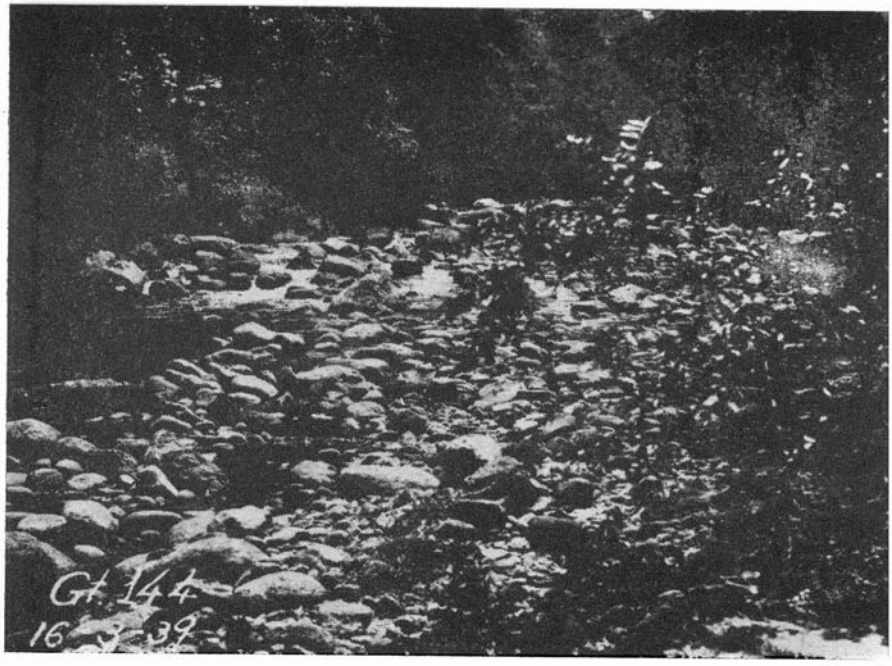


Fig. 37 — ... sendo a maior parte do seu curso de regime torrencial, em gargantas estreitas e entulhadas de um caos de matacões.

(Foto CAMILO DE MENESES)

Fig. 38 — Ainda esta parte oriental da serra do Mar, além dos grandes paredões de escarpas, apresenta como testemunhos de falhas o alinhamento retilíneo do rio Imbé, paralelo a base granitica da cordilheira, e de outros cursos d'água, como o rio Prêto que aqui vemos em seu curso superior.

(Foto A. R. LAMEGO)

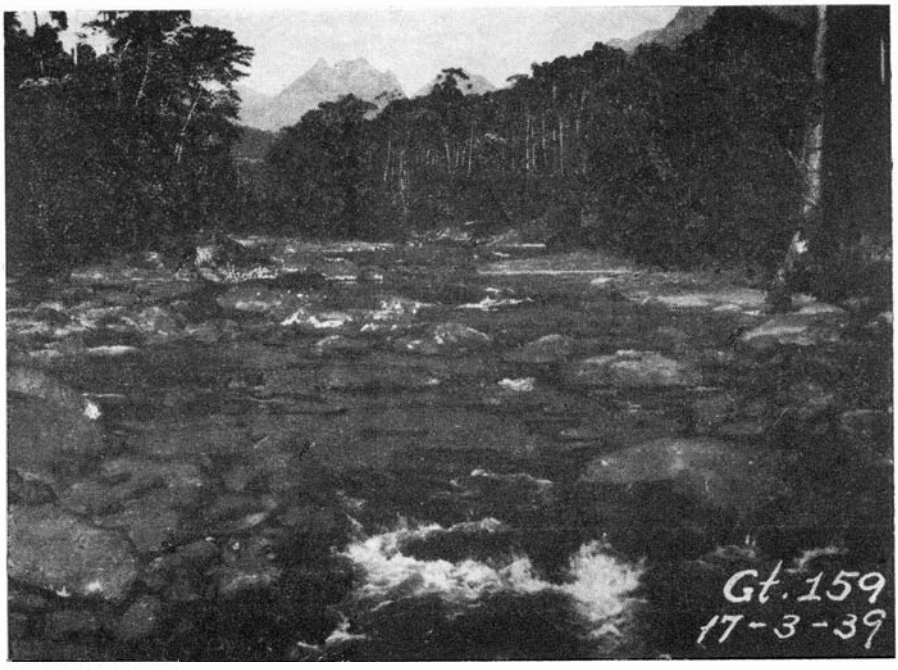


Fig. *39* — *Outro vale retilineo é o do rio Segundo Norte, afluente do Imbê, que desce dos altos de Madalena. Ao alto a serra da Forquilha.*

(Foto CAMILO *DE* MENESES)

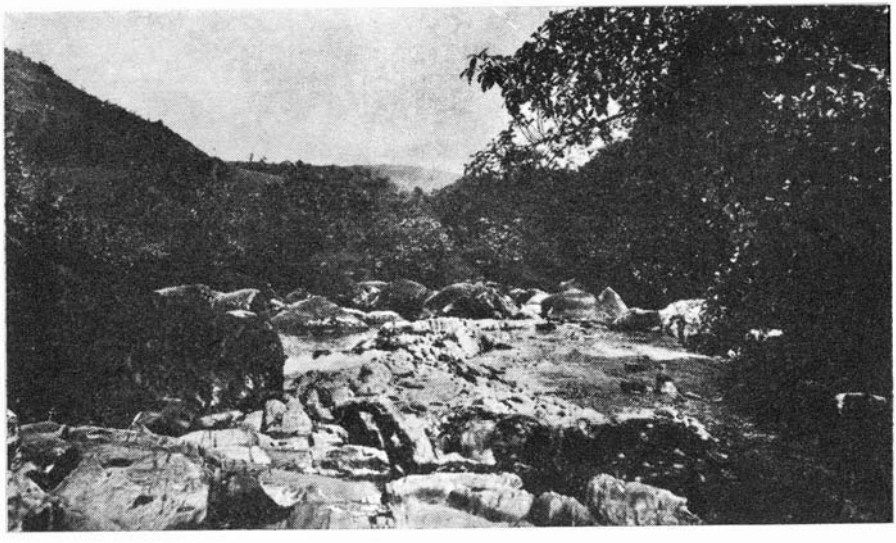


Fig. *40* — *As fraturas e falhas na serra do Mar comumente são orientadas pelos planos de menor resistência da* ***estratificação*** *do gnaisse. Nesta fotografia do rio Préto, em Campos, ao deixar a serra, nota-se o paralelismo do curso d'água com a direção do gnaisse, sendo* ***visível*** *o seu encaixanaento nas camadas das rochas cristalinas.*

(Foto A. R. **LAMEGO**)

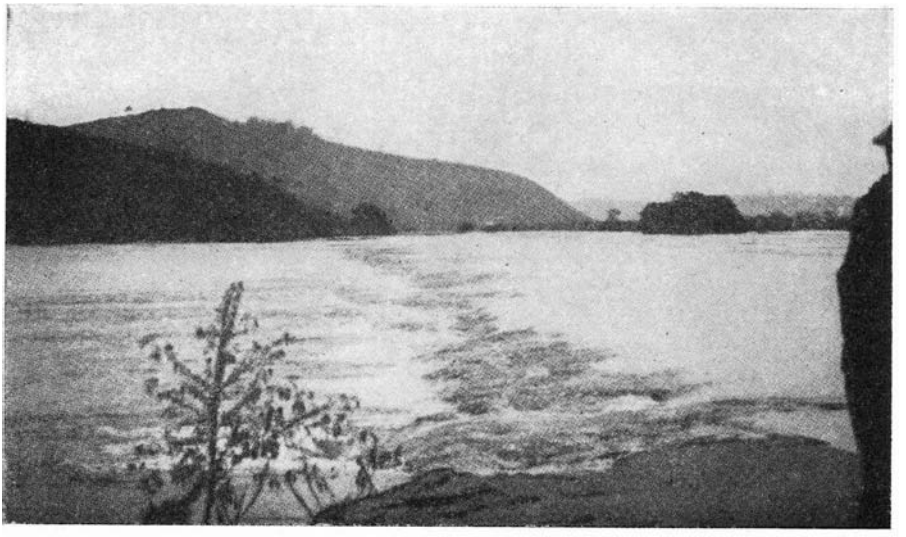


Fig. 91 — *Uma corredeira do rio Muriaé, no fazenda Pôrto Alegre, ao norte da cidade de Itaperuna, presumìvelmente devido o uma falha do tectonismo da Mantiqueira, quv alí atravessa o rio na direção do fraturamento geral do sistema, de WSW a ENE.*

(Foto A. R. Lamego)

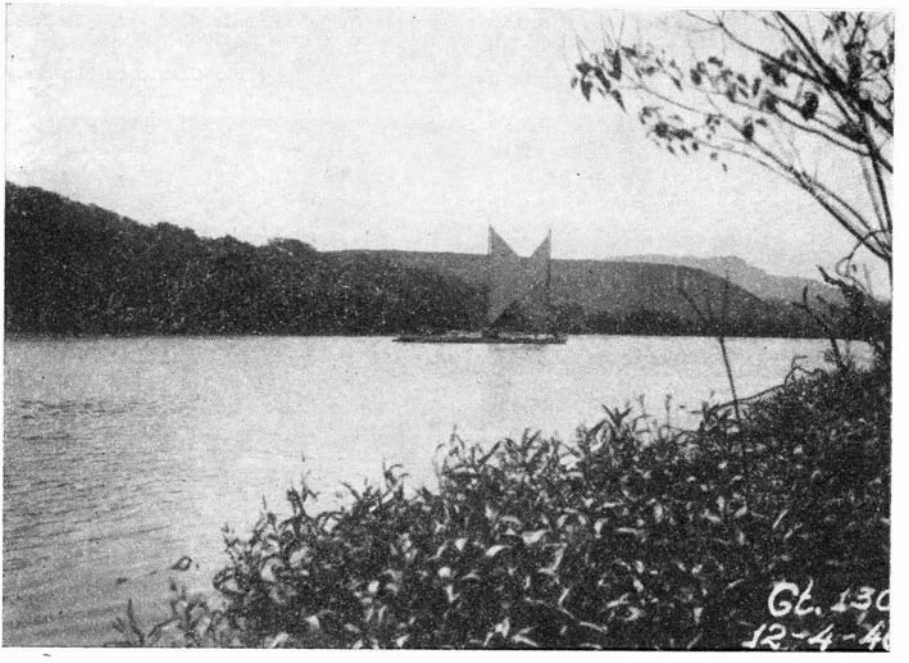


Fig. 42 — *No trecho navegável do baixo Muriaé notam-se ainda restos de tabuleiros cenozóicos. Aqui vemos um a jusante da foz da vala da Bolandeira, próximo à Usina de Santana. Êstes tabuleiros foram aí depositados numa bacia circundada de elevações gnáissicas.*

(Foto DNOS)

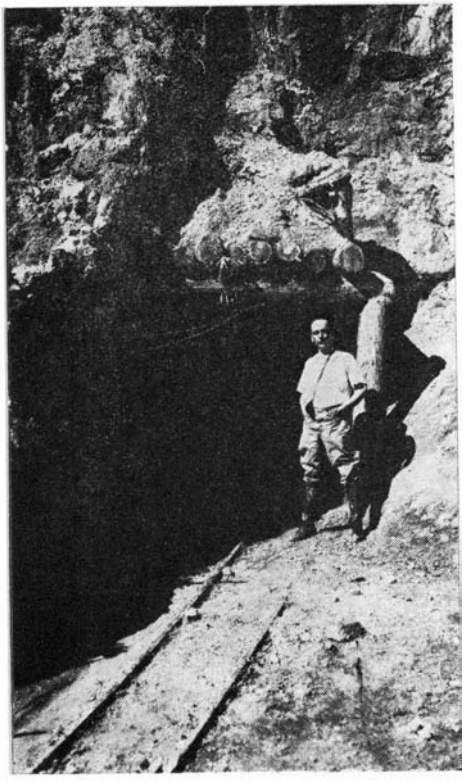


Fig. 43 — *Uma das entradas da mina de grafita de São Benedito, em São Fidélis.*

Fig. 44 — *Minério de manganês grafitoso no sítio do Alto Limoeiro em Itaperuna, ocorrendo numa bossa com afloramentos de grandes blocos.*

(Foto A. R. LAMEGO)

Fig. 45 — *A grafita nas ocorrências do norte fluminense comumente aparece em lentes, como esta em Conceição de Macabu, da qual já foi removido o minério.*

(Foto A. **R. LAMEGO)**

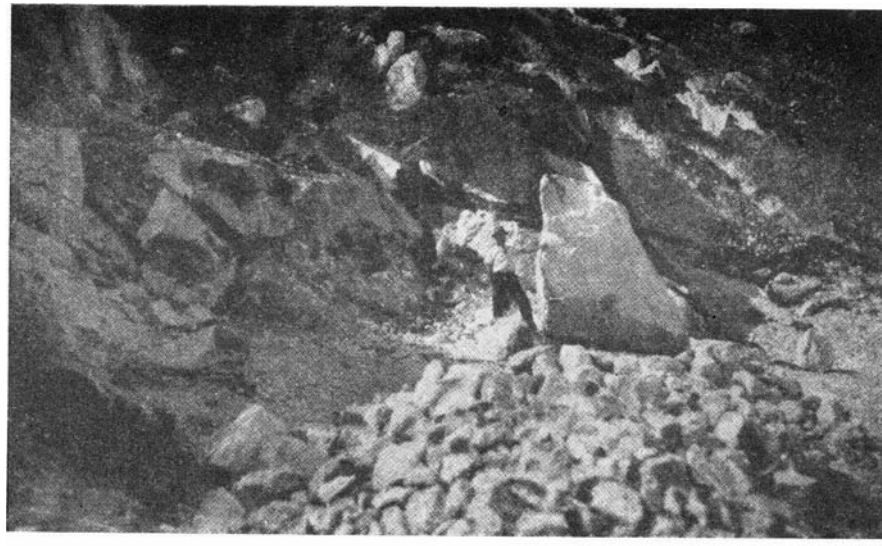


Fig. *46 — As* ***jazidas*** *de* ***calcita*** *da Serra Fluminense* ***dão*** *matéria-prima de* ***ótima*** *qualidade para o fabrico de cimento em grande escala. Esta exploração é na* ***fazenda São*** *Joaquim, em* ***Paraíso,*** *onde foi construída a Fabrica de Cimento Portland* ***Paraíso.***

(Foto A. R. LAMEGO)

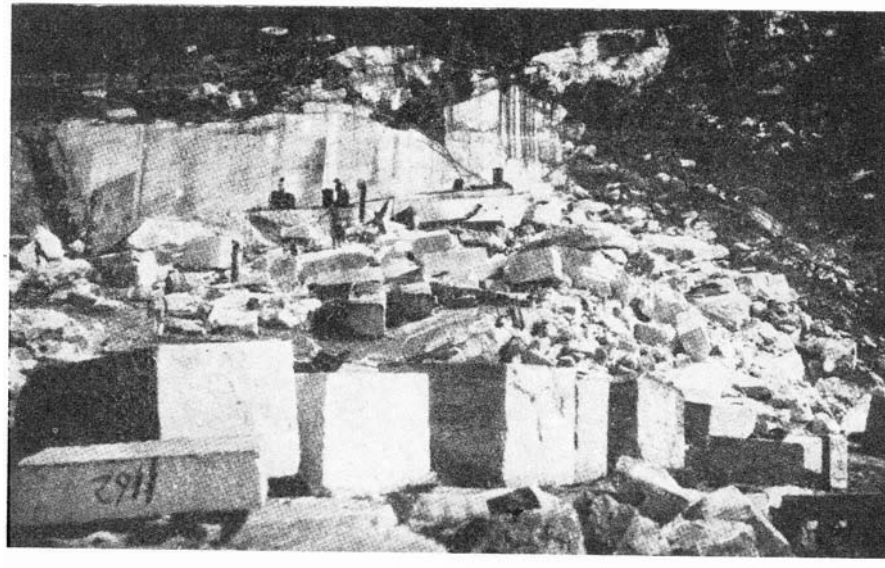


Fig. 47 — Em São Joaquim e nos vizinhos depósitos de ***calcários*** *cristalinos de* ***Italva,*** *— antiga Monção —, o* ***mármore*** *branco já é* ***também*** *explorado* ***por*** *processos* ***mecânicos.***

(Foto A. R. LAMEGO)

Fig. 48 — *A selva bruta como a viu* DEBRET *nas margens do Paraiba, era o tremendo obstáculo que se opunha a penetração da Serra, e que só pôde ser dominada com o fator econômico do café.*

Fig. 49 — Das margens do Paraiba deixou-nos ainda o lápis de RUGENDAS *êste quadro, onde os pioneiros devassam as florestas com seus primeiros transportes de mercadorias.*

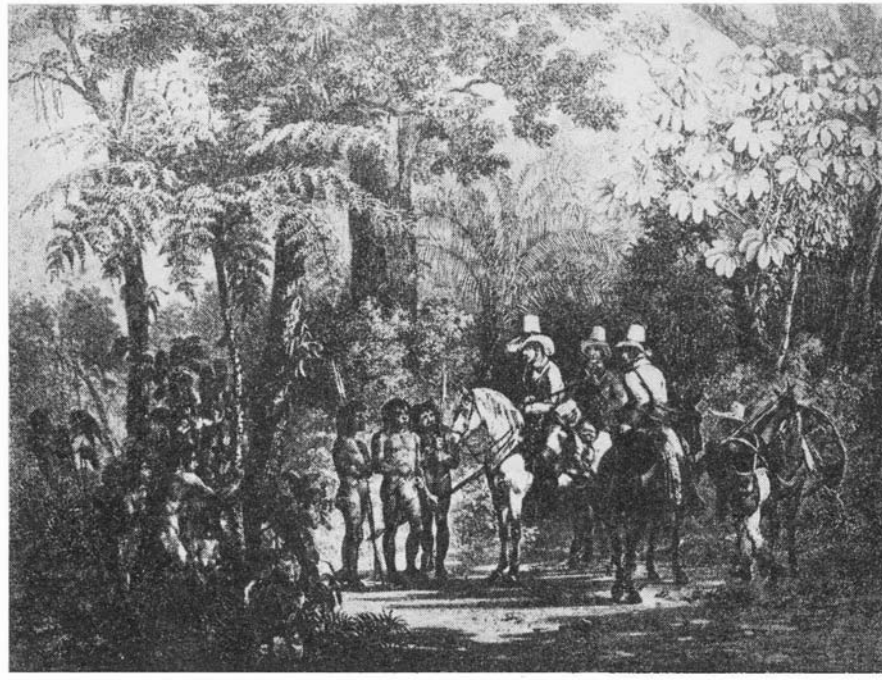


Fig. 50 — *Nos primeiros decênios do século XIX era ainda comum na Serra o encontro de viajantes com selvagens, sobretudo na zona de Marquês de Valença e nas do Pomba e do Muriaé.*

(RUGENDAS)

na fazenda de Areias, em Boa Sorte, município de Cantagalo, além disso minérios pobres em Barra Mansa e vestígios do metal nos serpentinitos de Conservatória, ao norte de Barra do Piraí.[90]

O berilo, de grande valor em cristais transparentes e coloridos como a esmeralda, a água-marinha, o berilo dourado e a morganita, e que nas formas opacas é também de grande procura para fins metalúrgicos e trabalhos de energia atômica, tem disseminada ocorrência nos pegmatitos fluminenses. Entre os municípios em que êste mineral foi descoberto, citamos Itaboraí, Rio Bonito, Silva Jardim, Macaé (Crubixais), Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Cantagalo e Marquês de Valença. Neste último, a autorização de pesquisa concedida abrangia ainda a columbita, a mica, e o caulim.[91]

O engenheiro MÁRIO DA SILVA PINTO verificou a existência de bauxita em Itatiaia ao pé da serra do mesmo nome, opinando por uma necessária prospecção minuciosa dêste minério de alu-

[90] *Mineração e Metalurgia*, vol. III, n.º *18, Rio*, 1939, *pág.* 352.

[91] LEONARDOS, *Othon* Henry: *Berilo no Estado do Rio*, *Rev.* "Mineração *e Metalurgia", vol. VI*, n.º 33, *Rio*, 1942, *págs.* 133-134.

mínio ao redor e no altiplano do maciço.[92] Cita o mesmo autor uma ocorrência de qualidade medíocre em Piabetá,[93] e existe uma jazida em Bom Jesus do Itabapoana.

O precioso minério de estanho, a cassiterita, é mencionada como existente nas águas do Paraíba,[94] sem discriminação de veeiros in *situ*. A magnetita ocorre em vários pontos do Estado, tais como Parati, Mangaratiba, Itaverá, fazenda dos Barbadinhos, no vale do rio Prêto em Campos, São Fidélis, Murundu e outras localidades, sendo entretanto as massas de minério em geral pequenas.

Há areias ilmeníticas em Macaé. Lavras desta fonte de titânio são trabalhadas nas praias da Buena, Atalhos, Retiro, Salgado, Ponta da Barrinha e Barra do Itabapoana, entre a foz dêste rio e a do Guaxindiba, estando o mineral associado ao zircônio e sobretudo valorizado pela monazita.[95]

Um fosfato de ferro, — a triplita —, foi localizado na fazenda Pendotiba, em São Gonçalo, num dique de pegmatito "constituído essencialmente de microclina, quartzo e muscovita", aparecendo o mineral como acessório, juntamente com o berilo e a columbita.[96] Êste último e raro mineral foi também descoberto em São Sebastião do Rio Bonito no município de Marquês de Valença.[97]

O amianto ou asbesto, de crescentes aplicações, devido ao seu grande poder dielétrico, a sua baixa candutibilidade térmica e a sua incombustibilidade, já foi encontrado na serra da Estrêla *e* em Resende, havendo também notícias de sua ocorrência em Conservatória.[98]

O ouro que, como veremos deu origem ao município de Cantagalo tem sido bateado no rio Prêto, — nas divisas dos municípios de Barra Mansa e Resende com Minas Gerais —, em Santo Antônio do Imbê e no norte do Estado, sobretudo em Itaperuna onde há várias pequenas lavras em exploração.

Como combustível na Serra temos a já mencionada turfa de Resende, na fazenda São Sebastião à margem do Paraíba, utilizada nas fornalhas e locomotivas da usina de açúcar de Pôrto Real. Tem ela elevado poder calorífico, e a cubagem das bacias Boa Vista e Lagoa Preta ascende, segundo o engenheiro EMÍLIO

---

[92] SILVA PINTO, Mário da: Descoberta e ocorrência de *bauxita* no Itatiaia. "Mineração e Metalurgia", vol. III, n.º 15, Rio, 1938, págs. 183-184.

[93] Idem: Bauxita, avulso n.º 24 do Serviço de Fomento da Produção Mineral, Rio, 1937, pág. 16. Piabetá é a antiga estação de Entroncamento.

[94] *Mineração* e Metalurgia, vol. VI, n.º 33, Rio, 1942, pág. 120.

[95] MIRANDA, José: Areias ilmeniticas no Brasil. "Mineração e Metalurgia", vol. VII, n.º 40, Rio, 1943, págs. 195-198.

[96] Mineração e Metalurgia, vol. VII, n.º 37, Rio, 1943, pág. 20.

[97] LEONARDOS, Othon Henry: *Tântalo*, Nióbio, *Urânio* e Rádio no Brasil, "Boletim" n.º 11 do Serv. do Fom. da Prod. Mineral, Rio, 1936, pág. 8.

[98] ARAÚJO DE OLIVEIRA, Gabriel Mauro de e LISBOA, Moaci: Amianto no Brasil. "Boletim" n.º 45 da Div. do Fomento da Produção Mineral, Rio, 1940, pág. 36.

ALVES TEIXEIRA a mais de 150 000 toneladas de turfa sêca. Êste valioso material aparece em dois tipos, sendo o mais rico o amarelado com o aspecto de cortiça, classificado como marauita e o mais pobre e negro como cannel-coal. Por destilação chega-se a obter 45,5% de alcatrão no primeiro tipo que, segundo o professor ROTHE tem 15% de gasolina. [99]

Não devemos esquecer que, pertencentes ao reino mineral são as magníficas pedras de construção abundantes por tôda parte, às vêzes ótimas para cantaria, bastando citar os belos granitos de Teresópolis.

Excelentes argilas para cerâmica também são comuns na Serra como na Baixada. Em Paraíba do Sul foram elas aproveitadas numa grande fábrica a margem do Paraíba devendo-se realçar a cerâmica de Itaipava no município de Petrópolis, já famosa por seus produtos artísticos com motivos marajoaras.

As areias dos contornos da Guanabara e as da costa, especialmente as de Cabo Frio, notáveis por sua finura e pureza, são materiais a não serem desprezados para fins industriais e de reservas inesgotáveis.

Nas margens do rio Macaé existem areias de fundição na ilha do Rato e em Jurumirim, cubadas em cêrca de 300 000 toneladas, [100] havendo na mesma zona outras jazidas. Um minucioso estudo destas areias para o referido fim, e em confronto com as de Cabo Frio, foi executado pelo engenheiro ROBERTO BORGES TRAJANO do Laboratório Central da Produção Mineral. [101]

Finalmente, como positivas fontes de renda e de saúde no pequeno âmbito do território estadual, temos por tôda parte águas medicinais. Neste ponto é o Estado do Rio de Janeiro uma das mais favorecidas unidades da Federação. A maioria destas águas são de exploração recente, e o seu número vem crescendo com novas descobertas.

Oficialmente reconhecidas como tais pelo Laboratório Central da Produção Mineral, são as fontes Salutáris, em Paraíba do Sul, onde a água é classificada como mineral alcalino-ferrosa, a São Gonçalo, na estrada do Rocha nesse município, alcalina, bicarbonatada, sódica e alcalino-ferrosa, cálcico-magnesiana, a *Itaí,* na fazenda Itaitindiba no mesmo municípib, alcalina, bicarbonatada sódica, alcalino-ferrosa, a *Cubatão* na fazenda dêste nome em Itaperuna, cloretada, sulfatada, bicarbonatada cálcico-magnesiana, a Juriti, na fazenda Laranjeiras, em Itaperuna, alcalino-ferrosa e a *Iodetada* de Pádua, única dêste tipo nas Américas.

---

[99] ALVES TEIXEIRA, Emilio: *Turfa* de Resende, Estado do Rio, avulso n.º 33 do Serviço de Fomento da Produção Mineral, Rio, 1938.

[100] LAMEGO, Alberto Ribeiro: *Areia de Fundição de Macaé.* Relatório apresentado à Divisão de Geologia e Mineralogia.

[101] Idem.

Em Itaperuna são ainda exploradas as águas *Rapôso,* Avai, *Soledade* e Nova Grécia, em Pádua, Farol e *Pajé,* em São Fidélis a fonte do Alecrim, em Majé a de Santa *Rita* e em Marquês de Valença a da Castanheira na "Chácara dos Amôres" a menos de 1 quilômetro da cidade, lugar de passeio, com as suas alamêdas de laranjeiras e mangueiras, visitada aos domingos por centenas de pessoas.

Tidas ainda como águas minerais são as de Floriano, próximas à estação de Ribeirão da Divisa no município de Barra Mansa, onde vimos ainda as de Quatis que jorram fortemente no alto de uma colina nesta vila, e no vale do Muriaé as de Salgueiro em Cardoso Moreira, as de *Flórida* próxima a vila de Italva, e a Paraíso, não longe desta estação da Estrada de Ferro Leopoldina e na sede da fazenda São Pedro. Há também notícias de existência de águas iodetadas em Miracema.

Em assuntos de mineração é comum, sobretudo entre leigos, exagerar o valor econômico das ocorrências, transformando-as em fantásticos eldorados. Um relatório do Departamento do Domínio do Estado do Rio de Janeiro hiperbòlicamente descreve incomparáveis riquezas no território estadual, tais como grandes jazidas de manganês, cobalto, cassiterita, blenda, galena, hematita, cobre nativo, turmalinas, rubis, opalas, zirconita e numerosos outros minerais de existência não comprovada ou de hipotética exploração comercial.

Em nossa breve resenha citamos apenas opiniões de especialistas e técnicos de reconhecida experiência. As próprias ocorrências, mencionadas, nem tôdas são passíveis de exploração, servindo porém para indicar que, longe de ser uma região desprezível para a indústria mineral, o Estado do Rio de Janeiro, pelos poucos elementos já coligidos, é bastante mineralizado. E essa mineralização é geral, abrangendo uma razoável série de minerais econômicos, a qual poderá crescer com mais completas e minuciosas prospecções.

Sem descabidos otimismos pode-se pois afirmar já existir uma base para a mineração e indústrias conexas, bastando citar os imensos depósitos de calcário e calcita, capazes de dar origem a grandes fábricas de cimento. No mesmo setor as espêssas camadas de conchas dos fundos da lagoa de Araruama já vão ser empregadas pela Companhia Fluminense de Cimento Portland. Pretende-se também utilizar ainda êstes depósitos conchilíferos juntamente com o sal de Cabo Frio, numa fábrica de soda cáustica em Araruama, em montagem a margem da laguna e pela Companhia Nacional de Álcalis que destinou o pôrto do Forno para as suas instalações. [102]

[102] FRANCESCONI, Otacilio: A *Indústria* de *Álcalis no Brasil.* Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. VIII, n.º 46, Rio, 1945, pág. 275.

O mesmo sal já é empregado pela Companhia Electroquímica Brasileira com sede em Alcântara no município de São Gonçalo.[103] Outra grande fábrica de soda cáustica em construção em Angra dos Reis pela Companhia Sal-Gema-Soda Cáustica, que utiliza a matéria-prima da sua jazida de Sergipe, também irá concorrer para tornar o Estado do Rio o grande fornecedor brasileiro dêste produto básico.

Temos dêsse modo uma inovação na indústria fluminense, apenas com o emprêgo do sal e do carbonato de cálcio, como prenúncio de expansão ulterior, sobretudo quanto ao cimento já procluzido em grande escala nas fábricas de cimento Mauá e Paraíso.

Como fizemos ver no início dêste capítulo, as cadeias de montanhas pelas perturbações tectônicas sofridas, permitindo a subida de magmas mineralizadores, são regiões particularmente favorecidas de jazidas minerais.

A bacia do Paraíba entre a serra do Mar e as ramificações da Mantiqueira pode ser enquadrada entre as áreas montanhosas de minérios. A objeção certamente virá de que as rochas de quase tôda a bacia sòmente foram submetidas a um orogenismo inicial e não a repetidas revoluções diastróficas, — como é comum nas demais cadeias —, e que um longo desgaste superficial através dos tempos geológicos já deve ter eliminado quase tôda a sua zona média filoniana em que dominam os ricos sulfuretos metalíferos. A presença de compostos de ferro, zinco e chumbo em Itaverá, parece no entanto contestar esta suposição, a não ser que sejam êles produtos de magmas locais e posteriores.

Como a segunda movimentação que deu origem tectônica aos cordões serranos fôsse de origem epirogênica, sem uma ascensão de magmas comprovada, tornar-se-ia igualmente provável que êste diastrofismo pouco deve ter acrescentado a mineralização dos tempos primitivos. As jazidas de grafita de São Fidélis, entretanto inegàvelmente intrusivas, são tidas como recentes e possivelmente posteriores a formação da serra do Mar,[104] dêste modo provando que, mesmo sem a existência de grandes movimentos da crosta, foi esta ali atravessada por elementos mineralizadores.

Estas ocorrências de grafita na zona oriental e a presença de sufuretos de vários metais na ocidental, poderão talvez indicar mais intensa mineralização do vale do Paraíba do que se poderia prever da escassez de movimentos diastróficos, não sendo improvável que novos achados minerais venham crescentemente confirmar tal suposição.

Mesmo, porém, que isto não se dê, sòmente as ocorrências já conhecidas parecem propiciar, como acabamos de ver, bem mais

---

[103] TÁVORA FILHO, *Elisiário: A Indústria de Soda Cáustica no Estado do Rio. Rev.* "Mineração *e Metalurgia*", vol. *IV*, n.º 22, Rio, 1939, *pág.* 216.

[104] VON DER VEID, Fred. *C.: O tratamento e a concentração dos minérios de São Fidélis, Rio de Janeiro. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. IX*, n.º 53, *Rio*, 1945, pág. 204.

felizes possibilidades de elevação da economia fluminense no campo mineral, do que até bem pouco se supunha.

E esta previsão parece confirmar-se ainda com as autorizações de pesquisa e lavra de minério, pelo Departamento Nacional da Produção Mineral, em cujas estatísticas aparece o Estado do Rio de Janeiro entre os mais interessados na mineração. [105]

Destas cifras oficiais conclui-se que, até 1943 era o Estado do Rio de Janeiro o terceiro em autorizações de pesquisas minerais e o segundo em lavras concedidas.

---

[105] *Autorizações de pesquisa e lavra de minérios outorgadas pelo Departantento Nacional da Produção Mineral em 1942 e 1943*

Estado	1942		1943	
	Pesquisa	Lavra	Pesquisa	Lavra
Minas Gerais	835	35	752	34
São Paulo	91	2	122	11
Rio de Janeiro	78	18	109	3
Bahia	62	—	69	10
Paraná	50	—	50	4
Santa Catarina	36	5	22	1
Ceará	26	2	37	1
Espírito Santo	23	2	16	—
Paraiba	19	—	28	—
Rio Grande do Sul	18	3	15	4
Goiás	10	—	18	—
Pernambuco	8	5	11	—
Rio Grande do Norte	6	—	13	—
Pará	6	—	1	—
Distrito Federal	5	—	7	—
Sergipe	4	—	8	—
Mato Grosso	4	—	7	4
Maranhão	3	—	—	2
Alagoas	2	2	3	—
Amazonas	—	—	1	—
Piauí	—	—	4	—
	1.286	74	1.293	74

(AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA: *Relatdrios da Diretoria do Serviço de Fomento da Produção Mineral, de* 1942 *e* 1943).

O HOMEM

"Há muitos milagres, mas não há milagre mais estranho do que o Homem...

...O Homem, que luta com a Terra Incansável e Imortal...

SÓFOCLES: Antigone

"Na Província do Rio de Janeiro pode-se dizer que, em meados do século, todo o território fôra conquistadc pelo café".

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: Desenvolvimento da *Civilização* Material do Brasil. Publ. n.º 11 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio, 1944, pág. 127.

I — O HOMEM E O MEIO

> **"Quando os brasileiros falam de serra, é muito mais à floresta que êles aludem do que a montanha... o nome de montanha tomou-se devido à lógica imanente da língua, num nome de floresta".**
>
> **PIERRE DÉNIS: "Le Brésil au XXème Siècle". Paris, 1909, pág. 22.**

Após a subida penosa da serra do Mar, o grande obstáculo já não era a montanha e sim a floresta.

Quando 'em tragos gerais .descrevemos a geomorfologia do médio vale do Paraíba, vimos que, logo ao ser transposta a face marítima da pseudo-cordilheira, os vivos relevos que de baixo tão acentuadamente sobressaem, esbatem-se quase subitamente. Maciços intermediários de quando em vez ainda se levantam nos divisores dos afluentes, mas em geral já sem as características montanhosas das grandes escarpas que defrontam o Atlântico.

Atenuam-se as asperezas e, as longas cristas digitadas ou angulosas cedem lugar a uma orografia menos agitada. Embora erguidos ainda a elevadas altitudes, os raros picos já se tornam mais accessíveis pela redução das encostas, diminuídas de muitas centenas de metros com a ascensão desde o nível da Baixada. Com uma topografia em que os fatores morfológicos dominantes são a "meia-laranja" ou uma série de ondulações ainda menos abauladas, podendo o homem subi-las por quase tôda parte, fácil seria a disseminação da cultura pelo vale, não fôsse a formidável barreira da floresta.

Sôbre quase tôda a Serra espraiava-se um maciço matagal. E foi esta selva imensa e não a montanha que, bissecularmente retardou a penetração civilizadora. Foi esta generalizada selvajaria florestal que, desde a tomada do Rio de Janeiro nos meados do quinhentos até a abertura do "Caminho-Nôvo" só em princípios do setecentos, agiu como barreira nos destinos do Brasil.

Não obstante a primitiva fixação do homem na Baixada, fator retardatário da invasão da Serra Fluminense, temos de admitir que, não fôsse também uma tão gigantesca massa vegetal de centenas de quilômetros de largura, isolando o litoral dos centros auríferos, bem diversa poderia ter sido a sucessão dos quadros históricos nos séculos brasileiros. Mui outra, provàvelmente, tôda a nossa história de Bandeiras atrevidas assenhoreando-se impetuosamente do sertão.

O paulista, primeiro a trepar ao planalto teria de certamente partilhar com o carioca as honras dessa gloriosa e quase exclusiva arremetida para o recuo dos limites de Tordesilhas. Se o não fêz, deve-o antes de tudo aos fatores geológicos que originaram a bacia do Paraíba e aos fatôres botânicos dêles resultantes.

Medite-se um momento no que seriam as Minas Gerais sem as vastas selvas intransponíveis entre os campos da mineração e o litoral do Rio de Janeiro chanfrado de enseadas atraentes. Que rumos teria tomado a civilização centro-sulina com tais facilidades de penetração a partir da Guanabara, sem a existência da floresta? Que variantes teriam coordenado a marcha da evolução mineira sem aquela tremenda barreira impenetrável? Não seria evidente a convergência de dois fluxos emigratórios, um de São Paulo e outro do Rio a entrechocarem-se nos desertos mineiros com a possibilidade de ser o primeiro desviado pela concorrência, para leste ou para sudoeste, projetando o Brasil com tôdas as reservas das suas energias ainda mais para os Andes?

Reflita-se no que poderia ter sido a civilização brasileira sem as entradas sertanejas interditas ao carioca pela imensidão dos matagais serranos. Um salto apenas como o do Cubatáo, em Santos, e logo a seguir as facilidades do planalto. Além da Guanabara Parati, Angra dos Reis, Cabo Frio e Macaé, seriam outros tantos ancoradouros de prática accessibilidade aos campos mineiros. Subidas da serra do Mar menos ásperas que a de São Vicente a Piratininga, atrairiam os colonizadores para o desafogo descortinador dos grandes espaços internos. A iniciativa dos belicosos imigrantes do Rio de Janeiro aplicada em Bandeiras. O intercâmbio inicial entre a Guanabara e as Minas Gerais impelindo para o sul as entradas paulistas, atirando-as com mais violência contra os vagos territórios castelhanos, arremessando-as ao Prata, ao Paraguai, ao Chaco, aos contrafortes andinos... Os limites ocidentais do Brasil a percorrerem as cristas dos Andes, a esbarrarem talvez nas costas do Pacífico...

Tais possibilidades foram porém freadas pelo determinismo geológico, abrindo uma forquilha na cordilheira marítima e entre as duas cadeias resultantes, pondo um grande rio a correr paralelamente a linha costeira.

Em sua bacia gnáissica abundantemente irrigada, sôbre um atropêlo de morrarias alastrou-se a floresta. Dêsse fatalismo telúrico é que surgiu a selva entre os Campos Gerais e o litoral. A mata virgem Sem valor imediato para o colono primitivo em busca de riqueza rápida. Um colossal obstáculo isolando as vilas marítimas da nascente civilização mineira escarcerada no planalto.

Quando em meados do século XVIII, Vila Rica, São João d'El-Rei, Congonhas do Campo, Sabará, Mariana e Diamantina, entre outras povoações nascidas com a mineração esplendiam numa

cultura que ainda hoje nos assombra, tôda a bacia serrana do Paraíba na zona mineira e na fluminense jazia mergulhada em mato bravo. fndios Coroados, Puris e de outras tribos, a fauna e a flora, todo o poder da terra virgem afrontavam a penetração do branco. Só na zona paulista antigos vilarejos bandeirantes rememoravam, atrasadíssimos, num longo trecho navegável, a passagem por ali dos desbravadores seiscentistas.

A esta selva isolante sobretudo, deve Minas o pinturesco da sua arte original, mormente no cunho das suas igrejas de *facies* tipicamente brasileira. **A** arte e a cultura mineiras do terceiro século e que tanto nos orgulham, é um milagre do isolamento pela floresta.

De São Paulo tão longínquo só lhe vinha uma ambição extraordinariamente aventureira, e, o Rio dos vice-reis só se interessava pela cobrança dos quintos, fintas e derramas. ***O*** mineiro distanciado no sertão pôde com o seu ouro isoladamente meditar e construir as obras-primas artísticas sublimadas em seu temperamento superexcitado pela riqueza.

Na zona fluminense, ainda no alvorecer do século XIX, a bacia do Paraíba era quase tôda uma floresta virgem. Um contínuo e entrançado matagal cobria as serranias, desdobrava-se por morros e colinas, abafava os vales apertados onde os cursos d'água desapareciam sob os tetos das ramagens.

Um indevassável labirinto vegetal numa espêssa cobertura revestindo a terra bárbara apenas visível nas raras escarpas de montanhas em súbitos saltos para a luz. **A** mata cobria tudo. Mas num contraste absoluto com as grandes florestas do hemisfério norte, onde as poucas espécies florísticas são valiosas por multiplicadas em enormes extensões de terrenos limpos ou de vegetação rasteira e mesmo floridos de alcatifas de pétalas encantadoras, entre nós tudo é diferente. ***O*** sol dos trópicos como que fecunda cada grão de terra, cada palmo de casca, cada interstício de rocha. **A** flora sobe cerradamente, interpenetrando-se, empurrando-se num desnorteante paroxismo vital. É a selva.

Nesses troncos, nesses galhos, nessas lianas contorcidas, sente-se tôda a potência cósmica em condições biológicas no delírio de reproduzir.

Quem por ali se atreva, tranca-se no mais tenebroso labirinto. Dos cimos mal penetra a luz dilacerada em résteas. O sol mergulha os dedos luminosos numa fantasmagoria de surprêsas. Transmutações impressionistas bizarreiam sob os ocilantes zimbórios vegetais. Em contínua mobilidade há jogos de penumbras densas, palpáveis quase, e que se deslocam ao bailar de súbitas Iuminosidades.

Oblíquos jorros de luz catedralescos mergulham em longos silêncios druidicos, terrivelmente religiosos. Silêncios saturados de

interrogações. Silêncios sincopados de expectativas com os murmúrios intermitentes que pervagam. Rumores de sêres que rastejam, que escorregam, que esvoaçam. Zumbidos de insetos fuzilantes, longínquos pios de nhambus, de jaós, de juritis, algazarras parlamentares de papagaios e de araras, de maitacas e maracanãs, e compassadamente, ao longe, o dobre metálico das arapongas malhando e limando as grades de uma infinita solidão humana.

Por todo êsse ambiente de frescura pairam cheiros de vida e de morte. Perfumes de folhagens, de flores, de cascas, de resinas, e hálitos de galhos e troncos putrefatos que estalam e se esfarinham sob os pés, inumando-se no próprio ventre da floresta.

Se o olhar desce para o chão suspeita os botes do invisível: a cobra enrodilhada, o inseto onipresente. A formiga sobretudo, em multidões avassaladoras, crepitantes perpètuamente a circularem... Se indaga a seu redor, receia o índio e a onça de emboscada na penumbra...

A floresta é um verde turbilhão a contorcer-se em convulsões genéticas. A flora e a fauna conjugadas na saturação máxima da vida sôbre a terra. Por isso mesmo é ela o caos impenetrável, a confusão promíscua dos elementos em cósmicas transmutações originais.

Para compreendê-las temos de nelas mergulhar. Nas grandes florestas do hemisfério norte basta o machado para dominá-las. Na mata tropical é preciso primeiro a foice.

Lá, o ataque é imediato. Aqui, as patrulhas são imprescindíveis. *O* mateiro é o descobridor de troncos, o selecionador de madeiras. Investe o homem cautelosamente, pois em cada moita há um perigo latente. A ameaça do invisível. Troncos roídos, camuflados de liquens onde o jararacuçu se enrosca. Aspas e espinhos que lanham. Fôlhas e espinhos que queimam...

Entre nela o inexperiente incauto, e logo verá tôda a agressividade com que o repelem. Não serão os grandes troncos, os altaneiros gigantes que o amedrontam, mas a arraia miúda, solerte e vigilante. Tudo se atira contra o violador intruso que ali vai perturbar o equilíbrio ambienta1 de milênios. Armas invisíveis investem de todo lado e terrivelmente acossam o invasor.

Já tôda essa vegetação rasteira lhe impede a marcha processada aos tropeções. A preparoba, a buta, o jaracatiá, a negramina, a quina-cruzeiro, as próprias samambaias, estorvam-lhe os passos hesitantes. Enroscam-se-lhe os cipós nas pernas e o 'laçam pelos braços. *O* homem recua, abre o caminho a facão em todo êsse cordoame vegetal a um tempo rijo, elástico e flexível. Mas tôda uma coorte acicular logo arremete com terrível virulência. Agulhas e ganchos o espetam e o imobilizam. E contra essas formas

que o enrodilham, o fisgam e o amarram, o homem desesperadamente se debate.

Há os cipós que simplesmente o embaraçam, como o imbê, o suma, a abóbora-d'anta'a una e o carneiro, — mole de pelugem branca, — o cruzeiro, — cuja secção transversal exibe a cruz de malta —, o cipó-fogo, — excelente para gurugumbas —, o Ôlho-de-boi, leguminosa cuja semente reproduz o Ôlho do animal —, o caboclo ou cipó-brasa, o mata-pau que nasce em filêtes, cresce e engrossa, enroscando-se aos maiores troncos como serpentes, suga-os, estiola-os, mata-os, e já então cevados com a seiva alheia e sòlidamente enraizados, substituem no próprio local a árvore que digeriram, cujos resíduos continuam envolvidos, putrefazendo-se.

Um dêles, o cipó-mico, junta-se a perigosa horda dos arbustos tremendamente cáusticos como a urtiga, o urtigão, o mangangá e o arre-diabo cujo nome exclama a dor da pavorosa queimadura em quem o toca.

Adicione-se a tudo isso os caules e hastes espinhentos que no chão ou no ar lhe barram a caminhada ou que se inclinam para o agarrar: o ananás-pedra, a unha-de-gato, o gravatá, a airi e o côco-roxo, o espinhão e o jaquitá, o icê, o pega-onça, o taquaruçu e outros meios de defesa com que a floresta se atira contra o devassador, e compreenderemos a luta acerba com que a natureza virgem repele o homem.

Em meio a todo êsse turbilhão elegantemente sobem as palmáceas inofensivas como o caco-doce, o pati, o corrupicho, a pindoba, o côco-prêto, como que deslocados e perdidos na brutalidade de uma selva em que domina a fôrça e a emboscada.

Ai do desprevenido que se aventure nessa floresta. Para todos os lados que se vire é a mesma agressividade inelutável, os mesmos aspectos que se repetem e o desorientam, a mesma fereza fisionômica do matagal que o rodeia, o ataca e o encarcera.

Ai do prisioneiro da selva. Se o não socorrem com a experiência dos mateiros nunca mais de lá sai vivo. Pasto de abutres e feras, o que dêle fica é a ossada limpa, requintadamente polida pela formiga, o maior flagelo dessa terra de fartura, onde a exuberância de uma flora vigorosa durante milênios fertilizou o solo fresco e umedecido com espêssas camadas de folhas, de troncos, de galhos rapidamente apodrecidos na vigorosa desassimilação dos climas quentes, úmidos e tropicais.

Com tôda a sua selvajaria vai essa floresta criar no seu dominador uma psicologia tôda especial que se desdobra nas diferentes especializações que o meio requer.

O caçador seria o tipo básico dêsse pioneiro, caso o seu trabalho fôsse permanente e com um sentido cultural de coletividade, como em certas regiões setentrionais, por exemplo onde o comér-

cio de peles organiza os homens para um fim comum. Mas o caçador aqui, é um solitário parcialmente imitador do índio. Raro é o profissional que busca na caça além do alimento para a família um artigo de valor a ser vendido. Só esporàdicamente se mete êle no mato com a cainçalha magra em busca da fauna alvoroçada, que dia a dia tange para brenhas mais distantes. Não há hordas nem manadas que o induzam a associar-se a outros, para uma coletiva exploração do meio.

Os traços fundamentais do caçador inicial, do homem que primeiro descerra os mistérios do matagal, transportam-se parcialmente para o mateiro, irrequieto patrulhador da selva que na dianteira dos machados devassa as mais recônditas espessuras da floresta. Alguns cortes em troncos, um que outro arbusto derrubado, e ei-lo inteiramente senhor de uma topografia labirintica, onde cada árvore como que lhe imprime a imagem permanentemente na retina.

O constante vaivém por essa imensidão bravia, agressiva e penumbrosa, torna o homem da floresta cauteloso. Sempre a contar só consigo mesmo, torna-se um desconfiado. *O* contacto permanente com o perigo grava-se-lhe no inconsciente, reveste-o de conjecturas permanentes. Daí o vermos frequentemente, quando em palestras relancear Y direita e a esquerda olhares inquisitivos. O ouvido apurado, sempre à escuta de sonoridades dúbias, torna-o amiúde um amante da música, preferindo a sanfona, instrumento que melhor nos mostra a sua alma elástica e hesitante.

O mateiro profissional, porém, de grande importância no desbravamento da Baixada, não teve na Serra o mesmo relêvo. É que na primeira, nos tempos da Colônia e do Império, o consumo de madeira de lei e a sua exportação tornava a derrubada um negócio lucrativo. As cidades, vilas e povoados crescentes necessitavam de madeira e, nos vizinhos portos de mar, desde o ciclo do pau-brasil, os navios habituaram-se a transportá-la para ultramar, havendo aliás para o seu carrêto em terra as boiadas dos engenhos e dos vastos criadouros.

Na Serra, entretanto, a ofensiva do café contra a floresta foi repentina e acelerada. *O* machado precedera ali, ademais, o gado, impossibilitando o transporte da madeira, e, a rapidez do plantio dos grandes cafèzais cada vez maior com a crescente invasão serrana a partir dos começos do passado século, resultou na derrubada em massa do matagal sem uma seleção e um corte inicial das espécies vegetais de valor pela durabilidade.

As mais preciosas madeiras de lei incineravam-se em queimadas formidáveis que tudo consumia. Jamais o mundo vira um desperdício tão completo de uma flora valiosa devorada em turbilhões de fumo e chamas. Numa destruição total o homem a dissipava no delírio de estender seus cafèzais. As filas de negros

de machado em punho iam recuando a floresta para as grimpas inacessíveis, para as cristas pedregosas e inaproveitáveis.

Todo palmo de chão vermelho, tôda encosta por mais íngreme tentava o plantador de café. Em tôrno das grandes fazendas, os sitiantes contaminados pelo exemplo subiam ainda mais. Fincavam esteios da cabana em altos recessos das serranias e solitária e pertinazmente continuavam as derrubadas. Era tôda uma vida nova, todo um trabalho inédito sôbre a montanha florestosa que se inaugurava no Brasil, e, com êle, uma psicologia tôda especial bem diferente sobretudo da do homem da Baixada, no qual, estabilizado desde os primórdios em suas campinas, em suas restingas ou em suas colinas, já definitivamente se haviam enraizado complexos imutáveis.

Verdade é que a nevrose do café também contaminara o habitante da Baixada antecedendo a invasão em massa da cordilheira. Também ali a montanha parcialmente *o* estimularia, por uma nova agitação de iniciativas desconhecidas nos séculos coloniais da cana-de-açúcar e das boiadas. As repercussões psicológicas, porém, mais adstritas a quadros peculiares, a zonas parceladas sempre em contacto com a generalização da indústria açucareira dominante, limitavam a transmutação da alma coletiva com a inapagável persistência de velhos hábitos e costumes, com a fixidez da velha mentalidade dos engenhos desde os mais recuados tempos estabilizada na perseverança do plantio dos canaviais, onde o homem murado nos aceiros fixara a sua imaginação em retilíneas diretrizes rotineiras.

O verdadeiro espontar de uma nova mentalidade fluminense com o café, só iria globalmente dar-se com a quase exclusividade da sua cultura no vale montanhoso do médio Paraíba, onde raros eram os engenhos assediados por contínuas fileiras cerradas de milhões de cafeeiros.

Sòmente ali é que o homem típico da montanha fluminense poderia surgir com a sua psicologia renovada de atributos, mais ousado em suas ambições, menos apreensivo em suas especulações na ofensiva obstinada contra o meio.

Dir-se-ia encarnar-se nêle o espírito dominador das altitudes. O ilimitado poder de quem nos altos ronda o olhar sôbre as planícies e emana de seu íntimo um senso de domínio. A audaciosa escalada da serra e a visão dos matagais sem fim, a se expandirem para intermináveis amplidões, satura-o de expansão, liberta-o de restrições visuais, inconscientemente alforriando-o da pressão dos imperativos telúricos, dando-lhe ânsia de espaços infinitos.

Por isso é que, talvez no Império, a Serra Fluminense apresente em seu quadro civilizador a maior síntese das enérgicas atividades do povo brasileiro. Os mais vivazes elementos da Baixada para ela sobem com a potência máxima das ambições. Insa-

tisfeitos mineiros e paulistas descem dos planaltos para subjugar a terra bárbara. E ali chegados, pervagando o olhar do cimo das colinas, dos morros, dos serrotes, sôbre tôda essa imensidão de selvas onde as picadas retalham sesmarias, planejam as plantações, assoberbam-se de poderio rural e atiram-se imediatamente a derrubada da floresta.

É ela o grande obstáculo a separá-lo da riqueza próxima, Ela sòmente, com a sua inércia milenar, o inimigo a aniquilar para a submissão da terra inteira. Tombados aquêles gigantes vegetais, logo as lavouras sujeitarão o solo virgem, promissor da fartura das colheitas. Sôbre aquela gleba onde ainda as tabas se espalhavam, as grandes casas senhoriais iriam disseminar a civilização, Centenas de milhar de negros iriam empilhar-se no bôjo dos veleiros, para povoar e desbastar as florestosas solidões americanas. Com o cérebro do branco, chegava o músculo do escravo. Para o desaparecimento da selva colossal, faltava sòmente um fator econômico, assaz possante para a devastar.

E êste, já também chegara com o café.

II — *O* DESBRAVAMENTO

Fatôres determinantes da localização dos centros cafeeiros

"As rugosidades formadas na superfície terrestre por montanhas e vales, são por conseguinte, um fato capital na história dos povos e explicam às vêzes as suas viagens, as suas migrações, os seus conflitos e os seus diversos destinos*'.

ELISEU RÉCLUS: "La Montaña", pág. 89.

Embora o essencial elemento responsável gela devastação das florestas na Serra Fluminense fôsse o café, que dêsse modo inaugura no Brasil um processo econômico de ataque em grande escala contra uma selva imensa, os numerosos centros culturais urbanos que iriam nascer por tôda essa bárbara solidão, haveriam de subordinar-se a fatôres diversos, orientadores das várias diretrizes de penetração.

Determinismos telúricos, geográficos, linhas naturais de comunicação, obstáculos serranos, encruzilhadas, rios, caminhos de ferro. tradições religiosas, inconscientes manifestações gregárias, razões de estado, seleção natural de valores pelo trabalho, os mais diferentes elementos físicos, econômicos, biológicos e espirituais, todos êles contribuem, cada qual predominante em sua zona, para o domínio cultural da cordilheira.

Em cada setor há mais sensíveis influências daquela causa ou desta. Em cada povoado há sempre um motivo imperante sôbre

os demais, determinando a sua formação. Cada uma das atuais cidades que centralizaram vastas iniciativas agrícolas, gruparam-se desde o berço em repercussão a fatôres geográficos, econômicos ou sociais, diferenciadores do seu nascimento e evolução.

Por vêzes, simples tonalidades destinguem núcleos urbanos de uma origem semelhante. Por outras, todavia, tão diversas são as respectivas causas originárias, que notáveis exemplos se nos apresentam da atuação seletiva de fatôres na centralização dos centros de povoamento. Foi na investigação dos motivos de origem das cidades serranas que chegamos a classificá-las pela evolução.

1 — RESENDE E O DETERMINISMO GEOLÓGICO

A maneira por que se processa a penetração do vale fluminense do Paraíba, dá-nos com êste núcleo um bom exemplo da influência das formações geológicas no caminhar e da civilização da cultura. O homem pensa e delibera, mas sempre se submete a circunstâncias telúricas que o orientam e o tangem para determinados rumos de antemão traçados pela natureza.

Sabido é que a primeira subida do planalto foi de São Vicente pouco após a criação desta vila, péla escassez de terras para a lavoura num litoral de areias e de alagadiços. A conseqüente fundação de Piratininga desenvolvera no paulista a expansividade já trazida com o espírito aventureiro português. Aos devassadores de oceanos abriram-se de súbito as perspectivas de palmilhadores dos sertões, e, pelos caminhos fluviais do Paraíba e do Tietê, entradas, bandeiras e monções deslizavam de São Paulo em obstinadas iniciativas que se projetariam por centenas de léguas Brasil adentro.

A descoberta das minas de ouro também se deve a um inflexível determinismo telúrico, atraindo as levas de ambiciosos para os campos do altiplano, a se estenderem por trás da Mantiqueira, os quais com a pobreza botânica das formações geológicas proterozóicas, facilitavam pela ausência de florestas uma infindável penetração continental.

Frisamos já que, tendo o homem da Guanabara de aplicar as suas energias na Baixada, onde a terra permitia uma numerosa construção de engenhos de açúcar e uma desenvolvida pecuária, — principais motivos da exploração rural nos primeiros duzentos anos da economia brasileira —, não se ocupara em povoar a Serra, onde aliás centenas de quilômetros de mata virgem o separavam dos campos mineiros. Mesmo quando já descobertas as minas, a floresta inviolada se interpunha entre a ambição do fluminense e as lavras, vedando-lhe a comunicação.

Desta fisionomia geográfica da terra bem se utilizou a política da metrópole, impedindo a abertura de estradas para as zonas

de mineração, o que viria incentivar o contrabando do ouro. Foi só quando bem compreendida a importância da Guanabara como centralizadora das comunicações para o interior, até então feitas pelo Caminho Velho que distanciava inutilmente as cidades mineiras do litoral, que a evidência da necessidade do Caminho Nôvo se tornou de uma realização inadiável para a política de Lisboa.

As dificuldades da abertura dessa nova estrada, foram enormes. Não obstante a pressa e o estímulo do govêrno, por vários anos de trabalho, GARCIA PAIS esgota os seus esforços, com uma tenacidade verdadeiramente bandeirante, não chegando a terminá-la. A cerrada imensidão das selvas entre a serras dos Órgãos e a Mantiqueira que se afasta para o norte com a bacia do Paraibuna, desmedidamente alongava a distância entre o Rio de Janeiro e os campos de Minas.

É contra essas centenas de quilômetros de floresta que se bate o filho do "Caçador de Esmeraldas". É nesse emaranhado matagal que êle gasta com a sua energia e a de seus índios o gume dos machados a rasgarem uma picada interminável. Um sulco apenas nessa imensidão de troncos descomunais a serem abatidos, entrelaçados numa tremenda teia vegetal.

Paraíba do Sul nasce com a fazenda de GARCIA PAIS ao atingir as margens dêste rio. Vassouras, Pati do Alferes e Sacra Família iriam surgir da movimentação da nova estrada e das suas variantes. Por todo o século XVIII, porém, estas futuras cidades apenas vegetariam em povoados quase abafados pela floresta, pela inexistência de um produto cultivável, compensador da sua derrubada.

E assim veremos adiante esta zona do vale do Paraíba continuar bravia e quase inculta, malgrado ser a mais próxima do Rio de Janeiro.

As formações geológicas do vale estendendo-se pela bacia do Paraibuna, dão origem, pela fertilidade do solo ao grande complexo florestal que só termina quando varada a Mantiqueira aquém de Barbacena, onde os quartzitos, folhelhos e xistos da série Minas, elevam a superfície dos planaltos, só permitindo uma vegetação de arbustos entortilhados e dispersos em cerrados.

Êste limite nítido entre as rochas de duas Eras e definido pela Mantiqueira, vai ter ainda repercussões na geografia humana do vale. Porque mais para oeste, a grande serra encurva-se para o sul, aproximando-se do Paraíba, bem próximos do qual nascem no Itatiaia os afluentes do rio Grande que passam a correr pelos campos de formação proterozóica. [106]

Por êstes campos serpeava um dos velhos caminhos das Bandeiras, origem de cidades e vilas como Baependi, Aiuruoca e Bocaina. A aparência desta última, sobretudo, que há alguns anos

[106] LAMEGO, A. R: O maciço do *Itatiaia e regiões circundantes*. "Boletim" n.º 88 do Serv. Geol. e Mineralógico.

visitamos, é de tal antiguidade que, volvendo a imaginação ao passado, esperaríamos ver em suas ruas, hirsutos homens de trabuco em punho e encourados em gibões, a falarem de arrôbas de ouro. Não menos vetustas são as duas primeiras, não obstante alguns retoques modernos.

Natural seria pois que, desta zona povoada desde os primeiros passos das Bandeiras devido a sua geologia, refluísse mais cedo a imigração sôbre o vale próximo do Paraíba. Foi o que fêz SIMÃO DA CUNHA GAGO, coronel paulista estabelecido em Aiuruoca, o qual por ali entra em 1744. [107]

É êle o primeiro a ver a bacia terciária de Resende, encaixada no vale arqueano do rio, a qual, por seus peculiares fatôres geológicos apresentando um solo menos fértil para o adensamento florestal, desdobrava cerrados ou longos campos descobertos, abrindo um vazio no matagal. Daí a origem do "Campo Alegre", assim batizado pelo bandeirante. [108]

Essas campinas da bacia terciária, extensa clareira única nas florestas fechadas da região fluminense do vale, e que se estende por cêrca de 40 quilômetros de Quatis a Itatiaia, repercutem por seu determinismo telúrico na cultura serrana de maneira excepcional. Com elas, já no setecentos, tornam-se possíveis na Serra *a* pecuária e a cultura da cana.

Não teve pois esta zona de esperar pelo café para a sua exploração. Em 1747, já ali existia a paróquia de Nossa *Senhora* da *Conceição do Campo Alegre* da *Paraiba* Nova, embora só fôsse construída a matriz em 1752. [109] Era o nascimento de Resende.

Com êsse arraial rasga-se uma terceira brecha na floresta das Minas Gerais para o Rio de Janeiro, estrada essa logo, porém,

---

[107] TAUNAY dá a chegada de CUNHA GAGO e de seus companheiros ao Campo Alegre por volta de 1740. (*Hist.* do Café no Brasil, vol. LI, pág. 141).

[108] "Perseguido SIMÃO DA CUNHA GAGO por adversa fortuna na capitania de São Paulo, onde era coronel e habitante, passou a das Minas Gerais com o destino de melhorar a sua sorte, para o que assentou vivenda no sítio da lagoa denominada Ajuruoca. Mancomunado ai com outros, entrou no desígnio. — bem que oculto, de pesquisar ouro e pedras preciosas; e como lhe fôsse preciso encobrir o intento, obteve licença do capitão-general de São Paulo. D. LUÍS DE MASCARENHAS, que principiou a governar em fevereiro de 1739 e finalizou em 1748 —, para entrar em conquista do gentio, povoador do sertão da sua vizinhança. Com essa faculdade rompeu afoitamente os matos, atravessou rios e chegou as margens do conhecido com o nome de Para-íba, em fins de 1744 ou já no principio do seguinte, de cujo lugar, divisando uma dilatada campina, e mui aprazivel, se agradaram os novos sertanejos para assentar o seu domicílio, lançando aí fundamentos da cultura e dando ao terreno o nome de Campo Alegre, com que fizeram conhecido o pais de nôvo habitado". (PIZARRO: Memórias *Históricas,* vol. V, pags. 37-38).

[109] "Em companhia do sobredito coronel e seus sócios, passou o padre FILIPE TEIXEIRA PINTO, deixando o exercício de capelão da capela de N. S. do Rosário de Ajuruoca, sita nos confins da capitania de Minas Gerais com a do Rio de Janeiro, e, domiciliados todos naquele lugar, pretenderam por isso erigir uma casa decente, em que o mesmo sacerdote lhes administrasse os Santos Sacramentos, como seu pároco privativo. Nesse projeto recorreram ao Ordinário do Rio de Janeiro, de quem obtiveram a provisão datada de 12 de maio de 1747, para o uso do altar portátil, enquanto dispostos os madeiros para êsse, com oportunidade se pudesse levantar o templo"... "Gozou a capela de prerrogativa de curato desde a fundação, até que foi elevada a matriz em 2 de janeiro de 1756". (Idem, págs. 38-40).

proibida pelo temor do contrabando do ouro, só vindo a ser legalmente trafegável em 1816.[110]

Desde os começos da colonização tiveram os pioneiros de enfrentar os indígenas aldeados a quatro léguas da margem oposta do Paraíba que o vice-rei D. Luís DE VASCONCELOS manda catequizar, dando ao povoado o nome de São Luís Beltrão.

Frequentes ciladas e assaltos de "brutalidade insolente" desanimam o colono que só consegue estabilizar-se com os socorros de uma oculta picada que vinha de Minas. Torna-se o aborigine menos agressivo, e, logo então, começam as concessões de sesmarias nas "fecundas terras do distrito, onde altos e mui grossos madeiros persuadem a gordura do terreno de sua criação, e a presente cultura manifesta com prazer ao lavrador a gratidão do trabalho".

Disse isto PIZARRO em 1820, quando já se acham ali pelas margens do Paraíba 9 fábricas de açúcar e rapadura, plantações de cana, café milho, feijão, arroz e "outros legumes", além de uma desenvolvida pecuária.

"As campinas das fazendas abundantes de pascigos, criam com fartura muitas mil reses que, ministrando em grande parte o auxílio das carnes ao povo da capital, igualmente o fartam dêsse alimento com sabor mais grato que não podem ter as boiadas trazidas das capitanias de São Paulo'e das Gerais, por chegarem fatigadas de longas marchas, tendo nelas trilhado caminhos escabrosos e vadeado muitos rios."[111]

Por suas condições geográficas especiais, decorrentes da sua geologia, a zona do "Campo Alegre" excepcionalmente se tornara na Serra, desde os começos do desbravamento, abastecedora de gado para o Rio de Janeiro.

Com essa economia rural tão promissora, ràpidamente evoluciona o núcleo primitivo, onde "em circunferência da matriz existem muitas casas térreas, ocupadas anualmente por diferentes pessoas ali residentes e por alguns comerciantes de fazendas, secos e molhados, e várias oficinas que, formalizando um pequeno arraial, também dispunha o sítio para o assento da vila", "cujo estabelecimento se fazia tanto mais necessário, quanto a distância de quatro a cinco dias de caminho áspero até a cidade, dificultava ao povo o recurso das suas dependências ordinárias da Justiça".

---

[110] "A ordem de 9 de abril de 1745 proibiu de usar-se do caminho que, das minas de Ajuruoca abriram ANTÔNIO GONÇALVES DE CARVALHO e outros sócios para o Rio de Janeiro e costas do mar, e o aviso de 22 de janeiro de 1756 mandou bbservar a lei de 27 de outubro de 1733, que exclusivamente proibiu a abertura de novas picadas, mas a carta régia de 4 de dezembro de 1816, em atenção a cultura das terras, comércio pelo interior e navegação dos rios, ordenou a abertura de diferentes estradas". (Idem, nota & pág. 38).

[111] Idem, pág. 42.

Uma das primeiras vilas serranas ia dêsse modo nascer, impelida por circunstâncias prematuramente alheias a economia cafeeira, como aconteceria com outras cidades do médio vale. É que, por motivos singulares, um fragmento da estabilizada cultura rural da velha Baixada com os seus engenhos e as suas boiadas, para ali pudera destacar-se com antecedência, preparando a terra com o povoamento para o "ciclo do café".

'A essa dianteira cultural proporcionada pelos fatôres telúricos é que se deve a fundação da primeira vila fluminense na Serra. Quem a funda é o próprio neto do "Caçador de Esmeraldas", *o* coronel FERNÃO DIAS PAIS **LEME**. E, significante é o fato de, ao pôr em execução a mercê de erguer uma vila, doada ao avô por D. JoÃo V pela abertura do "Caminho Nôvo", não ir escolher o local histórico onde o bandeirante cruzara *o* rio, afazendando-se com a família. Preponderantes sôbre o sentimentalismo familiar e tradicional, os motivos econômicos levam-no a esquecer a *Paraiba Velha* de GARCIA PAIS, com a preferência da *Paraiba Nova* de SIMÃO DA CUNHA GAGO, não obstante a já sensível evolução daquela com cem anos de passagem obrigatória de todo o tráfego do Rio de Janeiro pelo "Caminho Nôvo".

Por seus fatores geográficos oriundos de um determinismo telúrico, é que o arraial de Nossa Senhora do Campo Alegre, pousado a beira da bacia terciária desimpedida de matagais e mais rapidamente evolucionado, em 29 de setembro de 1801, passa a denominar-se *vila* de Resende, em homenagem onomástica ao conde vice-rei.[112]

O local da povoação também fôra prèviamente decidido pelo meio físico. Ergue-se ela num pontal de rochas arqueanas, único a atravessar o rio de sul a norte da bacia terciária, dominando as campinas da margem esquerda suavemente onduladas.

Provavelmente foi devido a essa antecipação cultural que a liderança do ciclo de café na Serra Fluminense coube a Resende com as primeiras mudas levadas da chácara dos Barbadinhos no Rio de Janeiro, pelo padre ANTONIO DO COUTO DA FONSECA, para uma sua propriedade na zona, onde em breve a inicial atividade dos engenhos e dos criadores se tornaria insignificante com a prodigiosa economia dos cafèzistas, nos terrenos férteis em tôrno da bacia terciária.

---

[112] **"Havendo El-Rei D. JOÃO V concedido ao capitão-mor GARCIA RODRIGUES PAIS LEME, em recompensa dos serviços exuberantes que fêz a Coroa, e pelo conhecimento do Caminho Nôvo sôbre a serra dos Órgãos para as Minas Gerais, a mercê de levantar uma vila onde lhe parecer conveniente, segundo o alvará de 1715, registado no Livro 11.º do Senado da: Capital do Rio, como em dias daquele capitão-mor, nem nos de seu filho o mestre-de-campo, PEDRO DIAS PAIS LEME, não se efetuou o erguimento da vila, pô-la em execução seu neto, o coronel FERNÃO DIAS PAIS LEME, fazendo criar no arraial do Campo *Alegre* a vila que, em obséquio ao conde de RESENDE, Se denominou Resende, em 29 de setembro de 1801". (Idem, vol. V, pág. 48).**

Resende é o foco originário do grande ciclo do café no vale do Paraíba e nos planaltos do sul, preliminarmente experimentado nas montanhas e colinas do Rio de Janeiro e da Baixada.

Consoante FIGUEIRA DE ALMEIDA, foi ao marquês de LAVRADIO que ficamos a dever o estímulo ao plantio do café no distrito serrano, sendo êle que "a fim de animar a lavoura do café que tinha introduzido no município em 1770, isentou em 1772 do serviço militar os habitantes dessa zona que plantassem certo número de pés de café". [113]

BASÍLIO DE MAGALHÃES cujas obras são sempre baseadas na mais farta documentação, de maneira idêntica, ressalta a influência do vice-rei no desenvolvimento da grande lavoura cafeeira, [114] embora TAUNAI a considere enormemente exagerada. [115]

TEIXEIRA DE OLIVEIRA também nos dá o comêço do plantio do café na bacia do Paraíba, como iniciada em Resende em terras do padre COUTO, — um dos mais progressistas fazendeiros de seu tempo, segundo o ilustre botânico FREIRE ALEMÃO, [116] o qual levara para ali as mudas da sua grande propriedade do Mendanha, nas vizinhanças da capital, "a primeira grande fazenda de café no Brasil, digna dêste nome". [117]

De PIZARRO colhemos que, foi da "fazenda chamada do Mendanha, na freguesia de Campo Grande, donde se extraiu tôda planta, ou a maior parte dela que principiou a povoar as terras mais distantes além da Serra, como as de São João Marcos e de Campo Alegre, de cujos sítios assaz pródigos, e pela frescura mui próprias a sustentação do arbusto, se exportam hoje as porções mais consideráveis dêsse grão".

VALE BITTENCOURT situa o primitivo foco de irradiação no lugar da "Canha Grande" no distrito de São Vicente Férrer, dizendo que da fazenda de ANTÔNIO FERNANDES BAÍA, em terras da antiga aldeia dos Puris, — São Luís Beltrão —, é que saíram as primeiras sementes para as lavouras de Bananal, [118] marco inicial da invasão do café na província de São Paulo, de formidáveis repercussões futuras na economia brasileira.

Em território fluminense, foi portanto nas zonas de Resende e São João Marcos que ocorreu em grande escala a definitiva expansão dos cafèzais. Foi dos dois futuros municípios que se espraiaram em colossais ondulações para tôda a bacia do Paraíba inaugurando o grande ciclo do café.

---

[113] FIGUEIRA DE ALMEIDA, Antônio: História *Fluminense,* Rio, 1930, pág. 85.
[114] MAGALHÃES, Basílio de: O Café, São Paulo, 1939, pág. 104.
[115] TAUNAY, Afonso de E.: História do *Café* no Brasil, II, págs. 128-129.
[116] TAUNAY, Afonso de E.: Obr. cit., pág. 128.
[117] OLIVEIRA, Teixeira de: Vida maravilhosa e *burlesca do café,* Rio, 1942, pág. 167.
[118] VALE BITTENCOURT, Júlio do: O café resendense. "O Jornal", ed. com. do bicent. do café, 10.ª secção, pág. 9.

Entre as cidades fluminenses do café, Resende vai tornar-se em breve a "capital do sul", como Itaperuna viria a ser a "capital do norte" em nossos dias.[119] Em meados do século imperial é Resende talvez o maior centro exportador. O seu café "não descia para Mangaratiba: por via fluvial, ganhava Barra do Piraí, a caminho do Rio de Janeiro. Havia lá nove grandes armazéns e cinco em Itatiaia. Algumas casas exportadoras exportavam 200 000 arrôbas cada uma. Oitenta barcos de grande porte faziam o serviço entre Resende e Barra, cobrando $400 de frete por arrôba, e podendo cada qual transportar 700 arrôbas de uma só vez. Muito mais tarde, Luís PEREIRA BARRETO, filho de Resende, levaria daí para Ribeirão Prêto o café "bourbon", que ainda é o mais valorizado no Estado de São Paulo".[120]

Com a sua exportação excedendo a 600 000 arrôbas anuais, vemos que, poucos decênios bastaram para uma total transformação da mentalidade econômica desta zona. Foi apenas necessária a presença do café como nôvo estimulante agrícola, para que todos os fundamentos da sua atividade rural fôssem deslocados. O determinismo telúrico originador da suas iniciativas na pecuária e nos engenhos de açúcar, foi dominado por imperativos que, embora também decorrentes das características do solo e do clima, — sendo portanto parcialmente um determinismo geográfico —, derivam de outros fatôres de ordem econômica numa época em que tôdas as idéias serranas se focalizavam no café.

Dá-se ali uma substituição completa de culturas. Dentro dos limites da permissibilidade geográfica o homem impôs a sua vontade a terra bárbara.

Por iniciativa de D. PEDRO II foi criada a Colônia de Pôrto Real. com imigrantes alemães.

Resende elevada a cidade em 13 de julho de 1848, mostra-nos que, com a mudança da mentalidade econômica motivada pelo aparecimento de um nôvo fator de trabalho agrícola, modifica-se tôda a paisagem de uma zona, com diretas repercussões no centro urbano rapidamente evolvido pela agitação de crescentes atividades comerciais.

2 — SÃO JOÃO MARCOS *E* O "CAMINHO DE SÃO PAULO"

No decorrer dos dois primeiros séculos da colonização aquela misteriosa e formidável muralha da serra do Mar deve ter sido uma obsessão contínua. Sobretudo quando já nos princípios do setecentos, muito além dela se sabia existir uma terra fabulosa, imensuráveis vastidões batidas pelo bandeirante a cata de índios, ouro e pedrarias.

---

[119] AMARAL, Luis: *História Geral da Agricultura Brasileira,* vol. III, pág. 80.
[120] Idem. págs. 84-85.

Contìnuamente deveriam os pertinazes lavradores da Baixada erguer os olhos para a crista serrana, almejando transpô-la para devassar o segrêdo daquelas brenhas impenetradas.

Como era de se esperar, cresceu uma ânsia de subir, de varar as gargantas gorgolejantes de ribeirões, de abrir enfim uma vereda através daquele tenebroso matagal para espiar a terra ainda não pisada desde a semilendária expedição ordenada em 1530 por MARTIM AFONSO DE SOUSA.[121] MATOSO MAIA FORTE menciona várias sesmarias concedidas na Serra nos fins do século XVII e princípios do seguinte, sendo que os seus efeitos civilizadores devem ter sido quase nulos.[122]

No extremo oeste fluminense, onde a serra do Mar se levanta a beira do oceano, sem quase deixar espaço as atividades agrícolas, de Angra dos Reis sobem exploradores desde o comêço do século XVIII. Tais entradas, porém não redundaram no cultivo da cordilheira. Faltavam ainda fatôres econômicos, para que o homem se dispusesse a abater a massa de troncos gigantescos da imensa floresta tropical, a envolver num contínuo manto aquelas bárbaras serranias.

O que iria dar início ao desbravamento eram as novas necessidades de comunicação de São Paulo e Minas Gerais com o Rio de Janeiro.

O "Caminho Velho" dos Goianás indo por terra de São Paulo a Parati, onde os viajantes seguiam por mar até a Guanabara, punha todo o intercâmbio entre esta baía e o interior à mercê dos proprietários de barcos, além do risco de piratas. Urgia a construção de uma nova estrada que diretamente ligasse os dois

---

121 "Como fomos dentro da bafa do Rio da Janeiro —, mandou o capitão fazer uma casa forte com cêrca por derredor; e mandou sair a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos as coisas de que tínhamos necessidades. Daqui mandou o capitão quetro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dois meses: e andaram pela terra cento e quinze léguas, e as sessenta e cinco delas foram por montanhas mui grandes: e as cinqüenta foram por'um campo mui grande: e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquêles campos; e lhes fêz. muita honra. e vem com êles até os entregar ao capitão; e lhe trouxe muito cristal, e deu novas como no rio de Peraguai havia muito ouro e prata. O capitão lhe fêz muita honra e lhe deu muitas dádivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente dêste rio é como a da baía de Todos os Santos: senão quanto é mais gentil gente. Tôda a terra dêste rio é de montanhas e serras mui altas." (Roteiro de PÊRO LOPES DE SOUSA; cf. PORTO SEGURO: *História* Geral do Brasil, 3.ª ed., tomo I, pág. 150).

122 Foram as seguintes estas sesmarias: "de DIOGO COELHO DE ALBUQUERQUE, em 1655, detrás da serra dos Órgãos; de FRANCISCO ANDRADE, JOÃO DE FARIA DO EVANGELHO, PANTALEÃO DUARTE e SEBASTIÃO MONTEIRO na serra da Caioaba; do capitão GONÇALO DE MURROS, em 1662, no alto Macacu; de GABRIEL DA ROCHA FERREIRA e outros, nas cabeceiras do Macacu; de ANTÔNIO DE TOLEDO SOUTO MAIOR e outros, em 1676, detrás da serra dos *órgãos* até o rio Paraíba; e de ÚRSULA MACIEL, em 1684, entre o rio Marapicu e a serra do Tinguá". Esse movimento acentuou-se no século XVIII, sendo registadas em 1711 as sesmarias de JOSÉ PINHEIRO DE MACEDO e outros, detrás da serra dos Órgãos; de SIMEÃO PEREIRA DE SÁ e ANTÔNIO ALVES DA COSTA, no Caminho Nôvo das Minas, no sitio Pacibuna: entre 1714 e 1717, várias outras nesse mesmo caminho; entre 1721 e 1723, por trás das serras dos Frades e da Tocaia; em 1723, de AMADO FONSECA, na serra do Tinguá; de JOSÉ BORGES RAIMUNDO e de JORGE PEDROSO DE SOUSA, na serre do Frade; em 1725 de JOSÉ DE SOUSA BARROS, na serra da Boa Vista, caminho de Minas; em 1735, de FRANCISCO GOMES RIBEIRO, no Caminho Nôvo das Minas; em 1737, de JOSÉ DE VARGAS PIZARRO, entre a serra Tamaratiá e a da Boa Vista; em 1744, de JOSÉ LOPES DE AZEVEDO, no sertão do Rio Paraiba; em 1747, de JACINTO GOMES, no Caminho de São Paulo; de CAETANO VIEIRA PÔRTO, no rio Piraí; e de muitos outros nos caminhos novos de Minas e São Paulo". (JOSÉ MATOSO MAIA FORTE: O *Estado* do Rio de Janeiro, Rio, 1928, págs. 42-43).

grandes centros da Colônia, decidida pela ordem régia de 1728, mandando abri-la, sendo iniciada por Luís Vaía Monteiro, governador do Rio de Janeiro. [123]

Com a primeira picada mergulharam os pioneiros na floresta. "Povoadas as terras do sertão além da serra de Itaguai, pelos colonos primeiros, João **Machado Pereira** e seus sócios, teve origem a freguesia de São João Marcos, cujo nome se comunicou ao distrito de nôvo cultivado". [124] Deu-se esta penetração em 1733, sendo a capela inicial erguida nas terras do fundador elevada a curato em 1742. [125]

Como quase todos os pequenos templos primitivos das fazendas dessa época, também êste se aruinou, tendo um capuchinho italiano escolhido nôvo local no sitio das Panelas, onde começou a nova matriz em 1783, só terminada em 1801. [126]

A importância dêsse templo.de grandes proporções cujas paredes mergulham hoje nas águas da reprêsa da Light and Power atesta o rápido povoamento de tôda essa vasta região serrana fluminense no século **XVIII.** Como iremos ver a colonização foi imediata após a abertura do Caminho de São Paulo. O próprio govêrno concedia sesmarias com a dupla obrigação de cultivá-las e de prestar auxilio na construção da estrada. Numerosos imigrantes paulistas deixaram por êsse tempo as velhas cidades do vale do Paraíba. [127]

Nascia dêsse modo São João Marcos em plena selva, como pouso mediano entre aquelas cidades e o Rio de Janeiro. Crescia como lugar de encontro de duas velhas civilizações que de longa data se buscavam: a do planalto paulista e a litorânea fluminense.

Dessa atração mútua chamando colonos de ambas as capitanias é que rapidamente se desenvolve o distrito de São João Marcos com grande número de propriedades rurais. Os fatôres geográficos regionais quase nenhuma influência tiveram na localização do povoado, perdido entre matagais, mas sim as repercussões demográficas decorrentes da abertura do caminho que espalhou fazendas por todo êsse território ocidental da Serra Fluminense.

Por isso é que, sem um concurso de fatôres que a tornassem uma "cidade natural", como tantos outros povoados à beira de antigas vias de comunicação, São João Marcos estaria irremediavelmente condenada à decadência com o aparecer de novos sistemas de transporte. Por mais auspiciosos e progressistas que

---

123 Ascendino *Dantas, Luís: São João Marcos e Rio Claro, Rio 1936,* págs. *5-6.*

124 *Pizarro: Memórias Históricas do Rio de Janeiro, Rio, 1820, vol. IV,* pág. *200.*

125 Lamego, Alberto: *Subsídios para a história do município de São João Marcos. "O* Estado", Niterói.

126 Pizarro: *obr.* cit.

127 *Ascendino* Dantas dá *uma relação destas* sesmarias, *obr. cit.,* págs. *5-6.*

hajam sido os seus inícios, de antemão estaria ameaçada a Cidade histórica mas sem fundamentos geográficos suficientes para uma ininterrupta evolução.

São João Marcos movimentar-se-ia apenas enquanto os morros d o seus arredores fôssem agitados pela faina temporária do café, e o "caminho de terra" fôsse a rota essencial entre São Paulo e o Rio de Janeiro.

Sòmente nesse curto período poderia a cidade viver, como reflexo da riqueza das grandes e ricas fazendas onde milhares de negros colhiam da terra o ouro dos senhores do café, o qual, como em Resende, entrara ali ainda nos fins do século XVIII,

Antes porém da expansão da rubiácea que viria subitamente assentar na cordilheira uma adiantada civilização, já a cultura do solo era feita no distrito com uma intensidade rara nos elevados matagais da terra fluminense. Tenha-se em vista a estatística da sua produção em 1797, constante de 11 470 alqueires de milho, de 3 315 de arroz, de 2 417 de feijão, de 2 040 de farinha e de 5 540 de café. [128]

Com êstes dados pode-se colhêr que, já naquele século era bem intensa a atividade agrícola de São João Marcos, impulsionado por um contínuo tráfego entre São Paulo e o Rio e atravessando as suas terras fertilíssimas.

Tão ricas são essas terras para a lavoura que, os angrenses a míngua delas desde os primeiros anos da sua descoberta, tentam constantemente transpor a serra do Mar, para submetê-las a sua jurisdição.

Já porém tão enraizados se acham ali os pioneiros que lhes não permitem a subordinação da sua freguesia, [129] cujos limites

---

[128] ASCENDINO DANTAS, Luís: Obr. cit., pág. 15.

[129] "Abertas as picadas pela serra do Itaguai para o mato dentro, até o distrito que se denominou de São João Marcos, correndo os anos de 1730 a 1740, principiou a cultura das terras do seu contôrno, e, fácil foi aos colonos a descoberta dos caminhos, por que se procuravam a comunicação mais próxima do mar e dos moradores da ilha Grande. Com assaz trabalho chegaram os sertanejos ao rio Pirai, donde continuou a picada para a vila o padre MANUEL ANTUNES PROENÇA, vigário que era da freguesia, interessado em fundar fazenda no sítio de Capivari, além do rio sobredito para a parte da Serra, e, com o desígnio também de estender os limites da paróquia, sem atenção ao prejuízo do território pertencente a freguesia de São João Marcos, fundada já e cultivada, cujos têrmos pretendeu mansamente diminuir a proveito seu. Dai se originou que, ambicionando a Câmara da vila a extensão jurisdicional, se avançasse na pretensão de corrigir os sítios além da Serra para São João Marcos, cujos moradores resistiram sempre ao intento, e jamais consentiram na posse projetada da Câmara, a qual, esquecida da sua informação ao corregedor e ouvidor geral MARCELINO RODRIGUES COLAÇO, em 23 de outubro de 1757, — talvez por lhe faltar o direito de se Introduzir na longitude de dezesseis léguas pelo mato dentro —, atestou a requerimento de MANUEL GONÇALVES PORTUGAL, morador junto ao rio Piraí de cima e informou em 5 de agôsto de 1783 ao vice-rei LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA, a requerimento de JOAQUIM GOMES CORREIA, em julho antecedente. reconhecendo por dividente da vila e da freguesia, a *Serra do* Marque, na informação primeira citada chamou de *Grande;* e os documentos por que consta tudo isto, se registaram no Liv. de Reg. Ord. do Senado da Cidade, servido desde 1780 a 1784, fol. 210 verso. Desprezando a Câmara a ordem daquele Vice-rei em que lhe determinou não contendesse mais com o distrito de São João Marcos, nem pretendesse o esbulho da posse do seu território, como consta do documento registado no Liv. 4.º de Reg. particular da mesma Câmara fl. 55, continuou a inquietar os moradores confiantes, obrigando-os a requerer de nôvo 'outras providências ao vice-rei conde de RESENDE, por carta do comandante do Distrito, datada em 18 de janeiro de 1792". (PIZARRO: obr. cit., vol 11, nota às págs. 71-72).

vastos confinavam com a de Areias, em São Paulo, e as de Resende, Sacra Família, Itaguai, Mangaratiba e Angra dos Reis.

Um dos indícios do rápido crescimento de São João Marcos é o que nos dá um ofício de 1791 do conde de RESENDE, ali criando um corpo de cavalaria auxiliar, a fim de resistir aos índios que ainda infestavam a região, assolando fazendas e povoados, e também para defender as "terras minerais".

Em 1804 São João Marcos obtém uma vara de comarca. Em 1808 contam-se no distrito 550 fogos e cêrca de 4 600 habitantes. Há 6 engenhos de açúcar, 4 de aguardente, e, além dos produtos já citados há grande criação de suínos cevados com a já notável produção de milho. A não ser o açúcar que descia para Angra dos Reis onde era encaixotado, tôda a exportação se utilizava do "caminho de terra".

Em 1811, havendo já um arraial "formalizado com casas anualmente habitadas", pelo alvará com fôrça de lei de 21 de setembro, São João Marcos é elevado a *vila* de *São João do Príncipe*, a segunda a surgir na Serra após Resende. Com a nobilitação de PEDRO DIAS PAIS LEME, em 6 de fevereiro de 1818 o qual se torna barão de SÃO JOÃO MARCOS, inaugura-se na Serra com o primeiro título essa aristocracia rural que, pouco a seguir, no faustoso ciclo cafeeiro iria engrandecer a nossa economia pela metódica exploração da terra em grande escala.

FERNÃO DIAS não encontrara as esmeraldas nos sertões mineiros. Seus bisnetos, iriam defrontar-se entretanto com maior riqueza nos milhões de rubis dos grãos de café frutificados na Serra Fluminense. Porque já então o assalto formidável dos cafèzais se prepara contra a floresta e São João Marcos encontra-se na vanguarda.

Presume ASCENDINO DANTAS que, a planta revolucionadora da mentalidade agrária da Serra deva ter ali entrado por volta de 1792, já dando em 1797 mais de 5 000 alqueires. "Nas margens do ribeirão das Lajes e do rio Piraí, nas fazendas do Mato Dentro, do Machado, da Itaoca, do Capivari e do Passa Três, êle mais se desenvolvia, ou porque fôssem mais altas essas regiões, ou porque o clima melhor favorecesse a sua rápida germinação e o seu crescimento". [130]

Com o café que encontra nessa região serrana um magnífico *habitat* para o seu desenvolvimento, São João Marcos aceleradamente se transforma num dos maiores centros produtores da terra fluminense. Desde as elevadas cabeceiras ocidentais do ribeirão das Lajes e do rio Piraí até os limites com a freguesia de Vassouras,

---

[130] ASCENDINO DANTAS, Luís: Obr. cit., pág. 93.

em dois ou três decênios, por tôda parte as majestosas florestas virgens vão sendo substituídas por cafèzais.

Um dos melhores testemunhos dêsse toque de assalto em massa a floresta é o de SAINT-HILAIRE. Pelo critério científico das suas observações, pela exata compreensão da áspera luta que presencia contra o meio, — o que aveluda a sua prosa encantadora de um carinho especial pelo brasileiro do interior —, ao botânico francês devemos uma valiosa exibição parcial da Serra Fluminense, ao ser desvirginada pelos pioneiros do café.

De regresso da sua viagem a Minas e a São Paulo, vem êle ao Rio pela estrada que, após se alongar pelas margens paulistas do Paraíba, tocando em velhíssimas vilas bandeirantes, mergulha a seguir na zona florestosa.

Da leitura do seu livro percebe-se todo um quadro geográfico e econômico da marcha do café. Compreende-se não só a rapidez com que rolavam para o oeste os cafèzais em grandes vagas, como também se nota uma viva transição cultural motivada por essa planta.

Ao transpor o Registro da' Mantiqueira, rumo a São Paulo, o viajante ilustre prosseguia através de povoados antiquíssimos, anotando costumes e hábitos coloniais. É ainda a velha mentalidade gasta como os caminhos das Bandeiras, lerda como o rio a deslizar em meandros pela planície quaternária. Casebres, casinholas, "um número considerável de casas e muita terra cultivada, mas muito poucas habitações de certa importância". [131]

Os matagais dominam ainda a bacia, onde os primeiros grãos de café começam a ser enterrados. A velha civilização açucareira do litoral que ali subira, ainda persiste a modorrar a cantilena morosa das almanjarras e dos carros de boi. "Vêem-se engenhos de açúcar mesmo perto das casas que não indicam senão indigência".

Cachoeira Paulista então apenas Cachoeira e por onde passam tôdas as tropas que além Mantiqueira levam fumo ao Rio, voltando carregadas de sal, "compõe-se apenas de uma dezenas de casas e não passa de um distrito da vila de Lorena". Esta mesmo, com seu Paço Municipal de um só andar e constituída de pequenas casas em geral barreadas, é um vilarejo primitivo.

A seguir, até Guaratinguetá, defrontam sempre ao naturalista o mesmo casario rasteiro e esparso à beira do caminho, as mesmas engenhocas a exibirem numa franca estagnação o regresso a mentalidade litorânea de faiscadores desiludidos. O retorno do bandeirante empobrecido pela exaustão das lavras mineiras à vetusta

---

[131] SAINT-HILAIRE, Augusto: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e o São Paulo, (1822)"*. Trad. *de* AFONSO DE E. TAUNAY, *São Paulo,* 1932, pág. *138.*

lavoura colonial, a mais estável pela antecedência histórica de longa atuação na economia brasileira. [132]

Em quase todos aquêles casebres dorme-se na rêde. O índio ali deixara a sua presença na vida e na psicologia dessa população a estremunhar numa apatia indolente.

Guaratinguetá, Aparecida e Pindamonhangaba com a maioria das suas casas desabitadas durante a semana, são típicas "vilas de domingo", cujos habitantes ali vão nesse dia ou em outros de festa, para as cerimônias religiosas e as transações comerciais.

Não obstante bem povoada, tôda esta zona ainda pouco produz. Em Guaratinguetá, SAINT-HILAIRE não consegue abastecer-se de milho, arroz e farinha. Igualmente raros são o toucinho e o feijão. O povo alimenta-se de bananas e peixe.

Entre essa vila e Aparecida "não se vê uma casa que denuncie bem-estar, mas passa-se, sucessivamente, por diante de uma infinidade .de casinholas, várias delas, vendas?. Mulheres e homens a cavalo, em número bastante grande vão a missa, aquelas muitas vêzes sòzinhas.

Pindamonhangaba, vila de estrada e de passagem, consta apenas de uma rua. Uma única cidade: Taubaté. Mas a maioria das suas casas fica também fechada durante a semana. O café já ali chegara, começando a substituir a lavoura da cana.

A mestiçagem com o índio é sensivelmente notada. A medida que São Paulo se aproxima, crescem as características mamelucas. "Os 'habitantes da beira desta estrada são de aparência branca, mas distinguem-se em vários dêles traços típicos da raça indígena. Cabelos louros e olhos azuis não são raros".

Além de São José dos Campos que "não passa de mísera aldeia composta de casas pequenas e mal mantidas", Jacareí, embora um pouco melhor, demonstra indigência. Ali os traços da

---

[132] **Dessa letargia, em breve, também a zona paulista do vale do Paraiba iria com nôvo alento despertar com a chegada do café, que, transpondo os limites provinciais vigorosamente prosseguia o seu caminho para oeste. Em 1837 era a seguinte a produção em arrôbas nos centros cafeeiros dêsse vale:**

Bananal	**64822**
Areias	**102797**
Lorena	**33649**
Guaratinguetá	**22442**
Cunha	**50**
Taubaté	**23 607**
Pindamonhangaba	**62 628**
São Luis	**16200**
São José	**9 015**
Jacarei	**54004**
Paraibuna	**23322**
	412 536

A produção total da província era então de 588 136 arrôbas. (Marechal DANIEL PEDRO MÜLLER: Ensaio *d'um* Quadro *Estatistico* da Provincia de *São Paulo*. Reedição literal, São Paulo, 1923, págs. 124-129).

raça indígena são muito pronunciados. O nariz é mais chato que o dos europeus e os malares proeminentes. [133] "As fisionomias exprimem muitas vêzes doçura e encanto, mas são sempre inexpressivas. Os homens desta região, tardos de movimentos, parecem indiferentes a tudo. Não mostram a menor curiosidade, falam pouco e são muito menos educados que os de Minas. A pronúncia portuguêsa toma na bôca dêstes últimos uma doçura que não existe na dos portuguêses da Europa; mas aqui esta doçura se torna já moleza; as inflexões são pouco variadas, e têm qualquer coisa de infantil, que lembra a língua dos índios". [134] Como visível estigma de degenerescência nessa velha zona bandeirante, desde Baependi, além do Itatiaia, verifica o naturalista a generalização do bócio.

É êste o cenário que então apresenta no comêço do passado século quase tôda a zona paulista a margem do Paraíba. Um quadro ainda caracteristicamente colonial.

Não obstante a roupagem nova dos cafèzais que já por ali chegam, parcialmente revestindo uma cultura antiga, é no entanto, ainda, o aspecto desta que predomina, embora desbotada. pelo anacronismo. Tôda a vida urbana e rural frouxamente se entrelaça de iniciativas rotineiras de um homem de têmpera gasta pelo tempo, e que ali vegeta como que esquecido de si mesmo, de sua passada intrepidez, com as suas velhas almanjarras, o seu comércio domingueiro de burros e cavalos que relembra o imutável estágio evolutivo dos ciganos, com as suas varas de pórcos que viajam a pé centenas de quilômetros para o Rio de Janeiro.

Dir-se-ia ter ali ocorrido uma neutralização de impulsos criadores pelo choque de duas correntes opostas: a dos bandeirantes a caminho das Minas Gerais, e a do retorno dêstes, desiludidos e indigentes.

Paira sôbre tôda esta zona uma estagnada mentalidade primitiva. Os homens que ali vemos são da estirpe dos velhos colonizadores, falando "sempre no rei como árbitro supremo das suas existências e da de seus filhos. É sempre ao rei que pertencem os impostos, as passagens do rio..."

Todo êsse quadro, porém, irá em breve desaparecer, como já observa SAINT-HILAIRE em seu regresso, quando em Lorena pene-

---

[133] Em seus inícios fôra o vale paulista do Paraíba frequentado pelos jesuítas, vindos de São Paulo e de Ubatuba. Fundaram êles a Aldeia de São José por volta de 1680. "Em 1692 chamava-se Residência de *Paraíba* do *Sul*, dependente do Colégio de São Paulo, e em 1692 *Residência* de *São* José. Em 1757 a Aldeia de São *José* do *Paraíba* tinha 412 índios, sendo elevada a vila em 1767 e a cidade em 1864 com o nome de São *José* dos Campos.

Os jesuítas fizeram várias missões entre elas, uma em 1750 a Nossa Senhora da Conceição, futura Aparecida, cuja imagem fôra encontrada no Paraíba, na rêde de uns pescadores. (SERAFIM LEITE: Histdria da Companhia de Jesus no Brasil, vol. VI, págs. 367 a 379).

[134] SAINT-HILAIRE: obr. cit., págs. 165-166.

tra no caminho do Rio através de florestas quase virgens.[135] A tôda uma civilização antiga de dois séculos, com reminiscências coloniais do tempo da mineração, vai suceder uma cultura original e vigorosa que, a golpes de machado avança desde a terra fluminense abatendo as selvas.

O primeiro indício dêsse ineditismo cultural para o viajante é a inexistência de povoados caducos, substituídos pelos ranchos. Nessa longa caminhada através de serras até a baixada de Sepetiba, serão êles o pouso obrigatório e isolado para os que varam o matagal, onde com as derrubadas, a terra desnuda e virgem esquenta-se, pela primeira vez, aos raios solares.

"Hoje deixamos o caminho que seguíamos desde quando viemos de Minas, e, logo depois, entramos em matas virgens que lembram absolutamente a dos arredores do Rio de Janeiro. As árvores ali têm o mesmo vigor, as palmeiras e cecrópias crescem com igual abundância. O verdor dos vegetais tem côres igualmente escuras". É que, SAINT-HILAIRE abandonando o Paraíba, sobe a zona serrana, indo ao encontro da maré cafeeira partida do Rio.

Raros seriam os engenhos de açúcar nesse meio acidentado e impróprio a cultura da cana. Em seu lugar, crescentemente os cafèzais se espraiam. Malgrado, porém, êsse mergulho na selva, tão robusta é a ofensiva do café que a estrada é bem mais frequentada que o velho trecho anterior. Presenciamos a violenta arremetida da civilização contra a barbárie, improvisando acomodações. "Região montanhosa em que as matas virgens ostentam a plenitude da sua, magnificência; poucas plantas floridas. Não se vence mais de um quarto de légua sem encontrar uma venda e um rancho; muitas vêzes estão êles muito próximos uns dos outros. São os ranchos geralmente menores e construídos com menos cuidado que os da estrada do Rio de Janeiro a Vila Rica. O ves-

---

[135] **Para que se avalie a rapidez com que o café passou a dominar em poucos anos a velha cultura do vale paulista do Paraiba, basta-nos a seguinte estatística de 1837, apenas 15 anos depois da passagem de SAINT-HILAIRE:**

Localidades	Engenhos de açucar	Destilarias de aguardente	Fazendas de café	*Fazendas* de criação
Bananal	8	12	82	—
Areias	—	12	238	—
Lorena	9	74	62	4
Guaratinguetá	3	7	40	
Cunha	5	—	2	2
Taubaté	1	17	86	4
Pindamonhangaba	1	4	79	12
São Luis	—	2	3	—
São José	—	8	43	6
Jacarei	—	20	64	—
Paraibuna	1	—	83	—
	28	156	782	28

Há ainda na zona 12 engenhos de café em Jacareí, 2 de arroz, 3 fábricas de fumo e 5 engenhos de serrar além de numerosos sítios de café e criação. (Marechal PEDRO MÜLLER: Ensaio *d'um* Quadro *Estatistico* da Província de *São* Paulo. Reedição literal, São Paulo, 1923.

tuário das pessoas que encontro consiste simplesmente num grande chapéu de fêltro, camisa e calças de tecido grosseiro de algodão".

Essa curta transição revela-nos uma zona de pioneiros, de gente rústica a invadir a terra, de arrebatados violadores da floresta virgem ajustando-se a um nôvo ambiente.

Tais são as primeiras nove léguas desde o rancho de Tomás de Aquino, ainda nas margens do Paraíba, até o de Ramos no âmago das grandes selvas da cordilheira.. Ao redor dêste último porém, não obstante a selvajaria contornante, já aparecem cafèzais, desde aí cada vez mais numerosos na direção do Rio de Janeiro.

Estamos entretanto ainda em terras paulistas, na zona de Areias, onde os prenúncios de uma cultura nova transpondo os limites fluminenses, denunciam a transfiguração do meio pelo café. "Tanto a beira da estrada quanto a alguma distância, casas um pouco melhor tratadas que as vendas e habitadas por cultivadores abastados". A cultura do café é inteiramente nova nesta região, e já enriqueceu muita gente.

Tal o vigor da economia cafeeira que, não obstante recentíssima, em vanguarda já transborda das fazendas fluminenses. Tôda uma agitada geografia humana começa a sobrepor-se ao deserto selvagem da floresta.

A vida de Areias de súbito evoluciona com a chegada do café. É ela um importante marco a relatar a penetração rapidíssima da rubiácea através da Serra Fluminense em seu caminho para oeste. A vila desabrocha entre selvas "num vale entre dois morros cobertos de mato", e parecendo "inteiramente nova". E idêntica feição iremos surpreender em Bananal, rodeada de florestas.

E a estrada prossegue em corredor na mata que se desdobra gelas serranias. Em Pau d'Alho, o primeiro sobrado se ergue em prenúncio as futuras construções solarengas dos "barões do café" dos meados do século, cujas riquezas já começam a acumular-se nas arcas de rústicos desbravadores. "Quanto mais próximo da capitania do Rio de Janeiro, mais consideráveis se tornam as plantações. Várias existem também muito importantes, perto da vila de Resende. Proprietários desta redondeza possuem 40, 60, 80 e até 100 000 pés de café. Pelo preço do gênero devem êstes fazendeiros ganhar somas enormes".

Em 1822, justamente o ano da Independência, e quando por ali passa o naturalista, distante estávamos, porém, da grande transformação social motivada pelo café. Nada transparecia ainda para tão arguto observador, do que em poucos anos viria a ser a fulgurante civilização feudal do vale fluminense do Paraíba. A Côrte vazia da nobreza hereditária, enfatuada e inútil dos cor-

tesãos do reino, desprezadores da terra brasileira e que 'em boa hora regressara a Portugal, iria caracterizar-se, por enquanto, por uma apática reserva ante as truculências políticas e o alvoroçado sensualismo do irrequieto Imperador. O exemplo e o lustre cultural do Segundo Reinado, criador da nossa verdadeira aristocracia rural, ainda não viera refletir nos altos da cordilheira com todo aquêle intenso luzimento de solares engastados por tôda parte pelas mãos dos poderosos senhores da terra, afidalgadas e polidas no ambiente dos salões do Rio.

O que se via ali era apenas a primeira geração dos vanguardeiros derrubadores da floresta, inexperiente e desambiciosa de requintes e engrandecida sòmente pelo dinheiro.

O seu fim era apenas materialmente enriquecer, acumular bens pelo domínio de crescentes áreas desbravadas, sem quaisquer intentos de espiritualmente progredir, elevando o meio familiar a altos planos culturais. E "não é construindo boas casas e mobiliando-as" que atingem essa quase exclusiva finalidade. "Comem arroz e feijão. Vestuários também lhes custam pouco, nada gastam também com a educação dos filhos que se entorpecem na ignorância, são inteiramente alheios aos prazeres da convivência, mas é o café que lhes traz o dinheiro. Não se pode colhêr café senão com negros; é pois comprando negros que gastam tôda as suas rendas e o aumento da riqueza se presta mais para lhes satisfazer a vaidade do que para lhes aumentar o confôrto". Conquanto êsses grão-senhores "não difiram senão pela vanglória da fama dos pobres que vegetam a pequena distância de suas casas", elementarmente construídas e sem luxo algum, todo o seu orgulho é que saibam o número de escravos que possuem e o dos seus milhares de pés de café.

Verifica-se pelos dizeres de SAINT-HILAIRE, ao entrar na terra fluminense, que, embora continue asselvajada em brenhas, a elevação do índice demográfico testemunha a mais antiga penetração das lavouras. Os ranchos multiplicam-se. Já não são mais simples cubículos suficientes apenas para acomodação de viajantes esporádicos ou de pequenas tropas. A movimentação na estrada acentua-se com a produção crescente, com o maior número de fazendas. Um dêstes pomos, o Rancho Grande, já é "coberto de telhas, bem conservado, alto acima do solo e cercado com balaustrada". Quase uma hospedaria onde a vizinha venda abastece os viajantes.

Mas justamente êsse trecho da estrada geral mais transitado e sem conservação torna-se péssimo com perigosos atoleiros, ou escabroso em penedias escavadas pelo contínuo bater dos cascos de centenas de muares. Pouco interêsse têm ainda os fazendeiros enriquecidos mas incultos em beneficiar a grande via de comunicação com a capital, onde apenas iriam raramente a negócios

quando a sua presença era imprescindível. Tão difícil era o acesso a uma ponte sôbre o Piraí, devido a um tremedal, que era preferível atravessar o rio em pinguela com os animais a nado.

"E sempre montanhas cobertas de matas virgens no meio das quais se encontram cafèzais". Tal é o panorama que circunda São João Marcos, menos importante que uma aldeia, onde, a não ser a igreja de bom gôsto ornamental, tudo o mais é um casario baixo e enfileirado em tôrno de vasta praça. E era a segunda vila serrana, há mais de um decênio já cabeça de comarca!

Cercada de fazendas abastadas por seus grandes cafèzais, não obstante a sua riqueza agrária continua ligada ao Rio por um caminho péssimo, perigoso mesmo e com grandes rodeios e atoleiros, conforme ainda na mesma época testemunham SPIX e MARTIUS.[136] Inconcebíveis asperezas têm de ser galgadas na travessia do último cordão serrano que conduz a Itaguaí e as planícies de Santa Cruz. Mas esta estrada é continuamente agitada pelas tropas de café e pelas sucessivas levas de negros que sobem a povoar intensamente a cordilheira.

São êstes que lhe vão dar uma alma, sensibilizar a solidão apática como os restos de aborígines que ainda nela vagam pela floresta, ou se agrupam em insignificantes aldeamentos como os das vizinhanças de Areias[137] ou de Resende.

O negro é que, a poder de músculos vai transformar o meio físico da Serra, e ao mesmo tempo lhe vai dar pela invasão em massa, um inédito sentimentalismo indelèvelmente impresso nas memórias de tôdas essas fazendas que o tempo consumiu. É êle que as movimenta, que as agita com o seu trabalho, que as sonoriza, acalantando-as com as suas "danças, cantigas e música barulhenta desde o pôr do sol até pela noite dentro", conforme anotam SPIX e MARTIUS.

Já desde êsse tempo é a velha fazenda fluminense que tudo absorve e centraliza. A opinião de SAINT-HILAIRE sôbre São João Marcos, é a mesma dos ilustres sábios alemães. O que ali registram é apenas um lugarejo, em tôrno ao qual as derrubadas arrasam a floresta. Quase o mesmo aspecto que há cêrca de um decênio observamos nessa histórica cidade, antes do seu irremediável afogamento pela elevação da reprêsa do ribeirão das Lajes.

São João Marcos nada mais é hoje que um fantasma de cidade, a emergir de um vasto lago, com as duas tôrres da velha igreja a bracejarem de um dilúvio. Por algum tempo ainda, essa espectral aparição recordará o fastígio econômico do grande distrito cafeeiro do período imperial, até que as águas aluindo os ali-

---

[136] SPIX, (C.J.B. von) e MARTIUS, (C.F.P. von): *Viagem* ao *Brasil*, tradução de LUCIA FURQUIM LAHMEYER, Rio, 1938, pág. 177.

[137] Idem, pág. 182.

cerces dos seus prédios, amortalhem definitivamente os seus escombros por um geral desabamento.

Inesquecível será contudo a sua memória. Porque ao contrário de Vassouras e de outras cidades do café outrora, mesmo, sob a sua jurisdição como Itaverá e Piraí, continuasse embora o velho burgo até os tempos atuais como um simples vilarejo, o nome de São João Marcos relembra uma das regiões de maior riqueza e prosperidade na história fluminense do café.

Cidade erguida a margem de uma estrada de comércio, nada mais foi ela que um entreposto secundário. Enquanto viva, a não ser a igreja monumental, nada mais sobressaía do seu despretensioso casario. Nenhum prédio, mesmo assobradado, revelava o interêsse dos grandes senhores rurais por um progresso urbano E não obstante essa incúria, em tôrno a vila surgem povoados florescentes, "núcleos de uma oligarquia de lavradores" e cada um dêles se torna um "centro ativo de comércio" onde se realizam "compras e vendas vultosas, diretas, sem a intervenção dos chamados comissários".

É que os senhores do café em São João Marcos, em flagrante antagonismo com os de Vassouras e de Marquês de Valença, — talvez pela hipertrofia econômica de um clã rural, o dos BREVES — criadores de Mangaratiba —, jamais se organizaram para que a cidade serrana exibisse não só as suas grandes fortunas individuais como também um alevantado nível de sociabilidade e de cultura.

Os senhores rurais das margens do ribeirão das Lajes e do Piraí, eram antes de tudo, irredutíveis lavradores. O seu culto "era o trabalho constante, desbravando a terra, rasgando-a em sulcos para a plantação".

Não os movia o desejo de erguerem uma cidade soberba, sintetizando em construções artísticas e pomposas uma brilhantíssima civilização florescida em matagais. O de que cuidavam era das suas próprias fazendas, do bem-estar e do conforto em seus solares formigantes de famílias numerosas, do orgulho de apresentar ao visitante estarrecido os ricos interiores guarnecidos de preciosas mobílias, de cortinas custosas, de inumeráveis aposentos para os hóspedes sempre bem acolhidos.

Eram fazendas "que se não vendiam, passando de geração em geração, cada qual melhorando, dando-lhes maquinismos aperfeiçoados dos que melhor apareciam. Engenhos especiais de saque substituíam o pilão e o monjolo, antiquados instrumentos até então aproveitados".

Todo êsse escol agrário era de vigorosos camponeses que com a sua tenacidade alastraram sôbre a região intermináveis lavouras que os enriqueciam, dando-lhes meios de se polirem a si e a

esmerada prole que se cruza com a melhor nobreza do país e mesmo do estrangeiro.

Tão alto é ali o orgulho da opulência do clã familiar enobrecido que, talvez em nenhuma outra zona fluminense o senhor de terras e fazendeiro de café fôsse tão isolacionista como em São João Marcos. Daí o abandono da pequena vila que, não obstante a sua antiguidade, sòmente iria ser elevada a cidade em 15 de agôsto de 1890, já na República.

Resende e São João Marcos quase gêmeas como pioneiras do café na Serra, dão-nos um exemplo de como duas zonas com os mesmos inícios culturais, podem completamente divergir em seus processos evolutivos, devido aos fatôres geográficos. Com a revolução nos métodos de transporte pela estrada de ferro a margem do Paraíba, Resende, beneficiada, continuou a progredir. A sede municipal tornou-se uma bela cidade. São João Marcos, ao contrário, com o abandono do velho caminho de São Paulo viu continuamente definhar o seu pequeno centro urbano, cada vez mais esquecido por seus poderosos fazendeiros, atraídos pelas vias-férreas para o escoamento dos produtos, ou pelos portos vizinhos de crescente movimentação no Império.

Os mesmos fatores geográficos indicando por outro lado, outros caminhos entre o mar e o Paraíba que foram sendo utilizados com a expansão das lavouras de café, criaram novos feixes circulatórios por sua vez originadores de novos centros administrativos. A grande comarca subdividiu-se. A sua parte ocidental, veio a formar um dos mais prósperos municípios cafeeiros, que, como a seguir veremos, incorporou a própria sede municipal.

3 — ITAVERA E O PÔRTO DE ANGRA DOS REIS

Apesar de serem estas paragens do alto rio Piraí a mais distante zona fluminense do Rio de Janeiro atravessada pelo caminho de São Paulo, foi Rio Claro desde os começos da invasão serrana um dos recantos onde logo se desenvolveram as grandes lavouras de café. Desde os meados do século XVIII que ali vimos entrar colonos, e os fatores geográficos iriam doravante acelerar o seu povoamento.

De um lado, lhe chegavam de São Paulo os mais dinâmicos elementos do vale do Paraíba, desentorpecidos do velho sonho da mineração, e do outro, para ali subiam de Angra dos Reis imigrantes ambiciosos de terras próximas ao velho pôrto.

Angrenses e paulistas cobiçaram esta gleba montanhosa do primitivo território de São João Marcos. Malograra, como vimos a tentativa dos primeiros, devido a repulsa dos colonos. Igualmente malograriam as disputas dos segundos, querendo apossar-

se de Rio Claro e submetê-lo a vila de Areias.[138] Os direitos de São João Marcos foram respeitados, com a oposição dos seus lavradores que, de longa data, haviam entrado na floresta.

Entre êstes mencionamos MANUEL GONÇALVES PORTUGAL que funda em sua fazenda de Santa Bárbara, — antiga Cachoeira —, o cemitério de Capivari, cabendo a seu filho JOAQUIM a edificação das sedes das fazendas da Rôla e de Santana, das quais voltaremos a falar. Nesta última êle esmerou-se "na construção de um enorme casario, pois aí desenvolveu em grandes proporções suas lavouras de cana-de-açúcar, café e cereais, gado vacum, cavalar, lanígero e suíno, com maquinismos para aguardente, farinha e fubá de milho".[139]

Com êste exemplo de uma policultura estimulada pelo escoamento rápido para a costa, cresce tôda uma geração de fazendeiros prósperos ao redor dos arraiais de Rio Claro e de Capivari nascentes no caminho de Angra dos Reis.

A vizinhança do mar e êsse caminho traçado pelo rio Piraí que sobe em direção a Angra dos Reis, bastando sòmente descer depois a Serra para atingir o pôrto, decidem todo o futuro desta zona, crescentemente a se isolar de São João Marcos, por sua vez favorecido com o seu escoadouro de Mangaratiba.

Multiplicam-se os cafèzais em detrimento das demais lavouras e com êle ativa-se cada vez mais o tráfego na estrada de Angra dos Reis, cujo pôrto irá sendo procurado pelos cafèzistas de Barra Mansa e de Resende. Minas e até Goiás também a seguir fariam pelo alto Piraí um intenso tráfego de mercadorias intercambiadas no pôrto angrense. Com tôda essa contínua passagem de tropas desde o arraial do Rio Claro até o mar, desenvolveu-se na terra fluminense uma das mais famosas "estradas de barro", assim chamadas por não terem calçamento.

Posteriormente, porém, tão numerosas vieram a ser as filas de muares ao longo dêsse caminho, que o tiveram de calçar na descida da Serra e em outros pontos de travessia dificultada por atoleiros. Diz-nos CLODOMIRO DE VASCONCELOS que, tal era êsse tráfego que "houve quem ganhasse muito dinheiro e fizesse fortuna, mandando apanhar as ferraduras ainda aproveitáveis que caíam das centenas de animais e ficavam enterradas no barro, e as quais era dado o nome de canelos".[140]

Por êsse tempo, já em pleno Segundo Reinado, além dos portos de Angra dos Reis e de Parati, desenvolvem-se os de Jurumirim, Ariró e Mambucaba. "Rio Claro, além da "estrada de barro"

---

[138] ASCENDINO DANTAS, Luís: São João Marcos e Rio Claro, Niterói, 1936, pág. 64.

[139] Idem, pág. 24.

[140] VASCONCELOS, Clodomiro de: As estradas antigas de transporte do café no Estado do Rio. "O Jornal", ed. com. do bicent. do café, 2.ª secção. pág. 9.

para Angra, a esta ainda se liga pela "estrada de Caramujo", e a Jurumirim pela "estrada João de Oliveira".[141]

Crescia também o arraial com a movimentação do café paulista que exige do govêrno a construção de uma estrada que a êle vinha, procedente de Resende e Bananal.[142]

Não é pois de admirar que, com uma forte economia rural e com o seu sistema de transportes independentes de São João Marcos, se tornasse necessária uma completa autonomia administrativa da zona do alto Piraí, destacando-se esta da primitiva comarca. O arraial elevado a curato em 27 de janeiro de 1830, torna-se freguesia em 7 de maio de 1839. E em 19 de maio de 1848, sob a designação de Nossa Senhora da Piedade do Rio Claro recebe o título de vila, centralizando um nôvo município ao qual se anexa a freguesia de Santo Antônio de Capivari que data de 8 de maio de 1842.[143]

Nascia pois essa nova unidade municipal de imperativos geográficos a condicionarem diretrizes de comunicação. Diretrizes estas não sòmente relacionadas a uma época e indicativas de um sistema de transportes, mas ainda impositivas com advento das vias férreas, visto que, a Estrada de Ferro Oeste de Minas foi a Angra dos Reis, colocando os trilhos quase sôbre o mesmo velho caminho dos tropeiros, também passando por Rio Claro.

Com esta evolução, o centro focal da primitiva comarca transladou-se para esta cidade. Rio Claro absorveu inteiramente São João Marcos, inundada pela reprêsa da Light and Power, com o decreto de 14 de dezembro de 1938 que reuniu os dois municípios, com a sede e a denominação do primeiro. É êste um dos melhores exemplos na Serra da decisiva influência dos fatores geográficos na origem e na evolução dos municípios. As diretrizes naturais de comunicação com o pôrto de Angra dos Reis condicionaram a formação e o desenvolvimento de Rio Claro até a completa absorção do seu primitivo centro de cultura, São João Marcos, hoje reduzido a seu 3.0 distrito, passando o município a denominar-se Itaverá com a recente revisão da nossa nomenclatura geográfica.

4 — PIRAÍ E O DETERMINISMO POTAMOGRÁFICO

O mesmo rio que traçara o caminho de Itaverá em direção ao mar, faria no baixo curso reaelçar um nôvo município do antigo distrito de São João Marcos do Campo Alegre. Mas a influência de um outro rio também seria relevante nessa formação.

---

141 MAGALHÃES, *Basílio: Os caminhos antigos pelos quais foi o café transportado do interior fluminense, etc. Idem,* 10.ª *secção,* pág. 5.

142 *VASCONCELOS. Clodomiro de: art.* cit., pág. 7.

143 ASCENDINO DANTAS, LUÍS: *obr.* cit., pág. 86.

Foi ao longo das enflorestadas margens do Piraí que alguns dos mais pertinazes colonos ainda no século XVIII começaram a estabelecer fazendas. Vários transpuseram a serra do Arrozal prosseguindo com as derrubadas até a margem direita do Paraíba.

Junto ao primeiro dêsses rios é levantada em 1772 a capela de Santana do Piraí, em breve, o núcleo do pequeno arraial, naquele tempo o mais próximo do Rio de Janeiro na zona ocidental serrana.[144] Em 1797, agregados a êsse pequeno templo, havia 54 fogos abrigando 378 pessoas, das quais 128 eram escravos.[145]

Êstes dados e ainda a verificação de ali então existirem 50 sítios e apenas 4 fazendas, indicam-nos uma formação rural iniciada com pequenos lavoristas de recursos fracos. Mas sendo Piraí a zona da Serra mais vizinha da capital, logo a seguir para lá se dirigem novos imigrantes com tão grande afã de se apossarem da terra que, cêrca de um decênio após, em 1811, já 3 000 habitantes requerem ao bispado a elevação do curato a paróquia.[146]

No comêço da Regência, CARLOS SEIDLER descreve, entretanto Santana do Piraí ainda como um vilarejo.[147] Mas com a sua privilegiada posição geográfica, sendo a primeira zona serrana alcançada pelo "Caminho de São Paulo", a freguesia tornar-se-ia um dos mais produtivos centros cafeeiros fluminenses, com um rápido acréscimo em população, surgindo ali uma poderosa aristocracia agrária a eclipsar com *a* sua riqueza a primitiva formação de remediados sitiantes.

Com a crescente invasão das selvas e o espraiar dos cafèzais também aumenta o iniciante vilarejo que, em 6 de dezembro de 1837 sobe a vila, seccionando-se um nôvo município do enorme distrito de São João Marcos.

Começa a elevar-se o nome de Piraí entre os maiores produtores de café na Serra. Rapidamente se torna famoso o território administrado pela pequena vila, onde grandes fazendeiros acumulam riquezas dignas de abrilhantarem comendas e brasões. Nomes dos mais ilustres da nossa aristocracia agrária despontam entre os cafèzais piraienses, multiplicando os seus milhares de arrôbas de café. Os MORAIS, OS BREVES, OS MONTEIRO DE BARROS, OS OLIVEIRA ROXO ascendem entre os grandes senhores de terras que D. PEDRO II iria nobilitar. Numa petição datada de 1813, à Câmara da vila de São João do Príncipe onde grande número de lavradores tenaz-

---

144 "Com provisão de 21 de fevereiro de 1722. levantaram os moradores vizinhos do Rio o sítio do Piraí, em terras da fazenda de DOMINGOS ÁLVARES LOUSADA, pertencente ao distrito da freguesia de São João Marcos, uma capela sôbre madeiras, que, benzida pelo doutor visitador João PINTO RODRIGUES em 27 de outubro de 1776, principiou a gozar das prerrogativas de curada, Por distar 8 léguas da matriz, mediando caminhos péssimos e passagens de rios volumosos." (PIZARRO: obr. cit., vol. V, pág. 279).

145 ASCENDINO DANTAS, Luís: *São João* Marcos *da* Região do Campo Alegre. "O Jornal", ed. comem. do bicentenário do café, 6.ª secção, pág. 13.

146 PIZARRO obr. cit., pág. 280.

147 SEIDLER, CARL.: Dex anos no Brasil. Tradução do general BERTOLDO KLINGER, São Paulo, 1941, pág. 313.

mente se opõem a pretensão de Resende que tenta apossar-se de Piraí, já aparece o nome do tenente José Luís Gomes,[148] futuro barão de Mambucaba, que adiante mostraremos como o grande propulsor da vila de Santana, elevada a cidade em 17 de outubro de 1874.[149]

Como medida da sua atividade agrícola, já em 1860 exportava Piraí 521 500 arrôbas de café produzidas por 10 780 escravos.[150]

O recenseamento de 1872 dá ao município 18 780 habitantes, quase todos nacionais, havendo apenas 1 093 estrangeiros. Em 1874 o número de escravos era de 11 961.[151]

Piraí era então uma das mais adiantadas zonas da província, afamada por seus titulares e pelos seus esplêndidos solares. Os irmãos Breves, o barão de Piraí, o barão de Vargem Alegre, entre outros bastam como padrões da nobreza agrária cuja influência cultural foi decisiva na Serra. Em seu lugar haveremos de nos referir ao magno esplendor da adiantadíssima civilização rural de Piraí, onde a par de uma organização e de uma atividade agrícola excepcionais, faustosas mansões solarengas irradiam por entre imensos cafèzais a mais requintada expressão do Rio de Janeiro imperial. Fazendas como as de Pinheiro, Ribeirão Frio e Bela Aliança, entre outras muitas, distinguir-se-ão sempre na história do café na Serra como símbolos da cultura de uma época.

Todo êsse brilho cultural dos grandes domínios cafeeiros reflete sôbre a cidade. A importância de Piraí entre os grandes municípios cafeeiros e a sua posição entre o Paraíba e São João Marcos, fazem dela um centro de exportação de café de tamanha necessidade que ao atingir Barra do Piraí em 1864, a Estrada de Ferro Pedro II continuando, após, rio acima no caminho de São Paulo, não obstante a perda de uma vultosa tonelagem de café das margens do Paraíba descer por essa via férrea, necessário, se torna a construção de uma nova linha ao longo do rio Piraí.

Com a designação de "Estrada de Ferro Piraiense", projetada através da Serra até Banco de Areia, na província de São Paulo, mas sòmente construída até Passa Três, em 28 de junho de 1879

---

148 Ascendino Dantas, Luís, obr. cit., pág. 60.

149 Matoso Maia Forte, José: O Estado do Rio de Janeiro, Rio, 1928.

150 São João Marcos exportava nesse ano 229 900 arrôbas de café e Rio Claro 33 600. O total Para os três municípios era de 937 900 arrôbas, ou mais de 10% da exportação geral da provincia que era de 8 a 9 milhões de arrôbas.

A seguinte estatistica de escravos nos três municipios mostra-nos a ascensão e a decadência da lavoura cafeeira:

	Número de escravos em		
	1873	*1885*	*1887*
São João Marcos	7 810	5 206	3 064
Piraí	13 386	10 780	6 038
Rio Claro	2 398	1 389	761
TOTAL	*23 594*	*17 375*	*9 863*

Matoso Maia Forte: A estrada de rodagem Rio-São Paulo *no* Estado do Rio de Janeiro. "Anais do IX Congr. de Geogr"., vol. IV, pág. 503.

151 Relatório anexo ao do Ministro *dos* Negócios do *Império*. Rio, 1878.

firma-se o contrato para essa via-férrea, cujos trilhos viriam a atravessar uma riquíssima Canaã de cafèzais. [152]

Sendo Piraí, porém, uma das mais antigas zonas cafeeiras da província, foi das que mais sofreram com o fim do cativeiro. O desflorestamento em grande escala das suas numerosas fazendas e um solo vastamente explorado pelo café, pouco deixaram a República nos seus primeiros decênios de abandono da Serra, como atrativo para uma imigração capaz de sustentar o brilho da civilização agrária imperial.

De longa data cultivada, pôde ali completamente realizar-se o ciclo do café. Piraí nos dá um magnífico exemplo de como a monocultura rapidamente elevando uma zona serrana ao máximo esplendor econômico, com a mesma intensidade a vê decair, desde que esgotadas as suas possibilidades de cultura.

As seguintes cifras demográficas mostram-nos o apogeu desta zona serrana no ciclo do café, o seu declínio rápido após a Abolição e um nôvo indício da reconquista da Serra em nossos dias:

População do município ***de*** *Piraí*

Ano	*Habitantes*
1872	18 416
1890	17 983
1920	14 222
1940	16 285

A sensível queda que se nota desde o advento da República e que só nos últimos dois decênios volta lentamente a regredir, mostra-nos em primeiro lugar a decadência da cultura do café, substituída pela pecuária que ainda mais reduz a densidade demográfica. Em segundo, um nôvo interêsse pela zona serrana com as modernas rodovias que facilitam a condução para a capital, e o surto da indústria nessa velha superfície adormecida e gasta desde os abrilhantados tempos da sua aristocracia agrária.

Êste nôvo surto, porém, parece atingir sòmente a zona rural, visto que, a própria facilidade de comunicações com o Rio de Janeiro, crescentemente enfraquece o centro urbano, outrora agitadíssimo com o seu comércio de café.

A contínua decadência da cidade é um dos mais alarmante efeitos notados na Serra, com o monopólio do Rio de Janeiro sôbre o comércio das velhas cidades do café, abandonadas com o pro-

[152] A Estrada de Ferro Piraiense cujos trilhos foram há poucos anos arrancados, inaugurava a estação de Piraí em 12 de junho de 1883, e a de Passa-Três em 8 de julho do mesmo ano. (FRANCISCO PICANÇO: *Viação* Férrea no Brasil, Rio, 1884).

gresso dos meios de transporte. Como primeiro exemplo e um dos mais lamentáveis, temos o de Piraí:

***População** da cidade de Pirai*

Ano	*Habitantes*
1892	12 032
1920	7 964
1940	3 115

O êxodo é indisfarçável. Um dos maiores centros urbanos provinciais alimentados por uma vigorosa economia agrária, rapidamente vai sumindo, não obstante as suas 250 propriedades rurais recenseadas em 1920, com 10 410 cabeças de gado e 3 108 suínos, sendo esta última estatística a menor de todos os municípios serranos.

Os proprietários rurais sob o regime da pecuária podem viver no próximo Rio de Janeiro, entregando as suas fazendas a administradores. Curtas visitas de automóvel bastam para intermitentes fiscalizações, e a situação acaba de se agravar com a aquisição de velhos domínios por ricaços da segunda guerra mundial, sibaritas da capital e dos veraneios em Quitandinha, completamente indiferentes às tradições rurais da terra fluminense.

Como golpe fatal para a ruína da velha cidade, arrancaram-lhe os trilhos da sua estrada de ferro, tendo ela apenas, atualmente, como ligação permanente ao Rio, a estrada de rodagem que vai a São Joaquim onde passa a Rio-São Paulo, visto que, as outras rodovias em tempo de chuvas são intransitáveis.

Eis a que chegou a faustosa Piraí, na qual ainda hoje modestamente perambulam os descendentes dos seus riquíssimos barões. A sua única esperança jaz no ciclo industrial que já começa ativamente a reavivar os centros urbanos da Serra, e numa vigorosa colonização das velhas propriedades com uma nova técnica da produção agrícola orientada e patrocinada pelo govêrno, com os seus agrônomos, o seu auxílio financeiro e o fornecimento de fertilizantes a baixo preço aos agricultores, sobretudo aos pequenos lavoristas, prêsa mais fácil de inescrupulosos intermediários.

Sòmente com tais medidas poderá readquirir a Serra o mesmo esplendor econômico dos tempos imperiais, quando as propriedades da sua esplêndida aristocracia agrária se orgulhavam da fartura das colheitas e da irradiante civilização dos seus solares, como em Piraí, reduzida hoje, a cinzas da época magnificente dos seus "barões do café".

A sua evolução, de comêço a repercutir de uma corrida anárquica de colonos para a Serra, sem uma bem definida nitidez de rumos de penetração, gradualmente se coordenou de acôrdo com os impositivos geográficos. Dois feixes circulatórios foram decisi-

vos para a crescente ascensão da sua economia agrícola: as diretrizes dos sulcos fluviais dois rios Piraí e Paraíba.

Do entrelaçamento rodoviário entre êstes dois cursos d'água, ligando as fazendas entre si, originou-se uma sólida coesão de interêsses municipais, ampliada por sua vez por outra rêde de caminhos para o sul, até um terceiro rio: o Ribeirão das Lajes.

Dêsse complexo de iniciativas intimamente ligadas a um setor da potamografia serrana é que brilhantemente evolucionou no Segundo Império o município de Piraí.

5 — BARRA MANSA, DA CAPELA SOLITÁRIA AO CENTRIPETISMO DAS ENCRUZILHADAS

Não foi de inicio essa aglomeração municipal a conseqüência de uma penetração direta ao longo de uma rota mestra, como as que vimos e ainda veremos na corrida setecentista para as selvas da cordilheira. Não teve ela de comêço, como atração irresistível para o seu desbravamento, motivos telúricos ou repercussões culturais de antigas zonas povoadas a exigirem uma impetuosa projeção de pioneiros para a solidão serrana.

Daqueles núcleos fundamentais na conquista da montanha e da floresta, distintos em sua gênese pela atuação de fatores diversos, tìpicamente regionais, esgalham-se porém, outros, com tonalidades próprias e bastantes para que se salientem na uniformidade paisagística e humana da civilização dos cafèzais, pela resoluta mentalidade com êles nascida e robustamente evolucionada.

O maior dêsses núcleos foi Barra Mansa, por seu brilho peculiar no ciclo do café.

Entre as mais antigas zonas de povoamento descrevemos a de Resende, excepcionalmente começada pela atração de criadores de gado para os suaves relevos e as campinas da sua bacia terciária e das aluviões do Paraíba. Os limites dessa bacia eram porém restritos, e, em tôrno dela a espêssa floresta foi, pouco a seguir, atacada por uma crescente invasão de plantadores de café, logo que êste subiu a Serra e ensaiando os primeiros passos para a grande marcha pelo planalto.

Em tôrno de Resende picadas rasgam o matagal, retalhando as sesmarias, multiplicando os sítios e fazendas. Começam de longe em longe a aparecer capelas.

Uma destas foi a de São Sebastião, erguida nas proximidades da foz do rio Barra Mansa, pouco antes de 1820, a qual "exercendo função coordenadora, acabou congregando uma população sempre crescente", sendo elevada a curato nove anos depois.[153]

[153] FIGUEIRA DE ALMEIDA, Antonio: Barra Mansa, memória comemorativa do 1.º centenário. Rio, 1932, pág. 14.

Mais um fator, portanto, na formação dos núcleos urbanos de serra-acima: o religioso, a arrebanhar elementos dispersos na floresta, ajuntando-os periòdiçamente para as cerimônias do culto. Nesses intermitentes encontros onde se fala de lavouras e de negócios, estreitam-se mais e mais os mútuos interêsses, e inevitavelmente aparecem o primeiro pouso, a primeira venda, as primeiras casas de um arraial.

Com o sedentarismo coletivo e o início do comércio, aumenta o número de habitantes. O núcleo implantado em meio a uma zona rural em abertura, torna-se mais e mais centralizador. Precisa-se nêle uma necessária função administrativa da população esparsa pelos arredores. Devido a essa exigência de ser organizada a vida social é que Barra Mansa é elevada a vila em 3 de outubro de 1832, passando a capela a matriz, no tempo em que aos vigários competiam importantes funções civis e temporais, o que ainda prolonga a interferência da Igreja entre fatores coesivos da sua formação urbana.

Barra Mansa exemplifica dêsse modo uma futura cidade que se aglomera em tôrno de uma capela isolada, sem que aparentemente outros motivos contribuam para a sua grupação, além dos fundamentos econômicos de uma promissora zona rural. A margem do Paraíba não era então ainda a via de intercomunicações entre São Paulo e Rio, sendo que a transversal que a corta ligando Minas ao litoral, começava apenas a ser penetrada pelos invasores da floresta.

Paralelamente a essa penetração, cresce a pequena vila. Grande número de fazendas mergulhadas na selva, buscam o desafogo para os seus produtos rasgando picadas e talhando caminhos a beira dos morros, estendendo-os para o povoado e para a estrada geral São Paulo-Rio, e, cruzando esta, alongando-os até a costa pelos já existentes que vão a Mangaratiba e a Angra dos Reis. Com essa ligação ao litoral, Barra Mansa automaticamente se dirige por um determinismo geográfico para a maior expansão econômica do seu futuro.

Como em tôdas as cidades fluminenses do café, insignificantes ao nascer e logo subjugadas ao poderio econômico dos senhores rurais, Barra Mansa teve desde os primórdios a ampará-la, a decisiva influência de um dos mais úteis dos seus fazendeiros aristocratizados: CUSTÓDIO FERREIRA LEITE, O futuro barão de AIURUOCA.

A êle é que pròpriamente se deve a fundação, pois além de ter sido o construtor da capela de São Sebastião, "não sòmente doou a Barra Mansa os terrenos em que se deveria edificar a vila, como ainda reservou grandes áreas que deviam ser distribuídas pela câmara do município, gratuitamente, as pessoas que desejassem construir". [154]

[154] **Idem, obr. cit., pág. 15**

A sua posição geográfica, talvez impensadamente escolhida pelo fundador, iria revelar-se de notável importância para uma grande aglomeração futura. É que ao fator religioso inicial, sobrepor-se-ia outro e dos mais poderosos na evolução das cidades: a encruzilhada de caminhos necessários ao escoamento de grandes regiões produtivas do interior e ao comércio de retorno.

Barra Mansa impelida por um determinismo geográfico, irá tornar-se em breve uma "cidade de encruzilhada", sobretudo quando a maior das nossas vias férreas por ela passando, por sua vez fôsse cortada por uma nova linha transversal necessária a Minas Gerais e buscando o pôrto de Angra dos Reis.

Como porém sempre acontece com as localidades favorecidas por indesviáveis traçados de caminhos prescritos pela topografia regional, embora não tendo surgido como "vila de estrada" não teve Barra Mansa de esperar pelos trens, — como Barra do Piraí —, para que, como centro de comunicações, logo se viesse a definir. Antecipando-se a Estrada de Ferro Oeste de Minas, por ali começam a transitar a caminho da costa, numerosas tropas mineiras e mesmo de Goiás.

Os fatores geográficos assistem dêsse modo ao progresso da povoação fundada pelo fator religioso, vindo a superá-lo e afinal orientar a sua evolução.

A posição da vila ao centro de um longo trecho navegável do Paraíba, facilita-lhe as comunicações por via fluvial com a zona agrícola ribeirinha, e o seu entrelaçamento de caminhos terrestres torna as suas terras cada vez mais habitadas. Registra FIGUEIRA DE ALMEIDA ter sido a beira do rio já desde os primeiros tempos, "marginadas de grandes armazéns, havendo nas redondezas da vila, bazares, vendas e ranchos, grandemente frequentados, com próspero comércio e vida de intensidade crescente".

Tudo isso devido a economia do café e as grandes fortunas que com êle se faziam. Mas numerosos foram-se tornando os fazendeiros ricos, e, com êsses vai se ilustrando Barra Mansa de um alto nível de cultura e sociabilidade.

Solares não menos famosos que os de Piraí revelam por tôda a sua zona rural uma elevada classe de senhores de terras, ciosos das suas prerrogativas sociais, altaneiramente construindo êsses grandes edifícios e mobiliando-os com o que de melhor oferecem as lojas do Rio de Janeiro, para nêles viverem uma existência de gentis-homens da gleba, para nêles iniciarem linhagens que deveriam perpetuar-se com celebrados nomes de famílias.

Extremamente culta e refinada era então a notável aristocracia agrária de Barra Mansa. E a prosperidade rural criada por tôda uma nata de grandes fazendeiros de café, fortemente refletia sôbre o centro urbano, tornando-o uma das melhores cidades serranas, sempre dirigida por íntegros e dinâmicos administradores.

Ao serviço d'água com vários chafarizes, ao calçamento iniciado, aos edifícios da Câmara e da Matriz, as grandes residências urbanas da sua nobreza rural, a tôda uma série, enfim, de melhoramentos efetuados sobretudo na gestão prefeitura1 do comendador JOAQUIM LEITE RIBEIRO DE ALMEIDA, Barra Mansa lobriga afinal um grande futuro com a inauguração em 1871, pelo conde D'EU, da sua estação da Estrada de Ferro Pedro II que ali chegava, continuando a seguir em busca de São Paulo.

O que em 1864 acontecera em Barra do Piraí, vai-se repetir agora nesta cidade, para a qual se dirige todo o café de uma vasta zona de fazendas. De Piraí, de São João Marcos, de Resende, das zonas mineiras limítrofes, tropas e carros desfilam para a nova estação ferroviária. Barra Mansa atinge o seu período áureo com o nôvo sistema de transportes nela centralizado e com todo o município sob um mar de cafèzais.

Quatis, fundada pelos MARCONDES, e São Joaquim, já eram freguesias em 1851. Amparo e Rialto em 1855. Com o estímulo da estrada de ferro, porém, o plantio do café estende-se por todos êsses distritos onde o prestígio de opulentos aristocratas organiza o município em sólidas bases hierárquicas firmadas na produção agrícola.

Já com a ponte metálica atravessando o Paraíba e inaugurada em 1892, a cidade que, como os demais centros dos municípios cafeeiros, fôra tremendamente abalada com a Abolição, assiste à entrada de uma nova era. Doravante passaria por ela um intenso tráfego entre as zonas vizinhas mineiras e o pôrto de Angra dos Reis.

Com poucos decênios mais, tamanha se torna a importância da Oeste de Minas que, a única maneira de pôr em circulação as mercadorias é a de eletrificar a via-férrea, permitindo uma escalada rápida e econômica da serra do Mar e da Mantiqueira.

Barra Mansa tornou-se afinal um centro ferroviário distribuidor. Apenas a 151 quilômetros do Rio de Janeiro e a 108 de Angra dos Reis, com os dois portos de mar a sua disposição, a cidade é visada por grandes iniciativas industriais em meio a uma adiantada zona rural, onde os rebanhos e os lacticínios, já começam a substituir a velha economia dos cafèzais do Império.

Além de outras indústrias, *a* moageira ali se instala com um grande moinho de trigo, beneficiado com uma rêde ferroviária para a distribuição da farinha, sobretudo a que lhe garante a Oeste de Minas. *O* que entretanto esclarece, e de modo insofismável, a importância dessa encruzilhada nos destinos industriais do Brasil, é ter sido em suas proximidades o local escolhido para a fundação da nossa grande siderurgia.

O não ter sido a usina construída nos próprios arrabaldes da cidade, é uma decorrência dos fatôres geográficos locais. Eleva-se

Barra Mansa a margem do Paraíba sôbre uma faixa de aluviões indo até Ribeirão da Divisa. Mas êstes depósitos fluviais são por demais estreitos para que uma emprêsa de tão grande vulto possa ali ser estabelecida. Na margem oposta, os morros descem à beira d'água com os mesmos vivos declives das "meias-laranjas" típicas da zona, os quais na margem urbanizada impedem que as ruas subam pelas encostas, o que torna Barra Mansa quase uma cidade linear.

Foi preciso descer o rio e ir a próxima estação de Volta Redonda, onde, como a um golpe de mágica, uma nova cidade modernissima subitamente apareceu, a ladear os gigantescos altos fornos, os quilômetros de construções para os laminadores, além de numerosos prédios para a companhia siderúrgica, a maior iniciativa industrial até hoje levada a efeito no Brasil, por iniciativa direta do Govêrno.

O determinismo geográfico estabelecendo as vias de comunicação mais naturais entre São Paulo e Rio e entre os campos mineiros e Angra dos Reis, condicionou como centro de intercâmbio a zona de Barra Mansa, predestinando-lhe a primazia na inauguração da nossa indústria pesada.

Não sendo escolhida a cidade mesma pelos motivos geográficos citados, nela todavia, pela vizinhança da grande fonte de ferro e aço, novas e prósperas indústrias certamente em breve surgirão, solidificando-lhe o seu organismo comercial.

Entre as cidades do vale do Paraíba é Barra Mansa uma das de maior progresso previsível num futuro próximo, pelo determinismo geográfico de uma encruzilhada, cujos fatôres se subrepuseram aos da esporádica formação de uma pequena vila, surta de um fator religioso e evolvida temporariamente com os poderosos elementos da civilização cafeeira fluminense.

Abatida com a Abolição, e aos poucos se reerguendo com a pecuária e os lacticínios, Barra Mansa endereça atualmente os passos firmes para uma pujante economia, através de grandes iniciativas industriais que se articulam.

É ela talvez a primeira cidade serrana e fluminense, aparecida no ciclo cafeeiro, que, como as demais de origem idêntica, próximas aos grandes centros de exportação e de consumo e beneficiadas por possantes mananciais de energia elétrica, já começam a forjar o seu destino inevitável com a criação de grandes indústrias.

Em geografia humana é Barra Mansa um exemplo dos mais típicos das características centrípetas das encruzilhadas, sobretudo as ferroviárias, na formação de núcleos urbanos permanentes e de certa e Iecunda evolução.

6 — PARAÍBA DO SUL E O "CAMINHO NÔVO"

> "O Caminho Nôvo punha têrmo à volta pelo cabo da Boa Esperança paulista, que a tanto significava a viagem para a **hinterlândia** mineira através do planalto vicentino. O **que** se fazia em 16 semanas se passou a conseguir em duas. A iniciativa de Garcia Pais encurtou a distância entre o Rio e a Borda do Campo na mesma proporção que o canal de **Suez** diminuiu a viagem entre a Europa e as' **índias".**
>
> ASSIS CHATEAUBRIAND. "Estradas e Civilização". O Jornal, 22 de julho de 1945.

Como São João Marcos, resultante da abertura do caminho entre São Paulo e Rio, pela ordem régia de 1728, anteriormente ainda, nascia Paraíba do Sul das necessidades do contacto entre as velhas culturas mineira e fluminense.

Ao descrevermos a formação de Resende, vimos que o "Caminho Velho", parcialmente marítimo da Guanabara a Parati de onde se galgava a Serra pela garganta do Cunha na alargada trilha dos Goianás, indo-se a Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, a um tempo servindo a capital paulista e as lavras mineiras, tornara-se por demais longo sobretudo para estas últimas, além dos riscos da navegação por mar, na incerteza de arremetidas de piratas.

Para chegar-se a Minas em plena efervescência da mineração, êsse enorme desvio tornara-se incompatível com as exigências administrativas do Rio de Janeiro. Tinha de ser substituída por outra "a primeira grande via de comunicação regular no Brasil colônia".[155] Assim é que, por imperativos políticos, econômicos e sociais, teve origem uma nova estrada, que, de sul a norte sai das margens da Guanabara, atravessa o Paraíba e a Mantiqueira e atinge as lavras auriferas .

"Releva ponderar, — diz-nos BASÍLIO DE MAGALHÃES —, que de tôdas as expedições que penetraram os recessos de Minas Gerais no século XVII, só a de FERNÃO DIAS PAIS, — 1674, foi que fixou pousos ou roças, que se transformaram em arraiais, além de propiciar por meio de três dos seus principais auxiliares, o descobrimento das riquezas do rio das Velhas, — MANUEL BORBA GATO —, as comunicações com a Bahia e o estabelecimento de currais de gado na vasta zona convizinha, — MATIAS CARDOSO DE ALMEIDA —, e a abertura do "Caminho Nôvo", — GARCIA RODRIGUES PAIS".[156]

Foi êste Último, filho do "Caçador de Esmeraldas" quem, cruzando as matas mineiras para o sul, e já estabelecido à margem do Paraíba, "no ponto onde surgiu a hoje cidade de Paraíba do Sul,

---

[155] *BARROS LATIF,* Miran M. de: ***As Minas Gerais, Rio,*** *pag. 57.*

[156] MAGALHÃES, *Basílio* de: ***Os caminhos antigos pelos quais foi o café transportado do interior para o Rio de Janeiro e para outros pontos do litoral*** *fluminense.* "O Jornal", ed. comem. do bicent. ***do café,*** *10.a* ***secção,*** pág. **5.**

com licença do governador do Rio de Janeiro e beneplácito régio para rasgar uma nova estrada, em 1698 atacou imediatamente o serviço, tanto para o *hinterland* aurífero, quanto em demanda do Rio de Janeiro, de sorte que, em fins de 1699, já era praticável por pedestres a picada entre a baía de Guanabara e a Borda do Campo. Para transformá-la em estrada larga por onde passassem tropas, trabalhou seis anos, consumindo nisso todos os recursos de que dispunha, pois a obra foi feita a sua própria custa. Não estando ainda acabada, veio-lhe em auxílio o cunhado, DOMINGOS RODRIGUES DA FONSECA, que nela gastou cinco meses e meio em 1704 ou 1705". [157]

Dêsse modo foi executada uma nova e grande via de penetração, de incalculáveis repercussões em tôda a história mineira e no desbravamento da zona central da Serra Fluminense. A enorme importância estratégica dêsse caminho logo aparece, quando por êle é salvo o ouro da Casa da Moeda do Rio de Janeiro, na invasão francesa de DUGUAY-TROUIN, em 1711. [158]

As enormes dificuldades do primitivo traçado de GARCIA PAIS através da brenha e da montanha, e a premência de ligar o sertão ao mar, tornaram a estrada em certos trechos imperfeita, exigindo reparos e variantes que logo a seguir vieram a se fazer.

BERNARDO SOARES DE PROENÇA cuja grande atuação veremos no povoamento de Petrópolis, é quem modifica e ultima o derradeiro trecho, traçando-o do Secretário a serra da Estrêla, daí descendo a Baixada onde o rio dêste nome cresceria uma importante "vila de comércio": o pôrto da Estrêla.

Variantes e atalhos, entre os quais o "Caminho do Tinguá", — diretamente indo ao Rio de Janeiro —, pouco a seguir também seriam construídos na Serra, ligando ao litoral a primitiva fazenda de GARCIA PAIS, onde, como vimos, germinaria no século dezessete a primeira povoação da zona serrana fluminense.

Desde aquêles primórdios é que ali se levanta a capela de Nossa Senhora da Conceição e dos apóstolos São Pedro e São Paulo, a qual funciona como paróquia a partir de 1717. [159] Não

---

[157] Frei ESTANISLAU SCHAETTE em sua *Contribuição* ao Centenário de *Petrópolis*, vol. V: Os primeiros sesmeiros estabelecidos no *território petropolitano*, diz-nos que a picada chegou às margens da Guanabara em fins de outubro de 1700, e não em fins de 1699, como opina nessa transcrição BASÍLIO DE MAGALHÃES.

[158] MASSENA, Nestor: Barbacenenses de Prol — Garcia *Rodrigues* Pais. "Jornal do Comércio", janeiro de 1945.

[159] "Descobrindo GARCIA RODRIGUES PAIS LEME pelos fundos da serra dos órgãos os caminhos para as Minas Gerais, — de que era guarda-mor e fóra um dos primeiros de seus povoadores —, por concessão do Ordinário levantou na margem do Paraiba da banda d'além, uma capela dedicando-a a Conceição da Santa Virgem e aos apóstolos São Pedro e São Paulo, para satisfazerem os preceitos da Igreja e receberem os Santos Sacramentos da mesma Casa, quantos trabalhavam no descobrimento e cultura das terras novas, sustentando generosamente com êsse fim um sacerdote efetivo, a quem dava de côngrua anual a quantia de 500 réis. Concorrendo então o povo a estabelecer fazendas por tôda a extensão das terras patenteadas, cujos habitantes avultavam com exuberância, em pouco tempo, criou por isso o bispo D. FRANCISCO a mesma capela com o caráter de curada, e deputou-lhe livros próprios para assentos de casamentos, batizados e falecimentos, que principiaram a ter exercício no mês de maio de 1719". (PIZARRO: obr. cit , vol. 4.º, págs. 102-103).

obstante, essa iniciativa precursora do arrojado bandeirante, o povoado iria vegetar como um pequeno arraial por todo o século XVIII.

O café, o fator econômico da devastação dos matagais levaria tempo a chegar, e, sem a sua presença, aos colonos que em tôrno se põem a dominar a gleba, falta o motivo para eliminação da floresta e aparecimento de fazendas fartamente produtivas, que incentivem com transações comerciais o crescimento do arraial.

Junto a essa ausência de um elemento básico para as atividades rurais, com a mata persiste uma agravante para os colonizadores impedindo-lhes a penetração das bravias vizinhanças: c selvagem.

A ameaça do índio é tão de se temer, que, segundo PIZARRO. o Santíssimo Sacramento só era guardado no templo, no "período quadragesimal". E tal deve ter sido a indigência do incipiente povoado que, a própria capela em pouco se arruína, sendo por outra substituída sòmente em 18 de novembro de 1745, erguida por PEDRO DIAS PAIS LEME, filho de GARCIA PAIS. E esta mesma, só vem a ser igreja perpétua em 2 de janeiro de 1756, mais de cinquenta anos após a abertura do "Caminho Nôvo".

Todo êsse atraso nada mais era que o reflexo da inexistência de uma forte economia rural em tôrno de Paraíba do Sul, malgrado o tráfego diário pelo arraial, de tropas e boiadas cada vez mais numerosas' com a crescente importância da capital, e das cidades mineiras em pleno apogeu da mineração. Na mesma pobreza verá o pequeno burgo colonial chegar o seguinte século.

LUCCOCK, ao viajar do Rio a Minas em 1817, e tão minucioso em suas observações, ainda não fala de café nesta zona. Centenas de mulas e grandes boiadas por êle passam, intensificando o tráfego da estrada, onde as poucas vendas são miseráveis. Pampulha com as suas casinhas brancas é o único lugarejo que elogia. Fracas lavouras de milho e cana entretêm os indolentes habitantes. Nenhuma igreja até o Paraíba indica a germinação de um arraial. O temor dos índios ainda preocupa os moradores. Apenas uma grande fazenda de cana o impressiona ao aproximar-se do rio. com o seu engenho movido por uma "roda d'água de extraordinária potência", e com uma safra de quatro mil arrôbas de açúcar. *O* próprio Registro na travessia do Paraíba, nada mais tem que um rancho e alguns casebres de palha. E mais deserta ainda é tôda a zona entre êsse rio e o Paraibuna. [160]

Diz-nos PIZARRO que tôda a extensão de terras ao norte do arraial de Paraíba do Sul indo até o Paraibuna é quase inabitada devido aos índios, não tendo mais que 60 fogos em 1820, o que pouco excede a 500 habitantes; inferior, assim, a da povoação.

---

[160] LUCCOCK, John: *Notas sôbre o Rio de Janeiro e parte meridional do Brasil. Tradução de MILTON DA SILVA* RODRIGUES. São Paulo, 1942, págs. 259-270.

As lavouras dos paraibenses reduzem-se a plantações de mandioca, milho e legumes, com que os habitantes se alimentam e negociam com as tropas de passagem. A mamona é também cultivada, pois é dessa planta que se extrai o azeite "para sustentar as luzes em tôdas as casas de serra-acima".

Mas já o café, por essa época o principal gênero de exportação serrana, começa por ali a aparecer. Até então, porém, pouco lucrara Paraíba do Sul com a sua antecedência histórica sôbre as demais povoações do vale serrano fluminense, muito embora sempre movimentada pelo tráfego do Caminho Nôvo e das variantes que atravessavam as suas terras. Outros núcleos ao sul mais rapidamente já cresciam devido a vizinhança da capital, de onde um poderoso *rush* se projeta agora na escalada da cordilheira para o plantio do café. Esta subida fazia-se, entretanto, bem mais pelas variantes do Tinguá e de Pati do Alferes que pelo caminho do Piabanha, onde as terras altas e frias eram menos propícias a agricultura.

O precioso testemunho de SAINT-HILAIRE, bom conhecedor de todos êsses caminhos que longamente percorrera, tem grande valor para os estudos sôbre a penetração da Serra tanto nesta zona central quanto na de São João Marcos, onde as suas observações nos esclarecem muito.

Indo além da fazenda do Pau Grande, — "o engenho de açúcar mais importante que vi no Brasil, excetuando talvez o do Colégio, perto de São Salvador dos Campos, construído pelos jesuítas"; e após a passagem por Ubá, — onde anteriormente fôra bem acolhido e tivera oportunidade de estudar os índios Coroados, — diz-nos o naturalista: "Ao longo de tôda a estrada de Ubá ao Paraíba não se anda um quarto de légua sem encontrar alguma habitação, mas em geral não passam de choupanas. Uma fazenda raramente apresenta um edifício único; ordinariamente se compõe de pequenas casas construídas sem ordem, mas cujo conjunto é quase pitoresco. Essa multiplicidade de pequenas construções parece poder se explicar de modo plausível pela natureza dos estabelecimentos rurais. O homem que os começa é ordinariamente pobre; ergue uma humilde choça: mas se pouco a pouco sua lavoura aumenta, adquire um negro, depois outro, e, a medida que suas necessidades o exigem, levanta uma nova choupana ao lado das antigas". [161]

Em 1816, SAINT-HILAIRE assiste ainda, nas proximidades do centenário arraial de Paraíba do Sul ao desbravamento de uma terra quase virgem. E é nesse meio de pioneiros ainda em luta com a floresta que, após cinco léguas a caminho de Ubá, ouve "os sons argentinos de um sino, que ecoavam no silêncio. dos bosques", anunciando uma igreja próxima. É a da velha povoação de GARCIA PAIS.

[161] SAINT-HILAIRE, Augusto de: *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução de CLADO RIBEIRO LESSA, São Paulo, 1938, vol I, pág. 65.

Com tôda a sua antiguidade, o seu aspecto é porém ainda o de uma aldeola. Descreve SAINT-HILAIRE "a casa do registro, edificada sôbre estacas; alguns passos adiante está o rancho ou alpendre destinado a receber os viajantes, e que defronta o leito do rio: uma vintena de choupanas quase quadradas estão espalhadas por perto; enfim, por trás do alpendre, se eleva uma colina em cuja encosta descobrimos uma igreja através da folhagem de árvores frondosas, enquanto do lado oposto uma plantação de bananeiras se deixava ver entre os esteios do alpendre".[162]

"Dessa igreja depende uma paróquia de grande extensão, mas que apenas está começando a se povoar e confina com as terras férteis habitadas por índios selvagens".[163]

Era esta a Paraíba do sul de 1816, mais de um século depois da sua fundação. E no entanto, é ainda o naturalista quem nos diz que "a estrada que conduz do Rio de Janeiro a Vila Rica não é menos frequentada que a de Paris a Tolosa".[164]

SAINT-HILAIRE observa o fenômeno dêsse despovoamento da Serra Fluminense, em contraste com o da civilização mineira, interior. "Assim, enquanto ã setenta ou oitenta léguas do mar existem cidades assaz consideráveis, grande número de povoações, em imensa extensão de terrenos despojados de matas, não existe pelo contrário, a pequena distância da capital, senão uma povoação nascente; as florestas virgens se mostram ali ainda em tôda a sua pompa nativa, e os índios erram em liberdade".

Mas, com a sua penetrante visão, revela-nos o botânico a causa do atraso de Paraíba do Sul. "Não nos devemos admirar, aliás, que as margens de uma estrada tão frequentada só possuam uma população tão diminuta e pobre". O mal é o latifúndio. "As grandes extensões de terras concedidas aos mesmos indivíduos" que chegam a possuir "três ou quatro léguas à margem da estrada". "Para evitar os incômodos das passagens contínuas, êsses proprietários Se fixam a alguma distância do caminho; fazem vender o milho por homens de poucos recursos, e, embora não possam cultivar senão uma porção de terrenos infinitamente pequena, dificilmente toleram que outros aí se venham estabelecer".[165] Os intrusos são impiedosamente despejados e queimadas as suas cabanas.

Não existe pois para êsses latifundiários qualquer interêsse na exploração intensa do solo. O milho, os cereais, a mamona e o fumo continuam a ser os produtos cultivados em pequena escala. Mas a partir dessa época é que tem início a cultura do café. E, como em tôda *a* parte na Serra, Paraíba do Sul também se torna um grande centro cafeeiro.

---

[162] Idem, pág. 66.
[163] Idem, pág. 68.
[164] Idem, pág. 67.
[165] Idem, pág. 75.

Repartem-se os latifúndios com a valorização da terra e a chegada de imigrantes. Novas sesmarias enquadram-se na floresta perfurada de caminhos. Cultivam-se intensamente as fazendas e o fulgor dos solares começa a espalhar a civilização sôbre a ondulante gleba dos paraibenses. Todo um requintado escol social emerge dos cafèzais, e avulta na sua opulência por entre as grandes selvas que vão desaparecendo.

Com uma auréola de titulares rurais não inferior à de vários outros municípios, jamais porém viria Paraíba do Sul a ser uma cidade notável por sua riqueza urbanística. Nada do esplendor arquitetural de Vassouras nem mesmo das menos suntuárias Marquês de Valença e Barra Mansa.

RIBEYROLLES, tão estarrecido entre os palacetes vassourenses, descreve Paraíba do Sul como a "triste mansão indigna do seu rio. Algumas casas baixas arruinadas pelas enchentes, eis o povoado. É uma rua morta onde habitam ratos, as febres e algumas famílias". [166] A única notável construção da época, é a ponte de ferro sôbre o Paraíba, inaugurada em 31 de março de 1858.

Em completo antagonismo com a associativa nobreza rural que iremos encontrar em Vassouras, a aristocracia agrária paraibense parecia concentrar-se exclusivamente em suas fazendas, encaramujar-se no aparato interno das grandes vivendas campestres, isolar-se na rústica entrosagem campesina da sua imensa escravaria a labutar nos cafèzais.

"Em 1876, o município de Paraíba do Sul é o quarto da província do Rio de Janeiro em população de negros, com 18 072 escravos". [167]

Tôda essa opulência agrária não condiz porém com a pequenez da sede municipal que fôra elevada a vila em 15 de janeiro de 1833, mas que só viria a obter o título de cidade em 20 de dezembro de 1871. [168] Faltou-lhe sempre uma burguesia rica, e entrelaçada a sua nobreza rural.

Curiosamente acorre entretanto a Paraíba do Sul um grupo de nortistas que ali despertam por algum tempo uma intelectualidade luminosa. Há um CÂNDIDO MENDES, reputado geógrafo e historiador. Há um RATISBONA, um BEZERRA DE MENESES, cujo filho JOSÉ GERALDO foi uma das maiores culturas do Brasil.

Embora em menor escala que Vassouras, esta cidade também seria um centro de repouso para eminentes espíritos brasileiros. FAGUNDES VARELA ali estêve a colaborar na imprensa. GUIMARÃES PASSOS, Luís MURAT, OLAVO BILAC intermitentemente ali iriam receber a boa acolhida de MARTINHO GARCÊS, "orador torrentoso e mecenas de inúmeros literatos."

---

[166] RIBEYROLLES, Carlos: *Brasil Pitoresco, tradução de* GASTÃO PENALVA, *São Paulo, 1941,* vol. *I,* pág. 207.

[167] *Relatório anexo ao do Ministro dos Negócios do Império de 1878. Rio,* 1878.

[168] MATOSO MAIA *FORTE, José: O Estado do Rio de Janeiro, Rio, 1928.*

É ainda AGRIPINO GRIECO, ilustre paraibense que com outro temível sarcasta, GONDIN DA FONSECA, abeberou-se na inestancável fonte de saber de JOSÉ GERALDO BEZERRA DE MENESES, quem nos revela ter sido ali, no alto do morro do Vintém, — corruptela de Ibiti —, que o nosso grande CARLOS GOMES "teceu a mais formosa ária do *Schiavo,* a que fala exatamente no *ciel di Paraiba".* [169]

Todo aquêle cenáculo de letrados locais e visitantes não bastava entretanto para o desenvolvimento da pequena cidade sem o poderoso reflexo da sua aristocracia agrária.

A única obra de relêvo dos seus barões a demonstrar interêsse pela cidade é a fundação da sua Casa de Caridade, onde a honesta gestão do barão RIEEIRO DE SÁ tornou-se profícua para a coletividade.

Quando vem a República, o município de Paraíba do Sul conta com 36 000 habitantes, mas dêstes apenas 7 000 residem no perímetro da sede municipal. No censo de 1920, aumentam estas cifras para 52 474 e 9 352 respectivamente. Mas no de 1940, quando já desmembrado o nôvo município de Entrerrios, — atual Três Rios aquelas cifras descem a 21 313 e 4 395.

Os dados de 1920 que nos dão uma elevada população municipal apresentam entretanto um caráter contraditório em relacão ao *modus-vivendi* dessa gente das fazendas, visto que, o regime da pecuária após a derrocada do café, longe de fazer regredir o índice demográfico, grandemente o elevou. Naquele ano contam-se nas fazendas de Paraíba do Sul 34 637 bovinos e 10 313 suínos. Depois de Marquês de Valença é o segundo município serrano em número de cabeças de gado.

Não menos paradoxal é o despovoamento da cidade, idêntico ao de Piraí. Porque Paraíba do Sul, numa importante encruzilhada de antigos caminhos de penetração, é além disso privilegiada pela passagem de duas importantes vias férreas ligadas ao Rio de Janeiro: ramal de Minas e a Linha Auxiliar, ambas da Central do Brasil.

Para explicar êsse despovoamento, teremos de mencionar o deslocamento parcial do tráfego do "Caminho Nôvo" que no vale do Paraíba iria se ajustar a um traçado mais condizente com as diretrizes topográficas, dando lugar a ascensão de um nôvo astro municipal. Mais uma vez os fatores geográficos deslocando uma grande via de penetração, corrigem o livre arbítrio humano, obrigando-o a curvar-se aos impositivos naturais.

---

[169] GRIECO, Agripino: *Paraiba do Sul do fastigio agrícola a estagnação dos burocratas "O Jornal",* ed. comem. *do bicent. do* **café,** 2.ª *secção,* pág. 7.

7 — TRÊS-RIOS E O "CAMINHO DO PIABANHA"

Com esta povoação que rapidamente vem crescendo, justamente a cidade que tem o nome de Paraíba do Sul, — rio cujo trabalho de milhões de anos preparou a terra inteira para a apoteose cultural e econômica do ciclo do café, — começou a ceder-lhe a sua importância. Várias indústrias tentadas em Paraíba do Sul malograram e malgrado mesmo a fama das suas águas medicinais da fonte "Salutáris", [170] engarrafadas em grande escala mas sem um hotel que poderia ali criar uma vila de veraneio, a cidade continua em decadência. E as causas disto são meramente geográficas.

Desde que GARCIA PAIS meio incerto na floresta, atingia com a sua picada as margens desertas do Paraíba, poder-se-ia prever pelas sucessivas variantes do "Caminho Nôvo" e por outras estradas posteriormente construídas para Minas que o filho do "Caçador de Esmeraldas" não chegara ao melhor ponto para a travessia do rio, tendo-se em conta uma via mestra de comunicações entre a capital e o planalto mineiro.

Uma daquelas estradas fui a que "de 1819 a 1820, a Junta do Comércio do Rio de Janeiro, a fim de facilitar o tráfego com a região do noroeste fluminense e do sul e oeste mineiros", mandou executar. Passava ela por Vassouras, indo chegar ao Paraíba no local ainda hoje conhecido por Comércio. Com êste caminho deslocara-se do antigo registro para sudoeste o grande tráfego de boiadas e porcos que de Minas abasteciam o Rio de Janeiro". [171]

A "Estrada do Comércio" não conseguira entretanto abater Paraíba do Sul, devido ao "Caminho do Proença", o mais curto para o interior de Minas, que de Pedro do Rio ao norte de Petrópolis deixava o Piabanha, subindo para Pampulha, Cebolas e Encruzilhada. O que seria o primeiro passo para a estagnação da vila de GARCIA PAIS, sòmente viria a concretizar-se com a grande estrada "União e Indústria", iniciada por MARIANO PROCÓPIO em 1852, e construída entre Petrópolis e Juiz de Fora.

Desta vez é para nordeste de Paraíba do Sul que um movimentado tráfego se desvia, seguindo mais naturalmente e sem obstáculos serranos o Piabanha quase até a sua embocadura, e criando a margem do Paraíba um pôsto para as diligências. Neste local onde se cruza a rodovia que de Paraíba do Sul ia então a Pôrto Nôvo do Cunha, é que vai nascer a futura cidade de Três Rios.

---

[170] Nome criado por JOSÉ GERALDO BEZERRA DE MENESES (AGRIPINO GRIECO, art. cit.).

[171] "Partia essa estrada do "Caminho Nôvo" em Iguaçu, e, em vez de atravessar a serro da Viúva, passava por outra parte dela, que se ficou por isso chamando serra da Estrada Nova; daí seguia para Vassouras, onde, subindo a esquerda para o lugar chamado Desengano, e a direita para o ponto denominado Comércio, ambos as margens do Paraíba, ia encontrar as vias comuns, já existentes, para Marques de Valença, Rio Prêto e para o vale do Paraibuna. Esse nôvo meio de comunicação preferido pelas boiadas e varas de porcos, com a zona pecuária do Rio das Mortes abastecia o Rio de Janeiro, ficou sendo conhecido pelas denominações de "caminho do comercio", "caminho nôvo" e "estrada nova". (BASÍLIO DE MAGALHÃES: Os caminhos antigos, etc.).

Em seus primeiros tempos nada mais foi a localidade que essa estação de muda de animais das carruagens da "Companhia União e Indústria", com alguns casebres de operários da construção da estrada, — em sua maioria estrangeiros —, que ali se instalaram.

Foi assim que Agassiz viu Entrerrios em 1865, em sua viagem a **Juiz** de Fora, com uma "bela ponte lançada sôbre o Paraíba".

Para que possamos bem compreender a influência da "Estrada União e Indústria" na decadência de Paraíba do Sul pelo desvio dos transportes, basta-nos transcrever algumas linhas do sábio viajante.

Nessa encruzilhada passa a melhor estrada brasileira, construída com tôda a técnica, onde "a cada intervalo de dez ou doze milhas se encontra uma muda de animais descansados em elegantes estações em forma quase sempre de chalés suíços". Por lei, não há nenhum escravo na Companhia. Portuguêses ou alemães são os trabalhadores que a construíram. "Há doze anos atrás, o único meio de se ir para o interior, partindo de Petrópolis, era uma estreita trilha de burros, esburacada, perigosa, onde uma viagem de uma centena de milhas exigia uma caminhada de dois ou três dias. Agora se vai de Petrópolis a Juiz de Fora de carro, do levantar ao pôr do sol, numa estrada de rodagem que não inveja qualquer outra do mundo." [172]

O selvagem cenário de florestas primitivas já se encontra modificado pelo homem com os cafèzais que, a subirem por entre grandes selvas, pontuam de alto a baixo a morraria. Como nota européia inaugural em tôda essa paisagem transformada, "em todos os lugares em que os pequeninos núcleos de colonos alemães se agruparam em baixo das colinas, percebem-se viçosos jardins com flôres e hortas de legumes, e casinhas muito limpas em que tudo indica a economia e o amor do conforto interior, virtudes que caracterizam por tôda parte o bom camponês da Alemanha". [173]

A Estrada "União e Indústria" revolucionava os velhos meios de transporte. Antes que as vias férreas atingissem o vale do Paraíba e o atravessassem para Minas, teria ela a preferência do grosso tráfego entre a grande província e o litoral, passando por Entrerrios que dêste modo se torna o mais favorecido núcleo do município de Paraíba do Sul.

Em 1867, também ali chega a Estrada de Ferro Pedro II, e os novos operários aumentam a população, construindo casas esparsas em tôrno da estação. Foram êsses os começos de Entrerrios, a nascer de duas estações. Mas a vila pròpriamente dita só mais tarde se elevaria.

---

[172] Agassiz, Luis e Elizabeth: *Viagem ao Brasil*, 1865-1866. Tradução de Edgard Süssekind de Mendonça, São Paulo, 1938, págs. 93-110.

[173] Idem, pág. 94.

Pertenciam as terras do povoado a fazenda de Cantagalo da condessa do RIO Nôvo, a qual, ao falecer em 1882, doou-as ao patrimônio da Casa de Caridade de Paraíba do Sul, fundada pelo barão de RIBEIRO DE SÁ, cujo nome desde então se liga a mais nova e das mais prósperas cidades serranas.

Como provedor daquele hospital tratou êle imediatamente de valorizar o legado, mandando levantar a planta da fazenda e nela projetar uma vila com 368 lotes entre o rio e a estação ferroviária. [174] É êle ainda que, em 1887, com previsão de ser em breve abolido o cativeiro, faz vir da Europa e instala nas imediações de Entrerrios várias famílias de imigrantes. [175]

Pelo seu interêsse e devotamento na criação da vila, a ela dedicando as suas últimas energias numa sequência de iniciativas que só findou com a sua morte, foi o barão de RIBEIRO DE SÁ o Verdadeiro fundador da cidade de Entrerrios.

Vindo a falecer com 76 anos em 1904, com um enorme acervo de benefícios prestados ao município, teve como única recompensa dos seus créditos a gratidão pública, ver *o* seu nome riscado de uma rua, durante o Estado Nôvo, por um dos prefeitos da cidade.

Contando menos que Paraíba do Sul com uma nobreza rural numerosa interessada em sua urbanização, pode-se no entanto considerar Entrerrios mais uma entre as cidades fundadas pelos titulares do café, representados pela benemérita condessa do RIO Nôvo e pela iniciativa do barão de RIBEIRO DE SÁ.

Traçadas as suas ruas e edificados os primeiros prédios, nada mais tinha o povoado que esperar, confiante na posição geográfica para uma rápida evolução.

As privilegiadas condições naturais impondo ali uma encruzilhada de importantes rodovias, também faziam de Entrerios um dinâmico centro ferroviário. E com essa vantagem dupla teria inevitavelmente o burgo de evolver como núcleo de transportes, onde o encontro de bitolas diferentes da Estrada de Ferro Leopoldina, — que também viera de Petrópolis seguindo o vale do Piabanha — e da Central do Brasil, exigia movimentada baldeação de mercadorias.

Todos êsses fatôres desenvolveram rapidamente a povoação que, por decreto de 14 de dezembro de 1938 é elevada a cidade. Na exposição de motivos justificando o ato do interventor estadual, alega-se que o distrito de Entrerrios já tem uma renda maior que a de Paraíba do Sul, e como prova de seu progresso mencionam-se fábricas de sêda, caseína, balas, usinas para beneficiamento de

---

[174] RIBEIRO DE SA. *A.* **de:** *A cidade de Entrerrios — sua origem c fundação.* **1942,** pág. **26.**

[175] Idem, pág. **50.**

leite, — cuja exportação anual é de 3 000 000 de litros —, laboratórios de especialidades farmacêuticas, refinaria de açúcar etc. [176]

O censo de 1940 registra no município **30** 208 pessoas, contando a cidade 8 **543,** — população dupla da de Paraíba do Sul —, além de mais 4 124 habitantes na área suburbana.

Assim, a mais velha das povoações serranas, pelo determinismo geográfico a indicar as vias mestras de comunicação, cede lugar a um dos mais jovens municípios fluminenses.

Pela resolução do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em sua revisão dos nomes de localidades do Brasil, passou esta entidade municipal a denominar-se "Três Rios", designacão bem mais expressiva dos fatôres potamográficos a que deve o seu crescimento: os rios Prêto, Piabanha e Paraíba que se juntam não longe da cidade.

Ao Piabanha, sobretudo, é que deve Três Rios a sua evolução com a estrada "União e Indústria" vindo de Petrópolis, posteriormente assistida por uma via-férrea paralela. Foi o caminho natural dêsse rio, dos bordos da serra do Mar para o interior que originou próximo a sua foz no Paraiba uma das mais vivas encruzilhadas serranas.

8 — VASSOURAS, A "PRINCESA DO CAFÉ", MILAGRE DE UM ÊRRO GEOGRÁFICO

Em sua origem e evolução, Vassouras é a antítese de São João Marcos. Nesta cidade vimos a dispersão dos poderosos senhores da gleba, isolados em suas fazendas, abandonarem a sede municipal. Deixaram-na a si mesma, enquanto a seu redor luziam os solares rurais dos potentados do café.

E a pequena vila mirrou a beira' de uma estrada, vendo passar os milhares de burros a levarem nos surrões tôda a riqueza da terra para os portos marítimos. Em Vassouras, distanciada da costa, veremos num milagre de coesão cultural, tôda a sua nobreza agrária unir-se para a criação de um grande centro urbano.

Embora sendo o melhor exemplo do poder extraordinário do café como agente transformista da paisagem serrana, a formação de Vassouras chega a ser paradoxal. Em nenhuma outra zona fluminense veremos essa grupação de valores humanos, tendentes num só tempo a extraírem da terra uma grande abastança e a fazerem-na florir em empreendimentos urbanísticos.

Tudo o que até hoje se escreveu sôbre o patriarcalismo isolacionista dos grandes senhores rurais no Brasil, atentos exclusivamente ao mandonismo agrário em seus domínios, desaparece ante o fenômeno de Vassouras. Fenômeno de sociabilidade urbana em

[176] Diarzo *Oficial* do *Estado* do Rzo de *Janeiro,* 15 de dezembro *de* 1938

que gerações de aristocratas camponeses incansavelmente se devotam num permanente esforço para embelezarem a sua vila.

Quase inacreditável é a rapidez com que ela cresce, num êrmo da floresta, e se transforma na mais culta e aristocrática entre tôdas as cidade do café.

Os outros núcleos urbanos da Serra, quase todos surgem de um conflito entre o homem e a paisagem, no qual a iniciativa humana geralmente se submete ao determinismo telúrico. O retalhamento do matagal em sesmarias e fazendas, faz-se a partir de grandes caminhos de penetração, de estradas gerais que atravessam a cordilheira, sob a imperiosidade econômica de comunicar o interior com o litoral, de mais cerradamente unir São Paulo e Minas ao Rio de Janeiro.

Excluído o núcleo de Resende, surto, como vimos, de um determinismo geológico, Vassouras, é a única importante cidade a levantar-se fora das grandes vias de comunicação e sem qualquer amparo oficial ou motivos geográficos a indicarem a sua fundação.

A cidade brasonada cuja auréola de solares enobrecidos foi um dos maiores orgulhos da terra fluminense, não resultou de um refluxo da economia agrícola sôbre uma estrada, buscando um ponto de comércio. A localização de Vassouras é obra exclusiva da vontade humana, alheia a pré-indicadas condições deterministas do meio regional.

Para que possamos bem compreender êsse milagre de uma civilização quase instantâneamente a florir em plena selva, teremos de retroceder ao "Caminho Nôvo" e à sua evolução.

Como diretas conseqüências das suas variantes, duas vilas iriam nascer, antecipando-se a do velho arraial de Paraíba do Sul. A primeira foi Pati do Alferes.

Das antigas estradas através da Serra, a mais procurada nos primeiros tempos do café foi a que subindo pelo vale do rio Santana, tocava na Roça do Alferes, vindo de Pilar, na Baixada Fluminensr.

Próximo a essa estrada localizara-se ainda anteriormente a 1708, a já falada sesmaria de Pau Grande, ao norte de Pati.[177] em tôrno a qual, por todo o correr do século, agruparam-se com rapidez sesmeiros numerosos.

Um dêsses povoadores foi LEONARDO CARDOSO DA SILVA, alferes de Ordenanças, cujo pôsto militar unindo-se ao vocábulo indígena, "pati", — palmeira abundante na zona, viria a designar um dos mais prósperos distritos do café do século XIX.

Logo a seguir a inauguração do tráfego por essa via, a Roça do Alferes foi-se tornando um pouso conhecido. E parece haverem

---

[177] MATOSO MAIA *FORTE, José: Memória da Fundação de Vassouras*, Rio, 1933, pág. 10.

tido uma invulgar tenacidade os pioneiros que desbravaram esta zona, onde as lavouras rapidamente se estenderam por todo um longo trecho da estrada geral.

Não ia ali achar o colono campos limpos e próprios a cultura da cana como em Resende. Mas não obstante, Pau Grande iniciou-se com um grande engenho de açúcar. Malgrado os colonos terem a presença da floresta virgem de um vigor excepcional nos morros fertilíssimos, o açúcar é nos primeiros tempos a recompensa principal a seus esforços.

É com as seguintes linhas que MATOSO MAIA FORTE, — a quem a cultura fluminense deve tão valiosas pesquisas geográficas e históricas —, descreve os primeiros anos da entrada dos colonos nas redondezas de Pati: "A região da Roça do Alferes e a confinante onde havia "patis", — palmeiras —, tornaram-se da maior valia, situadas no vértice de um triângulo cujos dois outros ângulos eram Sacra Família do Tinguá e as propriedades de MARCOS DA COSTA, depois da Serra. Quer subissem pelas serras do Couto e da Boa Vista, quer galgassem a do Tinguá, passando pelas terras que haviam mais tarde de constituir a freguesia de Santana das Palmeiras, — não confundir com a estação de Palmeira (hoje Jeruaba) —, os viajantes tomavam os caminhos para a Roça do Alferes, a margem dos quais havia bons ranchos, boas aguadas para os animais, fartos mantimentos e onde se proviam de açúcar nos bangüês a moda primitiva, em caldeirões e tachos, secando nas fôrmas para depois ser transportado em caixas e barricas.

As terras do vale do Saco eram férteis e retribuíam com juros altos o seu trato, enriquecendo os proprietários rurais, mesmo antes da época áurea do café que tornou abastada a geração seguinte.

O surto da freguesia foi notável: nas ubérrimas terras floresceram as lavouras, valorizaram-se as propriedades, enriqueceram-se os fazendeiros. Tudo contribuiu para que aquêle recanto da Serra acima fôsse realmente próspero e se lhe reservasse a futura ascendência viril sôbre os demais povoados".[178]

A zona de Vassouras tinha pois com tais resultados do primeiro contacto do homem com o meio uma sólida base cultural e agrícola, sôbre a qual robustas gerações de lavradores estruturariam um extraordinário senso de cooperação, a ser revelado nas futuras magnificências da cidade que iriam criar.

Com a expansão agrária em tôrno do Caminho Nôvo, fácil é de prever-se a necessária formação de um núcleo administrativo para esta zona serrana. É o que já verifica o bispo frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, quando a atravessa em 1726 a caminho de Minas, assinalando o lugar para a ereção de um templo, cuja inauguracão

[178] Idem, obr. cit., **págs. 14-15.**

se dá em 26 de abril de 1739. Antes porém, com a passagem do bispo, a capela já existente na fazenda do Alferes fôra elevada a curato, já existindo em tôrno dela suficientes moradores. [179]

Com o contínuo tráfego pela estrada geral e a investida de colonos em crescente número para as matarias, aumenta o arraial. Em 1795, a igreja é demasiado pequena e a construção de outra é iniciada. E ao ter entrada o século XIX, já é visivelmente necessária a criação de uma vila que centralizasse uma zona retalhada em numerosas fazendas cultivadas.

Contra a fundação manifesta-se porém o então proprietário da Roça do Alferes, José FRANCISCO XAVIER. NO desejo de isolar os seus domínios da vigilância administrativa de uma vila, alega êle ter sido o seu local demarcado "em distância de 42 braças de seu engenho de açúcar", em sítio impróprio, "situado entre morros e por isto mesmo epidêmico". Com o intuito de afastá-la de suas terras indica para o local a freguesia de Sacra Família.

Com os mesmos fundamentos protesta ali o irmão e sucessor do fazendeiro que adquirira a Roça do Alferes. E a luta entre o senhor de engenho e o Govêrno que insiste pela fundação da vila nessa estrada, resulta na escolha de Pati, "cuja denominação se estendia a tôda a situação onde se achavam estabelecidos muitos moradores, formando uma espécie de arraial, o que não acontecia em outra parte". [180]

Nova oposição desta vez de ANTÔNIO LUÍS MACHADO, proprietário da fazenda dos Patis. A tais evasivas de poderosos senhores rurais, sòmente em 1820 é que a Mesa do Desembargo se decide por êste local.

Embora porém, fôsse ali justificada a fundação pela melhor topografia e ponto centralizante, — visto ser o cruzamento da estrada geral com a de Sacra Família —, pouco viria a evolver Pati, do insignificante arraial que lhe servira de semente.

Em 14 de março de 1821, instala-se com grande solenidade a vila, com numerosa presença de fazendeiros, oficiais da milícia e novas autoridades. Entre os primeiros há todo um escol de grandes senhores rurais, vários dêles futuros barões.

A vila "constava de quatro casas e uma pequena capela junto a fazenda da Freguesia". [181] E a sua inauguração pomposa nada mais tinha sido que o mero exibicionismo de potentados rurais, ciosos de seu exclusivo poderio sôbre as suas fazendas e sesmarias. Nestas é que se localizavam todos os seus interêsses, tôda a sua atividade, tôda a sua ambição exclusivamente agrária.

Como a deixar prever tôda uma sequência de antagonismos opostos a evolução urbana, para os dois cargos de maior relêvo são

---

[179] PIZARRO: Obr. cit., vol. IV, pág. 110.
[180] MATOSO MAIA FORTE: Obr. cit., pág. 25.
[181] RAPOSO, Inácio: *História* de *Vassouras.* Vassouras, *1935,* pág. 7.

justamente nomeados os que mais haviam contrariado a sua formação: MANUEL FRANCISCO XAVIER é o seu primeiro capitão-mor e ANTÔNIO LUÍS MACHADO o primeiro juiz de sesmarias, numa época de contínuas questões de terras, pelas contínuas concessões em mata virgem. Além do mais, eram ambos inimigos, por dissenções recentes, cada qual querendo que a vila fôsse erigida em terras do outro.

O desinterêsse pela centralização de um forte poder urbano manifestau-se logo. A discórdia entre os proprietários rurais, devido à prepotência do capitão-mor que desviara de suas fazendas para outras a estrada geral, traçando-a por lugares escabrosos, aumentou o descontentamento.

O que existia em Pati do Alferes era ainda a mentalidade do senhor de engenho, menos plástica que a dos cafèzistas, embora já começasse o café a ser por ali cultivado em lavouras importantes. Têm êstes mais lazeres fora do tempo das colheitas, onde os cuidados com a lavoura se resumem a limpas entregues aos feitores. Os primeiros, entretanto, mesmo nas entressafras, têm o pesado encargo das novas plantações e da reforma da fábrica de açúcar.

E o espírito do senhor de engenho era ali forte sob o predomínio econômico do Pau Grande e das 12 engenhocas de aguardente então existentes.

Dêsse modo, Pati cresceria raquítica pela oposição dos senhores rurais a sua fundação. Acresce que, para diminuir a sua autoridade administrativa, não era a freguesia a única nesta zona, a margem dos caminhos de penetração. Mais a sudoeste, a beira da terceira variante, — o Caminho Nôvo do Tinguá —, desde os meados do século XVIII que existia a paróquia de Sacra Família,[182] foco de uma próspera colonização por numerosas concessões de sesmarias que continuaram a ser concedidas em elevado número após a criação da freguesia em 18 de julho de 1750.[183]

Nesta paróquia levanta PEDRO DIAS PAIS LEME, em 1762, a capela filial de Nossa Senhora de Belém e do Menino Deus, na sua fazenda do Guandu. A enérgica estirpe do "Caçador de Esmeraldas" aproximando-se do litoral, institui na serra do Mar um morgadio, de cujo imenso latifúndio retalhado, ainda subsistem lotes de terras pertencentes a histórica família.[184]

Mais duas capelas menciona ainda PIZARRO nesta zona. A de Palmeiras e a do sítio da Rocinha, na fazenda do provedor. Pelo

---

[182] "Patenteado o Caminho Nôvo da serra dos Órgãos para as Minas Gerais, antes de 1715, se continuaram a abrir estradas que pudessem por terra firme comunicar-se com aquêle e facilitar igualmente o giro do comércio... De Iguaçu sobem os sertanejos, derrubando matas pela serra do Tinguá, e dai a sítios diferentes que não se tardariam a povoar." (PIZARRO, obr. cit., vol. 5.º, pág. 59).

[183] MATOSO MAIA FORTE dá-nos uma relação de mais de vinte sesmeiros com as suas respectivas datas de concessões, entre 1756 e 1801. (Obr. cit. pág. 57).

[184] Idem, obr. cit., pag. 56.

território do Tinguá espalham-se 2 fábricas de açúcar e 4 de aguardente, e a população da freguesia em 1820 é de cêrca de 1 000 adultos morando em 130 casas.

Vemos assim por êste breve relato histórico regional que, enquanto os núcleos de Paraíba do Sul, de Pati do Alferes e de Sacra Família atestam um antigo povoamento, não se fala ainda em Vassouras. Nenhum povoado, nenhum agrupamento, nenhuma importante casa de fazenda, mesmo a prenunciar pela sua localização a futura cidade. Nisto é que está o maior mistério da fundação de Vassouras pelo esfôrço coletivo dos senhares rurais.

INÁCIO RAPÔSO diz-nos apenas que a sua origem foi "uma vasta sesmaria denominada Vassouras e Riu Bonito, concedida em 5 de outubro de 1782 a FRANCISCO RODRIGUES ALVES e LUÍS HOMEM DE AZEVEDO, e judicialmente medida em 1786 pelo pilôto da Câmara do Rio, FÉLIX ÁLVARES DE MELO, por comissão do corregedor da Câmara".

Outra grande sesmaria era a do Dr. MIGUEL ÂNGELO FAGUNDES E FRANÇA, concedida em 12 de outubro de 1793, batizada por "Chanceler França", nome êste posteriormente substituído por "Cruzes", que ainda hoje existe.

Nada nesses latifúndios faz entretanto prever a localização futura de uma vila. Bem expressivo é pois MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, ao assinalar que, "no princípio do século XIX, o sítio onde esta assentada a vila era um despovoado coberto de mato e de um arbusto de que no Brasil fazem "vassouras".

Com a formação da nova cidade, temos assim um fenômeno paradoxal na fundação dos agrupamentos urbanos fluminenses, até o século XX. Numa terra em que por sua própria evolução social se eslruturou um poderoso feudalismo agrícola infenso ao predomínio das cidades, vê-se de repente todo um escol de grandes senhores rurais esclarecidamente se agruparem e, com a mesma energia e carinho com que tratam das suas lavouras, com férreo devotamento, iniciam a transfiguração de um deserto na mais admirável das nossas cidades aristocráticas a rivalizar mesmo então com Petrópolis, reflexo da Côrte com o seu Palácio Imperial.

Vassouras é o milagre de urbanismo da nossa aristocracia rural. E a sua origem se destaca, ao relembrarmos a fundação de Pati contrariada pelo interêsse rural dos mesmos fazendeiros regionais. Porque êles próprios irão agora conjugar esforços na vontade indômita de criar a vila.

É ainda na segura exposição de MATOSO MAIA FORTE que iremos rever como einbrionou essa nova mentalidade a que deverá Vassouras todo o impulso inicial da sua acelerada evolução. Em suas referências a Pati do Alferes, diz-nos êle: "Até 1821, a administração da vila estêve em mãos de gente de Pati e sua imediata

vizinhança. A partir dêste ano, porém começaram a aparecer outros nomes, ou de Sacra Família, mais próximos do Paraíba, nas imediações da atual cidade de Vassouras".

Pode ter sido ocasional uma afluência de elementos dinâmicos, excepcionalmente caracterizados por um sólido espírito associativo na zona a leste de Pati, entre Sacra Família e o rio Paraiba. O que não resta dúvida, porém, é que, com êles, a Serra Fluminense apresenta em sua história o exemplo singular de uma elevadíssima civilização urbana a centralizar tôda uma auréola de magnifícios solares rurais.

Dir-se-ia que, de todos os três caminhos, foi na variante mais recente, a do Caminho Nôvo do Tinguá que, nos altos da Serra se deu o encontro dos mais enérgicos e progressistas elementos descidos de Minas ou subidos do Rio, sendo que também nêle verificamos a presença do melhor sangue paulista das Bandeiras, com os herdeiros dos PAIS LEME.

Êsses elementos é que fundam Vassouras. É com os WERNECK, os QUIRINO DA ROCHA, OS RIBEIRO DE AVELAR, OS PINHEIRO DE SOUSA, os CORREIA E CASTRO, OS TEIXEIRA LEITE e tantos outros expoentes de uma esclarecida aristocracia rural que um trecho do deserto transfigura-se de repente na "Princesa do Café".

Em conseqüência da penúria de Pati do Alferes, o ministro do Império expede uma portaria com vários quesitos interessando a vila estacionária, entre êles um que indagava sôbre o melhor sítio para o estabelecimento de uma nova sede.

Pôsto êsse quesito em discussão na Câmara de Pati, é por unanimidade proposta a mudança, e pelo decreto de 15 de janeiro de 1833, o govêrno extingue a vila decadente, criando a de Vassouras.

Para que se compreenda o estágio primitivo em que se encontra ainda a evolução serrana no comêço da Regência basta referir que, Vassouras, Paraíba do Sul e Nova Friburgo, tôdas elas pertenciam a comarca de Cantagalo, a qual abrangia um desmedido e quase inexplorado território.

Dois meses após a criação por lei, em 15 de março de 1833, é instalada a vila de Vassouras com a ereção do pelourinho. Reduzidíssimo é o número de casas e tão diminuta a sua expressão demográfica que, até 1837, continua sob a jurisdição eclesiást ca da freguesia de Sacra Família.

Nesse ano, porém, tanto empenho já demonstram os vassourenses em sua completa autonomia, que, numa coleta concorre o povo com 40 contos para o levantamento da matriz.

Grandes se mostram desde o início, o zêlo e o interêsse coletivo dos fazendeiros pela construção da cidade. Os próprios administradores da construção do templo são os grandes senhores rurais

Fig. 51 — *A dança dos Puris em plena floresta virgem da Serra Fluminense, como* IDA PFEIFER *no-la descreve, e no-la desenhou* RUGENDAS.

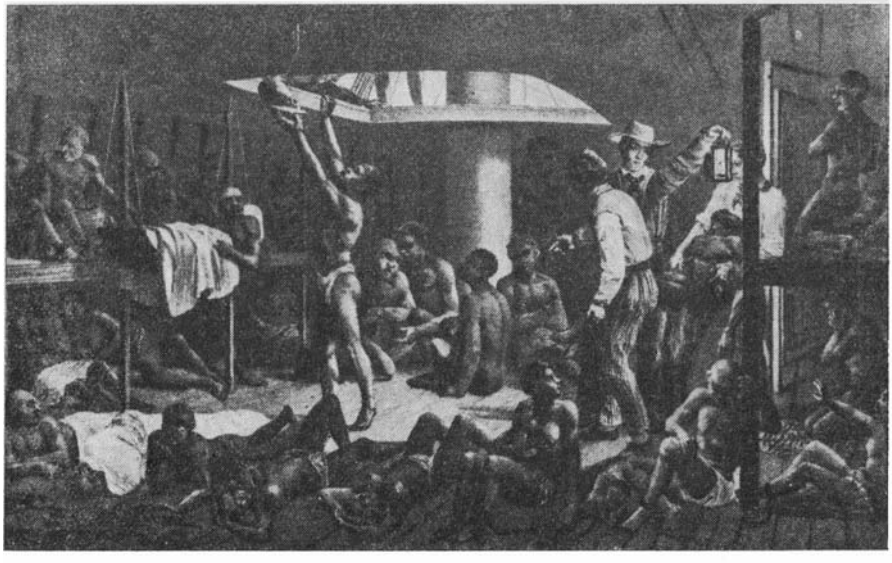


Fig. 52 — *Sem o suplício dos porões dos navios negreiros ...*
(RUGENDAS)

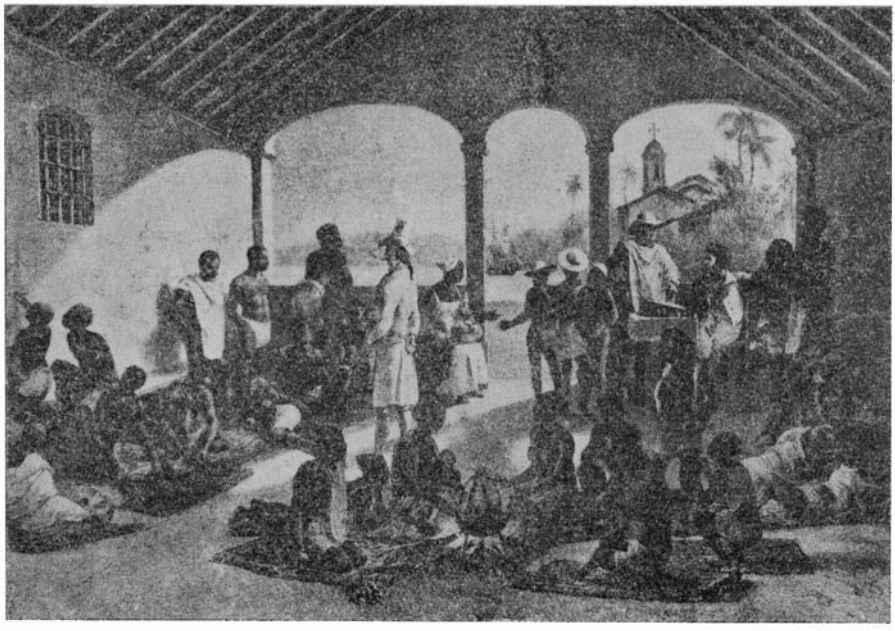


Fig. 53 — ... *o mercado de escravos do Rio de Janeiro* ...
(RUGENDAS)

Fig. 54 — ... *e as levas de cativos que subiam contìnuamente ao vale do Paraiùa* ...
(RUGENDAS)

Fig. 55 — *... para as derrubadas da floresta virgem, não teria sido possível o dominio completo da Serra Fluminense no século XIX, pela brilhante civilização do ciclo do café.*

(RUGENDAS)

Fig. 56 — *Desde a travessa do Paraibuna que aqui vemos, na divisa entre mineiros e fluminenses, por tôda parte na Serra ...*

(RUGENDAS)

Fig. 57 — *... através de picadas no matagal e vadeando rios, cruzavam as tropas de café, num incessante formigar entre as fazendas serranas ...*

(DEBRET)

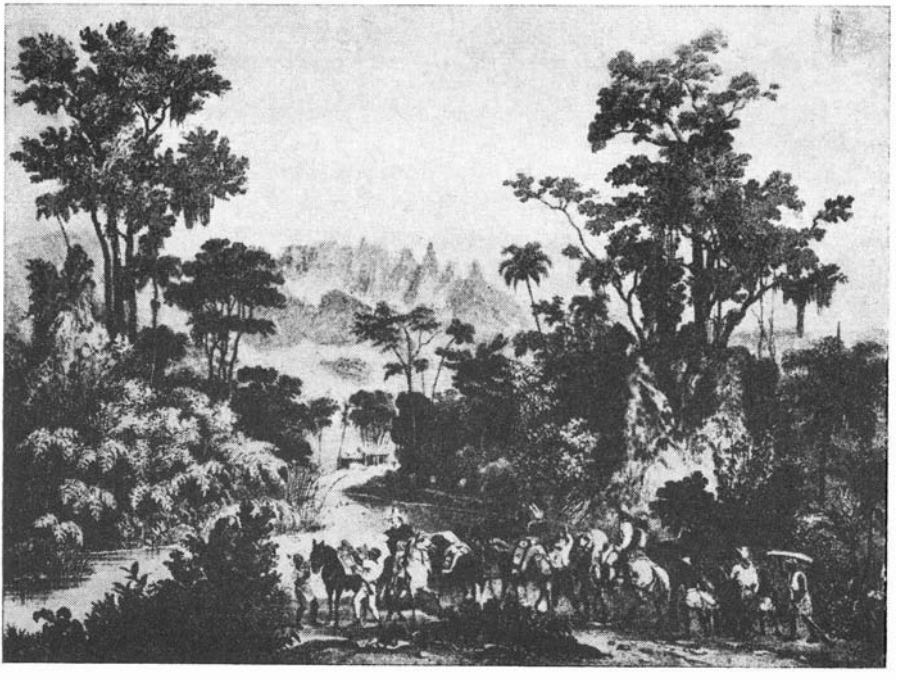


Fig. 58 — *... e os rios da Baixada Fluminense, fazendo surgir as ...*

(RUGENDAS)

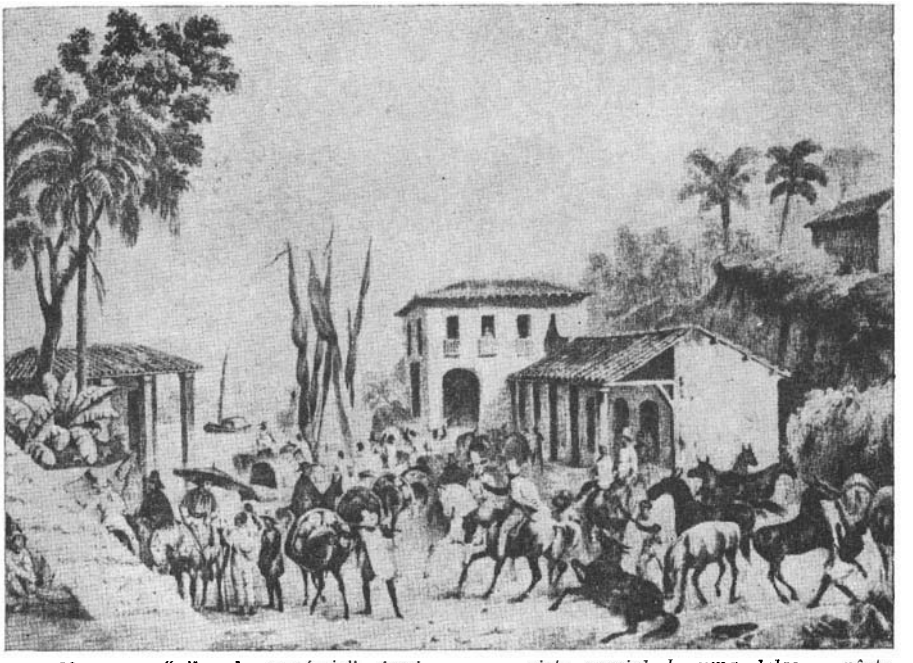


Fig. 59 — ... "vilas de comércio". Aqui vemos a vista parcial de uma delas, o pôrto da Estrêla, sempre movimentado por tropas numerosas antes da construção das estradas de ferro.

(RUGENDAS)

Fig. 60 — Outra importante "vila de comércio", Pôrto das Caixas, que recebia o café das zonas de Friburgo e de Cantagalo, hoje como a Estrêla, inteiramente em ruínas. Em 1850, antes da construção da nossa primeira ferrovia — o Mauá — a exportação do Guanabara que então centralizava o nosso comércio de café foi de cêrca de ..... 10 000 000 de arrôbas, carga equivalente à de 1 250 000 burros a 8 arrôbas por animal. Embora não fôsse necessário tão grande número de muares devido à repetição das viagens, pode-se entretanto estimar como deveria ser intenso o movimento nas estradas serranas. Em idas e vindas entre a Serra e o pôrto da Estrêla, chegaram a trafegar anualmente pelo caminho de Petrópolis cêrca de 100 000 burros, o que explica o desenvolvimento da indústria de ferraduras como principal fonte de rendas da fazenda do padre CORREIA, na localidade de Correias.

(Foto do Departamento Nacional de Obras de Saneamento)

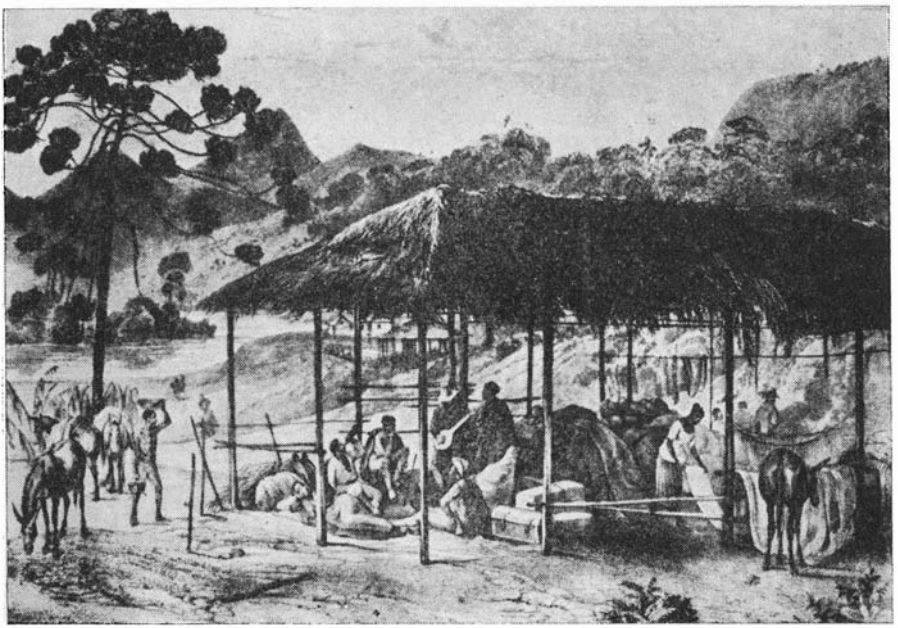


Fig. *61* — *Dos numerosos ranchos* **que** *serviam de pouso* **às tropas** *nas estradas da* **Serra,** *nasceram* **muitas** *localidades, iniciadas com* **um** *comdrcio rudimentar em tôrno* **dêles.**

(RUGENDAS)

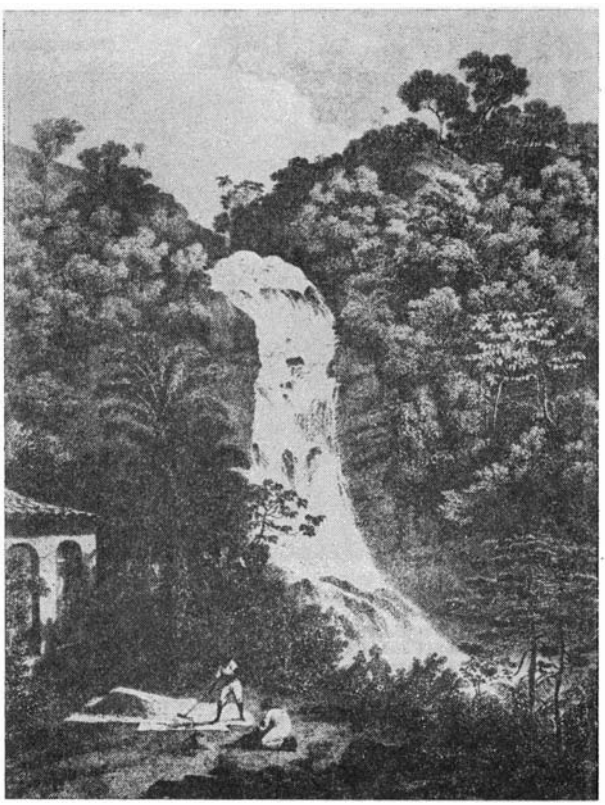


Fig. 62 — O *berço dos* **cafèzais** *brasileiros foi a* **própria** *cidade do Rio de Janeiro* **que,** *a partir de 1760, começou a ter as encostas das suas* **montanhas crescentemente** *cobertas de plantações.* **Êstte** *desenho de* RUGENDAS *mostra-nos* **um** *terreiro de* **café** *na Cascatinha da* **Tijuca,** *na primeira metade do* **século** *XIX, no sitio que pertenceu aos* **TAUNAY,** *vendo-se parcialmente a casa da sede, onde se* **fixou** *no Brasil esta ilustre* **família.** *Neste local ergue-se hoje o monumento aos* **TAUNAY,** *mandado* **construir** *pelo presidente* **WASHINGTON LUIS.** *Em tôrno da "Cascatinha* **Taunay",** *— como naquele tempo era também* **denominada** *a* **queda** *d'água —, estabeleceu-se unta verdadeira colônia de nobres franceses* **plantadores** *de café, como a baronesa dc* **ROUEN,** *o* **príncipe** *de* **MONTBÉLIARD,** *os* **condes** *de* SCEY *e de* **GESTAS,** *Mine. de* ROQUEFNIL *e outros (*AFONSO DE TAUNAY: **Hist.** *do* **Café** *no* **Brasil,** *tomo II, vol. 2.º, pag. 276).*

Fig. *63 — A cidade de Barreiro no vale paulista do Paraiba, tendo ao fundo a serra da Bocaina, em cuja vertente oposta estão as nascentes do rio Paraiba.*

(Foto AROLDO DE AZEVEDO)

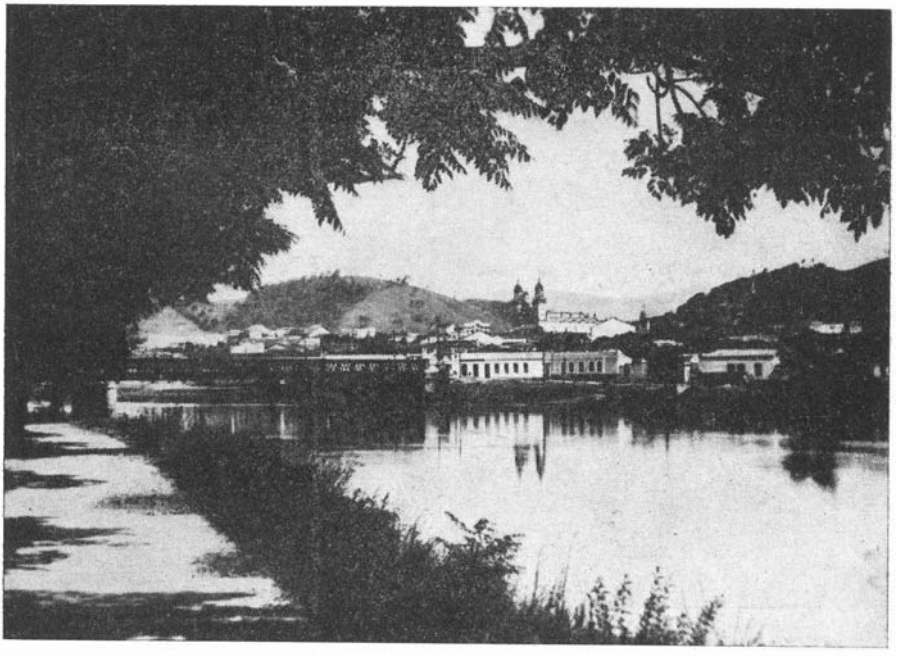


Fig. *64 — Por todo o médio curso paulista do Paraiba, os velhos povoados bandeirantes evolveram para importantes cidades desde o ciclo do café. Uma delas é Guaratinguetá.*

(Foto da Divisão de Águas do DNPM)

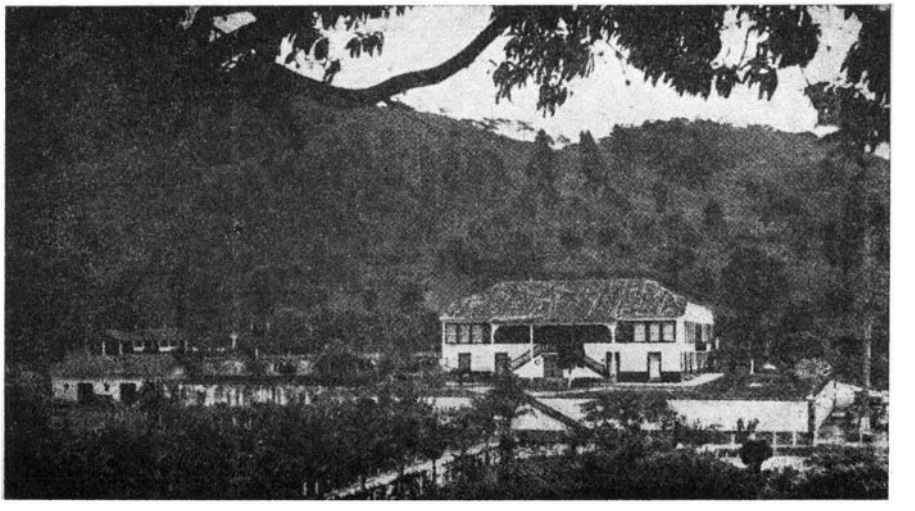
Fig. 65 — As cidades de Bananal e Areias foram as que primeiramente sentiram na província de São Paulo a invasão dos cafèzais da província do Rio de Janeiro. Em Areias, ainda vemos importantes sobrados do ciclo imperial do café. atestando a importância da sua economia no passado século.

(Foto Aroldo de Azevedo)

Fig. 66 — *A sede da fazenda de São Jorge, no vale paulista do Paraíba e no caminho da serra da Bocaina, é um testemunho da solidez da velha cultura do café, que erguia robustos prédios solarengos em plena mata virgem.*

(Foto Aroldo de Azevedo)

Fig. *67 — Antes da sua recente submersáo na represa do ribeirão das Lajes, São João Marcos ainda conservava o singelo aspecto dos seus velhos tempos do café.*



Flg. *68* **—** ***Velha "Casa Grande" do ciclo do café, em Campo Belo.***

(Foto DNER)

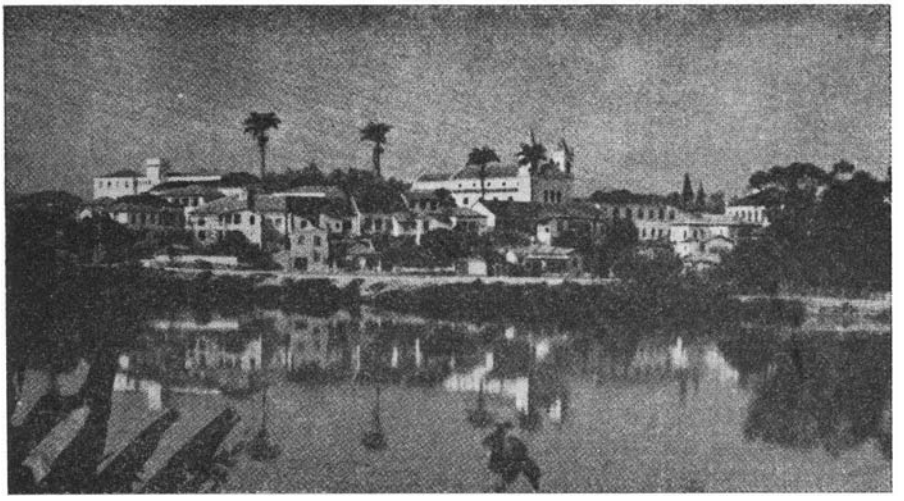


Fig. *69* — *Resende, hoje próspera cidade, foi o primeiro núcleo a nascer na Serra. devido ao café.*

(Foto DNER)

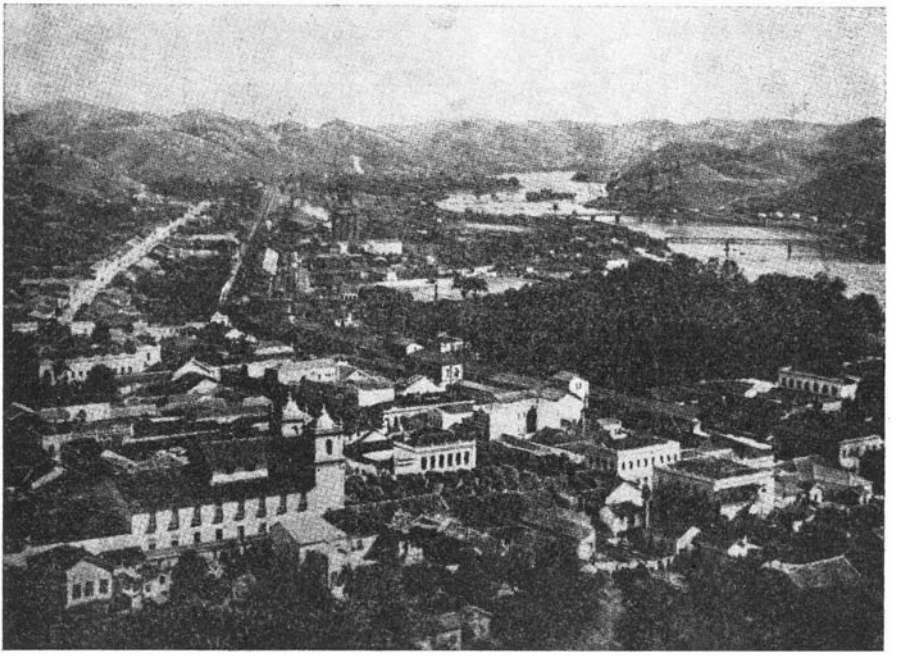


Fig. *70* — *Barra Mansa. uma dus mais importantes encruzilhadas ferroviárias da Serra e futuro centro de grandes indústrias.*

(Foto do Conselho Nacional de **Geografia)**

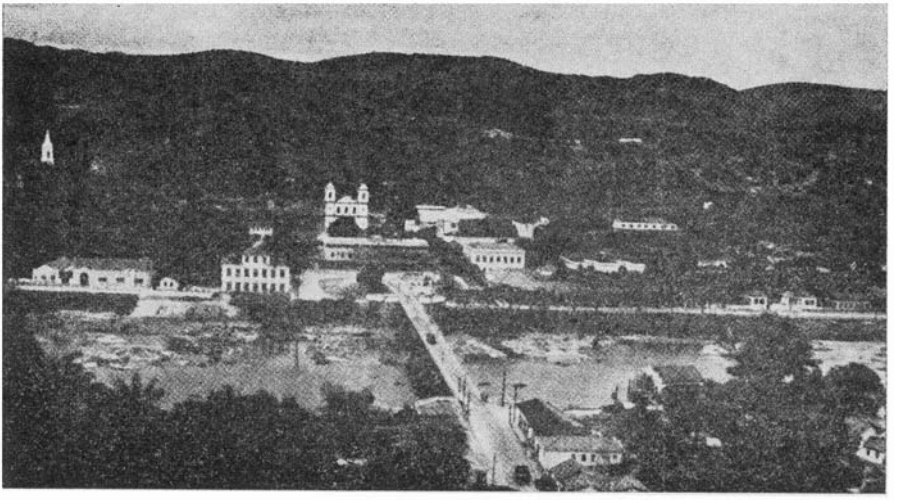


Fig. 71 — Vista parcial de Paraiba do Sul, nascida em 1698 com o "Caminho Nôvo" de GARCIA RODRIGUES PAIS LEME, *o qual, vindo de Barbacena, rasgando uma picada na floresta virgem, ai ergueu a sede da sua fazenda.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

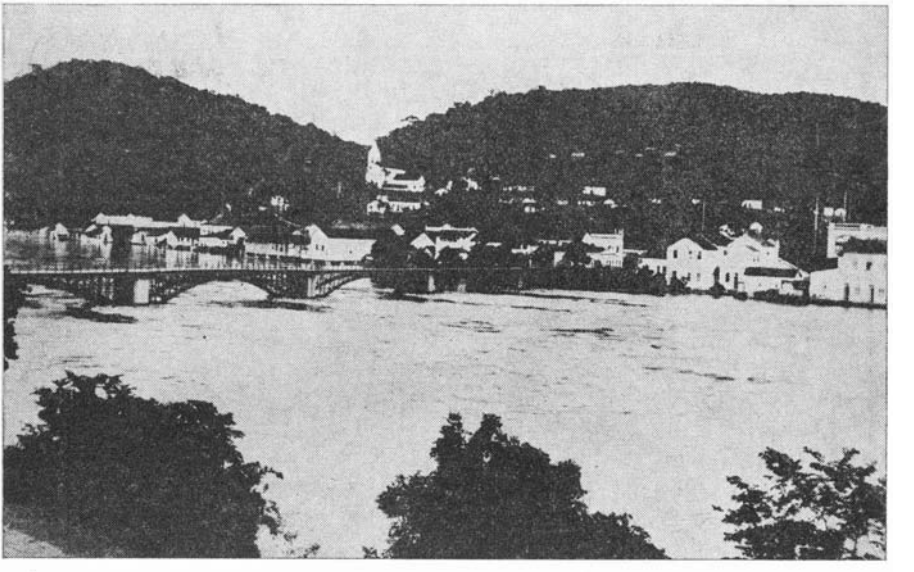
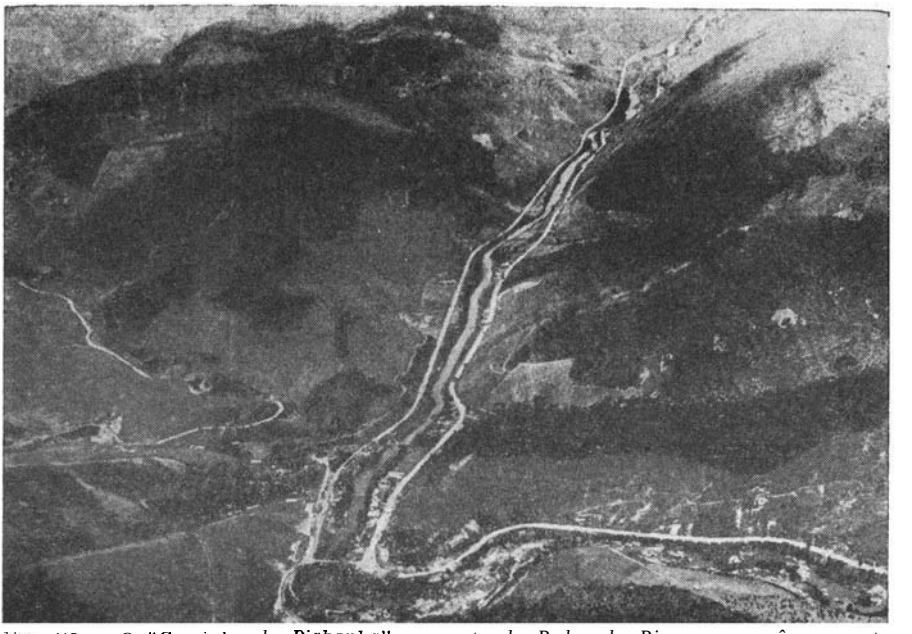


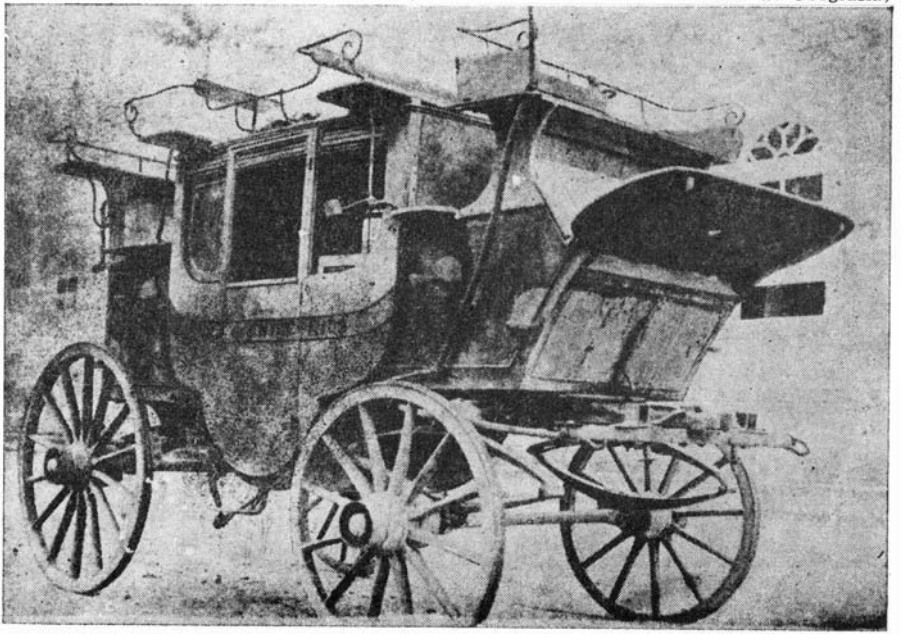
Fig. *72 — Um dos núcleos que surgiram com êsse povoamento e* **com** *os imigrantes que chegaram dzretamente de Minas Gerais foi Pôrto Nôvo do Cunha, antigo registro fundado por* TIRADENTES *e hoje uma importante vila. Seu desenvolvamento acelera-se com a estrada de ferro, e a ponte que intensifica o tráfego entre os doas Estados limitrofes.*

(Foto da Divisão *de* Águas *do* DNPM)



Flg. '13 — *O "Caminho do Piabanha" ao norte de Pedro do Rio que se vê na parte inferior da fotografia —, em direção ao Paratba. Seguindo o curso do Piabanha, duas importantes vias de comunicação condicionadas à topografia: a Estrada de Ferro Leopoldina e a rodovia "União e Indústria". A esquerda a estrada do Secretário, variante do antigo "Caminho do Proença" que, do pôrto da Estrêla subia a Serra e do Córrego Sêco — Petrópolis —, se dirigia a Paraiba do Sul.*

(Da fototeca do Conselho Nacional de Geografia)



Flg. 74 — Uma das antigas diligências da estrada "União e Indústria" que, subindo a serra da Estrêla e indo a Três Rios e a Juiz de Fora, pela primeira vez no Brasil revolucionaram os meios coloniais de transporte do litoral para o interior, atraeessando a serra do Mar. A picada da "União e Indústria" de Petrópolis até o rio Paraiba foi inaugurada pelo Imperador, em 11 de abril de 1856.

(Do Museu Imperial de **Petrópolis.** *Foto do Centenário de Petrópolis,* **vol.** *VI).*

FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA LEITE, LAUREANO CORREIA E CASTRO e PEDRO CORREIA E CASTRO, respectivamente futuros barões de VASSOURAS, de CAMPO BELO e do TINGUÁ.

Sem qualquer iniciativa oficial e apenas com a sua energia sem precedentes na história das regiões agrícolas brasileiras, por um comum acôrdo entre os proprietários de fazendas surge dêsse modo a vila de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

Daí por diante e num crescendo, é sempre com a sua nobreza territorial que prossegue a sua evolução. É ela que tenazmente vence tudo, auxiliando com generosidade uma burguesia pobre e de escassa ilustração ainda. No ano seguinte ao da fundação, solicita e obtém a Câmara do Govêrno a sua primeira escola. Ainda no mesmo ano é criada a Guarda Nacional.

São êsses porém apenas os primeiros benefícios da riqueza dos cafèzais, que agora já começam a espalhar-se por tôda parte. Várias grandes fortunas começam a se constituir nas fazendas povoadas de cativos aos milhares. Um levante de 300 negros após o assassínio de um fazendeiro e a formação do quilombo de Santa Catarina, atesta o que já deveria ser a capacidade produtiva da zona rural, habitada por tão grandes lotes de escravos numa só fazenda.

O nome de Vassouras fulgura tão repentina e promissoramente que, em 1835, apenas dois anos após a fundação, torna-se ela cabeça de comarca, englobando as vilas mais antigas de Marquês de Valença e Paraíba do Sul, e subordinando a si em 1837 a vila de Piraí.

Começa então a cidade a evolucionar com mais intensidade, com o nôvo prestígio oficial que lhe oferece o domínio sôbre uma vasta zona.

Acentua-se a imigração. Em 1842, ali se estabelecem cêrca de 150 estrangeiros "de várias nacionalidades, principalmente portuguêses, franceses e alemães, dando origem a inúmeras famílias".[185] Tangida por um claro senso utilitário, dedica-se logo a Câmara ao problema do abastecimento d'água, cuja canalização vem terminar no chafariz inaugurado em 1846 na praça da matriz.

Em 1844, inicia-se o calçamento e no ano seguinte é a vila iluminada com lampeões de azeite. Já tão sólida é a sua organização quando das revoltas liberais mineiras, que CAXIAS ali estaciona levando 300 praças e oficiais para dominar a rebelião.

Não tem ainda Vassouras o título de cidade que só lhe viria a ser concedido em 29 de setembro de 1857. *O* seu magnífico edifício da Câmara ainda não fôra levantado. Tão notável havia porém sido o seu desenvolvimento em curtos anos que, em 1847 recebe a vista do Imperador, revestindo-se o acontecimento de uma

[185] RAPÔSO, Inácio, obr. cit., pág. 57.

pompa até então desconhecida nas vilas serranas, "comparecendo os homens de maior destaque luxuosamente trajados, trazendo ao peito as suas melhores insígnias e todos de chapéu armado". [186]

Vassouras apenas com 14 anos de vida já tinha um esplêndido escol social amadurecido. É que o fator econômico responsável pelo desbravamento das suas densas matarias, era dirigido ali por mãos eleitas de uma aristocracia rural eminentemente associativa.

É êsse invulgar espírito de associação nos senhores da terra que, unido ali a um irreprimível desejo de subir, de enriquecer pela cultura do solo, desenvolve com o orgulho da riqueza a ambição de criar um centro cultural digno das suntuosidades de magníficas possuidores de brasões.

É isto que faz a originalidade vassourense, tendo um cunho todo especial a sua civilização, singular entre as demais cidades serranas do café pelo brilho coletivo de uma sociedade sempre em busca do que melhor existe em espiritualizadas florações culturais.

Nos demais centros cafeeiros como em Friburgo, Barra Mansa e Marquês de Valença, a existência de grandes sobrados urbanos pode marcar isoladamente a influência de aristocratas do café nos destinos da cidade. Mas nada é comparável ao que se passa em Vassouras no período áureo da Serra Fluminense. O que ali vemos é uma íntima e inexplicável associação do campo a cidade, ambos conjugalmente unidos para a criação de uma cultura urbano-rural a florescer numa civilização que até hoje admiramos.

"Persistia sempre Vassouras, diz-nos INÁCIO RAPOSO —, na sua preocupação primitiva: o desenvolvimento da agricultura no campo e do comércio na vila, estribando-se para isso na grande energia dos seus filhos, sempre dispostos a realização dessa obra formidável que conseguiram por fim, a grandeza do município e a elevação da vila a cidade". E o instrumento para êsse objetivo era o café, o único agente capaz de modificar tôda a fisionomia bárbara do vale enflorestado, com benefícios altamente compensadores da extraordinária energia a despender.

Mas para tais esforços não bastavam os recursos braçais do colono. Foi necessário o escravo, e .Vassouras teve de possuir uma das maiores populações de negros do país. Filas intermináveis de cativos sobem a Serra para que possam crescer outras inumeráveis filas de pés de café. O barão de ARCOZELO, por exemplo tem 1 500 pretos nas senzalas das suas fazendas. [187]

Ser fazendeiro de café é a ambição maior de todo imigrante que para ali vai, como o título de senhor de engenho havia sido no litoral. O arbusto maravilhoso ante o qual as florestas tombam em massa tornara-se o padrão de orgulho para os fluminenses serranos, um emblema nobilitante para os vassourenses.

---

[186] **Idem, pág. 71.**

[187] RÊGO BARROS, Jaci: *Senzala* e ***Macumba,*** **Rio, 1929,** pág. 88.

Justamente nessa época é que o café se fixa na mentalidade agrícola brasileira como o fator máximo de riqueza. O que mais tarde iria em maior escala e por completo obcecar São Paulo .e monopolizar as diretrizes econômicas do Brasil, experimentalmente se iniciava no vale fluminense do Paraíba. E neste, Vassouras integra tôdas as possibilidades culturais que então permite a luta entre o homem e o meio para o domínio da serra e da floresta.

Ali só se pensa em café, só se fala em café, só se cultiva o café. Tôdas as demais lavouras se desprezam. A sua famosa criação de suínos, de produtos tão cobiçados por tôda a população da capital, desaparece. Desinteressantes se tornam os engenhos de açúcar e de aguardente. As florescentes plantações de anil afundam-se em capoeiras.

RIBEYROLLES que testemunha a grandeza de Vassouras um pouco além dos meados do século, embora lamente essa idéia fixa da monocultura, deixa-nos ver quanto evolucionara a zona serrana, conquistada "palmo a palmo sôbre o selvagem, sôbre o miasma, sôbre o deserto".

"Seus montes a dez léguas em derredor têm sido devastados e queimados. Sob as cinzas, que, graças ao orvalho formam a seiva, plantou-se por tôda parte o arbusto oriundo da Feliz Arábia. Quantas barras de ouro tem dado o pequeno fruto de duas meias favas? Galeões repletos. E Vassouras exporta hoje, cada ano, mais de um milhão de arrôbas".[188]

A cidade que apenas conta 40 anos e que SAINT-HILAIRE ali não vira por então varar um matagal, deslumbra o seu não menos ilustre conterrâneo, embora longe estejam de esgotadas as suas possibilidades rurais.

Os 36 000 habitantes do município em que se incluem cêrca de 20 000 escravos não o impressionam. Sonha êle para essa gleba opulenta uma colonização francesa de pequenos lavradores uma incentivação ainda maior de trabalhos agrícolas que utilize com mais eficiência o potencial hidráulico, já todavia empregado como fôrça motriz em serrarias e moinhos de café.

O culto publicista francês focaliza vivamente o progresso do núcleo urbano a centralizar tôda a febricitante agitação rural do opulento município cafeeiro.

Vassouras é uma cidade-cantão. Uma pequena capital de que podem os seus habitantes orgulhar. "Em 1833, era ainda uma lagoa, e seus dezoito ou vinte tetos se ocultavam, modestos no meio das capoeiras. Tem agora mais de trezentas casas, das quais algumas bem confortáveis. A linha inferior, sobretudo, é constelada de edifícios, e essa visão de pequeninos palácios de alabastro é de um efeito surpreendente, quando se chega do deserto".[189]

---

[188] RIBEYROLLES, Charles: *Brasil* Pitoresco. Tradução de GASTÃO PENALVA, São Paulo, 1941, 188.

[189] Idem, pág. 190.

Como padrão da generosa mentalidade dos seus senhores rurais que tanto fizeram para a engrandecer, a cidade ostenta nessa época o. magnífico e amplo edifício do Hospital da Misericórdia, doado pelo barão de TINGUÁ.

Com tôda a potência da sua economia rural Vassouras faz o impossível para tornar-se uma grande cidade. Um grande obstáculo geográfico porém sempre contra ela se levanta. O grande vácuo cultural que a separa do Rio de Janeiro, o qual só poderá ser anulado por uma direta ligação ferroviária. E são ainda os seus eminentes senhores rurais que, sempre a frente de tôdas as reformas e iniciativas progressistas, idealizam e financiam os primeiros estudos da Estrada de Ferro Dom Pedro II.

MAUÁ foi indubitavelmente o criador de uma nova era para o Brasil das tropas e dos carros de boi, quando em 1852 planeja e constrói os primeiros quilômetros de linha férrea entre a Guanabara e a Raiz da Serra de Petrópolis. Lançados porém êstes alicerces fundamentais do nosso sistema ferroviário, é de Vascsouras, sempre vanguardeira em a nossa expansão econômica que surge a idéia então gigantesca de pôr a correr os trens nos altos da serra do Mar, ao longo da calha natural do Paraíba. São os TEIXEIRA LEITE, entre outros, os que mais pugnam por êsse feito e custeiam o difícil reconhecimento da subida da Serra.

Como de natural, querem êles a linha tronco passando por Vassouras, seguindo o traçado do Morro Azul, levando a cidade a centralização dos transportes entre tôda uma grande zona cafeeira e a Guanabara. De São Paulo e de Minas todo o intercâmbio com o Rio de Janeiro, encaminhar-se-ia através de Vassouras.

Eis porém que, com interêsse não menos consideráveis, apresentam-se nas margens do Paraíba os irmãos FARO, riquíssimos proprietários, um dêles já criador do embrionante arraial de Barra do Pirai. Na renhida luta de bastidores entre os dois partidos, perdem os TEIXEIRA LEITE, desfavorecidos pelo parecer dos técnicos. Ganham os poderosos FARO, — um dêles é o 3.º barão do RIO BONITO.

O traçado pelo Morro Azul é desprezado pela subida por Mendes, e com isto Vassouras continua solitàriamente a evolucionar por seus recursos próprios.

O choque não a abala entretanto. Com a estrada de ferro que em 1864 chega a Barra do Piraí, esgalhando logo a seguir os ramais de São Paulo e Minas, seria de esperar um estacionamento na evolução de Vassouras, sobretudo porque as suas numerosas fazendas põem-se a comerciar diretamente com as novas estações ferroviárias. Tão vigorosa é porém a vitalidade do centro urbano e tamanho o senso grupalista dos senhores rurais que continua sempre êste a crescer e a se embelezar. Tôda a energia propulsora da sua evolução continua a originar-se nos solidíssimos fundamen-

tos da sua esplêndida economia rural e no alto senso de cooperação da sua gentry.

Enquanto durar a vertigem do café, Vassouras evolverá impulsionada pela riqueza das fazendas.

Nos últimos vinte anos do período imperial o município é todo um vasto cafèzal. Centenas de quilômetros quadrados de matagais desaparecem e os alinhamentos das plantações ondulam pelas colinas, pelos morros, pelas encostas dos serrotes. Milhares de contos de réis sobem anualmente das mãos dos exportadores cariocas para os cofres dessa nobreza da terra, orgulhosamente ciosa das suas fazendas, dos seus brasões e comendas e dos seus milhares de escravos. Um único município fluminense ultrapassa Vassouras em número de escravos, ao aproximar-se a Abolição. É Campos bicentenária, com mais de 35 000, enquanto a eleita dos cafèzais com apenas cinquenta anos de trabalho agrícola, tem cêrca de 30 000.

E com os recursos dessa obstinação laboriosa, a predileta do café torna-se cada vez mais atraente. Na Côrte, louvam-na e a encantadora cidade serrana é centro de elegância e de repouso para inúmeras das grandes figuras do escol carioca. A fama dos seus solares, dos requintes culturais da sua fidalguia do café, da amabilidade do seu povo hospitaleiro e soberbo da admiração dos visitantes, desce ao Rio e faz subir de volta a melhor expressão da cultura carioca.

Os longos e dificultosos caminhos nada são para essa ânsia de curiosidade pela beleza arquitetônica e pela decantada pompa da primeira entre as cidades do café. E os que ali vão, se deixam ficar por longos períodos, e lá de nôvo regressam, sempre atraídos pelo encantamento de uma inesperada civilização a florir na Serra Fluminense ainda em sua maior parte coberta de florestas.

Um dos primeiros a não esconder essa irresistível atração é ainda RIBEYROLLES, que entretanto ainda a vira na adolescência de uma evolução cultural por desabrochar. "Amo Vassouras; O ar é vivo e puro. Os calores tropicais não a atormentam. Seu clima é salubre. Não se conhecem as moléstias epidêmicas. Os costumes da população são brandos, honestos e tranquilos. A violência, sempre rústica, não encontra nela guarida. O que falta a Vassouras é o caminho de ferro de Minas. E se a linha não pode passar por ela, por que não construir um ramal?"

Foi isto dito quando já em definitivo escolhido o trajeto da Dom Pedro II, e esta já em Japeri subia a Serra numa contínua escavação de túneis em busca do insignificante arraial de Barra do Piraí. Quando Vassouras no dizer do escritor é "a capital dêsse distrito que na Alemanha se chamaria reino".

Mas Vassouras, embora a margem das ferrovias, tendo perdido a maior das suas oportunidadedes com o desvio de uma estrada

que fôra ela a primeira a patrocinar e que se tornaria o eixo fundamental do sistema de transportes terrestres brasileiros, continuava a progredir. Contrariamente ao que se dava nas vilas da Baixada, onde mesmo as que evolucionaram com o café pouco foram beneficiadas pelos ricos fazendeiros, ali, todos os seus senhores rurais com as suas riquezas se empenham no seu embelezamento. Há sempre um generoso concurso, uma espontânea colaboração desinteressada para êsse fim.

A municipalidade já rica nos meados do século, inicia em 1850 a construção do seu esplêndido Paço Municipal. Para o hospital da Misericórdia, continua a concorrer tôda a nata da cidade. Com as doações em dinheiro todos os leitos são adquiridos. A canalização d'água, as enfermarias, o consultório, a farmácia, o laboratório, as salas de esterilização e de curativos, os prédios anexos, todo o seu patrimônio provém da prodigalidade coletiva.

Padrão da mentalidade e do sentimento de uma época, a Santa Casa da Misericórdia "sempre foi a maior preocupação dos homens ilustres de Vassouras".

E tudo isso que se faz, tôdas essas inovações que transformam não sòmente a cidade mas tôda a vida municipal, nunca ficam a meio caminho. Obedeceu a um plano preestabelecido que se realiza completamente. Orienta-se por uma culta e firme vontade experimentada na organização das grandes fazendas cafeeiras. Há em Vassouras uma engrenagem político-social, perfeita para a época do nosso mais adiantado feudalismo agrícola, em contínua movimentação para o progresso e a melhoria da coletividade.

Com uma tal elevação de propósitos culturais unida a uma opulência extraordinária é que o nome do município se torna um eldorado para quantos que, quer como emigrantes desembarcam no Rio de Janeiro, quer nas antigas regiões fluminenses e mineiras anseiam por um trabalho que rapidamente os enriqueça. "O sangue nôvo que todos os anos nos entrava nas veias, trazido de além-mar, enchia-nos de forças, enquanto os braços abertos da hospitalidade vassourense, atraíam com ternura os peitos generosos daqueles que nos vinham de longe auxiliar com os seus esforços benfazejos.

Todos os anos Vassouras recebia, como acima já dissemos, denodados estrangeiros que, abandonando a pátria, vinham buscar entre nós a tranquilidade e o remanso que não teriam no berço".[190]

E Vassouras cada vez mais cresce como um grande centro da cultura fluminense. A indústria da madeira obtém êxito invulgar. Nada menos de sete carpintarias modelares são fundadas em Sacra Família, e até hoje os móveis vassourenses são lembrados como obras-primas de execução artística. No tempo em que

---

[190] RAPÔSO, Inacio: obr. cit., pág. 94

os ricos barões se orgulhavam dos seus riquíssimos mobiliários europeus, aristocratas exigentes como os da fazenda do Secretário ou da chácara da Hera, não menos soberbos exibiam a perfeição das suas mobílias de jacarandá inteiramente executadas no município.

Procurada também se torna a sua cerâmica, sobretudo a da fazenda da Estiva, por longo tempo fornecedora de tijolos e telhas para tôda a zona. Dez ferrarias funcionam na cidade para o reparo e confecção de instrumentos agrícolas, além das numerosas forjas nos povoados e fazendas.

Enquanto as plantações se multiplicam até os limites municipais e novas pontes e estradas facilitam a circulação crescente, cada vez mais se anima a cidade. A população aumenta e agita-se pelas ruas. Novos centros de reunião e novas hospedarias surgem, movimentados sempre.

Vassouras centraliza uma atividade anteriormente nunca vista em qualquer ponto da região serrana. "Hotéis e pensões completamente cheios, cocheiras e cocheiras a expedirem carros e diligências para tôda parte, padarias, tavernas, lojas e bazares, num torvelinho constante, oficinas de mil ofícios a martelarem de sol a sol, enfim, por todos os quarteirões do pequeno burgo irradiava o ânimo de um povo que vibrava, de um povo que se impunha". [191]

Sôbre tôda essa agitação há uma política austera e serenamente conciliadora de rivalidades locais. Uma política em que as ambições individuais se subordinam inteiramente ao interêsse econômico regional, base de tôda a sua evolução cultural. Era o tempo em que o nome da família, o passado impoluto, o bom conceito na sociedade eram fatôres essenciais nas eleições para vereadores que iriam por um prazo ter nas mãos os destinos da cidade aristocrática. A posição adquirida pelo trabalho era então requisito essencial para os cargos eletivos, restritos ainda a minorias afortunadas responsáveis por todo o feudalismo agrário municipal.

Não quer isso dizer que faltasse ao meio vassourense um escol exclusivamente urbano, uma florescência cultural exigente de refinamentos, de requintes da arte e da literatura e que só pode com firmeza desenvolver-se nas cidades. Mas quase tôda essa nata tinha raizes profundamente rurais. Quando não composta dos próprios fazendeiros de café, a êles era aparentada, quer diretamente, quer por cruzamentos que ainda mais consolidavam essa etnia invulgarmente solidária para o bem-estar comum.

Uma das mais singulares provas dessa união entre os vassourenses nos é dada pelo serôdio aparecimento da imprensa, que só ali surge em 15 de junho de 1874 com O ***Município,*** quando em tôdas as demais cidades e vilas fluminenses há muito que não, a

[191] **Idem, pág. 110.**

podiam dispensar. Em Campos, por exemplo, desde **1831** que numerosos jornais satíricos e políticos, da mera publicação romântica a sisuda gazeta comercial, proliferavam.

É que "o aparecimento tardio da imprensa em Vassouras nasceu do mêdo das desarmonias que poderia ela trazer a uma sociedade em que eram todos amigos e parentes. Conta-se até que, um jornalista carioca, tendo procurado o Dr. JOAQUIM TEIXEIRA LEITE, a fim de pedir-lhe um auxílio para a fundação de um jornal em Vassouras, teve a seguinte resposta: Dou-lhe tudo para que o senhor se vá embora e mude de idéia. Não queremos brigas". [192]

Quando por fim aparece o jornal, não lhe são permitidas "discussões pessoais, nem mesmo nos a *pedidos* e pelo preço que fôsse".

Nenhum outro fato melhor explicaria essa indissolúvel união dos vassourenses, estruturada em firmes elos familiares, com tôda uma população concorde e uníssona em seus fundamentais interêsses coletivos.

O que torna mais extraordinário êsse fenômeno é que, sendo uma das mais cultas da terra fluminense, a sociedade vassourense, deveria com justa razão ser dada a crítica.

A sua paixão pelo teatro é um dos seus traços mais característicos de uma elevada educação, porque não é sòmente a comédia, a farsa, o drama e a tragédia que então empolgam os vassourenses. Não é apenas a alegria musical das operetas que os enleva, mas o que de mais alto nos apresenta o palco em sua complexa organização musicalizada: a ópera.

E não se pense que só conheçam êles companhias secundárias a excursionarem pelas províncias. Trata-se do que de melhor e de mais artístico aparece então no Rio de Janeiro imperial, e que para ali vai pelos tortuosos caminhos serranos no lombo de tropas, como se deu com o elenco de ópera da famosa CANDIANI.

Uma tal preocupação pela boa música por intérpretes mundialmente conhecidos, não resulta de mera curiosidade de ricaços, de um exibicionismo "rastaquera" de provincianos. É ela o fruto de tôda uma nova geração educada em primorosos colégios como o Vassourense, o Braga, o Andrade, os de Madame Grivet e da condessa de LA HURE, estas últimas a levarem para a pequena cidade a cultura e o refinamento de Paris. O célebre educador barão de TAUTPHOEUS em **1873** transfere-se para Vassouras, onde leciona no Colégio da Adolescência.

Com todo êsse preparo intelectual da sua mocidade é que Vassouras recebe constantemente as companhias teatrais, aplaudidas ou pateadas em casas repletas de bom gôsto e entusiasmo.

---

[192] Idem, págs. 196-197.

Em março de 1872, instala-se na Câmara Municipal a Biblioteca Popular de Vassouras, que viria a ter mais de 4 000 volumes, enriquecida de gravuras de valor e de magnífica literatura nacional e estrangeira, clássica e romântica.

Todo êsse adiantamento cultural procede, porém, das condições urbanas constantemente melhoradas. O calçamento prossegue, jardins florescem num clima próprio. *O* serviço de águas sempre em aumento com a população, já oferece ao público em 1870, nove chafarizes.

Vassouras com todo o seu progresso, continua entretanto sem estrada de ferro. Todo o seu contacto com o grande foco cultural da Côrte ainda se faz por morosas vias indiretas, por primitivas estradas carroçáveis ligando-a a novas estações que embora dela se aproximem, sempre lhe ficam a distância, seccionando-lhe a necessária e rápida ligação a capital.

Não desanimam, todavia, os vassourenses. Com a mesma têmpera com que outrora incentivaram a construção da nossa mais importante ferrovia, contra o parecer de alguns dos nossos maiores estadistas,[193] projetam êles em 1871 um nôvo ramal férreo indo entroncar-se à Estrada de Ferro Pedro II em Mendes. Não obstante, porém, a presença do barão de VASSOURAS à testa da nova companhia, mais uma vez malogra a tentativa. Só em 1875 é que um ferrocarril vai ligar a cidade a estação do Rio das Mortes.

Mais um nôvo impulso para a cidade, embora insuficiente para os seus recursos e ambições. Naquele ano vai ali o conde D'EU que volta tempos depois com a princesa ISABEL, percorrendo algumas das fazendas principais.

A idéia fixa dos vassourenses continua porém sendo a direta ligação ferroviária ao Rio de Janeiro, sem a qual jamais poderia a cidade concorrer com os novos centros urbanos que agora se desenvolviam em tôrno as estações. Mas não cessa a sua ilustrada aristocracia rural de prosseguir amparando quaisquer iniciativas de melhoramentos municipais. Em 1878, os barões de CANANÉIA e de MAÇAMBARÁ, a suas expensas edificam a estação de Concórdia da Estrada de Ferro Pedro II.

Com todo o seu prestígio ameaçado pelo nôvo sistema de transportes, Vassouras vê-se entretanto invadida por turistas. Torna-se, para o carioca um centro de veraneio, e por sua vez, é o vassourense atraído pela Côrte.

Os solares e a vida rural começam afinal a perder os atrativos. Ao orgulho regional dos senhores de terras, junta-se uma vaidosa inclinação de aparecer nos salões do Rio. Cresce para as suas damas o sedutor apêlo das lojas francesas da rua do Ouvidor. Não frequentar as grandes festas no Rio é sinal, agora, de indescul-

[193] CARVALHO, Augusto: *O Brasil*.

pável deselegância. As casas de modistas de Vassouras, as suas finas sapatarias, os seus escolhidos alfaiates perdem a freguesia com a frequência a capital. O comércio urbano de Vassouras começa a declinar.

Como iria acontecer em quase tôdas as cidades serranas a enorme sucção do Rio de Janeiro iniciava a desvalorização de todos os centros urbanos crescidos com o café, os quais, além disso, com o fatal declinio dessa monocultura, iriam perder a sua única fonte vitalizadora.

Justamente nessa época em que o município necessitava concentrar tadas as suas energias para enfrentar a crise ou desviar-se para novos rumos econômicos, um tremendo flagelo cai sôbre Vassouras: a febre amarela, em 1880.

A epidemia que aterroriza a população e faz grande mortandade, volta com a mesma virulência em 1881. No meio da desgraça e do pavor, torna-se grande a venerável figura do barão de CANANÉIA, sacrificando-se continuamente pelos enfermos. Nessa ocasião, Vassouras é ligada por telefone a Barra do Piraí, e por esta cidade ao Rio, devido a urgência dos pedidos de socorros.

O desânimo que avassala então o município e o temor de reincidência da moléstia, adicionam-se a decadência das lavouras que envelhecem. O número de escravos no censo de 1881 já decresce para 19 065, passando Vassouras ao quarto lugar na província em número de cativos, depois de Campos, Marquês de Valença e Cantagalo.

Uma nova esperança ainda lhe vem com a iniciação em 1882 da Linha Auxiliar [194] que começa a subir a serra, de Belém. Vassouras não espera entretanto por essa lenta ascensão dos trilhos pelo vale do rio Santana. Antecipa-se com a Estrada de Ferro Vassourense que em 1884 vai ocupar a linha do ferrocarril ligando-a às margens do Paraiba, companhia esta que, a partir de 1887 e sob a experiente direção do comendador BERNARDINO CORREIA DE MATOS, com a designação de Viação Mecânica Vassourense, assegura enfim um tráfego regular, mas subordinado ao ramal de Minas da Pedro II.

O isolamento diminui, mas já não impede a decadência. A cidade continuaria a crescer, exigindo mesmo a ampliação do seu serviço de águas, com a construcão de três açudes. Fábricas começam a aparecer pelos distritos. Em Macacos, há uma de dinamite. Onde é hoje Barão de Vassouras, outra de máquinas para a lavoura. Em Paracambi, um dos seus mais ativos distritos, uma terceira de tecidos de algodão.

Vassouras torna-se uma cidade intelectual com o veraneio favorito das mais destacadas figuras das nossas letras. OLAVO BILAC,

[194] O seu nome era **Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil.**

GUIMARÃES PASSOS, COELHO NETO e ALBERTO DE OLIVEIRA ali descansam anualmente. RAIMUNDO CORREIA que já ilustrara com a sua passagem de magistrado outra cidade fluminense, — São João da Barra, — é nomeado juiz municipal de Vassouras em 1886. O visconde de TAUNAY, genro do barão de VASSOURAS é familiar da cidade.

Com todo êsse escol dos nossos maiores escritores, uma onda de refinamento espiritual ainda percorre a cidade aristocrática, onde a palavra de tão ilustres conferencistas sempre encontra as salas repletas. Nada, porém, pode agora deter a decadência da "Princesa do Café", também prestes a enfrentar o descalabro econômico com a Abolição.

O golpe de 13 de maio num só aia secava todos os condutos da sua fortuna rural com a paralisação de quarenta mil braços de escravos. Como por tôda parte os negros invadem a cidade que os rejeita. O desemprêgo devolve-os as plantações, mas com a autoridade dos senhores rurais enfraquecida, desarticula-se tôda a pujança econômica do município. "Desvalorizam-se as propriedades rurais e em seguida as urbanas, chegando-se a vender por três ou quatro contos de réis imóveis que um ano antes seriam vendidos por cem". [195]

O fim se apressa. A tôda esta série de golpes junta-se mais uma reincidência da febre amarela em 1889, onde a benemerência da sua aristocracia rural pela última vez fulgura com o humanitarismo do barão de CANANÉIA, evanescendo com a República, logo após.

Em 1890, Vassouras perde o melhor dos seus distritos, o de Mendes, anexado a Barra do Piraí, nôvo astro municipal serrano como grande centro ferroviário. Estimulados pelo exemplo, Pati do Alferes e Macacos tentam igualmente separar-se constituindo novos municípios, no que sòmente são impedidos pela enérgica oposição dos vassourenses, ainda não de todo aniquilados devido a sua excepcional herança de atributos coesivos.

Mas foram necessários cinquenta anos de espera desde que Vassouras estimulara a construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, para que a sua grande aspiração de ser diretamente unida ao Rio de Janeiro, fôsse realizada. A sua gloriosa aristocracia rural idealizadora do enorme empreendimento já não mais existia para presenciar o ato inaugural da estação de Vassouras, da Linha Auxiliar em pleno tráfego através dos seus velhos domínios cafeeiros.

PAULO DE FRONTIN executara o grande plano dos fazendeiros vassourenses, e objetivara o seu desejo máximo. Mas longe iam os tempos do feudalismo imperial espalhando núcleos culturais pelas florestas virgens. Quando em 30 de maio de 1914 é solenemente

---

[195] RAPÔSO, Inácio:: obr. cit., pág. 341.

inaugurada a estação de Vassouras, com a presença do presidente da República, o marechal HERMES DA FONSECA, já não era a cidade a jóia mestra dêsses barões que em tôrno dela pompeavam as grandes riquezas com os seus magníficos solares rurais principescamente guarnecidos. Era uma pequena cidade meio abandonada, sem os recursos extraídos do solo pelas mãos de suas dezenas de milhares de escravos, tangidos por uma inteligência e um senso utilitário excepcionais, mesmo para o brilhantismo do ciclo do café.

A pertinácia dos barões de Vassouras não fôra entretanto inútil. A tão longamente sonhada ligação ferroviária ao Rio de Janeiro, e as demais linhas que atravessam o município, vivificaram-no com a circulação. Abriram-lhe as portas de uma nova idade na qual progressivamente se modifica tôda a cultura serrana.

Vassouras é o município fluminense de maior número de estações de estradas de ferro em número de cinquenta e duas. Com êstes centros de intercâmbio e com a facilidade de comunicações com a capital, tôda a zona vassourense recomeça numa escala de atividades bem maior, um nôvo ciclo de cultura polimorfa, bem mais sólida que o da extinta civilização dos cafèzais.

A pecuária e os lacticínios desenvolvem-se. Companhias industriais se formam e novas fábricas se levantam para a reavivação das energias municipais. Um contínuo fluxo de novos produtos escoa-se pelas suas cias férreas, elevando estações a povoados e êstes a vilas importantes. Pati do Alferes aproveita afinal a sua nova oportunidade e se transforma num importante centro urbano. Em lugares ermos como Governador Portela e Miguel Pereira, do nada surgem vilas que se ampliam apressadamente com um progressivo número de trens diários. Crescente multidão de veranistas da burguesia carioca, anualmente sobe a êstes satélites de Vassouras, atraídos pelo clima *e* pelo acesso fácil. Velhos solares se transformam em hospitaleiros hotéis de ambicionadas vilegiaturas. Vivendas campestres acolhedoramente convidativas, recolhem pelo correr do ano famílias que vão buscar na pacatez do ambiente serrano o recolhimento e o descanso da agitação da vida carioca. A velha cidade dos "barões do café" torna-se importante centro de turismo. Pouco provável será entretanto que a sua vida urbana venha a ter em futuro próximo, a movimentação dos grandes dias da sua aristocracia agrária.

Ao centro de uma das mais ativas rêdes ferroviárias do país, a cidade de Vassouras é apenas a estação de um ramal secundário. É quase certo que outros núcleos mais beneficiados pela circulação das linhas-tronco, mais que ela venham a crescer pelo comércio, evolvendo para cidades modernas e populosas. A margem do Paraíba sobretudo, é que êsses grandes feixes circulatórios farão surgir mais numerosamente as fábricas, criando núcleos industriais movimentados.

Vassouras será porém sempre a cidade-relíquia do café. Com os seus solares, os seus chafarizes, com tôda a sua fisionomia em que se vislumbra o velho espírito associativo da sua eminente aristocracia rural, revela-nos a indobrável pertinácia dos seus barões, solidários na execução de uma pequena capital serrana, expositora da mais adiantada civilização urbana erguida por fazendeiros no Brasil imperial.

Aos ínclitos desígnios dessa nobreza agrária, faltou entretanto uma base fundamental para a contínua evolução da sua obra. A previsão histórica das futuras diretrizes da cultura no vale do Paraiba, fundadas no fatalismo dos fatores geográficos.

A ilusão de criar um grande centro urbano centralizador das suas fazendas cafeeiras, impediu-lhes ver a marcha futura dos grandes feixes de circulação ao longo de caminhos traçados pela natureza. No momento preciso foi a sua localização, deixada ao livre-arbítrio dos senhores rurais, cuja fecunda imaginação se anuviou com o orgulho dos seus domínios, crendo-os perenes e inabaláveis, não considerando as possibilidades passageiras como o café.

Vassouras foi fundada num êrmo e fora das linhas geográficas mestras de comunicação. Houvessem aquêles primitivos lavradores caminhado mais uma légua apenas para noroeste, e, na margem do Paraíba, erguer-se-ia provàvelmente com os seus esclarecidos esforços uma grande cidade, embora menos tipicamente representativa de uma época e menos simbólica da civilização original criaaa pelo café na cordilheira.

Vassouras é na terra fluminense o melhor exemplo de uma fundação urbana paradoxal, onde o espírito essencialmente isolacionista do grande senhor de terras, concentrou-se em cuidados eminentemente urbanísticos. Mas é também uma soberba e exclusiva criação do homem sem consultar a natureza. Por isso mesmo, Vassouras é um êrro geográfico.

9 — MARQUÊS DE VALENÇA E A REAÇÁO INDÍGENA

Das cidades fluminenses nascidas como aldeias indígenas, Valença, Itaocara e Santo Antônio de Pádua são as únicas a datarem do passado século. Quinhentista foi Niterói, seiscentista Mangaratiba, São Pedro d'Aldeia e Macaé, e setecentista Itaguaí e São Fidélis.

Com exceção de Pádua e de Valença, as demais cresceram sob a orientação de jesuítas e capuchinhos.

Fazendo-se a ligação do Rio de Janeiro a Minas Gerais durante o século XVIII, através de espêsso matagal, poucos desbravadores se haviam aventurado a estabelecer fazendas nos recessos montanhosos dominados pelos índios.

Aos lados do "Caminho Nôvo" de GARCIA PAIS, constantemente percorrido por milhares de burros, puseram-se no entanto os mais

atrevidos a levantar cabanas, pousos para as tropas, ferrarias e vendas para um comércio elementar. Os mais arrojados meteram-se logo pela floresta. Sesmarias, fazendas e sítios entestavam na estrada geral e daí mergulhavam as ilhargas na mata, para o desconhecido, onde ainda encobertas pela selva, tribos erravam em pleno primitivismo.

Designavam-nas pelo nome geral de Coroados pela maneira de cortar o cabelo, não nos parecendo porém que êsses índios tenham ligação com os Coroados de Campos, oriundos da união entre Goitacás e Coropós. Mais provável é que, a maioria pertencesse a nação Puri, reconhecida nos matagais do Muriaé, do Pomba e de Cantagalo, cujos vestígios foram também anotados em Resende e Areias, no limite oposto e ocidental da Serra Fluminense.

É bem possível mesmo que, "tôda essa multidão de Xumetos, Pitás, Araris e outros, denominados geralmente Coroados", de que nos fala JOAQUIM NORBERTO, nada mais sejam que restos de tribos Puris acuadas na floresta pela invasão dos colonizadores, ou fragmentos étnicos de mais antigas nações como a dos Tamoios e Saruçus, dizimados na Baixada nos primeiros séculos e que tenham escolhido a Serra como refúgio.

O Paraíba deve ter sempre sido um caminho para os aborígines, e por isso não é de estranhar que o último reduto dessas raças primitivas tenha justamente sido a zona central da Serra onde se acoitaram.

SAINT-HILAIRE ainda os vira em Ubá em princípios do século XIX, porém já civilizados, o que não acontecia com as tribos errantes entre o rio Prêto e o Paraíba, poucos decênios antes, sobretudo na zona de Valença.

Narramos as dificuldades na fundação das fazendas de Paraíba do Sul, onde a própria cidade não era imune as suas depredações. De quando em vez, também cruzavam atrevidamente o Paraíba, assolando as freguesias de Sacra Família, Pati do Alferes também povoadas no oitocentos pela imigração dos galhos do "Caminho Nôvo".

Tantos e tão ferozes se iam tornando os assaltos, que o vice-rei D. LUÍS DE VASCONCELOS, em 1789, manda o capitão de ordenanças, INÁCIO DE SOUSA WERNECK, rebatê-los nas próprias aldeias ocultas no matagal.

---

190 "Costumados os indios Coroados, indígenas do sertóo entre os rios Paraiba e Prêto, além da serra dos órgãos, a infestar em diários insultos os territórios das freguesias de Sacra Família, Conceiçáo do Alferes e Conceiçüo da Paraiba Velha. por ordem de D. LUÍS DE VASCONCELOS passou em 1789 a INÁCIO DE SOUSA WERNECK, capitão que era de Ordenanças do têrmo de alferes e hoje clérigo regular, passou a rebatê-los nas suas próprias aldeias.

Conseguiu-se comunicar com segurança a mesma indiada, incumbiu o mesmo vice-rei em 1801 a JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ, assaz hábil e respeitado da naçüo a qual oferecia benefícios de sua lavoura, — visto possuir naquela vizinhança a grande fazenda de Pau-Grande — além de ferramentas, etc. Conseguiu reuni-los com o Padre MANUEL GONÇALVES LEAL que acompanhava as expedições.

Por portaria do bispo de 2 de março de 1803, fundou o padre, em sitio conveniente, a "Aldeia de N. S. da Glória de Valença". (PIZARRO: obr. cit., vol. V, págs. 288-293).

Diminuindo-lhes então a ousadia, incumbe o mesmo vice-rei a JOÃO RODRIGUES DA CRUZ, fazendeiro em Pau Grande de domesticá-los.

Hábil e humanitário, êsse grande senhor de terras mete-se pela floresta com o padre MANUEL GOMES LEAL, consegue a confiança dos indígenas, induzindo-os afinal a se aldearem a margem do caminho do Rio Prêto, onde vigiados pela autoridade seriam afinal encorporados a civilização.

Nasce dêsse modo a aldeia de Nossa Senhora da Glória de Valença, freguesia em 2 de março de 1803, batizada em homenagem ao então vice-rei D. FERNANDO JOSÉ DE PORTUGAL, depois marquês de AGUIAR e descendente cios nobres de Valença em Portugal. [197]

Tão grande era a necessidade dêsse aldeamento pela ânsia dos imigrantes de se apossarem dessas terras que, em 1814, já conta Valença com 119 fogos e mais de 900 adultos, excluídos dêsse número os índios aldeados. Em 1820, havia em sua população mais de 10 000 portuguêses. [198] O número de indígenas espalhados por tôda a zona em princípios do século XIX, era de cêrca de 1400. [199]

Pela sua própria origem que exigia uma administração autônoma, Valença fôra destinada a vila desde a sua fundação em 25 de agôsto de 1801, sendo, porém, sòmente criada em 1819 e erecta em 1823. O nôvo município desmembrara-se dos distritos da Côrte e das vilas de São João do Príncipe e de Resende. [200]

Provaram as terras de Valença em altitudes próximas ao *optimum* para o café, serem altamente produtivas. E com o crescente fluxo comercial entre o Rio de Janeiro e os sertões de Minas, através da zona municipal, em breve a sua evolução acelerar-se-ia.

Com sucessivas e intensificadas plantações, deixa de ser a primitiva estrada um corredor aberto em mata-virgem, onde a espaços dilatavam-se as principiantes derrubadas. Ao longo dela, numerosos colonos tenazmente atacam a floresta. Filas, e a seguir cerradas formações de pés de café sobem pelos morros, avançam por todos os quadrantes do nôvo município.

Doravante a sua importância irá crescer durante o Império. Em 29 de setembro de 1857, Valença é elevada a cidade e a cabeça de comarca em 7 de novembro de 1872.

Portuguêses, fluminenses, mineiros sobretudo afluem para Valença, disputam as suas magníficas terras para café. conquistam apressadamente as suas selvagens matarias. [201]

---

[197] SOUSA E SILVA, **Joaquim Norberto de: Memória Histórica c Documentada das Aldeias de fndios da *Província* do *Rio de Janeiro*. Rio, 1855, pág. 146.**

[198] PIZARRO: **obr. cit., vol. V, pág. 293.**

[199] DAMASCENO FERREIRA, **Luis: *História* de Valença, Rio, 1925, pág. 8.**

[200] SOUSA E SILVA, **Joaquim Norberto de: obr. cit., pág. 153.**

[201] **"Bem depressa divulgou-se a fama da fertilidade das terras e os habitantes das circunvizinhanças e mais tarde os estrangeiros atraídos ao Rio de Janeiro", precipitam-se para Valença.** (JOAQUIM NORBERTO: obr. cit.).

Todo um escol mineiro de excepcionais atributos de organização, atravessa o rio Prêto vindo instalar-se nas selvas fluminenses.

Os índios afugentados da crescente vila, onde já predominava uma população de brancos, vão se estabelecer na nova aldeia de Santo Antônio de Rio Bonito, — hoje Conservatória —, com uma sesmaria de légua em breve também a ser invadida por intrusos.

SAINT-HILAIRE que vira Valença nos seus primeiros anos, como insignificante povoado de umas sessenta casas, não obstante já notar uma considerável plantação de café de dois compatriotas seus, na Aldeia das Cobras, ilude-se por uma vez quanto ao vertiginoso desenvolvimento regional, criticando a vaidade de se erguerem vilas em plena mata virgem.

Poucos decênios mais e Valença teria um renome apenas sobrepujado pelo de Vassouras quanto ao faustoso poderio da sua grande aristocracia rural.

A esta poderosa e riquíssima nobreza haveremos de mais adiante nos referir. Por enquanto apenas frisaremos haver também sido a formação social valenciana essencialmente aristocrática. Orgulhava-se o município da sua prosperidade econômica, dos seus solares rurais, da sua influência cultural na terra fluminense. O prestígio da sua aristocracia agrária tentava rivalizar com o de Vassouras.

Criava-se ao mesmo tempo em tôda essa paisagem montanhosa uma hierarquia sòlidamente organizada, um senso de respeito pela autoridade, uma elevada responsabilidade social dando a lavoura, ao comércio, as diretrizes políticas, uma respeitosa dignidade inteiramente afim do culto e protocolar ambiente imperial da Côrte do Rio de Janeiro.

A própria cidade embora em menor escala que em Vassouras usufruía de tôda essa riqueza do café, de tôda essa cultura e dessa educação provinda dos solares rurais.

No seu Teatro da Glória toca um GOTTSCHALK, em 1869, perante uma culta sociedade amante das belas artes. [203]

O café enriquecia e ilustrava. O café enobrecia e civilizava.

A produção de Valença de **1873** eleva-se a **3 378** 608 quilos. O município tem então **26** 259 escravos. Com tal fartura e população a cidade também progride, com ruas calçadas serviço d'água que instala três chafarizes e o Hospital da Santa Casa de Misericórdia onde sucessivamente são provedores o visconde depois conde de BAEPENDI, o barão da ALIANÇA, o barão de IPIABAS, o barão de SANTA FÉ. O visconde do RIO PRÊTO ali constrói o seu austero palacete.

Justifica-se, porém, aqui, uma comparação entre os dois grandes centros cafeeiros de Valença e de Vassouras, pois nela veremos

---

[202] SAINT-HILAIRE, Augusto de: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo — 1822.* Tradução de AFONSO DE E. TAUNAY, São Paulo, 1932, págs. 36-37.

[203] DAMASCENO FERREIRA, Luís: obr. cit., pág. 115.

que semelhantes ambientes geográficos e sociais, embora vizinhos podem vir a diferençar-se pela psicologia coletiva das suas populações.

Quase idêntica a situação das duas cidades, simètricamente colocadas em relação ao curso do Paraíba, ambas situadas fora das rotas mestras do Rio de Janeiro a Minas Gerais, do Caminho Nôvo e mais tarde, da Estrada União e Indústria. Igualmente abastadas são as suas aristocracias rurais. Em Valença todavia, não se nota, com a mesma intensidade, aquêle milagroso espírito de associação entre os senhores rurais que embelezaram a "Princesa do Café". Aquela espantosa coesão, quase paradoxal em nossa formação histórica de grandes senhores da gleba indissoluvelmente unidos para a criação de um magnífico centro urbano.

Valença é mais inclinada a uma vida predominantemente agrária, a ufania do isolamento solarengo entre os opulentos domínios cafeeiros. Por isso é que, não obstante nobilitada até o marquesado, é bem mais democrática em sua agitada vida urbana.

RIBEYROLLES registra êsse fato: "Conquanto Valença eleja um deputado, mantenha a sua Guarda Nacional, o seu lugar no Conselho da Província, não se dá ares de cidade banqueira. É modesta, ativa, comerciante. Está mais em relação com as suas fazendas do que as outras cabeças de município. Sente-se que os negócios são a sua alma e a sua vida. Há ali tôdas as indústrias necessárias, possui um colégio, coisa rara nos países novos, de aluvião portuguêsa". [204]

Nada do planejamento urbano de Vassouras onde em cada rua e em cada praça há o inapagável toque dos "barões, do café". "Em Valença, uma das pequenas cidades mais encantadoras da província do Rio", não há êsse interêsse febril de bem depressa terminar edifícios belos para moradia dos senhores na cidade, ou públicos dos quais se venham a orgulhar. "Assentada num plano onde as colinas ondulam, vê-se-lhe a casaria desgarrada, alinhada em platôs, escalavrados em declives; e, aqui e ali, edifícios burgueses de dois andares, ou, em contraste, alguns palacetes por acabar". [205]

O prestígio financeiro da sua onipotente nobreza agrária jamais impera sôbre o povo da cidade. "Valença não dispõe apenas do instrumento municipal, da atividade comercial e do espírito dos negócios. Ela compreende e sabe praticar a vida política. Não se deixa subjugar nem pelo Banco nem pelos ricos proprietários. Procura a idéia pelo candidato, a coisa pelo nome e as eleições municipais são por vêzes agitadas, embora sem sedição nem desordens". "Aprecio em Valença como em Londres, a prática do direito pelos simples, sem violência e sem desânimo. É assim que se formam os costumes públicos e se temperam os caracteres. Sobreve-

---

[204] RIBEYROLLES, Charles: obr. cit., vol. I, pag. 192.

[205] Idem, pig. 192.

nha uma crise, e as massas se levantam, e os legionários, as vêzes obscuros, saem das fileiras pela palavra e pela espada".[206]

Talvez por esta psicologia urbana, tão habilmente esboçada pelo arguto publicista francês é que de Valença, a cidade dos marqueses, tenha o Brasil ouvido pela primeira vez o grito de "Viva a República", pela voz de seu deputado na Câmara, SALDANHA MARINHO. Porque não obstante a pletora de famílias ilustres, de grandes troncos familiares nobilitados, todos êsses nomes "se diluíam, entretanto na grande massa anônima dos cidadãos e munícipes, que deram a Valença um aspecto democrático".[207]

A êstes fundamentos singularmente democráticos de Valença, talvez deva o município o seu rápido reerguimento após a catástrofe econômica da Abolição. 33 263 habitantes municipais registra o censo de 1892, dos quais 6 175 moram na cidade. Em 1920, elevam-se as cifras para 41 389 e 13 020, reduzindo-se ligeiramente para 37 032 e 12 912 em 1940, devido possivelmente a imigração para as zonas industriais vizinhas do Rio de Janeiro.

Com o formidável desflorestamento para os cafèzais, Valença é hoje um dos municípios serranos de menor porcentagem de matas. A área destas em relação a das propriedades rurais é apenas de 14,6%, logo abaixo de Rio das Flôres com 14,8% e acima de Vassouras com 14,0%, sendo êste o mais desflorestado município.

Com tão enorme superfície de solo gasto pelos cafèzais a iniciativa dos valencianos dirigiu-se para a pecuária que, já no penúltimo censo de 1920 apresenta 39 047 bovinos e 11 038 porcinos, sendo um dos municípios de maior criação de gado na Serra.

Estando a cidade na altitude de 541 metros e a maioria dos demais centros urbanos situados em vales acima de 500 metros, prestam-se as suas colinas a criação de raças selecionadas para o leite, sendo Valença um dos grandes fornecedores diários ao Rio de Janeiro, além da exportação de lacticínios industrializados em mais de 25 fábricas. Mas não obstante ser a pecuária o principal fator da sua economia rural, são motivo especial de orgulho para os valencianos as suas grandes fábricas de rendas e tecidos.[208]

Com essa precursora compreensão dos futuros destinos industriais da Serra, Valença bem cedo se iniciou no caminho da redenção econômica da terra fluminense. Em seu território de torrentes encachoeiradas entre morros íngremes, as barragens e as quedas d'água naturais lhe darão a energia barata para o desenvolvimento industrial. A sua posição geográfica entre os grandes mercados do Rio, de São Paulo e Minas garantem-lhe o consumo da produção de escoamento fácil por várias estradas de ferro.

---

[206] **Idem, pág. 196.**

[207] **PEIXOTO, Afrânio: Vassouras. "O Jornal", ed. com. do bicent. do café, 1.ª secção. pág. 14.**

[208] **São elas a "Industrial de Valença", "Santa Rosa", "Progresso de Valença" e a "Companhia de Tiras Bordadas e Rendas Valencianas". (Almanaque *Laemmert* de 1930, vol. IV, pág. 917).**

Um dos aspectos culturais de Valença mais dignos de menção é o da assistência social, uma das melhores do Estado. A Sociedade Protetora das Crianças sob a presidência do benemérito industrial JOSÉ SIQUEIRA DA SILVA FONSECA, fundou O "Abrigo José Fonseca" para 200 meninos e o "Asilo Balbina da Fonseca" para 20 meninas, o "Lar Balbina da Fonseca", para 100 meninas e o "Lar Maximiano da Fonseca" para velhos inválidos. Em Desengano o govêrno federal subvenciona o Patronato Agrícola de Santa Isabel com cêrca de 200 crianças, e além da Santa Casa de Misericórdia que vimos amparada pelos seus "barões do café", possui Valença o moderno "Hospital Alzira Vargas" e o Pôsto de Saúde cujo principal serviço é o da higiene da criança. [209]

Em 1940, cêrca de um têrço da população da cidade, 2 896 pessoas, era constituído de famílias de operá ios do depósito e das oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil. [210]

É êste um município que não sucuinbiu com a Abolição, malgrado ter sido a sua riqueza baseada exclusivamente na sua grande massa negra. Como bem diz AFRÂNIO PEIXOTO, não adormeceu "com os seus solares discretos, seus bonitos parques, seus cemitérios, onde melancòlicamente florescem obras de arte e descansam memórias veneráveis".

"Valença sofreu, resistiu, e, mudando de rumo, recuperou".

Mas como em quase todos os grandes centros cafeeiros onde a ramificação das estradas de ferro fêz crescer outros pequenos burgos por sua vez ansiosos de autonomia, a grande zona imperial dos cafèzais de Valença viu-se diminuída na República pelo seccionamento de um dos seus mais ativos distritos elevado a município. E a velha cidade aristocrática, rememorando a sua nobreza do café, com a revisão dos nomes municipais em 1944, passou a denominar-se Marquês de Valença.

10 — RIO DAS FLÔRES E A GERMINAÇÃO DE NOVOS NÚCLEOS MUNICIPAIS COM O ALASTRAMENTO DO CAFÉ

Nesta parte oriental da mesopotâmia valenciana entre o rio Prêto e o Paraíba é que, do contínuo tráfego das tropas de café entre o antigo arraial de Desengano, a margem dêste rio, e Pôrto das Flôres a beira daquele e na divisa de Minas, em 6 de outubro de 1851 nascia o curato de Santa Teresa, elevado a freguesia no seu quarto aniversário, em 1855.

A marcha dos cafèzais por esta estrada foi das mais apressadas, e, em 26 de julho de 1874, já tão avultado era o transporte em lombos de muares, que é dads pelo govêrno a concessão de

---

[209] PEÇANHA, Celso: *Notas sôbre* o *municipio de Valença. "O* Estado", Niterói, 15 de agôsto de 1941.

[210] Idem: *Valença.* "O Estado", Niterói, 19 de setembro de 1941.

uma linha de carris entre o rio Paraíba e Santa Teresa de Valença, onde chega em 1883, em breve atingindo Pôrto das Flores. [211]

Nas elevadas altitudes desta zona salientada pela serra das Abóboras, vai o café encontrar um *optimum* para a proliferação. Grandes fazendas abatem a floresta, e, a rubiácea, com a pujança que lhe permite o clima e o solo virgem, desenvolve-se numa expansão extraordinária. Imensas fortunas são extraídas da teria nas encostas dessas serranias, indo multiplicar a prosperidade do velho município de Valença e fulgurar em coroas e brasões de titulares entre os mais ilustres da aristocracia agrária imperial.

São ali entre outras, as propriedades dos barões de RIO DAS FLORES, de SANTA JUSTA, de SANTA CLARA, MONTE VERDE, do conde de BAEPENDI. Até ali se espalham os vastos domínios do barão de IPIABAS, senhor de terras em várias freguesias valencianas, [212] e, não longe de Pôrto das Flôres fica o afamado solar do Paraíso do visconde do RIO PRÊTO.

Com o nôvo arraial sempre a crescer, Valença tem a sua integridade territorial ameaçada. Com o seu prestígio no Império consegue ainda evitar o desmembramerito. Mas debilitada com a Abolição, não pode impedir que a fragmentação dos municípios iniciada logo após a proclamação da República, lhe arranque em 17 de março de 1890 o de Santa Teresa com 14282 habitantes, sendo 4 300 na vila criada. [213]

Ao contrário de várias outras entidades municipais, originadas naquele tempo de puros interêsses políticos, Santa Teresa justificou o seu desejo de autonomia com a herança de uma sólida economia da sua fase dos "barões do café".

Malgrado o seu diminuto centro urbano e o encarecimento do custeio das lavouras com o fim do cativeiro, Santa Teresa, por vários decênios republicanos continua como um dos grandes produtores de café na Serra. Em 1910, além de 45 000 sacos de milho, exporta 4 050 000 quilos de café, o que se torna espantoso em vista do enorme desflorestamento de que falamos, parecendo essa produção em maioria provir de antigas plantações. [214]

Mas dir-se-ia que, a partir de .então, como sucedera com os demais municípios serranos, a integralização do ciclo do café saturou as possibilidades de maior crescimento da população. Podemos assim notar que, em 1920, os dados censitários anunciam uma estabilização demográfica com 14 389 habitantes para o município e 4 100 para a cidade.

---

[211] PICANÇO, Francisco: obr. cit., pág. 260.

[212] *Almanaque Laemmert,* Rio, 1870, pág. 123. ,

[213] FAVILA, Nunes: Recenseamento do *Estado* do Rio de Janeiro feito em 30 de agôsto de 1892, por ordem do Exmo. Sr. Presidente do Estado Dr. JOSÉ TOMÁS DA PORCIÚNCULA. Rio, 1893, pág. 129.

[214] *Questionários sôbre as* condições da agricultura nos *municípios* do Estado *do* Rio de *Janeiro*. Publ. do Ministério da Agricultura, Rio, 1913, pág. 112.

Ao mesmo tempo, não obstantc a sua extraordinária fertilidade, o esgotamento das velhas terras já tão exploradas desde o Império seria fatal. E, em 20 anos apenas, iremos registar um dos mais notáveis exemplos do despovoamento de uma zona serrana pela transformação das atividades agrícolas.

Com o solo exausto, Santa Teresa entrega-se a pecuária. Nos seus rebanhos bovinos em 1920 contavam-se 13 462 cabeças. A exportação de lacticínios e uma fábrica de tecidos de malha que utiliza energia hidráulica, ajudam a atenuar o descalabro econômico subsequente a derrocada do café. Em Taboas, há grandes plantações de árvores frutíferas nacionais e européias, no solo gasto, mas cientificamente salitrado, numa esplêndida mostra das novas possibilidades de recuperação da Serra pela policultura, modernamente planejada com os recursos da técnica.

A respeito, porém, dêstes primeiros sintomas de rejuvenescimento, o problema demográfico é alarmante. O abandono da velha gleba dos barões valencianos, tão intensamente povoado no Império, é de uma visibilidade insofismável. Sem um fator agrícola que enraíze o homem ao solo e sem a maior partilha da propriedade atraindo o pequeno lavrador, também assiste Santa Teresa ao fatal êxodo da sua população.

Sendo uma das unidades municipais serranas relativamente mais habitadas ainda em 1920, viu reduzida à metade a sua população em 1940, quando apenas totaliza 7 832 almas para o município inteiro e apresenta a insignificante parcela de 1 119 habitantes para os núcleos urbanos, não contando a sede municipal mais de 557.

Santa Teresa é hoje o município de menor população no Estado do Rio, e os motivos responsáveis por êsse extraordinário declínio demográfico deveriam ser para o govêrno objeto de cuidada vigilância, não só para corrigir as falhas de um regime agrário que conduz ao despovoamento, mas também, e sobretudo, para que, as mesmas causas não venham atingir igualmente outros municípios fluminenses, onde outrora se verificava um elevado número de habitantes, alimentados pela economia agrícola dos cafèzais.

De acôrdo com a nova nomenclatura vigorante a partir de 1.0 de janeiro de 1944, Santa Teresa passou a denominar-se Rio das Flôres.

11 — BARRA DO PIRAÍ E O DETERMINISMO GEOGRÁFICO NOS TRAÇADOS FERROMARIOS

Temos aqui um processo nôvo da formação de uma cidade serrana, subordinado a fatores diferentes dos que até agora apresentamos.

Muito embora tenha sido a penetração nesta zona bem antiga, quase nada há que relatar da sua evolução até além dos meados do século XIX. Em terras do município ficavam as "sesmarias doadas em 26 de janeiro de 1761 a ANTONIO PINTO DE MIRANDA, com uma légua em quadra, a margem direita do Piraí, e a FRANCISCO PERNES LISBOA, em 26 de fevereiro de 1765, também com uma légua em quadra, situada a margem esquerda dêsse mesmo rio Piraí e direita do Paraíba".[215]

Com essa longínqua presença de pioneiros setecentistas, não teve porém a zona da Barra as mesmas possibilidades que oportunamente deram lugar a várias outras localidades de Serra acima.

Não restam dúvidas de que apressados e intrépidos invasores por todo o fim daquele século, igualmente mergulhassem na floresta no rastro dos sesmeiros primitivos. Dos fundos da planície de Santa Cruz ocupada pelos jesuítas, mais fácil era a subida qiie em qualquer outro setor da serra do Mar nas vizinhanças do Rio de Janeiro, talhada em contínuas muralhas onde os rasgões dos rios encachoeirados a se despenharem para a Baixada, expunham-se em bocainas de acesso desanimador, cercadas de paredões altíssimos e abafadas no matagal.

Do ponto onde hoje fica Japeri, entretanto, a ascensão da Serra para noroeste era de tôdas a mais convidativa, pelos ondulantes contrafortes posteriormente utilizados pela Estrada de Ferro Dom Pedro II, como a via mais cômoda para atingir o vale desejado.

Por prova basta a verificação de que, em todo êste setor da serra do Mar convergente para a Guanabara, a não ser as duas ferrovias que sobem de Japeri, — a linha-tronco da Central e a Auxiliar —, das outras três, as de Petrópolis e de Teresópolis exigiram cremalheiras, e a de Friburgo um terceiro trilho central prensado por um freio especial das locomotivas.

Malgrado porém a vantagem dos fatôres orográficos facilitando a penetração, Barra do Piraí foi uma das derradeiras cidades serranas a se formarem, merecendo o seu aparecimento uma atenção especial dos geógrafos, por ser êle devido exclusivamente à evolução dos meios de transporte.

A partir do segundo século da colonização mineira, os dois têrmos da equação Minas-Guanabara, progressivamente a se expandirem num mútuo isolamento, começaram a exigir uma premente solução, foi resolvida com o "Caminho Nôvo" de que já falamos.

A seguir, o binário São Paulo-Rio, duplo foco de gravitação da política dos vice-reis no Brasil meridional, unia-se por uma nova estrada geral que vimos fecundando a germinação de São João Marcos.

---

[215] AMARAL BARCELOS: *Fragmentos Históricos do Município de Barra do Piraí*, Rio, 1940, pág. 23.

Com o sistema de transporte animal anterior as estradas de ierro, sendo o trajeto mais curto e com menos exigências técnicas o favorecido, Barra do Piraí ficara ao largo das grandes vias de comunicação originadoras de Pati do Alferes, Tinguá, Paraíba do Sul e indiretamente Vassouras, nos galhos do Caminho Nôvo, e de São João Marcos no caminho de São Paulo.

Tendo Resende tido, por outro lado, uma origem tôda especial, devido a peculiares fatores geológicos e ligando-se pouco após o seu nascimento a estrada paulista. a zona da Barra entre as duas diretrizes mestras de penetração estacionou com as suas florestas até além dos meados do século XIX, aguardando a mudança dos meios de transporte pela técnica.

Pouco lhe valeram os cem anos iniciais de tentativas para subjugar o meio, quando os rumos de povoamento eram outros, submetidos a uma anterior sedimentação histórica e a encarreirar a mentalidade econômica de uma época no rastro das tropas mineiras e paulistas. Barra do Piraí, como quase todos os núcleos urbanos do vale, só poderia vir a nascer com a presença do café. Mas a sua importância jamais cresceria sem que a mudança dos meios de condução a pusesse em contacto com um dos feixes circulatórios. E isso sòmente se daria, quando a estrada de ferro absorvesse as vias antigas de comunicação.

Devido ao que expusemos, bem modestos e tardios foram os começos da povoação, a qual, segundo AMARAL BARCELOS, só veio a ter início em 1853, quando o comendador ANTÔNIO GONÇALVES DE MORAIS, grande fazendeiro nos municípios de Piraí e de Vassouras, constrói uma ponte sôbre o rio Piraí, cobrando pedágio e construindo o primeiro prédio na margem esquerda e na cabeceira da mesma.[216] Com outras casas edificadas pelo iniciador e por seu filho JOSÉ GONÇALVES DE MORAIS, germina a futura cidade, que entretanto iria dever a sua inesperada evolução ao espírito tenazmente progressista de um dos seus membros da aristocracia rural.

Na cerrada peleja que descrevemos ao tratar de Vassouras, em que tanto se empenharam os FARO e os TEIXEIRA LEITE, sôbre o traçado da Estrada de Ferro Dom Pedro II, jogavam-se os destinos de Barra do Piraí. Com a vitória daqueles, o futuro de um nôvo núcleo urbano, de antemão era garantido, sob a supervisão estimuladora do mais eminente dos membros da família, o 3.0 barão do RIO BONITO.

"Os FARO eram riquíssimos e proprietários das fazendas de Santana, Monte Alegre, São José e Aliança, e tinham a coadjuvá-los ainda na zona o barão de VARGEM ALEGRE, dono de União e de Vargem Alegre. Mas pode-se dizer que foi o barão do RIO BONITO o verdadeiro criador de Barra do Piraí. A êle deve a cidade atual

[216] **Obr. cit., págs.** 23-24.

os maiores esforços na campanha ferroviária, tendo sido também o que mais trabalhou pela sua autonomia. Ao seu concurso financeiro agradecem hoje os barrenses a ereção da igreja de Santana, atualmente a Catedral".

Devido a sua incansável atividade foi que a Dom Pedro II, após alcançar Japeri no dia 18 de novembro de 1858, desvia-se do caminho de Vassouras, põe-se a subir a serra pelo vale do Ribeirão das Lajes e do seu afluente o rio Macacos, penetra no Túnel Grande visitado pelo Imperador em 3 de julho de 1860, inaugura a estação de Macacos em 3 de junho do ano seguinte, a de Rodeio, em 12 de junho de 1863, e finalmente a de Barra do Piraí, em 7 de agôsto do 1864.

Significativamente é a nossa primeira locomotiva que para ali arrasta o primeiro trem. É o silvo da pequenina "Baronesa" que iniciara uma nova era no Brasil com a mecanização dos transportes terrestres, que vem afugentar milênios de barbárie na letárgica floresta e desvenda novos planos para a investida do sertão. Porque, brevemente a seguir, de Barra se projetariam em direção oposta as duas mais importantes vias de comunicação que até hoje ligam a Guanabara aos nossos dois maiores Estados. Em 13 de abril de 1865, abria-se a estação de Ipiranga na linha de Minas, e em 20 de janeiro de 1871 a de Vargem Alegre, na de São Paulo.

Por Barra do Piraí passaria doravante a desfilar tôda a cultura mineira e os milhões de arrôbas de café das fazendas de rio-acima, as quais já cultivando todo o vale fluminense, também sacudiam a zona superior paulista adormecida desde os tempos da mineração.

Desde quando ali chega a ponta de trilhos uma súbita agitação comercial movimenta o embrionário povoado. Em barcos, em tropas, em carroças e em carros de boi o grosso da produção de café de vasta zona começa a ser dirigido para um nôvo centro de expedição. Funda-se uma companhia de transportes fluviais, — a de Miguel Simões —, que navega pelas águas do Piraí e do Paraíba, indo neste a Pinheiral, Barra Mansa e às proximidades de Resende, no "Tombo Grande".

De tôda a banda lhe chegam torrentes de café. Os velhos caminhos coloniais da descida da Serra começam a esvaziar-se. Surge na cordilheira uma nova mentalidade. Uma nevrótica aceleração de atividades. As velhas cidades aristocráticas focalizam despeitadas o pequeno arraial centralizador, e um nome até entãc quase desconhecendo passa um dos mais pronunciados por fazendeiros e mercadores, por crescentes populações que irão subir a Serra com um estágio obrigatório no vilarejo, cuja designação, como as excessivamente popularizadas são reduzidas pela economia no falar. Barra do Piraí simplesmente vai tornar-se a "Barra".

E êste nome cresce. É o mais pronunciado em todo o grande centro mineiro. Por uma quase instantânea propaganda ecoa até

nos sertões goianos de onde partem as longas tropas em viagens de meses. O alvo final após centenas de léguas já não são mais os portos da Estrêla, de Inhomirim, do Pilar, de Angra dos Reis ou do Rio de Janeiro. É a Barra.

Os velhos embarcadouros do recôncavo da Guanabara começam repentinamente a extinguir-se. O maior dos fatôres da evolução dos países modernos, a mecanização dos transportes, inesperadamente revoluciona o sistema de intercâmbio, deslocando para o coração da Serra, a margem do Paraíba quase tôda a movimentação das "vilas de comércio" esparsas pelos contornos da Guanabara, onde Pôrto das Caixas em breve também iria agonizar com a construção da Estrada de Ferro de Cantagalo.

Barra do Piraí encabeça a dianteira econômica das povoações de Serra acima-. Grandes casas matrizes do comércio de café no Rio de Janeiro erguem ali filiais e armazéns. É na Barra que pilhas de mercadorias aguardam as tropas de Minas e de Goiás. ***O*** arraial vive abarrotado e as suas ruas formigam de itinerantes.

E tudo isso, pode-se dizer, resultava do dinamismo esclarecido de um dos mais eminentes aristocratas rurais da terra fluminense: o 3.º barão do RIO BONITO. "O que efetivamente êle defendia era o futuro de Barra do Piraí. Buscava a seiva para a futura fôrça econômica da cidade que se abria aos seus olhos proféticos. Não advogava só a causa justa da cidade que se formava e se erguia no seu espírito, e por que se enamorara. Pugnava pelos interêsses da própria Estrada de Ferro e pela facilidade com que seria feito no futuro seu intensíssimo tráfego da capital do Império ou da República com os Estados de São Paulo e de Minas Gerais. De tôdas as obras realizadas por um dos maiores benfeitores de Barra do Piraí, essa é a mais grandiosa, em todos os seus aspectos e confrontos. Defenderam os FARO, com uma previsão e tenacidade de esclarecidos a pedra de toque da marcha triunfante do progresso da pequena povoação".

Não implica isso porém, que, privilegiada tão excepcionalmente pela via férrea, continuasse Barra do Piraí a evolucionar com o mesmo ritmo. O seu descongestionamento viria a seguir com o contínuo avanço das pontas de trilhos dos ramais de São Paulo e de Minas.

Ao serem inauguradas as estações de Vargem Alegre, Barra Mansa e Resende que açambarcavam a produção cafeeira das suas respectivas zonas de montante, e as de Barão de Vassouras e de Entrerrios as de jusante, há um relaxamento momentâneo no progresso do arraial. Junte-se àquelas estações as da Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Prêto que iniciada em 1877, chega aos limites de Minas em 1881 e a Piraiense de concessão decretada em 28 de junho de 1879, e vemos que, Barra do Piraí, não obstante sempre a crescer de importância como centro ferroviário, gradati-

vamente vai perdendo o primeiro monopólio do transporte do café. Em sua estação aumenta o rolar dos trens, mas a cada nôvo ponto de parada da progressiva articulação ferroviária, atrasa-se a marcha evolutiva do arraial. E a êsse fator regressivo adicionam-se outros de motivos inicialmente religiosos.

Entre as duas margens do Paraíba, sôbre as quais a cidade atual se estende, há uma viva rivalidade de nascença. Dois bairrismos de irmandades inconciliáveis, cada qual em pugna por ser dado à localidade o nome do padroeiro predileto.

De aparência insignificante, êsse caso desenvolve conseqüências sociais bastante profundas para repercutir no desenvolvimendo da Barra. Revela-nos êle, ademais, o fenômeno da luta de classes que estranhamente já se esboça no vilarejo serrano, em pleno feudalismo agrícola brasileiro.

O potencial financeiro do arraial não se entrosava exclusivamente numa aristocracia agrária estabilizada em suas redondezas ou em ricos negociantes urbanos a ela subordinados, como na maioria das demais cidades do café. Bem distinta é sob êste ponto, sobretudo, pelo antagonismo, a diferença entre a formação social de Barra do Piraí e a de Vassouras com a sua coesiva aristocracia rural bem cimentada pelo interêsse mútuo e por um forte espírito grupalista que envolvia a coletividade. E é antes de tudo em seus próprios fatôres geográficos que iremos descobrir em Barra do Piraí os motivos da discórdia entre a população.

Raras são as cidades que, nascidas à beira de grandes rios, equilibradamente se alastram por ambas as margens. O comum é a hipertrofia de uma banda em detrimento da outra, mormente quando em seus inícios a ausência de uma ponte dificulta o tráfego intermarginal. Inevitável se torna o aumento da população e do comércio em uma das margens mais favorecidas pelas vias de comunicação ou por retaguardas mais progressivas. E êste comêço das cidades é tão decisivo em sua urbanização futura que, dificilmente o vemos modificado a não ser em agrupamentos de grande magnitude.

Ao fundar-se um povoado, o maior afluxo de população a uma das margens é que em geral decide por vários séculos a seguir a ocupação das áreas urbanas, a não ser que, imperiosos motivos de ordem geográfica ou econômica, cancelem ou mesmo revertam os efeitos da sua primitiva agrupação, descentralizando por meio de novas artérias os arruamentos pioneiros.

O rápido crescimento de um povoado fluvial apertado contra colinas íngremes, por exemplo, e ali fixado pela maior facilidade de comunicações com uma zona produtiva, poderá ocasionar uma posterior e mais desenvolvida evolução da margem oposta desafogada em planícies ou em suaves ondulações, desde que uma futura

ponte venha a tornar possível uma contínua intercomunicação bimarginal.

Barra do Piraí, entretanto, tem uma dupla origem a dividir em facções opostas os habitantes de cada margem. Na esquerda, com o barão do Rio Bonito, enraizara-se o espírito da nobreza rural, enquanto na direita, logo após a chegada dos primeiros trens, inúmeros imigrantes, sobretudo portuguêses, instalaram-se ao redor da nova estação.

O forte comércio desenvolvido com o café nesta margem, consolidado com grandes capitais de firmas cariocas em transações com longínquas fazendas de várias zonas distanciadas do arraial e de proprietários desatentos da vida urbana, cria ali uma classe financeira instabilizada pelo desapêgo ao solo agrícola onde não tinha raizes. Enquanto isto, na margem esquerda, domina o "barão", grande senhor de terras que até ali vinham e com o seu potencial econômico exclusivamente agrícola.

O exemplo é notável de um poderoso choque entre o campo e a cidade. Enquanto na sua margem, constrói o barão a igreja de Santana, levantam os barrenses na outra a capela de São Benedito. Nasce logo uma simplória querela de irmandades que se nutre e aumenta com a separação criada pelo rio. Fortifica-se com a antagonismo entre a burguesia subitamente enriquecida pelo comércio e a aristocracia rural ciosa das suas tradições. Acirra-se a luta com a politicagem sempre a espreita das menores desavenças para delas se beneficiar.

Causas de germinação insignificante podem dêsse modo acarretar repercussões sociais lesivas da coletividade. É o que viria resultar de um simples bate-boca de arraial.

Conquanto desde 1853 existisse na zona o distrito de paz de Mendes, Barra do Piraí só é elevada a essa categoria em 23 de abril de 1868. Para que o povoado se desenvolva, entretanto, não basta a expansão comercial motivada pelo café. Não tem êle recursos próprios para melhoramentos como simples dependência administrativa do município de Piraí, e, o primeiro passo para a sua autonomia, — a máxima ambição dos arraiais progressistas no passado —, que era o de tornar-se freguesia, é-lhe vedado pela própria população cindida pela exploração de ninharias de campanário.

Mendes é elevada a freguesia em 29 de setembro de 1855. [217] Já na mesma categoria se destacam no futuro município da Barra, Nossa Senhora das Dores e São José do Turvo, que respectivamente datam de 24 de março de 1844 e de 28 de setembro de 1855. Mas só em 3 de novembro de 1885, vinte e um anos após a chegada

[217] Em 1856, a freguesia de Mendes é destacada do município de Piraí, passando ao de Vassouras. Tinha nessa época "36 fazendas de café, muitas casas comerciais e outros estabelecimentos que enriqueceram os domínios vassourenses". (Amaral Barcelos, obr. cit., pág. 25).

da estrada de ferro e quase na República, é que é criada a freguesia de São Benedito em Barra do Piraí, sob a pressão do eleitorado que, na margem direita crescera com a naturalização de sensível número de portuguêses. A margem esquerda entretanto protesta, e, para acalmar a rivalidade quase em armas, o bispado denomina a nova divisão eclesitástica de freguesia de Santana e São Benedito. [218]

Inútil será dizer que, de tais desavenças se utilizavam as administrações de Vassouras e de Valença, superiormente dirigidas para impedir a criação de um nôvo município em detrimento Ms seus territórios.

A formação social de Barra do Piraí seccionada pela intromissão de um nôvo espírito comercial sem fundamentos diretos na exploração rural, retardou imensamente a sua evolução já enfraquecida com o avanço dos ramais férreos que inauguravam novas estações. A mais importante encruzilhada ferroviária no período imperial acanhou-se, debilitada por mesquinhas pendências de confrarias, instigadas por inescrupulosidades políticas em detrimento do interêsse publico.

Por tais motivos estranhamente alheios as raras possibilidades sobrevindas com o caminho de ferro, o seu desenvolvimento entre as cidades do vale do Paraíba foi tolhido. O arraial criado pela mecanização dos transportes, viu-se por longo tempo a mercê de uma engrenagem social desajustada pelos fatôres geográficos presentes 'a sua formação e originadores de um entrechoque de classes decorrente do antagonismo entre o espírito urbano e o rural, exteriorizado em querelas religiosas e políticas.

Com tais obstáculos, Barra não chegou no Império a ser uma cidade. Sòmente pelo decreto de 19 de fevereiro de 1890 é que a República a elevou a sede municipal, contando então em seus limites urbanos cêrca de 4 000 habitantes.

---

[218] "À margem esquerda do majestoso Paraíba está a linda igreja de Santana, uma das mais formosas do interior do Brasil; à direita, no centro comercial, a pequena e acanhada capela de São Benedito. Por ocasião de ser criada a freguesia, a autoridade diocesana viu-se em sérios embaraços porque uns queriam que tivesse o nome de Santana; outros o de São Benedito. O bispo, que fôra vigário e que por isso mesmo bem conhecia a psicologia do povo, conseguiu cortar o nó górdio. Para harmonizar os espíritos. homenageou os dois santos dando a freguesia o nome de Santana e São Benedito. A conciliação foi porém, aparente, porquanto Santana ficou em sua igreja e São Benedito na sua 'capela. E essa separação foi alimentada pelo sentimento religioso. pelo interêsse comercial e pela maldita política.

Os moradores e principalmente os negociantes do lado da estação não viam com bons olhos as festas realizadas do outro lado, na matriz.

Quando cheguei à Barra, em 1893, fui procurado pela comissão encarregada da festa do mês de Maria. Uns queriam que a festa fôsse realizada na capela de São Benedito; outros faziam questão que fôsse na matriz. Alguns eram de opinião que se cantasse uma ladainha na capela e outra na matriz. Resultado: não tendo entrado em acôrdo, dissolveu-se a comissão e eu tive de fazer a festa sem festeiros, por meio de subscrição.

Quando celebrei a primeira festa de Santana, avisaram-me que a procissão não poderia atravessar a ponte para o lado da estação, por isso que os guarda-freios a dinamitariam. Não acreditando no que me diziam, fiz uma exortação ao povo. A procissão atravessou a ponte e acabou-se a balcla". (ERNESTO BENEVIDES, *Brasil-Jornal*, 10-3-1932, cf. AMARAL BARCELOS, obr. cit., pág. 39).

Desde essa época, já com os recursos de uma rica zona agrícola vem ela continuamente crescendo. A cidade ferroviária indiretamente recebe o reflexo da evolução mineira, paulista e carioca com os 40 trens de passageiros que diariamente por ali passam, além dos que são formados em suas estações da Central do Brasil e da Rêde Mineira de Viação. É igualmente um importante centro rodoviário estando nela a sede de uma residência. Colégios, grêmios musicais e recreativos, jornais, ginásio, colégio de irmãs franciscanas, o Albergue Noturno, o Asilo de Santo Agostinho, a Casa de Caridade, a Saúde Pública testemunham o seu rápido progresso neste século.

Barra do Piraí expande-se, embelezando-se. É talvez a melhor das cidades fluminenses serranas, depois de Petrópolis e Nova Friburgo. E por muito tempo aparenta manter-se nessa vanguarda, enquanto os fatôres geográficos determinantes da sua escolha para uma das nossas mais ativas encruzilhadas ferroviárias prevaleçam nos domínios da técnica do transporte.

Quanto à sua zona municipal é ela uma das mais esperançosas na economia fluminense. Grandes indústrias encorajadas pela facilidade de comunicações com os grandes centros consumidores: instalam-se no município, salientando-se além das olarias e dos fornos de cal o frigorífico de Mendes com 200 operários.[219] O orçamento da sua municipalidade que em 1900 pouco excedia a 153 000 cruzeiros, sobe em 1940 a 1 350 000, e o total das suas rendas federais, estaduais e municipais excedem nesse mesmo ano a 6 500 000 cruzeiros, quando a sua população urbana é de 15 913 habitantes e a do município de 38 323, segundo o censo oficial.

Com a pecuária, os lacticínios e a criação avícola renascem as velhas fazendas gastas pelo café, onde os grandes casarões da nobreza rural austeramente se levantam entre as modernas instalações, alguns dêles ainda com os seus imensos terreiros de café, remanescentes do grande período em que as suas magníficas florestas foram derrubadas para o grande passo decisivo na ascendente economia brasileira, desenvolvida na Serra Fluminense.

Desarticulada a sua estrutura rural com a Abolição e facilitada a fuga do trabalhador agrícola para as indústrias de zonas vizinhas pela condução ferroviária, não permitiram os barrenses que o seu município sossobrasse. Salvou-o a pecuária que exige reduzida mão-de-obra, ainda hoje porém, o grande obstáculo a iniciativas agrárias. O clima de montanha e a vizinhança do Rio de Janeiro animou a criação, na qual sobretudo o leite, e os seus

---

[219] **A indústria de tijolos rendeu em 1940, 437264 cruzeiros e a de cal 43200 cruzeiros. O frigorífico de Mendes. fabrica charque, salame, produtos para a avicultura, e adubos. Exporta osso moído, peles, couro salgado, etc. (Obr. cit., pág. 163).**

derivados constituem a grande base da economia rural do município, conforme os dados a seguir:

Animais

Gado vacum	21100	Caprino	510
Cavalar	1550	Muar	650
Suíno	2 350	Asinino	6
Lanígero	810	Aves	200000

Exportação de leite e derivados em 1939

Leite pasteurizado	2 847 499 litros	a Cr$ 0,30	Cr$	3 000 757,50
Creme	25 484 quilos	a Cr$ 1,00	Cr$	261 417,60
Queijos	103 485 "	a Cr$ 3,50	Cr$	1 307 159,00
Manteiga	31 938 "	a Cr$ 5,00	Cr$	585 525,00
Caseína	89 414 "	a Cr$ 2,50	Cr$	1 452 017,60
		TOTAL	Cr$	6 606 876,70

Barra do Pirai, a predileta das estradas de ferro, soube corresponder ao privilégio da sua localização. Encerrado o ciclo do café, atirou-se a pecuária. E, com a economia desta, pôde firmemente ingressar num nôvo ciclo industrial que ali já evolve com as suas fábricas, as suas grandes oficinas ferroviárias, sòlidamente sustentadas por sua rêde de transportes.

Foi o determinismo geográfico nos traçados ferroviários que fêz nascer esta cidade, e com ela o município.

12 — PETRÓPOLIS E *O* HALO DA COROA

"Fale-me de Petrópolis!

Carta de Dom Pedro II ao visconde de Taynay ("Anuário do Museu Imperial", vol. I, pág. 54).

Temos aqui um dos mais notáveis exemplos para o geógrafo de como o desinterêsse econômico pode sustar por centenas de anos a fundação de uma cidade, mesmo quando uma esplêndida zona habitável se situa em proximidades de áreas bem povoadas sob ativa cultura do solo.

Talvez que no Brasil nenhum caso do tardio aparecimento de um centro urbano possa comparar-se ao de Petrópolis, dada a vizinhança do Rio de Janeiro com a sua trissecular irradiação de habitantes pelo recôncavo da Guanabara.

Desde o quinhentos que, pelos contornos da baía desenvolveu-se intensa atividade agrícola. Mas quase tôda a faixa montanhosa, por trás das serras da Estrêla e dos Órgãos, permanecia despovoada.

Apenas cêrca de sessenta quilômetros distam de Petrópolis ao Rio de Janeiro. Por certo, muita vez os olhares dos antigos colonizadores da Baixada, ergueram-se aos altos píncaros singulares daquelas ásperas serranias, com o desejo de transpô-los para uma gleba misteriosa e atraente. Dissuadia-os, porém, sempre a floresta, a massa enorme de gigantescos vegetais a serem abatidos sem um fito compensador e imediato.

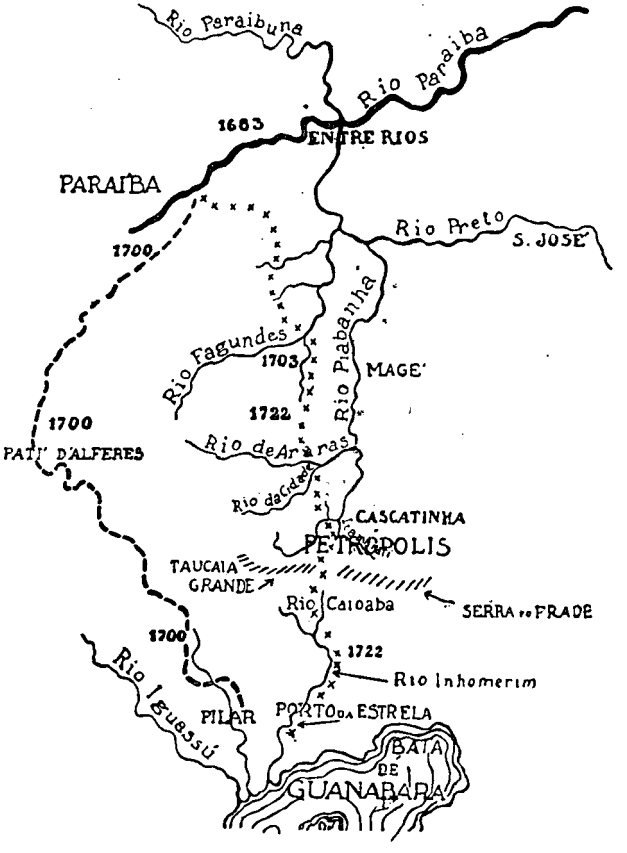


Fig. 75 — O "Caminho Nôvo" de GARCIA PAIS, *saindo do pôrto do Pilar, cuja picada através da Serra se achava aberta em 1700, e o "Caminho do Proença", partindo do pôrto da Estrêla. (Frei* ESTANISLAU SCHAETTE: *"Os primeiros sesmeiros estabelecidos no território petropolitano". Centenário de Petrópolis, vol. V)*

Nenhuma lavoura até então conhecida poderia substituir os matagais, com lucros grandes como os da cana-de-açúcar, e nem a criação era possível nessa imensidão de selvas. Justamente além dos fundos da Guanabara era a Serra por demais agreste, mesmo para os pioneiros habituados a uma árdua luta contra o meio.

Naquelas selvas tocaiavam, ademais, segundo ALCINDO SODRÉ, os temíveis índios Sacurus, — os mesmos Guarulhos de Campos.[220]

A mais antiga concessão de terras que se conhece na zona de Petrópolis é a da carta régia de 22 de agôsto de 1686, doando a FRANCISCO DE MATOS FILGUEIRA e a JOÃO MATOS DE SOUSA, sesmaria na subida da serra da Estrêla. A 12 de setembro do mesmo ano, também ali se tornam sesmeiros o capitão JOÃO DA SILVEIRA GARCÊS e GONÇALO FERNANDES PIRES, no "sertão de Inhomirim de Serra-acima".[221]

Essa tardia investida contra as abas da cordilheira teria sido o lento início de uma penetração que só iremos ver bem adiantada em 1703, quando JOSÉ FERREIRA DA FONTE, secretário do governador do Rio de Janeiro, AIRES DE SALDANHA E ALBUQUERQUE, fundava a famosa fazenda do "Secretário", ainda conhecida por seu imponente solar erguido pelo barão de CAMPO BELO no ciclo do café.

Um dos fluminenses que mais fizeram por esta zona da Serra foi o sargento-mor BERNARDO .SOARES PROENÇA, filiado "a uma das principais famílias da capitania", o qual, em 1721 requer e obtém uma légua, em quadra atrás da serra do Frade e da Taucaia Grande, formando a sesmaria do "Tamarati".

Antes dessa época, vimos em 1683 GARCIA PAIS fixar-se com a sua família a margem do Paraíba, na sua fazenda entre êste rio *e* o Paraibuna, quando por determinação régia iniciava a abertura do Caminho Nôvo. Tais porém eram as dificuldades dessa estrada que, passando por Pati, atingia as margens da Guanabara em Pilar, após duas penosas travessias de serras, — a da Manga-Larga e a do Coito —, que BERNARDO SOARES PROENÇA se oferece para, a sua custa, abrir outra via de acesso às Minas Gerais, executando-a com o dispêndio de 100 000 cruzados e as vidas de muitos escravos, além de arruinar a própria saúde.[222]

Com êsse caminho, quatro dias de viagem eram economizados do Rio de Janeiro as margens do Paraíba, num trajeto menos áspero, sendo preferido pelas tropas que iam ter a Inhomirim. Tão sensíveis foram os benefícios dessa variante, que el-rei louva o sargento-mor em cartas régias, nomeando-o mestre-de-campo, ao mesmo tempo que proíbe novas concessões de terras a GARCIA PAIS.

Com a construção da sua moradia no local do Tamarati, — onde existe hoje a Fábrica de Papel —, BERNARDO SOARES PROENÇA ergue impensadamente a primeira casa da futura Petrópolis.

Mas não foram êstes sòmente os grandes serviços por êle prestados. A instâncias suas, sobem da Baixada Fluminense parentes

---

[220] *Petrópolis na sua expressão geográfica e climatérica. (An. do IX* Congr. Bras. *de Geografia,* vol. *V, pág. 666).*

[221] SCHAETTE, frei Estanislau: *Os primeiros sesmeiros estabelecidos no território petropolitano.* Centenário *de Petrópolis,* vol. *V,* págs. 182-183.

[222] *Idem,* págs. 185-188.

seus, os quais obtendo sesmarias ao longo da nova estrada, intensificam a obra de povoamento. Em 1736, um ano após a morte do mestre-de-campo, um censo na Serra verifica as margens do caminho Nôvo do Proença "até o distrito do Paraíba, ter 22 moradas e pessoas 343 entre brancos e pretos". [223]

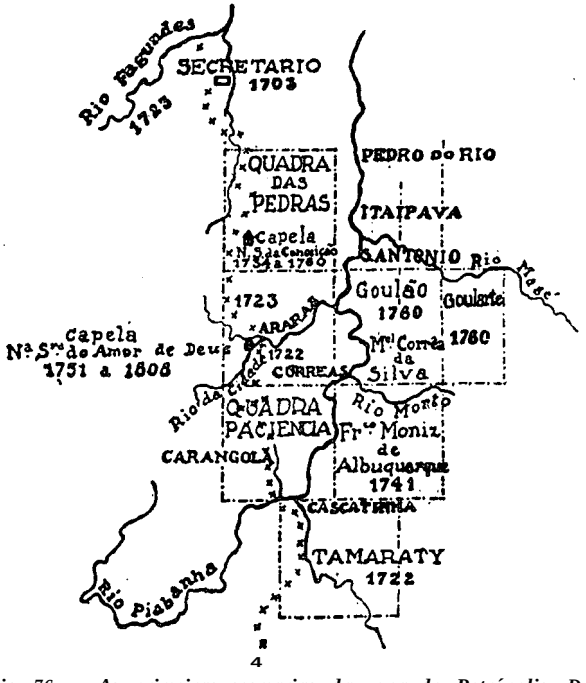


Fig. 76 — As primeiras sesmarias da zona de Petrópolis. Da sua propriedade do Tamarati, partiu BERNARDO SOARES DE PROENÇA *com a variante do "Caminho Nôvo" em direção a Pamiba do Sul, passando pela fazenda do Secretário. (Frei* EETANISLAU SCHAETTE: *"Os primeiros sesmeiros estabelecidos no território petropolitano". Centenário de Petrópolis, vol. V)*

Aos PROENÇA que dominavam de Surui, na Baixada, até bem longe pela Serra adentro, vai juntar-se agora, entre outros, o capitão FRANCISCO MUNIZ DE ALBUQUERQUE, dono da fazenda de São Tiago, em Inhomirim, também relacionado com a melhor nobreza da capitania. [224] Com a sua entrada modifica-se o caminho, a fim de tocar na sesmaria do fidalgo. A estrada geral passa a beirar o Piabanha, seguindo o trajeto atual da estrada de ferro até Pedro do Rio, de onde se rumava para o Secretário.

A via mais natural de Petrópolis ao Paraíba, ia dessa maneira ajustando-se aos poucos a topografia metropolitana com a futura resultante da formação de Três Rios, nascida numa encruzilhada.

---

[223] *Idem obr. cit.*, pág. *199.*

[224] *Idem*, pág. *202.*

O essencial a notarmos, porém, agora, é a verificação de, a partir dos meados do século XVIII, já quase não existirem terras devolutas ao longo do Caminho do Proença e da sua variante, retalhadas que haviam sido com um povoamento bastante rápido para a época.

Um dos sesmeiros, cujo nome se perpetuou na toponímia petropolitana, foi MANUEL CORREIA DA SILVA, o qual vindo a possuir a fazenda de MUNIZ DE ALBUQUERQUE e acrescendo-a de nova data de terras para o norte, deu origem ao local de Correias, um dos preferidos pontos de vilegiatura serrana.

Com tais começos demográficos bem firmados por uma população exclusivamente agrária e sem outro fito que o da exploração da terra, era de se prever em Petrópolis, devido as suas proximidades do Rio, uma rápida evolução econômica baseada no trabalho agrícola e na dianteira de tôdas as demais zonas serranas.

Tal porém não aconteceria, pela repercussão de fatôres geográficos peculiares, no desenvolvimento rural petropolitano.

Petrópolis não se iria celebrizar por um notável feudalismo agrícola, por um numeroso escol de grandes senhores da gleba, a transformarem os seu domínios em luminosos focos dispersivos da cultura em plena selva. Malgrado o seu precoce povoamento ao longo da estrada mais curta para Minas, densamente transitada por contínuas tropas do interior em busca dos portos de Estrêla e Inhomirim, Petrópolis ocupa lugar secundário entre os gigantes da produção agrícola serrana. É que, mesmo com a chegada do café, um grande obstáculo determinìsticamente ali se opunha ao evolucionar de uma brilhante civilização rural, nascida com o esfôrço próprio de poderosos clãs patriarcais.

Quem percorrer êste município e lhe conhecer as condições climáticas, há de logo perceber que, uma grande lavoura como a do cafeeiro, não encontra *habitat* ideal para a sua generalização, a não ser em zonas vizinhas ao Paraíba. De um lado, a baixa excessiva de temperatura em seus invernos, e do outro, uma orografia comumente caótica de grandes serras explicadas pela violência de peculiares fenômenos geológicos, com grandes escarpas e íngremes subidas, quase anulam as possibilidades de um plantio em massa.

Grandes fazendas como a do Secretário, podem ali ter evolvido entre os grandes produtores de café. São porém casos isolados onde a bacia do Piabanha já mais próxima do Paraíba, rebate-se em arestas menos vivas e com mais suaves ondulações.

A terra nesta zona central do território fluminense, como que violentamente se levanta, empinando-se em formidáveis relevos retalhadores naturais de latifúndios, contrários ao planejamento monocultural de grandes plantações de base econômica na produ-

ção maciça. É ela ademais inóspita a plantas tipicamente tropicais pelas variações climáticas invulgares.

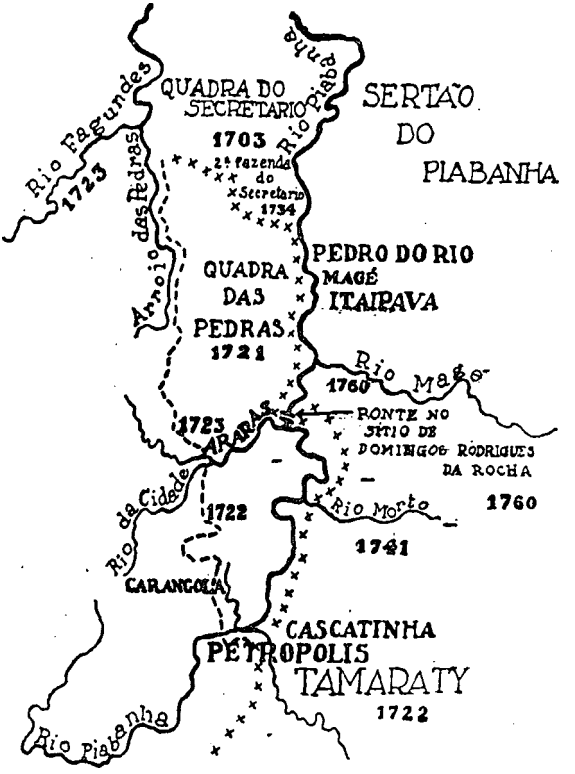


Fig. *77 — Uma nova variante do "Caminho do Proença", que se vê a esquerda atravessando o rio da Cidade e seguindo o rio das Pedras. Esta variante acompanha parcialmente o rio Piabanha até Pedro do Rio.* **(Frei ESTANISLAU SCHAETTE,** *obr.* **cit.)**

Todo o formidável paredão frontal das serras da Estrêla e dos órgãos que se divisa aos fundos da Guanabara, delimitando as nascentes meridionais do Piabanha, como que predizem tôda uma hinterlândia excepcionalmente atormentada por uma topografia esculpida de maneira idêntica. O pico da Maria Comprida, já bem no interior e a oeste de Itaipava, reponta como um flagrante exemplo de tremendas perturbações tectônicas regionais.

De tôda a média e alta bacia do Piabanha, entre as citadas serras marítimas e as do Sucupira e do Taquaril, a oeste e a leste, córregos, riachos e rios disparam em cascatas sucessivas indicando súbitos desníveis que a erosão não teve tempo de esbater.

Pressente-se como que um fraturamento geral de todo êsse fragmento da crosta erguida pela massa batolítica dos granitos da Guanabara, os quais irrompem de quando em vez, em bossas, ocasionando esporadicamente metamorfismos de contacto, com formação de rochas resistentes a decomposição e com durezas variáveis, que os fenômenos erosivos esculpiram num cenário dos mais rudes. Os fenômenos geológicos retalharam profundamente a terra de enormes sulcos, dispostos entre blocos montanhosos de granito-gnaisse.

Tal orografia elimina o privilégio da posição geográfica, com um grande mercado próximo e o intenso tráfego a atravessar a zona. O desenvolvimento de grandes lavouras seria improfícuo.

Inúmeros foram os viajantes a passarem por Petrópolis desde *c* comêço do século XIX, e, das suas impressões é o que se pode coligir.

Por demais discretos todos são acêrca da cultura do café, sendo FREIREYSS uma das raras testemunhas a referir-se a ela: "O café e as bananas ali não se dão bem, porque muito sofrem com as geadas do mês de junho". O caso é compreensível, desde que se notem as mais baixas cotas regionais, — ao longo da estrada geral *a* ladear o Piabanha —, como superiores a 600 metros de altitude até além de Pedro do Rio, com tôda a região arredor acentuadamente mais elevada. Sendo a altitude de 700 metros o limite máximo para a exploração do cafeeiro na região fluminense,[225] deduz-se a inexequibilidade de tais lavouras em grande escala.

Petrópolis, devido aos seus fatôres geográficos, era, portanto, uma das raras zonas serranas fluminenses no passado século, a fugir a produção em massa do café, compelida assim a se desviar da mentalidade econômica do Império.

ALCMDO SODRÉ refere-se a uma produção de 300 000 arrôbas anuais em Pedro do Rio e em Cebolas. Mas é o mesmo autor quem faz a ressalva de que tais zonas então pertenciam ao município de Paraíba do Sul, com os seus 15 000 escravos atarefados em cafèzais.[226] Na zona petropolitana pròpriamente dita, — o alto e o médio vale do Piabanha —, quase tôda ela acima de 700 metros, se existiam cafèzais, deveriam ser bem limitados, sem que jamais com a sua economia fizessem fortuna os grandes senhores rurais, como nas outras zonas por êles transformadas.

Os elementos culturais do solo petropolitano eram outros. Na célebre fazenda do padre CORREIA, louvada por quase todos os viajantes, vira FREIREYSS grandes culturas de milho, algodão, marmeleiros, pessegueiros e videiras. Da sua exportação frutícola para o Rio de Janeiro, a de pêssegos era grande. O cravo também seria ali cultivado, com avultada saída para o mercado carioca.

---

[225] **OLIVEIRA** VIANA: *Distribuição geográfica do cafeeiro no Estado do Rio. "O Jornal"*, **ed.** *do* bicent. *do café*, **1.ª secção,** *pág.* 10.

[226] SODRÉ, *Alcindo: O café em Petrópolis.* "O *Jornal"*, **ed.** *do* bicent. *do* **café,** 12.ª secção, pág. 12.

SPIX e MARTIUS também viram na mesma fazenda figos, cerejas e uvas em tanta profusão que o proprietário abastece a capital do Império com grandes lucros anuais. [227]

Vizinho ao meio tropical do Rio, a natureza condicionara em Petrópolis uma ambiência rural destinada a jardins e pomares de flôres e frutas européias. As grandes vagas civilizadoras do café, ao ali chegarem, esmoreciam, repelidas pelos fatôres geográficos. Mas êstes mesmos fatores é que por outro lado aceleraram tôda a sua evolução.

A pequena distância da Côrte e o clima de montanha, atraíram para ali o carioca sufocado nos verões. Mas, sobretudo, foi a iniciativa e ao desvêlo da Família Imperial que devemos esta corbelha da Serra.

Neste senso estricto é que se pode aplicar a afirmativa de ALCINDO SODRÉ, de que "Petrópolis surgiu por um imperativo geográfico e climatérico", prosseguindo o autor em rápida síntese a expor os motivos da sua evolução. "Campo experimental de colonização alemã, esta extinguiu-se politicamente antes de completar um século de existência, deixando entretanto uma lição a seguir. Criada a povoação e a colônia, o pensamento da época e as medidas administrativas da província e do Império trabalharam no sentido de estabelecer em Petrópolis um centro especial de cultura agrícola, cujo malogro obrigou o homem a respeitar as determinantes do meio físico, e assim Petrópolis se desenvolveu como estância de verão, cidade de meditação e recolhimento, propícia aos educandários e conventos, e parque industrial por excelência. *O* imperativo que provocara o surgimento de Petrópolis haveria assim de impor-se como condição para o ritmo do seu admirável progresso. E por isso, Petrópolis, nas distâncias e proporções de seu desenvolvimento, é hoje, como foi em seus primórdios, uma pura expressão das suas possibilidades geográficas e climatéricas". [228]

Embora, como dissemos, a primeira casa da zona de Petrópolis fôsse a da fazenda do Tamarati de BERNARDO SOARES DE PROENÇA, o centro urbano da cidade ergueu-se mais para sudoeste, em terras de outra fazenda vizinha: a do Córrego-Sêco, antiga propriedade de MANUEL VIEIRA AFONSO.

Dom PEDRO I adquiriu-a desta família em 1830, e o prédio da velha sede que já devia existir em 1802, [229] e que até 1942 conhecemos como a "Pensão Geoffroy", era de tôdas as suas casas a mais antiga, relíquia de quase um século e meio. Nela existiu o oratório de Santana, "inaugurado em 1806, onde foi batizada muita gente das redondezas".

---

[227] VON SPIX, J.B. e VON MARTIUS, C F.P : *Viagem* pelo *Brasil,* tradução de LUISA FURQUIM LAHMEYER, Rio. 1938, vol. I, pag. 159.

[228] SODRÉ, Alcindo: *Petrópolis na* sua expressão geografzca e *climatérica.* "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, vol. V, pág. 666.

[229] SODRÉ, Alcindo: A Casa da Fazenda. "Centenário de Petrópolis", vol. V, pág. 253.

Recebendo a fazenda em herança, Dom PEDRO II, por decreto imperial de 16 de março de 1843, decidiu nela fundar uma povoação. "Num sonho de mocidade o Imperador, noivo, imagina construir em suas terras, entre vales de amenas montanhas e próximo à sua Côrte, um refúgio espiritual as suas contingências de chefe de Estado, e um recanto tranquilo e saudável onde pudesse viver um pouco para a família que ia de pronto constituir".

Petrópolis, dêsse modo, não nasceu pròpriamente como colônia, mas da vontade e livre-arbítrio do imperante. "Os primeiros alemães conduzidos para a localidade, não foram colonos, mas trabalhadores destinados aos serviços da estrada normal da Estrêla, e ainda assim apanhados de surprêsa, em 1837, de um navio arribado ao pôrto do Rio, como de surprêsa chegariam em 1845, os seus patrícios que viriam constituir a colônia de Petrópolis". [230]

O início da construção da vila parece ter sido em 1843, visto que, ao ali ir, hospedando-se na sede da fazenda do Córrego Sêco, diz-nos CASTELNAU que, a 17 de outubro daquele ano recebe um aviso do major KOELER, administrador da propriedade, solicitando-o a deixar a casa onde se iria alojar uma importante personagem da Côrte, para "inspecionar as obras que começariam no dia imediato". [231]

Petrópolis e Nova Friburgo são as únicas cidades fluminenses nascidas por decretos, em contraste com as demais surtas de inter-relações naturais do homem com a terra, do cultivo e da economia de cada zona evolucionada com o trabalho agrícola a criar e a desenvolver centro de intercâmbio. Dentro dessa evolução, no caso de Petrópolis, mais indicado como local seria Correias, já nesse tempo um importante pouso obrigatório de tropas que ali se abasteciam.

Petrópolis foi a pura criação da vontade do monarca. Não tinha ela, mesmo como Nova Friburgo, imensos arredores de terras devolutas a serem repartidas por uma grande colônia com projetos de expansão. "Para fora dos limites do domínio imperial, — como notara o conde VAN DER STRATEN-PONTHOZ —, a expansão de Petrópolis achava-se embaraçada pelas plantações que a escravidão valorizou, e cujas terras são inacessíveis aos imigrantes". [232]

Êstes, porém, são para ali conduzidos, e, em 1845, as matas do Córrego Sêco divididas em lotes, acolhem cêrca de 2 000 alemães que, como os suíços de Nova Friburgo, também pagam pesada taxa de aclimação. 252 imigrantes morrem "desde o primeiro desembarque até 4 de dezembro de 1846".

Despende o govêrno nada menos de 1 milhão de francos com as primeiras 468 casas construídas, e em breve, a exemplo de

---

[230] SODRÉ, **Alcindo: Petrópolts na sua expansão geográfica e clzmaterzca "Anais do IX Congr. Bras. de Geografia" de Florianópolis, vol. III, pag. 673**

[231] LACOMBE, **Lourenço L .** *Viajantes estrangeiros* **de** *Petrópolis* "Centenário **de Petrópclis", V, pag. 95.**

[232] **Idem, pag. 116**

Nova Friburgo que desde as suas origens se notabiliza por um padrão cultural inédito em terras brasileiras, a nova colônia já tinha "2 escolas primárias e 6 de música que reúnem 300 a 400 alunos".

Quase de improviso assim aparecia "uma cidade fundada de uma só vez nas florestas primitivas. O palácio de verão do soberano e as choupanas dos trabalhadores europeus, as casernas, a igreja, o hospital, as escolas, as pontes, os hotéis, as casas de comércio levantaram-se simultâneamente ao lado das palmeiras e da vegetação, sem nenhuma das tradições habituais em obras de civilização". [233]

"Em 1850, a população alemã de Petrópolis era de 2 565 almas. Havia 691 casas e uma superfície desbravada de 571 895 braças quadradas".

Com as colônias suíças e germânicas não é sòmente o problema racial que vai complicar-se agora em terras brasileiras. Haverá também um nôvo fator religioso. Os 985 protestantes de Petrópolis, como os que se haviam estabelecido em Nova Friburgo, marcam o fim de uma intolerância que nos legou a nossa herança portuguêsa. Um Brasil nôvo inaugura-se na terra fluminense, abrindo acolhedoramente os braços a todos os povos e a tôdas as crenças. Foi êste um dos maiores benefícios adquiridos pelo país, o qual a um só tempo libertava a consciência de preconceitos étnicos e espirituais descortinando-se os destinos sul-americanos em sua mais grandiosa função continental: a da fusão final das raças de todo o mundo.

Petrópolis foge pois a qualquer dos padrões formadores de nossas cidades, afastando-se mesmo do que originou Nova Friburgo. Não nasceu de uma economia rural desenvolvida e em busca de centralização. Não nasceu como arraial de estrada, pouso obrigatório de viajantes e tropas. Não nasceu da mineração nem de encruzilhadas instigadoras do comércio. Não foi o ponto final de um caminho nem pròpriamente fundada para uma colônia.

Petrópolis é obra exclusiva do govêrno e foi antes de tudo a "cidade imperial", a engrandecer-se com o reflexo da Coroa.

Como tal, o seu desenvolvimento progrediria com as possibilidades do núcleo urbano. O centripetismo da cidade prevaleceria sôbre o campo. A irradiação cultural de Petrópolis é que iria projetar-se sôbre a organização e a economia rurais.

E essa irradiação seria devida antes de tudo ao prestígio do Imperador. Ao estímulo da presença da Côrte. A auréola do trono, da nobreza e da diplomacia, compelidas a cercá-lo, e a trazer para os altos da Serra Fluminense o brilho e a vida aristocrática da capital.

---

[233] VAN DER STRATEN-PONTHOZ: *Centenário de Petrópolis, vol. V*, pag. 116.

Petrópolis não pôde criar uma poderosa nobreza rural devido aos fatôres geográficos municipais, mas para ela é que, do Brasil inteiro acorre a nata social, notadamente a fluminense, para a veneração da Coroa.

Com tais imperativos movimenta-se e apura-se logo a vida urbana. O comércio desenvolve-se. As casas de modas francesas, os bons hotéis tornam-se necessários pela crescente exigência da sociedade elegante. Os grandes colégios competem com os de Nova Friburgo na educação dos fluminenses da média e grande burguesia e da nobreza rural. A sociabilidade artificial dos cortesãos mais em contacto com a simplicidade da Família Imperial na pequena cidade, torna-se mais natural e irradia-se para os habitantes em maioria ainda germânicos e de lares menos accessíveis. Uma sociedade tôda especial logo se forma nessa burguesia afável e tranquila, menos expansiva pela origem e pelo clima que a carioca, sendo que esta porém, crescentemente iria dominando-a até o presente com a sua influência, sacudindo-a com o reboliço das suas alegrias, das suas festas e dos seus bailes, até quase por completo refundir tôda a psicologia da cidade, a qual, como nenhuma outra, assimilou o Rio de Janeiro.

Aliás quem se punha sempre a frente dêsse aprimoramento cultural era o próprio Imperador que "tinha assídua presença nos decantados saraus do Hotel Bragança, estabelecimento que por quarenta anos foi o microcosmo de Petrópolis. Bailes, companhias francesas de comédias, teatro nacional, diferentes recitais de música, conferências, variedades, sucediam-se ali durante a estação, com o comparecimento da melhor sociedade e do corpo diplomático". [234]

Com todo êsse mundanismo, o progresso urbanístico de Petrópolis é mais rápido que o de qualquer outra cidade fluminense. Os diplomatas são forçados a ter ali as legações. As grandes famílias da Côrte ali iniciam a construção de palacetes. Jardins e parques magníficos favorecidos pelo clima próprio as mais belas flôres, adornam o pequeno burgo imperial, cujo nome de súbito se irradia, tornando-se famoso. Para todos os viajantes ilustres que visitam o Rio de Janeiro, um passeio a Petrópolis é obrigatório.

É ela, talvez, dêsse modo, a cidade brasileira do interior mais enriquecida por uma bibliografia internacional, elevada e culta, farta em aspectos de tôda a sua história pelas referências de sábios, de artistas e diplomatas que, de passagem pela capital, são logo arrastados a conhecerem os hospitaleiros encantos da "Princesa da Serra".

O que ali vão todos ver é a cidade. Por uns dias gozar do seu clima de montanha num ambiente sibarita. Porque desde

---

[234] SODRÉ, *Alcindo: Dom Pedro 11 em Petrópolis.* "An. do Museu *Imperial", vol. I.* pág. 29.

os primeiros alicerces a cidade sempre domina o campo, sendo êste bárbaro, mesmo, nos decênios iniciais da sua evolução urbana.

IDA PFEIFER que lá estêve em 1846, apenas 14 meses decorridos da fundação, descreve a colônia que se forma em pleno matagal, já constituída de uma fila de casas. Construía-se o Palácio do Imperador. Há muitas cabanas isoladas no interior da floresta, onde entretanto, a passeio com um companheiro, é assaltada por um negro armado que a ambos fere gravemente.

Cêrca de trinta anos depois, no período áureo da monarquia, D'URSEL ainda nos mostra uma Petrópolis em que "por tôda parte a zona campestre tem um aspecto selvagem, com as colinas circundantes cobertas de florestas", embora a cidade o impressione com a sua "rua principal dividida em tôda a extensão por uma torrente convenientemente canalizada e bordada de árvores". Os chalés eram a expressão arquitetônica mais característica da vila de veraneio.

Tão promissor fôra o futuro da nova colônia que, para ela se dirige a primeira estrada de ferro brasileira, a do barão de MAUÁ, iniciada em 29 de agôsto de 1852, e que inaugura os seus 16,100 quilômetros das margens da Guanabara a Raiz da Serra em 30 de abril de 1854.[235]

A subida fazia-se pela estrada de rodagem União e Indústria, macadamizada. Com o melhoramento, o afluxo de veranistas cresce, e, com a definitiva construção dos restantes 6 086 metros de cremalheira, — Sistema Riggenbach —, e 2 736 metros de linha comum da Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará, iniciada em agôsto de 1881 da Raiz ao Alto da Serra, Petrópolis passou a ser o maior centro de vilegiatura mundana do Rio de Janeiro.

Já mesmo antes que a estrada de ferro a alcançasse, muito se desenvolvera a linda cidade das hortênsias, tornando-se irrivalizável entre os núcleos urbanos da Serra. E tôda a sua vida irradiava como um nimbo da Família Imperial, a desprender de si um raro encantamento de finura e singeleza, e um irrestrito apoio a tôda iniciativa.

"O Palácio de Petrópolis não tinha mobiliário de luxo nem alfaias dignas de nota. Os móveis eram em geral de mogno, com assentos de palhinha, sem qualquer marca dos imperiais proprietários".[236] Dêle sai diariamente o Imperador, em seus passeios a pé, democratizando o trono, e, com o seu exemplo, a aristocracia.

É êle quem, com fervorosa fiscalização, estimula o ensino público. É o próprio Dom PEDRO II quem irrompe inesperadamente em qualquer dos estabelecimentos escolares, grandes ou pequenos, educandários religiosos ou escolas públicas, questionando os alu-

---

[235] PICANÇO, Francisco: *Viação Férrea do Brasil*, Rio, *1884*, pág. 212.

[236] SODRÉ, *Alcindo: Dom Pedro II em Petrópolis*, "An. do Mus. Imperial", vol. I, pág. 26.

nos. É êle quem voluntariamente participa das bancas examinadoras, com os seus longos interrogatórios.

Interessando-se pela vida social e administrativa da sua cidade, Dom PEDRO II em tôda parte se apresenta. Nos orçamentos da Câmara, na criação da Biblioteca Pública, na fundação da Matriz e do Hospital de Santa Teresa, nas suas frequentes visitas as fábricas de tecidos, na construção de pontes e na abertura de estradas, em tudo enfim, onde a sua presença pudesse orientar, estimular ou auxiliar quaisquer obras de interêsse público, lá estava o dedo do Imperador, os primeiros donativos e os encorajantes auspícios da Família Imperial, que, por mais de cinco meses no ano, preferia a quietude de Petrópolis a vida protocolar do Rio de Janeiro.

Vindo a República, o vácuo deixado pelo monarca, é porém preenchido logo pelos presidentes que ali se instalam no Palácio Rio Negro, durante a estação estival. Uma nova classe afortunada começa a invadir as ruas da antiga cidade imperial. Tão gravada em sua fisionomia, em seu caráter e em seus costumes havia entretanto sido a extinta visão da Corte, que, não obstante um crescente bulício todo nôvo a subir agora a Serra com uma burguesia enriquecida, todo êsse artificialismo sobrepõe-se a uma jovialidade simples, a uma recatada aristocracia familiar dos petropolitanos, lembrando os tempos imperiais, sintetizados na serena feição hospitaleira dos seus dias invernais.

No verão, todavia, outra cidade surge, outra alma incarna-se em Petrópolis: a carioca. Parques, ruas, palacetes, chalés e bangalôs agitam-se, movimentados por uma gente nova. Limusinas que sobem do Rio pela magnífica estrada de concreto, businam em disparada pelas avenidas. A Petrópolis republicana dos automóveis afugenta o letárgico espírito imperial, soterra quase as tradições queridas.

ELÍSIO DE CARVALHO finamente pinta o nascer dêsse turbulento mundanismo nos começos dêste século, quando "há em cada palacete, em cada vila, em cada cottage e em cada vivenda de recreio, o fausto dessa sociedade opulenta e dissipadora, sempre gulosa de emoções fortes e ávida de cousas belas".[237] Já é ela sobretudo a Petrópolis das principescas residências de embaixadores e ministros, enriquecidas de obras-primas artísticas de tôdas as culturas e civilizações. A Petrópolis já esquecida do modesto interior do velho Palácio Imperial, e exibindo os seus móveis preciosos, as suas galerias de telas famosas, os esplêndidos serviços de mesa "em porcelana de Sèvres e da Boêmia, de Saxe, do Japão e da Índia", às suas baixelas espelhantes, tudo enfim o que o bom gôsto e a arte em cada terra produziram.

Em tais ambientes é que, nas recepções, nos banquetes e nos bailes, se mescla tôda uma nata social risonha de galantaria e de

---

[237] CARVALHO, Elisio de: *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira. Rio, 1911.* pág. 183.

elegância, por entre os reposteiros de damasco, os lustres de bronze, os gobelins, os caquemonos, os veludos de Arrás, as colcha's da Índia, os esmaltes, os charões e as armaduras.

Exteriormente, esta sociedade "passa a existência entre doces sorrisos e reverências amáveis, entre ditos de espírito e anedotas galantes, em *garden-parties* e em jantares". É a Petrópolis das manhãs na praça D. Afonso, do Tênis Clube as quatro horas, dos chás e das partidas de bridge, dos passeios a Cremerie Buisson, a Chácara da Rosa e ao Retiro, dos concertos e espetáculos no Palácio de Cristal e no Cassino, de tôda uma vida onde "segredam-se aventuras galantes, namora-se, escandaliza-se como em Monte Carlo ou em Ostende". "O grau de sociabilidade, no sentido mais completo da palavra, essa sociabilidade que aparece nos povos cultos, em França, na Inglaterra, por exemplo, como uma verdadeira obra de arte, como a expressão mais sutil da vida de um país, é a melhor medida da educação, do bom gôsto e do espírito dessa gente. Um janota de Petrópolis é um dandy em Picadilly e uma beleza profissional passa por uma verdadeira parisiense a hora do *persil* no *bois*".

"Aí, como em Paris e como em Londres, essa gente, com várias estações em Nice, em Newport, em San Sebastian e inúmeras viagens ao estrangeiro, tem deveres sociais que cumpre à risca. No nosso século, o mundo é muito pequeno, tem quase as proporções e os aspectos de um salão. Graças a permanência dos diplomatas estrangeiros, Petrópolis é uma sociedade cosmopolita com um comércio elegante entre damas e cavalheiros".[238]

Foi esta a Petrópolis sibarita, de um decorativo mundanismo, ciosa de frivolidades elegantes, exibicionista de riquezas e dos supremos recursos do luxo e da fantasia cultural, cujo grã-finismo evolucionaria para os dias atuais, a máxima exposição da sua psique no suntuoso Cassino de Quitandinha.

Tôda essa população efêmera acorre para o ambiente de Petrópolis, em cujo beleza não há "sorrisos estrepitosos. Os horizontes são melancólicos. O sol translúcido, ilumina e não cega, aquece mas não queima. Os poentes que em muitas partes tingem o ocaso de púrpura, ali o tornam de uma côr pálida de ardósia. As mulheres cheias de graça, de mocidade e de espírito, divinamente vestidas e andando como figuras que se tivessem desprendido das telas de FRAGONARD, são joviais, fluidas, ondulantes. Os homens mostram-se corteses, afáveis, polidos, perdem todo aquêle mau humor que lhes comunica a agitação da cidade, esquecem as maldades e as crueldades do arrivismo. No ambiente há como um sorriso indefinido de universal cordialidade. A pureza do ar, a nobreza da paisagem, o afago macio da temperatura, a suave transfiguração de tôdas as criaturas pela influência espiritual do clima,

---

[238] **Idem, obr. cit.,** págs. 224-226

o decôro maravilhoso iluminado por um sol claro e fino, tudo isto excita de modo sobreagudo êsse famoso amor do prazer, afina a nossa sensibilidade e nos dá um nobre sentimento da vida". [239]

Os fatôres geográficos é que fazem de Petrópolis a bem-amada do carioca, o calmante necessário ao dinamismo da metrópole superexcitada de trepidação e de calor. A função social de Petrópolis é dêsse modo importantíssima. Refrigera e acalma sobretudo as classes dirigentes na política, na diplomacia, nas finanças, permitindo-lhes mais ampla e serena meditação-sobre os nossos problemas. "Porque ali, — como bem diz o seu requintado cronista —, como em nenhuma outra parte da terra brasileira, se tem alguma coisa daquela paz eterna que os poetas pagãos sonhavam nas perspectivas inefáveis do Olimpo".

Petrópolis é, assim, uma preciosa dádiva da serra do Mar ao Rio de Janeiro. Geograficamente, é o único núcleo serrano fluminense em que no período imperial o ruralismo foi suplantado pelo urbanismo. Onde a influência do campo em sua formação foi pràticamente nula, subordinando-se ao contrário, a irradiação urbana, que, mesmo sem a hipertrofia carioca e temporária dos verões, emana de um escol nativo e tradicional, amante do sossêgo e do conforto em residências de apurado gôsto, recolhidas no ruço dos invernos.

Porque, sob todo aquêle ambiente social grã-fino que lhe vem do Rio, desponta sempre o encanto simples da velha cidade imperial, onde tudo "é privilegiado, tudo é fácil, tudo é amável".

Petrópolis não é sòmente um centro de repouso, de prazer e de elegância, abrilhantado pelos veranistas, mas também um parque industrial com as suas grandes fábricas de tecidos. É o centro educativo de gerações de brasileiros com os seus famosos educandários como os colégios de Santa Isabel, de Notre Dame de Sion e de São Vicente de Paulo, êste último até bem pouco instalado no Palácio Imperial.

Petrópolis é além disso um relicário sentimental de tradições.

Com os seus 800 metros de altitude, encerrada entre montanhas e de clima excessivamente frio, não teve como base da sua formação uma economia agrícola nem o apoio coletivo de grandes senhores do café. É uma cidade excepcional, nascida de peculiares motivos geográficos e pela iniciativa do Imperador. A êle deve a sua existência e igualmente a gratidão, porque êle muito a amou e a fêz crescer, deixando-a só, num triste adeus, ao descer a Serra para o banimento.

Nenhuma das cidades, cujo nome perpetua um homem ilustre, foi batizada com justiça idêntica. Petrópolis é realmente a "cidade de Dom Pedro II". Foi êle quem a criou, mimando-a enternecido. Para ela foram os carinhos máximos do Grande Ancião, que em

[239] Idem, págs. 222-224.

seu "Diário" do exílio escrevia amarguradamente para os brasileiros do futuro: "O Brasil... minha bela pátria... que saudades do Brasil tão bonito... Petrópolis... minha casa... meu jardim..." [240]

13 — TERESÓPOLIS E A MARAVILHOSA POTÊNCIA CRIADORA DE UMA ESTRADA DE FERRO

Chegamos aqui à beleza suprema entre os cenários serranos fluminenses. Ainda na Capital Federal, quando alongamos, o olhar para os fundos da baía, atraem-nos logo aquêles píncaros bizarros, agulhas e domos que vão ferir a serenidade azul dos ares, no mais violento dos contrastes.

Serra dos Órgãos foi o nome que o espírito religioso dos colonos da Baixada escolheu para essas gigantescas massas afiladas, que ali rematam as alterosas escarpas dos fundos da Guanabara.

Para leste, entre estas altitudes e as serras de Friburgo há um sensível rebaixamento na linha de cumeadas, mais convidativa para a escalada. Mas em frente a esta zona e dificultando a penetração, estendem-se tremedais imensos pelas margens dos rios Guapi e Macacu.

As paragens de Teresópolis parecem ter sido ainda menos frequentadas que as de Petrópolis desde o primeiro século até o ciclo do café. Mesmo nesta época, o local da cidade e as suas redondezas jamais tiveram um desenvolvimento cultural pela extensiva exploração do solo, pois também ali as elevadas altitudes eram impróprias aos cafezais.

Refere CLODOMIRO DE VASCONCELOS que, sinceramente empenhado na abertura de caminhos na província fluminense logo após a sua criação em 1835, delibera no ano seguinte o Govêrno "construir uma estrada de Majé à margem do Paraíba, pelas alturas de Mar de Espanha", [241] a qual todavia, "em 1843 ainda não estava por falta de largueza, em condições de dar trânsito a seges". Mas "embora só tropas pudessem fazer nela o serviço de transporte, tal era o movimento que Majé começou a florescer ràpidamente. Passava a estrada que tinha muitas fazendas de café em suas margens, por uma região ubérrima. Um ramal ia à estrada de Cantagalo, em Pôrto das Caixas.

Era esta a estrada ainda em construção pelo coronel CUSTÓDIO FERREIRA LEITE, e que ao atingir o Paraíba, daria como veremos, nascimento a Sapucaia.

---

[240] Anuário do *Museu* Imperial, vol. II, pag. 31.

[241] Em nota nos previne o historiador de náo confundir estn localidade com a conhecida cidade mineira de mesmo nome. A Mar de Espanha fluminense ficava a margem do Paraiba, "logo abaixo da foz do rio Calçado", podendo ser a atual povoação de Bela Aurora. (As estradas antigas do transporte do café no Estado do Rio. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, 12.ª secção, pág. 7).

GARDNER que a percorreu em 1841, extasia-se ante as grandiosas selvas que atravessa, lamentando que por ausência de meios de transporte para a madeira, "nestas regiões se cortam e queimam léguas quadradas de tais florestas para o plantio de café.[242]

Refere-se êle, porém, ao médio vale do Paquequer-Pequeno, onde por êsse tempo já existiam grandes cafèzais novos. Nas redondezas da futura Teresópolis, entretanto, o café não amadurece adequadamente, devido ao excessivo frio da altitude, embora tanto elogie o ilustre botânico a prodigiosa flora tropical, sobretudo na subida da Serra, onde "tôda a estrada corta uma densa floresta, cuja magnificência não pode ser imaginada pelos que nunca a viram nem penetraram em seus recessos".[243]

Ao ser transposta a serra do Mar, entrava o caminho na grande fazenda de um inglês, o Dr. **MARCH,** com magníficas plantações de frutas européias e hortaliças que suprem a capital, estância para criação de cavalos e mulas e culturas de milho, feijão e batatas. "Nesta propriedade construíram-se várias casas de campo que são ocupadas pelas famílias inglêsas do Rio nos meses quentes. Também o proprietário dá pensão em sua residência e raro acontece que o lugar esteja sem visitantes".[244]

Já antes dos meados do passado século, o empolgante cenário e o clima de Teresópolis atraíam veranistas, quando ainda Petrópolis não existia. "Durante os seis meses de minha residência nas montanhas, as casas de campo estavam geralmente repletas de visitantes. Havia, por isso, muita alegria, sendo rara a noite, em que não havia diversões em uma ou outra delas, aonda afluíam quase todos os residentes do lugar. Havia também freqüentes convescotes a sítios vários e distantes da fazenda e, quand'o o tempo permitia, deliciosos passeios a cavalo a tarde".[245]

A margem da estrada de Majé a Minas, crescentemente agitada pela passagem das tropas de café, nascia dêsse modo, com as casas da fazenda do Dr. **MARCH,** a mais original das nossas cidades de veraneio.

No arraial que se formara é criada em 25 de outubro de 1855 a freguesia de Santo Antônio do Paquequer, subordinada a Majé, mantendo-se o povoado, porém, insignificante pelas dificuldades de acesso não obstante a mudança do nome para Teresopolis, em homenagem a Imperatriz Dona TERESA **CRISTMA.**

D'URSEL que por ali passa ao vir de Petrópolis e indo a Nova Friburgo, em seu livro publicado em 1879 vê ainda, apenas uma aldeia a qual se chega por caminhos de cabras.[246]

---

[242] GARDNER, **George:** *Viagens no Brasil, 1836-1841.* **Tradução de** ALBERTINO PINHEIRO, **São Paulo, 1942,** pág. **446.**

[243] **Idem, pág. 33.**

[244] **Idem, pág. 30.**

[245] **Idem, pág. 58.**

[246] D'URSEL, **le Cte. Charles:** *Sud Amérique.* **Paris,** 1879, pág. **94.**

É que Teresópolis, o mais belo entre os locais de veraneio e de turismo, teria de fatalmente vegetar antes que os velhos meios de transporte facilitassem a temível ascensão da serra dos órgãos. O próprio pôrto de Majé, mais movimentado nos começos da exploração do café em Cantagalo que Pôrto das Caixas, a êste pouco a pouco se subordinaria. De outro lado, para o interior das sobranceiras serranias teresopolenses onde as mais baixas altitudes permitiam a expansão de cafèzais, a magnífica estrada "União e Indústria" tenderia a drenar através de Petrópolis a produção das fazendas da bacia do Paquequer-Pequeno.

A beleza e a excelência do clima começam entretanto a atrair crescente número de veranistas, e com êles, a atenção dos poderes públicos. Cogita-se de colonizar o lindo lugarejo.[247] Mas o calcamento da velha estrada de Majé, executado na subida da Serra, apenas resolvia parcialmente o problema do transporte. Sem uma estrada de ferro que atingisse a Guanabara, Teresópolis isolada entre montanhas, estacionaria como um arraial a centralizar uma grande freguesia escassamente povoada, e apenas com 3 257 habitantes em 1872. Quase vinte anos depois, em 1890, são êles ainda menos.

Sendo a freguesia elevada a município em 1891, é êle o de menor população do Estado, a qual sempre a decrescer, reduz-se a 2 738 pessoas. Destas, sòmente 1 698 residem na vila diminuta.[248]

O clima e a beleza da paisagem não bastam, pois, para estimular o crescimento urbano. O principal elemento para êste fim é a facilidade de comunicações. E, pelo que veremos a seguir, Teresópolis vai dar-nos magnífico exemplo dêsse axioma geográfico.

Tão grande se tornara a fama do arraial minúsculo por seus atrativos naturais que, sendo apenas um vilarejo, por lei de 21 de janeiro de 1890, é decretada a sua elevação a capital do Estado do Rio de Janeiro, ato êsse que entretanto não se consumou pelas dificuldades de acesso mencionadas.

Era porém uma advertência oficial, em que o próprio Govêrno reconhecia o local como privilegiado por seus fatôres naturais, para a formação de uma importante cidade.

Redobram-se desde então as atenções para a pequena vila serrana, já focalizada pela concessão de uma via férrea ao barão de MESQUITA e ao comendador DOMINGOS MOUTINHO, a qual deveria ir de Niterói a Pôrto Marinho, na margem do Paraíba, passando por Teresópolis.[249]

---

[247] *plano de Colonização de Teresópolis — Proaincia do Rio de Janeiro. Rio,* **1887.**

[248] **FAVILA NUNES:** *Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro, feito em 30 de agôsto de 1892, por ordem do Exmo. Sr. Presidente do Estado Dr.* **JOSÉ TOMÁS DA PORCIÚNCULA.** *Rio,* **1893.**

[249] VIEIRA, *Armando:* **JOSÉ AUGUSTO VIEIRA,** *a estrada de ferro e a cidade de Teresópolis. Rio,* **1934. pág.** *7.*

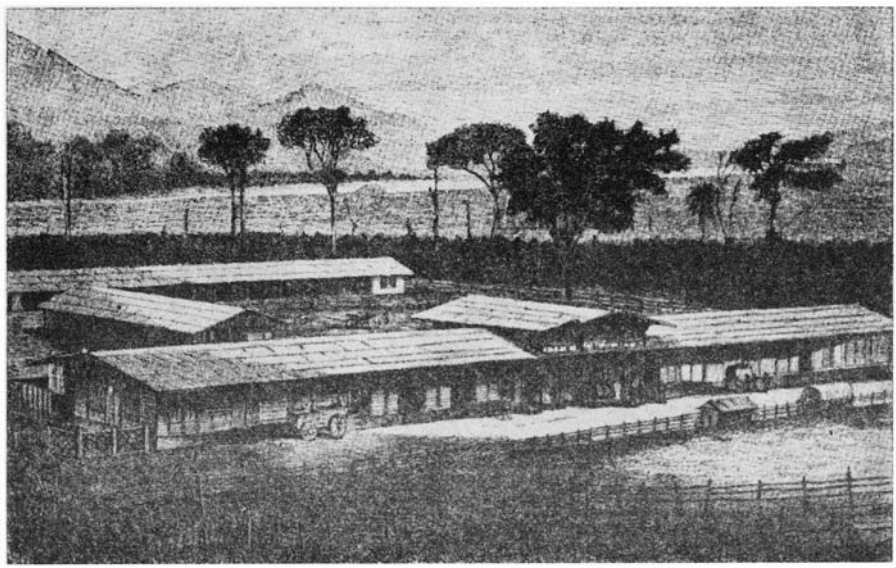


Fig. 78 — *Com êste pôsto de mudanças de animais das diligências da estrada "União e Indústria" ao atravessar o Paraiba, nasceu Entrerrios, hoje ...*

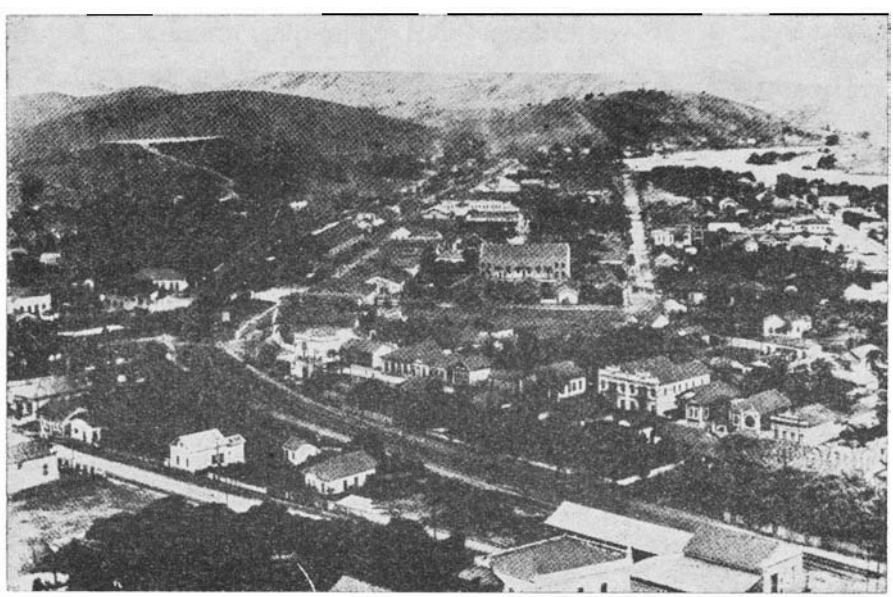


Fig. 79 — *... Três Rios, importante encruzilhada serrana e uma das mais futurosas cidades do vale do grande rio.*

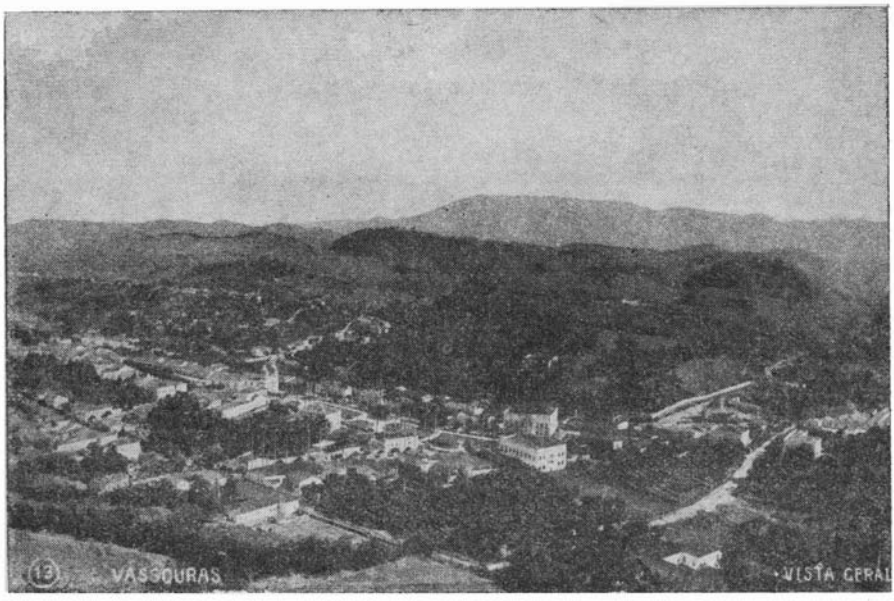


Fig. 80 — *Vista parcial de Vassouras, a "Princesa do Café", entre os seus morros outrora cobertos de lavouras que lhe deram a riqueza e o seu renome cultural.*

(Foto Santo Antônio. Vassouras)

Fig. 81 — Velho prédio do periodo imperial na aristocrática Vassouras.

(Foto Santo Antônio, Vassouras)

Fig. 82 — A velha matriz de Vassouras, erguida nos primórdios da cidade sob a administração de seus grandes senhores rurais e futuros baróes.
(Foto Santo Antônio, *Vassouras)*

Fig. *83 — O chafariz Dom Pedro II, uma das relíquias da Vassouras imperial.*
(Foto Santo Antônio, Vassouras)

Fig. 84 — *O edifício da Prefeitura de Vassouras reflete em suas linhas arquitetônicas o bom gôsto severo da aristocracia rural que o ergueu.*

(Foto Santo Antônio, Vassouras)

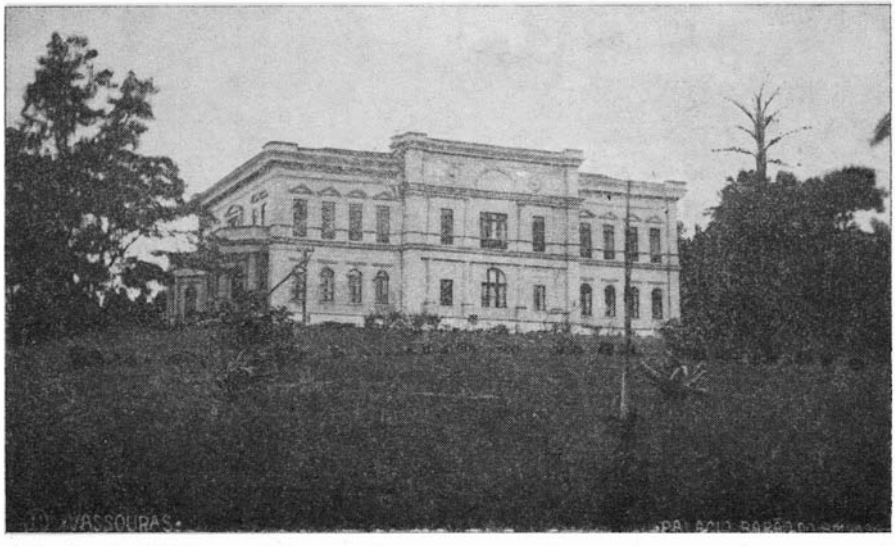


Fig. 85 — O palacete do barão do Amparo, *cujo aspecto externo por si só exemplifica o elevado padrão cultural da aristocracia agrária de Vassouras.*

(Foto Santo Antônio, Vassouras)

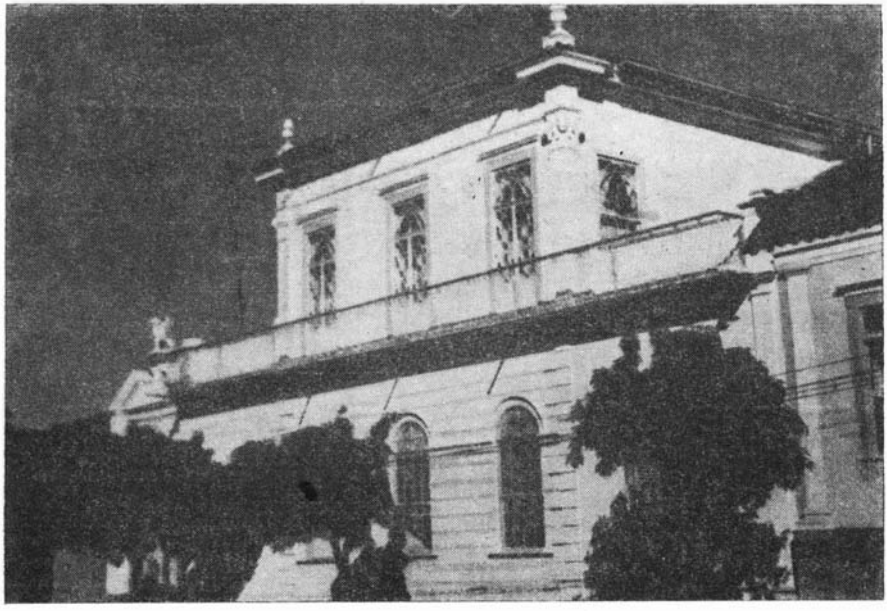


Fig. 86 — *A residência dos baróes de* ITAMBÉ, *patriarca da famtlia* TEIXEIAA LEITE, *em Vassouras.*
(Foto Santo Antônio, Vassouras)

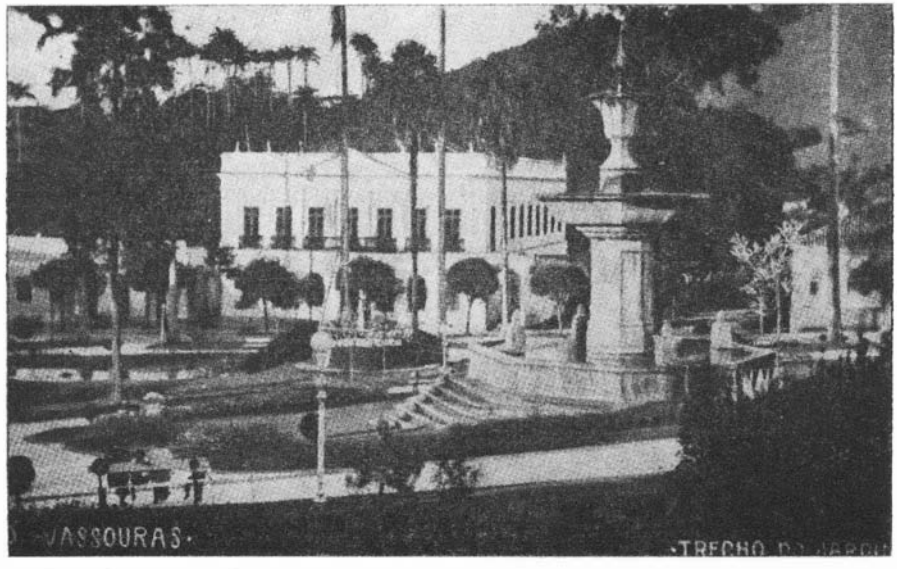


Fig. 87 — A residência do benemdrito barão do RIBEIRÃO, *pai do visconde de* CANANÉIA, *em Vassouras.*
(Foto Santo Antônlo, Vassouras)

Fig. *88 — A "Casa da Hera", famoso solar Dr. Joaquim* **Teixeira Leite** *e de Sua filha dona* **Eufrásia Teixeira Leite**, *que legou quase tôda a sua grande fortuna acumulada nos cafèzais de Vassouras para obras de caridade, dessa maneira continuando as tradições e o carinho da velha nobreza vassourense pela sua cidade.*

(Foto Santo Antônio, Vassouras)

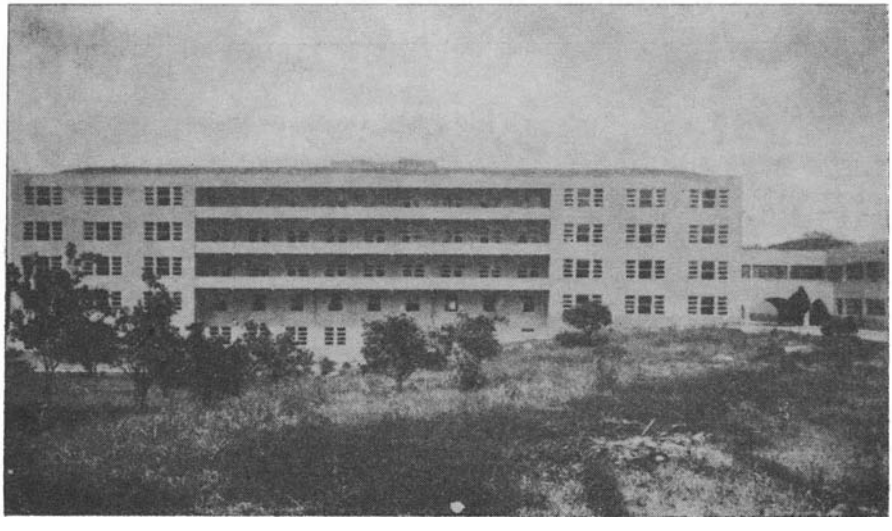


Fig. *89 — Uma dessas obras de que Vassouras se ufana, é o Hospital Eufrásia Teixeira Leite ...*

(Foto Santo Antônio, Vassouras)

Fig. *90* — *Outra é o Instituto Profissional Feminino Dr. Joaquim Teixeira Leite.*
(Foto Santo Antônio, Vassouras)

Fig. 91 — Aspecto parcial da cidade de Marquês de Valença.
(Foto DER)

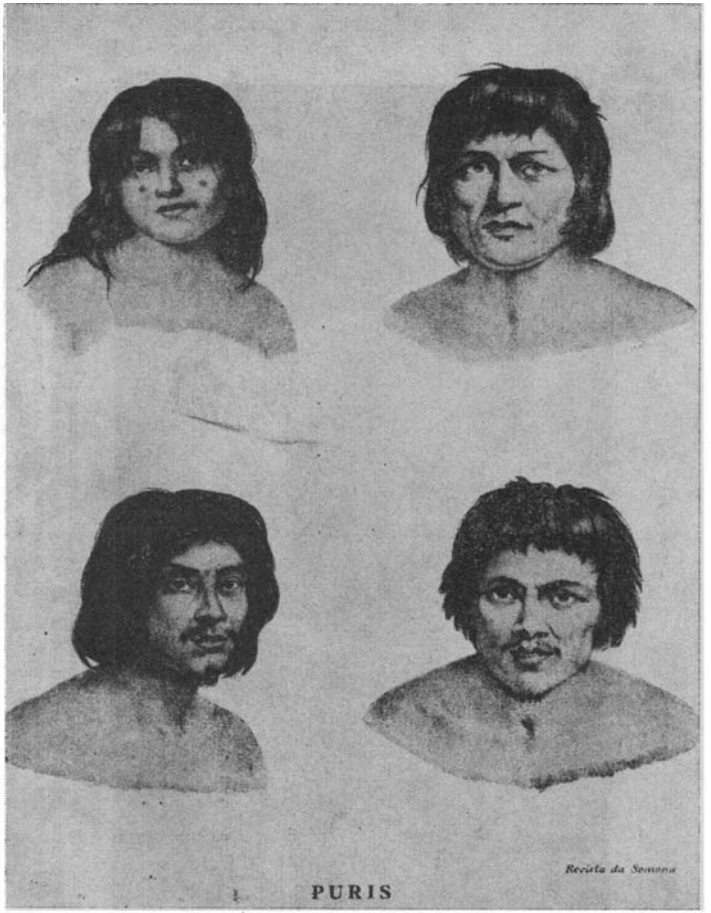
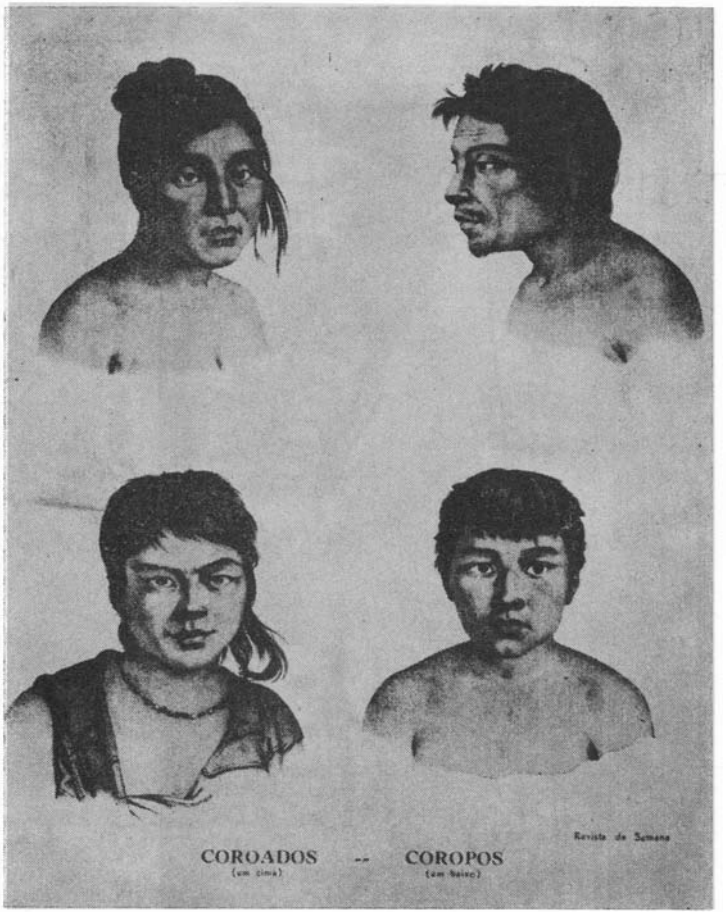


Fig. 92 — Dos limites do Espírito Santo aos de São Paulo por quase tôda parte dominavam os índios Puris, com remanescentes esparsos de outras tribos fugidas da Baixada Fluminense.

(RUGENDAS)



Flg. 93 — Em São Fidélis, Itaocara e Pádua, além dos Puris vagavam os Coropós e os Coroados, sendo èstes resultantes do cruzamento dos primeiros com os temíveis Goitacas de Campos, que os venceram em batalha e os assimilaranz. Aos aldeamentos destes aborígenes com os quais nasceram aquelas cidades, vieram juntar-se posteriormente algumas tribos de Botucudos.

(RUGENDAS)

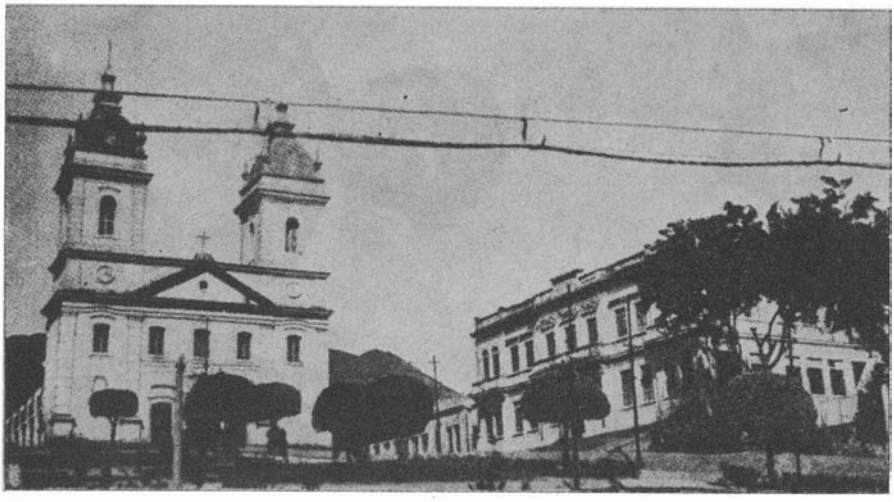


Fig. 94 — *A matriz de Marquês de Valença e o grupo escolar Casimiro de Abreu.*

Fig. 95 — *Rio das Flôres, a antiga Santa Teresa. a mais de 500 metros de altitude. não obstante o seu convidativo clima e as suas fáceis comunieaçóes com a Capital Federal. é um dos núcleos serranos que mais sofreram com o despovoamento subseqüente ao ciclo do café.*

(Foto DER)

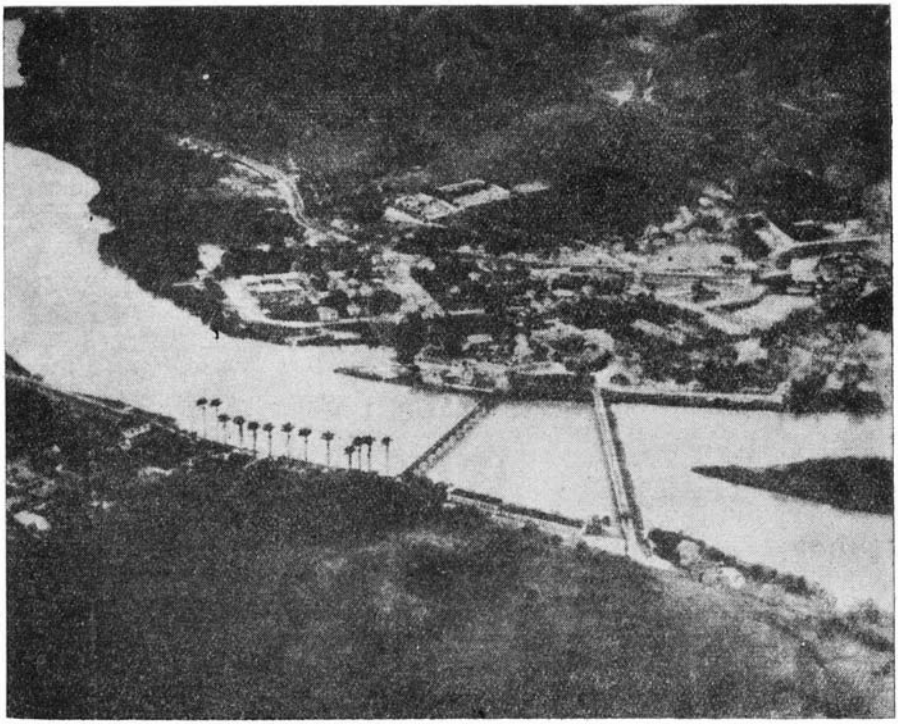


Fig. **96** — *Vista parcial dc Barra do Pirai, antes da construção dn atual represa de Na margem direita, a foz do rio Pirai.*

Fig. *97* — *A serra do Mar, vista por* RUGENDAS, *da fazenda da Mandioca na suc base e no caminho de Petrópolis.*

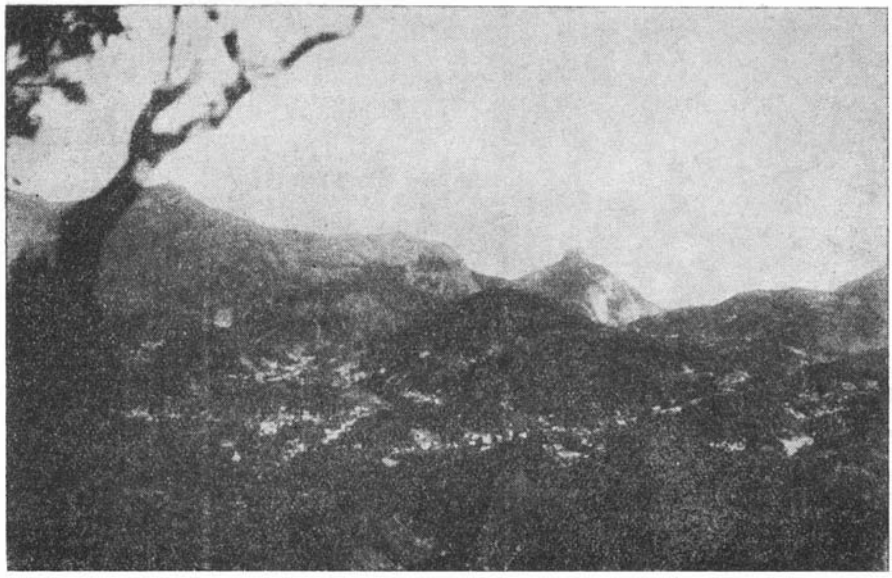


Fig. 98 — *No meio dc u m selvagem cenário de montanhas é que, por motivos climáticos, se ergueu a "Princesa da Serra", a imperial cidade de Petrópolis.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

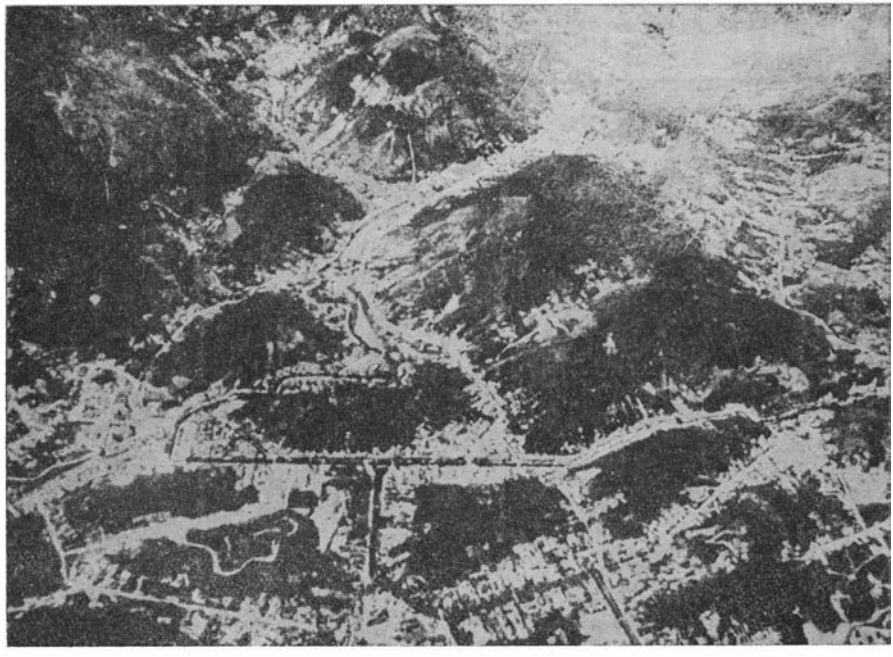


Fig. *99 — Vista geral de Petrópolis. tomada de avião, notando-se o seu urbanisnzo tentacular devido a acidentada topografia.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

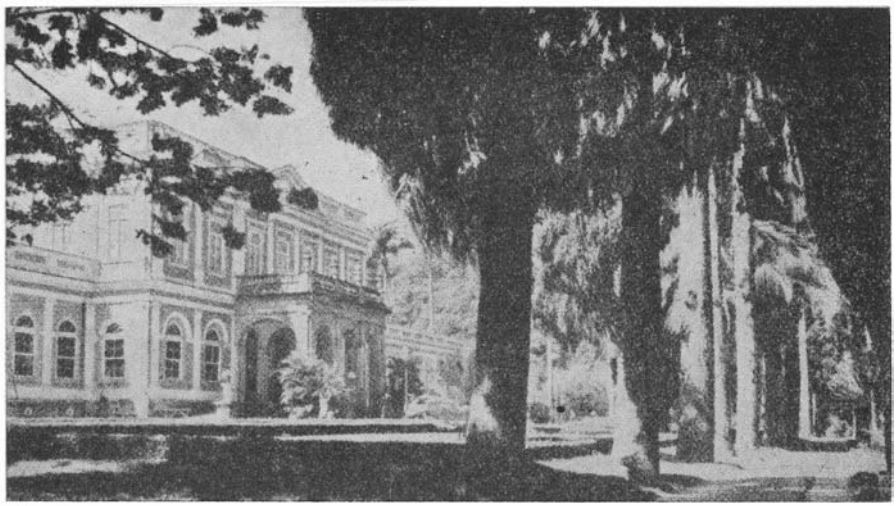


Fig. *100 — Antigo Palácio Imperial em Petrópolis, hoje Museu Imperial.*
(Foto DER)

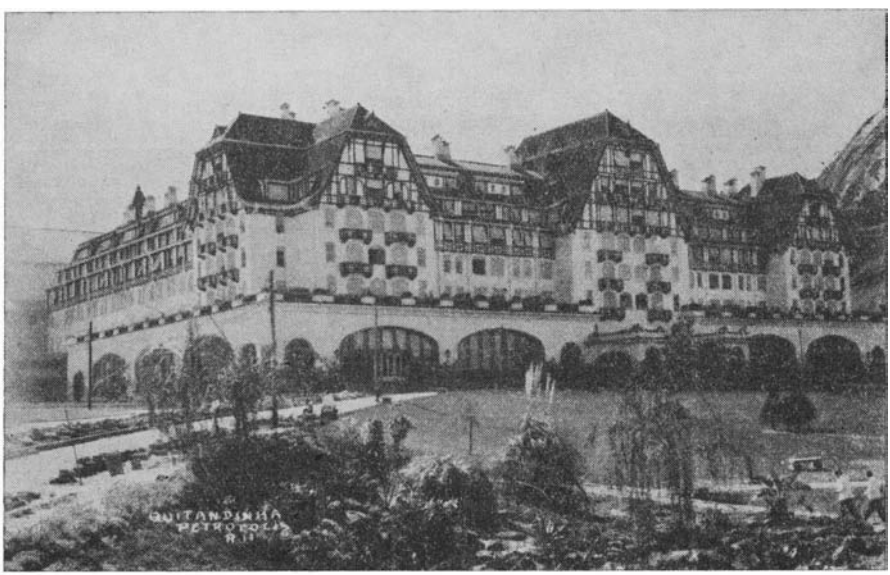
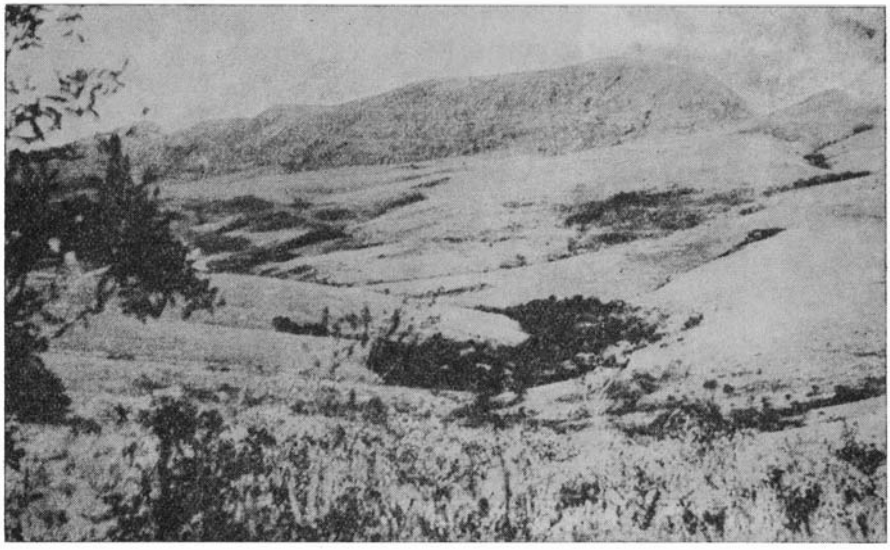


Fig. *101 — O Hotel Quitandinha, em Petrópolis, um dos maiores e mais luxuosos do mundo.*



Fio 102 — *A rodovia Rei Alberto, entre Petrópolis e Teresópolis, atravessa uma zona elevada de canapos e matas ciliares.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

Fig 103 — *Neste outro aspecto da zona serrana atravessada pela mesma rodovia, nota-se um desporoamento geral, devido à grande altitude.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia,

Pode-se dizer que tôda a rapidíssima evolução desta cidade prende-se quase exclusivamente a construção dessa estrada de ferro, a qual se deve a formidável energia de um homem, JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, que a empreita e penosamente a vai levando para Serra-acima a despeito de todos os obstaculos.

Em 5 de julho daquele ano haviam os concessionários cedido os seus direitos a "Companhia Estrada de Ferro Teresópolis".

Ao mesmo tempo que os trilhos se estendiam do pôrto de Piedade na Guanabara, — com o abandono do primitivo ponto de partida em Niterói —, e atingiam a Raiz da Serra em 1.º de novembro de 1896, inaugurando a estação de Guararema, com o auxílio técnico do engenheiro FREDERICO SEIDEL, projeta o empreiteiro na Serra uma nova cidade, abrindo ruas e praças. É êle ainda quem promove o melhoramento da navegação do Rio a Piedade, dragando êste pôrto a suas expensas.[250]

Não obstante essa iniciativa, Teresópolis teria porém ainda que esperar. Em 1901, vê-se a nascente cidade ameaçada com a falência da companhia. Mas JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, na ausência de concorrentes e em terceira praça, arremata os bens oferecidos por 200 contos e prossegue na construção.

O mais difícil trecho da linha com a cremalheira da Raiz da Serra a Barreira do Soberbo, iniciado em 1902, é parcialmente inaugurado por NILO PEÇANHA em 1904.

Com êsse incompleto percurso, já era tal o interêsse pela nova cidade que, ao passo que aumentam as aquisições de terrenos, começa igualmente a crescer o tráfego, não obstante ser o transporte efetuado por cargueiros no último e mais penoso trecho da subida que costeia o Dedo de Deus e cuja inauguração sòmente se fêz em 19 de setembro de 1908.

Com mais um trecho de linha comum do Alto até a Várzea, Teresópolis estava pronta para realizar os seus destinos de cidade de turismo, condicionados pelos fatores geográficos.

Avoluma-se repentinamente o fluxo de veranistas. É ainda VIEIRA quem inicia a construção de uma usina elétrica. Crescem as comodidades vindo o jovem burgo a possuir todos os recursos dos centros urbanos.

Nos centenares de lotes de terrenos agora: adquiridos, erguem-se chalés, belíssimas residências, suntuosos palacetes emoldurados de jardins. Novas subdivisões atuais da área suburbana em chácaras, alindam seus arredores de magníficas vivendas campestres. Com a sua altitude superior a 900 metros, a mais elevada cidade fluminense torna-se um vasto canteiro florido e celebrado por suas rosas, seus cravos e suas hortênsias.

O vilarejo de 1890, já em 1920 apresentava 7 200 habitantes, contando o município 18 628.

---

[250] **Idem,** págs. **25 a 42.**

Em 1940 a população da cidade é de 10 049 pessoas e a municipal de 29 799. Em apenas cinquenta anos desde a sua autonomia, tanto o município quanto a sua sede viram decuplicar os habitantes.

Pela atração de um rico escol veranista, Teresópolis tende a rivalizar com Petrópolis, — com a qual já se liga por modernissima rodovia —, e avança no rastro de Nova Friburgo, — a terceira "corbelha da Serra" —, buscando suplantá-la em população.

Teresópolis é uma "cidade natural". Os seus fatores naturais criando um cenário inigualável em tôda a Serra, inevitavelmente conduziriam os homens a se juntarem ali.

A primitiva estrada de Majé apenas revelou um quadro destinado a um agrupamento humano. Mas foi a natureza por si mesma que, condicionando um ambiente excepcional por suas condições climáticas e por sua riqueza paisagística, de antemão localizou a construção de uma cidade.

Para isto, só não lhe deu uma via de acesso fácil. Mas tão fortes eram os impositivos naturais que a estrada de ferro, subjugando os obstáculos, em poucos anos fêz de uma aldeia a "jóia da Serra".

14 — CANTAGALO E A MIRAGEM DO OURO

> "Antigamente havia na vizinhança muita lavagem de ouro, mas hoje em dia quase ninguém se dá à procura dêsse metal, o grande objeto de cultivo é o café, que enche imensos tratos de terra.
>
> **GEORGE GARDNER:** "Viagens no Brasil, **1836--1841"**. Tradução de Albertino Pinheiro, São Paulo, 1942, **pág. 452.**

A minuciosa "Carta Topográfica da Capitania do Rio de Janeiro" de 1767, do sargento-mor **MANUEL VIEIRA LEÃO,** é um precioso documento indicador dos primeiros caminhos que iniciaram o desbravamento da Serra. Na zona central já nela vemos o "Caminho Nôvo" com as suas diversas variantes, os arraiais de Paraíba do Sul, Pati do Alferes e Sacra Família além de outros povoados e fazendas. Na ocidental, a estrada de São Paulo passando por São João Marcos, um comêço de nomenclatura de rios e montanhas e o arraial de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre, — a futura Resende. Mas em tôda a extensa região oriental, desde o Piabanha, até a deflexão do Paraíba para o mar, pode-se apenas ler esta simples frase a sobressair de uma ininterrupta uniformidade florestal: "Certão occupado por indios brabos". [251]

[251] O original dessa carta encontra-se no Instituto Histórico e Geografico Brasileiro. e uma esplêndida cópia na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores.

Era o descophecido. Mas já no âmago dessa imensidão de selvas, então designadas por "Sertões de Leste", trilhavam clandestinamente os primeiros brancos, cuja presença iria tornar-se em breve o motivo da criação da enorme comarca do Santíssimo Sacramento do Cantagalo.

Assim como em cada uma das zonas de exploração serrana motivos geológicos, geográficos, históricos e econômicos diferenciam as respectivas origens, Cantagalo também teve os seus, que divergem inteiramente dos demais. Aos seus começos liga-se um nôvo fator excepcional na terra fluminense, e que indiretamente lhe viria a dar o lindo nome que possui: a mineração do ouro.

Naquele fim do século XVIII, as lavras de Minas ainda exaltavam a mentalidade do imigrante com aurifúlgidas visões do cobiçado metal. De São João d'El-Rei, de Vila Rica e Sabará, de todos os centros mineiros onde nas bateias rareavam as pepitas que ainda restavam de uma secular e ativa exploração, para tôda parte irradiavam aventureiros, sonâmbulos de novos eldorados que objetivassem a miragem da imaginação faiscante.

Um dêles, MANUEL HENRIQUES, em marcha para o sul e penetrando na floresta, atravessa o Paraíba. E não fôra de todo visionário. Nas águas dos rios Negro, Macuco e Grande e nas dos seus afluentes, pintara o ouro nas bateias. Em plenos "Sertões de Leste" a semente da futura Cantagalo germinava no matagal com o clandestino arraial daquele bandeirante, mais conhecido por "Mão-de-Luva", por sempre usar uma destas peças de indumentária.

Quase nada sabemos sôbre a sua origem a não ser que era português. Uma lenda romântica o liga a nobreza de ultramar, dando-o como o duque de SANTO TIRSO, o qual apaixonado pela princesa real, a futura D. MARIA I, mas conspirando contra POMBAL, por êste fôra degredado para o Brasil, tendo-lhe a princesa em visita ao cárcere em Lisboa antes da partida, dado como lembrança uma luva preta, rogando-lhe que sempre a usasse até de nôvo se encontrarem. Por morte do rei D. JosÉ, o vice-rei do Brasil recebera terminantes ordens de, por todos os meios obstar a volta do exilado, que desiludido, mergulhara nas selvas brasileiras.

Deixemos, porém, tôda essa poesia lendária, passando aos fatos que efetivamente conhecemos.

"Mão-de-Luva" que viera de Minas com o seu bando, parece haver atravessado o Paraíba onde é hoje Pôrto Velho do Cunha, e penetrando nos "Sertões de Leste", arvorou-se em dono de uma vasta zona da floresta. Sumido por entre a espêssa mataria, pôs-se a lavrar ocultamente o ouro, em desafio aos dispositivos régios que interditavam a mineração nas "áreas proibidas".

Tendo ciência o governador de Minas, por sua determinação parte para a zona uma diligência chefiada pelo alferes JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, — O "Tiradentes" —, cabendo-lhe "investi-

gar se as campanhas dêsses sertões eram dilatadas e abundantes de matos gerais, capazes de se fazerem nêles estabelecimentos, se eram cortados de rios, e, dêstes, quais os que davam passagem de vau, quais os de canoas; e, feitos êstes estudos, o alferes tiraria a configuração cosmográfica e geográfica dos mesmos sertões, e daria um relatório do número de habitantes, das fôrças de que dispunham e em que se ocupavam".

Mas não era só isto. "O alferes diria em que distancias êsses moradores se achavam, quer de Minas, quer do Rio de Janeiro; e também que rios e montanhas dividiam as duas capitanias e as situações mais próprias para se estabelecerem os Registros, Rondas, ou Patrulhas. Queria finalmente o :governador que o sargento-mor SÃO MARTINHO, — o chefe da expedição —, e o alferes TIRADENTES, reconhecessem as estradas e caminhos que estavam abertos de Minas para a capitania do Rio de Janeiro, dando êles a êste respeito as providências que julgassem necessárias, não devendo voltar a Vila Rica, sem o completo cumprimento ao que lhes era determinado". [252]

Dessa importante missão, nenhum documento veio ainda a luz. Mas do teor da transcrição da portaria se depreende de como era então selvagem tôda essa região da terra fluminense, sendo até desconhecidos os limites entre as duas capitanias.

Nada sabendo pois dos resultados dessa diligência ou mesmo se chegou a realizar-se, reportamo-nos a ALBERTO LAMEGO, o qual se refere a outra efetuada no ano de 1786 com tropas de linha "comandadas pelo tenente-coronel MANUEL SOARES COIMBRA e outros oficiais". [253]

Essa expedição que definitivamente abriu as portas dos "Sertões de Leste", não foi entretanto limitada a Serra, onde ocupou vários locais estratégicos imersos na floresta, sendo antes um verdadeiro empreendimento militar de envergadura, destinado à segurança de todo o leste fluminense. Assim foi que, "os que marcharam para o circuito, guarneceram vários pontos como Campos dos Goitacás, Macaé, Rio de São João, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Majé e Órgãos e as duas margens do rio Piabanha, guarneceram Sumidouro, Fagundes e Passatempo e reforçaram os registros do Paraíba e Paraibuna, de acôrdo com o referido tenente-coronel". [254] Com a diligência do sargento-mor SÃO MARTINHO, ter-

---

[252] FERREIRA DIAS, Acácio: Terra de *Cantagalo*, Niterói, 1942, pág. 17.

[253] Cf. FIGUEIRA DE ALMEIDA: *História Fluminense*, Rio, 1930, nota as págs. 104-105.

[254] Diz-nos ALBERTO LAMEGO que, ao cercar o povoado a expedição mandada pelo vice-rei D. Luis DE VASCONCELOS, só conseguiu "prender o chefe, por se acharem naquela ocasião ausentes os seus associados". Outra versão expõe que. amedrontado pela noticia da fôrça que seguia para o combater, já idoso e doente, ter-se-ia o "Mão de Luva" se apresentado em Vila Rica, suplicando o perdão do governador de Minas, o qual o encarregou de guiar a tropa, dado o seu conhecimento do sertão bravio. AO ali chegar, porém, o sargento-mor tomou-lhe as terras, distribuindo-as pela sua gente, e levando consigo de regresso presos. além do chefe, dez dos seus companheiros com 26 escravos e outros bens que foram arrematados em hasta publica.

se-iam ademais sido fundados os registos do Cunha, da Ericeira e do Lourival, nas margens do Paraíba. [255]

Sôbre a origem do nome de Cantagalo, diz-nos a tradição que, perdida a tropa na floresta e sem atinar onde acampavam os aventureiros, fôra levada ao seu arraial pelo canto de um galo, provindo dêste fato o poético nome da localidade. [256]

"Mão-de-Luva" morre no degrêdo e na miséria. Mas com a primeira célula do seu acampamento perdido na floresta, e que em 1784 constaria de "umas duzentas casas em que viviam mulheres e crianças já dali naturais", servindo de capelão o padre GABRIEL, grande fazendeiro em Cachoeiras de Macacu, vão prontamente evolver os "Sertões de Leste", numa rápida germinação de fazendas e de futuras cidades.

Tão fascinada era ainda pela mineração a mentalidade daquela época, que, dois anos após a diligência, fêz o vice-rei ali instalar uma Casa do Registro do Ouro, distribuindo as terras em datas aos que quisessem faiscar. [257] A fama de Cantagalo imediatamente voa longe, e inúmeros pioneiros acorrem do Rio, de Minas e da Baixada Fluminense. Até 1829, ainda para lá sobem imigrantes com a idéia de minerar, entre os quais ANTÔNIO CLEMENTE PINTO, cuja descendência continuaria uma obra imensa por êle iniciada nos "Sertões do Leste".

Mas dir-se-ia que o ouro se havia esgotado com o "Mão-de-Luva". Pobres eram os depósitos e a extração difícil. O próprio Govêrno, após uma série de pesquisas bem orientadas, desinteressara-se da mineração.

Frustravam as primeiras ambições de Cantagalo. Mas, o essencial estava feito. O povoamento da floresta era o primeiro passo de uma rápida evolução, embora viesse esta a ser impulsionada por fatôres econômicos bem diversos dos motivos da sua fun-

---

[255] O Registro do Cunha, hoje Pôrto Nôvo do Cunha, teria sido batizado em homenagem ao governador de Minas, LUÍS DA CUNHA MENESES.

[256] Outra versão dá-nos o faiscador como traído por um dos seus asseclas, o qual prometendo entregá-lo bem como o seu lugar-tenente, chamado MAURÍCIO, "noite alta entrou no rancho, molhou as escorvas das espingardas a fim de evitar a resistência, e por essa forma foram apanhados os dois chefes. Escoltados para o Rio de Janeiro, ambos foram julgados no Juízo da Intendência do Ouro, e deportados para a África". (FERREIRA DIAS, obr. cit., pág. 4).

[257] "Em 1787, entrou o superintendente geral do ouro com o escrivão e o meirinho, um tesoureiro, um guarda-mor com o seu escrivão, um inspetor de terrenos minerais, ferreiros, carpinteiros de obra branca de engenhos de mineral, oleiros e um curioso para fazer borrachas para ouro. Todos venciam avultados salários, trabalhassem ou não. Estabeleceram-se registros nas cachoeiras e passagem do rio Macacu, rio Grande, onde pagavam os viandantes e tropeiros o estipêndio do costume das demais passagens, o primeiro sob o comando do tenente do 1.º Regimento, MANUEL DE MORAIS DANTAS, e o segundo do tenente ALBINO SANTOS.

Entraram muitos particulares a estabelecer-se naquele sertão, entre êstes JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ com uma tropa de 15 bêstas e muitos escravos. D. LUÍS DE VASCONCELOS, vice-rei, encarregou o capitão FRANCISCO PALHA de estudar todo o sertão, e êste verificou que o ouro existente não daria para cobrir as despesas da extração". (ALBERTO LAMEGO, cf. FIGUEIRA DE ALMEIDA, obr. cit., pág. 105).

ACÁCIO FERREIRA DIAS dá-nos a relação dos primeiros 33 lotes de terras distribuídos por sorteio, "de trinta braças em quadra, obrigando-se os possuidores a trabalhá-los com doze escravos cada um". (Obr. cit., págs. 20-21).

dação. Sòmente pelo trabalho agrícola é que a terra cantagalense poderia emergir do barbárie original, transformando-se numa das mais intensas áreas de trabalho e riqueza do Brasil Imperial.

Sendo improfícua a mineração, os colonos para viverem, começam a derrubar a mata. Grandes fazendas de cereais são abertas e aparecem os engenhos de açúcar, num primeiro passo para a exploração da terra. E dessas primeiras derrubadas temos um testemunho sólido. O do mineralogista MAWE que nos primeiros anos do século XIX sobe a Cantagalo, em pesquisas de prata que analisara em amostra dali vinda. [258]

Estende-se o inglês em louvores a fazenda do Morro Queimado com os seus abruptos penedos cônicos, local da futura Nova Friburgo, e dá-nos uma descrição geral de propriedades novas plantadas de cereais e abertas em plena mata virgem. Assombram-no os gigantes da floresta, entre os quais salienta o jacarandá, o pau-rosa e a ipecacuanha. O seu pessimismo sôbre a exploração do ouro, corrobora a opinião oficial, mal dando o metal para pagar oficiais e soldados do registo.

Pouco é também o açúcar produzido nessa região de encostas íngremes e planícies apertadas, e raro ainda o gado. Mas a criação de galinhas e de porcos, cujos derivados descem ao Rio de Janeiro já é notável, e consideráveis são as plantações de milho.

Miserável é a condição dos indígenas que ainda encontra, morando em cabanas de galhos cobertos de palmas. Já vestem a portuguêsa, mas dormem em leitos de capim sêco. Com os seus poderosos arcos de iri abatem a caça, devorando as aves meio assadas e ainda com penas.

É êle o primeiro a falar dos calcários de Cantagalo, mencionando-os em Santa Rita, onde também ainda existem garimpos de ouro.

Para têrmos idéia da rapidez com que se processa a derrubada da floresta, basta-nos citar, além de outras fazendas, a do padre Tomás, a qual iniciada há 4 anos com um só escravo, já vale 400 libras. Nessa propriedade é que êle vai verificar a prata, que não passa de minério de ferro, sendo falsificada a amostra que obtivera.

Malograda a sua viagem para os fins mineralógicos, não o foi todavia para fins geográficos e humanos. As suas excelentes observações são-nos hoje preciosas para uma recomposição do cenário da época.

Decorridos apenas 20 anos da prisão do "Mão-de-Luva" e da tomada oficial da terra, o homem era ainda um pioneiro em luta com a floresta. O café já ali chegara, e, tal a riqueza da terra que, segundo MAWE, em dois anos frutificava.

---

[258] MAWE, John: *Travels in the interior of Brazil*. London, 1815, págs. 111-127

Com a desilusão do ouro, porém, minguara a torrente imigratória mais facilmente dirigida para as zonas do centro e de oeste, movimentadas pelos caminhos de São Paulo e de Minas, e mais próximas do Rio de Janeiro e do mar. Até que a fundação de Nova Friburgo viesse impulsionar com uma nova iniciativa do Govêrno o desbravamento dos "Sertões de Leste" com um notável contingente de estrangeiros, Cantagalo tardaria a evolver para o grande futuro econômico dos seus imensos cafèzais. A tenacidade dos seus primeiros lavradores se devia entretanto a abertura de inúmeras fazendas em plena selva, destacando-se nelas o elemento português, entre os quais menciona MAWE açorianos, entre nós conhecidos como dos melhores colonos que nos chegam de além-mar.

Longe, porém, estava o primitivo burgo do "Mão-de-Luva" do Rio de Janeiro para que a sua evolução por si mesma prosseguisse. Nenhuma estrada geral o atravessava com a passagem de mercadorias e de idéias novas, como as que se dirigiam para os grandes centros paulistas e mineiros. O caminho que mandara abrir o Govêrno logo após o assalto militar, esbarrava na floresta, sendo posteriormente levado as margens do Paraíba, encachoeirado e inútil para a navegação, num longo trecho a montante de São Fidélis. Cantagalo necessitava de um nôvo alento, com a atenção da Côrte desviada, ante o malogro da mineração. Êste ser-lhe-ia dado com a primeira tentativa oficial de colonização por meio de imigrantes não portuguêses. Nova Friburgo seria a um tempo o foco insuflador de atividades novas e de idéias inéditas para o espírito cantagalense. O revigorador da sua etnia mestiça por novos cruzamentos suíços e teuto-brasileiros. A projeção dos friburguenses pela terra de Cantagalo dar-lhe-ia uma notável contribuição eugênica, apreensível em tôda a sua história até os dias atuais. Mas tão poderosos eram os fatores naturais da geografia dos "Sertões de Leste", distantes do Rio e da costa, que, não obstante o sangue nôvo do imigrante e o acervo cultural de tipos étnicos superiores, — sobretudo vindos com a segunda leva —, deveria ser lenta a sua evolução econômica ate o apogeu no ciclo do café.

Saltemos sôbre a fundação de Nova Friburgo em 1820, mais adiante narrada e continuemos sôbre o território cantagalense pròpriamente dito, não obstante abranger êste a enormidade da comarca nos primeiros tempos.

Não será demais repetir que, com a subida do café, chegavam afinal os grandes dias da Serra Fluminense, mantida até o século XIX como uma das mais selvagens e desconhecidas regiões brasileiras, ainda que próxima ao litoral. O motivo econômico que lhe faltara nos séculos precedentes para a entrada da cultura, por fim aparecera. E tôda a impenetrabilidade e oposição do hirsuto matagal, com êle se tornaria impotente, para que uma vigorosa

e esplêndida civilização, em breve, também ali estendesse o domínio do homem sôbre a cordilheira.

Era o que já via em meados do século uma audaciosa viajante, que, quase escoteira, adiantara-se a cavalo pela Serra até os derradeiros limites do seu desbravamento.

A elevação cultural de Friburgo já parecia então irradiar-se pelo distrito serrano de leste, beneficiando sobremaneira Cantagalo. A pacatez dos colonos suíços e alemães e a sua educação, devia-se a organização tranquila do trabalho e a boa harmonia neste setor da Serra. É bem possível que, ao bem equilibrado espírito friburguense, se deva o comentário de IDA PFFEIFER, ao prosseguir da colônia para Cantagalo: "Na Europa não conheço senão poucos países onde se poderia atravessar florestas em companhia de um só guia, e passar a noite em casinholas sombrias e tão isoladas".[259]

Porque efetivamente, ainda por essa época, além dos meados do século, tôda a zona que atravessava era um soberbo matagal. O quadro que IDA PFFEIFER esboça numa frase é uma valiosa síntese da paisagem cantagalense no caminho de Friburgo: "Se algumas fazendas esparsas e alguns incêndios na floresta não vos lembrassem a presença do homem, poder-se-ia imaginar que se atravessava uma parte ainda inexplorada do Brasil".

Pouco fala a escritora sôbre o antigo arraial do "Mão-de-Luva", pequena vila com cêrca de 80 casas. O café embora cultivado em grande escala, ainda não se desenvolvera a ponto de constituir fortunas capazes da formação de poderosos clãs rurais. A fazenda da Boa Esperança por ela visitada, não obstante os seus escravos numerosos e tôda a sua intensa azáfama no tratamento do café em pilões de madeira movidos a água e secado em caldeirões de cobre, malgrado as refeições copiosas preparadas "a maneira européia" e a condição do negro "melhor tratado que o *felah* do Egito 'e que muitos camponeses europeus", tem por sede um simples casarão.

O conforto, o luxo, os complexos requintes da civilização ainda não haviam chegado aquelas distâncias do Rio de Janeiro. Sem vidros nas janelas e de telha vã, bem despretensiosa é a "casa-grande" onde se hospeda. Singelo o mobiliário da sala de jantar com a infalível grande mesa, os divãs de palha e algumas cadeiras. Pelas paredes, vestes penduradas. Só a roupa é guardada em baús por causa das formigas e baratas.

De tôda a sua descrição do cenário regional, verifica-se que os "Sertões de Leste" formam ainda um extenso domínio florestal onde os núcleos agrários constituem clareiras abertas espaçadamente e precursoras da civilização.

---

[259] PFFEIFER, Ida: *Voyage d'une Femnae autour du Monde"*. **Paris,** 1858, pág. 72.

Era êsse o quadro geográfico de Cantagalo em meados do século XIX. Sempre a montanha e a floresta como elementos dominantes na paisagem.

Furando o matagal a temerária mulher atinge a Aldeia da Pedra, futura Itaocara —, e atravessa o Paraíba. Três léguas adiante chega ao derradeiro pôsto avançado da ofensiva do homem branco pelas selvas: numa clareira em plena floresta, uma casa de madeira para quatro famílias e algumas choupanas miseráveis para os escravos.

Era êste o ponto final da penetração dos "Sertões de Leste". Para além, a completa selvajaria primitiva. Próximo ao local, uma tribo de Puris, claros, atarracados, de altura média, olhos rasgados, tatuagens em volta da bôca em forma de bigodes.

Essa mulher arrojadíssima que até ali fizera 56 léguas a cavalo com um só empregado, é testemunha de reminiscências das mais expressivas da vida selvagem das Américas. A noite e ao clarão de fogueiras, assiste ao soturno ritual das danças dos Puris.

Mas nessa fronteira da civilização como nas demais, já o aborígine se curvava ante a superioridade mental do colonizador. Aquêles poucos brancos rústicos, vanguardeiros da cultura, embora a mercê da terra bárbara serviam-se dos índios que, com o faro muito vivo se prestavam a descobrir negros fugidos, trazendo-os de volta aos seus senhores.

MAWE e IDA PFEIFER mostram-nos em duas épocas distanciadas de cêrca de quarenta anos, como foi penosa e lenta a infiltração da cultura nesse meio montanhoso e espêssamente enflorestado. Nada porém, resiste ao café, o mais vertiginoso derrubados de selvas, a cujo embate todos os obstáculos se aniquilam. Continuamente novas fazendas rasgam a floresta. De ano a ano multiplicam-se aos milhares as arrôbas de café e, com isto, as tropas que descem para a Guanabara.

Já agora, a civilização cafeeira ao amadurecer, transforma tudo. Os milhares de contos da sua economia iriam criar a nobreza rural, e, com esta, a Serra civilizar-se-ia com os seus numerosos focos culturais.

Em mais de meio século de obstinadas atividades agrícolas, faltara sempre a Cantagalo a tenacidade coordenadora dos grandes senhores rurais. Também fôra ineficiente a ação do Govêrno o primeiro a compreender que, tão desmedida extensão de terras em começos de invasão, necessitava de um centro administrativo, oficializando nos altos serranos o único núcleo da estrada geral de Minas para leste, com a criação da freguesia de Cantagalo, cabeça de comarca, desde 1832.

Não obstante a prematura ocupação militar, tudo era ainda incipientemente administrado devido a própria extensão territorial. O alvará de 9 de março de 1814 que elevara o antigo arraial do

"Mão-de-Luva" a designação de vila de São Pedro de Cantagalo, não bastava para fazer crescer o burgo.

Como todos os nossos núcleos de administração que nasceram artificialmente de simples decretos, as primeiras arrecadações atestam uma pobreza tanto mais sensível, quanto mais eloqüentes seriam depois os vastos recursos econômicos regionais.

"Nos primeiros anos, a aferição rendeu de onze a doze mil réis e a aguardente quarenta mil réis. No triênio de 1816 a 1818, os dízimos pagos à Real Fazenda foram arrematados pela quantia de 1:410$000, que no triênio seguinte duplicou". [260]

Mas enquanto o pequeno burgo assim vegetava, os seus arredores movimentavam-se num progressivo trabalho agrícola que começava a acumular um formidável potencial econômico. Prova dessa atividade rural é a verificação de que em 1833, a vila de Cantagalo não tinha mais de 60 casas. "A maioria dos habitantes residia nas fazendas e vinha a vila só aos domingos e dias de festa, para assistirem às solenidades". [261]

Poder-se-ia considerá-la uma das "vilas de domingo" de que nos fala DEFFONTAINES ao descrever os nossos povoados do interior, e das quais já citamos exemplos colhidos na descrição do vale paulista do Paraíba por SAINT-HILAIRE. [262]

Naquele ano contavam-se na comarca 12 000 habitantes, dispersos pelas freguesias de Sumidouro, Santa Rita do Rio Negro, São Francisco de Paula e na sede. [263] Em tôrno desta o número de pessoas era de 4 000, atarefadas na zona rural.

Tão insignificante era o núcleo burguês em face da população rural que, nessa época faz o Govêrno cessar a arrecadação do impôsto da décima urbana.

Como em quase tôdas as zonas rurais serranas a vila atrofiava-se ante o gigantesco desenvolvimento das fazendas, espalhadas por tão vasto território que, delas se expedia diretamente o café para as margens do Paraíba, em São Fidélis, ou para Majé e Pôrto das Caixas em rios da bacia da Guanabara, por várias estradas que não tocavam no centro administrativo da comarca. Naqueles três portos, sobretudo em Pôrto das Caixas é que as grandes casas comerciais do Rio mantinham as filiais e faziam tôdas as transações.

Um centro comercial em plena Serra era desnecessário, e dêste modo o povoado estacionara, "enquanto o nome de Cantagalo, chegando ao auge da sua prosperidade econômica e comercial, era o farto celeiro da terra fluminense; o seu nome fastigioso projeta-

---

[260] FERREIRA DIAS, Acácio: obr. cit., pág. 147.

[261] Idem, pág. 143.

[262] DEFFONTAINES, Pierre: Como se constitui no Brasil a rêde das cidades. "Boletim Geográfico" do Cons. Nac. de Geogr., n.º 15, junho de 1945, pág. 299.

[263] FERREIRA DIAS: obr. cit., pág. 143.

va-se através das fronteiras nacionais, sendo conhecido na Europa como um centro formidável de atividade, de esforço humano e de produção". [264]

A planta maravilhosa fizera por fim o milagre esperado havia trezentos anos. "Os cafeeiros prodigiosos, exuberantes, se estendiam a perder de vista, desde as vargens as cristas das serras".

Tal é a paisagem que, em rápidas e incisivas pinceladas nos descreve o autor da Terra de Cantagalo e que já agora podemos ver reproduzida em quase todo o vale do Paraíba. "Nos intervalos dos cafèzais, verdadeiro exército em fileiras cerradas, formigam os escravos de ambos os sexos. As negras de camisa e saia de algodão, tendo um pano enrodilhado na carapinha. Os negros, com largos chapéus de palha, braços e dorsos desnudos, trazendo peneiras uns, e enchendo as quiçambas outros, na faina febril da apanha do café". [266]

O milho, o feijão, a cana e a mandioca, acessòriamente aumentavam os recursos da lavoura. A grande criação de suínos e galináceos, o gado já então abundante em pastos fartos de capim, tôda uma quase autárquica produção contribuía para a abastança geral nos "Sertões de Leste", investidos em tôda parte pelos machados.

Mais uma testemunha da evolução de Cantagalo nós meados do século, foi o príncipe ADALBERTO DE HOHENZOLERN, da casa imperial alemã, o qual visita a região em 1847. [266] Os imigrantes estrangeiros já contribuíam com grandes lavouras para o progresso de Cantagalo. Na fazenda da Aldeia do Dr. TROUBAT, existem 250 000 pés de café trabalhados por 170 escravos, em sua maioria comprados com a propriedade apenas há cinco anos, com o capital de 110 contos que já tinha sido reembolsado.

Outra importante fazenda era a dos Tanques, do Sr. DE LUZE, da linhagem francesa dos condes DE POURTALES. Era esta no vale do Santa Rita, todo cheio de cafèzais, não obstante ser o povoado dêste nome uma aldeia de casebres.

Em torrentes cada vez maiores, os produtos de Cantagalo desciam agora a Serra, por vários caminhos, através de brechas na crista da cordilheira, rasgando novas picadas na floresta, ramificando e estreitando novas comunicações, disseminando novas fazendas num definitivo ataque formidável contra o matagal.

Em São Fidélis, em Macaé, em Pôrto das Caixas e em Majé, os produtos agrícolas dantagalenses entupiam grandes armazéns. Por algum tempo fôra Majé o principal centro de intercâmbio, por suas facilidades circulatórias. Por ali sobretudo, o café e demais gêneros escoavam para a Guanabara, invadiam os armazéns do

---

264 **Idem, pág. 147.**

265 **Idem, pág. 148.**

266 **TAUNAY, Afonso de:** *História* **do** *Café no Brasil,* vol. *V, pags.* 291-311.

Rio, baixavam os preços no mercado. Barateava-se a vida na Côrte com a permanente labuta nas matas serranas retalhadas entre os senhores rurais.

"Consideráveis fazendas constituídas por numerosas sesmarias, em sua maioria de propriedade de ANTÔNIO CLEMENTE PINTO, seu irmão MANUEL, Dr. TROUBAT, e, entre muitos outros, dos colonos suíços vindos para esta região, emigrados das terras frias do "Morro Queimado" e "Amparo", atraídos pela fertilidade do nosso solo, se estendiam pelas vargens, chapadas, socavões e montanhas, desde o vale do rio Negro ao Macacu, desde o caudaloso Paraíba ao romântico Paquequer, que inspirou a JOSÉ DE ALENCAR o drama descrito no O Guarani, formando tudo isso o quadrante formidável de Minas a vila de Nova Friburgo, e de Vassouras a Campos dos Goitacás". [267]

Mas enquanto essas fazendas, e êsses latifúndios, "de propriedade de senhores poderosos e autoritários, conseqüência de privilégios conferidos pelo Govêrno Imperial, prosperavam formidavelmente", a vila de Cantagalo persistia estacionária, como um arraial em meio a tôda essa fortuna de um crescente poderio rural, "ressentindo-se de reparos em suas ruas e praças que começavam a surgir aqui e ali, lançando o alinhamento da futura urbe".

Era a sede da comarca um pequeno centro administrativo em meio a uma trama de caminhos que lhe fugiam. A própria topografia encarregava-se de amover as estradas do núcleo municipal, desviando-as para os sulcos naturais dos rios Grande e Negro, ou de fazê-las descer diretamente a serra do Mar para Macaé ou a Guanabara, sem uma necessidade de passagem pela esquecida povoação.

Um fenômeno semelhante ao de São João Marcos, onde as proximidades do mar e a estrada para o Rio de Janeiro, relegavam a segunda ordem a criação de um centro urbano para os efeitos do comércio, ocorreu no nôvo distrito dos "Sertões de Leste", embora motivado por causas diversas e mesmo opostas. Já notamos que a dispersão das fazendas por tão vasto território e a obrigariedade do transporte por meio de tropas para os portos fluviais e marítimos, levaram os fazendeiros a dirigirem diretamente a sua produção a tais centros de grandes transações, desprezando um núcleo regional para os seus negócios.

O essencial, porém, era a penetração da selva com a sua derrubada e a utilização do solo com o povoamento. A seguir viriam pelo exemplo das grandes famílias rurais, os requintes da civilização.

Com as crescentes transações nos portos da Baixada, os fazendeiros mais eficientes amiúdam viagens a Côrte, onde já agora se lhes deparam as primícias culturais do Segundo Reinado flo-

[267] Idem, págs. 148-149.

rescente. Estreita-se o contacto com a civilização de ultramar que já se implanta no Rio. Renovados sopros de idéias esfloram a cordilheira, com o exemplo carioca do emprêgo refinado das riquezas em mais belas e confortáveis maneiras de viver. A ambição de títulos e comendas torna-se o alvo de todos os fazendeiros de café, subitamente enriquecidos. Mas neste ponto, Cantagalo também teria com São João Marcos, certa semelhança em sua evolução social.

Não obstante as numerosas fazendas cujo valor econômico e cultural pode ainda hoje ser avaliado pelos nomes de famílias que sobrevivem ou que foram nobilitadas pelo beneplácito imperial, a região de Cantagalo e de Friburgo iria ser submetida ao predomínio ativo de um grande clã patriarcal.

São João Marcos tivera os BREVES, cuja potência financeira repercutia pelos municípios de Barra Mansa e de Piraí. Os "Sertões de Leste" possuiriam os CLEMENTE PINTO, cuja atuação grandemente utilitária, viria mais tarde beneficiar um grupo bem maior de municípios.

Sem dúvida que nesta nova zona a nobiliarquia regional regista vários títulos de homens notáveis no período imperial. Êles é que pelo exemplo iriam modelar inúmeras outras famílias edificadoras de solares e refinadoras de costumes. Mas a frente de tôdas essas famílias, por seus benefícios prestados a várias gerações estariam sempre os CLEMENTE PINTO, que vimos ali aparecer em 1829 com o patriarca dessa estirpe, ANTÔNIO CLEMENTE PINTO.

A êle a aos seus sucessores devem antes de tudo os "Sertões de Leste" a sua rápida evolução, bastando dizer que foram o barão e o conde de NOVA FRIBURGO os idealizadores, e os construtores da Estrada de Ferro de Cantagalo, cujas resultantes políticas, econômicas e sociais seriam uma rápida e próspera subdivisão do antigo território da comarca em vários municípios.

A exemplo dos TEIXEIRA LEITE em Vassouras, e pode-se dizer mesmo, ainda com mais estímulo, trabalho e sacrifício, essa estrada foi obra quase exclusiva dos CLEMENTE PINTO.

Com a sua construção tôda uma vasta zona serrana se desenvolve, industrializa-se, e ao declinar o ciclo do café, ainda hoje continua a ser a via de comunicação que permite uma completa renovação de atividades por tôda uma zona rural imensa, com milhares de fazendas e numerosos centros urbanos progressistas.

Mais adiante, ao falarmos da nobreza rural serrana, analisaremos mais por miúdo os feitos dessa família na civilização dos "Sertões de Leste". Por ora fixemo-la apenas como padrão dessa elevada mentalidade dos senhores do café, que tanto fizeiam pela terra fluminense.

Nas 21 fazendas que deixara o patriarca, aumentadas pelos sucessores, descortina-se um fortíssimo incentivo a evolução cul-

tural da Serra, no período imperial. É nelas que se concretiza êsse preclaro patriarcalismo agrícola que modifica por completo a vida primitiva de fazendeiros enriquecidos com o café. Nelas é que, na dia'nteira de inumeráveis centros agrários de Serra-acima, vemos florescer os primores da educação e de maneiras cultivadas. São os seus solares que, com luzimento inexcedível, transportam para os recessos da grande floresta os hábitos e costumes refinados da civilização.

Basta como prova o solar do Gavião, talvez o mais importante dos solares rurais brasileiros, para que se veja o elevado nível de vida levado para a brenha e a montanha pela vontade aprimorada dos seus fidalgos. Citemos além dêste, o palácio do Catete no Rio de Janeiro, de linhas tão sóbrias e equilibradas, verdadeira síntese de austeridade e fino gôsto arquitetônico a revelar o apurado espírito do seu idealizador.

As obras sociais, o humanitarismo na libertação de escravos, uma acurada visão de futuras realidades, tudo isto coloca os CLEMENTE PINTO entre os homens de primeira linha na história da nossa civilização.

Com homens dêste porte é que Nova Friburgo e Cantagalo se elevam da barbárie a um dos maiores centros de cultura agrícola. Não tinham êles, como os nababos de hoje, o espírito egoìsticamente mecanizado pela indústria, indiferentes ao bem-estar da coletividade e que em geral visam apenas o acúmulo da riqueza para a capitalização em bancos ou em arranha-céus nas capitais.

Do ponto de vista social, o feudalismo agrícola, fórmula única para o Brasil no passado, mostrou-se a altura de povoar a Serra fecundando-a de irradiantes núcleos culturais. *O* que se não justifica é a utilização nos tempos atuais, em fazendas e fábricas, de métodos similares que, sob as fantasias de regimes apregoadores de liberdades, mas de fato subalternos do capitalismo internacional, escravizem as massas populares entorpecidas por berrantes e falsas igualdades e fraternidades, retumbantes chamarizes de imposturas eleitorais.

Em cada época, necessàriamente surgem os dirigentes da sociedade em harmonia com o grau evolutivo das populações. E na transição notável do Segundo Reinado, onde tantas figuras se elevaram pela cultura do café, elaborando com assombrosas energias novas paisagens humanas emolduradas de florestas bárbaras, o nome dos CLEMENTE PINTO permanecerá, como dos mais robustos abridores de caminhos, dos mais insignes organizadores de existências.

A imponência arquitetônica do' solar do Gavião, por si só padroniza o apogeu cultural do ciclo do café na terra fluminense. Em nenhuma outra residência rural serrana se sente, quão viva foi a iluminação civilizadora dêsses grandes focos de refinamento,

sobrepondo-se a luz solar que pela primeira vez também chegava a terra virgem desenroupada de florestas e revestidas de cafèzais.

Êste marco solarengo ficará na terra cantagalense como a grandiosa comemoração da etapa final da longa marcha dos desbravadores pelos "Sertões de Leste".

Pela extensão territorial da primitiva comarca do Santíssimo Sacramento de Cantagalo, varou o mais longo e vagaroso dos caminhos de revelação da Serra, com o café. Em nenhum dos outros, porém, talvez se tenha manifestado em tamanha escala a benéfica munificência de um grande clã rural, com realizações tão duradouras.

15 — NOVA FRIBURGO E AS REPERCUSSÕES CONTRÁRIAS AO SEU CLIMA

Pela primeira vez em tôda a sua história vai o Brasil meridional prosseguir em sua evolução com o auxílio de raças não latinas. Um nôvo sangue vai diluir-se no fluminense, injetado por iniciativa do Govêrno. A fundação de Nova Friburgo prova quão úteis podem tornar-se certas correntes imigratórias, quando bem dirigidas e impossibilitadas de se enquistarem, por inassimiláveis, na etnia luso-afro-ameríndia do brasileiro.

Foi em 1818 que D. João VI, ao conisderar a grande crise européia após as guerras napoleônicas, abriu as portas do Brasil a um nôvo ciclo demográfico, de repercussões fundamentais em todo o futuro do país. Outras etnias que não as peninsulares, as pesadas contribuições dos povos africanos e os resíduos ameríncolas, iriam doravante afetar a estrutura antropológica da gente brasileira. E a primeira a iniciar essa nova mestiçagem foi a suíça.

Tão vantajosas pareciam as propostas para os imigrantes, "com despesas de viagem pagas pelo Govêrno, alojamentos, terras e animais, isenção do serviço militar e de impostos pessoais e territoriais, exercício livre da religião", que o número de concorrentes sobrepuja a expectativa. "Apesar de contrato então firmado se destinar a 100 famílias com 700 a 800 pessoas, foi o seu número aumentado inexplicavelmente, ocasionando o desastroso atropêlo em tôda a viagem.

Chegaram ao Brasil 1682 colonos constituindo 261 famílias, ou quase o triplo do que se havia convencionado, fora os 300 e tantos que pereceram no trajeto. É que, aos 783 friburguenses se incorporaram 300 dos cantões de Vaux e de Valais, sendo em Soleure e Basiléia ainda mais acrescidos, e mesmo duplicados, com a chegada dos emigrados de Soleure e Lucerne, onde parece não ter havido os mesmos cuidados na seleção".[268]

---

[268] GALDINO DO VALE FILHO: *Lendas e Legendas de Friburgo*. Rio, *1928*, pág. 46

Imediatamente encaminhados para a fazenda Morro Queimado no caminho de Cantagalo, é ali criada em 13 de janeiro de 1820 a vila de Nova Friburgo, as margens do rio Bengala, cuja inauguração se fêz em 17 de abril do mesmo ano. [269]

Nomes estranhos e uma estranha língua pela primeira vez ecoam nas selvas brasileiras, quando êsses primeiros colonos começam a dispersar-se, descontentes com o solo que lhes deram, em busca de mais férteis zonas com maiores possibilidades agrícolas. Demasiadamente frio era o clima do Morro Queimado, com cêrca de 850 metros de altitude, para que abundantes lavouras tropicais pudessem prosperar a seu redor.

A vila decai, e, a fim de evitar que a colônia se malograsse, o Govêrno para ali manda nova leva de "imigrantes alemães que se achavam alojados na Armação, em Niterói, sem destino determinado", e que chegam a povoação em 9 de maio de 1824.

Êste dia foi decisivo para o futuro de Nova Friburgo, que desde então continuamente evoluciona, não obstante a limitação dos produtos agrícolas nos primeiros tempos, cerceada pelo clima.

Posteriores imigrantes vão chegando, e, de todo êsse afluxo de elementos suíços, alemães e também franceses, sadias estirpes familiares ali crescem ou se esgalham por tôda a comarca de Cantagalo, contribuindo com um renome que ainda ilustra a Serra Fluminense com a sua numerosa descendência.

São êles os TARDIN, os GARCHET, os STUTZ, os CURTY, os BARD, os MUSY, os MULLER, os STUDER e tantos outros da primeira leva e das demais, onde entre muitos os SALUSSE, MEYER, HAGGEDORN, LEMGRUBER, MONNERAT, LUTTERBACH, SAUERBRONN, VAN ERVEN LEUENROTH, ENGERT, THULER, EMERECH, WERMELINGER, ERTHAL e BRAUNE enraízam-se pelos "Sertões de Leste", incorporando-se à civilização serrana.

Ao padrão intelectual dêsses imigrantes, indiscutivelmente superior ao da nossa plebe agrícola, a sua incontestável laboriosidade como elementos de povos progressistas e ao veemente anseio de melhoria dos voluntariamente expatriados, deve Nova Friburgo a sua repentina evolução quase desde o nascimento.

Um dos aspectos mais-interessantes da sua ascensão, em contraste vivo com o dos demais núcleos iniciais da Serra, é o seu desenvolvimento intelectual imediato. Nova Friburgo, não obstante a sua distância da Côrte, alcançada por tortuosas veredas na floresta virgem da serra do Subaio e por uma longa estrada através dos pântanos da Baixada, logo se distingue pelo carinho da população em dotá-la de bons colégios. Neste ponto, unânimes são os elogios de todos os viajantes que ali estiveram.

Quando, na primeira metade do século XIX, a instrução da burguesia carioca se fazia ainda por métodos antiquados, IDA

[269] CURIO, Pedro: Como surgiu Friburgo. Friburgo, 1914, págs. 63-64.

PFFEIFER vai ali anotar um colégio de meninas, o de M. FREESE, onde além do ensino rigoroso, a ginástica era obrigatória. [270] Como institutos femininos ainda ali viriam a existir os colégios Braune e Euler, e, é Nova Friburgo, antes de Vassouras que ouviria em seu educandário o célebre professor TAUTPHOEUS, "o mais nobre dos modelos humanos", no dizer de um dos seus discípulos que bem conhecia os homens: JOAQUIM NABUCO. [271]

Estas e ainda outras casas de instrução na vila solitária mostram que bem alto deveria ser o nível intelectual do povo friburguense, além de que o seu clima e a fama dos seus colégios atraíam cducandos não só da Baixada como da própria Côrte.

No Freese é que recebe a única instrução um dos maiores poetas do Brasil: CASIMIRO DE ABREU, correndo rumores que também ali estêve SOLANO LOPES, o futuro ditador do Paraguai. [272]

Seria mais tarde na culta Nova Friburgo, que o barão do RIO BRANCO iniciaria na magistratura como promotor público, os manejos da sua futura diplomacia pelo debate na tribuna.

Malgrado não serem as próximas redondezas desta vila, condicionadas para um intenso plantio de café, devido ao frio, é de um dos seus distritos, — Amparo —, que sai uma variedade desta planta, cuja curta história traria incalculável repercussão na economia brasileira, com o monopólio quase exclusivo do seu plantio em São Paulo.

Trata-se do café "Java". Das mudas trazidas da longínqua ilha asiática por LUÍS DE SARDEMBERG, para o distrito de Sana em Macaé, uma única subsistira. Com a morte dêsse lavrador e tendo notícia da planta, o fazendeiro JORGE GRIPP, de Amparo, vai à Baixada e a adquire para as suas terras. O arbusto cresce, exuberantemente frutifica, e, de novas sementeiras, duas mudas são oferecidas ao conde de NOVA FRIBURGO, o qual festivamente as planta no jardim do seu palácio do Gavião em Cantagalo. Com o prestígio dêste fazendeiro que a seguir dissemina abundantemente a planta em seus latifúndios, tôda a Serra Fluminense é conquistada pelo "Java", passando-o as lavouras paulistas que nêle firmam um dos mais sólidos embasamentos da grandeza econômica dos seus planaltos.

Ao município de Nova Friburgo que passara a dirigir tôda a parte ocidental da velha comarca de Cantagalo, cabia uma grande área enflorestada confinante com Petrópolis, na qual já pelos meacios do século XIX se fazia uma ativa penetração.

D'URSEL que deixamos em Teresópolis, atravessou-a.

Na longa estrada, por entre vastas plantações de milho, a hospitalidade é generosa. O que êle observa, porém, é ainda um

---

270 PFFEIFER, Ida: obr. cit.
271 Minha *Formação*, Rio, 1900, pág. 299.
272 GALDINO DO VALE FILHO: obr. cit., pág. 57.

estágio logo posterior a derrubada da floresta. A sua descrição de uma casa de fazendeiro nesta zona, revela-nos — como as de MAWE e de IDA PFEIFER, no extremo oposto da comarca —, o primitivo invasor de origens humildes, o pioneiro que ainda não assimilou refinamentos culturais.

'A residência tem aspecto nu e triste. Alguns móveis de bambu espalhados pelas salas, janelas sem vidros que "preservam do vento e do calor em completo detrimento da claridade". Ao longo das paredes, bancos para a refeição da feijoada, carne de porco e farinha. "Um copo único de água cristalina, circula entre as mãos dos convivas". As mulheres não aparecem. Dir-se-ia estarmos ainda em pleno período colonial.

Tudo isto vai porém, gradativamente desaparecendo, ao passo que se dirige e se aproxima de Nova Friburgo. Pouco a pouco atra-

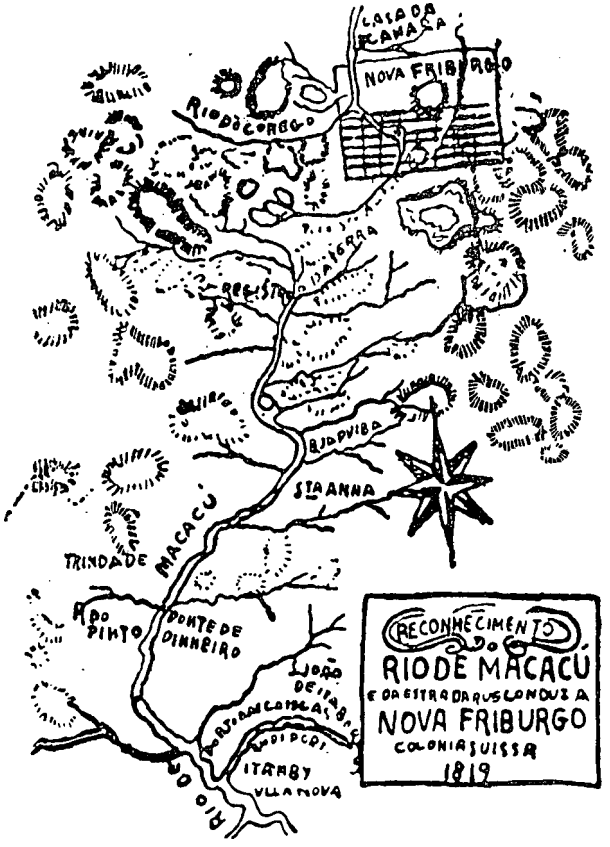


Fig. *104 — Este mapa da fundação de Nova Friburgo mostra-nos como o vale dêste rio, que penetra fundamente na Serra, determinou a escolha do local para a colônia.* (Ilustração do livro de PEDRO CURIO: *Como surgiu Friburgo*)

vés do seu interessante livro nota-se uma transição cultural tão extraordinária e expositiva dos diversos estágios da marcha civilizadora do café na Serra, que não nos poderemos furtar de transcrever uns quadros, quando tivermos de focalizar a cultura friburguense no tempo dos "barões do café".

Nova Friburgo como Petrópolis teve uma formação oficial. A localização do centro urbano que iniciou o povoamento municipal, foi, como a de Petrópolis, obra de um decreto. Não quer isto dizer que a essa fundação, fôssem de todo alheios os fatores naturais. O clima dos seus 847 metros de altitude [273] certamente que influiu na escolha do local, para uma colônia de imigrantes suíços. Mas êste mesmo clima, embora menos variável que o de Petrópolis, também não vai permitir o desenvolvimento de grandes lavouras tropicais em tôrno da cidade. Em Nova Friburgo, o fenômeno climático nos aparece pela primeira vez na Serra como um fator de irradiação demográfica.

Devido ao clima é que vimos a primeira leva de colonos dispersar-se em busca de terras menos frias, que lhes permitissem dedicar-se ao cultivo do solo, sobretudo com a exploração do café.

Não obstante, porém, êsses fatores negativos para a lavoura que então absorvia a mentalidade da época, esta cidade sempre cresceu, vindo a se tornar a segunda na Serra depois de Petrópolis. É que o mesmo clima, centrífugo para os cafèzistas, inversamente agia como poderoso fator centrípeta para os adventícios de índole urbana.

Nova Friburgo, cada vez mais procurada por veranistas, teve um contínuo aumento de população que nela se ia estabilizando. Como as duas outras "corbelhas da Serra", — Petrópolis e Teresópolis —, a vizinhança do Rio de Janeiro longe de reduzir o seu índice demográfico, sempre o elevou pela atração da sua amena temperatura, pela sua tranquilidade, onde se respira um ar de permanente vilegiatura, sem o exibicionismo e o luxo de Petrópolis.

É uma cidade onde por ruas novas e amplas avenidas, modernas construções testemunham um incessante interêsse pelo urbanismo. A amável Nova Friburgo emana deliciosamente um sereno repouso da sua paisagem de morros íngremes, entre os quais, estreitos vales se transformam em coloridos canteiros dos mais belos e famosos cravos que vão alegrar os festivos salões do Rio de Janeiro.

Sob tôda essa aparente placidez, oculta-se, porém, uma das mais ativas cidades industriais da Serra, com as suas fábricas de rendas, filó e fitas de tôda espécie, que, pelo bom gôsto e qualidade, rivalizam com o que de melhor importa o comércio carioca.

---

[273] Cota da estação da E. de F. Leopoldina.

Os seguintes dados que nos mostram o contínuo crescimento friburguense, dão-nos o índice mais positivo do seu progresso:

	População		
Ano	*Nacional*	*Estrangeira*	*Total*
1820	—	1 682	1 682 [274]
1872	7 625	1 054	8 679
1890	12 195	764	12 959
1920	27 410	1 241 [275]	28 681

O rápido crescimento da cidade pode igualmente ser avaliado pelas seguintes cifras:

	População	
Ano	*Cidade*	*Município*
1892	6 566	11 759
1940	17 360	39 717

Como prova segura das fracas possibilidades para grandes lavouras no município de Nova Friburgo, anotamos que, não obstante conter êle 1037 propriedades rurais registadas no censo de 1920, ocupando com êsse número o quinto lugar na Serra depois de Itaperuna, Pádua, São Fidélis e Cambuci, é de todos os municípios fluminenses o que mais conservou as suas matas, com 49% da sua área por elas ocupados.

Foi também êste um dos motivos para que em sua acidentada topografia a criação de gado fôsse então das menores do Estado, apenas com 3 958 cabeças, sendo preferida a de suínos com 16 618 animais.

Em Nova Friburgo as atividades urbanas tenderam sempre a suplantar as da zona rural, como em Petrópolis. É provável que, doravante, como nesse outro município e no de Teresópolis, favorecidos pela vizinhança da capital, uma crescente subdivisão da sua área campestre venha a processar-se, em chácaras cuja produção possa vir a pesar de maneira sensível na sua exportação, sobretudo por uma desenvolvida horticultura e por meio de granjas modernas.

No momento, a par de suas indústrias e da floricultura, parece-nos êste ser um dos mais visíveis caminhos para a multiplicação da economia friburguense, já delineado com o que exportou o município pela Estrada de Ferro Leopoldina em 1931 e 1932. De um total de toneladas de 14 632 naqueles dois anos, 7 512 eram de frutas e legumes. [276]

---

[274] No ano de 1820 o total é aproximado, por desconhecermos o reduzido número de funcionários brasileiros da colônia.

[275] Dos estrangeiros em 1920, contavam-se 605 portuguêses, 420 italianos, 135 espanhóis e 81 alemães. Não obstante a grande mescla de sangue germânico na população, a imigração dessa procedência tornou-se insignificante.

[276] POMPEU DE CASTRO E ALBUQUERQUE, Júlio: O Estado do Rio de Janeiro no período de 1928 a 1931. Rio.

Nos destinos econômicos e sociais de Nova Friburgo, o clima nos aparece como o principal fator e o mais decisivo a encaminhar as suas diretrizes, duma dupla ação paradoxal a um tempo dispersiva e centralizadora.

Vimos dêsse modo a civilização penetrar na zona centro-oriental da Província do Rio de Janeiro, inicialmente subordinando-se a dois núcleos urbanos centralizadores do seu progresso econômico e da sua evolução social. A grande superfície dos "Sertões de Leste" teria, porém, de fracionar-se fatalmente em novos municípios, à medida que se multiplicasse a população e que outros centros se formassem pela disseminação das lavouras, dando origem a novos arraiais a evolucionarem para futuras cidades.

Cantagalo e Nova Friburgo foram os focos iniciais que atraíram o homem para êste setor serrano. Mas com a crescente penetração de novos desbravadores para os refolhos das serranias, os próprios fatôres geográficos iriam se encarregar do seccionamento regional em vários outros municípios. A rêde potamográfica sobretudo, diretamente orientada pela estrutura geológica, iria criar, com o desenvolvimgnto da cultura do café, linhas naturais de penetração a se dispersarem dos centros primitivos, motivando o aparecimento de novos povoados.

Com a mente fixa na topografia desta grande zona serrana, mais uma vez teremos um bom exemplo da 'influência determinista dos fatôres telúricos na trajetória das atividades humanas aglomerando-as ao redor de novos centros culturais.

Em seguimento aos municípios que, a partir de Resende nos limites paulistas, repartiram as margens do Paraíba, 'centralizados em cidades quase tôdas à beira rio, também era de se esperar que o mesmo fenômeno se reproduzisse ao longo da parte restante do curso para nordeste. Mas a intervenção de uma nova ordem de ocorrências geológicas veio a repercutir de maneira diferente na sucessão dos fatos demográficos, relacionados a diretrizes diversas nos rumos da penetração.

A súbita elevação das serras da Estrêla e dos Órgãos e a profunda granitização das camadas gnáissicas também possivelmente submetidas a novos planos de fraturamento, — sobretudo na mais deprimida zona serrana que vai de Teresópolis a Nova Friburgo —, perturbando a estratigrafia, conduziram vários afluentes do Paraíba a se dirigirem para o norte, não mais orientados pela direção geral da laminação das rochas primitivas da cordilheira.

Curioso é notar-se que, justamente nesse trecho, o Paraíba corre ao centro de um anticlinal, encaixado por centenas de quilômetros em longa calha retilínea, ajustada a orientação de camadas verticais de gnaisse. Esta orientação sòmente vai todavia afetar os afluentes do Paraíba, quando já bem próximos do talvegue, como sucede com os rios Prêto, Calçado e Paquequer, êste

último apenas no trecho curto de São Francisco a Bacelar. Quase todo o curso dêste rio, porém, como o do Paquequer-Pequeno e o do Piabanha, corre de norte a sul pelos motivos acima discriminados.

Resultaram dessas diretrizes fundamentadas na geologia, conseqüências inevitáveis na evolução social dos grupos humanos, dirigidos como vimos, para o Paraíba, ao longo dos vales do Piabanha e do Paquequer-Pequeno dando origem a Petrópolis e a Teresópolis, e como veremos, ainda repetir-se ao longo das margens do Paquequer, seguido pelo ramal ferroviário do Sumidouro.

Êsses caminhos de sul a norte fomentariam ainda, além da criação da cidade dêste nome, as do Carmo e Duas Barras, implantadas numa antiga zona de florestas cujo povoamento se incentivou em sentido inverso com a imigração de habitantes de Minas Gerais.

Com o município de Sapucaia com a sua sede ainda a beira do Paraíba, constituem êstes municípios um primeiro grupo. Um segundo, porém, viria igualmente a formar-se na zona centro-oriental do velho distrito do Santíssimo Sacramento de Cantagalo.

Já não existindo neste setor as mesmas causas petrográficas e estruturais perturbadoras da potamografia, os rios, e com êles as diretrizes naturais de penetração afastando-se do Paraíba, diminuíram as possibilidades de formação de importantes núcleos urbanos à sua margem, igualmente abandonada pelas estradas de ferro que se internam por Minas Gerais. Assim é que vemos em todo êsse trecho do rio histórico, numa extensão de setenta quilômetros entre Pôrto Nôvo do Cunha e Itaocara, apenas dois pequenos burgos mais ou menos estacionários: o velhíssimo Pôrto Velho do Cunha que data da expedição do "Mão-de-Luva" em fins do século XVIII e São José do Paraíba.

Além de Itaocara que veremos fundado por outra via de penetração, — a da subida do Paraíba pelos capuchinhos —, os demais municípios desta zona dos "Sertões de Leste" surgiram, quer pela evolução cultural de núcleos nascidos na estrada de Nova Friburgo e Cantagalo, como Bom Jardim e Cordeiro, quer pelo seccionamento do primitivo território da vasta comarca pelos fatores geográficos naturais das bacias dos rios Grande e Negro, entre si isoladas por altos divisores. Assim vieram independentemente a evolucionar São Sebastião do Alto, São Francisco de Paula e Santa Maria Madalena.

Não sendo objeto dêste livro a história pormenorizada dos municípios serranos fluminenses, mas sim uma resenha da sua evolução econômica e social através dos caminhos de penetração na qual se possam ver as repercussões da terra sôbre o homem, ao entranhar-se êste na floresta, encurtaremos o mais possível a descrição histórica dêsses novos municípios, visto serem êles a

resultante natural do expansionismo da cultura cafeeira, a esgalhar-se do centro fundamental de Cantagalo, apenas com a observação de que, sobretudo sôbre o primeiro grupo, a influência mineira foi preponderante, e que, no segundo, a cooperação de ativos elementos da Baixada Fluminense foi decisiva para o seu progresso, mormente em São Francisco de Paula e em Santa Maria Madalena, accessíveis a uma forte imigração de Serra-abaixo, através do vale do Macabu.

Essa influência de uma antiga zona intensamente cultivada pelos plantadores de cana-de-açúcar e que se atiram a cultura do café, foi um dos fatores mais ativos para um rápido povoamento dêsse trecho da serra do Mar.

Há pouco mais de um século todos êsses municípios se estendiam por uma vasta área de florestas virgens ondulantes sôbre inacessíveis serranias. A todos êles, porém, chegou o homem com a sua foice, o seu machado e a sua enxada. Com as suas sementeiras e os seus primeiros cafèzais incorporou-os ao patrimônio da humanidade introduzindo-os na História com a sua presença.

Com as linhas que seguem, relataremos a sua transfiguração paisagística pelo trabalho, numa sucinta exposição dos fatos essenciais ocorridos no crescimento de tôda essa prole municipal da primitiva "comarca do Santíssimo Sacramento de Cantagalo".

16 — SAPUCAIA E A CONVERGÊNCIA DE CAMINHOS PARA UMA PONTE SBBRE O PARAÍBA

> **"Sapucaia é uma pequena aldeia com poucas casas, de recente construção, que deve a sua origem h proximidade da nova ponte, ora em construção sôbre o rio..."**
>
> **GEORGE GARDNER: '<Viagens no Brasil, 1836--1841". Tradução de Albertino Pinheiro, São Paulo, 1942, pág. 446.**

Na evolução histórica e econômico-social da Serra Fluminense temos sempre observado a influência dos fatôres geográficos no seu gradativo seccionamento em municípios.

O homem disperso numa topografia tormentada, em sítios e fazendas perdidos num espêsso matagal, põe-se a dominá-lo com o seu labor obstinado e rude. De começo isolam-se os pioneiros na floresta, alargando clareiras que se revestem de lavouras. Distâncias de quilômetros ou mesmo de léguas quase o prendem na solidão. A selva o engrada num cárcere impenetrável de troncos milenares.

Com a sua tenacidade, porém, surgem as primeiras colheitas, e com elas o comércio vivifica tôda a Serra de uma inédita circulação. Alargam-se as trilhas em estradas batidas pelas tropas. Dos pousos nascem os povoados que evolucionam com a própria

valorização da terra pelo trabalho agrícola, incentivador da imigração e de renovadoras iniciativas.

Ràpidamente se esboçam em cada zona tendências grupalistas, pela obrigatória frequência das mesmas vias de comunicação que enfeixam mútuos interêsses e congregam os habitantes em mais estreita sociabilidade.

Vemos assim que, entre as causas mais profundas da formação dos municípios, ressalta a própria topografia. É ela que isola os povoadores em bacias de limites montanhosos e que determina, sobretudo os traçados da rêde circulatória, fator primário na grupação de interêsses municipais.

Um dos municípios que melhor nos mostram em sua origem essa atuação dos imperativos topográficos é o do Sapucaia.

Desde que nos fins do século XVIII, após a prisão do "Mão-de-Luva", foram estabelecidos registos nas margens do Paraíba nos "Sertões de Leste", mineiros atravessaram êste rio, vindo se estabelecer na terra fluminense. Ao mesmo tempo abria-se um caminho de Paraíba do Sul para jusante, rente ao leito do grande curso d'água, facilitando a penetração da nova zona em desbravamento por elementos fluminenses.

No século seguinte, rasgavam-se as estradas de Majé ao Paraíba, passando por Teresópolis e daí seguindo o Paquequer-Pequeno, e de Nova Friburgo ao mesmo rio, ao longo do curso do Paquequer, a qual deu origem ao desenvolvimento de Sumidouro.

Com êstes novos caminhos ligando a zona de Sapucaia as margens da Guanabara, habitantes da Baixada e imigrantes de além-mar multiplicaram o número de pioneiros que se atiravam contra as florestas serranas.

Em agrupamentos iniciais fincavam-se os primeiros marcos das futuras povoações. E a primeira destas no atual território de Sapucaia, veio a crescer em tôrno da capela de Nossa Senhora da Aparecida, elevada a paróquia por lei de 26 de abril de 1842 com a sua área desmembrada das freguesias de São José do Rio Prêto e de Nova Friburgo. [277]

Do município dêste nome ao qual primitivamente pertencia, Aparecida foi destacada em 17 de maio de 1847, incorporando-se ao de Majé.

Dessa transferência, porém, nenhum efeito veio a repercutir no insignificante arraial, descentralizado numa gleba de grandes possibilidades para a lavoura. Mas a margem do Paraíba outro núcleo iria aparecer, no local de uma enorme *sapucaia,* em tôrno a qual nascia um vilarejo com o mesmo nome dêsse gigante das florestas.

---

[277] OLIVEIRA JÚNIOR, Desiderio **Luis:** *Legislação sôbre os Municipios, Comarcas e Distritos.* **Rio, 1926,** pág. 482.

A freguesia de Santo Antônio da Sapucaia foi criada em 18 de novembro de 1871. O seu isolamento da longínqua sede municipal na Baixada Fluminense e o seu rápido povoamento com a cultura do café decidiram o govêrno em 7 de dezembro de 1874, a formar o município de Sapucaia, constituído dessa paróquia e das vizinhas, de São José do Rio Prêto e da Aparecida. [278]

Com vários reajustamentos territoriais no início da República, entre os quais mencionaremos a criação do distrito de Anta em 1890 e a temporária anexação do município de Sumidouro em 1892, — o qual no mesmo ano voltou a emancipar-se —, Sapucaia progressivamente se organizava em uma das mais sólidas entidades municipais serranas.

A importância do local como centro de comunicações com Minas Gerais já se manifestava em 1857 pela construção de uma ponte pênsil sôbre o Paraíba, a primeira dêsse gênero executada no Brasil.

Em 1872 já existiam 14 776 sapucaienses, [279] cujo número vinte anos depois, em 1892, subira a 27 079, dos quais 8 926 eram habitantes da cidade. [280]

Foram estas, entretanto, as mais altas cifras atingidas até hoje, e que refletiam ainda o apogeu da cultura do café. Também ali o êxodo era inevitável com o nôvo ciclo da pecuária que fêz diminuir a população em 1920 para 19 100 pessoas, e em 1940 para 13 349, quando então apenas 1358 residiam na cidade.

Não obstante porém êsse declínio, Sapucaia é ainda um dos municípios serranos de bom índice demográfico, apresentando em sua zona rural cêrca de 28 habitantes por quilômetro quadrado. O homem parece ter-se ali apegado a terra que só abandona a contragosto o que nos anima a prever uma brilhante e próxima renovação das suas bases econômicas.

Em suas fazendas onde atualmente se avantaja a pecuária, cuida-se da criação selecionada, sendo de notar-se que, na de Lordelo foram obtidos zebróides do cruzamento da zêbra com a égua, importante inovação na cria de muares.

A média altitude da maior parte das terras municipais onde a estação ferroviária da sede está a 214 metros, permite os plantios mais diversos, desde a cana-de-acúcar, o café, o arroz e o algodão às frutas européias. Na pomicultura que se desenvolve, são notáveis as suas mangas de grande fama e exportação.

Para o seu ingresso no ciclo industrial conta o município com a vantajosa utilização possível da energia hidráulica do pró-

---

278 Idem, pág. 486.

279 "Relatório Apresentado ao Ilmo. Exino. Sr. Dr. JOSÉ TOMÁS DA PORCIÚNCULA, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, pelo Diretor Interino dos Negócios do Estado, Bacharel MIGUEL JOAQUIM RIBEIRO DE CARVALHO". Rio, 1892.

280 FAVILA NUNES, J. P.: Recenseamento do Estado do Rio de *Janeiro,* Rio, 1893, pág. 129.

prio Paraíba que nêle passa velozmente encachoeirado, salientando-se as quedas do Juseu e da Sapucaia, esta última próxima à cidade, cujo futuro é garantido pela Estrada de Ferro Central do Brasil, que nela toca, seguindo uma das vias mais naturais de comunicação entre as terras mineiras e fluminenses riscadas pelo sulco do rio que as separa.

Já beneficiada com os imprescindíveis melhoramentos urbanos de uma boa iluminação elétrica e de perfeitos serviços de água e esgotos, a cidade de Sapucaia aguarda apenas o renovamento econômico do município pela industrialização, para que se torne um dos mais prósperos centros culturais da Serra, projetando ao mesmo tempo uma progressista irradiação sôbre as fronteiriças terras mineiras.

Sapucaia resultante dos caminhos de penetração para uma isolada zona a margem do Paraíba, deve em síntese a sua evolução *e* autonomia aos fatôres geográficos, que individualizaram numa área serrana características para a formação de um centro municipal, cuja sede crescera no cabeço de uma ponte sôbre o Paraíba.

17 — CARMO E A INFILTRAÇAO MINEIRA PELOS CAMINHOS DO "MÃO-DE-LUVA" E BAIXO PAQUEQUER

Na imigração dos habitantes de Minas para a Serra Fluminense a zona de Carmo foi a terceira invadida, ainda no século XVIII, depois de Paraíba do Sul e de Resende.

Como já expusemos, parece ter sido em Pôrto Velho do Cunha que o rio foi atravessado pelo "Mão-de-Luva" e os seus faiscadores, ao se embrenharem nos "Sertões de Leste", onde com a mineração do ouro começaram a desbravar as florestas de Cantagalo.

Com a expedição do govêrno mineiro, enviada contra êsses aventureiros, é bem provável ter sido o próprio TIRADENTES o fundador do registro do Cunha, com o qual seria fiscalizado um dos mais concorridos caminhos para a expansão do café no seguinte século.

Ao dissipar-se a ilusão do ouro, continuou a velha estrada a ser percorrida, mas já agora por colonos menos visionários que se dedicando ao plantio de cereais tornaram-se logo a seguir lavoristas de café, mormente na bacia do ribeirão 'do Quilombo e por todo o baixo Paquequer.

Entre os primeiros povoados, sobressaíra o pequeno arraial da Samambaia a uns dez quilômetros do último cotovêlo dêsse rio e à sua margem direita, já existindo no local uma capela antes de 1853.

Edificando-se nôvo templo, foi êle utilizado, em 25 de abril de 1842, para a criação da freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo. [281]

Do tôpo da sua colina com cêrca de 400 metros de altitude, já se podia contemplar então, pelo descortino de amplos panoramas, a transfiguração espetacular da Serra, onde em planos sucessivos, os cafèzais iam caminhando pelas serranias. Cedo começara Carmo a centralizar uma crescente prosperidade agrícola.

Em 1872 a população da freguesia do Carmo era de 7 026 habitantes, iniciando-se a construção de uma nova matriz, inaugurada em 1876.

Tão sensível se torna o desenvolvimento econômico da paróquia que, por lei de 13 de outubro de 1881, o Govêrno a eleva a município, desmembrando-a de Cantagalo e anexando-lhe a vizinha freguesia de Sumidouro, destacada de Nova Friburgo. O arraial do Carmo que passa então a vila, subira a cidade em 12 de dezembro de 1889.

Das poucas velhas zonas serranas que não desmoronaram logo após a abolição da escravatura, o município de Carmo veio entretanto a sentir os seus efeitos, visíveis pelo recenseamento de 1892, quando para uma população total de 10 604 habitantes, 7 015 eram da área urbana.

O regresso a vida rural com novos métodos de trabalho remunerado não se fêz todavia esperar. As atividades agrárias intensamente recomeçaram. e, em 1910 a produção desta pequena unidade municipal era de 1800 000 quilos de café, além de 20 000 sacos de milho, 10 000 de feijão e 30 000 de arroz.

Grandes criadores de gado de raça entre os quais se destacariam os **LUTTERBACH,** também ali incentivavam uma pecuária selecionada.

Em 1920, a população urbana de 8 704 pessoas e a municipal de 13 326 ainda nos mostram que o crescimento continua. Mas o censo de 1940 exibe-nos o mesmo alarmante fenômeno demográfico já presenciado em outros municípios serranos. O número total de habitantes decresce para 11 922, enquanto a população urbana desce a 1334, contando-se nesta cifra também os núcleos distritais. A cidade do Carmo abriga, então, sòmente 1 099 almas.

Tais dados parecem indicar a terminação tardia do ciclo do café nesta zona fluminense, agravada com a crise financeira do produto, sendo ao mesmo tempo expositivo da expansão da pecuária, tão promissoramente iniciada em grandes fazendas, mas, como sempre, contrária a um elevado índice demográfico.

Carmo entretanto apresenta excepcionais possibilidades para grandes indústrias, como a energia elétrica da companhia "Light

---

[281] CORTINES LAXE: Regimento das Cdmaras Municipais. 2.ª edição correta e aumentada por ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES, Rio, 1885, págs. 477-478.

and Power", gerada em seu próprio território na grande usina da Ilha dos Pombos, onde é barrado o Paraíba não longe da foz do Paquequer, próxima a qual, na margem mineira, um nó ferroviário de três ramais facilita o transporte da matéria-prima e dos produtos industrializados.

18 — SUMIDOURO E O "CAMINHO DO PAQUEQUER"

É êste o único município distanciado da estrada geral das minas de Cantagalo, cujo nome ainda aparece no século XVIII, pois o vimos citado por ALBERTO LAMEGO ao descrever a diligência do tenente-coronel MANUEL SOARES COIMBRA que em 1786 ali instalara um pôsto militar.

É bem possível que fôsse ao redor dessa mesma guarnição que, tranquilizados pela presença da tropa, erguessem os primeiros colonos os seus casebres na floresta virgem.

Com o correr dos anos, tornando-se crescentemente percorrido o caminho de Minas a Nova Friburgo e ao Rio de Janeiro, veio aumentar o povoado que é elevado a freguesia em 31 de maio de 1843, sob a designação de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer.

Vindo o café, para ali descem colonos de Nova Friburgo, tangidos pelo rigor do clima para a lavoura, aos quais se juntam mineiros numerosos. Por ambas as margens do Paquequer numerosas fazendas atacam o matagal, tornando a freguesia uma das mais prósperas zonas cafeeiras friburguenses.

Vimos que Sumidouro foi incorporado ao município do Carmo ao ser êste fundado. Mas a sua solidez econômica e o contínuo crescimento da população que, de 4 015 habitantes em 1782, passara a 9 245 em 1890 eram índices da sua próxima autonomia, que se veio a dar em 10 de junho dêste último ano.

O pequeno município de Sumidouro foi uma das várias unidades municipais criadas pela República, instáveis quase tôdas, algumas desaparecidas por decretos posteriores. Assim foi êle extinto em 28 de maio de 1892, sendo porém restabelecido em 5 de novembro do mesmo ano.

Também se poderá dizer que nêle, as possibilidades demográficas foram esgotadas com o café, cuja produção em 1910 ainda era de 110 400 arrôbas, as quais se adicionavam 6 100 sacos de milho, 4 300 de feijão e 1 650 de arroz.

Em 1920 o número de habitantes baixara ligeiramente para 8 811, tornando, porém, a subir, em 1940, para 9 316. Mas neste ano, a sede urbana do seu único distrito nada mais é que um vilarejo com 57 casas e 282 habitantes.

Sumidouro é portanto um município quase exclusivamente rural. Cêrca da metade das suas propriedades agrícolas tem uma área inferior a 40 hectares e a pequena superfície municipal é de 267 quilômetros quadrados. Dentro destas limitações superficiais é, porém, esta zona uma das mais eficientes da Serra pelo trabalho agrícola e por suas vantajosas possibilidades industriais.

Sumidouro demograficamente resistiu ao descalabro geral da Serra com a Abolição e o declínio da cultura do café. Não verificamos ali o mesmo êxodo observado em outras zonas cafeeiras. Como que enraizado ao solo, o camponês dedica-se com o mesmo afinco ao plantio de cereais, completando a sua economia agrícola com a criação de porcos, e mesmo com alguns milhares de cabeças de gado, não obstante os morros íngremes da sua topografia municipal.

Para esta fixação do homem ao solo parecem, no entanto, haver contribuído os fatôres geográficos. O município de Sumidouro é limitado por grande parte da bacia do Paquequer, cortado, assim, de sul a norte, por êste rio que sulcou o traçado natural de,uma via-férrea.

Embora sem possibilidades de navegação, o encachoeirado Paquequer indica brilhantes realizações no campo industrial à espera da nova mentalidade que já começa a invadir a Serra. Com o transporte ferroviário já organizado e dirigido para o Rio de Janeiro através de Nova Friburgo, os milhares de cavalos das suas cachoeiras — entre as quais mencionaremos a do Conde d'Eu, a de Lambari e a do ri6 São Lourenço —, já utilizados em pequena escala nos ribeirões que movem moinhos de farinha e engenhos de café, açúcar e aguardente, acenam para os iniciadores do grande ciclo industrial serrano que, sem demora por ali não tardarão com atividades equivalentes a generosa oferta que lhes faz a natureza com a energia hidráulica.

19 — DUAS BARRAS, NAS CABECEIRAS DE TRÊS RIOS, ENCONTRO DE CAMINHOS NATURAIS DE PENETRAÇÃO

Ainda ao norte de Nova Friburgo e estendendo-se pelas cabeceiras dos rios Negro, Macuco e Grande, recorta-se por entre vales e montanhas o município de Duas Barras.

Zona logo atingida pela primeira dispersão dos colonos friburguenses e pelos desbravadores de Cantagalo, em tal maneira veio a crescer a sua população que é esta uma das áreas de maior densidade demográfica do Estado.

Nascendo como capela filial da freguesia de Cantagalo, tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição, foi o templo

elevado a curato em 1836, passando a freguesia em 24 de outubro de 1856.[282]

Subordinada a economia rural dos dois poderosos municípios vizinhos, não se cogitou no Império em destacar ali uma nova unidade municipal. A República, porém, disseminadora de centros administrativos por tôda a Serra, dá-lhe autonomia em 8 de março de 1891, designando-lhe para sede a povoação de Tapera, que passa a chamar-se Duas Barras e cuja população no censo do ano seguinte é de 7 329 habitantes de um total de 10 563 para a área municipal.[283]

De longa data cultivada pelos cafèzais, a produção de café em 1910 via-se reduzida a 280 arrôbas. Mas 6 500 sacos de feijão, 60 000 de milho e 8 000 de arroz testemunham a multiplicidade do labor agrícola.[284]

Estando a sede longe de estradas de ferro, e transferida em 18 de janeiro de 1915 para Monerá, sendo porém restabelecida no primitivo local em 27 de dezembro de 1923.[285]

Com a sua atividade agrícola, êsse pequeno município vê em 1920 a sua população crescida para 19 391 habitantes, com 9 651 na sede. O índice demográfico é então de 26,65, o mais elevado em tôda a Serra Fluminense.

Dos seus 329 estabelecimentos rurais naquele ano recenseados, 176 eram inferiores a 41 hectares, e, os restantes 103 não iam além de 100 hectares, o que nos revela a generalização da pequena e média propriedade.

Não obstante ser intenso o trabalho agrário neste município, como se vê nas cifras de produção apresentadas, a indústria pastoril tende crescentemente a dominá-lo. Magníficos rebanhos de gado selecionado, acusam em várias fazendas um cuidado permanente e o emprêgo de métodos científicos na pecuária, completada pela industrialização de lacticínios. Além de 4 682 bovinos a economia rural era acrescida no referido censo de 12 275 suínos, cifra alta que nos parece indicar os resultados da criação em pequenas propriedades.

Provàvelmente as mesmas causas apresentadas para o despovoamento de outras zonas serranas, — a finalização do ciclo do café e o desenvolvimento da pecuária —, é que também aqui iremos ver. O mesmo fenômeno de um declínio grande na estatística demográfica. Segundo o censo de 1940, a população municipal é apenas de 10 229 habitantes, descendo a urbana dos seus dois distritos a 776 e não contendo a sede mais de 503.

---

[282] CORTINES LAXE: *obr. cit.*, pág. 91.

[283] FAVILA NUNES: obr. cit., pág. *124.*

[284] *Questionários sôbre as condições da agricultura dos municípios do Estado do Rio de Janeiro.* Ministério *da Agricultura, Rio,* 1913, pág. 39.

[285] MATOSO MAIA FORTE. *Jose: O Estado do Rio de Janeiro, Rio,* 1928.

A não ser na zona de Monerá, Duas Barras não é favorecida por estrada de ferro cuja penetração se torna difícil através de uma topografia acidentada de cabeceiras de rios, o que torna problemático o repovoamento da área municipal gasta pelos cafèzais, por meio de grandes indústrias.

Os seus progressistas fazendeiros, entretanto, cedo compreenderam as novas possibilidades que se lhes apresentam com a criação de finas raças de gado, num clima próprio a uma científica seleção, cujos produtos de elevado preço já lhes mostram a generosa recompensa da natureza ao trabalho paciente unido a inteligência.

Em sua paisagem de cabeceiras de cursos d'água a retalharem um relêvo acidentado, é provável que, em Duas Barras encontrem os serranos uma zona ideal para a fruticultura e a indústria pastoril especialmente orientada em raças de leite, trabalhos êstes que em geral conduzem a elevados padrões de vida rural sadia, quando bem aceitos por comunidades compreensivas do valor coletivo da pequena propriedade.

20 — BOM JARDIM E O CENTRIFUGISMO AGRÍCOLA DE NOVA PRPBURGO PELA IMPOSIÇÁO CLIMATICA

Os que nos seguiram na exposição das primeiras entradas nos "Sertões de Leste", e se inteiraram da sua potamografia, hão de perceber que o trajeto de penetração mais natural para os habitantes de Nova Friburgo era o vale do rio Grande para o qual desceram agricultores em busca de terras menos frias e próprias para o café. E êsse povoamento iria dar origem, nas margens do riberão São José, a um agrupamento que, em 13 de outubro de 1857, seria elevado a freguesia sob o nome de São José do Ribeirão, a atual Paraim.

Não contava o vilarejo com o auxílio da sede municipal; onde os seus administradores andavam por demais atarefados com os problemas locais. Mas a bem menor altitude de São José iria estimular o plantio do café em grande escala, com a formação de sólida economia agrária em tôrno do arraial. Para ali descem continuamente lavoristas desenganados pelo clima de Nova Friburgo e cedo começam as plantações a substituir a pesada massa vegetal das grandes florestas.[286]

---

[286] A influência dos imigrantes de Nova Friburgo neste municipio, pode ser avaliada pelos nomes das primitivas famílias dos seus núcleos distritais:

Bom *Jardim:* Monnerat, Dias de Oliveira, Correia da Rocha, Silveira do Amaral, Schmidt, Chevraud, Rimes, Moreira, Martins Alves, Seneby, Feliciano Pinto, Medeiros, Torres. Lopes de Almeida, Bezerra, Veloso, Bittencourt, Vendas Rodrigues, Berçot, Soares Moreno, Aguiar, Dias Ribeiro, Oliveira Dias, Carriello, Catremall, Macedo, Serpa Pinheiro de Carvalho, Pinto da Costa, Nunes do Couto, Azeredo, Gusmáo, Brandáo, Pereira Batista, etc.

São *José* do *Ribeirão*: Caetano de Azevedo, Hoeltz, Castro e Sousa Batista, Schumacker. Eller, Asth, Ferreira da Rocha, Tolly, Soares de Alvarenga, Gonçalves Coelho, Schotz,

Na subdivisão dos antigos municípios serranos logo após o advento da República, São José do Ribeirão é um dos primeiros beneficiados com o decreto de 6 de julho de 1891.[287] Fôra êle, porém, uma das entidades municipais criadas apressadamente, centralizadas num pequeno burgo sem bastante fôrça coesiva para garantir ao nôvo município uma sólida estabilidade administrativa. Daí, a quase imediata revogação do ato governamental no ano seguinte, decisão esta por sua vez também logo reconsiderada. Em 17 de novembro de 1892, o município é restabelecido, tendo por sede Bom Jardim que nascera de um pouso de tropas na estrada de Cantagalo, sendo já distrito policial em 25 de outubro de 1886.[288]

Esta recomposição municipal com terras pertencentes também a Cantagalo, dá-lhe uma população de 13 221 habitantes, não tendo porém a vila mais de 2 174.[289] A primitiva freguesia de São José do Ribeirão, quando elevada a município, continha 7 962 habitantes, reduzidos em 1890 a 5 472.[290]

Com a nova sede na Estrada de Ferro de Cantagalo, poderia agora a entidade municipal evolucionar como um centro agrícola entre os melhores da Serra, vindo a ser um dos maiores produtores de café no período republicano, além da intensificação de outras lavouras.

No censo de 1920 a sua população era de 19 445 habitantes com 9 844 na sede urbana. Produzia então 5 000 000 de quilos de café, 30 000 sacos de feijão, 20 000 de milho e 8 000 de arroz.

Com mais de metade das suas propriedades rurais de área inferior a 41 hectares e com desenvolvdia policultura, Bom Jardim exemplifica as grandes possibilidades da economia rural da Serra com a subdivisão da terra.

Mas infelizmente o ciclo da pecuária também viria prejudicar a demografia municipal. O censo de 1940, desconcertante como sempre, mostra-nos a população reduzida a 18 733, registrando apenas 1125 na cidade.

Mais uma vez se nota o êxodo em grande escala das povoações da Serra Fluminense com a indústria pastoril já bem adiantada em Bom Jardim, em 1920, com as estatísticas de 15 297 porcinos e 3 367 bovinos.

Gonçalves de Morais, Gripps, Winter, Anjos, Silveira Dias, Sanglard, Combat, Rodrigues de Carvalho, Friedman, Debossens, Armand, Oberlaender, Fernandes dos Santos, Pinto de Queirós, Marques de Oliveira, Silva Braga, Frotte, Lisboa, Schneider, Pereira de Abreu, Lobach, Hecker, Filipe de Azevedo, Marchesi, Alves Ribeiro, etc.

Banquete: Coelho Gomes, Monnerat, Alves de Mesquita, Cardoso. Frossard, Zebendo. Caetano da Silva, Neves Dutra da Costa, Xavier Antunes de Morais, Gomes.

Barra Alegre: Baloneck, Benvenuti, Klein, Emmerich, Gevigier, Erthal, Kump, Maciel, Maftern, Melo Perroud, Schort, Stutz, Tardin, Verly, Gomes,. Baldo, Aguiar, Boechat, etc. (PEÇANHA, Celso: O *cinqüentenário* da autonomia *administrativa* de Bom *Jardim*. "O Jornal", 5 de março de 1943).

287 MATOSO MAIA FORTE, José: obr. cit.

288 OLIVEIRA JÚNIOR, Desidério: obr. cit., págs. 53-54.

289 CAETANO DA SILVA: Corografia Fluminense, pág. 289.

290 RIBEIRO DE CARVALHO, Miguel Joaquim: relat. cit.

Com a revisão dos nomes de localidades do Brasil, passou êsse município a denominar-se Vergel, voltando porém ao seu antigo nome.

21 — CORDEIRO, A INFLUÊNCIA DA TOPOGRAFIA NO URBANISMO E A TECNIZAÇÃO DA PECUÁRIA

Na recente fundação dêste município temos ainda um exemplo da influência decisiva dos fatôres geográficos na evolução das atividades humanas, congregando-as em tôrno de novos centros, a despeito de antecedentes históricos que reforçam a coesão administrativa de velhas cidades.

Na fragmentação municipal da primitiva comarca de Cantagalo vimos o seu território dividido pela centralização de grupos em tôrno de novos burgos esparsamente nascidos ao longo das diversas vias de penetração. No presente caso, porém, é a própria sede inicial, a vetusta cidade erguida sôbre os fundamentos precursores do "Mão-de-Luva" que perde o seu prestígio para uma povoação que dela dista apenas, pouco mais de légua.

Na formação dos núcleos urbanos a mineração é o fator que menos favorece a escolha de sítios mais apropriados a sua futura evolução. O local das jazidas auríferas, sobretudo, quase sempre em lugares montanhosos e fora das vias naturais mais indicadas, é que determina a fixação dos arraiais, sem quaisquer previsões de futuros urbanismos. Exemplos notáveis se apresentam no Brasil com as velhas cidades mineiras, muitas delas paralisadas com o esgotamento das suas lavras e reduzidas a relíquias históricas, entre as quais a mais conspícua é a própria velha capital, Ouro Prêto, erguida com o labor de séculos mas suplantada por Belo Horizonte, criada expressamente para a substituir.

O mesmo se deu na fundação de Cantagalo comprimida em estreito vale entre altos morros, sem possibilidades de expansão e quase estagnada desde o passado século. Mais ao sul, entretanto, sem possuir nenhuma auréola de prestigiosas tradições, Cordeiro rapidamente vem sobrepujando a sede histórica da comarca.

Nascera o povoado em bem mais amplo vale circundado de suaves colinas, sôbre uma das quais se erguia a casa da velha fazenda de Cordeiro.

Um dos grandes fazendeiros desta zona foi o conselheiro PAULINO SOARES DE SOUSA, proprietário de Val de Palmas em Macuco.

Ao ali chegar a Estrada de Ferro de Cantagalo em 1875, as primeiras casas comerciais começaram a aparecer em tôrno da estação. E desde que no ano seguinte foi inaugurado o tráfego ferroviário de Nova Friburgo a Macuco, poder-se-ia conjeturar a suplantação da cidade de Cantagalo por um nôvo centro que em breve surgiria. De fato, esta linha então considerada tronco; des-

viara-se para leste, seguindo o curso do rio Macuco, ao chegar a Cordeiro, de cuja estação partia curto ramal para a sede da comarca, pelo qual o tráfego era "a princípio feito por um carro a tração animal". [291] A cidade famosa e centenária já se via diminuída pela previsão da técnica, mesmo antes da existência de qualquer outro núcleo de importância na zona por ela dominada.

Cordeiro torna-se um ponto visado pelo intercâmbio comercial, e, com o prosseguimento da estrada de ferro até a margem do Paraíba, um entroncamento com a linha de Macuco e um centro de convergência de várias estradas de rodagem.

Desde então vemos o arraial ràpidamente progredir. "Artistas, pequenos industriais, operários vieram nêle estabelecer-se em 1883. e oito anos após o seu aparecimento podia-se calcular em 600 a 700 almas a sua população. [292]

O seu desenvolvimento intelectual logo se patenteia pela abertura de dois colégios no ano seguinte e pela imprensa que, em 1886 ali aparece com O Monóculo, editado pelo barão de Dourado, figura de prol da aristocracia cantagalense.

O decreto de 9 de setembro de 1890 cria no arraial um distrito policial e no dia seguinte, um de paz em Macuco, [293] e já em 1891 a povoação é focalizada por um ato do govêrno que para ali transfere a sede da comarca enquanto dura a epidemia de febre amarela em Cantagalo. Já se encontrava esta cidade em tal maneira debilitada que, nesse mesmo ano, dela se destacam dois novos municípios, os de Cordeiro e Macuco, a diminuírem ainda mais o seu território, já reduzido no ano anterior pela criação do efêmero município de São Sebastião do Paraíba.

Em nenhuma dessas três entidades amadurecera, entretanto, o prestígio para a autonomia, voltando tôdas em 8 de maio de 1892 a ser reincorporadas a Cantagalo. [294]

O progresso de Cordeiro continua, porém, acelerando-se. Intensifica-se em todo o seu distrito a produção até que, progressivamente venha a tornar-se o maior centro de atividades, tanto comerciais como industriais do município cantagalense. Além dos produtos agrícolas as indústrias de lacticínios, de tecidos, de massas alimentícias e de madeiras manufaturadas multiplicam a sua economia.

Um dos fatôres que mais influenciariam o seu desenvolvimento foi a criação de um pôsto de zootécnica ali estabelecido pelo Govêrno. Dêle imediatamente se beneficia um esclarecido escol de fazendeiros, com tal proveito selecionando raças bovinas e cavalares que, na administração estadual do Presidente RAUL VEIGA, realiza-se, na vila grande exposição agropecuária com a presença do

---

[291] FERREIRA DIAS, Acácio: obr. cit., pág. 190.
[292] Idem. pág. 278.
[293] OLIVEIRA JÚNIOR, Desiderio Luis de: obr. cit., págs. 113-114.
[294] Idem, pág. 119.

presidente da República, Dr. EPITÁCIO PESSOA. Desde então, repetindo-se anualmente essa exposição visitada por milhares de forasteiros, elevou-se o nome de Cordeiro.

Essa mostra que em nossos dias é um dos acontecimentos de maior relêvo na Serra, grandemente contribuiu para a evolução da vila, incentivando um bairrismo progressista com melhoramentos urbanos facilitados pela topografia.

Claro está que, tôda essa atividade iria ressuscitar antigos instintos separatistas precocemente ensaiados em 1891, e cujos novos prenúncios seria a elevação de Cordeiro a subprefeitura em 1936, no govêrno estadual do almirante PROTÓGENES GUIMARÃES.

Em 1940, de uma população distrital de 5 006 habitantes, o perímetro urbano encerrava 2 120.

Pelo decreto de 31 de dezembro de 1943, Cordeiro foi afinal erguido a município com a anexação do distrito de Macuco, também essencialmente pastoril e de grande exportação de lacticínios.

Os fatores geográficos responsáveis pela origem dêste centro de comunicações, acabaram por arrancar a Cantagalo a sua zona mais próspera não obstante a vizinhança da nova sede municipal, concorrendo para essa emancipação a sua pecuária especializada.

22 — SANTA MARIA MADALENA, UM "OPTIMUM" PARA *O* CAFÉ EM FACE À DUBLA CORRENTE MIGRATÓRIA

O perfil da serra do Mar visto da Baixada entre Macaé e Campos é dos mais acidentados e ricos em originalidade pelos grandes relevos montanhosos. O pico do Frade, a serra do Homem Deitado, o Capacete da República, entre outros, sucedem-se até as selvagens escarpas do Mocotó, numa formidável série de montanhas entre as quais o Desengano é culminante.

Visão que se assemelha a da serra dos Órgãos nos fundos da Guanabara. Dir-se-ia tudo aquilo ser escassamente palmilhado pelo homem, tal a escabrosidade em que se nos mostra a cordilheira partida por sistemas de falhas.

Em meio e atrás de todo êsse tumulto orográfico, labuta, porém, uma ativa população na conquista do solo e espalhada por dois municípios que se estendem desde as abas da Serra na Baixada até a margem direita do rio Grande.

Um dêles, cuja sede, Santa Maria Madalena, é o principal centro desta zona que como quase tôdas as povoações de Serra-acima também se filia ao grande ciclo do café.

Já existindo na freguesia de São Francisco de Paula antes dos meados do novecentos o pequeno arraial do Santíssimo, nêle doou o padre FLOTET em cumprimento de uma promessa feita, ao sofrer de grave moléstia dos olhos, terras para edificar uma capela que

veio a ser curato em 15 de setembro de 1851, sob a invocação de Santa Maria Madalena. [295]

Indo o seu território até a Baixada Fluminense é desta que sai parte da sua população que se transforma em monta-nheses, enquanto no âmago da Serra novos lavoristas vindos de Cantagalo e de outros municípios para ali acorrem atraídos pela altitude das suas encostas de morros que apresentam um *optimum* para o café.

Com êsse duplo afluxo imigratório Madalena rapidamente se povoa, tornando-se necessária a criação de nôvo município, decretada em 24 de outubro de 1861, ao qual se agregam, destacadas de Cantagalo, as freguesias de São Sebastião do Alto e de São Francisco de Paula. [296]

Começam então a crescer consideravelmente as suas lavouras de café, incentivadas pela mais rápida exportação ,através do pôrto de Macaé, ou embarcadas em São Fidélis, onde a navegação fluvial se faz daí a São João da Barra.

A presença de titulares rurais em Madalena, no Segundo Reinado, testemunha o aprêço imperial a sua importância agrícola, nessa época nobiliárquica em que se computava o prestígio econômico de uma zona rural pelo número de barões nela agraciados.

Em 1876 labutavam nas fazendas municipais 11 233 escravos seguro índice da sua pujança econômica e de uma elevada cultura na serra madalenense. Cultura essa, porem, quase exclusivamente limitada aos solares rurais. **A** pequena sede foi mantida como vila até a República, só vindo a obter o título de cidade em 28 **de** julho de 1890.

Dois anos depois, o censo enumera para um total de 12 636 habitantes, 8 014 moradores urbanos. [297]

Madalena vê desde então crescer a sua produção agrícola. Em 1910 exporta ainda 250 000 arrôbas de café, mantendo-se a seguir por vinte anos em tôrno dessa cifra as suas safras anuais. Em 1930, a 300 000 arrôbas da rubiácea adicionam-se 1000 toneladas de rapadura, 1000 de feijão, 5 de fumo e 500 pipas de aguardente. [298]

Essa prosperidade econômica fundamentada na exploração do solo, faz-nos compreender como no período republicano até 1920, duplicara a sua população que era, nesse ano, de 24 405, contando a cidade 9 610 habitantes.

Mais uma vez, porém, as cifras demográficas de 1940 vêm mostrar-nos o êxodo serrano. O número total de habitantes era de 18 045 e o da cidade reduzira-se a 1 134.

---

[295] OLIVEIRA JÚNIOR, Desiderio Luis de: obr. cit., pág. 372.
[296] **Idem,** pag. 373.
[297] FAVILA NUNES, J.P.: obr. cit., pág. 129.
[298] *Almanaque Laemmert*, 1930, pág. 917.

Madalena, como a maioria dos outros municípios serranos, também se desviara para a criação, apresentando já no penúltimo recenseamento 9 066 cabeças de gado e 9 113 suínos.

O solo das suas encostas elevadas empobrecidos pelos cafèzais reveste-se de pastagens onde a seleção de raças leiteiras já começa a trazer ao município nova fonte de riqueza, enquanto o seu precioso clima que fêz da cidade um procurado sanatório, tende a transformá-la na Teresópolis da parte oriental da terra fluminense.

23 — TRAJANO DE MORAIS E *O* "CAMINHO DE MACABU"

Desde 1825 que muitos colonos europeus se estabeleceram na zona denominada Macabu entre altas montanhas e florestas, sendo posteriormente designado êsse agrupamento por "Colônia Macabu".[299] De outro lado, lavoristas de Cantagalo também acorreram, atraídos pela notícia de vales férteis e ocultos entre as serras, ao mesmo tempo que, da Baixada Fluminense ia subindo crescente número de imigrantes, pelo caminho natural de um rio que penetrava no âmago da Serra...

Um dos mais antigos povoados desta zona começou a juntar-se em tôrno de um pequeno templo erguido em isolado local não longe da margem direita do rio Grande, elevado a curato em 27 de maio de 1840, e a freguesia de São Francisco de Paula, em 20 de maio de 1846.

Poucos recantos fluminenses há mais acidentados que o montanhoso trecho entre aquêle rio e a cordilheira Marítima, rasgada entre as serras de Macaé, Crubixais e Macabu pelo rio dêste nome, no qual se constrói atualmente a grande reprêsa do govêrno estadual.

Talvez por tais acidentes é que, não obstante as grandes lavouras de café plantadas em fins do século passado, nenhuma importante povoação veio a se formar no meio de uma área de tão intensa atividade agrícola. O pôrto de Macaé para onde seguiam as tropas diretamente das fazendas, dispensava aliás um centro urbano para as transações comerciais. Não obstante, porém, essa inexistência de povoações de vulto, a comunicação fácil com o litoral e o isolamento desta zona da de Madalena, — fora da bacia do Macabu, e sòmente atingível através de serras —, deram ao nôvo distrito cafeeiro uma individualidade geográfica a repercutir em sua evolução social. Tinha êle os seus caminhos próprios de penetração e escoamento no alto vale do Macabu e nos afluentes dêste até as cabeceiras.

Com essa individualidade a República lhe deu a autonomia em 12 de março de 1891, sob o nome de município de São Francisco

[299] **Revista** *A* ***Verdade*** *Bom Jardim, maio de 1942*

de Paula, anexando-lhe no ano seguinte o distrito de São Sebastião do Alto destacado de Madalena. [300]

Pelos motivos discriminados foi êste um dos municípios em que mais se debateu o problema de uma sede, pois o arraial de São Francisco de Paula, mesmo passando a vila, jamais se desenvolveu. E o resultado foram as sucessivas transferências da prefeitura para Trajano de Morais — antigo São João Evangelista da Ventania, em 18 de janeiro de 1915, para Aurora em 18 de novembro de 1919, — estação de Visconde do Imbê da Estrada de Ferro Leopoldina, e finalmente regressando a Trajano de Morais em 27 de dezembro de 1923. [301]

Com a sua população disseminada sôbre uma base montanhosa, mal servida por estradas de rodagem, — a não ser a de Vila Aurora a Grama —, Trajano de Morais tornou-se entretanto uma das zonas serranas fluminenses onde o homem mais se aferrou a terra, penetrando em recantos isolados de serranias ásperas e enflorestadas, dominando-os com o trabalho agrícola, enriquecendo-se e multiplicando-se.

Em 1872 já por aquêles ermos se espalhavam 6 941 habitantes.

Quando elevado a município, com a anexação de São Sebastião do Alto, a população era de 22 046, no censo de 1892.

Quase o mesmo número, — 22 221 —, nos apresenta a estatística de 1920. Mas a densidade demográfica de 1892 é bastante alta para a Serra ainda nessa época, submetida a um geral declínio demográfico na maioria dos municípios, com a decadência da lavoura cafeeira.

O distrito da sede municipal encerrava naquele ano 4 500 pessoas.

Como exemplo da sua tenacidade agrícola no período republicano, ainda vemos a sua produção de café atingir 360 000 arrôbas em 1910, e a cifra da sua pecuária, dez anos depois era de 7 487 cabeças de gado a espalhar-se por uma base física acidentada.

Enérgica tem sido sempre a diligência dêsses montanheses. Mas também entre êles, como alhures, já se notam os mesmos sintomas do êxodo que atingiu as grandes zonas do café. A população em 1940 desce a 17 267, não contando o distrito da sede municipal mais que 4 288 e esta sòmente 767.

Trajano de Morais justapõe-se entretanto a uma das zonas da Baixada que mais se desenvolvem atualmente, na bacia do médio Macabu, após o saneamento ali executado pelo Govêrno. Os reflexos dêsse florescimento hão de recair sôbre o município serrano por um intercâmbio de atividades e interêsses. A mais promissora das suas perspectivas econômicas jaz na grande reprêsa do Macabu cujos milhares de cavalos poderão impulsionar no município vasto parque industrial.

---

300 OLIVEIRA JÚNIOR, Desidério Luís: obr. cit., págs. 424-425.
301 MATOSO MAIA FORTE, José: obr. cit.

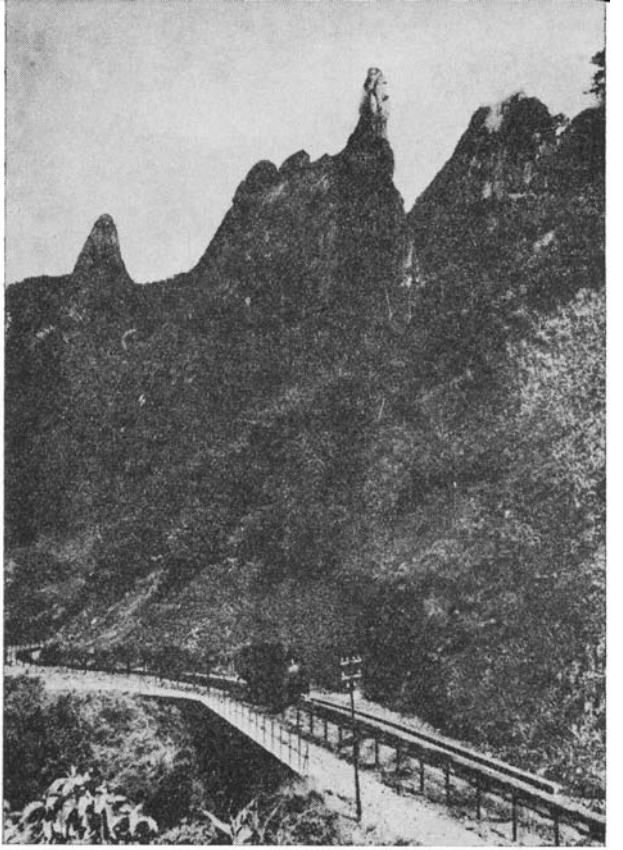
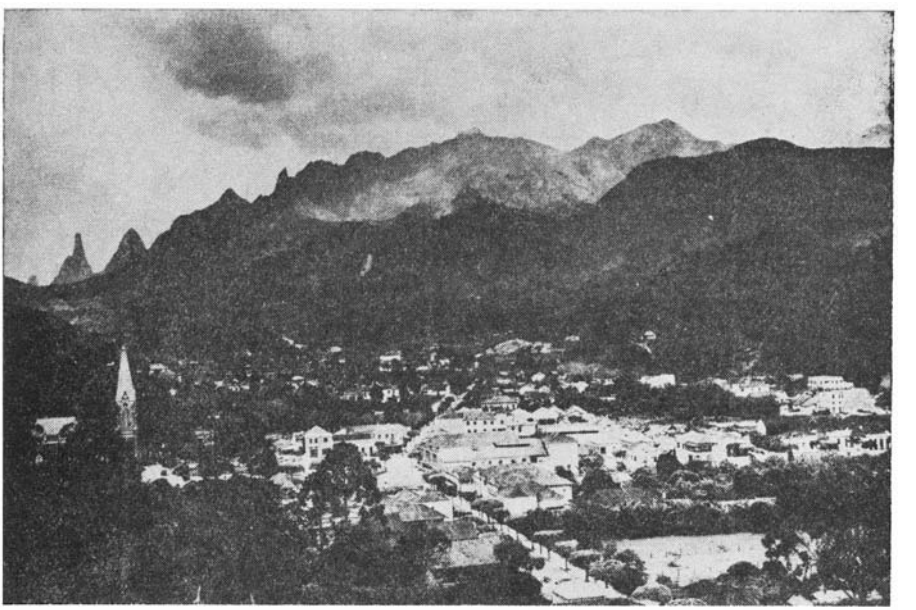


Fig. *105* — *A estrada de ferro que féz uma cidade. A cremalheira de Teresópolis, após a travessia de um dos mais Penosos e pitorescos trechos do seu traçado, ao bordejar a base do "Dedo de Deus".*

(Foto da Prefeitura de **Teresópolis)**

Fig. *106* — ***Teresópolis, com cêrca*** *de 900 metros de* ***altitude*** *é uma cidade com dois bairros distintos. Um* ***dêles*** *é a Várzea, com o seu incomparável cenário teatral da crista da serra dos Órgãos.*

(Foto da Prefeitura de **Teresópolis)**



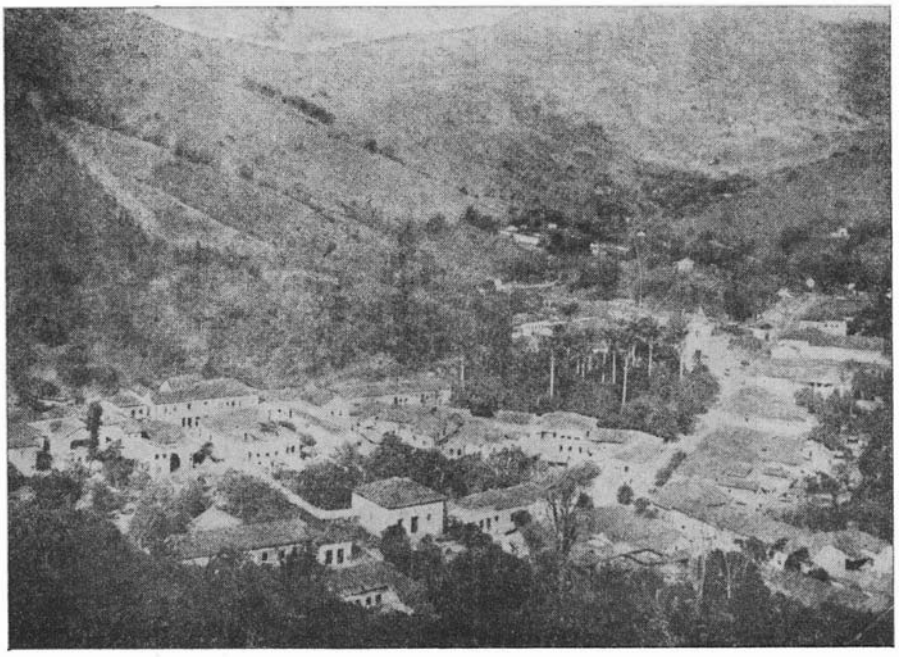


Fig. *107* — *A histórica cidade de Cantagalo, fundada na Serra no século XVIII, sob a miragem do ouro, e que se tornou um dos maiores centros de irradiação do café na terra fluminense.*

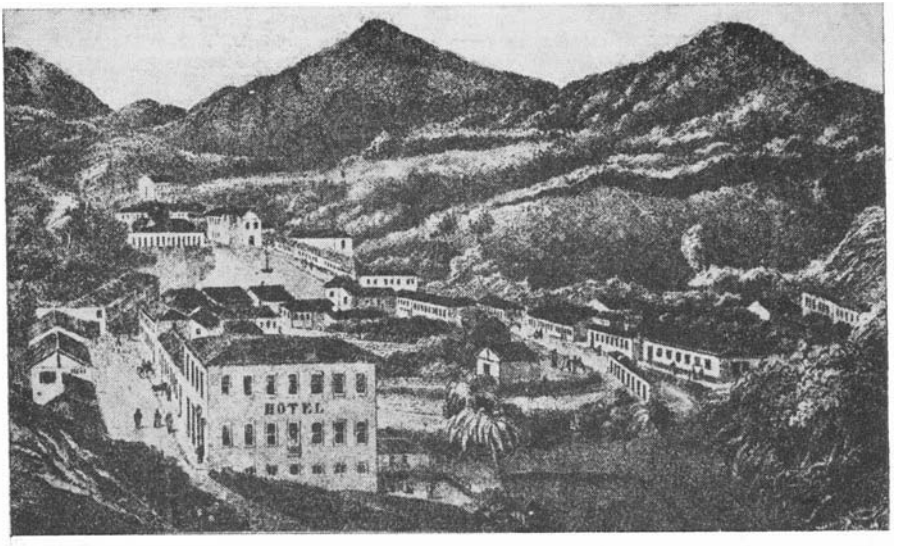


Fig. *108* — *Não obstante a sua poderosa economia agrícola e o fastigio cultural dos seus solares rurais, a famosa Cantagalo não evolucionou para uma grande cidade, como nos mostra esta gravura do período áureo do ciclo do café. Encerrada no estrezto vale do córrego Máo-de-Luva e circundada de morros altos, a sua topografia é desfavorável a projetos de um amplo urbanismo, ao mesmo tempo que o seu intenso comércio de café se fazia diretamente entre as fazendas e os portos da Baixada Fluminense, onde se localizavam as grandes firmas exportadoras, deixando o centro municipal sem um estimulante intercâmbio.*

Fig. *109* — *Apertada entre colinas, Cantagalo é quase uma cidade linear, sacrificada em sua expansão pelos fatôres topográficos.*

(Foto HÉLIO TARDIN)

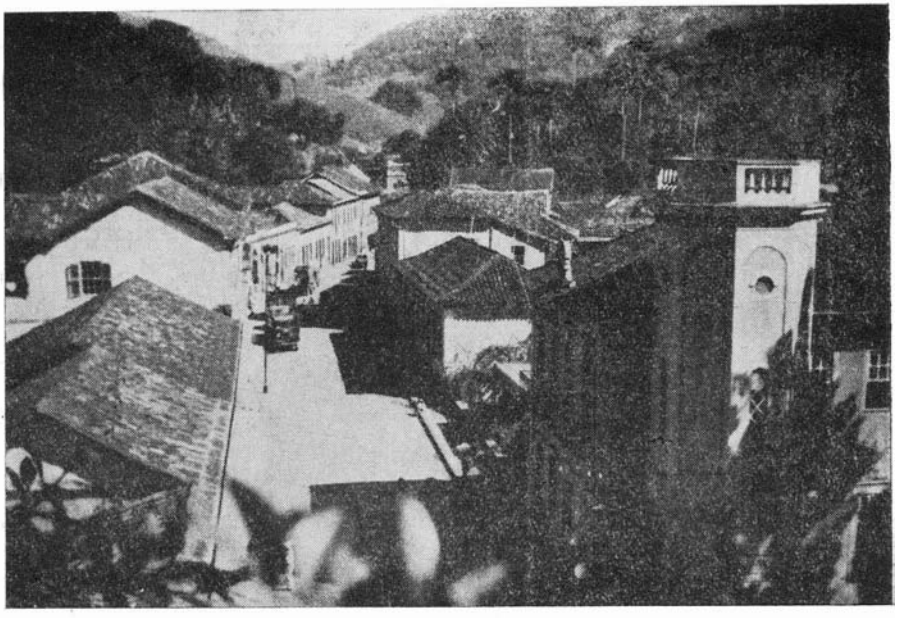


Fig. *110* — *Não obstante os melhoramentos modernos, a velha cidade serrana mantém ainda o aspecto dos seus velhos dias imperiais* ...

(Foto HÉLIO TARDIN)

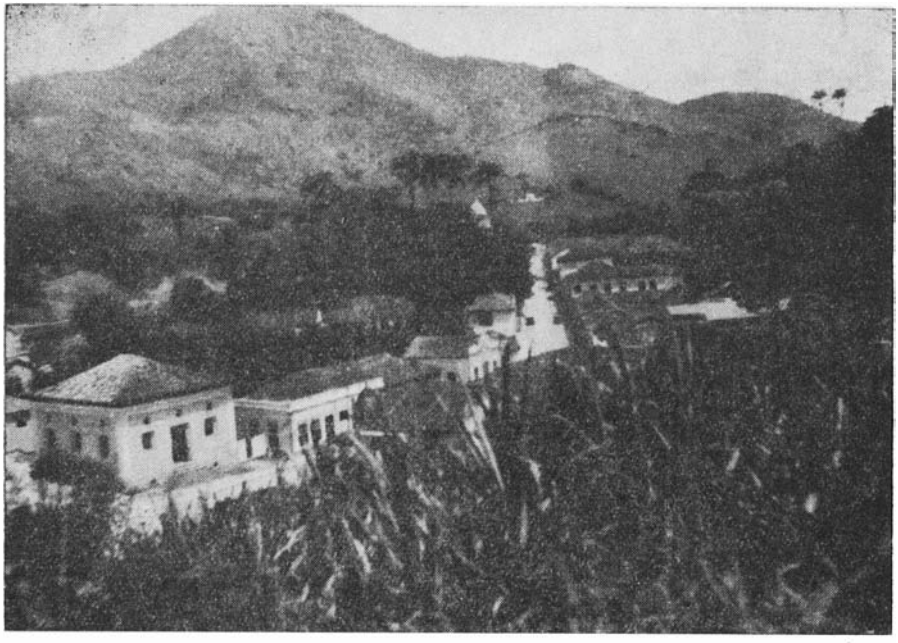


Fig. 111 — *... com as suas ruas tranquilas, as suas chácaras ...*

(Foto HÉLIO TARDIN)

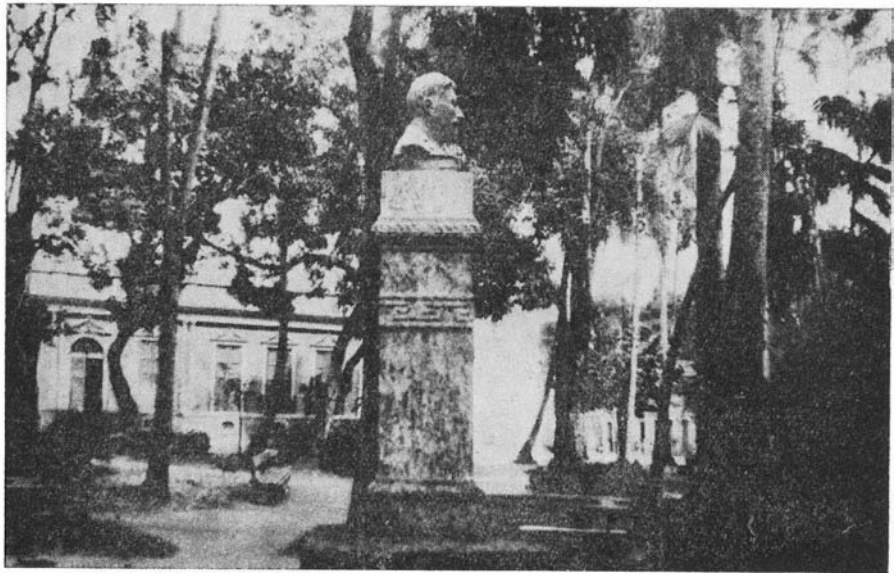


Fig. 113 — O *busto de* EUCLIDES DA CUNHA, *na cidade de Cantagalo, tendo o autor de Os Sertões nascido na fazenda de Santa Rita do Rio Negro, no atual distrito de Euclidelândia.*

(*Foto* HÉLIO TARDIN)

Fig. *113* — *A matriz do Santissimo Sacramento de Cantagalo, desde os fins do século XVIII centralizou a mais extensa freguesia da Serra, que ia desde a zona de Petrópolis até a de Itaocara.*

(Foto HÉLIO TARDIN)

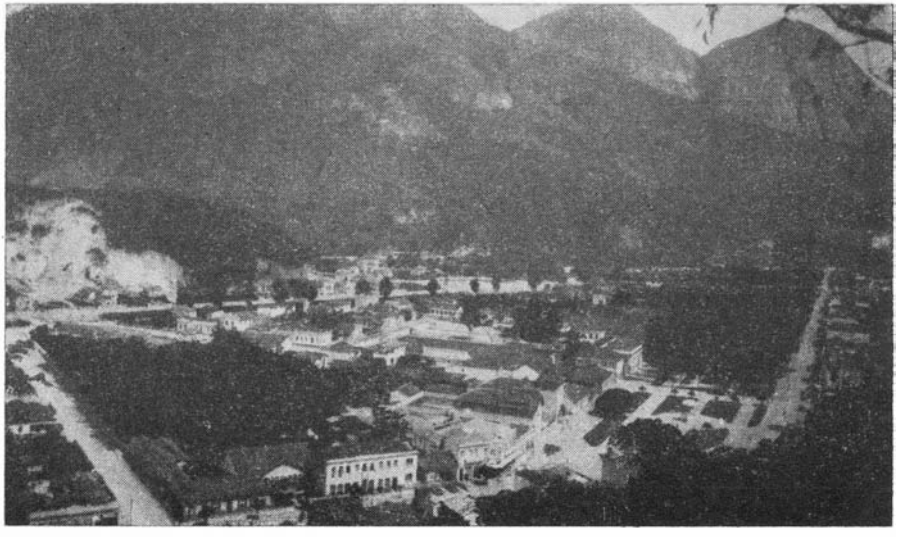


Fig. *114* — *Nova Friburgo aninhada entre montanhas é hoje uma das melhores cidades da Serra Fluminense, ...*

Fig. 115 — ... *importante centro comercial e, pelo seu afamado clima, um dos mais procurados ccnt os de veraneio.*

Fig. *116 — Como quase tôdas as cidades serranas que se desenvolveram no Império com as estradas de ferro, Nova Friburgo foi das mais beneficiadas, devido à energia construtora da família* CLEMENTE PINTO.

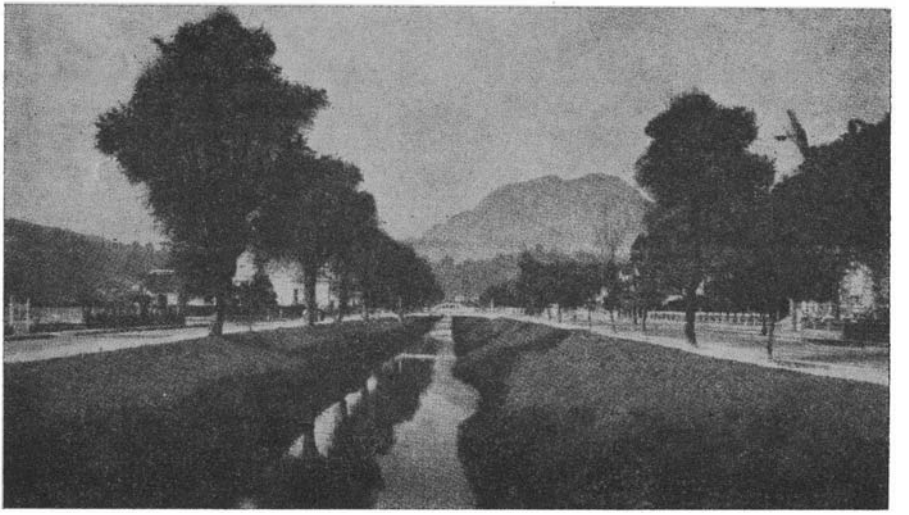


Fig. *117 — Como em Petrópolis com os seus canais, o rio Bengala canalizado em Nova Friburgo, permitiu a construção de uma bela avenida residenciol.*

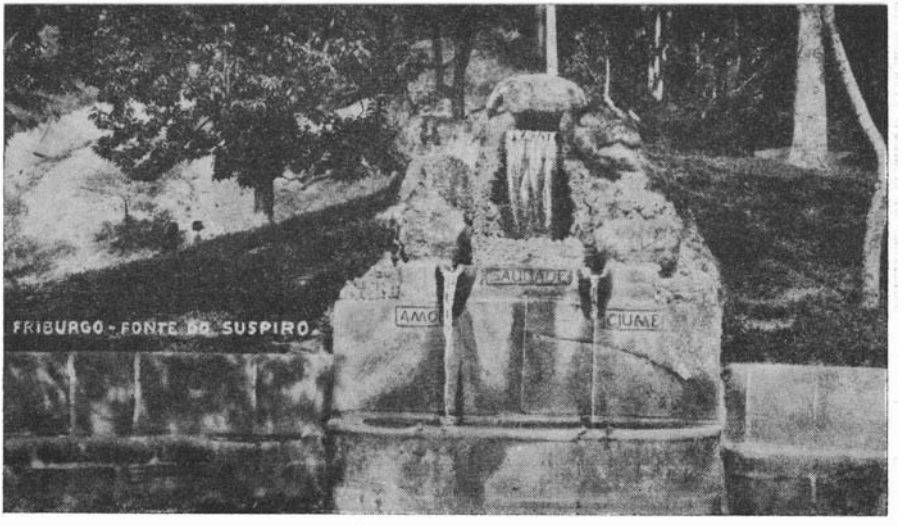


Fig. *118 — A "Fonte dos Suspiros", em Nova Friburgo, ponto de reunião de veranistas na cidade serrana.*

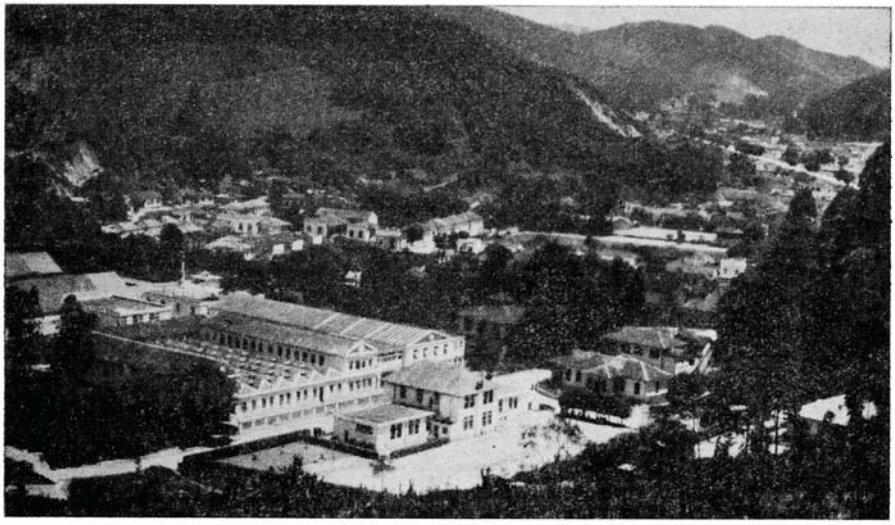


Fig. 119 — *Nota Friburgo com as suas famosas fabricas de rendas, C uma das cidades precursoras do ciclo industrial da Serra.*

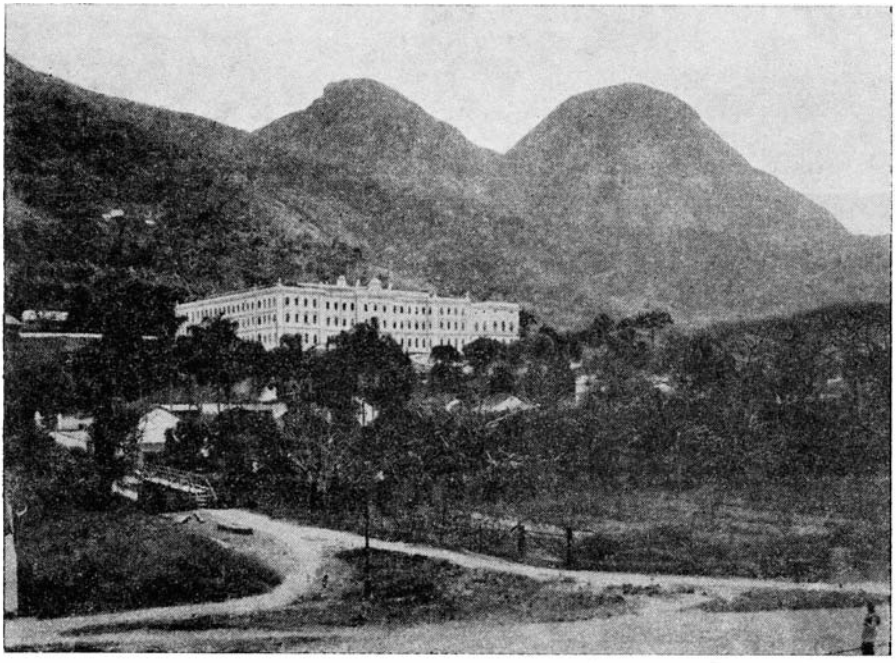


Fig. *120 — Desde as suas origens suiças em 1820, tornou-se Nova Friburgo um famoso centro pedagógico, rivalizando com Petropolis pela excelência do seu clima, oiide a temperatura sempre desce abaixo de 0º C no inverno. Aqui vemos o seu notável Colégio Anchieta, dos Jesuitas, onde foram educadas gerações de brasileiros. Ao fundo, os dois penedos caracteristicos da cidade.*

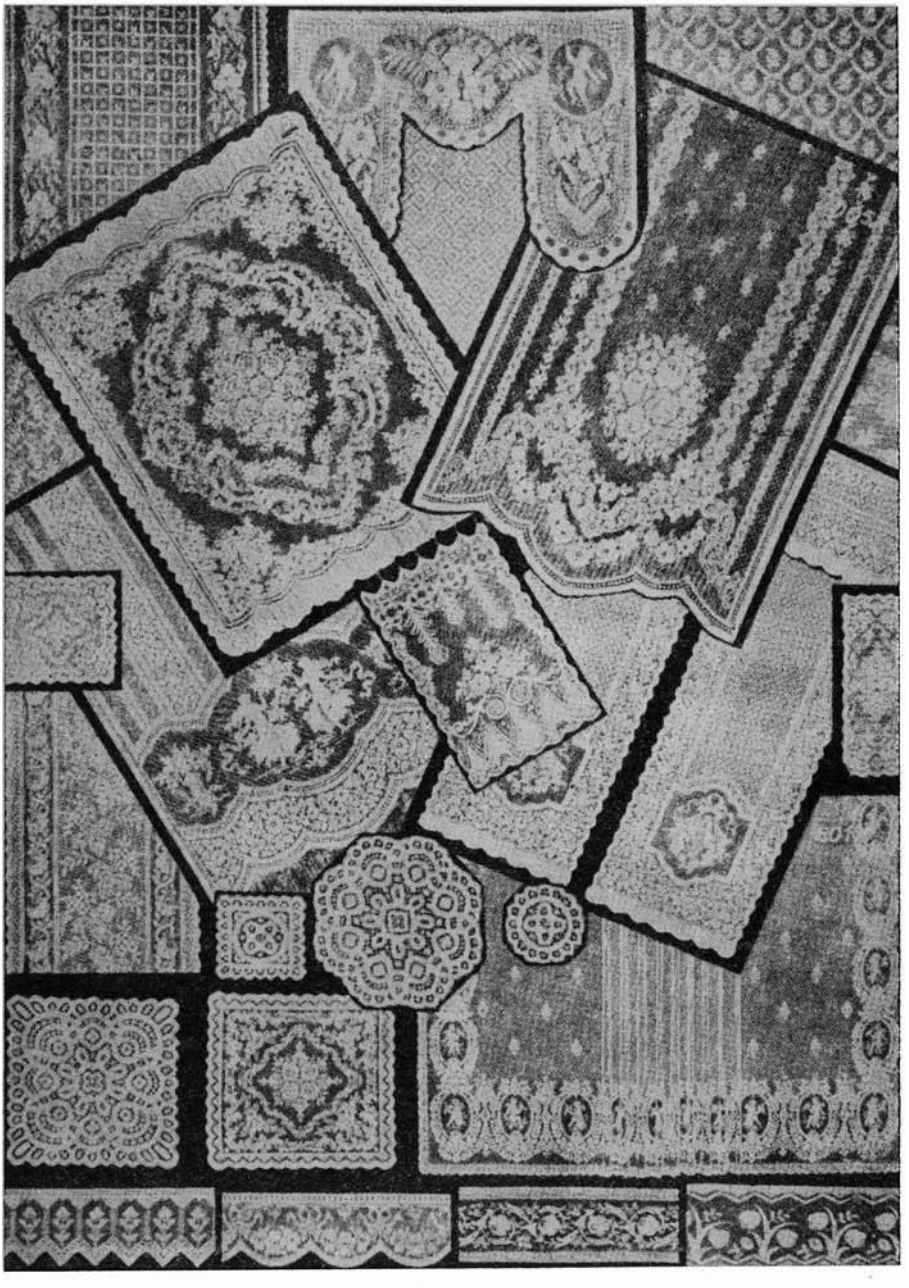


Fig. 121 — *Os filós de séda e algodão e as rendas de Nova Friburgo, cuja qualidade e beleza dos desenhos rivalizam com a dos melhores produtos importados, atestam o elevado padrão das suas fabricas e as possibilidades industriais do operário fluminense na Serra*

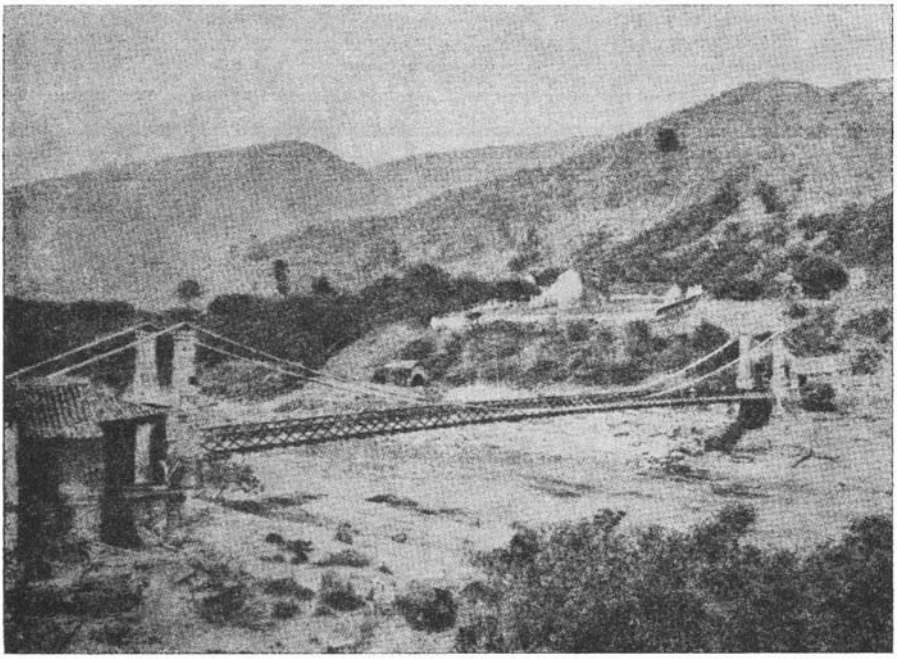


Fig. *122 — Esta ponte pênsil, a primeira do gênero construida no Brasil, em 1857, atravessando o Paraiba da provincia do Rio de Janeiro para a de Minas Gerais, pela crescente aglomeração de casas na margem fluminense deu origem à cidade de Sapucaia.*

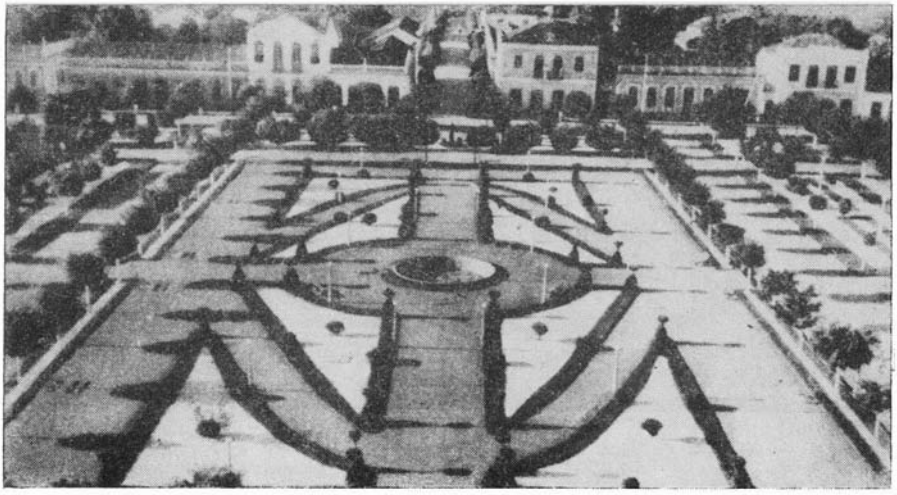


Fig. *123 — Carmo, não obstante pequenina e isolada, moderniza-se.*
(Foto DER)

Fig. *124* — ***Aspecto parcial de Cordeiro que ràpidamente se desenoolve, suplantando a sua histórica vizinha Cantagalo, e onde ...***

Fig. 125 — ***... os poucos antigos prédios por vêzes destoam curiosamente em meio ao acelerado urbanismo da sede de um dos mais jovens municipios*** *fluminenses.*

24 — SÃO SEBASTIÃO DO ALTO E O INDIVIDUALISMO GEOGRÁFICO DAS MESOPOTÂMIAS

Por suas características geográficas é esta uma das áreas da Serra mais indicadas para a formação de um município. São Sebastião do Alto é uma longa e acidentada mesopotâinia formada pelas serras de São Sebastião e do "Deus me Livre", entre os rios Grande e Negro até a sua confluência no Dois Rios. Na extremidade oposta, vizinha de Macuco, dois pequenos afluentes daqueles rios cujas cabeceiras chegam quase a se tocar, dão a todo o município limites naturais.

A formação histórica desta zona liga-se a duas influências harmônicamente destinadas a contribuírem para a sua formação. De um lado, sob o domínio da expansão cafeeira de Cantagalo, por outro facilmente se desembaraçava da sua produção, com as facilidades naturais de transporte para o pôrto de São Fidélis, grande entreposto no Império.

Desta cidade a estrada marginal ao Dois Rios e ao rio Negro seguia para Cantagalo que nela tinha a mais suave e fácil via de contacto com a navegação na Baixada. Nada mais compreensível dêsse modo que a formação de um povoado nesse sentido de grande tráfego, ao qual vinha também chegar a estrada de Madalena. Êsse agrupamento elevado a curato em 20 de setembro de 1852 e a freguesia a 28 do mesmo mês, em 1855, cresceu, vindo a se tornar uma nova sede municipal em 28 de maio de 1891.

Êsse último decreto, porém, como outros semelhantes do mesmo ano, ainda não encontrara uma organização capaz de se tornar autônoma pela inexistência de um forte núcleo urbano. Extinto, porém logo no mês seguinte, as razões geográficas parecem ter prevalecido, visto que, em 7 de dezembro do ano seguinte, seria o município restabelecido. [302]

Uma das observações que se deve ter em vista é a da influência dos caminhos naturais de penetração no crescimento demográfico de São Sebastião do Alto. Os rios Grande e Negro que delimitam esta faixa montanhosa com os seus sulcos abriam caminhos convidativos a contínua passagem de imigrantes, muitos dos quais por ali ficavam pelas suas margens. Por isso é que, desde as primeiras entradas até os dias atuais notamos a sua população sempre a crescer. São Sebastião do Alto considerado um dos municípios de menor importância na economia fluminense, paradoxalmente se nos apresenta como um dos raros em que se não observa um despovoamento conseqüente ao término do ciclo do café.

---

[302] MATOSO MAIA FORTE, José: obr. cit.

É o que se deduz das seguintes cifras:

Ano	*População urbana e suburbana da sede*	*População total*
1872	—	6 117
1892	5 117	10 241
1920	5 291	12 681
1940	4 344	17 434

Nestes últimos anos, a população da sede municipal com apenas 97 prédios, era de 427 pessoas.

Êsse quadro estatístico torna-se ainda mais interessante ao notarmos que a área do município foi intensamente desflorestada. No censo de 1920, apenas 16,2% da superfície das suas fazendas eram ainda cobertos de matas.

Ao mesmo tempo, como já declaramos, a sua economia é fraca. São Sebastião do Alto não pode ser incluído entre os municípios de grande atividade agrícola. Em 1910 já era insignificante a sua produção de café.

Se adicionarmos que em 1920 a estatística da sua pecuária nos dá 11 521 cabeças de gado, cifra relativamente alta para a pequena área municipal de 278,521 quilômetros quadrados de um território constituído por um montanhoso divisor, aumenta a nossa perplexidade. O ciclo da pecuária longe de abaixar o índice demográfico singularmente o elevou!

É êste um caso único em tôda a Serra, a merecer pesquisas dos geógrafos. A mudança de um sistema de exploração do solo que exige abundante mão-de-obra para outro que requer apenas poucos braços, fêz crescer a população. O motivo dêste fenômeno parece-nos residir nos próprios fatores geográficos do município. Os dois rios que o delimitam se tornaram permanentes vias de imigração das terras gastas da velha comarca de Cantagalo para jusante, o mesmo se dando em sentido inverso da zona cafeeira de São Fidélis para, montante. E parte dessas duas correntes opostas de imigrantes fixa-se no município.

25 — SÁO FIDÉLIS: O "CAMINHO DO PARAÍBA" E O MONUMENTO RELIGIOSO

Dois foram os centros de irradiação demográfica na terra iluminense. O da Guanabara e o de Campos.

Do primeiro, vimos até aqui resultar o desbravamento de várias zonas serranas desde os limites de São Paulo até os extremos orientais dos "Sertões de Leste", com a assistência de elementos paulistas e mineiros. E, ainda com êstes últimos, iremos agora ver como se processou a penetração de montanhas e florestas, sob

a liderança cultural e centralizadora dos ativos habitantes da planície goitacá.

Sòlidamente estabelecidos entre os pântanos e lagoas do baixo Paraíba desde os meados do século XVII, oferecia-lhes êsse rio uma via natural de acesso ao âmago da Serra, navegável por canoas e médias embarcações até São Fidélis, que se atinge através da garganta do Sapateiro. Por meio desta brecha, iria inaugurar-se, pelas margens dêsse rio e do seu afluente, o Pomba, um processo de penetração inicial desconhecido em outras zonas: o das missões religiosas.

Os frades capuchinhos primitivamente estabelecidos em Guarulhos, na margem esquerda e fronteira a povoação de Campos, onde aldearam os índios dêsse nome, após malogradas tentativas de fundarem outros redutos ao longo do Muriaé, subiram o Paraíba, onde formaram núcleos duradouros.

Data a aldeia de Guarulhos, — hoje distrito da cidade —, dos primórdios da invasão da planície, quando "em 1659 dois missionários franceses aportaram as terras inóspitas dos Goitacás e conseguiram fazer penetrar a luz da civilização aos índios Guarus, aldeando-os na margem setentrional". [303]

Em 1672 ali chegam novos frades italianos, que aumentam *o* núcleo iniciado com grande número de selvagens trazidos da floresta.

A maioria dêles entretanto, por lá ficaram, errantes na floresta, não menos ferozes que os Goitacás e por quase um século afrontariam os colonos com as suas depredações.

Com a aquiescência do govêrno foi esta nação indígena em poucos anos trucidada, a partir de 1738, restando apenas a aldeia de Guarulhos da qual também desertariam os índios para a selva. Em 1794 só ali remanescia o seu capitão-mor já muito velho.

Ao passarmos em revista a penetração do Muriaé, veremos como os capuchinhos fundaram a aldeia de Cachoeiro, amansando Guarulhos que se opunham ferozmente ao corte da madeira em suas matas, e relataremos como essa aldeia foi deslocada para o sul, onde, após inúteis tentativas de fixação, veio a firmar-se em Laranjais, na margem esquerda do Paraiba, a légua e meia abaixo das cachoeiras de São Fidélis. [304]

---

[303] LAMEGO, Alberto: A *Terra* Goitaca, tomo IV. pág. 8.

[304] Das 18 aldeias dos Guarulhos, apenas duas, em 1752, haviam sido convertidas, com os seus 200 índios. (Obr. cit., pág. 41). Os demais, em correrias continuavam a assaltar os colonos, motivando em 4 de outubro de 1732 um pedido da Câmara de Campos, "de duas peças de artilharia e alguns barris de pólvora, para defender as propriedades atacadas". "Os Guarulhos não se limitavam a atacar os referidos foreiros, estendiam as suas correrias a Macaé, trucidando os viajantes e aos mais moradores daquela paragem, afugentando-os e roubando-os".

A repressão aos índios foi tremendamente bárbara com as instruções do govêrno "para conquistar o gentio Guarulhos, podendo cativa-18s. incendiar as suas vivendas e empregar tôdas as atrocidades". "Os indomáveis Guarulhos foram levados a ferro e fogo, durando a luta alguns anos; os que escaparam procuraram refúgio no interior do sertão". (Obr. cit., págs. 24-26).

Não obstante haverem os jesuítas possuído nesta zona vastas propriedades incultas, ainda ali hoje relembradas pelo nome do rio do Colégio, o seu povoamento com o fito de explorar o solo não parece ter-se efetuado em escala sensível, antes dos últimos decênios do século XVIII.

O campista continuava mourejando em seus canaviais da planície, indiferente aos grandes relevos enflorestados do "Deserto das Montanhas", como os denominara COUTO REIS. É êste um dos mais fortes argumentos do seu apêgo ao barro das aluviões, que frisamos em O *Homem e o Brejo,* dada a navegabilidade do Paraíba que o devia atrair a novas terras.

Convém notar, porém, que, também ali se opunha o índio à penetração. Repetindo-se o que acontecera com os Guarulhos do Muriaé, os Coroados repeliam o invasor.[305] E a fim de reduzi-los, para ali regressam os capuchinhos que fundam uma nova aldeia.

"Os primeiros povoadores de São Fidélis foram os frades VITÓRIO DE CAMBIASCA e ÂNGELO MARIA DE LUCCA, capuchinhos italianos que ali chegaram em 1781 e se estabeleceram a princípio, com uma aldeia de índios Coroados na paragem Gamboa, um quarto de légua acima da atual cidade, para onde se mudaram no ano seguinte e levantaram uma capela de palha dedicada a São Fidélis, e, em 24 de abril se celebrou a primeira missa".[306]

Não obstante a sua vizinhança de Campos e a ligação a esta cidade por via fluvial, São Fidélis, como Marquês de Valença, nasce de uma aldeia indígena.

Lenta foi por isso a sua evolução urbana, mas a presença daqueles missionários eminentes, deve-se a existência de um dos mais notáveis monumentos religiosos do Brasil-Colônia.

Ambos eram artistas, mas frei VITÓRIO DE CAMBIASCA, o arquiteto da igreja de São Francisco em Campos, deu-nos com o magnífico templo de São Fidélis, uma das grandes obras que honram o nosso passado colonial. Iniciada em 1799 e terminada em 1809, tendo apenas como operários simples índios domesticados, o templo de São Fidélis apresenta a mais notável cúpula da arquitetura brasileira anterior a Independência, com 15 metros de diâmetro e grande altura, sustentada sôbre colunas de 3 metros de espessura.

Todo êle de pesada alvenaria transportada em costas de indígenas, é um testemunho do que pode fazer o índio brasileiro ou

---

[305] Segundo JÚLIO FEYDIT já existiria a aldeia de São Fidélis em 1736, dirigida pelos missionários frei VITÓRIO DE CAMBIASCA e frei ÂNGELO MARIA DE LUCCA. E' o próprio autor, porém, que nos mostra dêsse modo ambos os missionários vindos a falecer mais que centenários, o que é desmentido pelos posteriores fatos historicos. A data do seu documento transcrito, deve ser lida como 1786, êrro êsse da troca de um 3 por um 8, em papéis antigos e desbotados, fácil de se cometer. (JÚLIO FEYDIT: Subsídios para a História dos Campos dos Goitacases, Campos, 1900, págs. 138-139).

[306] A nação dos Coroados. resultou da conquista dos Coropós pelos Goitacás. com a fusão de vencedores e vencidos que tonsuraram as cabelejras por lhes estorvarem as suas expedições através das matas. (O Homem e o *Brejo,* pág. 46).

qualquer outra raça primitiva e estacionária, desde que superiormente orientados, como cooperadores de uma obra de civilização.

Tôda a pintura interna do templo de São Fidélis, incluindo o grande painel do altar-mor, é obra de frei VITÓRIO DE CAMBIASCA, cujo auto-retrato bem como o que executou de frei ÂNGELO MARIA DE LUCCA, — que ainda vimos nas paredes da sacristia —, levados para a exposição do cinquentenário de São Gonçalo, foram ali destruídos num incêndio.

A pacificação e o aldeamento dos índios Coroados pelos capuchinhos, desobstruiu subitamente a grande via liquida, despertando o interêsse dos campistas atarefados no cultivo da planície.

O mapa de COUTO REIS 45 1785, tão minudente quanto a localização dos proprietários regionais, e no qual ainda se vê o sítio da Gamboa acima da aldeia de São Fidélis, poucos nomes apresenta além do morro do Sapateiro. Acima das cachoeiras existem apenas as aldeias do João, do Chico e dos Coroados, devendo tôdas elas ser de indígenas. Após a chegada dos frades, porém, faz-se o povoamento com rapidez. Em 1811, há na zona de São Fidélis "3 896 pessoas; — brancos, 702; pardos livres, 471; pretos livres, 175; pardos cativos, 113; pretos cativos, 2 261 e índios, 174" [309] Já 4 engenhos de açúcar, 2 serrarias e 2 olarias no curato, marcam o inicio do desbravamento. "O seu principal comércio era de telhas, tijolos, louça de barro e tecido de algodão grosso.

Nas poucas fazendas de criação existiam: — Gado vacum, 2 066; cavalar, 836; muar, 104; ovino, 1067; caprino, 1577; porcino, 2 130", diz-nos ainda o mesmo historiador.

São Fidélis, no contacto entre a Baixada e a Serra com uma topografia de transição na margem esquerda do rio onde as grandes escarpas já não se apresentam como um paredão maciço, sofre inevitavelmente a influência da cultura campista. "Em todo o distrito havia 24 fazendas de açúcar e 8 de café".

O príncipe MAXIMILIANO que ali estêve em 1815, encontra os índios completamente assimilados, mantendo, porém, intactas as suas características raciais. "Achamos êsse povo ainda bastante puro, de tez moreno-escura, fisionomia rigorosamente nacional, compleição robusta e cabelos negros como o carvão. As moradas são boas e espaçosas, feitas de madeira e barro, e as coberturas são de fôlhas de palmeira ou de bambu, como as dos portuguêses. Armam nelas a rêde de dormir e encostam num dos cantos da parede o arco e a flecha. O resto dos rudimentares utensílios domésticos compõe-se de panelas, pratos ou tigelas, — "cuias" — feitas por êles mesmos de cabaças e de cuieira, — *Crescencia cujete*, LINN —, cêstos de palmas entrançadas e muitos outros objetos". [308]

---

[307] LAMEGO, Alberto: obr. cit., pág. 145.

[308] MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied: **Viagem ao *Brasil*.** Tradução de EDGARD SÜSSEKIND DE MENDONÇA e FLÁVIO POPE DE FIGUEIREDO, Rio, 1940, pág. 104.

É em todo êste meio que se diria transportado dos primeiros anos do descobrimento, é nesta aldeia de palhoças rudimentares que se eleva a poderosa massa arquitetônica do templo de São Fidélis, como fator decisivo do crescimento da futura cidade.. Com êste monumento erguido pelos capuchinhos, o motivo religioso exclui pela primeira vez na Serra os demais, tornando-se de predominância quase absoluta, visto que, o local escolhido para a aldeia poderia ter sido alhures, em várias outras pequenas planuras semelhantes ao longo do rio. A criação arquitetônica dos franciscanos é que por sua importância monumental fixa irremovivelmente uma povoação e de maneira fatal a faz crescer.

Segundo ELÍSIO DE ARAÚJO, um dos fatôres que ativou êsse crescimento já no comêço do século XIX, foi uma epidemia em Campos, em 1808, que provocara uma fuga para a zona serrana. [309] Talvez, porém, devido ser o povoado uma aldeia indígena com prerrogativas especiais no fôro eclesiástico, São Fidélis de Sigmaringa só veio a passar de curato a freguesia em 2 de abril de 1838, e desta *a* vila em 19 de abril de 1850, "com jurisdição na freguesia de Santo Antônio de Pádua e curato da Aldeia da Pedra".

Deve-se essa elevação a visita do Imperador, em 1847, o qual de Campos ali foi, sentindo-se dominado pela grandeza do templo.

Do alto do zimbório, ao contemplar o magnífico panorama onde entre ondulações enflorestadas resplandescia o Paraíba, prometeu que a aldeia já tão soberbamente coroada pela igreja notável, seria vila.

Em 1855 é São Fidélis assolada pela cólera-morbo que invadira Campos. Os camaristas fogem para as suas fazendas, mas, como se dera em Vassouras por ocasião da febre amarela, surge ali o capitão ANTÔNIO JOAQUIM TEIXEIRA que, auxiliado pelo vigário e outros, teria o seu nome imortalizado pelos conterrâneos naquele município, a exemplo do visconde de CANANÉIA. Corajosamente luta contra o flagelo, com a própria esposa, D. MARIA FORTUNATA TEIXEIRA que se torna a mais abnegada e infatigável das enfermeiras. [310]

Malgrado, porém, a privilegiada posição de São Fidélis, no ponto extremo da navegação do baixo Paraíba e como bôca de sertão de uma vasta zona ocupada pelos atuais municípios de Cambuci, Itaocara, Pádua, Miracema, São Sebastião do Alto, Madalena e Cantagalo, a vila dificilmente progride. Pesa-lhe demais a influência de Campos com o seu predomínio econômico regional.

De todos aquêles centros então em desbravamento progressivo um intenso tráfego de café descia para o seu pôrto fluvial, e de

---

[309] ARAÚJO, Elisio: *Através* de Meio Século. Rio, 1932, pág. 48.

[310] O capitão ANTÔNIO JOAQUIM TEIXEIRA veio a falecer no ano seguinte e a sue espôsa em 1897. Do casal nasceu o pintor de mérito LEOPOLDINO DE FARIA, autor do quadro "Tiradentes" também conhecido por "Conjuração Mineira". (JULIO FEYDIT: obr. cit., pág. 114).

regresso, as tropas levavam artigos importados. Mas "Campos era a praça principal, sendo o transporte feito pelo Paraíba em pequenos vapores ou em barcos de vela, que também conduziam passageiro~~[311]

RIBEYROLLES que viera ao Brasil em 1858, ainda lamenta o aspecto da pequena vila com os seus dois mil habitantes, enquanto o município já conta 15 000. Essa população é das mais heterogêneas. "Como nas formações recentes, há de tudo um pouco: brancos, europeus ou nativos, da primeira aldeia. Alguns dêstes já estão incorporados e firmes. Os outros têm sempre um pé na floresta e não se sujeitam a trabalhos duráveis ou tarefas regulares". [312]

Opina RIBEYROLLES que a imigração européia seria o remédio para o levantamento econômico municipal. A cidade entretanto, continuaria sempre vegetando pelo determinismo geográfico do vizinho centro urbano da planície. O meio milhão de arrôbas de café das suas três freguesias, — Aldeia da Pedra, Pádua e São José —, adicionado ao que lhe vinha de Cantagalo, jamais fariam do pequeno burgo "uma rica parada e um excelente entreposto", "a primeira estação da planície". A escala aritmética do seu desenvolvimento urbano, arrastava-se morosamente ante a progressão de Campos.

Êste satelitismo todavia estimula a sua produção.

Já em 1876, São Fidélis com os seus 16 825 escravos, é um dos municípios fluminenses de maior população rural. [313] Em plena expansão agora, os cafèzais de quase tôda a Serra erguiam a "Velha Província" ao pináculo da economia brasileira. "Era o pôrto de São Fidélis o escoadouro de tôda a produção de Monte Verde, Santo Antônio de Pádua, São José de Leonissa, — Itaocara —, Cantagalo, Santa Maria Madalena, São Francisco de Paula, São Sebastião do Alto e parte de Itaperuna, transportada nas tropas, sob a direção dos tropeiros, montados em vistosas bêstas, ajaezadas de prata, trazendo, a cabeça, chapéus de largas abas, e, na cintura, prateados cintos, pendendo afiada faca e pistola, e nos calcanhares grandes esporas tilintantes.

Reza a tradição que dias houve em que mais de 500 animais davam entrada na cidade, conduzindo suas tropas para as casas de negócio". [314]

Com o café tivera também, pois, São Fidélis o seu período áureo. "O comércio, muito desenvolvido, transportava por via fluvial e marítima, para Campos e para a Côrte, tôda a produção

---

[311] ARAÚJO, Elísio: obr. cit., págs. 52-53.

[312] RIBEYROLLES, Charles: Brasil Pitoresco. Tradução de GASTÃO PENALVA, Rio, 1941, vol. 2.º, págs. 28-29.

[313] *Diretoria* Geral de *Estatística,* Relatório anexo ao do Ministério dos Negócios do Império de 1878. Rio, 1878.

[314] ARAÚJO, Elisio: oãr. cit., págs. 56-57.

agrícola, acrescida, como já vimos anteriormente, pela dos municípios do norte da Província". São Fidélis singulariza-se por ser a única cidade serrana com navegação até o mar. E não obstante a supremacia cultural de Campos empalidecer os demais núcleos regionais, a terra fidelense também teve nessa época uma sociedade culta, refinada com o desabrochar de forte economia rural. [315]

Em 3 de dezembro de. 1870 a vila sobe a cidade. Os seus fazendeiros de café e cana-de-açúcar nela constroem boas residências onde residem temporàriamente, não faltando ali uma nata aristocrática. A Estrada de Ferro de São Fidélis iniciada em 5 de abril de 1882 e ligando a cidade a Campos, deveria grandemente acelerar a progressiva zona montanhosa de rio-acima, já servida pela Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua que, em 1880 chegara a Valão d'Antas, hoje Cambuci. [316] Mas ao mesmo tempo aniquilava o pôrto, fator principal do seu expansionismo urbano pela movimentação comercial.

Com tôda a sua organização agrária sùbitamente derruída com a Abolição, e com a República quando o município se notabiliza como um dos mais violentos focos de agitação política, mais dois fatôres favorecem o estacionamento dêste centro urbano, não obstante o índice demográfico rural ter crescido sempre, conforme atestam os seguintes censos:

Ano	*População urbana da sede*	*Populaçáo municipal*
1872	—	12 762
1892	14 352	39 920
1920	13 829	41 356
1940	13 569	45 963

A cidade não se reduziu como tantas a meros povoados com o declinio do café. Estabilizou-se em tôrno ao templo monumental que lhe imprimiu uma origem sólida, nas mesmas ruas traçadas pelos capuchinhos.

---

315 Essa economia fôra entretanto sèriamente abalada por uma devastadora moléstia nos cafeeiros, a qual aparecendo na fazenda do Colégio, forçou os seus proprietários em 1869 a abandonarem essa cultura, substituindo-a pela da cana-de-açúcar.

Atacando os cafeeiros de 5 a 6 anos situados em terrenos arenosos, e estabelecendo-se o contágio pelas raizes pela migração de um verme hematóide, o arbusto em poucos dias despia-se completamente das fôlhas que secavam, como se queimadas pelo calor do fogo.

A veemência da moléstia adicionava-se uma rapidíssima propagação. Já ela atacava intensamente os cafêzais de Ponte Nova em 1873. Os de Itaocara, em 1875, e, em 1876 já está a 20 quilômetros na fazenda Boa Fé. Em 1880, entra em Cantagalo, Monte Verde e Pádua, indo também a Madalena e a Campos. A área devastada atinge 84 léguas quadradas. Num total de 40 fazendas, colheitas que anteriormente chegavam a 234 000 arrôbas desceram a 26 580. ("Relatório sôbre a Moléstia do Cafeeiro na Provincia do Rio de Janeiro", pelo Dr. EMÍLIO AUGUSTO GOELDI. Arquivos do *Museu* Nacional, vol. VIII, Rio, 1887).

316 PICANÇO, Francisco: *Viação Férrea* do Brasil, Rio, 1884, págs. 242 e 245.

Entre São Fidélis e Itaocara crescidas de missões indígenas, outra cidade iria surgir a margem esquerda do Paraíba, originada, porém, por um fator diverso.

Com a gigantesca expansão dos cafèzais nas zonas penetradas pelo caminho dêsse rio, a importância do pôrto fidelense decidira a construção de uma das mais antigas ferrovias serranas. A Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua, iniciada em São Fidélis e, em 1880 entregue ao tráfego entre esta cidade o local de Valão d'Antas.

Junto à nova estação, numa pequena planície a beira de colinas baixas, erguia-se um engenho central de café, a fim de pilar a produção das fazendas que, tanto nas áreas vizinhas quanto nas serras de Frecheiras e Monte Verde, já iam sendo valorizadas por grandes plantações. Com o edifício dêsse engenho iniciava-se a futura Cambuci.

No mapa de COUTO REIS de 1875, vemos uma aldeia de Coroados não longe da posição desta cidade, entre os córregos Caetá e Crubixais, e entre dois caminhos que já então se dirigiam a Frecheiras. Na margem oposta, as aldeias do João e do Xixo, o local de Canhambora e o caminho do Lucas Velho, indicavam que até ali era o rio frequentado, não obstante a ausência de nomenclatura de ambas as margens para o interior.

Seria natural que, menosprezando a vizinhança do rio na margem esquerda, caracterizada por ondulações de pequena altitude e por isso não muito próprias ao cultivo do café, se dirigissem os colonos mais enérgicos no seguinte século para o divisor entre o Paraíba e o Muriaé, em parte constituído de uma alta serra que nos aparece naquele mapa sob a designação de "Sertam de Frecheira".

Transpondo-o para a bacia do Valão Grande, próximo a êsta e num ponto a meio caminho entre os dois rios, fundam êles a capela do Senhor Bom Jesus do Monte Verde, primitivo curato elevado a freguesia em 4 de novembro de 1861. Em tôrno dessa capela cresce uma povoação, cujo nome seria o primeiro de um futuro município a vir destacar-se de São Fidélis.[317]

Quando a referida estrada de ferro subira o Paraiba, já Monte Verde se havia tornado um grande centro cafeeiro, cuja produção em 1885 apresentava a cifra notável de 600 000 arrôbas colhidas em 76 fazendas.[318] Da relação dos seus proprietários de

[317] "O atual arraial foi aberto e edificado a expensas do importante fazendeiro JOSÉ ALVES PEREIRA, seu irmão e diversas pessoas do público. bem como a sua matriz que também a expensas dos mesmos PEREIRA acha-se reedificada". (JOÃO ALVARENGA: obr. cit., págs. 222-223). "A localidade foi aberta em 1856 por JOSÉ ALVES PEREIRA e irmãos". (CORTINES LAXE: obr. cit., pág. 546).

[318] ALVARENGA, Joáo: obr. cit., pág. 223.

terras nessa época, raros são os nomes como VIAL, LAGGI e QUIFFER, respigados numa quase totalidade de elementos de origem portuguêsa, o que denota insignificante influência étnica de imigrantes das colônias da outra margem do Paraíba. [319] O animoso lavrador de café que por ali se afazendara, vinha em geral de Minas ou de Campos através de São Fidélis.

A ascendência desta cidade como ponto inicial da navegação impediu a autonomia de Monte Verde no período imperial. A sua emancipação sòmente veio a ocorrer com o decreto de 6 de maio de 1891, criando o nôvo município. O arraial de Monte Verde que passara a vila era, contudo, insignificante e por demais distante da estrada de ferro para que pudesse manter ascendência administrativa, e em 28 de maio do ano seguinte, foi o município suprimido, e reincorporado a São Fidélis.

A subzona tinha porém uma base econômica florescente, e compunha-se de uma área bastante vasta para independentemente progredir. A população de 6 849 habitantes em 1872 crescera para 19 134 em 1892.

A exportação em grande escala de café descia para Valão d'Antas, — também chamado "Meia Légua" —, onde em tôrno da estação ferroviária já se divisava próspero arraial. E em 5 de novembro de 1892, no mesmo ano em que fôra abolido, o município é restabelecido, mas com a nova sede nessa localidade que viria a denominar-se Cambuci.

Os ricos fazendeiros de Monte Verde sentindo-se porém humilhados numa época em que predominava o coronelismo eleitoral, mais uma vez conseguem a remoção da prefeitura para a sua vila em 1.º de janeiro de 1903, da qual, porém, de nôvo sai a câmara para Cambuci, em 13 de dezembro de 1914. Esta vila foi elevada a cidade em 17 de outubro de 1918.

Essa deslocação intermitente da sede municipal reflete o espírito de um período em que a política se torna muita vez nefasta aos interêsses econômicos regionais, pela descentralização de uma imprópria sede administrativa. Com o velho sistema político, o escasso número de votantes dispensava o concurso da massa rural nas eleições, sendo ela apenas representada pelos próprios fazendeiros. Com o nôvo, o pêso dos eleitores distritais torna-se indispensável aos candidatos a deputação.

Daí o prestígio de chefetes locais, que em sua ambição de se apoderarem das municipalidades, arrastam as sedes quanto possível para os seus domínios eleitorais, indiferentes ao melhor local para a administração complexa dos municípios.

---

[319] Além da colônia Friburgo, uma companhia fundara próxima à confluência dos rios Grande e Negro a do Valão dos Veados que se tornou o curato de São João Batista do Valão dos Veados em 5 de abril de 1854, e posteriormente a freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Nova. hoje distrito de São Fidélis. (CORTINES LAXE: obr. cit., pág. 546).

Cambuci, herdeira da feroz politicagem de Monte Verde, — celebrizada em recentes anos pela bem protegida e tenebrosa quadrilha de ladrões de cavalos conhecida por "Bando da Morte" — foi um dos municípios que mais sofreram em seus primeiros decênios de ajustamento as normas democráticas, com a sua administração intermitentemente perturbada por querelas politiqueiras, e a sua vida rural ensanguentada de tocaias .

A solidez da sua economia agrícola viria a predominar entretanto sôbre o maquiavelismo dos políticos, e em tôrno da cidade evoluciona seguramente o município.

Em 1920, para uma população total de 35 937 habitantes, o distrito da cidade conta 7 844. As propriedades agrícolas então recenseadas vão a 1051, subindo a 2 184 em 1939. Ainda em 1920, 608 dessas propriedades tinham área inferior a 41 hectares e mais 268 não iam além de 100 hectares, o que apresenta em confronto com 1939 uma crescente subdivisão da terra em menos de vinte anos.

Nisto repousa a riqueza da sua economia. Num desbastar contínuo da floresta substituída por pequenas e médias lavouras.

No penúltimo censo nacional a área de matas era de apenas 31,9% do município, contando-se 8 021 cabeças de gado e ocupando o terceiro lugar no Estado com a sua estatística de 27 956 porcinos.

Em 1940 a população municipal subira a 40 871. A da cidade incluindo a área suburbana descera porém a 1414. Revelam estas cifras um enorme êxodo urbano, mas a vida rural continua em ascendência progressiva.

Cambuci robustamente firmado em suas fazendas, evoluciona com a subdivisão do território pela pequena propriedade. E é esta que, patrocinando a imigração, proporciona-lhe um crescimento demográfico inexistente nas velhas zonas aristocráticas do café.

A sua estação ferroviária que centralizou uma das ricas zonas do norte fluminense, possibilitando a unidade municipal, aflui volumosa produção agrícola que lhe garante promissora evolução.

27 — ITAOCARA: A MISSÁO DOS CAPUCWINHOS E O ENCONTRO DOS CAMINHOS DE PENETRAÇAO DO PARAÍBA E DE CANTAGALO

Desimpedida a penetração do baixo Paraíba pelo aldeamento dos Coroados em São Fidélis, em fins do século XVIII, mais fácil se tornava agora a subida do rio, daí para cima intermitentemente encachoeirado. Mas para que as suas margens se pudessem oferecer a colonização, era mister se reduzissem as tribos indígenas que ainda vagavam pela densa brenha.

Sempre irredutível, o Puri andejo tocaiava na espessura do matagal. Impossível uni-lo aos Coroados "pelos seus antigos ódios

e recentes guerras", sendo necessária a fundação de uma nova aldeia. E é o que vão tentar ainda os mesmos capuchinhos.

Ordenado pelo vice-rei D. Luís DE VASCONCELOS, frei MARIA DE LUCCA incansavelmente bate a floresta. O primeiro local escolhido, no morro da Onça a margem do Muriaé, é rejeitado por doentio.

Uma segunda vez mergulha na mata o capuchinho, na direção do norte, indo até o rio Japemiri, "distante da aldeia de São Fidélis umas quarenta léguas", mas ali adoece gravemente, vindo quase a perecer. E do Rio de Janeiro, mal informado, volta o vice-rei a insistir pelas margens do Muriaé, pestilentas de paludismo, até que afinal o conde dos ARCOS, D. MARCOS DE NORONHA delibera que se utilizasse de um local no próprio Paraíba, onde em sua homenagem surge a nova aldeia de São José de Dom Marcos, — primitivo nome de Itaocara.[320] Para a sua fundação muito concorrera o capuchinho italiano frei TOMÁS DE CIVITA CASTELO, o qual, por portaria de 24 de fevereiro de 1808, é encarregado de paroquiar os índios.

Não são porém ainda os Puris que ali se juntam. Sempre renitentes a submissão aos frades, necessária se torna a criação da nova aldeia com 30 famílias de Coropós e 80 de Coroados, totalizando 226 indígenas.

Em 24 de novembro de 1812, quando por ali passa o bispo do Rio de Janeiro, D. CAETANO DA SILVA COUTINHO, em visita episcopal, é a aldeia elevada a curato com uma nova designação de São José de Leonissa da Aldeia da Pedra, que só viria a tornar-se freguesia em 21 de março de 1850.[321]

Com a catequização dos capuchinhos, além de novos grupos de Coropós e Coroados, cabildas de Puris e até Botocudos fazem crescer a população da aldeia na margem esquerda do Paraíba e não longe da foz do rio Pomba. E com esta pacificação geral dos índios abriam os frades uma das mais produtivas zonas fluminenses para o plantio do café.

Ao falarmos de Cantagalo, dissemos que, ainda nos meados do século XIX a Aldeia da Pedra era quase o limite da civilização nos "Sertões de Leste". Três léguas apenas, depois de atravessado o Paraíba IDA PFEIFER teria encontrado na floresta as últimas casas de colonos, e vizinha delas, uma tribo de Puris indomesticados. .

O ímpeto da cultura cafeeira, vindo de Cantagalo, iria, porém, projetar-se em breve pela nova zona, em contínuas derrubadas de florestas, e trinta anos bastam para que se verifique uma transformação completa. Em 1885, já Itaocara é o ponto terminal da Estrada de Ferro de Cantagalo, tendo a vila 130 casas e o seu distrito

---

[320] SOUSA E SILVA, *Joaquim Norberto de: Memória Histórica e Documentada das Aldeias de fndios da Provincia do Rio de Janeiro, Rio, 1855,* **pág.** *129.*

[321] *Idem,* **pág.** *129.*

uma população de 10 000 habitantes distribuídos numa área de 24 léguas quadradas. [322]

Em suas magníficas terras para o café, cana, algodão e cereais, anotam-se 320 lavradores, entre cujos nomes, em maioria portuguêses, se ressaltam a indicar a influência do núcleo de Nova Friburgo os VAN ERVEN, BELIENI, LAGGI, JACQUES, DENEWITZ, ÉCARD, BUCHER, NAVEGA, MERLIN, POUBEL, ELEGGENDORN e ESPÍNDOLA. [323] Clinicava por êsse tempo em Itaocara o benemérito Dr. ARISTIDES CAIRE, cujo nome ilustra hoje uma das ruas principais do Méier, no Rio de Janeiro.

Uma fábrica de cerveja no pequeno burgo indicava o consumo por uma população alienígena, e o seu movimento de passageiros exigia quatro hotéis e duas casas alugadoras de troles para a condução entre as fazendas e a estrada de ferro.

Na Aldeia da Pedra, embora nascida sob a direta influencia de São Fidélis e já então distrito dêste município, repercute vigorosamente através da via férrea, a enérgica iniciativa cafeeira de Cantagalo. E com o privilégio dessa posição geográfica com dois, caminhos de saída para os seus produtos rurais, conquanto subordinando-a econômicamente a dois centros administrativos, o povoado certamente cresceria.

Em 28 de outubro de 1890, a Aldeia da Pedra é desligada do município de São Fidélis, constituindo uma nova entidade estadual. [324] Dos seus 13 095 habitantes recenseados nesse ano, 7 692 pertencem a vila recém-criada. [325]

Itaocara é um dos menores municípios serranos fluminenses, na zona extrema onde os,"Sertões de Leste" atingiam a curva do Paraíba em sua fuga para o mar. A penetração dupla de lavoristas vindos de Cantagalo e de São Fidélis, embora lenta no período imperial, devido a influência dos fatôres geográficos na evolução histórica regional, inevitavelmente, iria realizar ali uma intensa exploração do solo com o permanente afluxo de colonos. E assim é que já vemos em 1909 uma produção municipal de 80 000 arrôbas de café beneficiado, além de 40 000 sacos de milho, 15 000 de arroz e 4 000 de feijão. Nessa mesma época, o seu engenho central de Laranjeiras produz 10 000 sacos de açúcar e 60 000 quilos de goiabada. [326]

O censo de 1920 já dá para o município 31 088 habitantes, embora a da cidade não exceda a 6 094 indivícluos. A densidade demográfica municipal 10,53 maior que a de várias antigas zonas

---

[322] ALVARENGA, *João: Almanaque Mercantil, Industrial. Administrativo e Agricola da Cidade r Municipio de Campos, para 1885, Campos,* pag. *212.*

[323] *Idem.* págs. 215-219.

[324] MATOSO MAIA *FORTE, José: O Estado do Rio de Janeiro, Rio,* 1028, pág. 83.

[325] CAETANO DA *SILVA. Antônio* José: *Corografia Fluminense, "Revista do* Inst. *Hist. e* Geogr. *Bras."* vol. LXVII, Rio, 1907.

[326] "Questionários *sôbre as condições da agricultura nos* municípios *do* Estado do Rio *de Janeiro". Publ. do Min.* da *Agricultura,* Rio, 1913, pág. 50.

do café, mesmo das mais prósperas como Vassouras, Resende e São João Marcos, afirma uma procura de terra bem provada pelas suas 774 propriedades agrícolas registradas naquele mesmo ano. [327]

Como em tôda a região serrana fluminense, particularmente nas zonas de extremo leste, após o declínio das fazendas do Império, a subdivisão da terra é também ali um dos fenômenos sociais preponderantes. Daquelas propriedades, 432 abrangem uma área inferior a 41 hectares, e, das restantes, 307 não vão além de 100 hectares. [328]

Ainda em 1920, devido a tardia penetração, a porcentagem entre a área em floresta e dos estabelecimentos recenseados é de 25%, o que lhe permitia um bom desenvolvimento das lavouras. Além da sua produção agrícola, nos morros já cansados pela cultura do café, espalham-se 12 847 bovinos, enquanto o número de suínos criados no município vai a 17 359. [329]

Com tôda essa promissora atividade nota-se porém um decréscimo na população no censo de 1940 que dá para o município 28 313 habitantes, enquanto a cidade apresenta apenas 1 276.

Não sabemos se a diminuição sensível da população urbana é devida, sobretudo, a algum êrro censitário, ou corresponde a realidade.

O certo, porém, é que mesmo no caso de ser então menor o número de habitantes do município que no censo precedente, o fenômeno social é apenas discriminativo de uma baixa temporária. Itaocara, como os demais municípios serranos do extremo leste, é um dos de maior densidade demográfica da terra fluminense, com cêrca de 64 habitantes por quilômetro quadrado. Tôda essa gente que se dissemina pelo território municipal numa intensa atividade rural polimorfa, anualmente aumenta a sua produção econômica. E a posição geográfica dêste grupo na encruzilhada de dois caminhos básicos da penetração na Serra Fluminense, promete-lhe um futuro próspero com o trabalho particularista das suas centenas de pequenas fazendas. [330]

28 — SANTO ANTONIO DE PÁDUA, O "CAMINHO DO POMBA" E O MISSIONÁRIO

Motivos semelhantes aos que levaram a fundação de São Fidélis e Itaocara, determinariam pela terceira vez a formação de mais um futuro centro municipal. Ainda os missionários capuchi-

---

[327] Recenseamento do Brasil, realizado em 1.º de setembro de 1920 vol. IV. 1.ª parte: "População", Rio, 1926.

[328] Idem, "Estabelecimentos rurais recenseados no Estado do Rio de Janeiro". Rio, 1925.

[329] Idem, vol. III, 1.a parte, "Agricultura".

[330] Ao ser terminado êste livro. acaba de aparecer uma substanciosa *Itaocara antiga* aldeia *de índios* de autoria de TOLEDO PISA, em cujas páginas poderá o leitor mais pormenorisadamente estudar a evolução dêste município.

nhos aparecem como pioneiros nesta zona, e, "descuidadas não tinham quedado as autoridades eclesiásticas do Rio de Janeiro, quando nas matas frondosas do rio Pomba tinha penetrado o evangelizador padre MANUEL DE JESUS MARIA".[331]

No século XVIII não temos porém notícia de aldeamento algum. JOAQUIM NORBERTO, embora inexato quanto a localização do núcleo missionário, dando-o como situado na margem meridional do Paraíba, diz-nos que, em princípios do século XIX, o padre ANTÔNIO MARTINS VIEIRA ergueu uma capela" que consagrou ao seu patrono Santo Antônio de Pádua, no meio do país habitado pelos índios que êle se propôs a civilizar, reunindo em tôrno das suas choupanas muitas famílias dos índios Coroados que, tendo sido pacificados pelo provincial dos capuchinhos portuguêses, frei FERNANDO DE SANTO ANTÔNIO, para os quais alcançou uma légua de terras de sesmaria, haviam contudo tornado aos. bosques.[332]

Sob os cuidados dêsse missionário cresce a povoação elevada a curato em 4 de fevereiro de 1846.[333] Com menos temor adiantam-se então os colonos para a nova zona, na qual ainda, embrenhados vivem os Puris, "avulsos pelas matas da serra de Frecheiras até o Muriaé e margens do rio Pomba, em número de 500 a 600 e mal vestidos, e recorrem aos habitantes circunvizinhos para permutar poalha". Os mais insociáveis índios fluminenses depois dos Botocudos, também por sua vez seriam assimilados, sobretudo pela abnegação do capuchinho frei FLORIDO DE CASTELLI.

Em suas contínuas caminhadas, "Frei FLORIDO penetra, entranha-se pelos desertos; pena, atravessa pelo meio das feras; sobe a serra das Frecheiras e vai até as povoações de Minas Gerais catequizá-los".[334]

Origina-se nestes aldeamentos o município serrano de Santo Antônio de Pádua, dos mais selvagens antes das missões.

Em 1.º de junho de 1843 a aldeia de Pádua centraliza uma freguesia de rico solo para o café, sôbre o qual, já livre dos Puris, uma rápida invasão começa a devastar as selvas. Nas margens do rio estabeleceu-se uma corrente imigratória de mineiros que "do arraial de São Manuel, rio Pomba abaixo, escalavam as terras dos atuais municípios de Pádua, Monte Verde, Itaperuna, São Fidélis e as terras altas do município de Campos pela margem direita do Muriaé".[335] Com esta chocava-se a corrente campista que subira o Paraíba, e, entre 1850 e 1860, o desenvolvimento dos cafèzais foi extraordinário.

---

[331] SILVESTRE, Honório: A *colonização mineira* nos *grandes* latifúndios de *café do* Estado *do* Rio de Janeiro. "O Jornal" ed. comem. do bicent. do café, 8.ª secção, pág. 5.

[332] SOUSA E SILVA, Joaquim Norberto de: obr. cit. pág. 131.

[333] CORTINES LAXE: Obr. cit. pág. 545.

[334] SOUSA E SILVA, Joaquim Norberto de: obr. cit. pág. 132.

[335] SILVESTRE, Honório: art. cit.

A influência do espírito campista parece ter sido considerável nesta zona, onde em complemento as lavouras da rubiácea, maior foi na Serra a construção de engenhocas de açúcar e aguardente, enumeradas na última estatística oficial em 375 incluídas em Pádua e Miracema. [336]

Mas foi sobretudo a grande contribuição mineira que tornou Pádua um dos mais notáveis municípios cafeeiros do Brasil e um dos de mais elevado índice demográfico na terra fluminense.

Pelo rasgão do Pomba os mineiros buscavam contacto com o litoral, ao mesmo tempo que os campistas, em premência de gado para os seus engenhos, ansiavam pela comunicação com os criadores montanheses. Os fatores geográficos regionais claramente indicavam o caminho aberto pelos rios. E já em 1811 se iniciava em Campos a construção de uma estrada, cujas resultantes econômicas seriam relevantes para a Província. [337]

Mas de seu lado "igualmente se projetavam os mineiros ao encontro dos campistas, e, de seus arraiais de "Meia-Pataca", hoje Cataguases, do "Feijão Cru", hoje Leopoldina, de São Manuel, de Ubá e outros lugares, foram traçadas estradas rústicas que, pelo vale do rio Pomba, se dirigiam a São Fidélis de Sigmaringa e pela navegação fluvial iam os viajantes a Campos, quando não preferissem a viagem pelo Muriaé". [338]

Essa imigração transformou Pádua numa das zonas de maior Influência mineira em tôda a Serra. Os MARTINS, PIEDADE, FERREIRA LEAL, MARMELOS, GONÇALVES, TOLEDO PISA, entre outras grandes famílias de Minas passam à terra fluminense, além de inúmeros trabalhadores rurais. "Os mineiros vão descendo aos poucos rio abaixo até onde vai a lavoura de café. As terras do município de Campos em que está instalada a lavoura de cana, parece que não as ambicionam. Estão acostumados as terras de altitude e jamais se habituariam às terras baixas da conhecida parte nordeste do Estado do Rio de Janeiro". [339]

Ainda hoje continuam a descer de Minas "os pequenos lavradores, porque já é passada a época dos agigantados latifúnclios em que fôra dividido o abençoado solo fluminense". [340]

Tais declarações de HONÓRIO SILVESTRE explicam a súbita elevação do índice demográfico não só de Pádua e Miracema, como também de Itaperuna, zona de abertura relativamente mais recente e de bem mais densa população que as velhas áreas da Baixada vizinha, com trezentos anos de civilização campista.

---

336 *BLASI*, Rafael: *Estado do Rio de Janetro — Produtores de Açúcar e Rapadura. Relat.* inédito *do Instituto do* Álcool *e do Açúcar.*

337 *CARNEIRO DA SILVA*, José 1.º *visconde de ARARUAMA: Memória Topográfica e Histórica sôbre os Campos dos Goitacases*, 2.ª *ed. Rio, 1907, pág. 47.*

338 *SILVESTRE, Honorio: art. cit.*

339 *Idem: art. cit.*

340 *Idem.*

Pádua foi sòmente elevada a vila em 2 de janeiro de 1882, desmembrando o seu território municipal de São Fidélis, e a cidade em 27 de dezembro de 1889.[341] Mas com o estabelecimento de médios e pequenos proprietários rurais, — fenômeno êste mui sensível na região montanhosa do extremo oeste fluminense —, não obstante a mais tardia chegada do café em relação as zonas de oeste, quase repentinamente ali se desenvolve uma ativíssima cultura do solo, sobressaindo o município como um dos mais produtivos do Estado do Rio de Janeiro.

O rápido e crescente aumento da sua população, conforme o seguinte quadro, é índice certo dessa prosperidade.

Ano	*População do distrito da sede*	*População municipal*
1872	—	6 801
1892	6 889	27 035
1920	18 402	59 590

O censo de 1940 dá-nos apenas 37 258 habitantes para a população rural, o que se explica pelo desmembramento do município de Miracema. Entretanto as cifras da população da cidade que nos dão apenas para a área urbana e suburbana 3 424 pessoas e para o distrito da sede 10 599, parecem antes revelar um grave êrro censitário. provavelmente no censo anterior, visto não ser possível admitir-se tal despovoamenot em tôrno de um dos mais florescentes burgos fluminenses.

De qualquer maneira, essa anomalia não afeta os créditos econômicos do município, que, em 1910, em plena ascensão ainda produzia 265 200 arrôbas de café, 150 000 sacos de milho, 15 133 de arroz e 8 000 de feijão.[342]

Pádua é hoje um dos maiores municípios cafeeiros do Brasil, e o segundo na Serra Fluminense, logo abaixo de Itaperuna.

Em sua área municipal que, de 7 093,393 quilômetros quadrados, se reduz a 722 com o desmembramento de Miracema, há 3 096 propriedades agrícolas recenseadas, tendo. em média 23,3 hectares, cifra esta ainda menor que a de Campòs, no lançamento estadual de 1940.

Na maioria, êsses fazendeiros atestam,' pelo sobrenome, origem portuguêsa, fato êsse também notado em Miracema e Itaperuna. Como em tôda a Serra Fluminense na imigração de além-mar predomina quase absolutamente o elemento português, seguido hoje do italiano, espanhol e sírio em escala descendente.[343] Nomes po-

---

[341] MATOSO MAIA FORTE, José: obr. cit.

[342] "Questionários sôbre as condições da agricultura nos municípios do Estado do Rio de Janeiro". Minist. da Agricultura, Rio, *1913*.

[343] *Recenseamento* do Brasil realizado *em 1.º* de setembro de *1920*, vol IV, 1.ª parte: "População", Rio, *1926*.

rém como os FOULY, VIAL, MOLLIN ÉCCARD, CRETTON, NAVEGA, SCHERK, BRUM, CURTY, KNUP, CASENDEY e alguns mais denunciam a progressista influência das migrações germânicas, suíças e francesas para Nova Friburgo e Cantagalo, das quais provieram êsses elementos que atravessaram o Paraíba. [344]

A grande massa, porém, dêsses lavoristas é brasileira, de origem fluminense ou mineira, e com esta mesma gente é que ainda as terras de Pádua continuam a ser retalhadas por um particularismo que se intensifica, fato comprovado pelo censo de 1920, no qual, entre 1 000 propriedades rurais, 820 'são dirigidas pelos próprios donos e apenas 180 cultivadas por arrendatários. Estas cifras são ultrapassadas pelas dos municípios **de** Nova Friburgo com 911 e 89, Cambuci com 877 e 123, São Fidélis com 843 e 157 e Itaperuna com 852 e 148. [345]

Além da exploração agrícola, Pádua é uma das entidades municipais da Serra onde a pecuária se desenvolve em maior escala, registrando-se no mesmo censo 18 833 bovinos e 31 846 porcinos.

Temos portanto aqui o exemplo de um município que, na República, ao invés de entrar em decadência como a maioria dos outros da zona ocidental, sempre viu aumentada a sua economia rural. E isto parece decorrer da sua formação particularista. Esta zona prodigiosamente fértil mas distanciada do Rio de Janeiro, não foi dividida entre grandes senhores de terra na época imperial, que em Campos, preferiam sempre se dedicar a lavoura de cana. Daí a subdivisão bem maior do solo entre pequenos lavoristas, e êstes mesmos só vieram completamente a desenvolver as suas iniciativas no período republicano, quando os municípios de oeste já se achavam em grande parte esgotados.

Pádua, Miracema e Itaperuna com tôda a sua extraordinária evolução rural processada neste século, foram de certo modo resultantes da Abolição e da República, enquanto os velhos municípios serranos ocidentais haviam sido obra do Império.

A essa falta de braço escravo e a impossível formação de uma nobreza rural é que se deve a corrida de imigrantes para as últimas zonas da Serra a serem exploradas com o café, onde em grande parte um solo rico permanecia ainda encoberto pela floresta. E essa corrida continua até os dias atuais, pois que vimos Pádua apresentar uma partilha da terra inexcedível em tôda a terra fluminense, a não ser em Nova Iguaçu, nos limites do Distrito Federal, quase uma dependência da metrópole.

A pequena propriedade intensamente cultivada não sòmente com o café mas com vários outros gêneros agrícolas e com a pecuária, apresenta-nos uma paisagem nova em tôda a Serra, mas

---

[344] *Idem: Estabelecimentos rurais recenseados.*

[345] *Idem.*

que iremos rever em outras zonas do extrsmo leste, onde a primitiva comarca de Campos se estendia por uma área enorme de montanhas e florestas até os limites de Minas, mas longamente abandonada pelas fôrças econômicas e financeiras da planície campista, fascinadas pela cultura da cana e pelos engenhos de açúcar.

Os fatôres topográficos inevitavelmente acabariam, entretanto, por intervir na sua evolução com os caminhos traçados pelos rios, que embora encachoeirados e imprestáveis a navegação, indicavam com os seus leitos o trajeto de futuras estradas.

Um dêsses rios foi o Pomba que ligava a antiga civilização campista ao planalto mineiro, por um caminho natural que forçosamente haveria de reunir duas opostas correntes de imigração numa zona que as atraía pelas grandes possibilidades de um solo fértil.

29 — MIRACEMA E A FUNÇÃO AUTONOMISTA DE UM RAMAL FERROMARIO

Na evolução econômica e demográfica do município de Pádua a vizinhança de Minas foi o fator essencial, caracterizando-se pela descida de forte corrente imigratória ao longo do rio Pomba. Sendo porém as margens dêste ainda bastante baixas, com altitudes que sobem de 70 a pouco mais de 100 metros, é natural que fôssem menosprezadas pelos cafèzistas, que se embrenhavam lateralmente pelos afluentes, onde havia encostas elevadas mais promissoras para as plantações.

O primeiro dêsses cursos d'água encontrados na margem esquerda, ao vir-se de Minas, é o ribeirão Santo Antônio, logo invadido pelos pioneiros. E além de mais próximo das terras mineiras, os próprios fatôres geográficos da bacia dêsse afluente viriam incentivar a imigração por um caminho nôvo.

Os limites interestaduais entre os rios Pomba e Muriaé correm pela crista de um divisor elevado, o qual bem se pode ver da Estrada de Ferro Leopoldina, na linha de Cisneiros a Patrocínio. Êsse divisor é quase ininterrupto, exceto nas proximidades de Miracema, onde as cabeceiras do ribeirão Sobreiro, afluente da margem direita do Santo Antônio, penetram mais profundamente para oeste, abrindo uma porta de entrada para a antiga zona de Pádua, através da qual se tornou tão intensa a penetração e o contacto com Minas que, até poucos anos nela perdurou séria questão de limites, sòmente sanada por uma comissão oficial.

As terras altas dêsse recanto municipal foram assim das mais povoadas, com dois caminhos a servi-las, intensificando-se nelas lavouras de café.

Mantinha-se porém Miracema ligada a Pádua, não obstante ir desabrochando ali um bairrismo concordante com a produção econômica distrital desde os fundamentos da sua freguesia.

Deveria esta nascer de um capricho feminino. Por volta de 1846, uma voluntariosa fazendeira local, D. ERMELINDA RODRIGUES PEREIRA, dona de várias propriedades e tendo um filho a ordenar-se por imposição sua, para êle pensa criar uma futura paróquia, erguendo em suas terras uma capela dedicada a Santo Antônio, com a doação de 25 alqueires para patrimônio.[346] O ideal religioso da fazendeira todavia não se realiza. Contra tôda a sua resolução e os seus enérgicos esforços, o filho despindo a batina, abandona o lar com o rapto sensacional de uma das môças do lugar.

A capela entretanto continuou a ser cuidada, e, como houvesse brotado um dos esteios de braúna da sua construção, foi dado o fato por milagroso, passando o local a denominar-se Santo Antônio dos Brotos. Era esta germinação como o prenúncio de uma pujante ramificação cultural para ali transportada com os cafèzais.

Em 26 de janeiro de 1880, Santo Antônio dos Brotos já é distrito policial de uma subzona crescentemente habitada, e, em 9 de setembro do ano seguinte, distrito de paz. Em 1883, passa a ter o arraial a denominação de Miracema, de *ibira cema,* ou "pau que brota", em tupi-guarani, ou, como querem outros, de *mira cema*, "gente que se reproduz".[347]

As tropas de café de Miracema eram das que mais concorriam para a animação do pôrto de São Fidélis, e um dos mais sólidos argumentos para a construção da Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua, da qual viria um ramal a destacar-se, partindo de Paraoquena até a povoação que já se formara em tôrno da capela dos Brotos. Com a nova estação no ponto terminal da via férrea, torna-se Miracema um centro de transportes distrital, com uma notável expansão do comércio ativado pelas transações com ás propriedades rurais.

Essa artéria ferroviária liberta-a cada vez mais de Pádua. E, com os robustos recursos independentes da sua economia agrícola, evolve o núcleo urbano para uma pequena e próspera cidade, ciosa dos destinos próprios onde .naturalmente crescem os sentimentos separatistas. O contacto com Minas continua a fornecer-lhe um contingente humano que, sem cessar se espraia pela topografia acidentada, que se eleva da cota de 137 metros na estação ferroviária, a cêrca de 400 nas serras do Pireneus, da Boa Vista e do Tirol.

Dos milhares de colonos mineiros a acorrerem para Miracema, a fim de plantar café num solo altamente produtivo, emergem

---

346 *Miracema — Memória da fundação dêsse municipio fluminense.* **Departamento de Estatística e Publicidade, Niterói, 1936, págs. 14-16.**

347 **Idem, págs. 15 e 17.**

centenares de pequenos fazendeiros, cujas famílias enraizadas ao nôvo meio, proliferam.

Paralelamente à produção dos cafèzais, crescem dêsse modo com a população, os pendores separatistas, e, após uma luta para libertar-se de Pádua que dura vinte anos, no primeiro plebiscito efetuado no Brasil, por determinação do govêrno estadual, a votação unânime decide pela autonomia.

Em 7 de novembro de 1935 é criado o nôvo município de Miracema, cuja população, pelo censo de 1940 é de 17 846 habitantes, contando-se nela 6 325 para a área urbana e suburbana da cidade, que é hoje uma das melhores da Serra, bem pavimentada, com edifícios modernos, serviço hospitalar, boas escolas entre as quais se distingue o modelar conjunto pedagógico do seu Ginásio e Escola Normal, recebendo alunos de vários municípios.

A sua praça Dona Ermelinda que recorda a fundadora da capela dos Brotos, é lindamente ajardinada e digna de qualquer cidade. Um compreensível bairrismo hereditário une e desenvolve uma vida social criadora de uma nata urbana, enquanto a mesma persistência no trabalho agrícola prossegue nas fazendas, onde uma grei rural se apega tenazmente ao solo.

No ano da sua autonomia, exportava Miracema 360 000 arrôbas de café, além de 120 000 quilos de algodão. A estatística da sua produção animal era de 6 500 bovinos, 800 equinos, 350 muares, 100 ovinos, 3 000 caprinos, 8 000 suínos e 100 000 aves.[348] Entre as suas várias indústrias, salientam-se uma fábrica de ladrilhos, 5 de gêlo, 5 de queijos, 3 de lacticínios, 4 de aguardente, uma de tecidos e uma de calçado.

A crise do café não desanima um dos mais obstinados grupos de civilizadores da Serra. Com o mesmo ruralismo pertinaz o miracemense consolida a sua economia da exploração do solo com a pecuária, e, com a mesma resolução envereda pelo nôvo ciclo industrial.

---

[348] A exportação de Miracema pela Estrada de Ferro Leopoldina em 1944. foi a seguinte:

Café pilado 1935 tons., ou 32 250 sacos.
Arroz beneficiado 4 096 tons. ou 68 266 sacos.
Açúcar 74 tons., ou 1236 saccs.
Farinhas diversas 52 sacos.
Madeira serrada 118 tons.
Cerâmica-tijolos, manilhas e telhas, 1 163 tons.
Tecidos de algodão 86 tons.
Peles 16 tons.
Aguardente 32 tons.
Sabão, 20 tons.
Sementes de algodão, 74 tons.
Aves, 19 720 quilos.
Ovos, 41 720 quilos.
Leite, 78 750 quilos.
Manteiga, 18 870 quilos.
Frutas, 8 740 quilos.

Miracema é a resultante de um ramal ferroviário, atingindo uma zona limítrofe interestadual, onde os fatores geográficos haviam condicionado caminhos, destinados a um vigoroso fluxo imigratório.

30 — ITAPERUNA, O GIGANTE DA SERRA E O "CAMINHO DO MURIAÉ"

À medida que se aprofundam as pesquisas históricas e que se generalizam os estudos sôbre a marcha das civilizações, crescentemente se evidencia a influência dos fatores geográficos na evolução dos fenômenos econômico-sociais de cada país, de cada povo e mesmo de cada grupo regional.

Na civilização cafeeira da Serra Fluminense temos até agora presenciado a origem e o desdobramento progressivo das zonas de cultura quase sempre sob a atuação de tais fatores. Mesmo quando elementos aparentemente alheios ao determinismo natural parecem haver dirigido a evolução, vimo-los sempre subordinados aos imperativos geográficos que orientam a vontade humana.

Na ligação Rio-São Paulo, por exemplo, o trajeto mais cômodo é o marginal ao leito do Paraíba. Fôra êle desprezado pelo mais direto e curto caminho de tropas varando a cordilheira, até que, posteriormente, as trens de ferro exigissem a via mais suave que a natureza de antemão traçara com êsse rio. Isto prova que, com o adiantamento cultural em sua evolução, o homem adapta-se aos impositivos naturais que lhe indicam o mais viável meio de atingir o seu destino.

No progredir de quase todos os centros cafeeiros fluminenses, o determinismo dos fatores geográficos com raras exceções imperiosamente presidiu, não querendo isto dizer que as determinações da inteligência fôssem subjugadas.

O cérebro é quem decide quais os processos que melhor conduzem ao domínio da terra, mas são os fatores geográficos que o orientam e o impelem a seguir êste ou aquêle caminho, forçando-o a adaptar-se as mais variadas condições do meio, onde evoluciona pelo vitorioso trabalho ou se abate na paralisação dos malogros.

Uma das mais estranhas observações tiradas do estudo dêstes centros cafeeiros é que, não obstante haverem todos nascido na bacia de um grande rio, insignificante e quase nula foi a sua influência como caminho líquido, a não ser em trechos isolados. A não ser no caso de São Fidélis, já no baixo Paraíba, as sucessivas interrupções de navegabilidade por segmentos encachoeirados jamais permitiriam a regularização de um tráfego fluvial como responsável fator de cultura.

A civilização nascida no vale do Paraíba originou-se de caminhos terrestres, e mesmo tôda a série de cidades surtas à sua

margem de Resende a Cambuci, desenvolveram-se quase exclusivamente com as estradas de ferro.

Não quer isso dizer que a influência do rio possa vir a ser desprezada na escolha do local e na formação dos povoados serranos. É sempre junto d'água que êles tendem a aglomerar-se, visto que a não ser por absoluta impossibilidade, será sempre a margem do rio o caminho mais fácil para as vias de comunicação. Dêle sòmente se desviará o homem quando absolutamente impedido por fatalismos geográficos, ou tangidos pela inexperiência.

Na evolução das cidades serranas, onde, muita vez, importantes cursos d'água são abandonados pela escolha de bem menos importantes afluentes, há entretanto uma zona onde o rio impõe visivelmente as suas diretrizes na formação de núcleos urbanos centralizadores de uma intensa vida rural. É o caso de Itaperuna.

A influência da Guanabara como grande empório cafeeiro do Brasil no Segundo Reinado, também vai ali refletir, mas palidamente.

Por outro lado, na zona vizinha de Campos tôda a população concentrada na secular exploração dos seus canaviais, despreza essas magníficas florestas, essas misteriosas montanhas tenebrosas de Puris, nas quais não existe o cobiçado massapê. O engenho de açúcar ali absorve tôda a formidável energia coesiva do agricultor, retardando a penetração de selvas tão vizinhas e sulcadas por um grande curso d'água: o Muriaé.

Pioneiros, entretanto, afrontando a virulência do paludismo no temido rio com os seus índios Guarulhos no baixo curso, haviam subido o curto trecho navegável.

Os primeiros de que há notícia foram os citados capuchinhos italianos, frei JAQUES e frei PAULO, os quais em 1672, sobem até Cachoeiro, ali fundam uma aldeia indígena de vida curta: "O índio era imune. Aldeado, as febres dizimam-no. E o povoado nômade desceu o rio". [349]

Como vimos, tentam ainda os frades situá-lo no Facão e em Tabatinga, mas malogram, e abandonando as margens do Muriaé, infecionadas de maleitas, vão fixar-se nas do Paraíba, em Laranjais, nas proximidades da futura São Fidélis.

No século XVIII, porém, no qual se desdobra pelos sertões a epopéia das Bandeiras, e quando a serra do Mar começa a ser invadida por destemidos devassadores da floresta, saídos de Minas, da Guanabara e de São Paulo, por mais que os campistas se deixassem fascinar pela fertilidade do seu lençol de aluviões, a penetração do Muriaé teria de ser iniciada pela própria expansividade dêsses plantadores de cana e levantadores de engenhocas.

---

[349] LAMEGO, *Alberto* Ribeiro: *A Planicie do Solar e da Senzala*, **Rio, 1934, pág. 133.**

A nova terra, entretanto, ferrenhamente reagia pelas devastações com o paludismo que se denominava "carneiradas", e com a maioria dos índios Guarulhos irredutíveis ao aldeamento.

As aluviões esparsas ao longo do rio eram todavia por demais tentadoras, para que, a despeito de todo aquêle terror da flecha e da moléstia, não fôssem gradativamente ocupadas. O próprio COUTO REIS que é quem nos diz que, "os sertões do Muriaé foram em outro tempo horrorosos, por mais pestíferos", dá-nos em sua carta de 1785, cêrca de 20 engenhos estabelecidos pelas margens do baixo curso.

Essas fazendas não passam porém de pequenas clareiras na floresta. Por mais audaciosas que tenham sido as primeiras entradas no Muriaé, nada mais representam que uma simples expansão da indústria açucareira de Campos. A projeção da cultura colonial dos engenhos, tenaz porém lenta, como o rolar das suas almanjarras e dos seus carros de boi. E êsse desbravamento apenas se limita ao curso navegável, pois que, a montante de Cachoeira, hoje Cardoso Moreira, continuava a selva bruta.

O descobrimento mesmo do baixo curso, não fôra entretanto fácil. Além das endemias palúdicas, havia o Guarulho sempre de tocaia. Firme na defesa de terras que julgava suas e pertencentes a aldeia dos irmãos domesticados, "armados de arcos e flechas se opuseram aos que tiravam madeiras nas terras devolutas, destruindo as embarcações que se encontravam no Muriaé e as lavouras dos fazendeiros e colonos". [350] Os primeiros mateiros tiveram de ceder, até que, como vimos anteriormente, nos meados do século, fôssem os Guarulhos chacinados.

A grande tarefa do Muriaé era entretanto o médio e o alto curso, domínio dos Puris. Nesses longínquos matagais impróprios a criação e a cana-de-açúcar, sòmente existia nessa época uma possibilidade econômica: a exploração da madeira, se compensação houvesse para os enormes sacrifícios dessa busca em plena mata virgem.

Dirigem-se então para o incógnito médio curso alguns pioneiros nas arriscadas "bandeira do jacarandá", a mais preciosa das madeiras de lei.

O primeiro dêles é JOÃO LOPES DA SILVA LIMA, o qual consegue arrancar a floresta cem dúzias de couçoeiras, mas vai falecer na miséria em Santo Antônio de Carangola. No seu rastro seguem dezenas de mateiros. "Vencendo asperezas, alquebrados de privações, roídos de febres, quase sempre por lá ficavam, passando anos sem verem as famílias". [351]

"À custa dêles desencantam-se os mistérios do Muriaé", — diz-nos COUTO REIS. A zona serrana do extremo norte fluminense,

[350] LAMEGO, Alberto Ribeiro: A Terra Goitacá, vol. IV, pág. 32.
[351] LAMEGO, Alberto Ribeiro: obr. cit. pág. 134.

começa desta maneira a ser desbravada com a exploração do jacarandá. Esta porém, não conduz ao povoamento em massa. Limita-se à abertura de picadas na floresta, em pouco de nôvo cerradas pela exuberância da vegetação que renasce.

O processo da eliminação em grosso do matagal e do descobrimento das serranias encobertas, o elemento dominador da selva e da montanha ainda não havia chegado. O médio e o alto curso do Muriaé, onde erravam os Puris, continuavam perdidos no "Deserto das Montanhas", aguardando a vinda do café. Os bandeirantes do jacarandá, haviam, porém, deixado rastros ao longo do rio que, lhes servia de caminho. A ofensiva dos campistas com a sua cultura dos canaviais, fazia-se cada vez mais forte.

Quando em 1828 MUNIZ DE SOUSA sobe o Muriaé, já existem 48 engenhos de açúcar, no baixo curso, e a sua influência já repercute muito além de Cardoso Moreira para montante. Diz êle que, no ano anterior, 8 canoas de Minas haviam descido em exploração do rio, trazendo ipecacuanha para Campos. É êle o primeiro a dar notícia dos calcários do Muriaé e de uma extinta exploração de ouro no córrego das Doenças, o que prova ter subido até proximidades de Paraíso. A cana é a principal lavoura dos fazendeiros "fervorosos, diligentes, assíduos em seus trabalhos, hospitaleiros e afáveis". Duas aldeias de Puris encontra em seu caminho, vivendo ali acossados pelos Botocudos. [352]

Tinha sido esta a obra dos campistas. Vejamos agora a dos mineiros.

Em 1831, JOSÉ DE LANES DANTAS BRANDÃO, depois de desertar da polícia de Ponte Nova refugiou-se em Campos. Receoso de ser ali descoberto, procurou o sertão, indo até a altura do atual município de Viçosa, regressando a zona de Faria Lemos, para depois descer e apossar-se ,de tôda a terra, desde Porciúncula até o Bambuí.

Em 26 de outubro de 1832, escrevia JOSÉ LANES ao seu filho FRANCISCO do lugar por êle denominado "Conceição", dando notícias, pedindo recursos, e que fizesse uma consulta ao amigo "sargento" em Minas, sôbre a possibilidade de legalização da posse das terras que havia ocupado. Voltou em 1833 JOSÉ LANES a zona que deixara, trazendo em sua companhia índios, escravos e um indivíduo por nome BAMBUÍ, ao qual doou as terras que ainda têm esta denominação.

Estabelecido no lugar chamado Pôrto Alegre faz doação em 1834 ao tenente-coronel GERALDO RODRIGUES DE AGUIAR das cachoeiras do Cubatão. [353]

---

[352] LAMEGO. **Alberto Ribeiro: A *Terra Goitacá*, vol. *V*, págs. 64 e 69.**

[353] PINHEIRO MOTA, **Mario: *Município de Itaperuna*. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia". vol. V, pág. 739.**

Foram êstes os primeiros povoadores de Itaperuna, cujas selvas tiveram por caminhos de penetração os rios da bacia do Muriaé em seu longínquo isolamento propício a um refugiado.

Sob tal ponto de vista êsse desbravamento foi esporádico, sem quaisquer motivos preconcebidos. A causa da penetração era o afastamento das zonas habitadas, o que indiretamente não deixa de ser um determinismo geográfico. As diretrizes, porém, das entradas e do posterior esgalhamento da cultura itaperunense, foram traçadas pelos rios.

É ainda o intimorato JosÉ LANES que, desfazendo-se da sua fazenda de Pôrto Alegre, próxima a atual cidade e a margem do Muriaé, sobe o Carangola, afluente dêste, estabelecendo-se em São José, acima de Natividade.[354]

Dois outros LANES, ANTÔNIO e FRANCISCO, irmãos de JosÉ, são trazidos por êste de Ponte Nova, fixando-se entre as bacias dos ribeirões da Conceição e do Bom Sucesso, e a êles se junta depois o pai, capitão JOÃO DANTAS BRANDÃO e membros das importantes famílias mineiras TINOCO e RABELO.

A penetração incentivava-se dêsse modo pelo vale do Carangola em detrimento do Muriaé. Outro parente entretanto, chega. É JosÉ FERREIRA CÉSAR que "a pretexto de batear ouro e colhêr ipecacuanha", instala-se a margem dêste rio onde o seu rancho é a primeira casa da futura Laje do Muriaé.

Tão sòlidamente se consolidara êsse clã nas selvas de Itaperuna que, em 1842 mandando o presidente de Minas prender o desertor, a tropa é forçada a entrar em entendimentos pela ameaça de resistência armada. Indo então a Ouro Prêto, JosÉ LANES de lá regressa "louvado e honrado com o título de guarda-mor, pelos serviços prestados as regiões inóspitas que habitara e desenvolvera".

Foi dêsse modo, por penetração dupla de campistas e mineiros que as florestas mais setentrionais da Serra Fluminense começaram a ser invadidas. "Em 1846, JosÉ LANES doou 10 alqueires de terra para o patrimônio de Santo Antônio de Carangola, e, em 1849, a 30 de abril, o decreto n.º 475 criou a estrada de Campos ao sertão do Muriaé".

Tragicamente veio a acabar o fundador de Itaperuna, assassinado com o seu genro por dois escravos em 1852, quando a sua obra já visivelmente frutificava.

Em 23 de agôsto de 1853, Natividade era criada freguesia. Bom Jesus do Itabapoana é elevada ao mesmo título em 14 de novembro de 1862. Varre-Sai, em 20 de novembro de 1879, e Santo Antônio do Carangola a 27 do mesmo mês.

Em 1884, quase nas vésperas da Abolição e da República, a única povoação ainda atrofiada era a futura Itaperuna. Era esta

[354] **Idem,** pág 740.

naquele tempo um minúsculo burgo então conhecido por arraial do Pôrto Alegre, ao sul da primitiva fazenda de JosÉ LANES. Malgrado, porém, a sua insignificância, foi êle o escolhido para centralizar a administração de um nôvo município, criado em 29 de dezembro de 1887, com o nome de São José do Avaí.

Com a Lei Áurea do ano seguinte, recusaram-se vários subscritores da construção do Paço Municipal a concorrer com os seus capitais, o que enfraqueceu a política monárquica local e deu a Itaperuna em 4 de julho de 1889, antes da proclamação da República, a primeira Câmara republicana do Brasil. Em 6 de dezembro dêste ano foi a vila elevada a cidade, recebendo o nome atual, cuja etimologia é dada como significando "pedra preta", — o que bem lhe cabe devido ao gnaisse negro sôbre o qual assenta a povoação —, ou como "tapir-una" ou "tapir negro", designação correspondente a Pedra Elefantina nos limites de Minas com o município, de lombada polida e negra fazendo lembrar o dorso de uma anta.

O mais conspícuo fenômeno social na evolução dos municípios do norte serrano fluminense, e sobretudo em Itaperuna, é que, ao confrontá-la com as demais zonas da Província dependentes de uma centralização geral na Côrte, não se formou ali uma poderosa aristocracia agrária, malgrado a influência dominadora de um forte clã inicial.

O café ali chegara cedo com os irmãos de JosÉ LANES, sendo o primeiro pé plantado em 1834, nas terras da atual fazenda de São José no vale do Carangola.[355] Mas talvez por falta de braços a sua expansão tardou a realizar-se. Tanto assim que, em pleno apogeu dos "barões do café", no Segundo Reinado, nenhum título nobiliárquico possuía a terra itaperunense, o que demonstra a ausência de grandes riquezas. Além disso, uma intensa imigração mineira através das várias diretrizes fluviais da bacia do Muriaé, proporcionou a Itaperuna uma rápida subdivisão do solo dos primitivos latifúndios, caracterizando-se atualmente o município pelo grande numero de sitiantes cultivadores de café.

Essa inexistência de uma nobreza rural deve ter concorrido para a mencionada singularidade de ter possuído Itaperuna ainda no Império uma Câmara republicana. Faltavam-lhe fortes elos unitivos a Coroa. JosÉ DE LANES e seus parentes perdidos em distantes selvas e não tendo posses para cultivar tão vastas áreas de florestas, partilharam-nas entre colonos, atraindo uma grande imigração de gente ativa mas sem recursos para a aquisição de escravos para amplas lavouras. Por outro lado, os negros da planície campista, mesmo após a Abolição, com o seu pendor para a vida urbana, evitaram mergulhar em nova zona de matagais.

---

[355] MELO, *Joaquim de: A Evolução da Cultura Cafeeira no Estado do Rio. "O Jornal" ed. comemorativa do bicent. do café*, 6.ª secção, pág. 4.

A expansão do café em Itaperuna só começou a realizar-se em grande escala já quase no declínio do período imperial. Por essa época, não só a região limítrofe de Minas como no município, houve um poderoso desabrochar de atividades. E assim como Cantagalo necessitara do seu Pôrto das Caixas e as zonas centrais e orientais da Serra desenvolveram os portos do recôncavo da Guanabara e os da baía da Ilha Grande, também o norte serrano fluminense a próxima zona de Minas exigiam um escoadouro para as suas safras, para os diversos produtos da sua nascente iniciativa.

O pôrto de Cachoeiro no limite navegável do baixo Muriaé, — atual Cardoso Moreira —, foi êsse escoadouro.

"Logo abaixo de Cachoeiro, os trapiches. Com a navegação organizada entre São João da Barra e Campos, nêles efetuava-se intensíssimo intercâmbio. Os caixões de jequitibá — com as suas doze arrôbas de pães de mascavo e mascavinho esfarelados —, o jacarandá e o pau-brasil, o sôbro e a peroba, o cedro e o tapinhoã, o vinhático e o aparaiú, o óleo e a sucupira flutuavam rio abaixo'.

Êstes eram, porém, ainda, os produtos da exploração do baixo curso, onde os engenhos de Campos haviam de longa data chegado, e onde a extração da madeira era então já feita em grande escala. Cachoeiro, todavia, movimentava-se de uma agitação bem mais intensa com as idas e vindas da gente serrana. "Com semanas e até meses de viagem, desciam dos sertões de Minas tropas, rascunhando nas sendas retrilhadas o futuro traçado das vias férreas. Além do café, o toucinho e o fumo eram a principal carga de chegada. De volta, o sal e o querosene, a sêda e o ferro em barra, a pólvora e o chumbo, até o champanha e o "Chambertin", seguiam no lombo das tropilhas, rumo aos distantes sertões mineiros. Por vêzes, nos currais de Cachoeiro trezentos e mais burros esperavam carregamento". [356]

Tão importante era o comércio dêste pôrto que, em 1888, a Estrada de Ferro de Carangola que atingira Murundu ao norte de Campos, e dali se desviando para sudoeste após a travessia de uma zona acidentada, inaugura a estação de "Cachoeiras" com a presença dos Imperadores.

Foi êste o marco histórico definitivo para a evolução de Itaperuna. Atraídos pelo café, de Minas e de Campos afluem trabalhadores com as suas famílias para novas fazendas rapidamente adquiridas por elementos ativos da montanha e da planície. Com o término da escravidão, a vasta zona de matagais serranos acusava em 1890 o número de habitantes ainda pequeno de 9 327, se *o*

---

[356] **Lamego, Alberto Ribeiro:** A *Planície do Solar e da Senzala,* Rio, *1934,* págs. 135-136.

compararmos aos 6 014 do censo de 1872,[357] mas constituindo uma eugênica população eminentemente entregue a duras atividades rurais.

Com o avanço da estrada de ferro porém, através das matas campistas rumo a Itaperuna e cada vez mais facilitando os transportes, o recenseamento de 1920 registou para o município cêrca de 100 000 habitantes. Embora originado sob as diretrizes fluviais de penetração, Itaperuna só veio a amplamente expandir-se com a estrada de ferro e a República.

Com a falta de braços para a lavoura na distante zona serrana, e não sendo mais possível adquirir escravos, o recurso era a crescente colonização. Numerosos trabalhadores rurais iam instalar-se agora nas fazendas como colonos, onde escolhem os seus lotes para o plantio do café. Nos quatro primeiros anos em que se desenvolve o cafeeiro, os milharais garantem-lhe a subsistência da família, e, quando frutifica a primeira safra, um bom sorriso Indica no lavorista, com a alegria da recompensa a sua tenacidade contra a floresta, contra o mato que renitente renasce, a paga do carinho de cada pé de café que viu nascer e, pelo qual, dia a dia se desvelou.

Começam a objetivar-se as suas esperanças, porque o seu fito é libertar-se do patrão, comprar um sítio onde ao redor da casa própria, cresçam as suas lavouras e a sua criação.

Em geral de origem modesta, a numerosa filharada sempre a aumentar, não lhe permite o acúmulo de riqueza. Trabalha a terra com a própria família. Planta e colhe não sòmente o café mas tôda sorte de mantimentos, sobretudo o milho, do qual Itaperuna é o maior produtor fluminense.

Há muito nesse agricultor dos primitivos plantadores dos canaviais de Campos, com as suas engenhocas aos centenares espalhadas na planície, e cujo número ascende nesta zona serrana a 792 em 1938.

Dir-se-ia que o imorredouro espírito particularista dos campistas que vimos através do século desafiar os grandes proprietários rurais, sobrevive, emigrado para os vales e montanhas itaperunenses, com a contínua subida de trabalhadores pelo Muriaé, os quais se transformam em cafèzistas.

É esta como já frisamos a originalidade da cultura do café nos municípios do norte fluminense, e sobretudo em Itaperuna: a *pequena* propriedade com colonos quase exclusivamente brasileiros.

O lançamento estadual de 1939 dá-nos para o município 5 219 propriedades rurais recenseadas, tendo em média 43,5 hectares.

---

[357] "Relatório apresentado ao Ilmo. Sr. Dr. JOSÉ TOMÁS DA PORCIÚNCULA, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, pelo Diretor Interino de Negócios cio Estado, Bacharel MIGUEL JOAQUIM DE CARVALHO", Rio 1892.

E, segundo a estatística da safra de 1926-1927, a produção de café já era de 1218 096 arrôbas, sendo que na seguinte o cálculo admitia 1 666 900 arrôbas, ou sejam respectivamente 18 271 e 25 003 toneladas.

Pode-se medir o assombroso esforço do itaperunense no plantio do café pelo número de pés existentes na primeira destas safras: 52 304 000 em produção além de 4 140 700 novos cafeeiros.[358] De longe a sobrepujar todos os recordes da terra paulista, Itaperuna já era, há cêrca de 20 anos, o município de maior número de pés de café em todo o Brasil e o censo de 1920 ainda lhe dava uma reserva de mais de 37,8% de matas sôbre a área territorial.

Esta é porém apenas uma prova parcial da sua imensa atividade agrícola, como poderemos ver na estatística da safra de 1936-1937: [359]

Café	28 000	toneladas
Milho	25000	,,
Arroz	20000	
Feijão	12 000	
Cana-de-acúcar	4 000	,,
Algodão	50	,,

A sua produção de mandioca em 1938 foi de 24 000 toneladas, elevando-se no ano seguinte a 60 000.

A essa produção agrícola adicionemos a da pecuária não menos considerável, cujas cifras de 1938 eram as seguintes:

Bovinos	50 000
Suínos	80 000
Equinos	8000
Muares	6000
Asininos	200
Caprinos	2000
Aves	350000

A sua grande exportação de produtos agrícolas, Itaperuna acrescentava ainda naquele ano êstes dados sugestivos:

Aves	907965	quilos
Ovos	323343	,,
Queijos, manteiga e creme	115 912	,,

A mesma estatística mencionava 1 usina de açúcar, 11 serrarias, 828 moinhos de fubá, 170 máquinas de beneficiar café, 40 de arroz, 38 fábricas de aguardente e 754 engenhocas de cana, 3 fontes de águas medicinais em exploração que exportam um total

---

[358] MEU), Joaquim de: art. cit.

[359] *Dados e informações sôbre* Itaperuna. Prefeitura Municipal de Itaperuna, agôsto de 1939.

de 1000 000 de litros, — as de Avai, Rapôso e Cubatão —, além de pequenas indústrias. Nas suas numerosas cachoeiras 43 usinas elétricas utilizam a energia hidráulica, havendo seis emprêsas que fornecem luz e fôrça aos distritos municipais.

Com tôda essa poderosa economia não é de admirar que as contribuições ao fisco em Itaperuna já se elevassem no ano de 1933 a Cr$ 18 730 500,00, sendo que Cr$ 13 000 000,00 couberam ao Govêrno Federal só da taxa do café.

São ainda boas as esperanças de mineração no município onde há depósitos de mica, de manganês grafitoso e de ouro aluvional, rendendo êste em 1938 cêrca de 26 000 gramas, além do que saiu em contrabando.

Itaperuna, o caçula dos cafèzais fluminenses, desdobrando as suas atividades por outros ramos da exploração da terra, tornou-se um dos mais poderosos contribuintes da economia estadual, onde figura em primeiro plano, ocupando na Serra um lugar incomparável. O seu exemplo é sobretudo precioso e necessário aos velhos municípios abatidos com o desaparecimento da nobreza imperial e que lentamente se reerguem dinamizados por novas possibilidades industriais.

Para que uma civilização sòlidamente se alicerce, não basta a presença de capitais e fábricas tranformadoras de produtos importados. É preciso que também o solo seja trabalhado. Que uma' clarividente policultura se alastre a par da criação por tôdas aquelas colinas, morros e serras, por onde outrora o café passou.

Os modernos recursos da lavoura com os seus adubos, os seus maquinismos, tudo possibilitam nesse campo. Que para o modêlo de Itaperuna se volvam os menos animados, certos de que, por uma renovação dos métodos de trabalho, onde se irmanem a cooperação e a técnica moderna, a sua economia ultrapassará a dos velhos tempos imperiais, com a mesma prosperidade que a do nôvo gigante das montanhas fluminenses.

31 — BOM JESUS DO ITABAPOANA E O INDIVIDUALISMO DO SEU RIO

No território da primitiva freguesia de Santo Antônio de Guarulhos da comarca de Campos de onde se destacou Itaperuna, separando-se dêste município, outro iria ainda formar-se, devido aos fatores geográficos.

As terras de Bom Jesus do Itabapoana foram cedo invadidas após a penetração no vale do Muriaé, bastando, para atingi-las, a transposição de um accessível divisor. Mas não obstante os seus 18 criadouros, as suas 3 fazendas de cana-de-açúcar e uma já próspera cultura de café com 157 fazendeiros, irradiada de Itaperuna, a freguesia criada por lei de 1862 que a faz desmembrar

de Varre-Sai, era ainda em 1882 quase inteiramente oculta na floresta. [360]

Em quase tôda a Serra Fluminense a civilização cafeeira criara em cada zona apenas um centro urbano, em tôrno ao qual iam contemporâneamente evolucionando pequenos arraiais. No extremo norte, porém, no município de Itaperuna, vemos alguns burgos pròsperamente a crescer a margem dos rios que traçam caminhos na selva. E as linhas férreas que se ajustariam a êsses cursos d'água, em breve dilatariam êsses povoados, transformando-os em pequenas cidades que são hoje Natividade, Laje, Porciúncula e Bom Jesus do Itabapoana.

Esta última desenvolveu-se de um ramal exclusivamente seu.

De Itabapoana — primeira estação da Estrada de Ferro Leopoldina ao atingir o Espírito Santo na linha de Vitória —, destacara-se um galho da ferrovia, marginando o rio até o arraial do Bom Jesus, o qual se torna o eixo dos transportes de grande zona cafeeira em ambos os Estados.

Bom Jesus aos poucos se desenvolvia, no ponto terminal da linha, com um núcleo urbano centralizador não só da própria freguesia, como também de vasta faixa capixaba. Como prova cabal temos hoje um povoado na margem esquerda, crescido com a aglutinação de elementos espírito-santenses, que apenas continua a cidade fluminense na outra margem.

Em 1881 tem a freguesia 2 842 habitantes livres, 1298 escravos. [361] Dados mais interessantes nos são porém fornecidos três anos depois, contando Bom Jesus com 3 025 pessoas livres, 989 escravos e 670 ingênuos. [362] A pequena porcentagem de escravos nessa época onde a massa da população rural era por êles constituída, revela-nos imediatamente o mesmo fenômeno de Itaperuna: a formação particularista. Gente de fracos recursos a tomarem quinhões de terra para nêles trabalharem com a própria família. Nada de grandes fazendas com abundante escravaria, como em tôda a região de Cantagalo a São João Marcos.

Com os transportes independentes de Itaperuna e criando êsses proprietários de fazendas uma economia sólida com o trabalho agrícola, é natural que nesta zona também viessem a germinar idéias autonomistas que acabariam concretizadas.

Uma das bases da economia de Bom Jesus foi, a princípio, a exploração das florestas. Antes mesmo da construção do ramal férreo já esta zona era favorecida pelo pôrto Limeira, onde findam as quedas do Itabapoana, através do qual um ativo comércio de madeiras se fazia com o Rio de Janeiro. Além do jacarandá, o sôbro, o vinhático, a peroba, o tapinhoã, o cedro e a canela saíam

---

360 ALVARENGA, João — *Almanaque* de *Campos*, 1881.

361 TEIXEIRA DE MNO: *Campos dos Goitacases em 1881*. *Rio*, 1886, *páp. 139.*

362 ALVARENGA. João: *obr.* cit. pág. 196.

das grandes selvas a margem do rio, e, juntamente com o café, desciam até a foz onde os esperava a navegação de cabotagem. "Pelo pôrto de Limeira chegou-se a exportar mais de 800 000 arrôbas de produtos". [363]

O curso do Itabapoana isolava dêsse modo de Itaperuna a formação econômica de Bom Jesus, diferençando um grupo social cuja autonomia iria apressar-se com a estrada de ferro.

O movimento comercial da vila de Bom Jesus duplamente intensificado pela produção rural do seu distrito e do município espírito-santense de Calçado, compelido a ir ali buscar a via-férrea, fêz crescer a povoação em tôrno da grande matriz erguida pelo padre MELO, vigário e arquiteto.

Uma boa estrada de rodagem é construída, ligando-a a cidade de Itaperuna para que solidifique a sua jurisdição. Mas a vila então maior que muitas sedes municipais da Serra, já dissociara a sua vida própria do grande município, e crescentemente exigia uma administração autônoma que lhe foi concedida, pelo decreto de 14 de dezembro de 1938.

O censo de 1940 dá-lhe uma população municipal de 33 979 habitantes contendo a sede 3 816. Produz 600 000 arrôbas de café e não obstante as suas tradições agrícolas, poderá Bom Jesus tornar-se centro industrial. Além do transporte ferroviário e as possibilidades de utilização do pôrto de Limeira com o rio daí navegável até a embocadura, o próprio Itabapoana com as cachoeiras do Inferno e da Fumaça, põe-lhe a mão poderosa fonte de energia hidráulica, que já se cogita de utilizar. E assim o rio que lhe deu a autonomia, oferece-lhe possibilidades para um futuro industrial..

32 — NATIVIDADE E PORCIÚNCULA E O "CAMINHO DO CARANGOLA"

Já estava êste livro terminado, quando a Constituição Estadual promulgada em 20 de junho de 1947, criou mais quatro municípios fluminenses: Nilópolis, Meriti, Natividade e Porciúncula, sendo os dois últimos na zona serrana do café.

Natividade do Carangola veio a constituir-se do distrito itaperunense do mesmo nome, ao qual foram acrescentados os de Varre-Sai e de Ourânia. E ao antigo distrito de Porciúncula juntaram-se os de Purilândia e de Santa Clara para a formação de nova entida'de municipal.

A sua evolução histórico-social já foi esboçada quando tratamos a de Itaperuna, que, com esta separação, se vê consideravelmente reduzida em área e potencial econômico.

---

[363] TEIXEIRA DE MELO: obr. cit. pág. 139.

Tanto Natividade quanto Porciúncula devem a sua origem a penetração de José de Lanes Dantas Brandão em 1831. Natividade foi a mais antiga freguesia desta zona de florestas do extremo norte fluminense, criada em 1853, e Porciúncula, a primitiva Santo Antônio do Carangola, tornou-se paróquia em 27 de novembro de 1879.

Notamos, no capítulo anterior, que a singularidade da formação histórico-social de Itaperuna foi o desenvolvimento de pequenas cidades mais ou menos equilibradas em população e importância econômica, ao invés de simples arraiais satélites de um centro urbano monopolizador das suas atividades e diretrizes, como acontecera nos velhos municípios imperiais.

Além de Bom Jesus, mencionamos Natividade e Porciúncula como verdadeiros centros urbanos, e até bem pouco, a vida social de Natividade era mesmo superior a da cidade de Itaperuna.

Nascidos a margem do rio Carangola, principal afluente do Muriaé, numa vasta zona montanhosa de topografia retalhada, compreende-se como êstes núcleos se desenvolveram isoladamente, sobretudo quando a estrada de ferro os veio tocar, criando com as respectivas estaçeõs, importantes centros de explortação cafeeira.

Com o "Caminho do Carangola" esgalha-se dessa maneira o do Muriaé, sendo o afluente já tão importante como o rio principal. E os dois mais populosos centros nascidos naquele caminho, evolvidos independentemente com os seus próprios recursos culturais, econômicos e demográficos, já deixavam prever a sua elevação a sedes municipais, por serem efetivamente cidades tão importantes como Itaperuna.

A CULTURA

"A civilização do café imperial foi a réplica brilhante e o encerramento da era agrícola escravocrata e latifundiária brasileira, iniciada no século XVI com as plantações de cana no litoral nordestino".

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: Desenvolvimento da Civilização Material do Brasil. Publ. n.º 11 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio, 1944, pág. 128.

"Os proprietários fluminenses tornam-se os súditos mais ricos do Império. Os seus domínios antecedem em confôrto e esplendor as fazendas paulistas no período áureo do café, — 1870 em diante. — O Govêrno reconhece-lhes o espírito aristocrático e a importância política, criando titulares da monarquia, viscondes e barões, os cafeicultores da província do Rio".

PEDRO CALMON — *História* da Civilização Brasileira. 4.ª edição, São Paulo, 1940, pág. 270.

"... até 1889, o grande sustentáculo da economia e da prosperidade do Império é o vale do Paraíba do Sul. Tal preponderância assume, que, para se designar, se dispensa a adenda do topônimo. Basta dizer simplesmente "o vale", que todo o Brasil sabe o que isto significa".

AFONSO DE E. TAUNAY: Pequena *História* do Café no Brasil, Rio, 1945, págs. 233-234.

I — OS BARÕES DO CAFÉ

"A colonização do Brasil se processou aristocraticamente — mais do que a de qualquer outra parte da América... Aristocrático, patriarcal, escravoerata, o português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América. Essencialmente plebeu, êle teria falhado na esfera aristocrática em que teve de desenvolver-se o seu domínio colonial no Brasil. Náo falhou, antes fundou a maior civilização moderna nos trópicos".

GILBERTO FREYRE: "Casa Grande e Senzala", Rio, 1934, pág. 199.

"O latifúndio cafeeiro, como o latifúndio açucareiro, tem uma organização complexa e exige capitais enormes; pede também uma administracão hábil, prudente e enérgica. É como o engenho de açúcar um rigoroso selecionador de capacidades. Só prosperam, com efeito, na cultura dos cafèzais as naturezas sòlidamente dotadas de aptidões organizadoras, afeitas à direçáo de grandes massas operárias e à concepçáo de grandes planos de conjunto. O tipo social dela emergente é, por isso, um tipo social superior tanto no ponto de vista das suas aptidões para a vida privada. como no ponto de vista das suas aptidões para a vida pública. Daí formar-se, nas regiões onde essa cultura se faz a base fundamental da atividade econômica, uma raça de homens magnificamente [illegible] de talentos políticos e capacidades [illegible] vas"

OLIVEIRA VIANA: "Evolução do Povo Brasileiro", São Paulo, 1.ª ed., pág. 91.

Em cada terra, em cada povo, a evolução social subordina-se necessariamente as possibilidades culturais de cada época, e a sua adaptação ao meio geográfico. Por isso é que, para julgarmos um período histórico, temos de a êle retroceder e de compreensivamente nos identificar com a mentalidade que o domina. Temos de em nós mesmos ressuscitar a vida dêsse tempo, para, com o mesmo idealismo de contemporâneos, imparcialmente avaliarmos o que fizeram, pelo que em tal ambiente faríamos.

Nada mais falso, adulterado e aberrante das retas normas de um pesquisador, que exumar o passado com o espírito focalizado no presente. Não se pode medir a marcha do carro de boi e o desfilar das tropas pela velocidade do avião ou do automóvel. Nenhum crédito pode merecer uma exposição histórica, na qual levianamente se censure a gente de outros tempos, com uma argumentação especulativa de princípios que atualmente regem a coletividade.

Há nisso, uma inconsciente candidez, quando não a vileza de uma parcialidade insidiosa. A ignorância dos fenômenos evolutivos ou a perfídia exibicionista,de ambiciosos, famintos de momentâneos êxitos literários, fugazes como a impostura ante a verdade.

Injúrias que apenas desonram os que as emitem, são as que ainda hoje, esporadicamente se vociferam contra a nossa organização imperial, negando-lhe o altíssimo valor da sua insubstituível atuação histórica nos fundamentos da pátria brasileira.

Sem o grande estágio unificador do Império, seria quase certo vermos hoje o nosso território repartido numa colcha de retalhos de republiquetas, que, antecipadamente se ensaiaram em pruridos de independência no passado século. Foi a coesão em tôrno a Coroa que manteve o Brasil unido contra as tentativas de cissiparidade, que outro não seria o êxito de tais revoltas, impatriòticamente ainda festejadas, e rememoradas até em selos do Correio, como eventos marcantes e dignos de veneração em nossa história.

Essa unidade nacional, devemo-la ao sistema imperial, continuador mais suave e plástico da política dos vice-reis, que rigidamente mantiveram o nome de Brasil sôbre a imensidade territorial entregue a sua guarda. É que a organização social do Império cimentava-se com o que de mais sólido apresentava então a economia do país, com os fundamentos básicos da sua potencialidade: a riqueza da exploração agrícola em todos os seus milhares de núcleos de leste a oeste e de norte a sul disseminados.

No Império é que se dá *o* primeiro e fundamental ensaio de unidade nacional, pela prestigiosa formação de uma hierarquia brasileira de valores, com a nobilitação dos nossos senhores rurais. Com o seu agrupamento em tôrno ao Imperador, cria-se nesta aristocracia agrária uma união de vistas solidificada por interêsses comuns, com direta ascendência nas populações do interior, de mentalidade até então exclusivamente fixa na ilimitada subserviência aos grandes caudilhos e potentados da gleba.

Através dessa harmonia nobiliárquica em relação à Coroa é que o Poder Central coordena e firma um disperso e embrionário espírito de brasilidade, que os despóticos e distantes vice-reis jamais poderiam espontâneamente consolidar.

Em sua prosa elegante e com uma lógica irretorquível, teve OLIVEIRA VIANA o grande mérito de ser o primeiro a reabilitar a formidável função civilizadora dessa aristocracia rural. Viu êle o Brasil imperial em sua exata missão econômica, política e cultural, transmitindo-nos em páginas imortais uma científica exposição da imensa obra de uma época.

Para ela chegar, teve, porém, de enveredar por uma orientação segura nas pesquisas dêsse gênero. "O primeiro dever de um verdadeiro nacionalista é nacionalizar as suas idéias — e o melhor

caminho para fazê-lo, é identificar-se pela inteligência com o seu meio e a sua gente".[364]

Por isso é que, em sua análise do passado há uma profunda compreensão, não só da índole do nosso povo, mas da sua estrutura social inerente a cada trecho da sua história. Dêsse modo foi que êle pôde sintetizar o panorama social do Império em frases definitivas: "Na amplíssima área dos latifúndios agrícolas, só os grandes senhorios rurais existem. Fora dêles, tudo é rudimentar, informe, fragmentário. São os grandes domínios como que focos solares: vilas, indústrias, comércio, tudo se ofusca diante da sua claridade poderosa".[365]

Dentro dêste cenário *real* e *insubstituivel* é que evoluciona tôda a vida brasileira do Império. Fora dela, sòmente chegaríamos a ficções inúteis.

País de economia então exclusivamente agrária, é para o Brasil rural que um monarca judicioso terá sempre de focalizar a política. São as fazendas que alicerçam tôda a base econômica da vida imperial. Por isso é que Dom PEDRO II cerca de todo o prestígio êsses grandes senhores de terras, eleva-os as pompas nobiliárquicas, agrega-os ao redor de um trono pobre, que herdara sem sequer uma côrte para o realçar.

Com o exemplo da vida palaciana singela mas protocolar, prestes adquiriam aquêles rudes lavradores novos hábitos e costumes. Poliam-se pelo contacto, e, empenhadamente, iam esmerar-se na educação dos filhos.

Com a nossa .aristocracia agrária é que o Brasil verdadeiramente ingressa na civilização ocidental, pois com ela é que a cultura se dissemina por tôdas as Províncias por meio dos núcleos solarengos.

Como focos centralizadores da população rural é que os solares iniciavam a mais rápida e lógica marcha dos processos civilizadores num país inculto e de extensão continental. E essa estruturação impunha-se no Brasil pelo próprio determinismo dos fatores geográficos. Nenhum outro sistema político poderia desbravar essa hinterlândia imensa, povoá-la, organizá-la, civilizá-la. Era o imperativo natural da terra exigindo a sua divisão em latifúndios.

Explica-nos OLIVEIRA VIANA como de começo era impossível a formação de uma classe média rural, de pequenos lavradores por si mesmos capazes de atingirem um razoável padrão cultural pelo trabalho agrícola. O exemplo de Campos com tôda uma patuléia de adventícios invadindo a terra e fragmentando-a em milhares de fazendolas, é um caso excepcional localizado em uma planície

---

[364] OLIVEIRA VIANA: *Pequenos estudos de psicologia social.* São Paulo, 1.ª ed. págs. III e IV.

[365] OLIVEIRA VIANA: *Populações Meridionais do Brasil,* 3.ª *ed.* São Paulo, 1933, pág. 173.

marítima, onde a natureza acondicionara ocorrências geográficas singulares. O assalto a cordilheira como tôda a conquista do interior, exigia a grande fazenda, a sesmaria retalhando imensidões de selvas, o latifúndio com o domínio precursor do homem sôbre o deserto.

Dessa arremetida de selecionados pioneiros, voluntariosos de mando e rudemente cobiçosos de fortuna é que resultou a magnificência econômica da Serra Fluminense no período imperial.

Mas todo êsse fausto cultural apoiava-se na ignomínia da escravidão — gritam retardatários abolicionistas.

Mas necessariamente, inevitavelmente, qualquer que houvesse sido o regime político no passado século, teria êle de se iniciar com a herança escravagista da Colônia, e de mantê-la por decênios.

Assim o fizeram todos os grandes povos. Antes de se transformar em monstruosidade inconcebível, foi sempre a escravidão uma etapa social.

Sem precisarmos retroceder ao esplendor helênico ou a expansão civilizadora de Roma, tôdas as grandes nações da atualidade firmavam o seu poder no cativeiro, e há não muito. E embora sob aparências e sofismas legísticos humanitários, é sôbre a escravidão que ainda hoje se fundam todos os imperialismos, com a exploração das massas nunca vista, ante a qual o nosso cativeiro se reduz à insignificante quadro histórico.

Quanto à escravidão do negro, basta-nos reler a história inglêsa ou a norte-americana. Se deram a liberdade ao negro êstes países, foi sòmente com a antecipação a nossa de alguns decênios. E se tão violenta e escandalosa foi a pressão inglêsa para a supressão do nosso tráfico, nada teve ela de humanitário como se apregoa.

Com o escravo barateávamos o custo da matéria-prima, sobretudo do algodão, mais do que nas suas próprias fontes africanas e asiáticas, e drenava-se para o Brasil mais do que o capital permissível a sua manutenção como um vasto país financeiramente colonial.

A empedernida finança internacional fantasiando-se de um hipócrita sentimentalismo nela inexistente, com o monopólio da propaganda até hoje nos amesquinha com o labéu de escravagistas, para que, néscios, esquecendo as chagas alheias, vituperem contra o nosso passado e a nossa gente.

Vozes patrióticas, entretanto, sempre desmascararam essas filantrópicas imposturas. Entre muitos, WANDERLEY PINHO nos aponta que "a Inglaterra, acordando por motivos mais econômicos do que políticos ou humanitários, no coração de seus estadistas, uma serôdia filantropia... se fazia libertadora, depois de explorar o comércio de escravos até as vésperas de resolver a persegui-lo".[366]

[366] PINHO, Wanderley de: *Cotejipe* e seu tempo. São Paulo, 1937, pág. 201.

"Os filantropos e anti-escravagistas inglêses, — escreveu GUSTAVO BARROSO —, transportavam os negros apreendidos as suas possessões nas Antilhas, Barbados, Santa Lúcia, Trindade, Baamas, Jamaica, onde os entregavam sob o rótulo de *aprendizes, com* o *prazo de sete anos de trabalho forçado,* verdadeira escravidão disfarçada com o letreiro de aprendizagem da liberdade. . ." [367]

"Nenhuma nação do mundo tivera mais escravos, tinha-os naquele tempo e continuaria a tê-los até hoje sob as formas disfarçadas, como nas minas de diamantes da África do Sul, do que a liberal e judaica Inglaterra". [368]

Mas são os próprios anglo-saxões que com desassombro expõem as misérias da escravidão no grande império. Apropriando-se a Inglaterra, durante as guerras napoleônicas, de possessões francesas nas Antilhas, como Tobago e Trinidad, e, nelas, encontrando extinta a escravidão, importam cules da Ásia, sujeitando-os a um sistema de trabalho o qual nada mais é que um cativeiro. [369]

O respeitável MACAULEY ao falar da colonização da Índia, diznos que os seus habitantes "estavam acostumados a viver sob o pêso da tirania, mas nunca sob uma tirania como esta. Sob os seus velhos senhores tinham pelo menos um recurso: quando o mal se tornava insuportável, o povo erguia-se e deitava o govêrno abaixo. Mas o govêrno inglês não era daqueles que se derrubam com facilidade. Tal govêrno, opressivo como a forma mais opressiva do despotismo bárbaro, derivava sua fôrça da civilização. Parecia mais govêrno de espíritos maus do que govêrno de homens tirânicos". [370]

Diante disto, conquanto a maioria dos visitantes estrangeiros no passado século acentue a benevolência dos senhores brasileiros para com os escravos, ao confrontá-los com os das colônias européias e os da América do Norte, lamúrias embora veneráveis, como as de DARWIN, tornam-se indisfarçavelmente crocodilianas.

Compete ao sociólogo extrair dos fatos históricos as premissas para a conduta social dos grupos humanos, dentro das possibilidades geográficas e etnológicas. Com êste fito é que devemos analisar a civilização do nosso Império, alheiamente a sentimentalismos duvidosos de panfletárias demagogias.

A sincronização dos pesquisadores com o período a estudar é o melhor indício de criteriosa honestidade. Não temos o direito de condenar etapas históricas que, como contemporâneos delas aplaudiríamos, sem que prèviamente consideremos a síntese dos fenômenos de que resultaram e as posteriores conseqüências sociais de tais eventos.

---

367 BARROSO, Gustavo: História Secreta do Brasil. São Paulo, 1938, vol. III, páç. 168.

368 Idem, pág. 169.

369 THOMAS, Allen: *A History* of *England,* New York, 1913, pág. 506.

370 MACAULEY, Lord: Ensaios *Históricos*. Trad. de ANTÔNIO RUAS, São Paulo, 1940, vol. I, págs. 332-333.

De degrau em degrau arfa a humanidade para os cimos, e, leviana seria a nossa crítica aos que se foram, se hoje ao contemplá-los no comodismo e com a mentalidade que graças ao seu penoso esfôrço desfrutamos, viéssemos a condená-los.

Execrável instituição foi a escravatura e ninguém hoje pensaria em defendê-la. Não basta porém isso, para que viperinos demagogos para atacar o Império, contra êle clamem, ocultando com o seu alarido a mesma desumanidade em países dirigentes da civilização, os quais, sem alarde algum, lançam-na ao esquecimento.

Sem que de modo algum façamos apologia do cativeiro, há nêle um lado positivo, cuja omissão seria indesculpavel num trabalho dêste gênero, justamente quando o exclusivismo racial se tornou o mais explorado argumento contra os totalitarismos.

Trata-se da gigantesca mestiçagem do povo brasileiro.

Consideremos apenas o que sôbre êste ponto escreveu um dos mais ardorosos e ilustrados abolicionistas: "No Brasil a escravidão é uma fusão de raças; nos Estados Unidos é a guerra entre elas. Nossos proprietários emancipavam aos centos os seus escravos, em vez de se unirem para linchar os abolicionistas, como fariam os criadores de Kentucky ou os plantadores da Louisiana". [371]

Foi a escravidão que ètnicamente fêz o povo brasileiro já mestiçado com a parcela indígena, e foi ela que lhe deu a base econômica para a Independência e para a República. É sob êstes dois aspectos que, para fins sociais devemos encará-la. Sem os grandes senhores rurais não teria o Brasil meios financeiros para a sua existência como nação, e, por sua vez, não teriam êles podido organizar os seus domínios sem a escravidão.

Sòmente os grandes magnatas rurais é que podem agregar e movimentar essas vastas massas de escravos para desbastar a terra, multiplicando-lhe o valor pela estruturação de uma sólida economia agrícola. É exclusivamente sob êsse ângulo que, desviando-nos de quimeras e visando a pura realidade, teremos de julgar a aristocracia rural do Império, condutora nata do poder econômico do Brasil, e por isso mesmo dirigente da sua evolução cultural.

E a mais imparcial e rigorosa das análises demonstra-nos haver ela executado uma obra formidável com a matéria bruta de que dispunha.

Com raras exceções, compunha-se aquela nobreza de indivíduos excepcionais, pelas qualidades de organização e de comando, pela vivacidade intelectual com que rapidamente se adaptavam aos primores da civilização e pelo caráter com que ainda hoje se sobrepõem a maioria dos capitalistas da atualidade, sendo suficiente lembrar que a copiosa documentação legalizada com que hoje se acautelam as transações bancárias.

---

[371] NABUCO, **Joaquim:** *Minha Formação*. Rio, *1900*, pág. 227.

Basta-nos aliás percorrer uma galeria de retratos da nobreza do Segundo Reinado, para que, ao menos perspicaz dos observadores logo se revelem os caracteres de verdadeiros chefes, de homens nascidos para o comando, de íntegras personalidades a sobressaírem pelo merecimento próprio.

Paralelamente ao que se dava com os senhores de engenho da Baixada, por tôda parte na Serra onde os cafèzais surgiam, com êles se erguiam expoentes de uma elevada cultura, nos detentores de fortunas rurais.

A partir do extremo oeste, nas cabeceiras do rio Piraí, numa das zonas de mais acentuados relevos, salientam prematuramente os PORTUGAL. Foi ainda no século XVIII, que os primeiros imigrantes dessa família levaram para as margens do Piraí e do Ribeirão das Lajes o sangue vermelho e grosso de sadios camponeses transmontanos.

Em 1775, 1779 e 1792, BRÁS, JOSÉ e MANUEL GONÇALVES PORTUGAL obtêm respectivamente sesmarias em São João Marcos.[372]

Grande foi a influência da numerosa descendência dos três pioneiros, dos quais MANUEL se destacaria como o vigoroso tronco da família em Itaverá. Foi êle quem, já posseiro de grandes áreas de terras no alto Piraí, vimos enèrgicamente repelir a invasão dos angrenses tendo à frente o seu vigário.

Unindo-se pelo casamento aos GONÇALVES DE MORAIS, — outra família de grandes senhores de terras em São João Marcos, — firmava-se com uma robusta prole de lavradores um dos mais notáveis galhos genealógicos fluminenses, com uma sequência até hoje ininterrupta de políticos, magistrados, fazendeiros, médicos e militares. Um dos PORTUGAL viria a ser o barão do TURVO, em Piraí.

JOAQUIM, o segundo filho de MANUEL GONÇALVES PORTUGAL, é quem funda as fazendas da Rôla e de Santana. Nesta última é que se levanta o solar da família, uma das perduráveis concretizações da continuidade hereditária da aristocracia agrícola em nossa terra.

Santana é um dos mais típicos edifícios da primeira geração dos grandes senhores do café. Nada tem êle ainda do fastígio arquitetônico dos solares posteriores, como os de Pinheiro, Grama, Secretário, Bemposta e Gavião, entre outras suntuosas residências campestres da nossa aristocracia rural.[373] É ainda um simples casarão do tempo em que a riqueza dos fazendeiros se podia computar pelo tamanho dos sobrados de linhas coloniais, pela vastidão das salas e mesas de jantar, pelo número de quartos para a famí-

---

[372] ASCENDINO DANTAS, Luís: *São João Marcos e Rio Claro*. Niterói, 1936, pág. 6.

[373] "À margem do rio do Braço e a esquerda do rio Pirai, distante mais ou menos quatro quilômetros, beirando a serra dos Coutinhos no seu verdejante vale, assenta a fazenda de Santana, o solar tranquilo dos PORTUGAL... Casa colonial, entre selvas e pomares, lá está ainda, cuidada pelo carinho dos seus herdeiros, rendo passar as gerações uma após outras, que se formaram a sombra das suas ramadas". ASCENDINO DANTAS, obr. cit. pág. 25.

lia, agregados e hóspedes. Contém essa casa mais que centenária, iniciada em 1821 e terminada em 1840, seis salas, dezoito quartos, despensa, copa, cozinha e demais cômodos para os misteres domésticos.

Em sua capela com decorações a ouro e ornada de pinturas murais, respira-se ainda o ar do velho tempo das senzalas, dos langorosos corais de ladainhas cantadas pelos negros, dos festivos dias em que de longe vinham parentes e amigos em carroções de boi e em ruidosas cavalgadas, asistir ao ritual solene das missas da padroeira, empanturrar-se em banquetes intermináveis, extasiar-se ante os fogos de artifício que, pela noite fora e em complemento aos bailes, iluminavam e coloriam os cafèzais e os farrapos de florestas que ainda cobriam o tôpo dos morros circundantes.

Malgrado a elevada cultura das suas gerações, revêem-se porém ainda na arquitetura dêsse prédio como que os traços e trajes antiquados dos precursores proprietários de engenhos do litoral. E essa feição é acentuada, por ser um tipo de fazenda mista.

Embora dominada pelo espírito do café, a velha fábrica de aguardente permanece como herança dos plantadores de canaviais de Serra-abaixo. Herança indissipável mesmo nas mais produtivas zonas cafeeiras modernas, bastando citar o exemplo de Itaperuna onde mais de 900 engenhocas atuais de aguardente, açúcar ou rapadura, testemunham a evolução dos montanheses a ligar-se a dos antepassados da Baixada.

Santana apresenta-nos dêsse modo um cenário misto, no qual a mentalidade litorânea dos engenhos inicia o desbravamento da Serra, sendo porém rapidamente submetida a um nôvo espírito mais em concordância com o meio geográfico serrano que teve origem na cultura do café.

Por isso é que, não obstante o seu primitivismo arquitetural que nos poderia levar a supor dentro dessa casa a hereditária permanência de uma estagnação espiritual, Santana foi o "cadinho caldeador de proles abençoadas, formador de homens eminentes, na lavoura, no comércio, na indústria, nas ciências, nas armas, na administração civil, política e religiosa, enobrecendo a Pamília e servindo a pátria", como bem nos diz o historiador de São João Marcos.[374]

---

[374] Entre Os membros dessa família, mais em evidência pela sua dedicação à coletividade, apontaremos o coronel JOSÉ GONÇALVES DE SOUSA PORTUGAL (1833-1904), lavrador ex-presidente da Câmara Municipal de Itaverá; o Dr. TERTULIANO GONÇALVES DE SOUSA PORTUGAL (1848-1914), deputado à Assembléia Estadual e magistrado; o Dr. AURELIANO GONÇALVES DE Sonsa PORTUGAL, nascido em 1851, médico, deputado estadual e diretor geral de Demografia do Distrito Federal; o coronel JOSÉ GONÇALVES DE SOUSA PORTUGAL JÚNIOR, (1857-1930), fazendeiro e presidente da Câmara de Itaverá; o Dr. OLÍMPIO VIRIATO PORTUGAL (1862-1924), presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; o Dr. ALBERTO GONÇALVES DE SOUSA PORTUGAL, médico, e o capitão JOÃO BATISTA PORTUGAL, ex-prefeito de Itaverá. Com exceção do primeiro, nascido na fazenda da Rôla, todos os demais nasceram em Santana.

Um dos grandes fazendeiros de café nesta zona serrana ocidental foi o barão do RIO CLARO, ANTONIO MANUEL DE FREITAS, paulista nascido em Cunha. [375]

A seu respeito, conta-nos D'ARAÚJO GUIMARÃESS "Quase nas divisas de São Paulo, os barões de RIO CLARO eram verdadeiros fidalgos, cercados pelo esplendor de uma vida aristocrática". [376]

Sendo êste setor o primeiro onde começa o plantio de café na Serra, vários outros grandes troncos familiares iriam também ali nascer de resolutos imigrantes, sobressaindo o dos VALADÃO, iniciado com MANUEL VALADÃO em 1808, o dos MORAIS, com ANTONIO DE MORAIS em 1808, o dos OLIVEIRA, com ALEXANDRE JOSÉ DE OLIVEIRA em 1822. Algumas destas famílias passando a Barra Mansa e a Piraí, originariam poderosos clãs rurais.

Por intermédio do café a terra selecionava as aptidões mais progressistas. De rudes e por vêzes bárbaros pioneiros fazia brotar uma culta e benemérita descendência, como no caso dos MORAIS.

Diz-nos AGRIPINO GRIECO que, "o primeiro em ordem dêsses MORAIS tinha o cognome de "Cabeça de Cuia", por isso que, perdendo a tampa do crânio, em luta com uma onça, fêz resguardar os miolos com um pedaço de cuia, que acabou por aderir-lhe a cabeça e lhe permitiu viver assim muitos anos". [377]

Outro famoso foi ANTONIO GONÇALVES DE MORAIS, O "Capitão Mata-Gente", sôgro do barão de GUANABARA e que nunca matou ninguém.

As fazendas do Pilôto e do Salto Pequeno pertencentes a família, tornaram-se taperas de recordações do cativeiro. Mas são êsses mesmos MORAIS que, com a sua descendência, nos irão provar a ação seletiva do meio serrano, realçando os atributos dos senhores rurais que iremos ver com os seus admiráveis focos de cultura solarenga pelas margens do Paraíba.

Continuando, porém, a percorrer a mais antiga zona de cafèzais da Serra, encontraremos em Resende o barão de MONTE VERDE, JOAQUIM PEREIRA DA SILVA, O barão de BANANAL, LUÍS DA ROCHA MIRANDA SOBRINHO, O visconde do SALTO, ANTONIO JOSÉ DIAS CARNEIRO, e o barão de BELA VISTA, JOSÉ DE AGUIAR TOLEDO, — posteriormente visconde de AGUIAR TOLEDO, todos êles grandes proprietários.

A baronesa de BELA VISTA foi, como vimos em O Homem e a *Guanabara,* uma das grandes damas de mais brilhante atuação na sociedade carioca do seu tempo.

Resende, entretanto, parece ter sido a zona fluminense menos afamada pelo número dos seus titulares, relativamente escasso

---

375 MOYA, *Salvador de: obr.* cit. III, 316.

376 D'ARAÚJO GUIMARÃES: *A Côrte no Brasil,* Pôrto *Alegre,* 1936, *pág.* 229.

377 GRIECO, *Agripino: Pelo Estado do Rio da Montanha ao Mar, "O Jornal", ed. comem. do bicentenario* do café, 2a *secção,* pág. 9.

em confronto com os seus centenares de fazendeiros. O próprio título de barão de RESENDE seria conferido por motivos onomásticos a um filho do marquês de VALENÇA.

Devido a causas que não podemos precisar, mas possivelmente oriundas de uma tríplice corrente imigratória, mineira, paulista e fluminense, surge-nos a hipótese de haver sido esta subzona uma das mais povoadas da Serra desde os primeiros tempos da cultura do café. Em 1872, já ali vamos encontrar 28 974 habitantes, população excedente a de Barra Mansa e apenas inferior a dos municípios de Vassouras, Marquês de Valença e Paraíba do Sul. Mas o número de escravos em Resende era no censo de 1876, bastante menor que o daqueles grandes centros cafeeiros, o que nos leva a supor, em face da formidável produção de café resendense, uma partilha maior da propriedade com bem menor percentagem de ricos proprietários com as suas legiões de cativos.[378]

Esta observação parece confirmada pelas palavras de ZALUAR, que, em 1860 atravessou a zona após haver tanto louvado os grandes senhores do café de Barra Mansa.

"É difícil calcular o número de tropas, as grandes boiadas e os muitos passageiros que a tôda hora transitam por essa importante via de comunicação; muitas vêzes aglomeram-se a tal ponto, que dificultam o trânsito, apesar de tôda a largueza". [379]

A mais antiga área de cafèzais da Serra é uma das de maior atividade agrícola, mas o município de Resende é "aquêle em que as riquezas estão mais bem repartidas. Aqui não há milionários nem indigentes; há remediados". [380]

Um dos mais antigos titulares da Serra foi o marquês de SÃO JOÃO MARCOS, o qual já era barão de SÃO JOÃO MARCOS em 1818. Não era porém um fazendeiro do distrito, pois o seu imenso latifúndio se estendia de Japeri para o norte, na zona da Linha Auxiliar.

Entre os grandes nomes do Império nascidos nesta região ou nela tendo propriedades cafeeiras notáveis, contavam-se o barão de SÃO JOÃO DO PRÍNCIPE, com grandeza, ANANIAS DE OLIVEIRA E SOUSA, o barão do PIRAÍ, com grandeza, JOSÉ GONÇALVES DE MORAIS,

---

[378] O recenseamento de 1872 apresenta as seguintes cifras para a população dos referidos municípios, que confrontnmos com os respectivos números de escravos em 1876:

	População em *1872*	Escravos em *1576*
Vassouras	36 513	20 038
Marquês de Valença	31 628	26 259
Paraíba do Sul	31 149	18 072
Resende	28974	9 000

Os dados de 1872 foram colhidos no "Relatório Apresentado ao Ilmo. Sr. Dr. JOSÉ TOMÁS DE PORCIÚNCULA, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, pelo Diretor interino dos Negócios do Estado, Bacharel MIGUEL JOAQUIM DE CARVALHO". Rio, 1892, e os de 1816 do Relatório Anexo ao do Ministro dos Negócios do Imperio, de 1878".

[379] ZALUR, Augusto Emílio: *Peregrinação* pela *Província* de Sdo *Paulo*, *1860-1861*, Rio, pág. 36.

[380] Idem. pág. 42.

o barão de GUAPI, JOAQUIM JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA, o barão de IVAÍ, ANTONIO RODRIGUES DE AZEVEDO, o comendador ANTONIO XAVIER DA ROCHA e NUNO EULÁLIO DOS REIS, capitão-mor de São João Marcos e filho do barão do RIO CLARO, ANTÔNIO MANUEL DE FREITAS.

Nenhum dêles, porém, jamais ostentaria a imensa riqueza do comendador JOAQUIM JOSÉ DE SOUSA BREVES, o "Rei do Café", o absoluto senhor de cêrca de 20 fazendas e de 6 000 escravos.

Era filho de JOSÉ DE SOUSA BREVES, juiz de almotacé de São João Marcos, e nasceu na fazenda da Manga Larga, em fevereiro de 1804. Em 16 de agôsto de 1822, por ocasião da passagem do príncipe Dom PEDRO por São João Marcos — então São João do Príncipe —, incorporou-se a comitiva indo a São Paulo e a Santos, assistindo de regresso ao Grito da Independência no Ipiranga.

"Prestigiava-o qualquer coisa de patriarcal, a moda do Oriente. Sua figura, alteando-se na veneração popular, tornava-se, vista a distância, mais que histórica, lendária, e êsse diretor de uma profusa estirpe, num dos cândidos exageros muito comuns a gente simples do interior, acabou tomando proporções de tipo dinástico, de lidador de ciclo heróico". [381]

Em O Homem e a Guanabara retraçamos a descida a costa dêsse formidável senhor de terras que, instalara, na Marambaia grande fazenda, com o seu pôrto particular para a chegada dos veleiros d'África.

O grande clã dos BREVES tinha também outro pôrto de mar, pois Mangaratiba é obra quase tôda sua. Para ali desciam anualmente para os seus navios, centenas de milhares de arrôbas de café. 70 diligências diárias adicionavam-se às intermináveis fileiras de tropas que de São João Marcos pela sua estrada vinham ao litoral.

Em Mangaratiba tinha êle o seu teatro, a sua chácara plantada com uma flora importada de todos os recantos, os seus trapiches, as suas cocheiras, os seus enormes armazéns. As récitas teatrais de JOÃO CAETANO divertiam ali a sua família e comitivas ilustres, quando ao descerem para os banhos de mar na Marambaia, estacionavam por alguns dias na pequena cidade, cuja florescência hoje desapareceu, cujo bulício de navios, de tropeiros, de diligências completamente sumiu.

Com a sua extraordinária capacidade organizadora, o comendador localizara, quase numa dependência única, os portos de Marambaia e de Mangaratiba. O primeiro, onde mantinha sempre renovados os milhares de braços necessários aos seus latifúndios, e da outra banda de Sepetiba, a febril encenação do segundo, sempre agitado pelo burburinho de uma atividade mercantil, com as torrentes de café que da Serra desciam. "A Marambaia era neste sentido um ponto estratégico. Ela lhe abria completamente o do-

---

[381] GRIECO, *Agripino: O maior dos Breves. impresstonante figura de gentil-homem rural* "O Jornal", *ed. comem. do* bicent. *do café*, 7.ª *secção*, pág. 9.

mínio do mar para as comunicações com os navios negreiros que lhe traziam do outro lado do Atlântico o combustível humano com que alimentava o fogo do trabalho do cafèzal. Aquela fazenda era o pulmão da sua grandeza latifundiária, embaixo e no alto da Serra. O crescimento do cafèzal impunha o aumento do braço escravo".[382]

Foi assim, que, segundo Assis CHATEAUBRIAND, pôde êle até nos fins do Império, obter a mão-de-obra para os seus imensos cafèzais. Não obstante a vizinhança do Rio de Janeiro, ao abrigo da grande restinga da Marambaia, ancoravam os veleiros com as suas cargas de africanos.

A êsse privilégio deve o "Rei do Café" ter podido continuar ampliando sempre as suas lavouras, até que a Abolição de um golpe destruiu todo o poderio do seu clã.

A êsse fator geográfico da restinga é que se deve a excepcional predominância dos BREVES na zona serrana de São João Marcos e de Piraí, resultando em desproporcional desequilíbrio entre a riqueza dos BREVES e a da maioria dos fazendeiros regionais. A essa hipertrofia talvez igualmente se deva a mesquinhez urbana de São João Marcos.

Aos BREVES, donos de palácios a centralizarem imensos latifúndios, pouco interessava a existência de um núcleo urbano onde se nivelariam com tôda uma multidão de pequenos e médios fazendeiros ou com uma burguesia remediada.

JOAQUIM José DE SOUSA BREVES era antes de tudo o homem da gleba. O andejo fiscalizador de duas dezenas de fazendas rigorosamente administradas com o seu tino e a sua vivacidade de grande homem de ação.

Ao seu palacete no Rio de Janeiro, próximo a Quinta Imperial e onde de quando em vez pompeava uma faustosa vida de grão-senhor, preferia a existência nos seus domínios agrícolas. A capital dêsse rei sem coroa era São Joaquim da Grama, a predileta do nababo, nas proximidades de Passa Três.

"Aí, ao centro dos seus domínios senhoriais, alteou-se o solar da família em São Joaquim da Grama. Esta célula-máter das inumeráveis propriedades suas, sempre formigante de atividade rural.

São Joaquim era um núcleo populosíssimo, perdido entre, bosques e montanhas, uma espécie de arcádia ou de abadia agreste, em que se entreteciam todos os deleites da sociabilidade, sob os auspícios da acolhida cavalheiresca do dono e dos sorrisos da que lhe foi companheira dedicada, essa piedosíssima figura de monja sem escapulário, D. MARIA DE MORAIS BREVES, cristã sem mácula, em cujas mãos a esmola se adoçava e a oferta de um pedaço de pão era galante como a oferta de uma rosa.

---

[382] CHATEAUBRIAND, Assis: *Um viveiro de mão-de-obra para o cafèzal.* "*O* **Jornal**", **ed.** *comem. do* bicent. *do* café.

Ao castelo acorriam dezenas de ricaços e titulares do Rio, que iam ali tomar um banho de serenidade entre as fôlhas verdes, espairecer junto aos escravos pretos, êles os pobres brancos, escravos da vaidade da metrópole. O prédio em estilo colonial, era uma antologia viva de gôsto arquitetônico, e estatuetas, azulejos, trabalhos de talha, móveis raros, porcelanas caras, competiam com os relevos da cantaria da fachada, trabalhados por um artífice que se esmerara em arabescos alegóricos, caprichoso como um ourives em pedra bruta. Em derredor, perdendo-se quase sem transição em pomares fartos, alongavam-se as aléias de um jardim gentílico".

É dêsse'modo que, num desenho justo e sòbriamente colorido, nos descreve AGRIPINO GRIECO o grande solar de São Joaquim da Grama, do qual sòmente uma ala hoje permanece. *O* que resta da fachada de uma grande estufa, basta porém para que possamos rememorar o fausto dessa casa, apenas uma das inúmeras sedes rurais do potentado nos municípios de Itaverá, São João Marcos e Piraí, "tôdas borbulhantes de vida, miniaturas de cidades".

"Conceição era célebre pelas suas dezenas de quartos para hóspedes do Rio, Olaria, cópia exata do palácio do Podestá de Bréscia, construída por um arquiteto vindo da Itália, ficou em meio porque a espôsa de BREVES se opôs terminantemente a passar de São Joaquim da Grama para lá. Seus salões são todos de teto estucado; saguão trabalhado em mármore de Carrara; soalho de madeiras mosaicadas e ampla escadaria vistosamente teatral".

E ainda não é tudo. "Confiança, herdada do barão do PIRAÍ, sogro do coronel, notabilizou-se por seus jardins suspensos, e pelas seteiras a moda medieval. Bela Aliança, recebida pelo russo HARITOFF, quando desposou a sobrinha do formidável senhor de cafèzais, viu festas de suntuosidade moscovita, enquanto o pobre conde não se casava com uma ex-escrava e, atirado a miséria, não vinha a ser um tradutor de ministério aqui no Rio".

E a lista continua, de tôda uma série de nomes, cujo esplendor econômico desapareceu. São Sebastião, Alto dos Negros, Laje, Glória, Parada, Morro do Frade, Julião, Retiro, Retirinho, Flaviana, Santa Paulina, Matias Ramos, tôdas elas eram fazendas do patriarca, bem como Pinheirinho, Bela Aurora, Figueira, Rosário, Bela Vista e Várzea, esta última, berço dos MORAIS, onde residira o "Cabeça de Cuia".

Entre inúmeras outras, realça-se Fortaleza "comprada a quatorze irmãos que ali mantinham um serralho, com salas gradeadas, portas falsas, subterrâneos e outros elementos do romance medieval", harém "de senhoras raptadas no Rio e em São Paulo".

No dizer de CLODOMIRO DE VASCONELOS, era BREVES "homem de poucas luzes". Mas é isto justamente o que o torna extraordinário. Êsse rude camponês por si mesmo soube ascender à mais culta vida da sua época.

Com o séquito de mucamas brancas que acolitavam a sua família no Rio em camarote da ópera, com sua galeria de estátuas de mármore em tamanho natural colecionadas em São Joaquim da Grama, com tôda a sua côrte de titulares que o visitavam constantemente, era êle sempre o lavrador, orgulhoso da sua origem plebéia, desdenhoso dessa nobreza de sangue rubro.

Para a sua descendência o que cobiça é a aristocracia verdadeira, de brasões patinados pelo tempo. Assim é que casa uma sobrinha com um nobre russo da guarda imperial do Tzar, a famosa madame HARITOFF de quem já falamos em O *Homem* e *a Guanabara* e que em plenos cafèzais brasileiros hospeda na Serra em 1886, o grão-duque ALEXANDRE da Rússia, sobrinho de ALEXANDRE III e noivo da sua filha, nesse castelo da Bela Aliança, onde "as festas campestres e hospedagens faustuosas substituíam os *mardis e* os bailes das Laranjeiras". [383]

Outra parenta sua casa-se com o conde italiano FÉ D'OSTIANI. Mas para si mesmo, o BREVES se contenta com uma simples comenda, e de uma feita quase manda surrar um genealogista a *la mode,* por querer convencê-lo da sua descendência de PEPINO-O-BREVE. [384]

Com a derrocada da nobreza rural do café devido à Abolição, a família BREVES foi das que mais sofreram.

Com todo o seu capital movimentado na lavoura, o 13 de maio tira-lhe tôdas as possibilidades de salvar-se. As suas 250 000 arrôbas de café de 1887 reduzem-se a **30** 000 em 1889, ano em que morre a **30** de setembro acorrentado a vultosas dívidas. Pretos forros e mucamas apossam-se da maioria das suas terras abandonadas, posteriormente invadidas por estrangeiros.

Vários dos seus magníficos solares rurais desapareceram sob as águas da reprêsa da Light. Os outros desmoronaram-se em ruínas.

Da própria imponência do palácio da Grama, "só resta a ala direita entre frangalhos de engenho, pedaços de um vasto hospital e pedras de casario das montanhas, senzalas e palacetes que abrigavam mais de 2 000 pessoas". Por tôda parte em tôrno ao solar, "avulsamente perduram portões, pilares, azulejos, mosaicos, chafarizes com gárgulas alegóricas, colunas truncadas, arcadas bambeantes e pedaços de leões de mármore espatifados por imbecis que lá se foram divertir com exercícios de tiro ao alvo". [385]

O que resta de quase tôda essa opulência, são as ruínas irreconhecíveis dos seus solares.

Era em tais palácios que viviam os grandes senhores fluminenses do café. Era esta a elevadíssima civilização por êles transplantada para a cordilheira. Nunca se vira em parte alguma do mundo

---

[383] WANDERLEY PINHO: *Salões e Damas do Segundo Reinado. São* **Paulo,** *1942,* págs. **205-212.**

[384] GRIECO, Agripino: *Pelo Estado do Rio da Montanha ao Mar, "O Jornal.', ed. comem.* **do bicent.** *do* **café, 2.ª** *secção,* **pág.** *9.*

[385] *Idem, (O maior dos Breves, etc.).*

e em tão breve tempo, uma tamanha transfiguração total do mais selvagem dos cenários terrestres, a floresta virgem, noutro, com os maiores requintes sòmente possíveis, então, nos grandes centros culturais.

A obra dos grandes senhores do café com todos os seus estigmas de um feudalismo brutal calcado na escravidão, fôra a única possível para uma tal transformação. Nenhuma poderia executar essa colossal e completa mudança da paisagem serrana. Sòmente a rudeza do trabalho pelo braço do cativo conseguiria desbastar a inata virgem, preparaiido-a para uma futura evolução industrial, através de um estágio inicial exclusivamente agrário. Ou o café com a escravidão, ou até hoje a selva bruta.

Tendo-se em vista a época patriarcalista com a sua respectiva mentalidade rural, onde o senhor de terras, sobretudo o fazendeiro de café com o seu dinâmico particularismo, representava no palco social a expressão máxima da economia brasileira, com os seus grandiosos solares urbanos e rurais, focos da mais elevada cultura do período imperial, o estágio do café na Serra Fluminense foi talvez o de mais importância em nosso passado.

Foi êle que traçou uma curva súbita e ascendente no gráfico da nossa evolução cultural, após a longa e retilínea caminhada que há três séculos colonialmente percorríamos. Foi com êle que de súbito alvoreceram novas perspectivas econômicas, transformadoras de uma mentalidade ainda tôsca, a qual, através do brilho dos salões da nobreza imperial, abria espantadamente os olhos para uma vida que desconhecia, cujos atrativos iria agora almejar.

Aos salões dos titulares brasileiros, com tôda a sua exibição de luxo e de abastança, deveu a nossa população o primeiro contacto com um elevado nível de vida, desconhecido pela massa popular, a exemplo do que acontece hoje nas salas de cinema que lhe põem a vista o alto padrão social norte-americano, fruto da prosperidade econômica.

O salão da nobreza do império foi a primeira tela vista pelo público, onde, com o bem-estar e as boas maneiras, aprendia a nossa gente a melhor viver e a cobiçar uma existência superior, mais repousada e bela, anteriormente ignorada.

Com os salões urbanos aprimorou-se a burguesia do Rio de Janeiro e de tôdas as demais cidades. Com os salões dos grandes solares rurais, milhares de fazendeiros espiritualmente evolucionaram, educando-se com a importação de maneiras e costumes **da** capital para as fazendas.

"Em Geografia Humana, — diz-nos ALBERTO SAMPAIO —, quando se estudam as diferenças entre o habitat urbano e o habitat rural, para definir o papel eutécnico da educação do povo, na melhoria dos sertões, tôdas as atenções se voltam para a melhoria do quadro-climato-botânico de cada localidade, para que a vida hu-

mana tenha aí maiores probabilidades de prosperidade, a partir da fartura de *meios* de subsistência e riquezas naturais em geral". [386]

Ora, aquela melhoria e esta fartura foram exclusivamente realizadas na Serra pelos senhores rurais do Império. Com o café encontrando ali um meio geográfico magnificamente adequado ao seu desenvolvimento, não se limitaram porém êles a erigir uma poderosa estrutura econômica na cordilheira. Por meio dela civilizou-a, dando-lhe o máximo esplendor cultural então possível, sob um regime de escravidão.

Foi dêles a primeira grande etapa civilizadora. Porque, "civilizar os campos, melhorá-los a cada passo, livrá-los da rusticidade bruta e hostil, é o objetivo da civilização que, a pouco e pouco, se vem infiltrando no hinterland de cada país nôvo, para aí possibilitar grandes massas de população rural, próspera e feliz". [387]

E, na Serra Fluminense, jamais teve essa iniciativa progressista fundamentos tão individualmente rurais como em São João Marcos.

Porque ali, aos fatores geográficos das proximidades dos portos marítimos, uniu-se a hipertrofia financeira do potencial econômico de uma grande família aristocraticamente soberana em seu isolametno rural. Por tais motivos, o centro urbano de São João Marcos, desde a fundação se atrofiou, desprezada pelo comércio e humilhada ante os palacetes esparsos por entre uma imensidão de lavouras, nunca tendo, por sua insignificância como cidade, uma sensível influência mesmo administrativa sôbre o campo, onde não obstante o predomínio dos BREVES, vimos formar-se um escol agrário de notáveis projeções culturais por outros municípios.

Herdeiros dessa aristocracia rural de São João Marcos, foram entre muitos o engenheiro FRANCISCO PEREIRA PASSOS, o famoso filho do barão de MANGARATIBA, ANTÔNIO PEREIRA PASSOS, prefeito e reformador da Capital Federal, [388] ALFREDO PUJOL, ATAÚLFO DE PAIVA, o almirante JORGE AMERICANO, engenheiro FLORENTINO AVIDOS, ex-presidente do Estado do Espírito Santo, JOAQUIM DE OLIVEIRA MACHADO, ex-presidente do Estado do Amazonas, o escultor CORREIA LIMA. E ainda nesse imenso distrito, em 17 de agôsto de 1841, na fazenda de Santa Rita, em meio aos cafèzais de Itaverá, floria para o Brasil um dos seus maiores poetas: LUÍS NICOLAU FAGUNDES VARELA.

Dessa nossa primeira entrada nas plantações de café da Serra, passamos já por entre um poderoso escol de grandes fazendeiros de

---

[386] SAMPAIO, A. J. de: Fitogeografia do *Brasil*. São Paulo, 1945, pág. 190.

[387] Idem.

[388] Contesta AGRIPINO GRIECO o nacimento de PEREIRA 'PASSOS em São João Marcos, afirmado Por ASCENDINO DANTAS, dizendo ser êle originário de Mangaratiba. (*Pelo* Estado do Rio da Montanha ao Ma?.).

mentalidade tenazmente progressista. Viemos a conhecer uma eminente classe condutora dos destinos fluminenses no período imperial, cuja descendência ramificando-se em múltiplas atividades, até nossos dias, vem difundindo os benefícios culturais recebidos com as riquezas do café.

São João Marcos é entretanto apenas uma parcela do imenso quadro civilizador dos cafèzais da Serra, mais sobressalente e rico de motivos culturais em outros municípios.

Em Barra Mansa e em Piraí, por exemplo, a ascendência dêsses fidalgos rurais notavelmente se realça, como elemento espiritualizador do nível de cultura da população.

No primeiro dêsses municípios em cujos primórdios vimos a benemérita ação do barão de AIURUOCA, um numeroso escol de senhores rurais em pouco abateriam as florestas, e, detentores de vastas riquezas adquiridas com o café, punham-se a construir solares celebrados pelos mais cultos viajantes.

Com êles centraliza Barra Mansa um dos mais expressivos cenários culturais da aristocracia agrária brasileira.

JOAQUIM JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA, barão de GUAPI, nascido em São João Marcos e cuja mãe era índia, MANUEL GOMES DE CARVALHO, português elevado a barão do AMPARO e cujos filhos JOAQUIM, MANUEL e JOÃO LEITE GOMES DE CARVALHO respectivamente seriam o 2.0 barão do AMPARO, o barão do RIO NEGRO e o visconde de BARRA MANSA, JOAQUIM LEITE RIBEIRO DE ALMEIDA, que foi o barão de RIBEIRO DE ALMEIDA, "o maior paladino dos progressos locais", e LUÍS DE SOUSA MONTEIRO DE BARROS, barão de MONTEIRO DE BARROS, colocam-se entre os mais eminentes criadores da invejada posição de Barra Mansa nos tempos do café.

A êles unida por laços de sangue e de interêsses, sobressai tôda uma nata de fazendeiros constituída dos VIEIRA FERRAZ, dos GONÇALVES DE MORAIS, dos FERREIRA, NOBRE, MATOS, FRANCO, BREVES, CRICIÚMA, LOMBA, TEIXEIRA PINTO e dos poderosos MARCONDES, sôbre os quais, numa terra de ricaços se repetia em versos de batuques e cateretês:

> "Gente que tem dinheiro,
> casa com *fia* de Maricondes. . ." [389]

Estreitamente ligada a essa nobreza rural de Barra Mansa era a de Piraí, outrora um dos mais opulentos municípios cafeeiros e hoje em plena decadência.

---

[389] FIGUEIRA DE ALMEIDA, *Antônio de: Memória comemorativa do centenurio de Barra Mansa,* Rio, 1932, pág. 27.

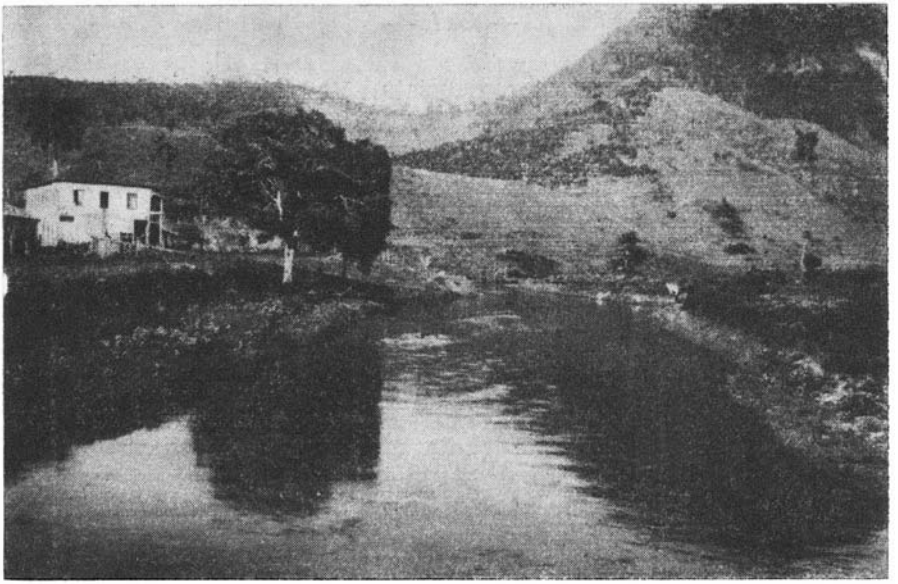


Fig. 126 — *Das velhas fazendas da Baixada Fluminense — margem do Macabu ...*
(Foto *CAMILO* DE MENESES)

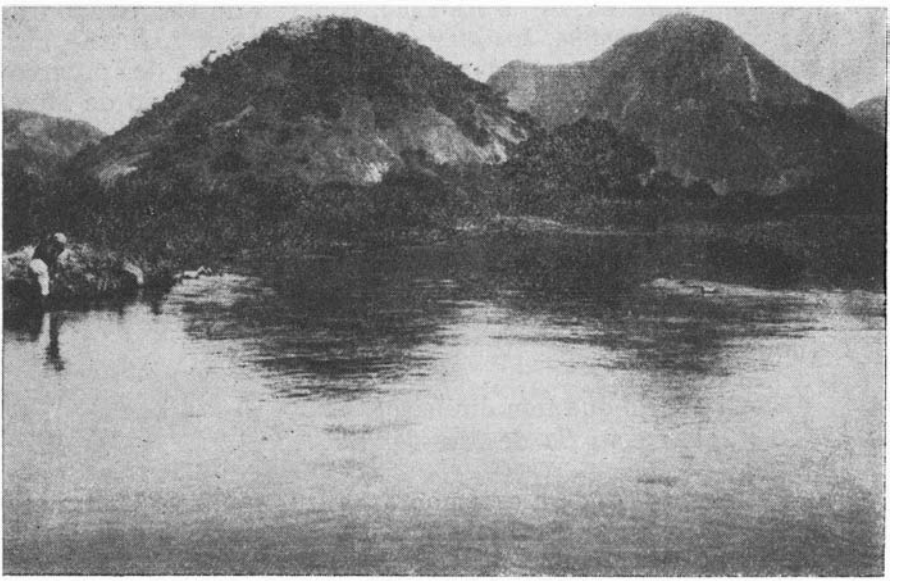


Fig. 127 — *... os cclonos foram subindo êste rio até os contrafortes da Serra ...*
(Foto CAMILO DE MENESES)

Fig. *128* — *... continuando pela grande brecha até os cimos em busca de terras para o café, c assim povoaram os municípios de Santa Maria Madalena e Trajano de Morais, misturando-se aos elementos vindos de Cantagalo r de Nova Friburgo.*

(Foto CAMILO DE MENESES)

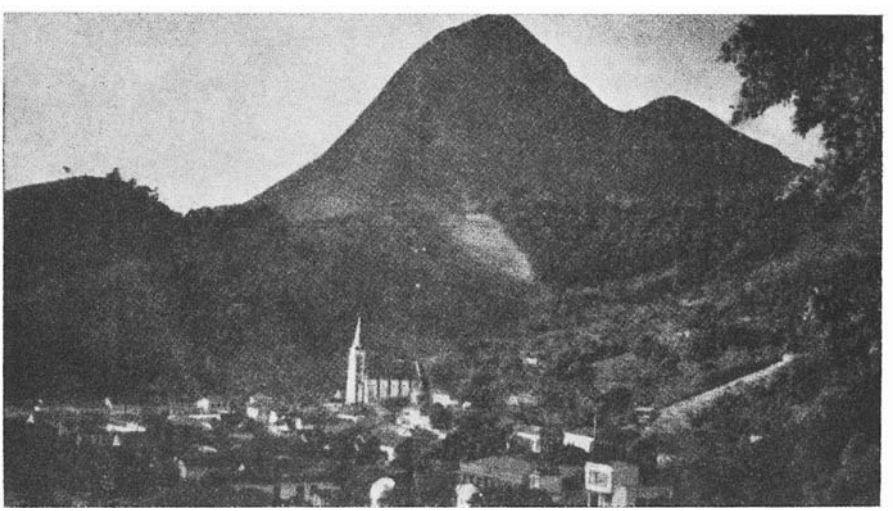


Fig. *129* — *Santa Maria Madalena, por sua altitude e clima excelente, um optimum para o café.*

(Foto DER)

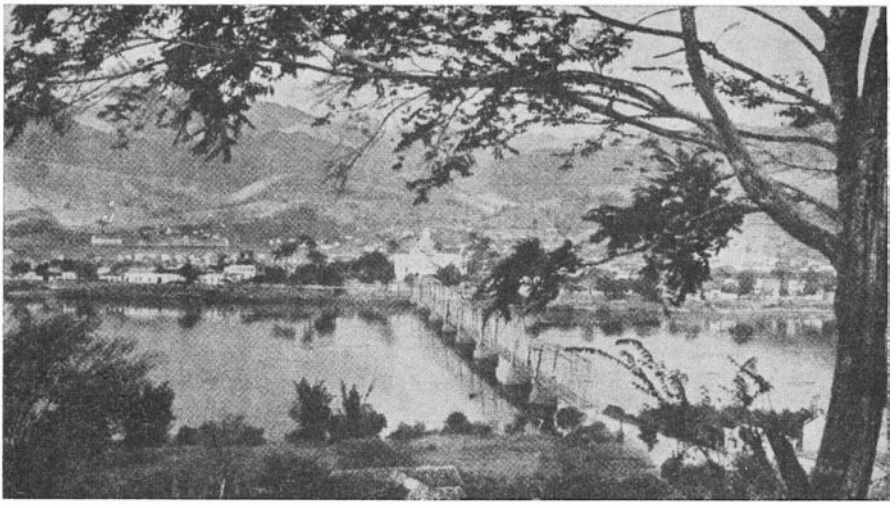


Fig. *130* — *São Fidélis. ponto terminal da navegação do Pnraibn no baixo curso.*

(Foto DER,)

Fig. *131* — *O templo monumental de São Fidélis, erguido pelos capuchinhos frei* VITÓRIO *DE* CAMBIASCA **e** *frei* ÂNGELO MARIA *DE* LUCCA, *com a mão-de-obra dos indios Coroados, entre 1799 e 1809, o qual foi a origem da cidade de São Fidélis.*

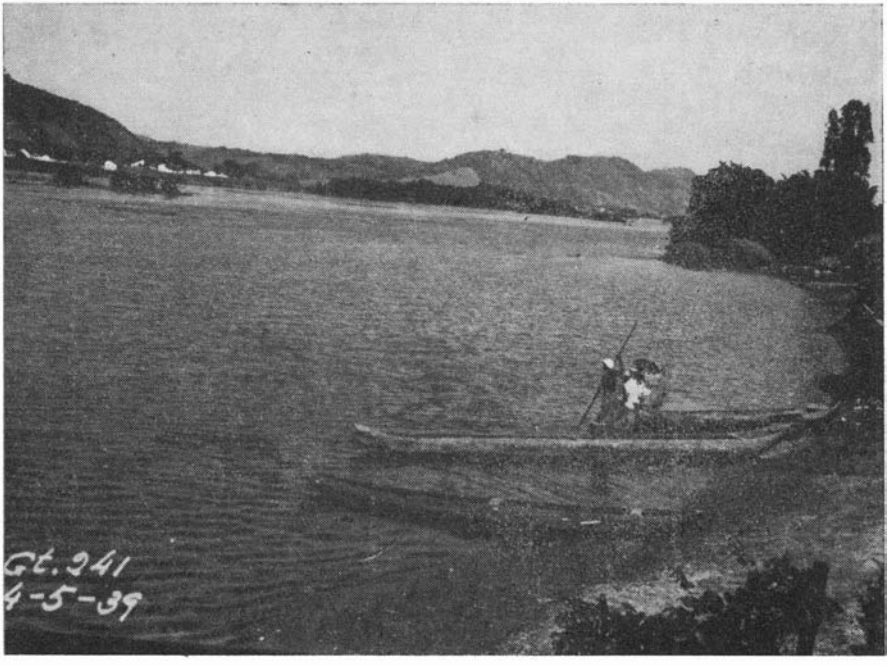


Fig. 132 — *Acima de São Fidélis, não obstante as corredeiras, continuaram os pioneiros a subir pelo "Caminho do Paraiba", dando origem com o plantio de café ao atual município de Cambuci. Aqui vemos o rio em Três Irmãos, — à esquerda da fotografia —, fronteira a Portela, onde finaliza o ramal ferroviário de Cantagalo. Uma ponte sôbre o Paraíba neste local ligaria esta linha com a ferrovia que vai de Campos a Pádua e a Miracema, passando em Três Irmãos, completando a circulação ferroviária no norte fluminense.*

(Foto DNOS)

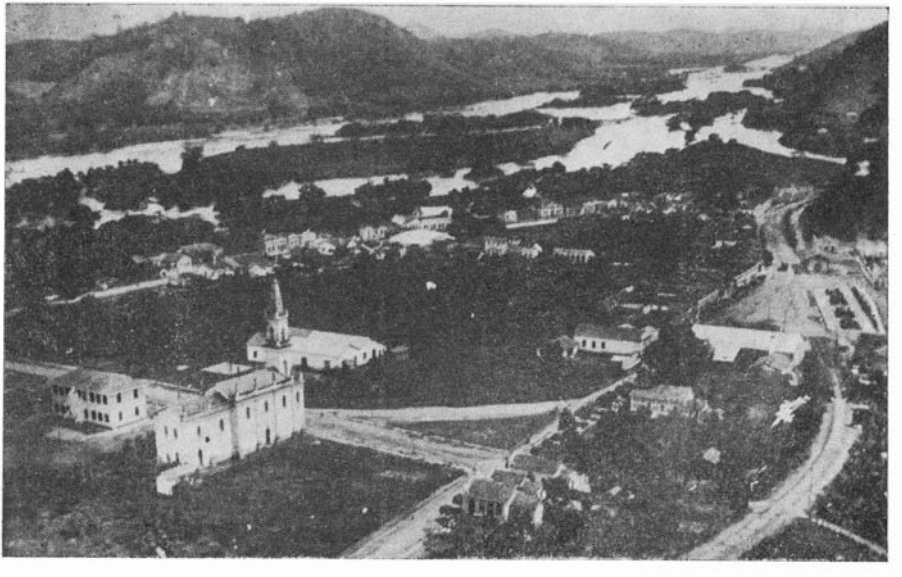


Fig. 133 — *Cambuci, à margem do Paraiba, vendo-se o curso retilíneo do rio orientado pela direção das camadas de gnaisse.*

(Por gentileza do Sr. JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA)

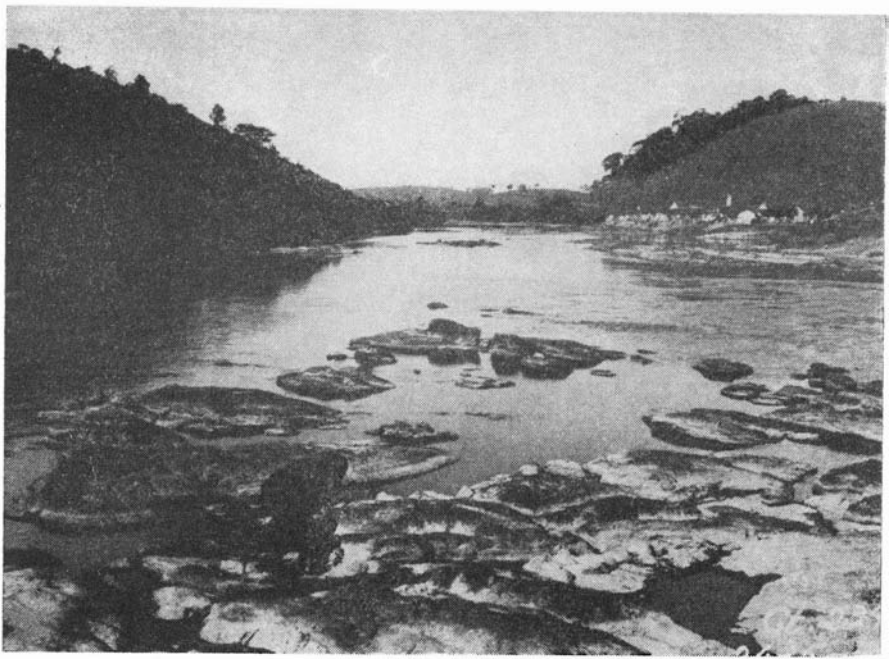


Fig. 134 — *O rio Pomba em Paraoquena, nos limites do Estado de Minas Gerais com o Estado do Rio, ponto de penetração dos imigrantes mineiros que desceram ao longo das suas margens.*

(Foto DNOS)

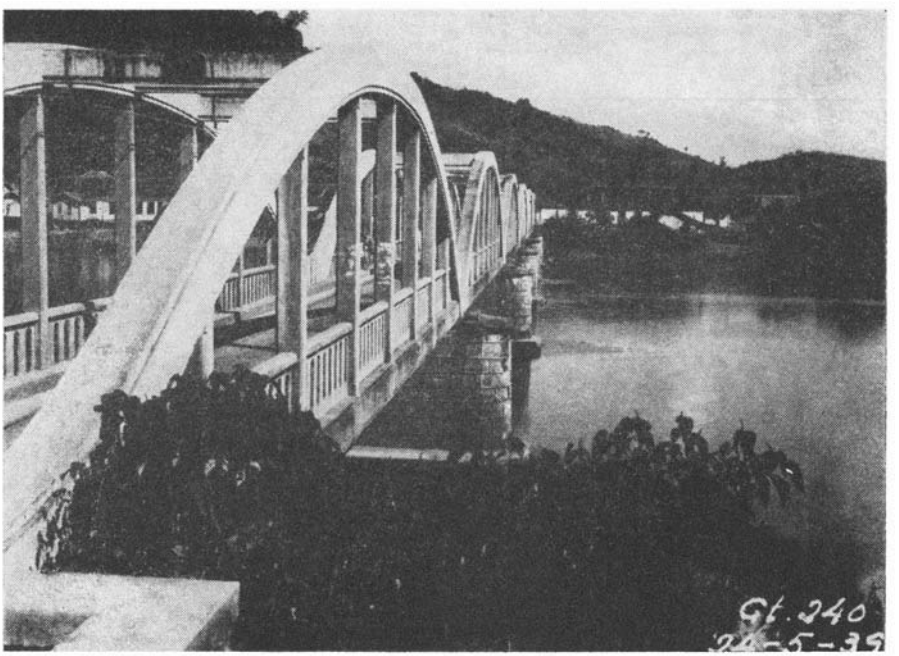


Fig. 135 — *Ponte sôbre o rio Pomba em Padua, que, em conjugação com a de Itaocara sôbre o Paraiba, permite a ligação rodoviária desta rica zona do norte fluminense com a capital do Estado, através dos antigos "Sertões de Leste".*

(Foto DNOS)

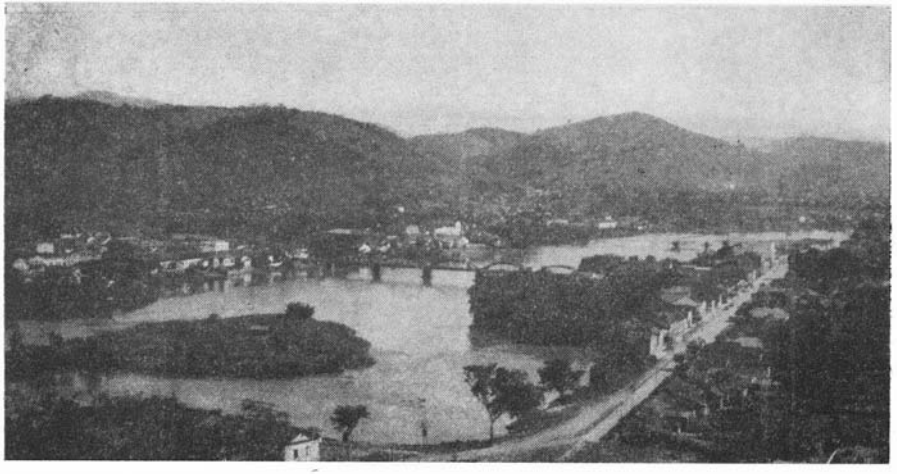


Fig. *136 — Santo Antônio de Pádua, grande centro cafeeiro do norte fluminense, à margem do rio Pomba.*

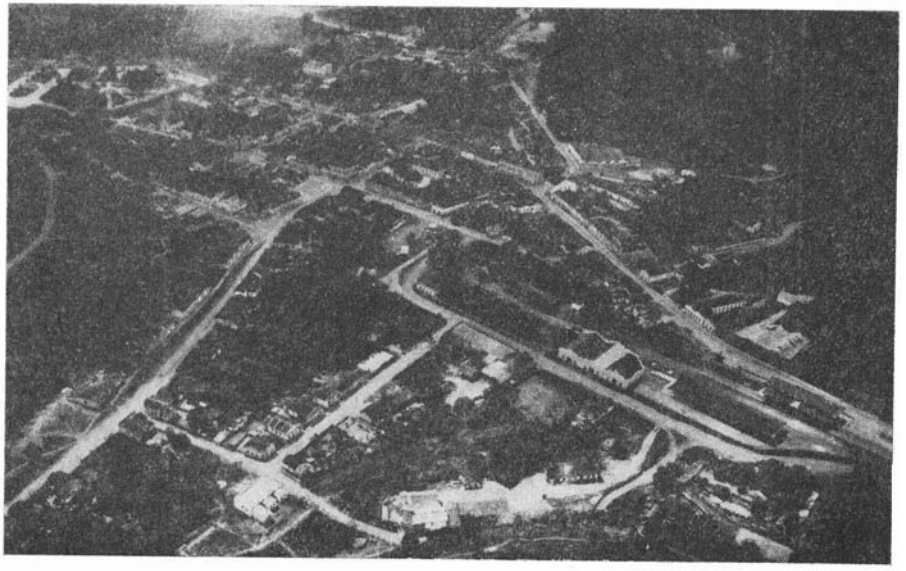


Fig. *137 — Vista aérea da progressista Miracema, nascida em 1846 com a capela de Santo Antônio dos Brotos, núcleo de um dos mais ativos e recentes municípios da Serra que justifica o orgulho bairrista dos seus laboriosos habitantes.*

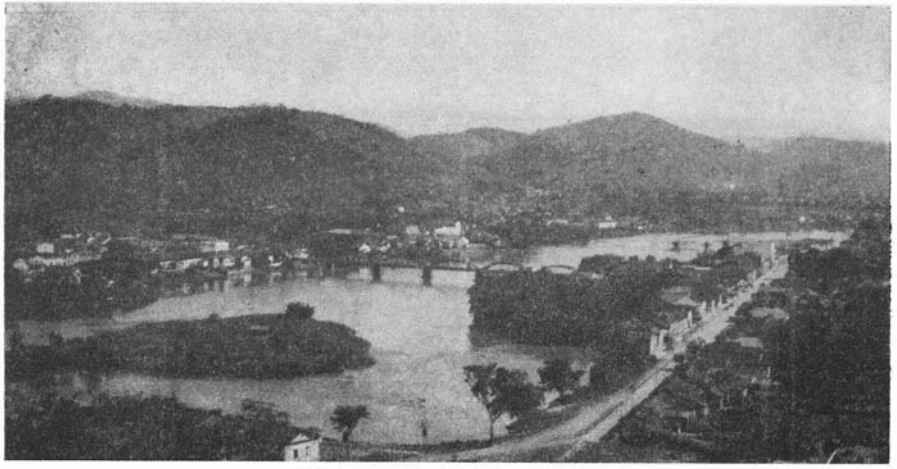


Fig. *136 — Santo Antônio de Pádua, grande centro cafeeiro do norte fluminense, à margem do rio Pomba.*

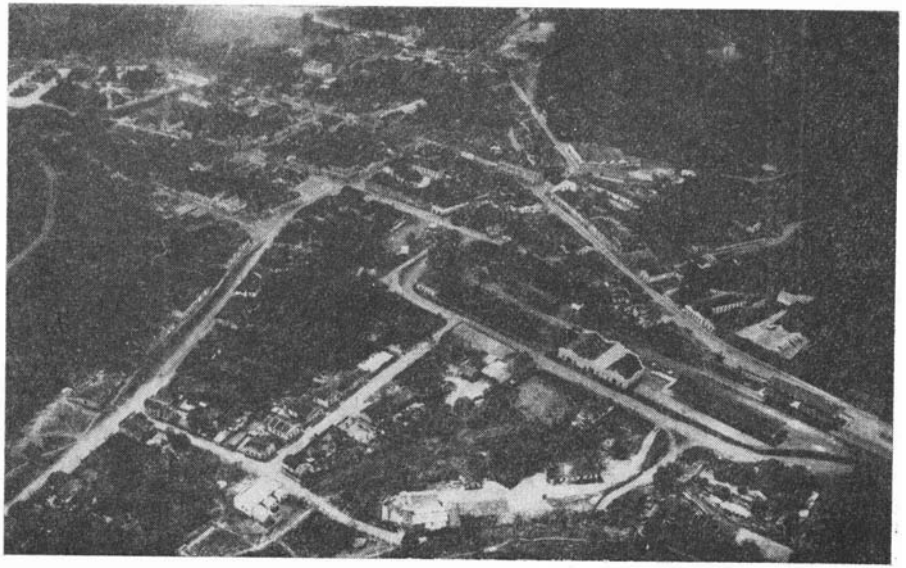


Fig. *137 — Vista aérea da progressista Miracema, nascida em 1846 com a capela de Santo Antônio dos Brotos, núcleo de um dos mais ativos e recentes municípios da Serra que justifica o orgulho bairrista dos seus laboriosos habitantes.*

Fig. *138* — *Contrariamente às velhas cidades serranas do ciclo imperial do café,* **Miracema** *ostenta o aspecto moderno das povoações que se* **desenvolveram** *na* **República,** *e onde. a par das atividades* **agrícolas, nasceram** *as* **indústrias** *urbanas.*

Fig. *139* — *A matriz de Santo Antônio, em Miracema.*

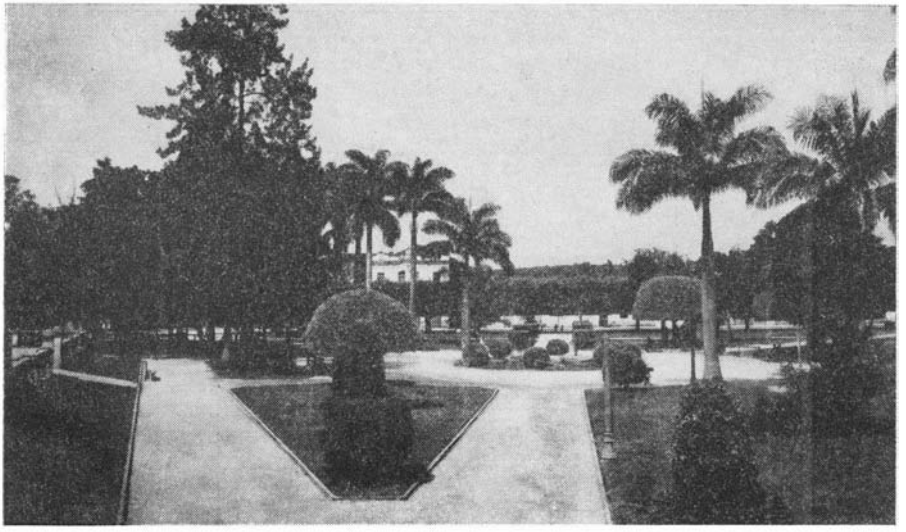


Fig. *140 — Com a sua bela praça ajardinada. Dona Ermelinda, recordam os miracemenses a sua enérgica fazendeira fundadora.*

Fig. *141 — A fazenda de Pôrto Alegre, fundada em 1833 por* JOSÉ LANES DANTAS BRANDÃO, *foz o núcleo pioneiro do café no sul do município de Itaperuna. Pertenceu ao comendador* JOSÉ CARDOSO MOREIRA, *um dos beneméritos fundadores da cidade que lhe fica apenas a* 3 *quilômetros, sendo hoje da família do coronel* ROMUALDO MONTEIRO DE BARROS, *da velha estirpe dos cafèzistas nobilitados na parte ocidental da Serra.*

(Foto A. R. LAMEGO)

Fig. *142* — ***Em contraste com os velhos centros imperiais do café, a pequena sede do grande municfpio serrano é inteiramente moderna.***

Fig. *143* — ***Através da sua ponte sôbre o Muriaé, circula para a estacáo de Itaperuna uma das maiores produções agrícolas do Estado do Rio. Na margem direita do rio, o bairro de Niterói.***

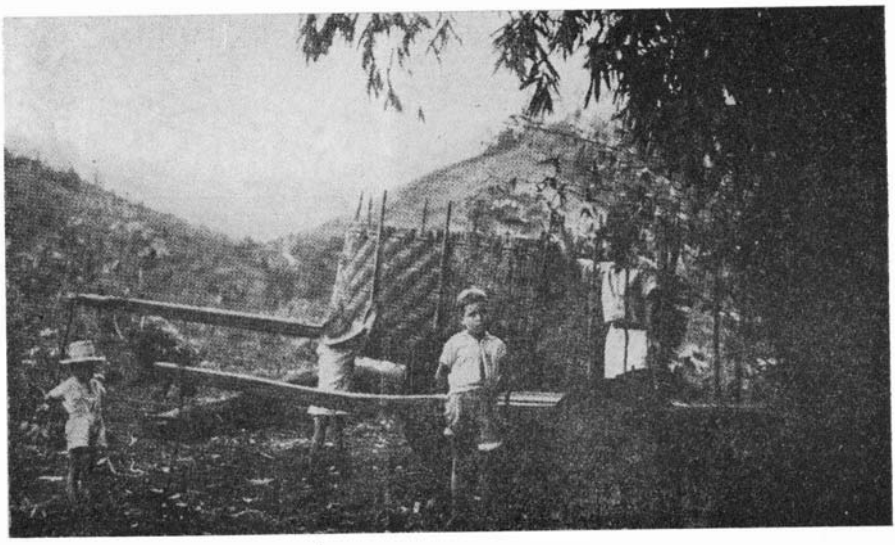


Fig. *144 — A influência da colonização mineira na Serra Fluminense, manifesta-se, entre outros fatôres, pelo tipo de carro de bois "mineiro". As rodas tornam-se minúsculas devido às fngremes estradas nas zonas montanhosas.*

(Foto A. R. LAMEGO)

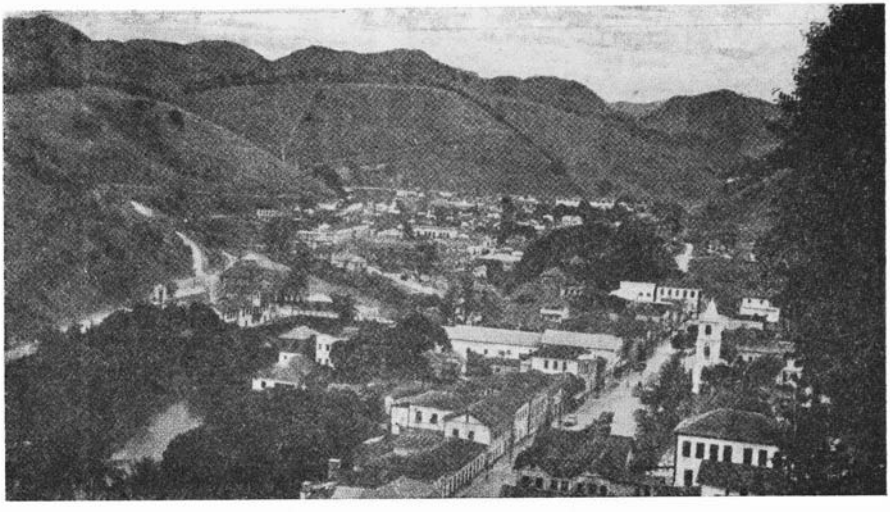


Fig. *145 — A próspera cidade de Natividade de Carangola, sede de um dos novos municípios desmembrados de Itaperuna.*

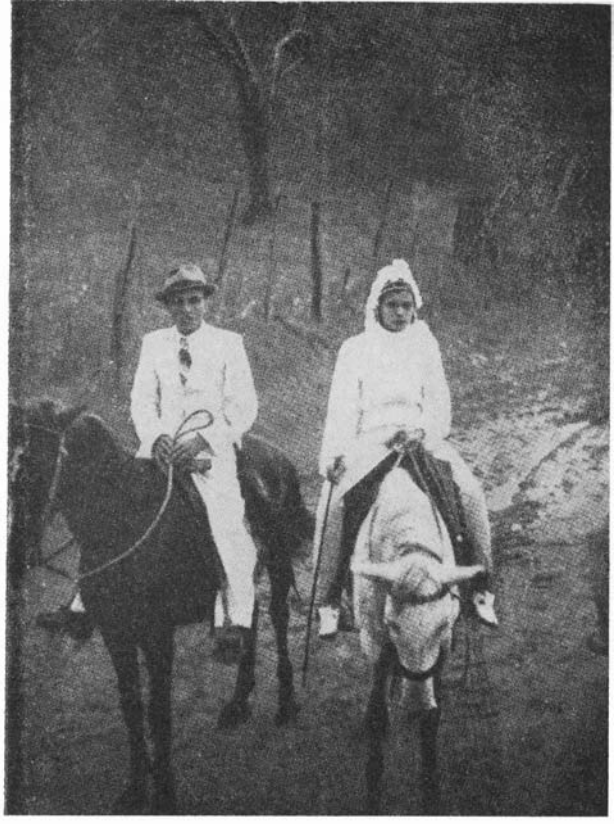


Fig. *146* — *Para os sítios perdidos nas serranias itaperunenses, os recém-casados ainda seguem a cavalo, como êste casal. O vestido da noiva acaba de ser encharcado por um aguaceiro.*
(Foto A. *R.* LAMEGO)

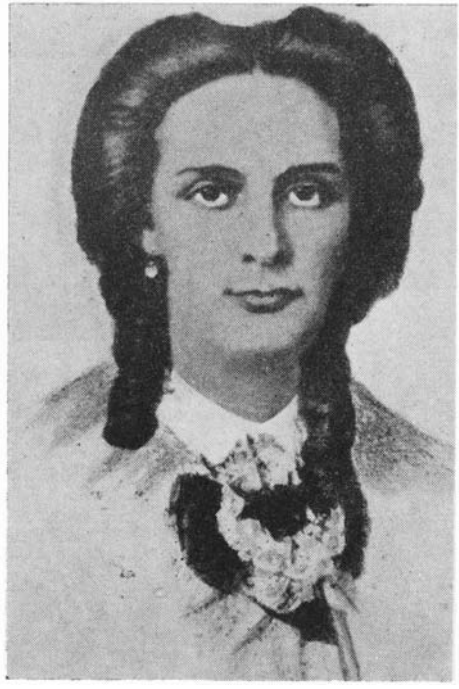


Fig. *147* — *A baronesa de* BELA *VISTA, uma das mais ilustres damas do Segundo Reinado cujos salões na capital do Império foram um requintado centro de cultura e refinamento graças a riqueza dos seus cafèzais de Banana e de Resende. Era baiana, filha do conselheiro* JOAQUIM JOSÉ *PACHECO.*
(Foto do livro de WANDERLEY *PINHO: Salões e Damas do Segundo Reinado)*

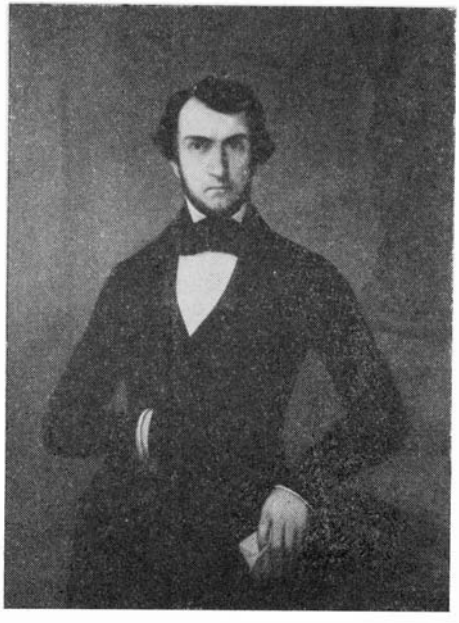


Fig. *148* — *O comendador* JOAQUIM JOSÉ *DE* SOUSA *BREVES, o "Rei do Café no Império".*

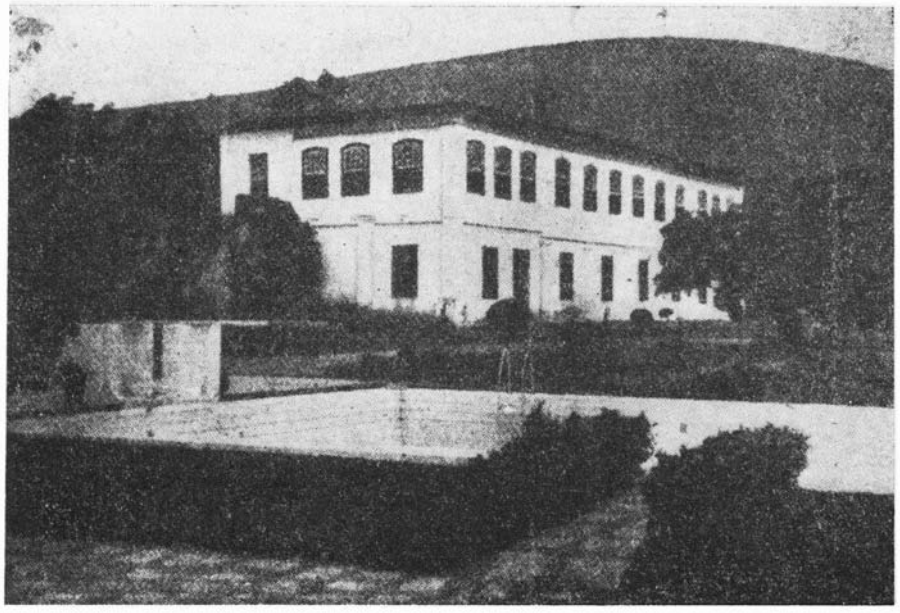


Fig. 149 — O que resta da casa de São Joaquim da Grama é esta ala restaurada, apenas uma quarta parte do enorme solar do comendador JOAQUIM JOSÉ DE SOUSA BREVES, *em Passa Três. Aqui, a "Rei do Café" e maior senhor de escravos do Brasil, centralizava o feustó da sua riqueza adquirida em seus imensos latifúndios cafeeiros.*

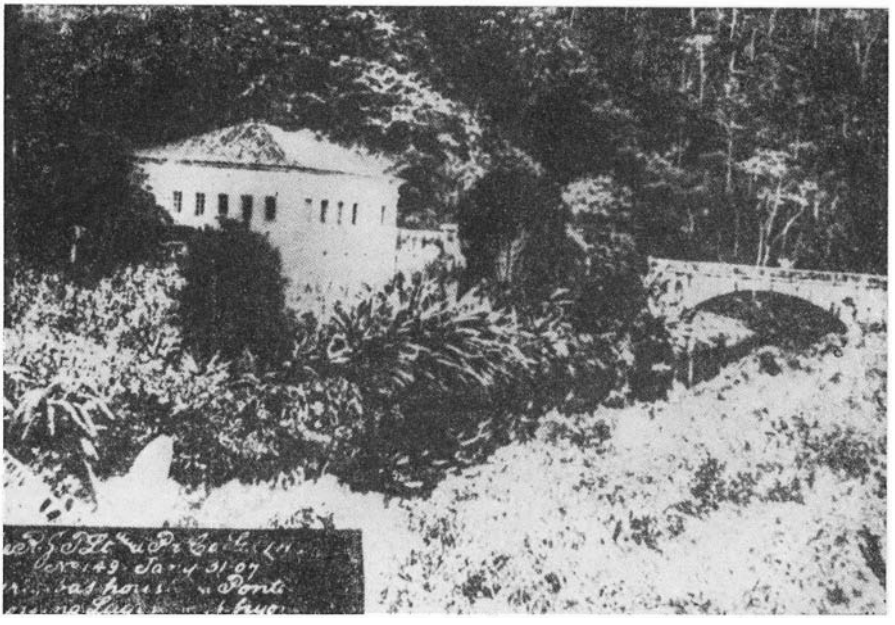


Fig. 150 — A fazenda de Bela Vista, em São João Marcos, uma das dezenas de propriedades rurais do comendador JOAQUIM DE SOUSA BREVES, *o "Rei do Café" no Império, vendc-se também a ponte Bela, na estrada por êle construida para Mangaratiba para escoamento da imensa produção dos seus cafèzais, onde trabalhavam céma de seis mil escravos.*
(Foto do Museu Imperial de Petrópolis, *por gentileza do Dr.* ALCINDO SODRÉ)

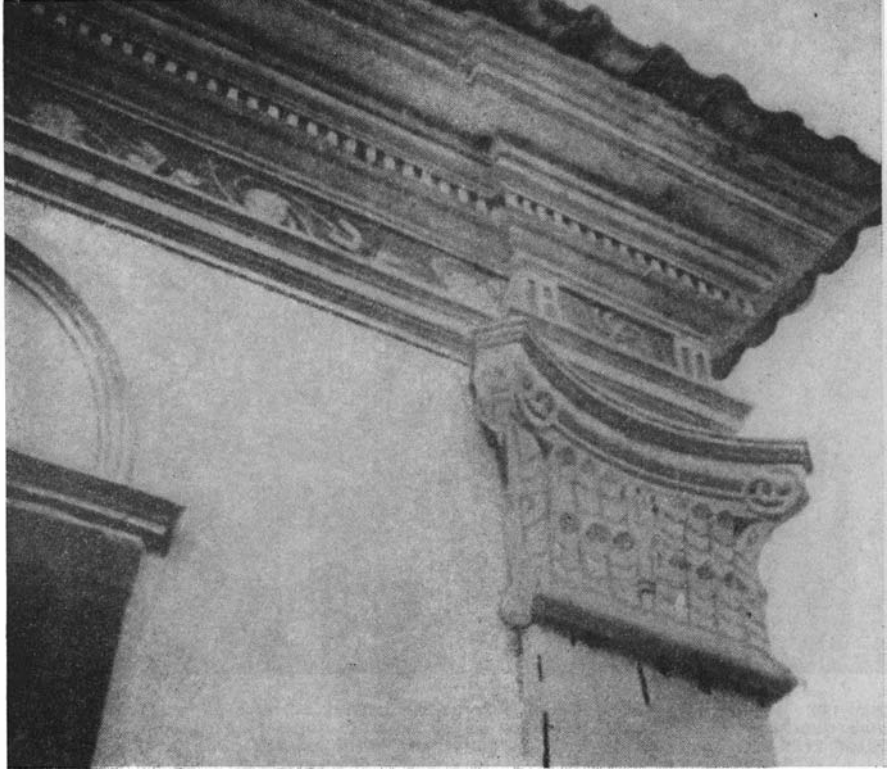
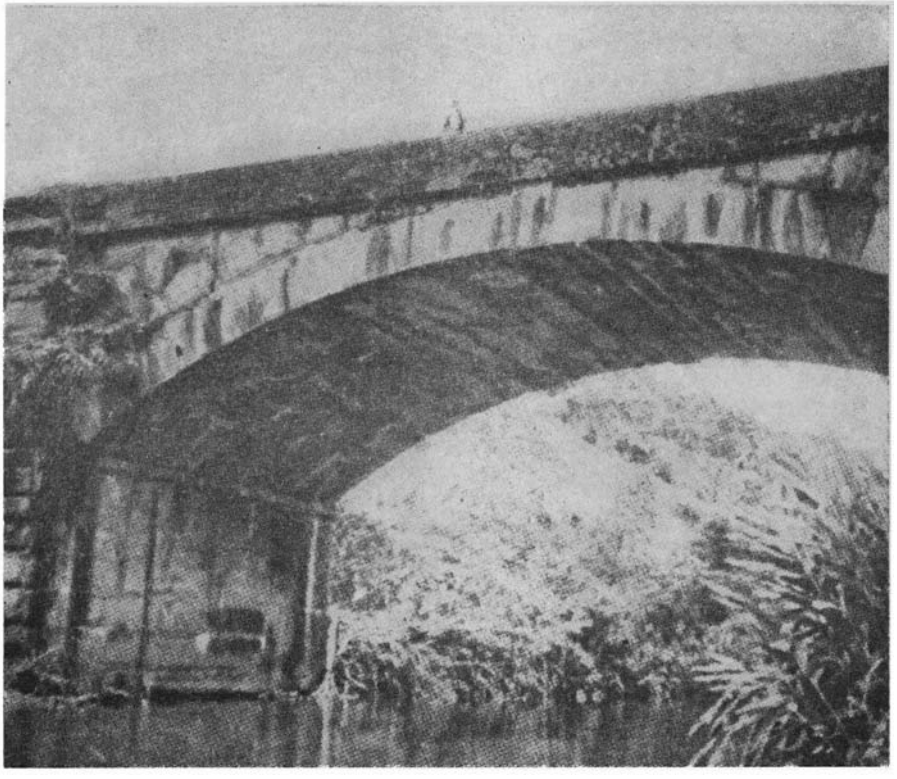


Fig. *151* — *Pormenores ornamentais da fachada da casa de Bela Vista.*
(Foto do **Museu Imperial)**

Fig. *152* — *A ponte Bela na estrada de* **São** *João Marcos a Mangaratiba, magnlfica obra de cantaria mandada construir pelo comendador* JOAQUIM **BREVES,** *ainda hoje em perfeito estado de conservação e suportando pesadas cargas.*
(Foto do Museu Imperial)



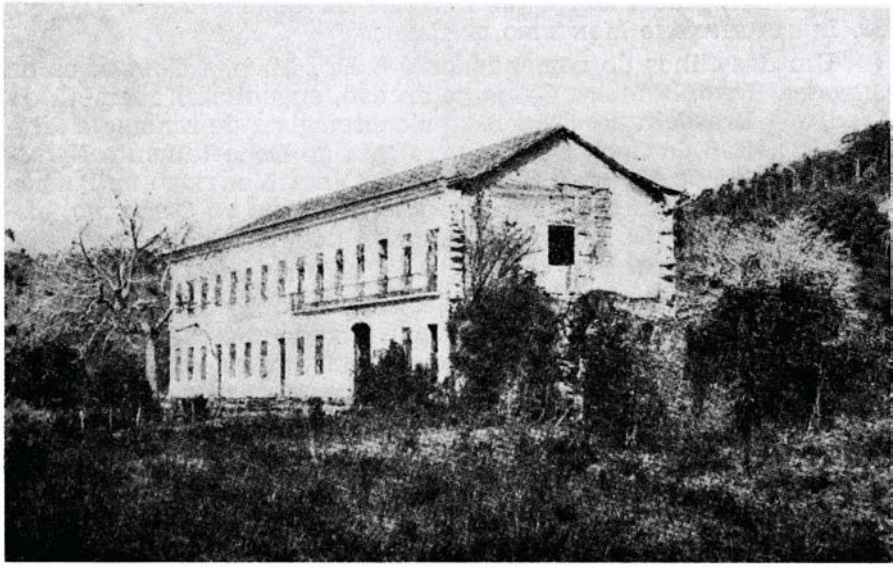


Fig. 153 — *O inacabado solar de Olaria em São João Marcos uma das grandes residências rurais do oomendador* JOAQUIM BREVES

(Foto do **Museu** Imperial)

Coube o título de baráo de PIRAÍ,com grandeza, a JosÉ GONÇALVES DE MORAIS, da estirpe dos pioneiros de São João Marcos e grande cafeicultor enriquecido com as suas lavouras. [390] Vimos que um dos seus genros fôrao "Rei do Café", o comendador JOAQUIM JOSÉ DE SOUSA BREVES. Outro, seria o tronco de uma das mais notáveis famílias piraienses, *o* barão de VARGEM ALEGRE, com grandeza, MATIAS GONSALVES DE OLIVEIRA ROXO, português de Trás-os-Montes, cuja descendência unida a dos MORAIS e a dos MONTEIRO DE BARROS, daria uma das mais ilustres gerações da aristocracia agrária fluminense.

Dos cinco filhos do barão de VARGEM ALEGRE, o primeiro, JosÉ DE OLIVEIRA ROXO, tornou-se o barão de GUANABARA, o 2.0, MATIAS GONSALVES DE OLIVEIRA ROXO, o barão de OLIVEIRA ROXO, o 3.0, a baronesa de SANTA MARIA, e o 5.0, LUÍS OTÁVIO DE OLIVEIRA ROXO, 2.0 barão e visconde de VARGEM ALEGRE.

O 4.0 filho do barão do PIRAÍ, o comendador RAIMUNDO BREVES DE OLIVEIRA ROXO, casou-se com D. RITA MONTEIRO DE BARROS,

---

[390] **Em 1845 era o barão do PIRAÍ o maior fazendeiro do Império, com 1500** *escravos* **e uma produção de café de 120 000 arrôbas.**

neta do barão do PIRAÍ e do visconde de CONGONHAS DO CAMPO,. Dr. LUCAS ANTONIO MONTEIRO DE BARROS.[391]

Um dos filhos do comendador é o Dr. MATIAS GONSALVES DE OLIVEIRA ROXO, herdeiro do nome do avô, engenheiro, membro da Academia Brasileira de Ciências, paleontologista de renome e diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional da Produção 'Mineral. Uma neta, D. VERA MONTEIRO DE BARROS Roxo é casada com o professor CARLOS DELGADO DE CARVALHO, bisneto do visconde de ITABORAÍ e pioneiro dos modernos estudos de Geografia do Brasil.[392]

Piraí também teve um grande fazendeiro no barão de SANTA MARIA, NICOLAU NETO CARNEIRO LEÃO, irmão do marquês do PARANÁ. Piraiense ilustre foi ainda o visconde de BENEVENTE, JOSÉ FELICIANO DE MORAIS COSTA, deputado, poeta e orador, e a estirpe dos BREVES deu o barão de GUARAREMA, LUÍS JOSÉ DE SOUSA BREVES e o barão de LOURIÇAL, FRANCISCO DE ASSIS MONTEIRO BREVES.

Como se dera em Barra Mansa que veio a crescer de uma simples capela pela iniciativa do barão de AIURUOCA, Piraí deve o seu desenvolvimento a outro aristocrata, o sargento-mor de milícias, JOSÉ LUÍS GOMES, barão de MAMBUCABA, o qual a fêz evolucionar de um insignificante arraial com a riqueza das suas fazendas de Santa Maria e de Ponte Nova.[393]

Todos êsses ricos fazendeiros de Barra Mansa e de Piraí, aos quais acrescentaremos o barão do TURVO, JOSÉ GOMES DE SOUSA PORTUGAL, o barão de POUSO ALTO, FRANCISCO TEODORO DA SILVA, — cuja viúva veio a ser a baronesa de MONTE VERDE —, mantinham suntuosas residências rurais, como as das fazendas' da Grota Grande, do Martel, do Jordão, da Viúva e de Arataquara. Da famosa Bela Aliança dos HARITOFF, situada entre a cidade de Piraí e Vargem Alegre, já tivemos ocasião de falar.

Um dos mais notáveis dêstes solares era o do barão de VARGEM ALEGRE, na fazenda dêste nome e também proprietário de União. Pelo decidido apoio dêsse rico titular ao barão de RIO BONITO na questão da passagem da Estrada de Ferro Pedro II por Barra do Piraí, deve êle também com justiça ser considerado um dos fundadores desta cidade.

Quem hoje cômodamente viaja ao longo do Paraíba em vagões ferroviários, ao defrontar-se com tôda a interminável série de morros pelados e com as modestas habitações atuais, mal imagina o fausto das monumentais sedes de fazendas, em que por ali, outrora, se acastelavam os enriquecidos "barões do café" do Império.

---

[391] O visconde de CONGONHAS DO CAMPO era irmão do barão de PARAOPEBA, ROMUALDO JOSÉ MONTEIRO DE BARROS, tronco de numerosa descendência de cafèzistas espalhados por Minas, Espírito Santo e Estado do Rio. (*An. Gen. Bras.*, vol. III, págs. 234-235).

[392] Idem, III, págs. 528-529.

[393] Idem, III, 144 e IV, pág. 68.

ZALUAR descreve-nos a casa de Pinheiro, do comendador JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA BREVES, irmão e também genro da baronesa de PIRAÍ, — tendo casado com uma das suas sobrinhas, filha desta —, como um "palácio elegante", o qual "seria mesmo um suntuoso ,edifícioem qualquer cidade". O comendador BREVES era irmão do "Rei do Café".

A admiração do viajante é a mesma que hoje sentiríamos se nela penetrássemos. "Um delicioso jardim se desdobra como um tapête de flôres pelo pendor da colina sôbre que está assentada esta suntuosa habitação, e dá-lhe um nôvo realce. Duas escadarias laterais de mármore branco e uma espaçosa varanda, para onde deita a porta do salão de espera, que é uma vasta quadra cujas paredes estão adornadas pelos primorosos retratos de S.M. o Imperador e S.M. a Imperatriz, devidos ao hábil pincel de CROMOELSTON. Seis ou oito magníficas gravuras representando as cópias de diferentes quadros de HORÁCIO VERNET completam a decoração artística desta elegante sala, correspondendo a mobília e os ornatos ao bom gôsto que por tôda parte reina. A sala nobre é uma peça soberba. Grandes espelhos de Veneza, ricos candelabros de prata, lustres, mobília, tudo disputa a primazia ao que dêste gênero se vê de mais ostentoso na própria capital do Império. Enfim, tôdas as outras salas, o edifício inteiro está em harmonia com o luxo, profusão e riqueza do que acabo de descrever-te. Porém o que mais me surpreende e merece a minha particular atenção, são os magníficos caminhos de'rodagem que, em tôdas as direções cortam a fazenda". [394]

Era em tais requintes de uma vida rural que o BREVES aplicava os recursos das suas "vastíssimas plantações de café, que cobrem um largo espaço de morros", cultivadas com o esforço muscular de um "número prodigioso de cativos consagrados aos trabalhos agrícolas".

Não se pense porém que Pinheiro, com a sua vida aristocrática, se apresentava como um caso excepcional entre as fazendas desta zona. Muitas delas acomodavam-se ao mesmo padrão, expressivo dos mais elevados primores culturais.

Como exemplo de uma organização rural complexa e progressista, ZALUAR mostra-nos ainda o Ribeirão Frio do comendador JOAQUIM FERRAZ, que seria o barão de GUAPI: "uma cidade em ponto pequeno, onde se cultivam muitos ramos da indústria e se põem em movimento tôdas as gradações do trabalho".

Além do engenho, hospital, botica e oratório, ali há forjas, alfaiates, marceneiros, ferradores, falanges de escravos disciplinados, 400 enxadas trabalham num âmbito de duas léguas. O milho,

---

[394] ZALUAR, **Augusto-Emilio:** *Peregrinação pela Provfncia de Sáo Paulo, 1860-1861,* **pags. 36, 9, 10.**

o feijão, o arroz, porcos, muares e cavalos reforçam o patrimônio agrícola de um milhão de pés de café, de cuja produção o imenso terreiro seca de uma só vez 6 000 arrôbas.

No interior do solar onde anota a "espontânea e franca cordialidade, o hospitaleiro agasalho com que todos os hóspedes são recebidos, tanto conhecidos quanto estranhos", frisa o viajante a limpeza, a ordem, o asseio das cozinhas, a água encanada, tudo o que enfim se poderia desejar em conforto e bem-estar, mesmo em modernas moradias rurais.

A fina educação dos hospedeiros manifesta-se por "uma conversa amena e espirituosa de salão", intercalada pela música de um magnífico piano, em cujo teclado "delicados dedos interpretam algumas das mais difíceis composições".

Tal era o interior dos palacetes residenciais dos senhores do café na Serra. Não admira pois que, a êles comparadas, vilas como Dores em relação a fazenda de Ribeirão Frio, nada mais sejam que um "burgo apinhado de casinhas brancas, meio oculto entre as dobras de montanhas".

São êsses grandes proprietários que, à própria custa, fazem estradas e pontes para as cidades. Assim é que anota ZALUAR cinco pontes, grandes e bem seguras, construídas pelos fazendeiros, entre a fazenda dos Três Poços, do comendador LUCAS ANTÔNIO MONTEIRO DE BARROS e Barra Mansa.

O que era a vida social desta cidade nesse tempo de faustos protocolares, pode-se deduzir do que nos diz ainda o viajante ao ali chegar em dia de festa: "Apesar do grande concurso de povo que reuniu esta cidade, correu que o terror do luxo afastou daqui muitas famílias, e que se não fôsse o mêdo com que estavam das ricas *toilettes* que haviam de aparecer, e da imensidade dos balões que tinham de encher as salas, muito maior devia ter sido a concorrência".[395]

Assim pois é que viviam os aristocratas do café na Serra Fluminense, e assim é que timbravam, de quando em vez aparecer nas suas pequenas cidades, com os mesmos hábitos e costumes da Côrte Imperial.

As manifestações máximas dêsse elevado padrão cultural e aristocrático não foram ainda apresentadas, com os dois maiores centros da civilização cafeeira serrana, os que tinham maior número de titulares agraciados pelo Imperador: Valença e Vassouras.

Dois nomes que por si só relembram tôda uma época de refinamento e de fastígio: Valença, a velha cidade dos marqueses. Vassouras, o maior ninho de aristocratas rurais do Brasil depois de Campos.

No município de Marquês de Valença antes da sua subdivisão, dos sadios contingentes de mineiros e portuguêses para ali emigra-

[395] ZALUAR, Emílio-Augusto: obr. cit., pág. 19.

dos, um famoso escol de fazendeiros de café deveria surgir. No território centralizado pela primitiva Aldeia das Cobras, entraram os RIBEIRO DE RESENDE, os ALVES BARBOSA, os MACHADO DA CUNHA, os NOGUEIRA DA GAMA, os PEREIRA FARO, os SOUSA BARROS, os ARAÚJO MAIA, os CUSTÓDIO GUIMARÃES e outras estirpes tôdas a forjarem os seus brasões com o aço das foices, dos machados e das enxadas, na contínua faina das lavouras de café.

A testa dessa laboriosa e culta aristocracia rural salientava-se ESTÊVÃO RIBEIRO DE RESENDE, sucessivamente barão, visconde e marquês de VALENÇA, com grandeza, dono da famosa fazenda de Coroas. Mineiro do Rio das Mortes e nascido ainda no século XVIII, veio a falecer em 1886 numa velhice patriarcal e com numerosa descendência. Casou-se com D. ILÍDIA MAFALDA DE SOUSA QUEIRÓS, irmã do barão de LIMEIRA, VICENTE DE SOUSA QUEIRÓS e do barão de SOUSA QUEIRÓS, filha do brigadeiro LUÍS ANTONIO DE SOUSA QUEIRÓS (1760-1819), a maior opulência da capitania de São Paulo.

Dos seus 16 filhos, PEDRO RIBEIRO DE RESENDE seria o 2.º barão de VALENÇA, ESTÊVÃO, o barão de RESENDE, e GERALDO, o barão GERALDO DE RESENDE. Os dois últimos, por sua vez emigrantes, como o pai, iriam continuar na terra paulista a projeção dos cafèzais fluminenses. Foi o barão de RESENDE um rico fazendeiro em Piracicaba e o barão GERALDO DE RESENDE um dos maiores de Campinas.

Tal era o prestígio do marquês de VALENÇA que, uma de suas filhas, D. AMÉLIA DE SOUSA RESENDE, casou-se com o titular francês, conde de CAMBOLAS e marquês de PALARIM, e outro filho seu, legitimado, ESTÊVÃO DE SOUSA RESENDE, foi elevado a barão de LORENA.[396] Uma de suas netas, filha do 2.º barão de VALENÇA, D. MARIA DE SOUSA RESENDE, foi a condessa de SERRA NEGRA.[397]

Outro ramo desta família igualmente nobilitado foi o do coronel GERALDO RIBEIRO DE RESENDE, irmão do marquês, cujo filho, JOSÉ DE SOUSA RESENDE, foi o barão de JUIZ DE FORA, e os filhos dêste, GERALDO AUGUSTO DE RESENDE, barão do RETIRO e JOSÉ RIBEIRO DE RESENDE FILHO, barão do RIO NÔVO, com grandeza.[398]

Sòmente pelo lado masculino deram os RIBEIRO DE RESENDE no vale do Paraiba oito titulares.

Com o mineiro JOSÉ VIEIRA MACHADO DA CUNHA surgia o título de barão do PÔRTO DAS FLORES, com o seu filho MISAEL, o de 2.º barão de PÔRTO DAS FLÔRES e, com seu irmão, MANUEL VIEIRA DA CUNHA, o de barão de ALIANÇA.

Fazendeiros no distrito de Rio Bonito, em Marquês de Valença, foram outro mineiro, CARLOS TEODORO DE SOUSA FORTES, 2.º barão de SANTA CLARA, e a viscondessa de MONTE VERDE, sua irmã.

---

396 MOYA, Salvador de: obr. cit. III, 136.
397 Idem, III, 527.
398 Idem, III, 109-112.

JACINTO, FRANCISCO e JOSÉ ALVES BARBOSA, descendentes dos primitivos sesmeiros de Vassouras, seriam respectivamente o 1.º, 2.º e 3.º barões de SANTA JUSTA, e, da mesma família, JOSÉ RODRIGUES ALVES BARBOSA, o barão de SANTA FÉ, nascido em Marquês de Valença. [399]

Outra grande árvore genealógica vindo a crescer nos cafèzais valencianos, foi a dos NOGUEIRA DA GAMA, nascida com mais um mineiro de São João d'El-Rei, MANUEL JACINTO NOGUEIRA DA GAMA, doutor em matemáticas pela Universidade de Coimbra, lente da Real Academia de Marinha de Lisboa, marechal de campo, ministro do Império e marquês de BAEPENDI. [400] Casando-se com uma filha do nababo BRÁS CARNEIRO LEÃO, torna-se possuidor de enorme extensão de terras no vale do Paraíba, onde a sua sesmaria doada por D. JOÃO VI, tinha cêrca de 540 quilômetros quadrados, por êle retalhados e vendidos em fazendas com grandes lucros. [401]

Do nome da marquesa de BAEPENDI, D. FRANCISCA MÔNICA CARNEIRO DA COSTA, — irmã da 1.ª viscondessa de SÃO SALVADOR DOS CAMPOS DOS GOITACÁS e do conde de VILA NOVA DE SÃO JOSÉ —, procedia a fazenda de Santa Mônica, uma das mais famosas do tempo.

O mais velho dos filhos do casal, BRÁS CARNEIRO DA COSTA E GAMA, foi o conde de BAEPENDI, com grandeza. Uma das filhas a condessa de CARAPEBUS e outra a condessa de TOURINHO, em Portugal.

O segundo filho do marquês de BAEPENDI, MANUEL JACINTO CARNEIRO NOGUEIRA DA GAMA, veio a ser o barão de JUPARANÃ, e o terceiro, MANUEL NICOLAU CARNEIRO NOGUEIRA DA GAMA, o barão de SANTA MÔNICA, com grandeza, casado com D. LUÍSA DE LORETO VIANA DE LIMA E SILVA, filha do duque de CAXIAS, que faleceu na fazenda de Santa Mônica.

Um sobrinho do marquês, NICOLAU ANTÔNIO NOGUEIRA VALE DA GAMA, foi o visconde de NOGUEIRA DA GAMA, com grandeza, mordomo-mor do Imperador. Era filho do coronel JOSÉ INÁCIO DA COSTA NOGUEIRA e de D. FRANCISCA VALE DE ABREU E MELO, — que depois de viúva se tornou a viscondessa de SÃO MATEUS —, e casado com D. MARIA FRANCISCA CALMON DA SILVA CABRAL.

O primogênito do visconde de NOGUEIRA DA GAMA foi o Dr. JOSÉ CALMON NOGUEIRA VALE DA GAMA, um dos fundadores do Jockey Clube do Rio de Janeiro. Uma de suas filhas, D. FRANCISCA CALMON NOGUEIRA DA GAMA veio a ser a condessa de PENAMACOR,

---

[399] FRANCISCO RODRIGUES ALVES, um dos concessionários da primitiva sesmaria de Vassouras e Rio Bonito e primeiro desbravador do local da cidade de Vassouras, foi o tronco das famílias SANTA JUSTA, ALVES, AVELAR, ALMEIDA e outras, de numerosa descendência de cafézais. (MATOSO MAIA FORTES 895. Obra cit., pág. 83).

AFONSO DE TAUNAY, diz-nos entretanto que o primeiro cultivador do local da cidade de Vassouras foi FRANCISCO RODRIGUES BARBOSA.

[400] TAUNAY, Afonso de E.: Antigo Documentário Cafeeiro, "Jornal do Comércio".

[401] TAUNAY, Afonso de E.: Velhas Casas, "Jornal do Comércio", 25-3-1945.

em Portugal, e outra, D. MARIA FRANCISCA NOGUEIRA DA GAMA, a baronesa de MONIZ DE ARAGÃO, na Bahia. Neto da baronesa e do barão de MONIZ DE ARAGÃO, — Dr. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO E MENESES —, é o Dr. PEDRO CALMON, escritor, jurista e historiador, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos nossos maiores oradores. Foi esta assim uma das mais eminentes e aristocráticas famílias resultantes da civilização fluminense do café.

Grandes latifundiários na mesma margem esquerda do Paraíba em princípios do século XIX, foram igualmente o marquês de LAJES, JOÃO VIEIRA DE CARVALHO, português, o desembargador JOSÉ LOUREIRO, o guarda-mor MANUEL DO VALE AMADO e seu genro, o comendador JOSÉ INÁCIO NOGUEIRA DA GAMA, irmão do marquês de BAEPENDI.[402]

A ANTONIO PEREIRA DE SOUSA BARROS, nascido em Marquês de Valença de pais portuguêses, caberia o título de barão do ENGENHO NÔVO, por também possuir numerosos prédios nesse bairro do Rio de Janeiro.[403] MANUEL PEREIRA DE SOUSA BARROS, igualmente valenciano, foi o barão de VISTA ALEGRE.[404] O capitão JOAQUIM GOMES PIMENTEL que hospeda o pianista GOTTSCHALK em sua fazenda, seria o visconde de PIMENTEL,[405] e ainda nascido na fazenda Bom Jardim em Marquês de Valença, foi o barão de ARAÚJO MAIA.[406]

Com todo êsse halo aristocrático a testemunhar uma prodigiosa riqueza em cafèzais, o nome de Valença era um dos mais respeitados no período imperial. Um símbolo do potencial econômico e cultural da Serra Fluminense no ciclo do café.

Cabe aqui dizer que parte da grande fama de Valença provinha também do êxito de fazendeiros vindos de Vassouras, mormente da zona de Sacra Família, após a fundação em 1801 da aldeia indígena valenciana por JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ.[407]

"A mais interessante, porém, das sesmarias concedidas foi a de JOÃO PINHEIRO DE SOUSA, genro do patriarca INÁCIO DE SOUSA WERNECK, que deixando a sua fazenda em Sacra Família, foi para a margem esquerda do Paraíba fundar uma grande propriedade,

---

402 TAUNAY, Afonso de E.: obr. cit.

403 Idem, pág. 118.

404 Idem, III, pág. 544.

405 DAMASCENO FERREIRA, Luís: História de Valença. Rio. 1925, pág. 115.

406 VASCONCELOS, baráo de, e SMITH VASCONCELOS: Arquivo *Nobiliárquico* Brasileiro. Lausane, 1918.

407 Sendo a fertilidade das terras de Valença bem conhecida do patriarca da grande família dos WERNECK de Vassouras, o alferes, INÁCIO DE SOUSA WERNECK, incumbido pelo vice-rei de auxiliar o aldeamento dos índios, levou êle a noticia aos seus parentes.

"E não poucos foram os senhores de terras de Sacra Família que se adiantaram em pedi-las no sertão compreendido entre os rios Paraiba e Prêto".

Entre êles, citamos os PINHEIRO DE SOUSA, INÁCIO DE SOUSA WERNECK. — filho de MANUEL DE AZEVEDO RAMOS —, o alferes JOSÉ DE SOUSA VIEIRA e MANUEL JOAQUIM DE AZEVEDO. Dois fazendeiros de Ubá, JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ e PEREIRA DE ALMEIDA, — barão de UBÁ — também pediram terras além do Paraiba. Dos grandes lavradores de Pau Grande, Luis GOMES RIBEIRO igualmente solicitou terras para seus filhos JOÃO GOMES RIBEIRO e JOSÉ RIBEIRO DE AVELAR e sua filha LUÍSA INÁCIA". (MATOSO MAIA FORTE: *Memória* da Fundação de Vassouras, nota à pág. 84).

desdobrada posteriormente em várias outras, e com ela ser o tronco da família dos IPIABAS que se entrelaçou com outras, como as famílias VIEIRA MACHADO DA CUNHA, ANTÔNIO JOSÉ FERNANDES, SALES PINHEIRO, ALMEIDA RAMOS, ROCHA WERNECK, etc."

MATOSO MAIA FORTE, sempre bem documentado sôbre as grandes famílias vassourenses e de quem anotamos essas linhas, fala-nos da importância da grande sesmaria nos primórdios de Valença, como refúgio humanitário para os índios, sempre bem acolhidos pelo benemérito fazendeiro.

Foi ela a fazenda de São João, onde em convívio estreito com a natureza e com aborígines, criaram-se os seus filhos PEREGRINO JOSÉ DE AMÉRICA PINHEIRO, 1.º barão, depois visconde de IPIABAS, com grandeza, e INÁCIO JOSÉ DE AMÉRICA PINHEIRO, barão do POTENJI, e de lavradores de café, descendentes sobretudo em elevado número do abastado visconde de IPIABAS.

O filho dêste, FRANCISCO PINHEIRO DE SOUSA WERNECK, viria a ser o 2.0 barão de IPIABAS, e, suas filhas ANA PEREGRINA, FRANCISCA PEREGRINA, CAROLINA e MARIA PEREGRINA, tornar-se-iam respectivamente as baronesas de POTENJI, de ALMEIDA RAMOS, de PALMEIRAS e de ALIANÇA. [408]

Com tamanha abundância de grandes riquezas e de títulos honoríficos ao seu redor, Valença com o seu amparo, deveria rivalizar com Vassouras como cidade. Os fazendeiros valencianos distinguiam-se todavia dos vassourenses por um mais altivo enclausuramento em seus solares campestres. Jamais teria a pequena cidade uma nata rural com tôdas as suas vistas focalizadas na formação de um belo centro urbano como o da "Princesa do Café", do qual viessem a orgulhar-se.

Alguns dos seus nomes de aristocratas são, porém, até hoje venerados pelos serviços urbanos prestados à coletividade, entre êles sobressaindo o do conde de BAEPENDI e o do visconde do RIO PRÊTO.

Dêste último guarda a cidade indeléveis recordações da sua passagem benfazeja.

DOMINGOS CUSTÓDIO GUIMARÃES vieira de São João d'El Rei como o marquês de VALENÇA, sendo ali proprietário rural. Imigra entretanto para a terra fluminense, onde, atraído pelo café, compra a fazenda Paraíso, próximo ao arraial de Pôrto das Flores, e faz dela "a jóia de Valença".

"Na sua simples grandeza, a casa aparentava a placidez de um solar. Dentro resplandecia o luxo no estilo dos mobiliários, na pureza dos cristais e dos espelhos, nos desenhos das finas tapeçarias, na sobriedade dos damascos, nas pratarias lavradas.

---

[408] MATOSO MAIA FORTE: obr: cit., págs. 63-64.

Galerias de quadros de valor, museu de raridades, capela, tudo continha a fazenda do visconde do RIO PRÊTO".[409]

Todo o fausto dessa magnífica vivenda não impedia, porém, que o grande lavrador olhasse com carinho a pequena cidade, embora distante do seu solar. "Dotou êle a vila de edifícios amplos, de templos, de conforto, e o município, de estradas. Foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia. Foi êle uma das mais expressivas figuras da aristocracia fluminense do café.

Possuidor de uma brilhante inteligência, enérgico, vibrátil, impetuoso, tendo uma visão clara dos homens e da sociedade, êsse varão de têmpera antiga compenetrava-se do seu dever de aristocrata, na proteção das classes desprotegidas. E por isso, dedicou-se a desenvolver o conforto e o bem-estar do povo valenciano.

O seu temperamento ardoroso não podia sentir obstáculos a sua frente. Sabia querer".[410] O visconde do RIO PRÊTO era grande do Império.

É êle quem introduz a iluminação a gás no Brasil, importando maquinismos para a fazenda do Paraíso. Foi pai do 2.0 barão do RIO PRÊTO, DOMINGOS CUSTÓDIO GUIMARÃES FILHO.

Solares não menos considerados que êste, espalhavam-se entretanto por tôda a antiga área municipal de Marquês de Valença, em grande parte hoje tomada pelos municípios de Rio das Flôres e de Barra do Piraí. Famosos eram entre outros o da Independência, do visconde de NOGUEIRA DA GAMA, o de Campos Elísios do barão de IPIABAS, os de Santana, São José, Aliança e Monte Alegre do barão do RIO BONITO e do seu irmão, o comendador FARO, e a Fazenda Nova do barão do PILAR, JOSÉ PEDRO DA MATA SAIÃO.

Com todo êsse fausto nobiliárquico, Valença era todavia sobrepujada por Vassouras com a sua pletora de titulares. Neste grande centro cafeeiro é que iremos ver, como em nenhum outro, o enorme potencial econômico dos cafèzais a transformar o meio bruto da floresta virgem no mais requintado ambiente social da Serra Fluminense.

Mais próxima do Rio de Janeiro, cujas luzes mais rapidamente recebia, e, já de longa data atravessada pelo "Caminho Nôvo" com o seu intenso tráfego, desde o século anterior, na zona de Vassouras, o povoamento antecedeu *o* de Valença, com maior mistura do sangue fluminense da Baixada unido ao mineiro. Alta foi também ali a porcentagem de elementos portuguêses. Todos êsses fatores parecem ter condicionado em Vassouras um meio social excepcionalmente indicado por seu dinamismo para um desenvolvimento cultural extraordinário.

Um grupo de invulgares atributos progressistas ali aparece.

---

[409] D'ARAÚJO GUIMARÃES: obr. cit., pág. *230.*
Idem, págs. 220-221.

A julgá-lo pelo crivo da época, isto é, pelo grande número de "barões do café", coloca-se Vassouras em primeiro lugar entre os municípios serranos por seu potencial agrícola e por sua formidável ascensão cultural.

Entre os seus grandes dirigentes até hoje venerados, à primeira vista, sobressai, na sua brilhante aristocracia agrária, a magnífica figura do barão de VASSOURAS, grande do Império. Como o visconde de IPIABAS e o marquês de VALENÇA, também êle viera da comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais, onde nascera em Conceição da Barra.

Foram ali seus antepassados o sargento-mor JosÉ LEITE RIBEIRO e FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA, ambos imigrados de Portugal em meados do século XVIII, e associados na mineração aurífera.[411] Um dos filhos do sargento-mor seria CUSTÓDIO FERREIRA LEITE, o barão de AIURUOCA, esplêndida figura de gentil-homem rural que já vimos tão fundamentalmente ligado as origens de Barra Mansa.

A poucas famílias iria dever mais a Serra Fluminense em sua evolução cafeeira no passado século, do que aos descendentes de JosÉ LEITE RIBEIRO. Por prova basta uma simples enumeração de alguns titulares entre os seus mais eminentes netos e bisnetos. É tôda uma estirpe de homens notáveis, em sua maioria selecionados pelo trabalho nos cafèzais:

Barão de AIURUOCA: CUSTÓDIO FERREIRA LEITE.

Visconde de ARAXÁ: DOMICIANO LEITE RIBEIRO, escritor de estilo ameno e apreciado.

Barão de ITAMARANDIBA: JOAQUIM VIDAL LEITE RIBEIRO.

Barão do AMPARO: JOAQUIM GOMES LEITE DE CARVALHO.

Barão do RIO NEGRO: MANUEL GOMES DE CARVALHO.

Visconde de BARRA MANSA: JOÃO GOMES DE CARVALHO.

Barão 'de GUAXUPÉ: MANUEL JOAQUIM RIBEIRO DO VALE.

Barão de VIDAL: LUÍS VIDAL LEITE RIBEIRO.

Barão de RIBEIRO DE ALMEIDA: JOAQUIM LEITE RIBEIRO DE ALMEIDA.

Barão de SANTA MARGARIDA: FERNANDO VIDAL LEITE RIBEIRO.[412]

Ligados,a esta linhagem eram ainda o barão de TRÊS ILHAS, JosÉ BERNARDINO DE BARROS e seu irmão o 1.0 barão de SÃO JosÉ D'EL REI, GABRIEL ANTÔNIO DE BARROS DE OLIVEIRA LIMA.

Alguns dêstes nomes já foram citados, ao passarmos por Barra Mansa, e outros descendentes do sargento-mor veremos ainda entre os titulares de Vassouras.

Da união entre as famílias de JosÉ LEITE RIBEIRO e FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA é que procedem os TEIXEIRA LEITE. Dos numerosos

[411] TAUNAY, Afonso de E.: *Uma irmandade de grandes cafèzistas e civilizadores — Os Teixeira Leite*. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, 7.ª secção, págs. 1 e 2.

[412] Filho do barão de ITAMARANDIBA (An. *General. Bras.*, III, *350)*.

filhos de TEIXEIRA, o seu homônimo que viria a ser o barão de ITAMBÉ, ao casar em 13 de setembro de 1802 com a filha do sargento-mor, D. FRANCISCA BERNARDINA DO SACRAMENTO LEITE, fundava o tronco de uma grande estirpe de ilustres fluminenses. [413]

Com grande número de mineiros nos primeiros tempos da expansão dos cafèzais na Serra, "os LEITE se afazendaram em Barra Mansa, Conservatória, Valença, Rio das Flôres e Vassouras, como na Mata mineira". Nada menos de sete filhos dos barões de ITAMBÉ emigram a fim de se tornarem cafèzistas. Para isto serve a rude educação rural que o pai lhes dera.

"Nascidos na lavoura, praticaram o comércio das tropas e acabaram fazendeiros de café". [414]

Em 1872 já vamos encontrar um terceiro FRANCISCO JOSÉ, — que se tornaria o mais famoso dos TEIXEIRA LEITE —, plantando cafèzais entre as florestas de Vassouras. Em breve, tanto os irmãos e cunhados quanto o velho pai vão ter com êle. E todo êsse voluntarioso clã, em estreita comunhão de vistas e de interêsses, vai se tornar uma das mais eficientes alavancas progressistas não só de Vassouras, como de tôda a parte ocidental da Serra Fluminense.

Não pormenorizaremos sôbre a enorme função dessa família na fundação da cidade e no seu govêrno, na construção da matriz e na benemerência de contínuos donativos para obras públicas, cujo exemplo contagiaria tôda a aristocracia do café de Vassouras, tornando-a a cidade fluminense mais carinhosamente auxiliada pelo prestígio financeiro de tôda uma rica nata de senhores rurais.

O que a nosso ver definitivamente liga essa família a evolução social e econômica brasileira foi a construção da Estrada de Ferro Pedro II, hoje a Central do Brasil.

Com as suas grandes riquezas adquiridas com o café, adicionadas aos milhares de contos deixados pelo barão de ITAMBÉ, os irmãos TEIXEIRA LEITE idealizam, patrocinam e custeiam os estudos iniciais da nossa maior via-férrea, cujo valor incalculável se pode hoje avaliar pelo tráfego entre Minas e São Paulo e o Rio de Janeiro. [415]

---

413 TAUNAY, Afonso de Escragnolle: art. cit.

414 Idem.

415 "Pertinazmente pelejaram pela realização do seu projeto. Eram sete irmãos sobremodo unidos, todos êles dispondo de riquezas que naquele tempo se tinham como notáveis e cujo anúncio de cifras faria hoje sorrir: JOSÉ EUGÊNIO, FRANCISCO JOSÉ, CARLOS, ANTÔNIO CARLOS, JOÃO EVANGELISTA, JOAQUIM JOSÉ CUSTÓDIO, corpo e alma devotados ao tentame civilizador, impacientes pelo momento em que veriam a primeira locomotiva a correr ao longo do Paraíba, ligando a capital do país às capitais paulista e mineira e vivificando enormes tratos de terra fértil. Muito auxiliou aos TEIXEIRA LEITE, igualmente devotado à mesma obra, o Dr. CAETANO FURQUIM DE ALMEIDA, seu parente afim, como genro que era do barão de VASSOURAS, homem de viva inteligência e grandemente influente nos círculos financeiros da época, espírito culto e atilado..."

"O visconde de ITABORAÍ era também incrédulo. A melhor cabeça do ministério, em 1852, estava paralisada pela descrença dêle, que julgava a estrada de ferro uma utopia e com relutância cedia à pressão, primeiro dos TEIXEIRA LEITE, depois da opinião pública.

Foram os TEIXEIRA LEITE que deram maior impulso à opinião para reclamar a lei de 26 de junho de 1852, que autorizou a garantia de juros de cinco por cento aos capitalistas, para uma estrada de ferro partindo da Côrte, bifurcando-se além da Serra, dirigindo um braço para São Paulo. Eram uma família rica, influente, considerada, e seus créditos concorreram para facilitar". (CRISTIANO OTTONI, cf. TAUNAY, art. cit.

Ao traçarmos a evolução de Barra do Piraí e de Vassouras, vimos o que foi a sua iniciativa e a sua luta contra os Faro por um traçado em que êstes foram vencedores. Alguns novos dados agora adicionados, auxiliam-nos a melhor compreender a vigorosa fibra daqueles fazendeiros.

Dominados inteiramente pela idéia da construção da estrada, mandam vir dois engenheiros, "os irmãos Waring, que a sua custa fazem um reconhecimento da Côrte até a margem do Paraíba".

Como de supor, o interêsse dos Teixeira Leite e de todos os senhores rurais convizinhos seus, era de que a via-férrea passasse por Vassouras. Motivos técnicos desviaram-na, porém, para Barra do Piraí.

Sacrificara-se a "Princesa do Café". Ruíram as suas mais cobiçadas esperanças. Mas o chamado "Movimento de Vassouras" agitado pelos Teixeira Leite e com todo o apoio de "parentes cheios de relações prestigiosas, ocupando altas posições no comércio comissário e bancário, ou na grande lavoura cafeeira", e aliados pelo parentesco a grandes personlidades de alto gabarito, deixou-nos como eterna dádiva da sua eficiência progressista, a Estrada de Ferro Central do Brasil.

Um membro ainda dêsse eminente clã rural, o comendador Antônio Carlos Teixeira Leite, seria um dos fundadores da Estrada de Ferro Leopoldina. O mais ilustre representante da grande família foi entretanto Francisco José Teixeira Leite, o barão de Vassouras.[416]

Uma de suas filhas, D. Cristina Teixeira Leite, casou-se com o visconde de Taunay, grande do Império, escritor dos mais ilustres da literatura brasileira, consagrado autor de *Inocência*, da *Retirada da Laguna* e de numerosas outras obras e pai do grande historiador Afonso d'Escragnolle Taunay.[417] Da linhagem dos Teixeira Leite foram ainda a baronesa de São Geraldo, a viscondessa de TOrres e a 1.ª baronesa de Alfenas.

Não conseguindo ver o seu projeto vitorioso, ainda pôde entretanto o barão de Vassouras estender os trilhos de uma linha entre

---

[416] Varonil padrão dessa mentalidade agrária, rústica no original mas por si mesma capaz de evolver aos cimos da Cultura, foi êsse aristocrata rural. E ninguém mais apto a nos revelar a sua ascensão com sinceridade do que o próprio neto, o eminente historiador Afonso d'Escragnolle Taunay, o qual a êle se refere com estas palavras: "Representante legitimo do nosso velho espírito patriarcal, se a instrução de sua rude mocidade. contemporânea do rude Brasil joanino, lhe fôra deficiente, era-lhe esta inferioridade compensada, e do mais largo modo, pelas opulências do alto critério, da moderação, da inteligência e do patriotismo".

[417] O visconde de Taunay, Dr. Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, era filho do barão de Taunay, Félix Emílio Taunay e da baronesa do mesmo titulo dona Gabriela Hermínia de Robert d'Escragnolle, e neto paterno de Nicolau Antônio Taunay, membro do Instituto de França e da missão francesa mandada vir por D. João VI. Ao regressar êste à França em 1821, deixou em seu lugar como professor da Escola de Belas Artes de que fôra um dos fundadores, seu filho Félix, futuro barão de Taunay e diretor da mesma Escola. Brilhante oficial, homem de letras e politico, foi o visconde de Taunay um dos mais eminentes vultos brasileiros do Império e dos fins do século Passado. (*Vide*: Trechos de Minha *Vida*, São Paulo, 1922, e Anuário *Genealógico Brasileiro*, III, págs. 465-468).

a sua cidade e a Estrada de Ferro Pedro II, na margem do Paraíba. Neste ponto foi que a Central do Brasil, ao construir o ramal de Vassouras entre Governador Portela e Desengano, homenageou com a estação de Barão de Vassouras o seu eminente fundador.

Não são entretanto os TEIXEIRA LEITE OS únicos a contribuírem para o renome de Vassouras, mas sim todos os titulares vassourenses. Foram todos os seus fazendeiros, irmanados para tornar a cidade a "Princesa do Café". O apêgo a essa gleba que desbravaram é que faz com que procurem elevá-la sempre as culminâncias das possibilidades culturais da sua época. É isso o que distingue Vassouras. O permanente zêlo de tôda sua numerosa aristocracia agrária pela cidade.

Repetir os nomes dos ALMEIDA, dos WERNECK, dos FURQUIM, dos CORREIA E CASTRO, dos GOMES RIBEIRO e dos AVELAR, é com êles evocar tôda a história de Vassouras no ciclo do café. Enumerar apenas os de maior realce, é retornar aos fastígios da sua grandeza econômica, é seguir tôda a evolução da qual foram condutores, transportando uma brilhante civilização para as selvas serranas.

Um dos mais antigos povoadores desta zona foi JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ, O amigo dos índios e fundador de Valença, o qual desfazendo-se da sua parte na fazenda do Pau Grande, estabeleceu-se em Ubá, posteriormente adquirida por seu sobrinho, o comendador JOÃO RODRIGUES PEREIRA DA CRUZ, homem de "estudos e sociedade" segundo RIBEYROLLES, e que pelos "serviços prestados a nação" foi pelo primeiro Imperador elevado a barão de UBÁ.[418] É a êle que tanto louva SAINT-HILAIRE, pela hospedagem recebida em sua fazenda onde coleciona ampla messe de espécimes botânicos e pela primeira vez entra em contacto com os índios Coroados.[419]

Era bem antiga por conseguinte essa nobreza vassourense, com as suas raízes no Primeiro Reinado.

Quando se funda a vila de Pati do Alferes em 1832, já também ali se encontram presentes os futuros barões de CAMPO BELO, de PALMEIRAS, DE PATI, de GUARIBU, e o 2.0 barão e visconde de UBÁ, moços lavradores, todos êles derrubadores de florestas e semeadores de cafèzais.[420]

LAUREANO CORREIA E CASTRO, que seria o barão de CAMPO BELO, já é o laborioso proprietário das fazendas de São Gonçalo e do Secretário.

Seu irmão PEDRO CORREIA E CASTRO, dono de Santo Antônio, e futuro barão do TINGUÁ, com grandeza e o comendador ANTONIO BATISTA CORREIA E CASTRO, do Secretario Grande, também viriam a ser grandes cafèzistas, possuidores de esplêndidos palacetes luxuosamente sustentados com a produção das suas lavouras.

---

418 RIBEYROLLES, Charles: obr. cit., págs. 201-202.

419 SAINT-HILAIRE, Augusto: *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas*, tradução *de* CLADO RIBEIRO LESSA, São Paulo, 1938, vol. I, cap. II.

420 MATOSO MAIA FORTE: obr. *cit.*, pág. 39.

Logo nos primeiros dias de Vassouras, ao ser criada a Guarda Nacional, em 1834, para seu comandante é escolhido LAUREANO CORREIA E CASTRO, o qual despende com a sua organização a quantia de 70 contos, vultosa para a época.[421]

O barão de TINGUÁ funda a Santa Casa de Misericórdia, mantendo-a com uma grande doação anual, "apesar da situação embaraçosa em que se viu na última e triste fase da vida". O comendador CORREIA E CASTRO dá um patrimônio de 40 contos para a matriz.

A frente de todos os grandes empreendimentos de Vassouras estavam sempre os CORREIA E CASTRO, arrastando com o seu prestígio os grandes nomes do município. "Palácios, asilos, viadutos, chafarizes, estradas eram construídas graças a iniciativa e apoio financeiro dêsses grandes proprietários".[422]

Uma completa enfermaria é instalada na Santa Casa pelo barão de CAMPO BELO. É êle um dos maiores expoentes da fidalguia rural de Vassouras. A sua residência é a famosa fazenda do Secretário, uma das mais antigas da Serra, que vimos fundada em 1703, em plena floresta, pelo secretário do'governador do Rio de Janeiro.

O prédio que ainda existe, foi construído por LAUREANO CORREIA E CASTRO, um pouco antes dos meados do século XIX. Ali é que o surpreende RIBEYROLLES como um verdadeiro grão-senhor rural: "Trabalhador infatigável, mourejando desde o romper da alvorada, há quarenta anos que êle está como os seus negros, jungido ao cativeiro". Mas não obstante a sua incessante operosidade em rudes fainas agrícolas, é êle o cavalheiro que sabe receber, encantando os visitantes do palacete com a mais hospitaleira cordialidade.

Ao aproximar-se do Secretário, RIBEYROLLES exaltado, pressente as Tulherias. Nada menos que a residência dos reis de França. Mas a recepção protocolar que espera, transforma-se na mais afetuosa das acolhidas. "Tendes a vista soberba habitação, surgida há quinze anos da terra virgem, agora tôda florescente..." Ao lado da sua cascata e em meio aos "seus tabuleiros de relva, seus outeiros longínquos carregados de cafèzais", nada tem êsse grande solar da hereditária rigidez aristocrática das velhas mansões dos nobres europeus. "Não é um palácio trissecular repleto de armaduras e lendas. É uma granja moderna, hoje abastada e que um homem, um único homem construiu em vinte anos de trabalho".

"O barão de CAMPO BELO, eis em pessoa o seu primeiro MONTMORENCY. E êle não o nega.

O que êle imita da cortesia dos antigos senhores feudais é a maneira simples e franca, é o culto da hospitalidade; visitantes

---

[421] RAPOSO, Inácio: *História de Vassouras*. Vassouras, *1935*.
[422] D'ARAÚJO GUIMARÃES: obr. cit., pág. 216.

e passantes ali têm casa e mesa generosa, inteira liberdade de hóspede. Lá não achei o sombrio castelo do meu sonho".

Coisa estranha: em Londres, em meio a três milhões de homens, CHATEAUBRIAND, proscrito, teve fome. Neste país, deserto, imenso, num recanto dêsses bosques, humilde viajor, podeis entrar; a fazenda se abrirá para o pão e para o teto. Onde estão os verdadeiros civilizados?"[423]

A fina hospedagem que tanto admira o requintado escritor francês, e causava espanto aos estrangeiros em visita aos grandes solares serranos, era geral e obrigatória em tôda essa aristocracia agrária do café.

No mesmo Secretário, o filho e herdeiro do barão de CAMPO BELO, o Dr. CRISTÓVÃO CORREIA E CASTRO, "para receber por alguns dias o conde D'EU, despendeu 40:000$000, fazendo de seus terreiros de café esplendorosos jardins suspensos". E o barão do TINGUÁ, "mantinha em sua fazenda de Santo Antônio, que herdara dos pais, uma baixela de fina porcelana marcada com as armas imperiais, para condignamente receber o Imperador".[424]

Era dêsse modo, em nababescas demonstrações de gratidão, que os fazendeiros aristocratas se praparavam para uma simples visita da Família Imperial. As grandes riquezas acumuladas com os generosos grãos vermelhos eram para os principescos desperdícios, para as suntuosas dissipações. A prodigalidade era o mais orgulhoso dos seus atributos, em poucas zonas tão visivelmente exposta como na da opulenta aristocracia rural de Vassouras, tão rica de poderosos clãs de fidalgos.

Uma das mais afortunadas dessas famílias foi a dos WERNECK, de numerosíssima descendência, por seu entrelaçamento com quase todos os grandes troncos vassourenses.

Mais de um mineiro nascido na freguesia de N. S. de Piedade da Borda do Campo, INÁCIO DE SOUSA WERNECK, fôra o seu iniciador, como já vimos, ao falarmos dêsse patriarca, no aldeamento dos índios de Marquês de Valença, e o seu nome já foi escrito com a apresentação de vários titulares da aristocracia valenciana.[425]

Os SOUSA WERNECK, os SANTOS WERNECK, os LACERDA WERNECK, os CHAGAS WERNECK e os ROCHA WERNECK são todos ramos hereditários do patriarca, possuidor de um imenso latifúndio no município de Vassouras, hoje dividido em numerosos sítios e fazendas.[426]

---

[423] RIBEYROLLES, Charles: *Brasil* Pitoresco, tradução de GASTÃO PENALVA, São Paulo, 1941, vol. I, págs. 191-192.

[424] D'ARAÚJO GUIMARÃES: obr. cit., pag. 218.

[425] O sargento-mor INÁCIO DE SQUSA WERNECK, era filho de MANUEL DE AZEVEDO MATOS, natural da freguesia da Piedade, na ilha do Pico, e de dona ANTÔNIA RIBEIRO DO PILAR WERNECK, 40 recôncavo do Rio de Janeiro. filha de JOÃO WERNECK, falecido em Pilar de Iguaçu, antes de 1722. (An. *Geneal. Bras.*, vol. IV, pág. 227).

[426] Um dos membros dessa grande estirpe de cafèzistas, JOSÉ PINHEIRO DE SOUSA WERNECK, emigrou de Valença para Muqui no Estado do Espírito Santo, onde fundou Santa Teresa do Sumidouro, no alto rio Muqui. Era um grande fazendeiro de cafè e

Com a morte da esposa em 1811, retorna êle a Minas Gerais onde conclui o curso eclesiástico ali iniciado antes da sua vinda para o vale do Paraíba. "Em **1814** era presbitero e rezou a primeira missa na capela da sua fazenda, com assistência de seus filhos, noras e netos e dos fazendeiros e famílias das vizinhanças". [427]

Sòmente entre os varões, netos e bisnetos do patriarca iremos encontrar os seguintes titulares:

Barão de WERNECK: JOSÉ QUIRINO DA ROCHA WERNECK

2.0 baráo de PALMEIRAS: JOÃO QUIRINO DA ROCHA WERNECK

Barão de BEMPOSTA: INÁCIO BARBOSA DOS SANTOS WERNECK

2.0 barão de IPIABAS: FRANCISCO PINHEIRO DE SOUSA WERNECK

2.0 barão de PATI DO ALFERES, com grandeza: FRANCISCO PEIXOTO DE LACERDA WERNECK. [428]

Entre as suas netas, além das já mencionadas na aristocracia de Valença, anotaremos a viscondessa de QUELUZ e a baronesa de PATI DO ALFERES. Uma sua bisneta desposou o visconde de ARCOZELO, português e grande fazendeiro em Vassouras, dono do solar de Monte Alegre, hoje transformado em hotel de veraneio, que a propaganda erroneamente dá como antiga residência do barão de JAVARI.

Bem mais sensacional é porém, o que se verifica com outra notável família de agricultores, a dos AVELAR, a qual se uniu a dos RIBEIRO GOMES. Nela tivemos nada menos de nove membros de uma só estirpe, subindo pelo cultivo da terra os degraus hierárquicos da aristocracia imperial. [429]

São os seguintes os títulos onde o nome AVELAR acusa os seus eugênicos atributos como plantadores de café na terra fluminense:

Visconde de PARAÍBA, com grandeza: JOÃO GOMES RIBEIRO DE AVELAR

---

sua vasta "casa grande" celebrizou-se por festas que duravam 15 dias. As suas fazendas de Providência e Alpes foram transferidas a outros colonos por êle atraídos de Valença. Sumidouro deu origem a várias localidades: Macedônia, Progresso e Fortaleza, cujo proprietário, ANTÔNIO DE ALMEIDA RAMOS, por sua vez emigrou para Conservatória, em Valença. (Informações da Prefeitura de Muqui).

[427] MATOSO MAIA FORTE: obr. cit., pág. 63.

[428] O 1.º barão de PATI DO ALFERES, foi o marquês de JACAREPAGUÁ e visconde de LORENA. (*An. Geneal. Bras. 111, 90*).

[429] Entre as numerosas sesmarias e fazendas da zona de Vassouras cujo desbravamento fêz aparecer um tão notável escol de lavradores, citaremos as seguintes, respigadas no folheto de MATOSO MAIA FORTE: a das Cruzes, ou do Chanceler França, imenso território Subdividido em numerosas fazendas a do Pau Grande, as de Cachoeira de Mato Dentro e Ribeirão Alegre, do baráo de RIBEIRÃO, as de Serra Grande, Secretário, Santo Antônio, Secretário-Grande, Estiva, Cachoeira, a sesmaria dos PAIS LEME que "se estendia de Belém à serra de Santana e pelos vales do Santana e do São Pedro", as fazendas de Guaribu, Boa União, Boa Sorte, Glória, dos AVELAR a do Saco dos WERNECK, as de Samambaia, São Joaquim, Estação e Boa Esperança, ainda dos AVELAR, Piedade, berço dos LACERDA WERNECK, Conceição e Santana das Palmeiras, Mato Grosso e Monte Líbano e Monte Alegre do baráo de PATI, a de Manga Larga, Cavuru, a de Pindobas de onde procedem os CHAGAS WERNECK. Parte da sesmaria das Cruzes veio pertencer à condessa da PIEDADE. O seu primitivo sesmeiro fôra o Dr. MIGUEL ÂNGELO FAGUNDES FRANÇA, tio-avô do Poeta FAGUNDES VARELA. Parte da sesmaria dos PAIS LEME, pertencia ao marquês de QUIXERAMOBIM, PEDRO DIAS PAIS LEME.

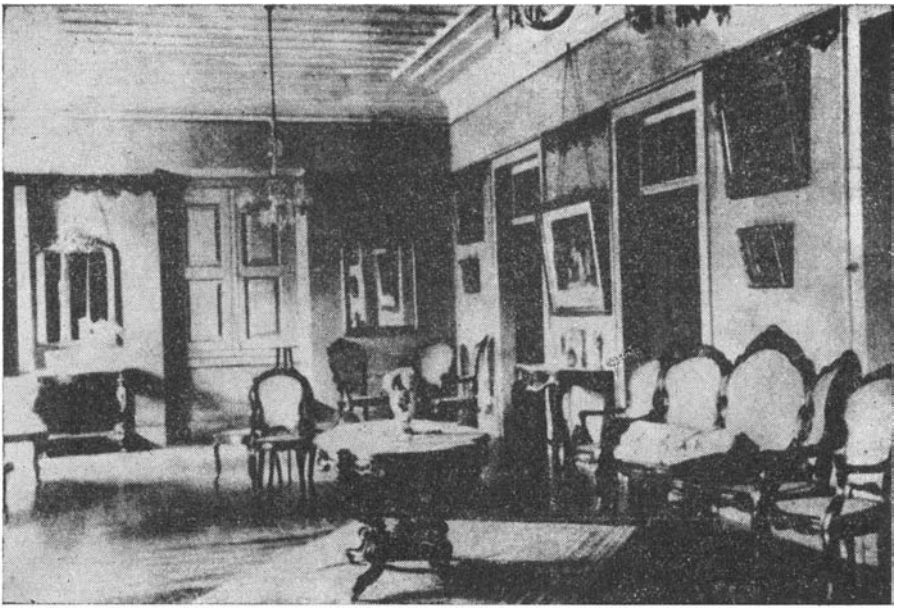
Figs. 154 e 155 — *Os marqueses de* **Valença, Estêvão** *Ribeiro de Resende e dona* **Ilídia Mafalda** *de* **Sousa Queirós**, *grandes titulares da aristocracia rural do café na terra fluminense, no Império.*

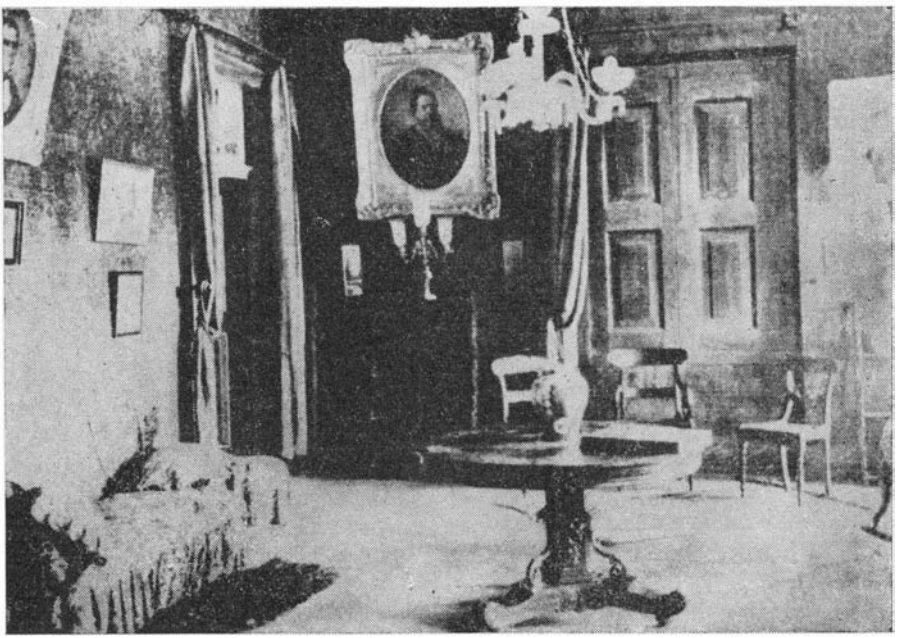
Fig. 156 — *Domingos* **Custódio Guimarães**, *visconde do Rio* Prêto, *um dos mais progressistas titulares do Império.*

(Quadro a óleo do Museu Imperial)

Fig. 157 — *As alamedas de palmeiras imperiais, como esta do solar do Paraiso, eram um símbolo aristocrático dos grandes fazendeiros do passado século, a indicarem, de longe, as suas faustosas residências.*

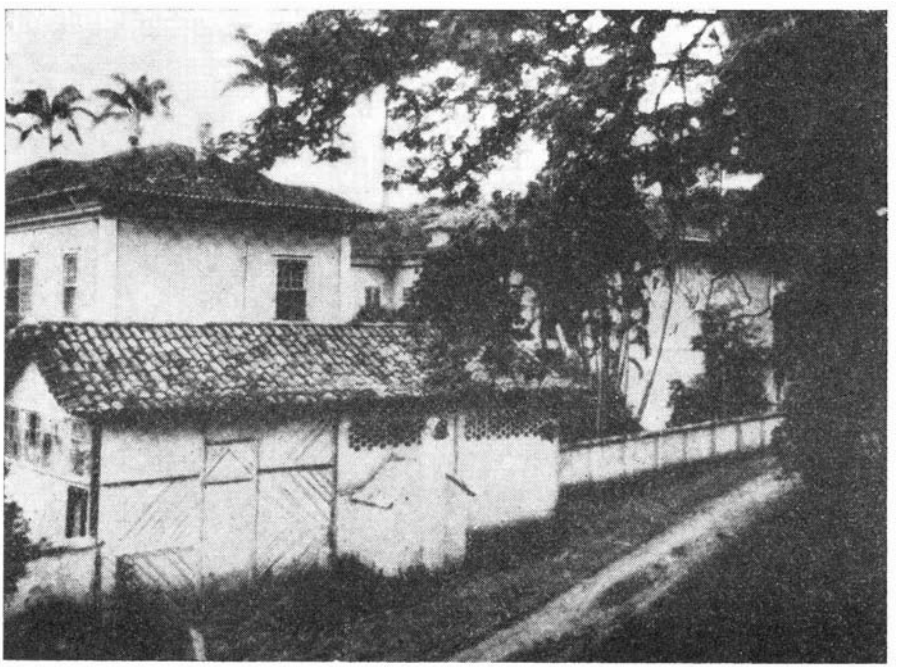
(Por *gentileza da Sra.* **Iolanda** *Belfort Carneiro*)





Figs. 158 e 159 — O *interior do solar do Paraíso, ainda hoje com o mobiliário e os quadros da época, mostra-nos o severo fausto familiar do visconde do* RIO PRÊTO *e o bom gôsto dos seus sucessores que assim o conservam.*

(Por gentileza *da* Sra. IOLANDA BELFORT CARNEIRO)



Figs. 160 e 161 — **Fundos do solar do *Paraíso*, em Rio das *Flôres*.**
(Por gentileza da Sra. IOLANDA BELFORT CARNEIRO)

Fig. *162 — O solar do Paraiso, verdadeiro palácio rural do municipio de Rio das Flores, construido em plenas selvas de Valença, no período áureo do café, pelo visconde do* RIO PRÊTO. *Pertence hoje ao major* GALILEU BELFORT ARANTEX.
(Por **gentileza** *da* **Sra.** IOLANDA BELFORT CARNEIRO)

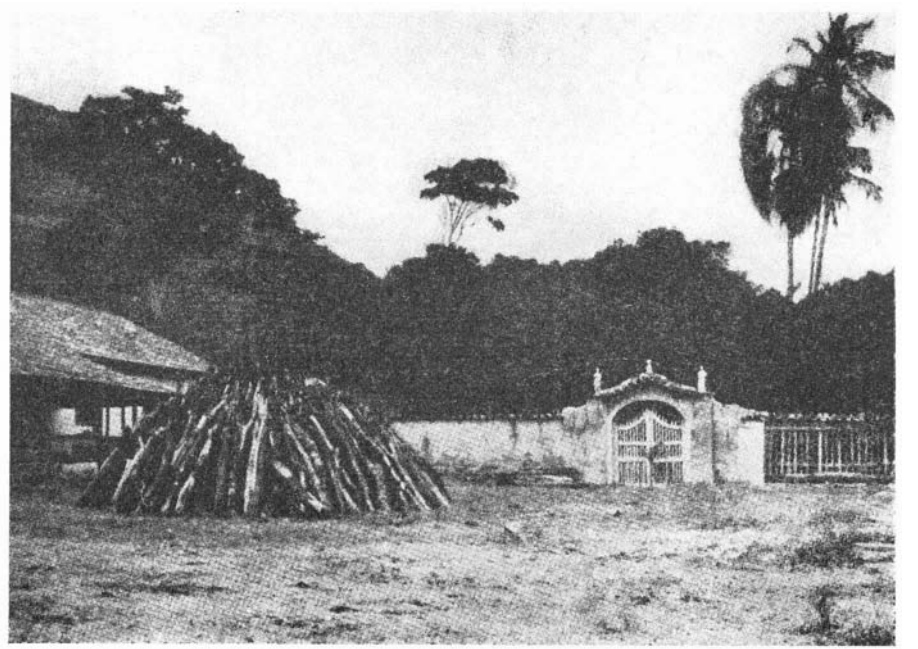


Fig. *163 — Portal do pomar solar do Paraiso, encimado por estatuetas de cerdmica.*
(Por **gentileza da Sra.** IOLANDA BELFORT *CARNEIRO)*

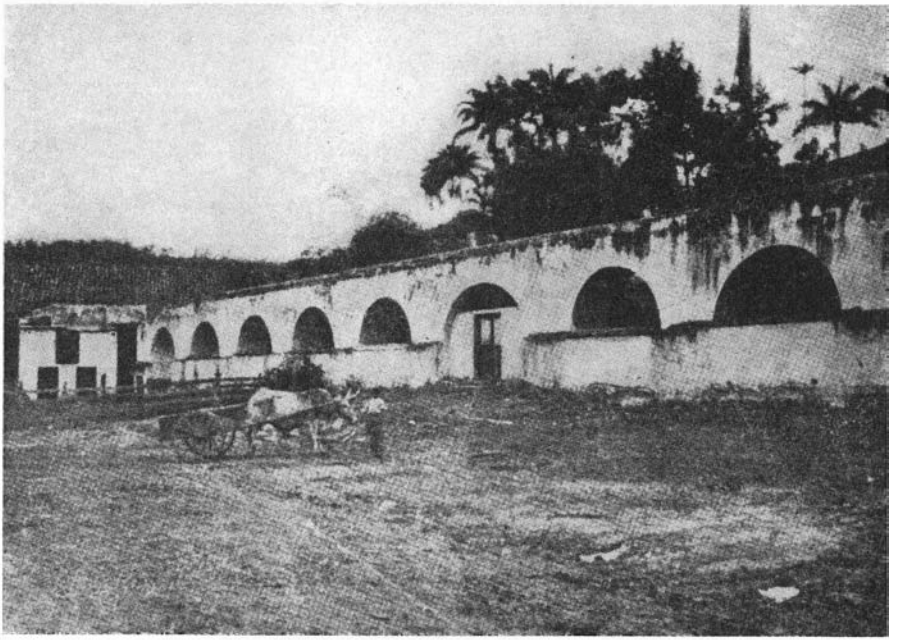


Fig. 164 — O aqueduto construido pelo visconde do RIO PRÊTO *para levar água ao seu solar.*
(Por gentileza da Sra. IOLANDA *BELFORT CARNEIRO)*

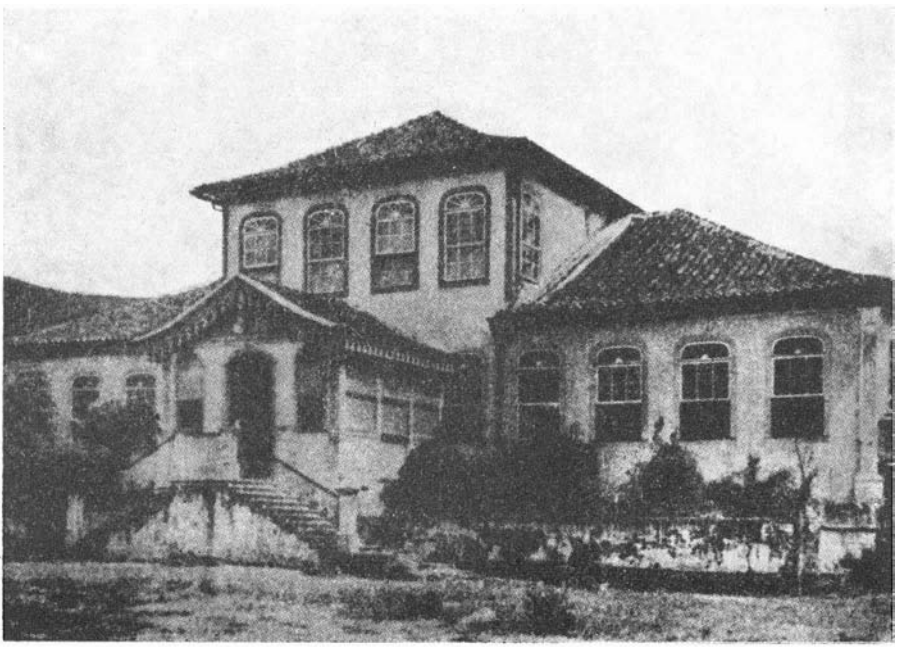


Fig. 165 — Solar do barão de SANTA JUSTA, em Rio das Flôres.
(Foto do Património Histórico e Artístico Nacional)

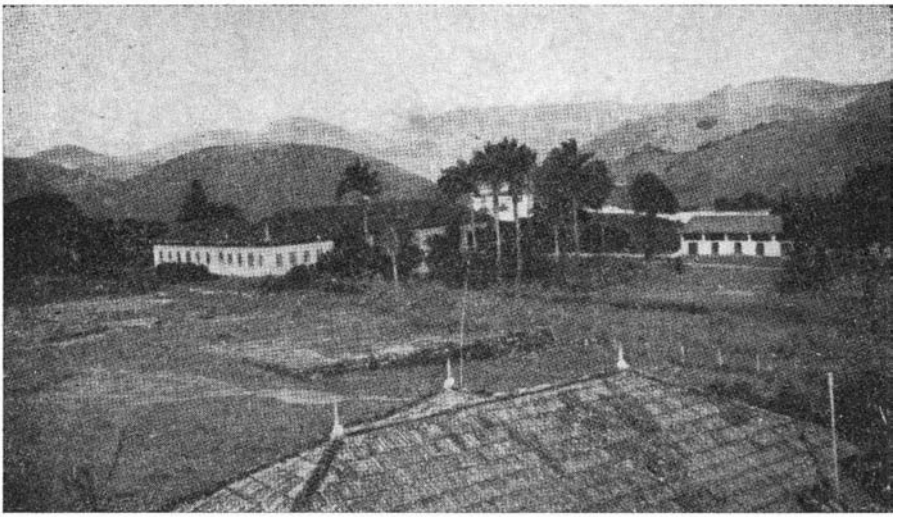


Fig. 166 — *A fazenda de Santa* ***Mônica,*** *do barão de* SANTA **MÔNICA,** *e onde veio a falecer seu* ***sôgro,*** *o duque de* **CAXIAS.**

Fig. 167 — **CUSTÓDIO FERREIRA** *LEITE, baráo de* **AIURUOCA,** *(1783-1859), um dos maiores pioneiros da cultura cafeeira fluminense e mineira e fundador de Barra Mansa. A capela de São Sebastião da sua fazenda foi o nucleo original desta cidade, para cuja* ***edificação*** *doou 10000 braças quadradas das suas terras.*

(Da **coleção** *AFONSO DE E.* **TAUNAY)**

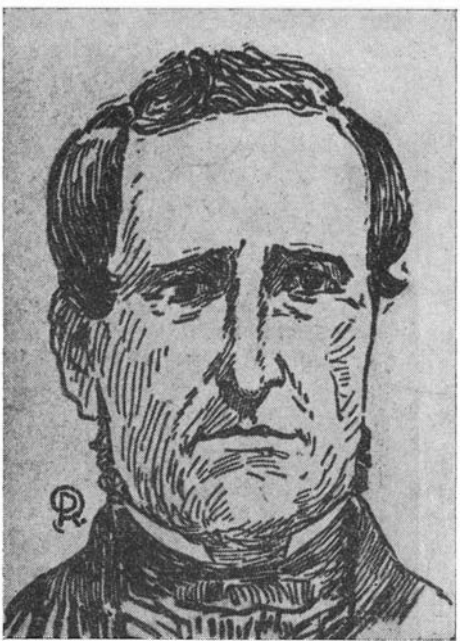


Fig. 168 — **JOÃO** *PEREIRA* **DARRIGUE** *FARO. 2.º baráo do* **RIO** *BONITO, grande fazendeiro de café em Marqués de Valença e* ***político*** *de prestigio ,na* ***provincia*** *do Rio de* ***Janeiro,*** *da qual foi vice-presidente. Ao seu sucessor e sobrinho* **JOÃO** *PEREIRA DE FARO, 3.º* ***barão*** *do RIO BONITO, deve-se a fundação de Barra do Pirai, por ter vencido a dura luta com os TEIXEIRA LEITE pelo* ***trajeto*** *da E.F.* ***Dom*** *Pedro II.*

(Do Anuário Genealdgico, **III, pág.** *313)*

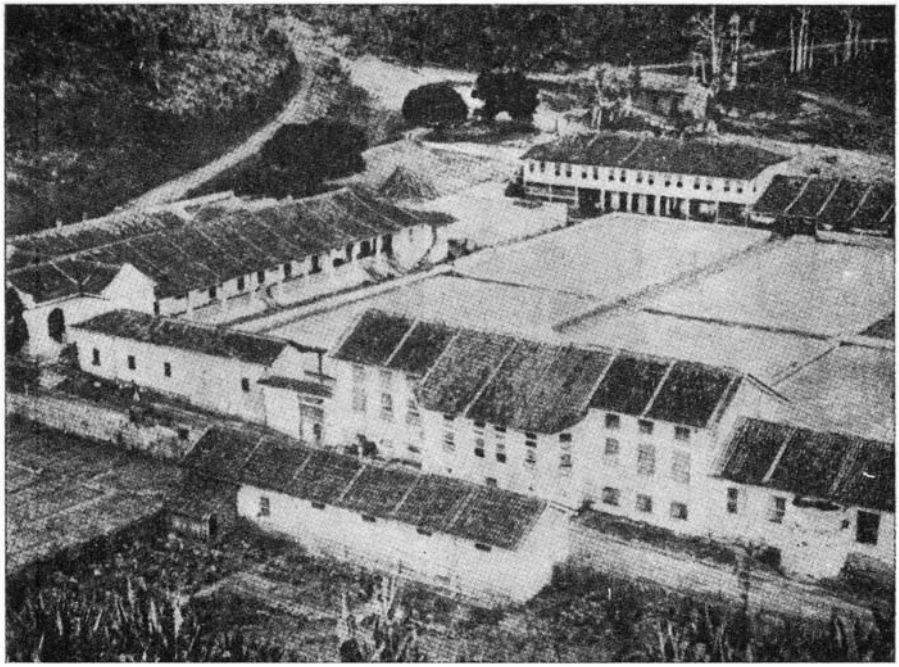


Fig. 169 — *A fazenda* ***Aliança*** *do baráo do* RIO BONITO, *em Barra do Pirai, com os seus imensos terreiros de café calçados de grandes lajes polidas, é um dos mais* ***notáveis*** *exponentes do poderio* ***econômico*** *fluminense no periodo imperial.* ***O*** *grande* ***edifício*** *ao centro era a enfermaria dos escravos. Pertence hoje a familia* RAULINO.

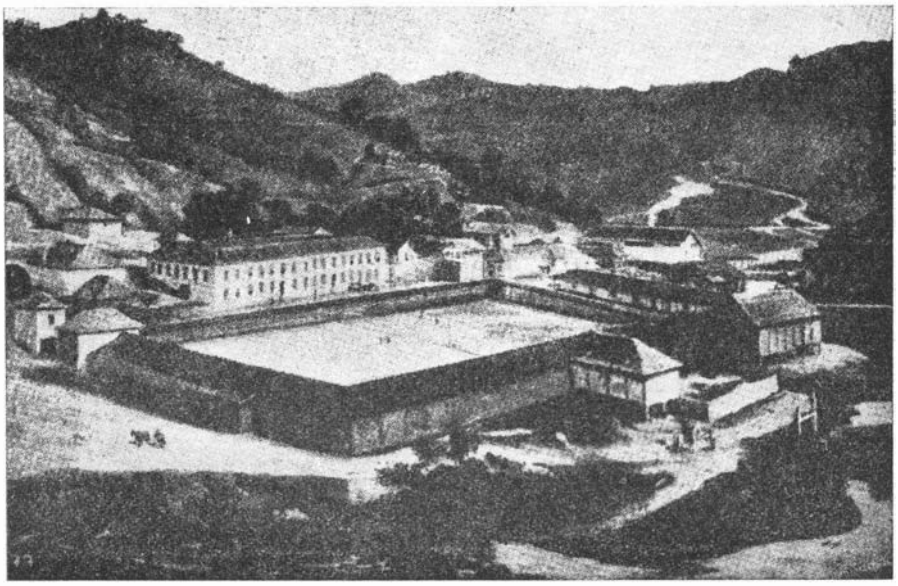


Fig. 170 — ***Santana*** *do Calçado, solar do baráo de* **BEMPOSTA,** *em* ***São José*** *do Rio* ***Prêto,*** *ao sul de Sapucaia, foi* ***um*** *dos mais* ***grandiosos*** *monumentos da* ***civilização*** *cafeeira e aristocrática fluminense. Um palácio com as* ***suas*** *dependências erguido* ***entre*** *cafèzais, revelador de uma cultura* ***elevadíssima.*** ***O*** *seu* ***magnífico*** *terreiro de secagem como um vasto pátio de torneios cavaleirescos* ***fronteiro*** *à fachada, dá-lhe* ***um*** *forte toque de feudalismo, ao mesmo tempo que nos mostra a original e sólida cultura económica fundada pelos* ***"barões*** *do café", na* ***província*** *do Rio de Janeiro.*

(Do Anuário ***Genealógico,*** *vol. V,* pág. *54)*

Figs. **171** *e* **172** — *Os barões de* ITAMBÉ, *tronco dos* TEIXEIRA LEITE, *beneméritos aristocratas do café na Serra Fluminense.*

(Da coleção AFONSO DE E. TAUNAY)

Figs. **173** *e* **174** — FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA LEITE, *barão de* VASSOURAS, *(1804-1884), filho dos barões de* ITAMBÉ, *principal patrocinador da Estrada de Ferro Dom Pedro II, e dos mais eminentes e progressistas fundadores de Vassouras, e Dona* ANA ALEXANDRINA TEIXEIRA LEITE, *baronesa de* VASSOURAS *(Barra Mansa, 1834; † Rio de Janeiro, 1880).*

(Da coleção AFONSO DE E. TAUNAY)

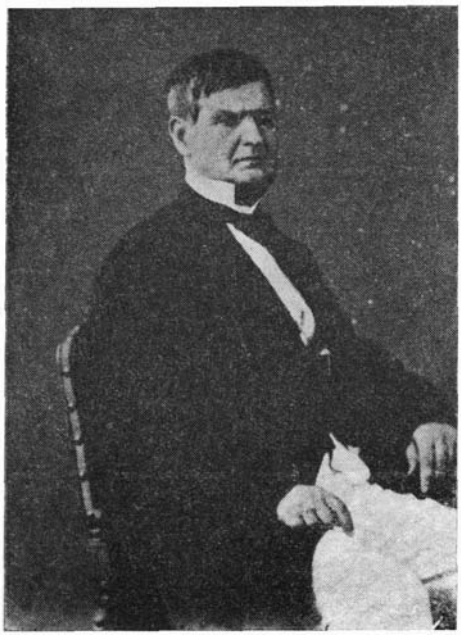


Fig. 175 — *Dr. JOAQUIM* **JOSÉ TEIXEIRA** *LEITE, banqueiro, fazendeiro e comissário de café (1812-1872), um dos maiores promotores da E. F. Pedro 11, filho dos barões de* **ITAMBÉ** *e genro do baráo de CAMPO BELO.*

(Da coleção **AFONSO** *DE* **E. TAUNAY**)

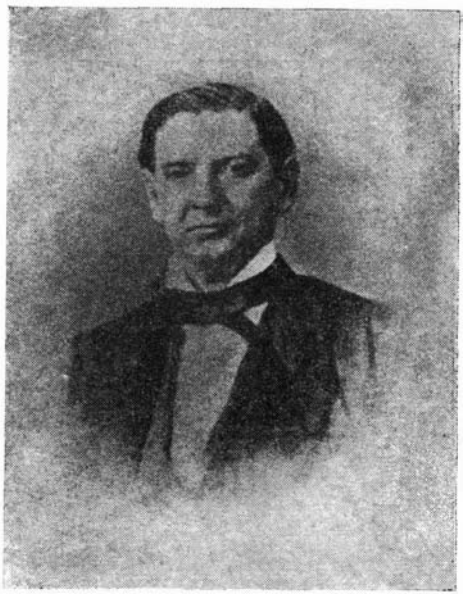


Fig. *176* — *Cel.* **CARLOS** *TEIXEIRA LEITE, grande comissário de café no Rio de Janeiro, outro grande Promotor da E.F. Dom Pedro II, Filho dos barões de* **ITAMBÉ** *(1814-1873)*

(Da coleçáo AFONSO DE E. TAUNAY)

Fig. *177* — *Comendador ANTONIO CARLOS TEIXEIRA LEITE, mais outro filho dos barões de* **ITAMBÉ** *e irmão do baráo de* **VASSOURAS** *que tanto beneficiaram a terra fluminense com as suas grandes iniciativas culturais. Foi êle um dos promotores e primeiro presidente da Estrada de Ferro Leopoldina. (1810-1873).*

(Da coleção AFONSO DE **E. TAUNAY**)

Figs. *178 e 179 — O visconde de* TAUNAY, *Dr.* ALFREDO MARIA ADRIANO **D'ESCRAGNOLLE TAUNAY,** *uma das mais ilustres figuras do Império, e a viscondessa de* **TAUNAY,** *dona* **CRISTINA** TEIXEIRA LEITE, *filha dos barões de* VASSOURAS. *Pais do eminente historiador* AFONSO DE E. TAUNAY.

(Da coleção AFONSO DE **E.** TAUNAY)

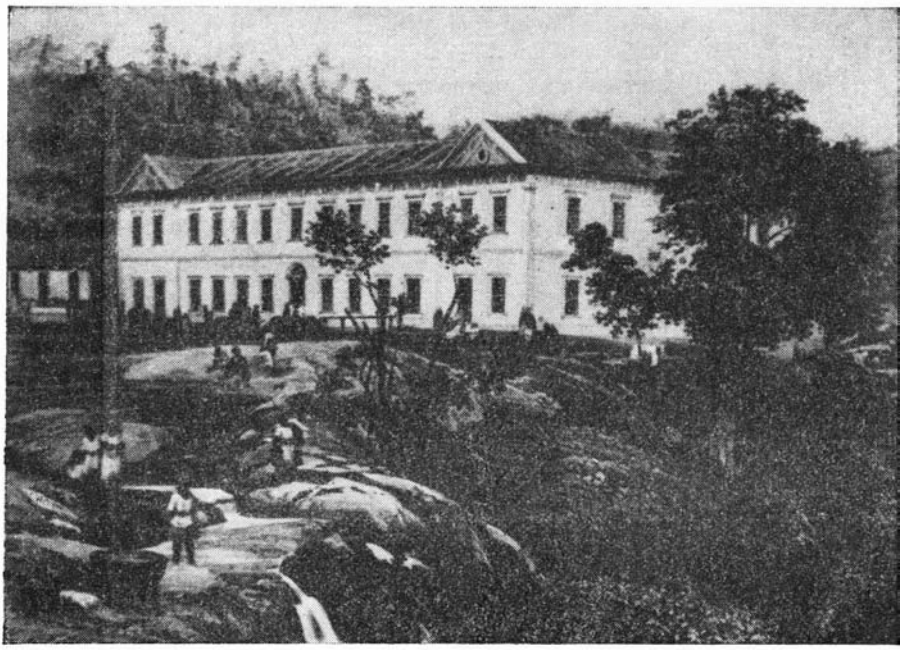


Fig. *180 — O famoso solar do Secretário, construido pelo barão de* CAMPO **BELO,** *em Vassouras, e sua faustosa residência tão enaltecida por* RIBEYROLLES.

Fig. *181* — *Fundos do* ***solar*** *do* ***Secretário.***

Barão de GUARIBU: CLÁUDIO GOMES RIBEIRO DE AVELAR
1.0 barão de SÃO LUÍS: PAULO GOMES RIBEIRO DE AVELAR
1.º barão de CAPIVARI: JOAQUIM RIBEIRO DE AVELAR
Visconde de UBÁ, com grandeza, JOAQUIM RIBEIRO DE AVELAR
Barão de MAÇAMBARÁ: MARCELINO DE AVELAR E ALMEIDA
Barão de RIBEIRÃO: JOSÉ DE AVELAR E ALMEIDA
Barão de AVELAR ALMEIDA: LAURINDO DE AVELAR E ALMEIDA
Visconde de CANANÉIA: BERNARDINO RODRIGUES DE AVELAR

Da família AVELAR eram ainda a 2.ª baronesa de PATI DO ALFERES, a baronesa de WERNECK e a baronesa de MURITIBA, filha do visconde de UBÁ.

Aos que negam o valor dos atributos étnicos familiares, na formação das natas dirigentes em cada grupo humano, selecionadas pela adaptação ao meio físico, o caso destas famílias apresenta argumentos de perplexidade. O que se poderá dêle dizer com menos afastamento da realidade, é que os seus caracteres positivos, transmitidos com a linhagem, sòmente puderam manifestar-se com tôda a pujança, quando encontraram um meio capaz de ativamente os revelar.

Êste meio foi o cafèzal. O que se deu com os AVELAR e com as demais estirpes já mencionadas da nossa nobreza rural do **café,**

e o que ainda veremos com a seletiva elevação de outras famílias, são exemplos próprios a ventilarem problemas étnicos hoje vivamente discutidos.

Milhares de pioneiros subiram a Serra, atraídos pelo café. Milhares de fazendas retangularam-se pelas florestas sôbre um solo uniformemente fértil e a oferecer aos invasores idênticas possibilidades de cultura. Inúmeros foram entretanto os nomes de primitivos donos de fazendas e sesmarias que desapareceram, e embora fôsse grande o número de titulares, numa época em que a nobilitação era a recompensa aos lavradores mais eficientes, *poucos foram na realidade os troncos familiares, dessas dezenas de nobres que subiam da lavoura.*

É êste o fenômeno que de modo geral presenciamos em tôda a Província do Rio de Janeiro, sobretudo na zona serrana, de mais súbitas repercussões sociais que na Baixada litorânea com as suas sedimentações de senhores de engenho, centenariamente selecionados no trabalho dos canaviais.

Na breve corrida para o domínio da Serra é que melhor se nota como as estirpes mais ricas em atributos de mando e em aptidões realizadoras, sobressaem na dianteira das demais pelo alcance nobiliárquico do poder. É isto o que sempre veremos, com exclusão de alguns casos excepcionais de aristocratas isolados.

Alguns dêsses titulares, mesmo alheios a uma permanente vida palaciana, adquirem grande prestígio com a amizade do Imperador, como o barão de ÁGUAS CLARAS, o Dr. GUILHERME AUGUSTO DE SOUSA LEITE, o qual em 1887, durante um mês em sua fazenda de Águas Claras, em São José do Rio Prêto, hospedou, D. PEDRO II.[430]

Incontáveis foram os atos humanitários praticados pelos grandes senhores do café, sobretudo em Vassouras onde alguns já foram apontados. O maior exemplo dêsse humanitarismo estava reservado ao barão de CANANÉIA.

A febre amarela tida como doença epidêmica litorânea mas que não atingiu Campos com virulência, num meio em condições de salubridade muito inferiores, explode violentamente em Vassouras em 1880, caracterizando-se por terrível mortandade. Os que podem fogem.

O terror domina a população inteira. É então que, abandonando o confôrto e a segurança do seu pomposo solar rural, sacrifica-se abnegadamente o barão de CANANÉIA, prestando socorras a coletividade.

Em 1881, a epidemia retorna com a mesma intensidade sôbre a cidade ainda convalescente, e o mesmo ilustre vassourense vai enfrentá-la de nôvo com a sua filantropia comovente. "De porta em porta, distribuindo roupas, medicamentos, dinheiro e quanto

[430] MOYA, **Salvador de: obr.** cit., IV, 31.

fôsse necessário aos deserdados da fortuna que, atacados da enfermidade terrível, só podiam em Deus depositar confiança", lá ia êle.

"Quando todos fugiam dos seus lares, quando muitos abandonavam por covardia entes que lhes eram caros, quando a enfermidade crescia e a morte com ela se deliciava, lá ia êle, sereno e forte, como um verdadeiro emissário da luz, percorrendo os casebres, visitando todos os amarelentos com o sorriso dos justos que conforta, com os olhos cheios de doçura e piedade, com o coração repleto de bem-aventurança em Cristo". [431]

No terceiro surto de febre amarela, em 1889, mais uma vez o já então visconde de CANANÉIA vai dedicar-se com a mesma renúncia aos infelizes, na mais digna das apresentações do espírito dessa aristocracia rural que, nesse mesmo ano se extinguia com a República. Era esta a mais fulgurante cintilação da alma vassourense, singularizada em BERNARDINO RODRIGUES DE AVELAR.

Vassouras não era sòmente a mais requintada cidade serrana, com o seu escol aristocrático, com as suas conferências dos príncipes da nossa literatura, com os seus famosos educandários, as suas modistas francesas, as suas festas e bailes tanto nos salões urbanos, quanto nos solares rurais onde INÁCIO RAPÔSO avalia "o amor que se desenvolveu em todo o município pela arte de bem vestir", pelo "tamanho e qualidade dos espelhos que ainda hoje brilham nas fazendas". Não é sòmente a Vassouras apaixonada pelo teatro e pela boa música, um dia atraindo a famosa CANDIANI, a cantora que deslumbrava o Rio de Janeiro, a qual com todo o seu elenco musical e artístico de centenas de figurantes a cavalo sobe a cidade para cinco récitas, demorando-se porém ali três meses com grande escândalo dos cariocas. Isto em fins de 1854 e princípios de 1855, quando Vassouras contava apenas 21 anos de vida.

A predileta da aristocracia rural tem porém como penhor maior da simpatia dos pósteros o iluminado espírito dos seus "Barões da Caridade", como os denominava o povo agradecido.

Intimamente aparentados com tôda aquela nobreza vassourense eram vários titulares de Paraíba do Sul.

FRANCISCO QUIRINO DA ROCHA fôra elevado a barão de PALMEIRAS, com grandeza. Seu filho, JOÃO QUIRINO DA ROCHA WERNECK, o 2.0 barão de PALMEIRAS, habitava um palacete célebre, o "Quirinal".

"Em Boa Vista, depois Avelar, e depois novamente Boa Vista, avultava o visconde de PARAÍBA, benemérito que foi um criador de felicidade em seu rincão, e cujo palácio suntuoso abrigou PEDRO II". [432]

HILÁRIO JOAQUIM DE ANDRADE, barão do PIABANHA, era um grande fazendeiro de café e cana, com a sua residência rodeada

---

[431] RAPÔSO, *Inácio: obr.* cit., págs. 213-214.

[432] GRIECO, *Agripino: Paraíba do Sul do fastigio agrícola* a *estagnação dos burocratas. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do cafe* 2.a *secção,* pag. 7.

de jardins, e que montou a sua custa um hospital no Rio, em 1885, por ocasião da epidemia de cólera. [433]

Não menos opulentos em Paraíba do Sul eram o barão de São Roque, Antonio Moreira de Castilho, o barão de Ribeiro de Sá, Miguel Ribeiro de Sá, que mandou projetar a futura cidade de Três Rios, o barão de São Carlos, Carlos Pereira Nunes, o barão do Rio do Ouro, Brás Pereira Nunes, o barão de Santo Antonio. Antonio Pinto de Oliveira, o visconde de Ibituruna, com grandeza, Dr. João Batista dos Santos e o barão de Meneses, Dr. Balduíno joaquim de Meneses, ambos genros do 1.o barão de Santa Justa.

Era êste o proprietário da fazenda de Monte Cristo, que sucessivamente pertencera ao conde de Lajes e ao seu sogro, o visconde de Jaguari, Dr. Ildefonso de Sousa Ramos. Grande fazendeiro nesta zona foi também o barão de Simão Dias, Simão Dias dos Reis, dono de Três Barras e de Reforma.

Os Barroso e Pereira deram nesta faixa fluminense o barão de Entrerrios, Antonio Barroso Pereira, pai do 2.º barão e visconde de Entrerrios, de nome idêntico ao do progenitor, e da condessa do Rio Nôvo, D. Mariana Claudina Barroso Pereira de Carvalho, agraciada com êsse titulo após a morte do seu marido José Antônio Barroso de Carvalho, visconde do Rio Nôvo, e benemérita doadora da sua fazenda Cantagalo a Casa de Caridade de Paraíba do Sul, na qual surgiu a cidade de Três Rios.

Figura enérgica de mulher foi a viscondessa de Santa Justa, D. Bernardina Alves Barbosa, proprietária das "maiores lavouras de café do tempo, gostando de vestir-se de homem e de assim andar a cavalo, correndo as várias fazendas, qual amazona bárbara..." [434]

Quase tôda essa nobreza morava em soberbos edifícios rurais, "que davam em seu interior uma impressão de luxo e de grandeza, pelos reflexos dos grandes espelhos bisautés, dos cristais venezianos, das baixelas de prata e ouro, pelas finas tapeçarias orientais e francesas, e pelo msóveis de jacarandá lavrado ou de gôsto puramente inglês que impressionavam os próprios europeus... "Todo o conforto que a indústria e o gênio europeu produzia, vinha ter ao interior fluminense". [435]

Pau Grande, a velhíssima fazenda da Serra, onde já se achavam "estabelecidos com bastantes lavouras" Manuel e Francisco Gomes Ribeiro, juntamente com Antonio da Costa Araújo, [436] celebrizou-se como um dos núcleos serranos de maior irradiação de titulares.

---

[433] Vasconcelos, barão de e S'mith VascOncelos, barão de: Obr. cit., pág. 352.
[434] Grieco, Agripino: art. cit.
[435] D'Araújo Guimarães: obr. cit.
[436] Taunay Afonso de E.: Antigo Documentário *Cafeeiro*. "Jornal do Comércio".

De Pau Grande é que com a união dos GOMES RIBEIRO aos AVELAR, saíra como vimos, uma notável descendência de barões. Primitivamente uma fazenda de cana, acabaria também como as outras dominada pelo dilúvio do café, cujas plantações já SAINT-HILAIRE observara.

Vira êle ainda o seu grande engenho de açúcar, o maior contemplado no Brasil depois da fábrica do Colégio em Campos, e descreve-nos a sua "casa grande" como "um edifício imenso, rodeado de vastas senzalas. Todavia, Pau Grande lembra menos o aspecto dos nossos castelos que o de um mosteiro. A casa do proprietário tem um andar além do rés-do-chão; apresenta 16 janelas de frente ornadas de balcões de ferro, de fabrico europeu, e, no meio do edifício, uma grande capela, ao mesmo nível que êle, mas cujo teto é totalmente distinto. O outro lado do edifício, que encosta num morro, tem duas alas entre as quais há um estreito pátio". [437]

Data essa construção até hoje conservada dos anos de 1797 a 1810, edificada, segundo TAUNAY, por LUÍS GOMES RIBEIRO DE AVELAR, sendo então "assolarada numa das maiores "casas-grandes" da capitania fluminense". [438]

Pau Grande foi, conforme ilustre historiador, "o núcleo inicial e o principal da cafeicultura da época", concentrando "em suas redondezas a importância agrícola da região".

Solares havia, como o de Cantagalo, pomposo edifício em meio a um parque magnífico. Em Cebolas, ficavam domínios dos MARTINHO DE CAMPOS, e em Bemposta o dos MIRANDA JORDÃO. Os PASSOS, BEZRRA MONTEIRO, BARROS FRANCO, são nomes de prol entre os fazendeiros de Paraíba do Sul.

Figura histórica venerável, foi em Cebolas outra D. MARIANA BARBOSA, amiga de TIRADENTES, a qual fizera piedosamente enterrar o braço do mártir, pendurado a um poste em frente a sua fazenda. [439]

Na zona de Sapucaia foi grande fazendeiro de café o marquês do PARANÁ, HONÓRIO HERMETO CARNEIRO LEÃO, com a sua fazenda de Lordelo.

Petrópolis e Teresópolis, não sendo municípios cafeeiros, por motivos climáticos, não tiveram pròpriamente uma nobreza de elementos locais, o que mais uma vez patenteia a ligação entre a aristocracia brasileira e o cultivo da terra. O barão de TERESÓPOLIS, o Dr. FRANCISCO FERREIRA DE ABREU, era gaúcho. Mas o barão de PETRÓPOLIS, com grandeza, MANUEL VALADÃO PIMENTEL, nascido em Macacu na Baixada Fluminense, entroncava-se ao pioneiro de café de São João Marcos, dêste modo, pertencendo a uma linhagem de cafèzistas.

---

437 SAINT-HILAIRE, Augusto de: obr. cit., pág. 38.
438 TAUNAY, Afonso de: art. cit.
439 GRIECO, Agriplno: art. cit.

Passando à zona dos "Sertões de Leste", a maior da velha Província em extensão de cafèzais no passado século, veremos que, dela surgiram alguns dos mais poderosos elementos da aristocracia imperial.

Tão grande se tornara a fama de Cantagalo desde o século XVIII, com a miragem das suas minas de ouro, que o primeiro possuidor do cobiçado título nobiliárquico regional, foi JoÃo MARIA DA GAMA FREITAS BERQUÓ, sucessivamente barão, visconde e marquês de CANTAGALO, sem vinculo na terra cantagalense.

Com a expansão dos cafèzais, começa logo porém a despontar uma nobreza rural da própria gleba que tanto amavam, e que faziam progredir com o seu trabalho pertinaz. Assim foi que, o 2.0 barão de CANTAGALO, AUGUSTO DE SOUSA BRANDÃO, tivera por berço a própria cidade. Do mesmo sangue era LUÍS DE SOUSA BRANDÃO, elevado a barão de PÔRTO NÔVO,[440] e da mesma família ainda, deve ter sido o barão de APARECIDA, JOSÉ DE SOUSA BRANDÃO.[441]

O 1. barão do CARMQ, foi MANUEL FERREIRA PINTO, mineiro de Ouro Prêto emigrado para os "Sertões de Leste" e o 2.0 barão do CARMO, JOSÉ DA SILVA FIGUEIREDO. ACÁCIO FERREIRA DIAS menciona ainda JOAQUIM BATISTA LAPER. como barão do CARMO, devendo êste ser o terceiro do mesmo título.[442]

As famílias PINHEIRO e SILVA FREIRE dariam também titulares que adicionariam às suas fortunas do café uma cultura sólida e refinada.

Foram êles JOAQUIM LUÍS PINHEIRO, barão do PAQUEQUER e posteriormente visconde de PINHEIRO, com grandeza, seu filho JosÉ DE ÁQUINO PINHEIRO, barão de AQUINO, JOSÉ ANTONIO DA SILVA FREIRE, barão do DOURADO, MANUEL JOAQUIM DA SILVA FREIRE. barão de SANTA MARIA MADALENA.

Fazendeiros de café neste município foram ainda o barão de MACABU, ANTÔNIO MACHADO BOTELHO SOBRINHO e o barão de RIMES MANUEL ANTONIO CLÁUDIO RIMES, o primeiro nascido em Madalena e o segundo em Cantagalo. Era o barão de RIMES dono de um imenso e rico solar.[443]

Outra importante família nos "Sertões de Leste", é a dos MORQIS que, com JosÉ ANTÔNIO DE MORAIS, nos deu o visconde do IMBÊ, com JOÃO ANTONIO DE MORAIS o 1.0 barão das DUAS BARRAS e com ELIAS ANTÔNIO DE MORAIS, o 2.º barão das DUAS BARRAS. Êste últi-

---

[440] VASCONCELOS, barão de, e SMITH VASCONCELOS, barão de: Arquivo *Nobiliárquico* Brasileiro, Lausane, 1918, pág. 37.

[441] MOYA, Salvador de: obr. cit., vol. I, pág. 71.

[442] FERREIRA DIAS, Acácio: obr. cit., pág. 334.

[443] "O barão de RIMES foi o proprietário da fazenda Monte Verde no município de São Sebastião do Alto ou Santa Maria Madalena em época anterior.

Solar suntuoso e de proporções invulgares, sendo que, em cada um dos 100 compartimentos se notavam em aquêles tempos pronunciados requintes de nobreza. Todos êsses esplendores de outrora davam celebridade à luxuosa sede da fazenda". (MANUEL ERTHAL: A *Família Erthal*. Niterói, 1946, pág. 79).

mo, fazendeiro e humanitário médico saudosamente lembrado em Cantagalo, há cêrca de vinte anos veio a falecer quase nonagenário, com o glorioso título de "Homem sem par", conferido pelos próprios conterrâneos. [444]

Na terceira geração desta família distinguiu-se o Dr. TRAJANO DE MORAIS que levou a Estrada de Ferro Conde de Araruama ao alto da Serra, sendo com o seu nome crismado o município de São Francisco de Paula.

Na zona de Itaocara, uma filha de JOSÉ CLEMENTE PEREIRA, grande fazendeiro de café, foi agraciada com o título de condessa da PIEDADE. [445]

Tão grande é a lista de advogados, parlamentares, médicos, engenheiros, militares e publicistas de nomeada nascidos em Cantagalo, que demasiado longa se tornaria a sua citação. Baste-nos mencionar apenas o do grande jornalista JOSÉ CARLOS RODRIGUES, o do cirurgião Dr. CHAPOT-PREVOST, célebre pela sua operação de xifópagas, e, no ápice da literatura brasileira, EUCLIDES DA CUNHA que nasceu na fazenda de Santa Rita do Rio Negro.

O que importa no momento, é dizer que tôda essa aristocracia cantagalense estreitamente se prende a famílias vinculadas a terra pelo cultivo do café.

Direta ou indiretamente impulsionada por esta lavoura é que veio a processar-se tôda a evolução dos "Sertões de Leste" em todos os seus aspectos econômicos e culturais, centralizada nos dois importantes núcleos regionais: Nova Friburgo e Cantagalo.

Mencionar êstes dois nomes é relembrar um dos mais insignes troncos familiares brasileiros. Por sua enorme influência cultural, por sua inquebrável tenacidade num constante desbravar de latifúndios, por sua ação revolucionária no sistema de transportes, por sua real e humanitária visão quanto ao problema da escravatura, por seus contínuos benefícios & coletividade, refulge o nome dos CLEMENTE PINTO entre os maiores de que se pode ufanar a terra fluminense.

Foi em 1829 que o pioneiro ANTONIO CLEMENTE PINTO embrenhou-se nos "Sertões de Leste", como tantos outros fascinado pelas minas de ouro do "Mão de Luva", ocultas na floresta.

Homem de tino prático, vendo-se porém diante a uma ilusão, desvia-se logo para o cultivo da terra com uma pertinácia ruralmente portuguêsa. Torna-se proprietário de vastas sesmarias e as desbasta e planta. Acumula grande riqueza que êle mesmo bem emprega, e que os filhos sabem multiplicar. E a solidariedade entre os membros dessa família enfeixou-se tão sòlidamente para a prodigalização de benemerências a tôda uma vasta zona serrana que, era sempre com respeito que o seu nome ressoava entre os conterrâneos.

---

444 FERREIRA DIAS, Acácio: obr. cit , pág. 370.
445 TAUNAY, Afonso de E. Pequena *História* do Café no *Brasil*, Rio, 1945, pág 202.

Exclusivamente por seu trabalho agrícola que o elevara a prosperidade, foi ANTÔNIO CLEMENTE PINTO criado barão de NOVA FRIBURGO, com grandeza, pelo Imperador. O título, porém, longe de o envaidecer, atraindo-o a um sibaritismo cortesão, inútil e indolente, ainda estimula a obstinação dêsse lavrador no amanho das suas fazendas.

É a êle, sobretudo, que se deve a notável transição cultural observada nesta zona por D'URSEL, em sua já mencionada viagem a Nova Friburgo.

Um pouco antes da sua chegada a uma das grandes fazendas em que se hospeda, vira êle uma cena digna ainda de um DEBRET ou de um RUGENDAS, a qual, para mais vivo contraste com a nova era liderada pelos CLEMENTE PINTO, passaremos a transcrever.

Revela-nos D'URSEL com o sistema de transportes, uma hierarquia familiar mantida mesmo em trânsito, por uma classe de lavradores ainda apegada aos preconceitos das velhas fórmulas. Enquanto as locomotivas já apitam em plena Serra, ligando os centros urbanos e revolucionando com a rapidez das comunicações antigos hábitos ainda coloniais, não longe da linha férrea, pelas veredas montanhosas, costumes retardatários revelam-se, ronceiros, com os primitivos modos de viajar.

Passa D'URSEL por tôda uma família de um senhor rural em jornada coletiva. A frente, o fazendeiro a cavalo, aparatosamente vestido, com um chicote de cabo de prata e enormes esporas. Atrás, a família, mulheres e crianças, uns em liteiras levadas por mulas, e as crianças pequenas a cavalo, em braços de algum velho escravo. A pé, na retaguarda, sob o Ôlho do feitor, os negros, e, por fim, os animais com a bagagem. [446]

Enquanto primorosos palacetes já se erguiam em muitas fazendas, introduzindo entre as florestas maneiras novas assimiladas na Corte, todos êstes hábitos, entretanto, sobrepõem-se a uma velha civilização rusticamente escravocrata, com a mesma disciplina rígida dos idos tempos dos vice-reis.

Basta porém prosseguirmos um pouco mais com o viajante, para têrmos a certeza de que estas cenas do passado irão rapidamente, agora, desaparecer. Extraordinariamente expressiva é a transformação da velha fisionomia feudal pela renovadora cultura dos grandes senhores do café, os quais, embora sempre absorvidos com a lavoura, regram a sua vida por novos usos familiares adquiridos no Rio de Janeiro.

É o que se deduz da entrada do viajante num grande solar.

Era o edifício "construído sôbre uma sucessão de terraços que lhes dão inteiramente o aspecto de uma fortaleza. Entra-se nêle por uma escada estreita, e, uma das primeiras salas em que se

[446] D'URSEL, Charles: *Sud Amérique*. Paris, 1879, pag. 99.

penetra, é coberta de armas, de espingardas, de bacamartes que aumentam a ilusão. Atravessamos um pátio central formado pelas acomodações dos escravos, vasta colmeia cheia de negrinhos em algazarra, de jovens mulatas, de velhos escravos curvos pelo trabalho e pelos anos, de jovens que servem de escolta e de pajens ao senhor quando sai".

Ausente o fazendeiro, é a sua senhora quem lhe dispensa as honras da hospedagem. "Eu e meus companheiros fomos acolhidos com uma graça perfeita pela dona da casa".

É ela quem preside ao jantar na mesa enorme, onde, se sentam parentes e amigos, numerosas crianças, hóspedes e pobres de passagem, de nomes, alguns apenas conhecidos. Trinta são as pessoas nas cadeiras e ainda há muitos lugares vazios. Em volta, circulam escravos vestidos de branco.

Ao levantarem-se da mesa, chega o fazendeiro, grandioso tipo de patriarca, cujo retrato é em traços tão vigorosos que, merecrni reprodução: "Era um homem de setenta e três anos que parecia não ter mais de cinquenta; tinha seis pés de altura, e, não obstante a sua aparência um tanto carrancuda, o seu aspecto era de nobreza. Quando entrou na sala como um camponês e com botas até os rins, todos se levantaram; os filhos e netos foram beijar-lhe as mãos e os escravos se inclinaram para receber a bênção.

Pôsto houvesse naquele dia feito quarenta quilômetros a cavalo, êsse velho de talhe alto e rígido não demonstrava a menor fadiga.

A sua principal ocupação era percorrer as suas fazendas que se tocam, formando um pequeno reino. Sôbre um espaço de trinta léguas não se deixam as suas terras". [447]

Não nos diz o autor o nome dessa figura gigantesca pelo físico e pelos atributos de um grande senhor rural. Embora não pareça ela ser o próprio ANTÔNIO CLEMENTE PINTO, porque adiante veremos, citado pelo viajante, o filho já com a herança do titulo e em plena pujança de uma atividade madura na construção da sua estrada de ferro, deveria entretanto ser dessa têmpera o 1.º barão de NOVA FRIBURGO.[448]

O quadro lembra um dos grandes autocratas e latifundiários sertanejos, longe do govêrno e dono absoluto de milhares de escravos. O *pater-familias* de OLIVEIRA VIANA, porém novecentista pela finura de maneiras de uma família requintada.

De um lado revive nêle, ainda, a mentalidade dos primórdios. na imensidão latifundiária do Brasil das boiadas precursoras. Mas por outro, representa nova cultura imperial e litorânea, em vias de acelerar-se com as estradas de ferro.

---

[447] D'URSEL, *Charles*: obr. cit., pág. 102.

[448] Morreu o 1.º baráo de NOVA FRIBURGO em 1869, no seu palacete do antigo largo do Valdetaro, hoje largo do Catete.

Da mesma estirpe dos antepassados são os colossos que agora desbravam a Serra Fluminense, orgulhosos das suas fazendas e dos seus milhares de cativos, mas subordinados a visão superior do espírito de uma nova época, e pioneiros de iniciativas progressistas que estimulam a evolução econômica e social dos seus domínios, dentro dos quais se atarefa nas plantações uma operosa coletividade.

A melhor prova da transformação cultural de rústicos lavradores pelo café nos é fornecida pelo próprio barão de NOVA FRIBURGO. Simples lavrador e homem de roça, é êle quem faz construir os dois mais célebres palácios da nobreza rural nos tempos imperiais.

Um foi o Catete, iniciado em 1858 e concluído em 1865, "um palácio de príncipe" no dizer de QUESADA que o compara ao palácio do príncipe GIOVANELLI, em Veneza, e digno até hoje de ser utilizado como sede da Presidência da República.

Outro viajante referindo-se ao Catete, escreveu: "Um Nova Friburgo, — rico plantador —, constrói um palácio por 8 000 contos, — 16 000 000 de marcos —, verdadeiro palácio de fadas, e Dom PEDRO II vive num par de casas velhas..." [449]

Ali houve grandes festas. Os bailes dos barões de NOVA FRIBURGO deslumbravam a sociedade carioca do seu tempo. Tôda a nobreza comparecia ao Catete, o melhor edifício da cidade, "com amplos salões em estilo pompeano, mourisco e império, magnificente decoração interna, escadarias de uma ostentação bem latina, lustres, tapeçarias, estofos, tetos apainelados ou estucados, bronzes, mármores, terras-cotas marinhas, paisagens e retratos de família, tudo luxuosíssimo, sem falar no parque, desenhado e estilizado por alguém que evidentemente conhecia os valores da arquitetura dos jardins". [450]

O Catete era a residência urbana do barão que ali faleceu.

A maior parte do seu tempo, gastava-a porém nas suas fazendas, onde além da casa de Nova Friburgo, iria êle construir um edifício ainda, mais extraordinário, por sua concepção em plena selva: o majestoso solar do Gavião, em Cantagalo.

Tão grande era o projeto que ficou inacabado. Nada menos de 70 quartos deveriam dividi-lo internamente, além dos faustosos salões.

Decidira-se o barão a edificá-lo "para empregar a atividade de numerosos trabalhadores e artífices que se encontravam em Cantagalo, emigrados de Portugal, de onde vieram atraídos pelo famoso desenvolvimento da zona norte da Província do Rio de Janeiro". [451]

---

[449] KOSERITZ, Carl von: *Imagens do Brasil.* Tradução de AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, São Paulo, 1943, pág. 39.

[450] GRIECO, Agripino: *Entre o Salão e o Cafèzal.* "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, 9.ª secção, pág. 1.

[451] Carta do ministro ANTÔNIO DE SÃO CLEMENTE ao autor.

A esperança do barão de NOVA FRIBURGO era tornar o Gavião a sede municipal de Cantagalo. A ala que resta dêsse magnífico solar com as suas colunas monolíticas de granito, bastam para nos revelar o apurado gôsto dêsse eminente lavrador. As estátuas de mármore, os enormes espelhos, os grandes retratos a óleo, o mobiliário severo de jacarandá, tudo acusava os mesmos requintes astísticos e intelectuais do construtor do palácio do Catete, o qual, aos timoratos e prudentes que o desencorajavam nas suas grandes obras, ironicamente respondia: "As minhas asneiras eu as faço de pedra e cal". [452]

A maior das iniciativas do barão de NOVA FRIBURGO, foi, porém, a Estrada de Ferro de Cantagalo. Idealizara êle "o formidável plano de construir uma via-férrea ligando entre si os seus imensos latifúndios, de forma a facilitar o descongestionamento das grandes safras por um meio mais rápido de transporte, substituindo o prestino processo das tropas de muares. . ." [453]

Já em 1867, eram precursoramente unidas por um ferro-carril movido por manículas as fazendas do Gavião, da Boa Sorte *e* das Laranjeiras, pertencentes a família em Cantagalo. Mas a idade e o falecimento dêsse formidável veterano da gleba, êmulo pela energia dos primitivos patriarcas sertanejos a dominarem com o seu prestígio populações bastantes para a formação de estados europeus, impuseram aos seus filhos a continuação da obra planejada. O monumento cultural do barão de NOVA FRIBURGO continuaria a ser erguido pelos descendentes.

Não havendo partilha dos bens, os dois herdeiros varões prosseguiriam sempre unidos, mantendo intacto o patrimônio que juntara o pai. Enquanto BERNARDO CLEMENTE PINTO vai administrar as propriedades agrícolas, encarregar-se da atividade industrial e superintender a construção da Estrada de Ferro de Cantagalo, ANTONIO assume os encargos comerciais. [454]

Tal era a união de vistas entre os dois herdeiros do patriarca, e tão conjugados os seus esforços e atividades que, ao mesmo tempo compartilhavam não só dos proventos materiais, como das honoríficas distinções. Agraciados pelo Imperador, ANTONIO CLEMENTE PINTO seria sucessivamente barão, visconde e conde de SÃO CLEMENTE, e BERNARDO CLEMENTE PINTO, o 2.º barão, visconde e conde de NOVA FRIBURGO. [455]

---

[452] GALDINO DO VALE FILHO: Lendas e Legendas de *Friburgo,* Rio, 1928, pág. 133.

[453] FERREIRA DIAS, Acácio: obr. cit., págs. 187-188.

[454] Formavam êles a firma "Friburgo & Filhos", estabelecida à rua Municipal, no Rio de Janeiro.

[455] O conde de SÃO CLEMENTE nasceu no Rio de Janeiro em 1830, casou-se com D. MARIA JOSÉ RODRIGUES FERNANDES CHÁVES, filha dos baróes de QUARAIM, e faleceu no chalé do Parque de São Clemente em Nova Friburgo, em 1898. Habitava no Rio o palácio do Catete. Como presidente do Centro da Lavoura e Comércio, foi incansável na organização de exposições no exterior de nossos produtos, sobretudo o café, sendo êle o maior dos seus propagandistas, distinguido pelos governos da Rússia, da Bélgica e da Holanda com elevados graus de ordens honorificas.

O conde de NOVA-FRIBURGO, nasceu em 1835, falecendo em 1914 no seu palácio do Gavião em Cantagalo.

Pela sua direta e mais visível interferência nas obras da Estrada de Ferro de Cantagalo, a projeção do conde de NOVA FRIBURGO foi bem maior que a do conde de SÃO CLEMENTE, embora não se possa com justiça desunir os dois irmãos em suas comuns atividades.

É ainda nas palavras de D'URSEL que iremos compreender a eminência cultural dessa família, por outro retrato admirável de BERNARDO CLEMENTE PINTO em sua complexa operosidade e quando ainda no primeiro degrau da escala nobiliárquica.

Discreto sempre quanto aos nomes ilustres dos que o acolhem, indisfarçável é porém desta vez a figura do futuro conde de NOVA FRIBURGO, descrito no seu livro.

Desde Teresópolis que D'URSEL viera seguindo a evolução serrana, gradativamente ascendendo a estágios de cultura. Partira das singelas casas de pioneiros, a branquejarem por entre os milharais, e chegara a acastelada residência de um grande senhor rural.

Dir-se-ia haver êle atingido ali as culminâncias da civilização serrana do café. Grande porém, foi o assombro do exigente diplomata quando, ao atingir Nova Friburgo, defronta-se com um aristocrata fluminense, requintado e culto, mas inteiramente assoberbado pela multiplicidade de funções em sua vida provinciana.

"De sua casa elegante onde estão reunidos todos os requintes do mais refinado luxo, o barão superintende a administração das suas terras, os numerosos trabalhos que em tôda parte executa, a construção de caminhos de ferro e a exploração das suas imensas plantações. Uma rêde telegráfica liga o seu gabinete às fazendas, e lhe permite assim, comunicar-se a todo o instante com o numeroso pessoal de engenheiros e de administradores que tem a seu serviço>,[456]

Em Areias, — hoje ainda um solar dos SÃO CLEMENTE —,[457] onde tivera mineração de ouro, dando-lhe êste um fraco rendimento, — 7 a 10% —, dedica todos os braços a lavoura.

Das poucas linhas transcritas do viajante, deduz-se a enorme atividade do 2.0 barão de NOVA FRIBURGO na execução de um vasto plano civilizador, no qual sobressai o longo eixo ferroviário da maior zona cafeeira fluminense, já então a beneficiar dezenas de milhares de povoados.

Uma curta resenha da construção da Estrada de Ferro de Cantagalo, mostra-nos apenas uma fração da extraordinária energia desenvolvida por êsse homem, com incalculáveis resultados para o futuro.

---

[456] D'URSEL, Carlos: obr. cit., págs. 96-97.

[457] Ainda hoje, Areias em Cantagalo, com as suas usinas beneficiadoras de café, arroz e milho, com o seu engenho de serra vertical e circular, o moinho de fubá, o engenho de açúcar, a usina elétrica que move todo o maquinismo, é uma das mais completas e modelares fazendas fluminenses.

De junho de 1872 a dezembro de 1883, onze longos anos levou a linha a subir o arrojado setor de Cachoeira a Nova Friburgo, atingindo no alto da Serra a cota de 1075 metros de altitude, na garganta de Teodoro de Oliveira. *O* sistema "Fell" com três trilhos, usado no Monte Cenis, fôra o escolhido, sendo que atualmente a função do trilho central é de frear as locomotivas.

Desde 1876, graças à energia organizadora de BERNARDO CLEMENTE PINTO, o tráfego era iniciado entre Nova Friburgo e Macuco, trecho êsse então considerado como tronco, do qual partia um ramal para Cantagalo.

Da conquista da terra pelo homem nos "Sertões de Leste", foi esta a de mais notórias repercussões. A Serra era ligada por um transporte rápido a Guanabara.

Em 1887, tôda essa importante linha de Cantagalo que hoje vai até Portela, é adquirida pela Estrada de Ferro Leopoldina, por sua vez transferida a um sindicato inglês, usufrutuário afinal dos proventos do transporte, de todo um século de árdua luta contra as florestas, derrubadas na ofensiva do café, o qual ainda hoje se alastra pelos recantos deixados pelos machadeiros do passado século.

Deve-se essa estrada de ferro quase exclusivamente ao 2.º barão de NOVA FRIBURGO, cuja iniciativa e vontade inquebrável destruíram o isolamento da Serra. Por isso é que, apenas adicionando o nome do barão de VASSOURAS, inteiramente concordamos com AGRIPINO GRIECO que, ao falar de BERNARDO CLEMENTE PINTO, afirma que, "a não ser o perspícuo MAUÁ, ninguém entre nós teve, em seu tempo com tal nitidez a antevisão profética do progresso da indústria ferroviária, da fecunda política dos trilhos e das locomotivas". [458]

A construção da Estrada de Ferro de Cantagalo que o absorve, não impede, porém, que o conde de NOVA FRIBURGO seja um dos maiores lavradores do seu tempo. É êle quem inicia na zona de Cantagalo a seleção de raças de gado, e, a êle iria dever São Paulo um dos fortes elementos da sua prosperidade. As duas mudas de café "Java" vindas do Sana de Macaé, que lhe foram oferecidas por GEORGE GRIPP, e que o conde "entre demonstrações festivas" plantara no Gavião com a presença do conselheiro SINIMBU, multiplicaram-se em grandes cafèzais desta espécie que iria enriquecer a terra paulista. [459]

Com tôda essa vida de camponês concentrado sôbre as suas fazendas sempre a planejar reformas tendentes a elevar a economia regional, a todos surpreendia o conde de NOVA FRIBURGO pelas suas "maneiras afinadas, pela melhor educação artística, pela cultura e pelas viagens, pelo convívio dos salões e pela frequência dos

[458] GRIECO, Agripino: obr. cit.
[459] GALDINO DO VALE FILHO: obr. cit., págs. 115-117.

museus da Europa". Era êle um colecionador impenitente das mais escolhidas obras de arte, nelas gastando quantias imensas. [460]

Tal era BERNARDO CLEMENTE PINTO. Um extraordinário "dinamizador de vontades, um polarizador de energias adormentadas". O mais completo expoente da nossa aristocracia rural, personificando um grande lavrador e um grande fidalgo.

Tamanha era a sua projeção com êsse duplo aspecto na sociedade imperial do Segundo Reinado, que, após bem conhecer no Rio a magnificência dos seus salões, o seu prestígio nas sociedades elegantes que presidia as suas obras de beneficência, e havendo visitado a sua fazenda do Gavião, "uma verdadeira cidade do interior" que atingira em várias etapas, em cada qual encontrando a mesa posta e numerosos escravos à sua disposição, TERNAUX-GOMPANS, em 1877, não hesita em denominá-lo "o verdadeiro imperador do Brasil". [461]

Não esqueçamos entretanto que, com tôda a sua proeminência, foi êle apenas um dos focos solares dessa família que tomara a si o encargo de um vasto plano civilizador. Não menos influente era o outro foco, no Rio, ANTÔNIO CLEMENTE PINTO.

Quando em **1888** ainda se debatia no parlamento a questão do elemento servil, os então viscondes de SÃO CLEMENTE e de NOVA FRIBURGO de uma só vez libertam mais de **1300** escravos, os quais agradecidos lhes prestam comovente homenagem com bandas de música no Gavião, recusando-se a receber o salário da próxima colheita do café. São êles que aconselham aos dirigentes do govêrno a substituição do trabalho escravo pelo do imigrante livre, pondo-se dêsse modo, precursoramente a dianteira de uma das orientações políticas mais eficazes no futuro progresso do Brasil.

Pelo seu generoso ato da libertação dos escravos, que repercutira no Parlamento como um rude golpe desfechado no reduto escravagista, são ambos agraciados por Dom PEDRO II com o título de conde de SÃO CLEMENTE e de NOVA FRIBURGO, sendo também elevado a 2.0 barão de SÃO CLEMENTE, o segundo ANTÔNIO CLEMENTE

---

460 "Também em suas fazendas se alteavam vivendas faustosas, onde o Conde, colecionador fanático, habituado a deixar o ouro esguichar das suas burras para vencer os competidores menos providos de moeda, reuniu graciosas coleções de medalhas, miniaturas de marfim, rendas de Veneza, casulas romanas, livros com ferros no dorso e douraduras no rebordo das folhas, porcelanas chinesas e japonêsas, taças de ônix, urnas de âmbar, cálices de cristal da Boêmia, anéis, colares, pedras gravadas, esmaltes de Limoges, camafeus de Florença e mosaicos bizantinos.. ."

Panóplias de armas antigas ornavam as paredes dos solares dêste "mecenas de vários pintores nossos". particularmente dos paisagistas. Possuía uma coleção de instrumentos de música e, caprichosas eram as centenas de leques e máscaras que costumava adquirir em Paris para mimosear as fidalgas e as ricaças que iam aos bailes à fantasia do solar Nova Friburgo, os mais pomposamente estonteantes do Rio e com Pormenores muito bem reproduzidos dos carnavais de WATTEAU e GAVARNI, graças aos cuidados de um parisiense especialmente contratado para êsse fim na velha Lutécia. (AGRIPINO GRIECO, art. cit.).

461 WANDERLEY PINO: *Salões* e *Damas* do Segundo Reinado, nota à pág. 300.

PINTO, homônimo de seu pai, cujas fazendas então administrava. [462] Foi êste mais um insigne varão a continuar as tradições da fidalguia camponesa dos CLEMENTE PINTO, até o seu falecimento em 1912, legando ao seu filho o ministro ANTÔNIO DE SÃO CLEMENTE a mais honrosa das heranças culturais da nossa aristocracia rural. [463]

Tôda esta sucessão de eminentes personalidades a amealharem para o Brasil um vasto patrimônio tão rico em dotes espirituais, deve-se exclusivamente ao café. Foi o cafèzal que selecionou as suas aptidões para o comando, que fêz desabrochar inatos atributos de capacidades organizadoras, que lhes deu a riqueza, e com ela a possibilidade para se elevarem **a** um alto nível social, onde se mantinham, porém sempre compreensivos da sua função tutelar sôbre os menos favorecidos.

Daí o equilíbrio social do Império, não obstante a escravidão.

É que nêle havia, como bem se expressou OLIVEIRA VIANA, a "solidariedade entre as classes inferiores e a nobreza rural". [464]

Verdade é que a estruturação imperial incompleta ainda, revelava uma ausência de classes médias definidas e um vasto proletariado quase todo em cativeiro. Mas devemos ponderar que, percorríamos ainda nesse tempo a primeira etapa da nossa evolução, no qual o clã fazendeiro era "a única forma de solidariedade social do nosso povo", como bem se exprime o mesmo sociólogo. E, entre aquêles clãs, distingue-se pelas formidáveis repercussões oriundas da sua obra no desbravamento dos "Sertões de Leste", o dos CLEMENTE PINTO. [465]

---

[462] Nasceu o 2.º barão de SÃO CLEMENTE em 1860, casando-se em 1883 com dona DARRIGUE DE FARO, filha dos barões de RIO BONITO. Freqüentou as Escolas de Direito de Recife e de São Paulo, assumindo a direção das fazendas do seu velho pai, o conde de SÃO CLEMENTE, cujas propriedades haviam sido separadas das do seu tio o conde de NOVA FRIBURGO, por haver êste casado em 1880, aos 45 anos, com a viúva senhora AMBROSINA CAMPBELL, filha do barão de MAMORÉ, o qual foi o tronco da família LEITÃO DA CUNHA, do Pará. (Carta do Dr. ANTONIO DE SÃO CLEMENTE ao autor). Além do 2.º barão, teve o conde de SÃO CLEMENTE mais duas filhas: dona MARIA JOSÉ CLEMENTE PINTO e dona ALICE CLEMENTE DE SOUSA DANTAS, casada com o conselheiro RODOLFO E. DE SOUSA DANTAS, que foi ministro do Império, e um dos mais cultos e eruditos representantes do apurado mundanismo carioca.

[463] Justo é que completemos a genealogia dêsses titulares com uma rápida biografia de mais êste servidor da pátria, batizado com o sobrenome de SÃO CLEMENTE por disposição testamentária do avô, o conde de SÃO CLEMENTE.

Com 10 anos quando falecera o pai, o 2.º barão de SÃO CLEMENTE, fora matriculado no colégio dos jesuítas "Stela Matutina" do Tirol, na Áustria, passando a seguir para o Saint Georges College, em Adelston, na Inglaterra. Bacharelou-se em ciências e letras e em ciências jurídicas e sociais no Rio de Janeiro sendo um dos primeiros voluntários do Exército Nacional. Entrou para o Ministério das Relações Exteriores, exercendo funções diplomáticas em Londres, Paris, Berlim, Buenos Aires e Assunção. Ao ser aposentado, sentindo renascer todo o forte apêgo dos antepapssados pela gleba serrana, regressou a terra cantagalense, onde na fazenda de Areias, em Boa Sorte, reatou as tradições lavoristas dos seus eminentes antecessores.

[464] OLIVEIRA VIANA: *Populações* Meridionais do Brasil, 3R ed., pág. 215.

[465] Outro ramo dos CLEMENTE PINTO que não chegou diretamente à nobreza pela descendência masculina foi o de JOÃO CLEMENTE PINTO, nascido em Portugal em 1752, casado com dona TERESA JOAQUINA DA SILVA e falecido no Brasil em 1819. Dos seus filhos FRANCISCO, MANUEL, BERNARDO e LAURA, veio esta última a ser a 1.ª baronesa de Nova

Quando em 6 de agôsto de 1914, falecia no seu solar do Gavião em Cantagalo o conde de **Nova Friburgo**, há muito que, com a Abolição e com a República desaparecera o fastígio cultural da nossa aristocracia agrária. Herdeiros seus em maioria empobrecidos abandonaram as velhas mansões rurais, arruinando-se estas ou passando a novos donos. As grandes fazendas retalharam-se com as heranças e, mais recentes subdivisões continuam a parcelar os sumidos quadriláteros das primitivas sesmarias, penosamente desbastadas por milhares de negros, para o magnífico alvorecer de uma nova economia com a opulência dos cafèzais.

Centenas de milhares de habitantes cruzam-se hoje por êsses morros e vales, por essas numerosas cidades, vilas e arraiais. Tôda uma nova geração retoma a posse da terra com os seus muitos milhares de sítios e fazendas, com a sua pecuária, com as' suas indústrias e os seus novos cafèzais.

Muito poucos, porém, reconhecem que todo êsse labor apenas continua a gigantesca obra do passado, sem a qual não poderia essa gente, por essa gleba projetar as suas esperanças com uma esplêndida e multíplice atividade.

Censurem quanto queiram irresponsáveis demagogos tôda aquela extinta organização, insubstituível por outra na sua época. *O* que apenas conseguirão demonstrar é uma ignorância absoluta dos fenômenos evolutivos da sociedade. Não fôsse a indobrável energia progressista dos grandes condutores das legiões de cativos, e a Serra seria ainda um impenetrável matagal. Tôdas essas centenas de quilômetros de estradas de ferro e de rodagem, todos êsses núcleos urbanos formigantes, tôda essa colheita de riquezas do solo da cordilheira só é possível hoje, graças as gerações que no século XIX nos antecederam.

Todos os recursos atuais da economia coletiva serrana, melhormente equilibrada por um fracionamento maior do solo, são apenas frutificações mais fartas de novas sementeiras que já encontraram a terra preparada. Todo êsse nôvo surto cultural nada mais é que o prosseguimento de uma obra cujo embasamento econômico, històricamente inabalável, pesadamente assentaram os senhores rurais do Império com a robusta e íntegra mentalidade de uma época e rigorosamente articulados a engrenagem da evoluçao.

Friburgo, casando-se com seu primo Antonio Clemente Pinto. Uma das suas netas casou-se com o seu primo Antonio Pereira de Faro, da aristocracia rural de Rio Bonito. Outro neto seu foi o engenheiro Francisco Clemente Pinto, formado na Bélgica e conhecido por seu cavalheirismo e suas idéias progressistas. Era esta família possuidora das fazendas de São clemente, Santa Teresa em Cantagalo, e de Ibipeba, Serraria e outras em Itaocara, nas quais desenvolveu extensas lavouras de café, dêsse modo também colocando-se entre os dirigentes da civilização cafeeira nos "Sertões de Leste".

Agradeçamos a transfiguração da Serra aos fazendeiros de café no século imperial, magníficos transportadores da civilização para as alturas bárbaras.

As mais expressivas figuras simbólicas dêsses gigantes empenhados contra a selva e a montanha foram nos "Sertões de Leste" os CLEMENTE PINTO. E, mais que justo é o apêlo aos cantagalenses do seu historiador. Fronteiro a singela herma do imortal autor de Os Sertões, o busto de outro colosso deveria perpetuar "a figura assombrosa do conde de NOVA FRIBURGO".

Maiores deveriam entretanto ser ainda as homenagens da cidade dêste nome aos CLEMENTE PINTO, com uma composição estatuária associando o pai e os filhos, o barão de NOVA FRIBURGO, e OS condes de NOVA FRIBURGO e de SÃO CLEMENTE, elevada em frente a "casa grande', hoje sede da Municipalidade, nesse majestoso e inigualável parque de eucaliptos mandados plantar por essa família pelo famoso GLAZIOU, jardineiro-artista e executor do Campo de Santana no Rio de Janeiro. [466]

A cada nôvo título com que iam sendo agraciados aquêles membros de um grande clã de lavradores fluminenses, correspondia o reconhecimento do Imperador por novos e grandes benefícios prestados a comunidade, com os seus recursos extraídos da terra. E naquela cidade hospitaleira onde existe uma "Ponte da Saudade", um "Moinho da Saudade", uma "Fonte da Saudade", para que a lembrem sempre os visitantes, é mais que justo que ali também se note a gratidão por dádivas irretribuíveis dos CLEMENTE PINTO, coletivamente recebidas pelo povo.

---

[466] DOS grandes latifúndios deixados pelo 1.0 barão de NOVA FRIBURGO e ampliados por seus filhos, ficaram alguns nomes de fazendas que para documentação histórica não deveriam ser equecidas. Do conde de SÃO CLEMENTE foram as fazendas de Santa Rita, Itaoca, Areias, Boa Sorte, Poço d'Antas, Boa Vista e Jacutinga em Cantagalo, e as do Córrego Nôvo, Córrego Velho, São Lourenço e Córrego d'Antas em Nova Friburgo, além do Parque São Clemente com a sua chamada "Casa-Grande", hoje Câmara Municipal — e de várias propriedades nesta cidade.

Ao conde de NOVA FRIBURGO pertenceram a Estrada de Ferro de Cantagalo, as fazendas do Gavião-Velho e do Gavião-Nôvo, onde está o célebre solar do Gavião, parcialmente demolido, e as de Aldeias, Água-Quente, Mata-Porcos e Cafés em Cantagalo. Em Itaocara ainda possuía êle as fazendas de Laranjeiras, onde hoje existe umâ usina de açúcar, e a da Serra além de outras propriedades. Em Nova Friburgo, além de grande extensão de terras que pela Serra abaixo alcançavam as imediações de Cachoeiras de Macacu, na Vila Nova de Cachoeiras, as quais eram atravessadas por ótima estrada de rodagem, reservou-se o conde um recanto das terras que pertenciam ao Parque São Clemente, onde, "em lugar elevado e aprazivel. construiu grande casa, estilo chalé, dividida em numerosos aposentos e salas, propriedade esta que era conhecida por "Barracão" e onde agora se acha instalado o sanatório da nossa Marinha de Guerra". (Carta do ministro ANTÔNIO DE SÃO CLEMENTE).

AGRIPINO GRIECO dá como também pertencente ao conde de NOVA FRIBURGO a fazenda de Ponte de Tábuas.

Entre outras célebres fazendas de café no município de Cantagalo anotamos as de Oliveira, de JOÃO GUERREIRO BOGADO, a da Boa Vista de JOÃO LOPES MARTINS e as de Pão Clemente e de Palmital, ainda da família SÃO CLEMENTE. (D'ARAÚJO GUIMARÃES obra cit. pág. 234).

Afamada entre muitas foi a fazenda Santa-Fé, de monsenhor BACELAR, que assombra em 1869 o viajante português A. B. CORREIA JÚNIOR, cuja completa organização e grande capacidade Produtiva, servem a OLIVEIRA VIANA de padrão dêsse tipo de grande domínio rural no passado. Pop. *Merid.* do *Brasil*, págs. 166-167.

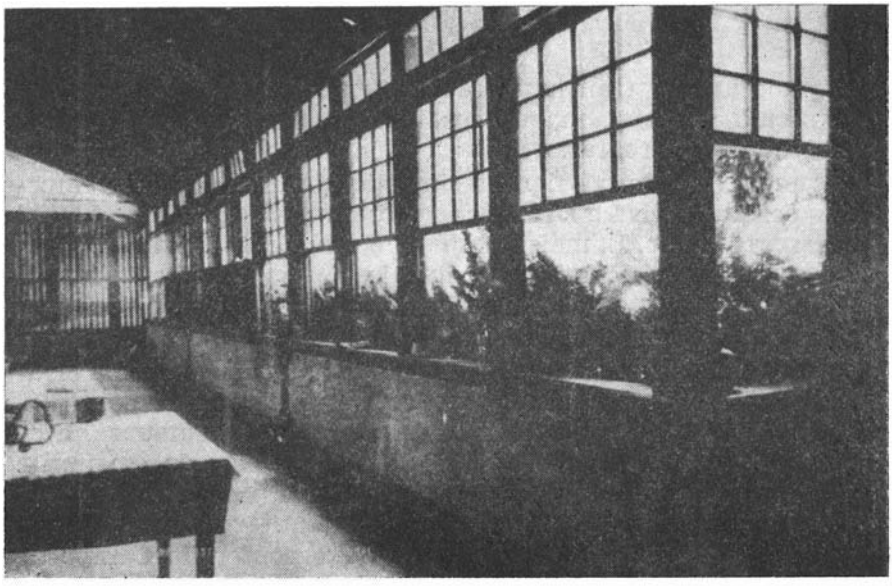
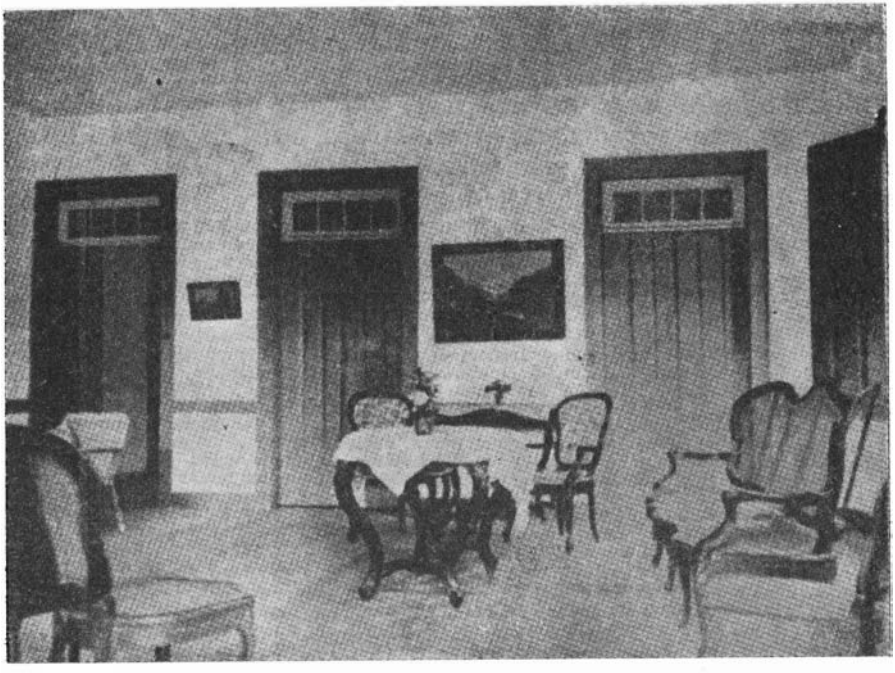


Fig. 182 — As varandas envidraçadas eram comuns nas fazendas da Serra. Uma das mais típicas e bem conservadas é esta da fazenda União.

(Da fototeca do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional)



Pig. **183** *— Sala de visitas da fazenda União com o seu mobiliário em estilo da época.*

(Da fatoteca do Património Histórico e Artístico Nacional)

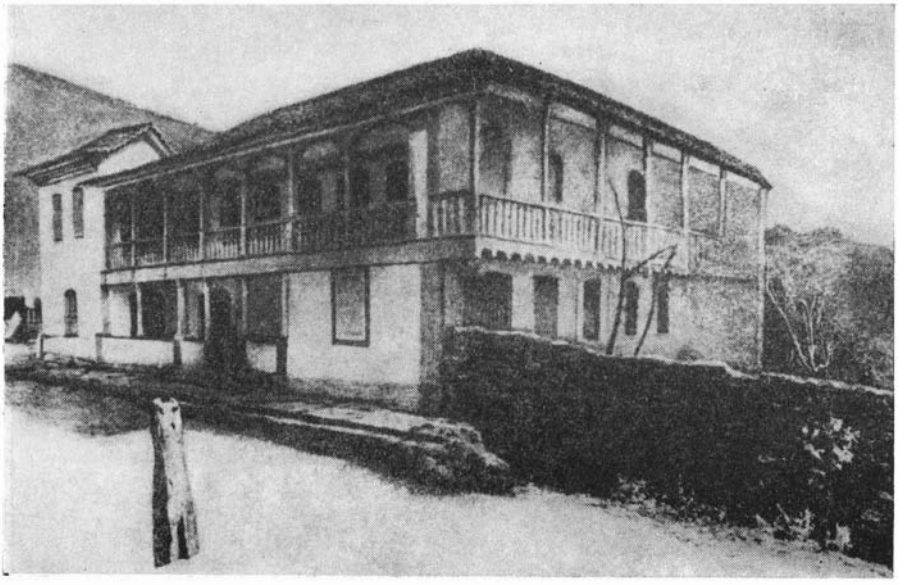


Fig. *184* — *Casa da fazenda de Santo Antônio, no municipio de Petrópolis.*

(Da fototeca do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional)

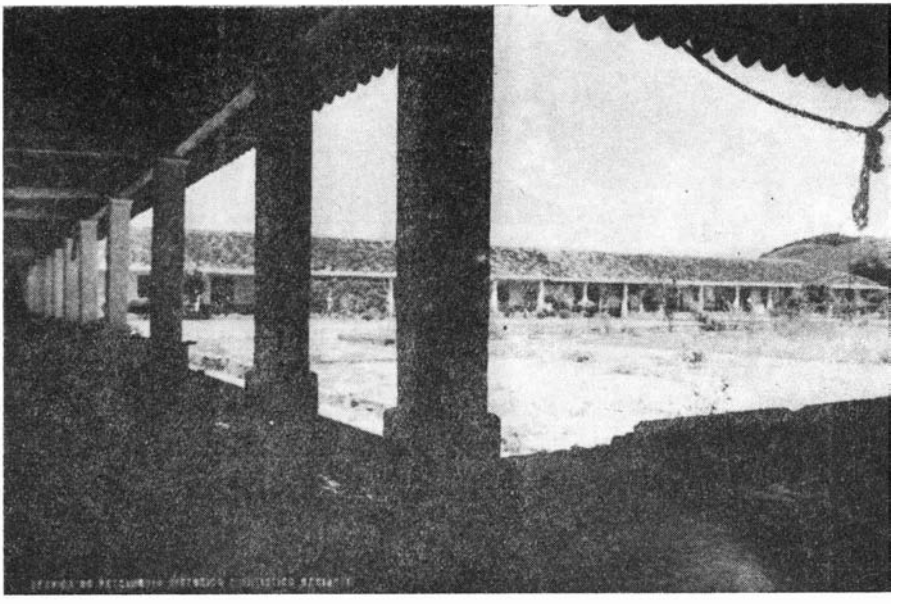


Fig. 185 — *O grande terreiro da fazenda Pocinhos, no municipio de Vassouras, circundado por colunas.*

(Da fototeca do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

Fig. 186 — O histórico engenho do Pau Grande, próximo à estaçéo dêste nome na Linha Auxiliar da E. F. Central do Brasil, um dos mais antigos nucleos de povoamento e de irradiacéo cultural na Serra, a margem do "Caminho Nôvo", de Minas Gerais.

(Da fototeca do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional)

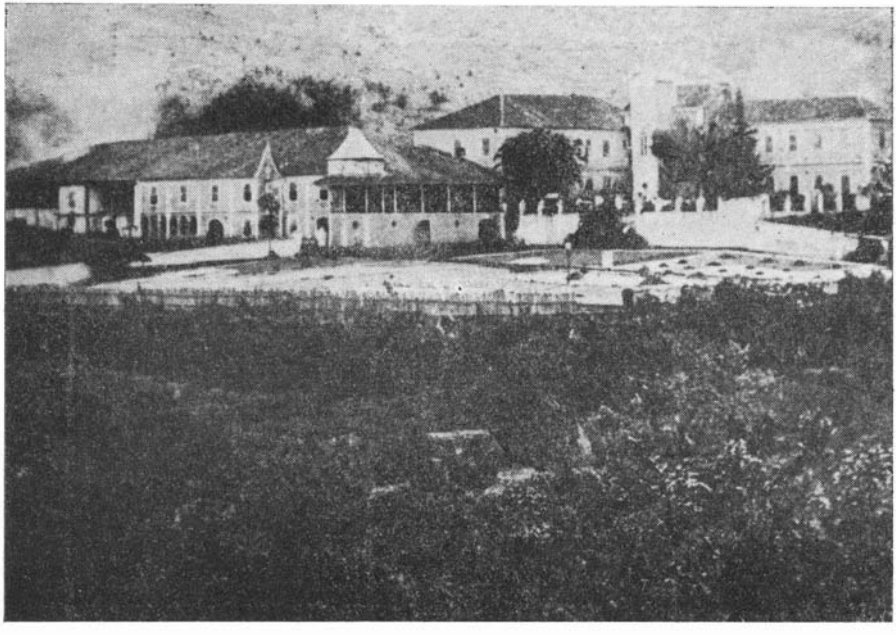


Fig. 187 — O grande solar da Serraria do baráo de PIABANHA, HILÁRIO *JOAQUIM DE ANDRADE, em Paraiba do Sul.*

(Da fototeca do Patrimônio *Histórico e Artístico Nacional)*

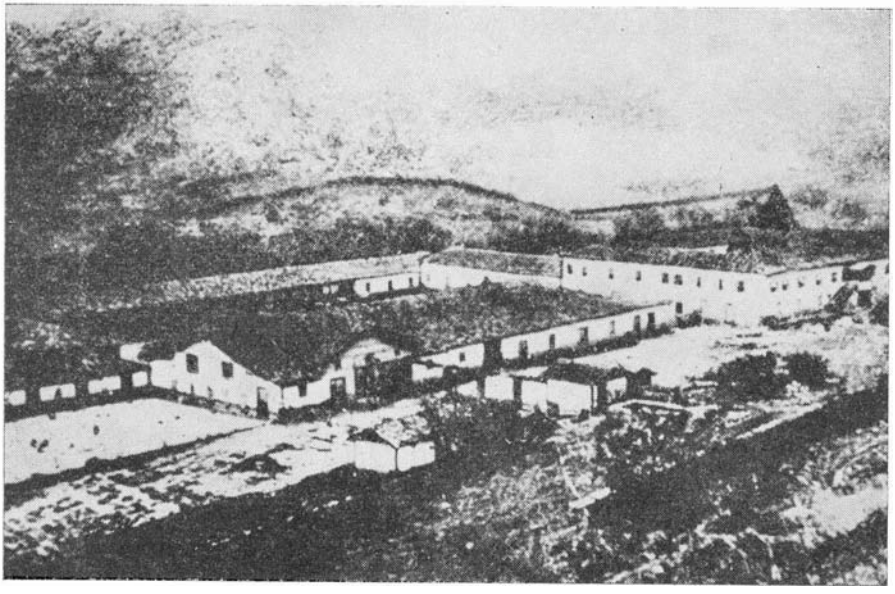


Fig. *188* — ***A fazenda do Arcozelo, em Pati de Alferes, segundo um desenho da dpoca.***
(Anuário do Museu Imperial, vol. VII, 1946)

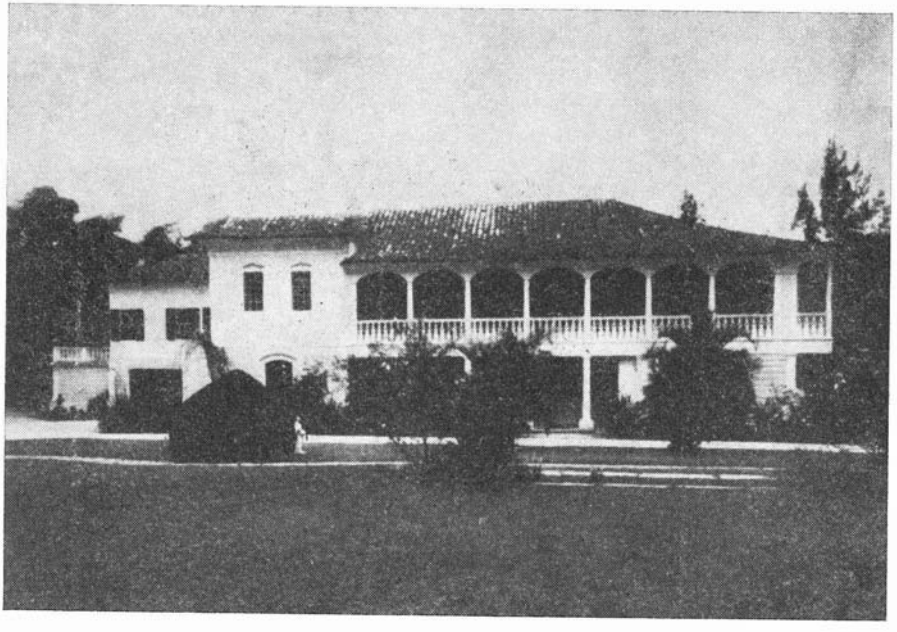


Fig. 189 — A casa da fazenda Santo Antônio, em Itaipava.
(Foto DER)

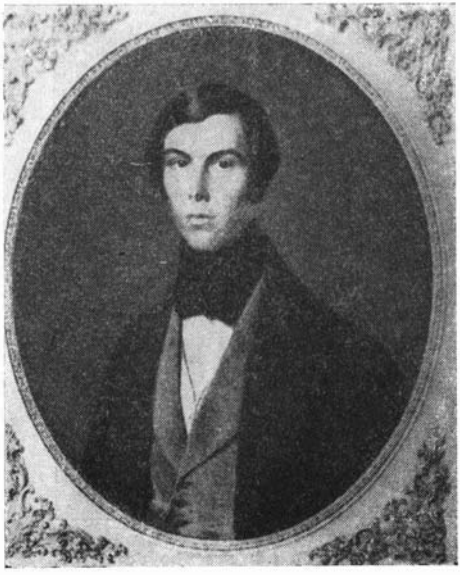


Fig. 190 — O *visconde de* **UBÁ** *com grandeza,* JOAQUIM RIBEIRO DE **AVELAR,** *filho do 1.º* ***barão*** *de* **CAPIVARI.**
(Quadro a óleo da fazenda do Pau Grande)

Fig. 191 — ELISA RIBEIRO DE **AVELAR,** *filha do visconde de* **UBÁ,** *casada com o Dr.* **SOUSA** *FONTES.*
(Quadro a óleo da fazenda do Pau Grande)

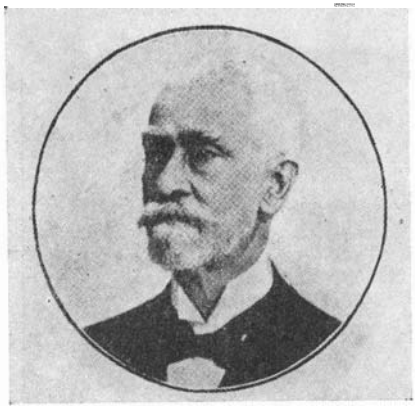


Fig. 192 — *Dr.* **ELIAS** DE MORAIS, *20 bardo* ***das*** **DUAS** BARRAS, *médico* ***humanitário*** *de saudosa memdria em Cantagalo.*
(Do Album do ***Municipio*** *de Cantagalo, do Dr.* **JÚLIO POMPEU)**

Fig. 193 — O ***barão*** *de* CANTAGALO, **AUGUSTO** DE **SOUSA BRANDÃO,** *grande fazendeiro de café em* ***Santana,*** *chefe político liberal e generoso* ***auxiliador*** *da* ***pobreza.***
(Do Album do ***Municipio*** *de Cantagalo)*

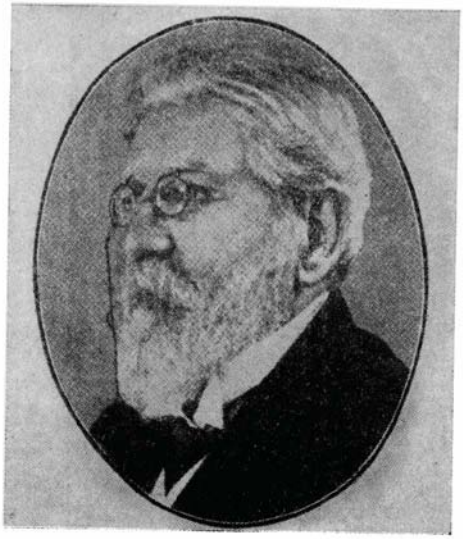


Fig. 194 — **JOSÉ** *CARLOS RODRIGUES, eminente publicista que por tantos anos dirigiu o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro.*
(Do Album do Município de Cantagalo)

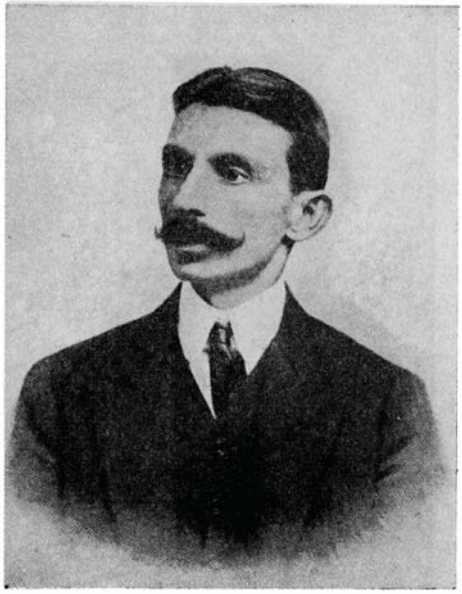


Fig. 195 — *EUCLIDES DA CUNHA o genial autor de* **Os Sertões** *que enobreceu a terra de Cantagalo na literatura brasileira.*

Fig. 196 — **A** *casa onde nasceu EUCLIDES* **DA CUNHA**, *na fazenda de Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo.*

(Do Album do Município de Cantagalo)

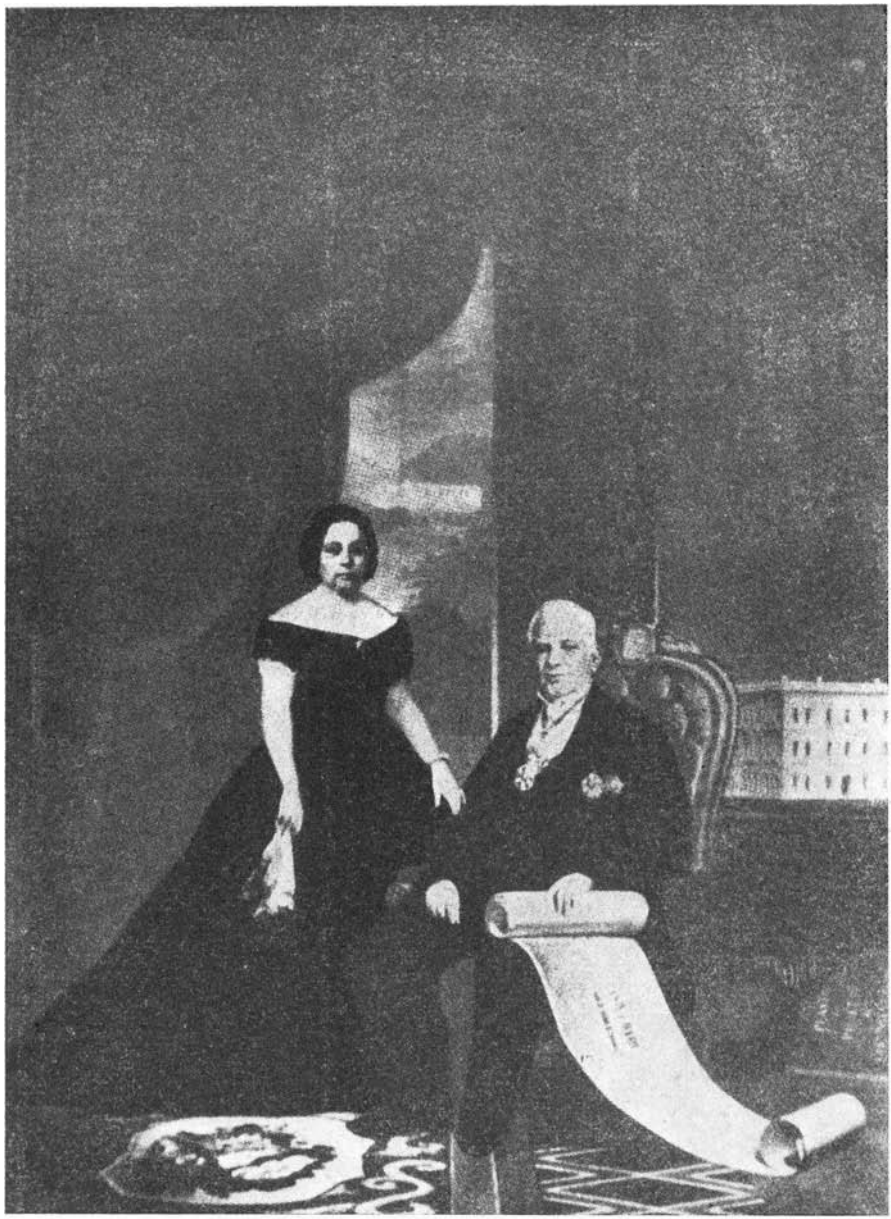


Fig. *197 — O 1.º barão de Nova* FRIBURGO, ANTONIO CLEMENTE PINTO, *o maior dos pioneiros desbravadores dos "Sertões de Leste", construtor dos palácios do Gavião e do Catete, — que se vê na tela —, planejador da Estrada de Ferro de Cantagalo. — cujo projeto segura —, e sua espôsa dona* LAURA CLEMENTINA DA SILVA PINTO.

(Tela do Instituto Histórico e Geográfico *Brasileiro, reprodução do livro de* WANDERLEY PINHO: *Salões e Damas do Segundo Reinado).*

Fig. *198 — Vista parcial da fachada do notável solar do Gaviüo, construido nas selvas de Cantagalo pelo 1.º barão de* NOVA FRIBURGO.

(Por gentileza do Patrimônio *Histórico e Artístico Nacional)*

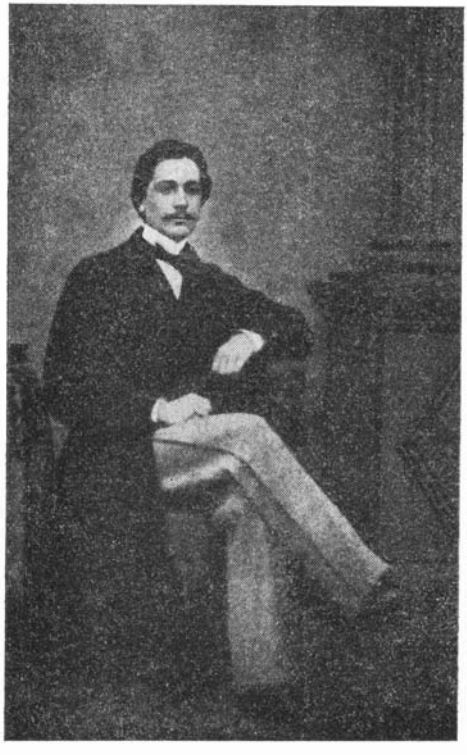


Fig. 199 — BERNARDO CLEMENTE PINTO, 2.º barão, visconde e conde de NOVA FRIBURGO, *construtor da Estrada de Ferro de Cantagalo, r pela sua cultura e benefícios prestados a terra fluminense, uma das mais elevadas mentalidades da nossa aristocracia imperial e da sua época.*

(Da coleção do Sr. BRÁS *DE NOVA* FRIBURGO)

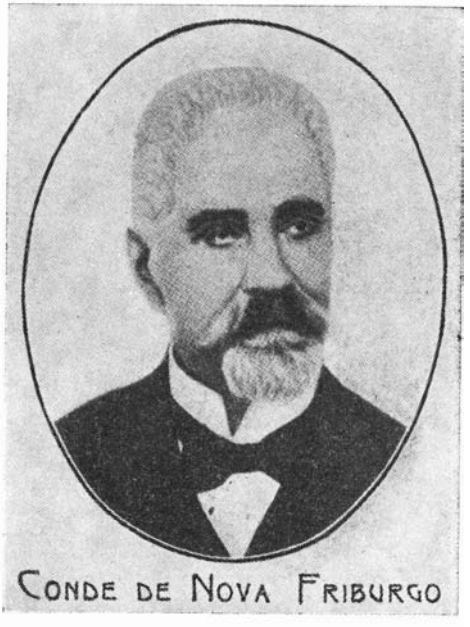


Fig. *200 — O conde de* NOVA FRIBURGO, *pouco antes do seu falecimento em 6 de agôsto de 1914 no Palácio do Gavião, em Cantagalo, ao fim de uma grande vida a serviço da coletividade.*

(Do Album do Municipio de Cantagalo).

Fig. **201** — *O conde de* **São Clemente.** *Em estreita colaboração com seu irmão, o conde de* **Nova Friburgo,** *foi o conde de São Clemente um digno continuador da grande obra cultural de seu pai, o 1.º barão de* **Nova Friburgo.** *Habitava no Rio de Janeiro o palácio do Catete que lhe coube por herança.*

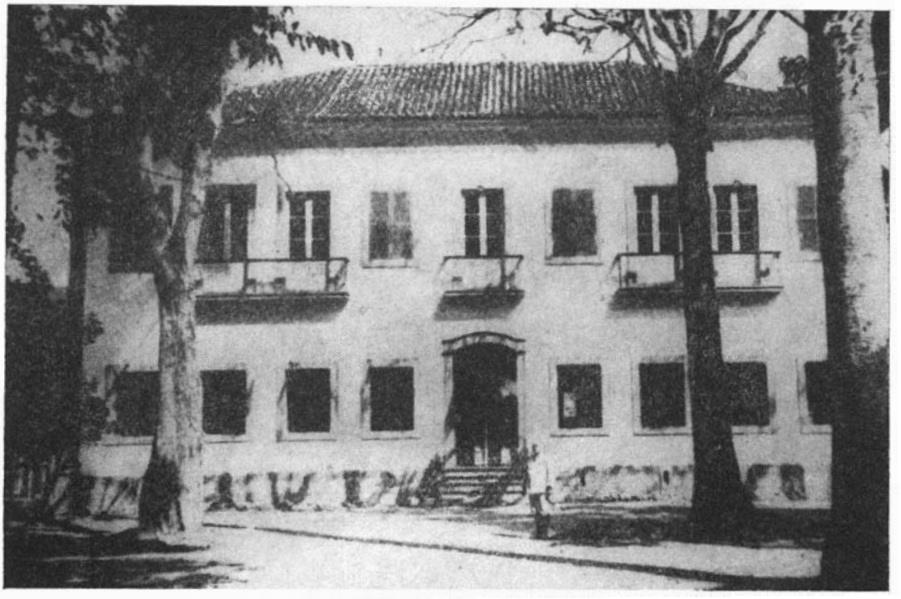
(Tela do solar de Areias, em Boa Sorte. Por gentilesa do Dr. Antonio de São Clemente)

Fig. 202 — *Dona Maria* **José Rodrigues Fernandes** *Chaves, condessa de São* **Clemente,** *filha dos barões de* **Quaraim.**

(Tela do solar de Areias, em **Boa** *Sorte. Por gentileza do Dr. Antonio de São* **Clemente)**

Figs. 203 *e* **204** — **O** *2.º barão de* **São** *Clemente, Antonio Clemente Pinto, filho* **dos** *condes do mesmo titulo, e a 2.ª baronesa, dona Georgina* **Darrigue** *Faro,* ***filha*** **dos** *barões do* **Rio** *Bonito, continuadores da grande obra cultural e civilizadora dos seus antepassados na Serra Fluminense.*

(Originais do Dr. **Antônio** *de São Clemente)*



Figs. 205 *e 206 — A fazenda de Areias, em Boa Sorte, um dos grandes focos de irradiação do café em Cantagalo. Fundada pelo 1.º barão de Nova* FRIBURGO, *passou por herança ao conde de* SÃO CLEMENTE, *ao 2.º barão de* SÃO CLEMENTE *e ao Dr.* ANTÔNIO DE SÃO CLEMENTE, *permanecendo através de quatro gerações em mãos da tradicional família.*

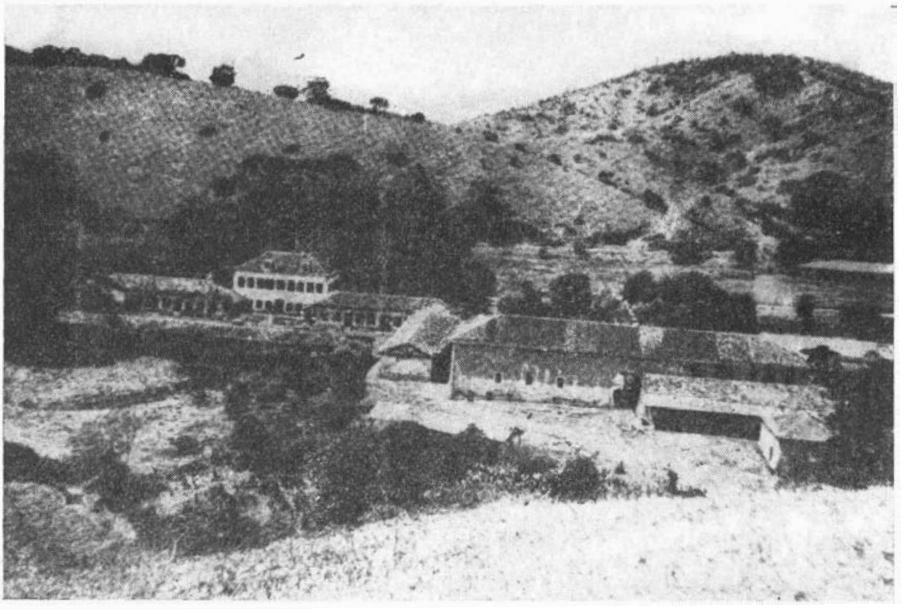


Fig. *207 — Esta secular e gigantesca* ***alfarrobeira*** *na fazenda de Areias é um monumento vegetal à* ***família*** *Clemente Pinto que nos deu os barões e os condes de* **Nova** *Friburgo e de* **São** *Clemente, incansáveis desbravadores de florestas, plantadores de cafèzais e construtores de palácios e de estradas de ferro, que implantaram na Serra a mais alta civilização brasileira da sua época. Vê-se na fotografia o Dr. Antonio de* **São** *Clemente, neto do conde e filho do 2.º baráo de mesmo nome.*

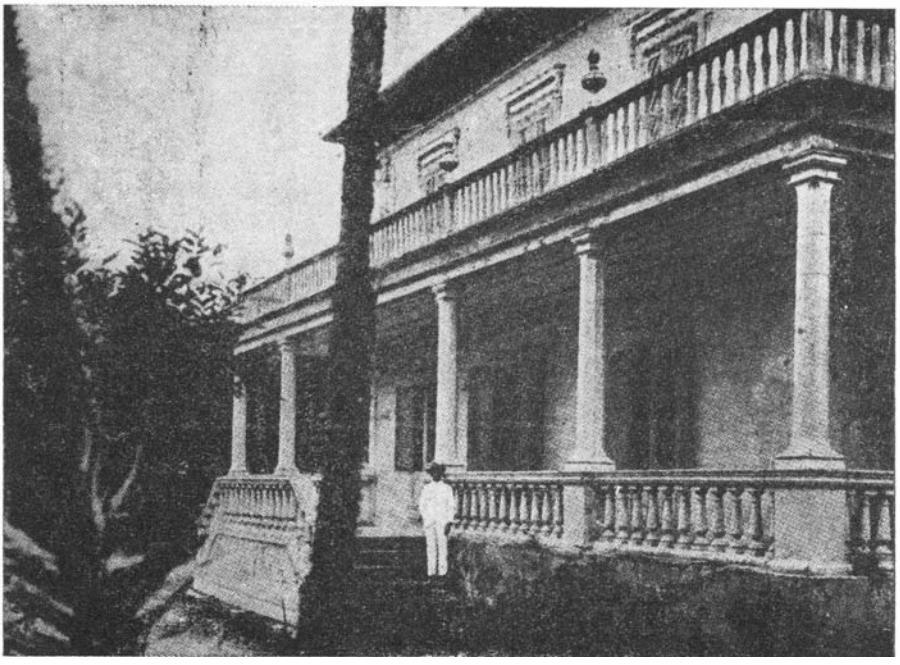


Fig. *208 — Além dos palácios do Gaviáo e do* **Catete** *e da Casa Grande de Nova* **Friburgo,** *nas numerosas fazendas da* **família CLEMENTE** PINTO *erguiam-se residências* **suntuosas** *e de bom* **gôsto,** *como a da fazenda São Clemente que aqui vemos.*

(Do Album do **Municipio** *de* **Cantagalo**)

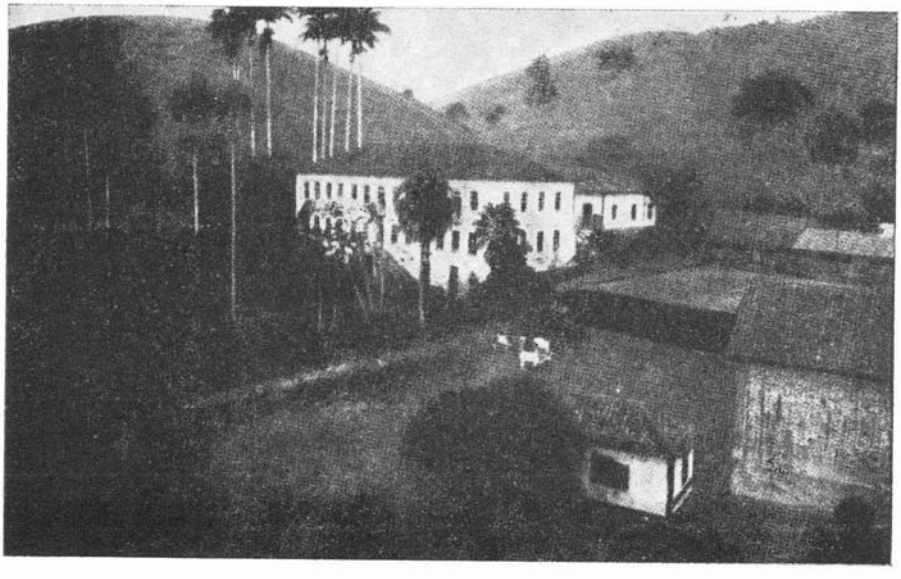


Fig *209 — A sede da fazenda Bom Sucesso, em Cantagalo,* **um** *grande sobrado patriarcal de três andares.*

(Do Album do **Municipio** *de* **Cantagalo**)

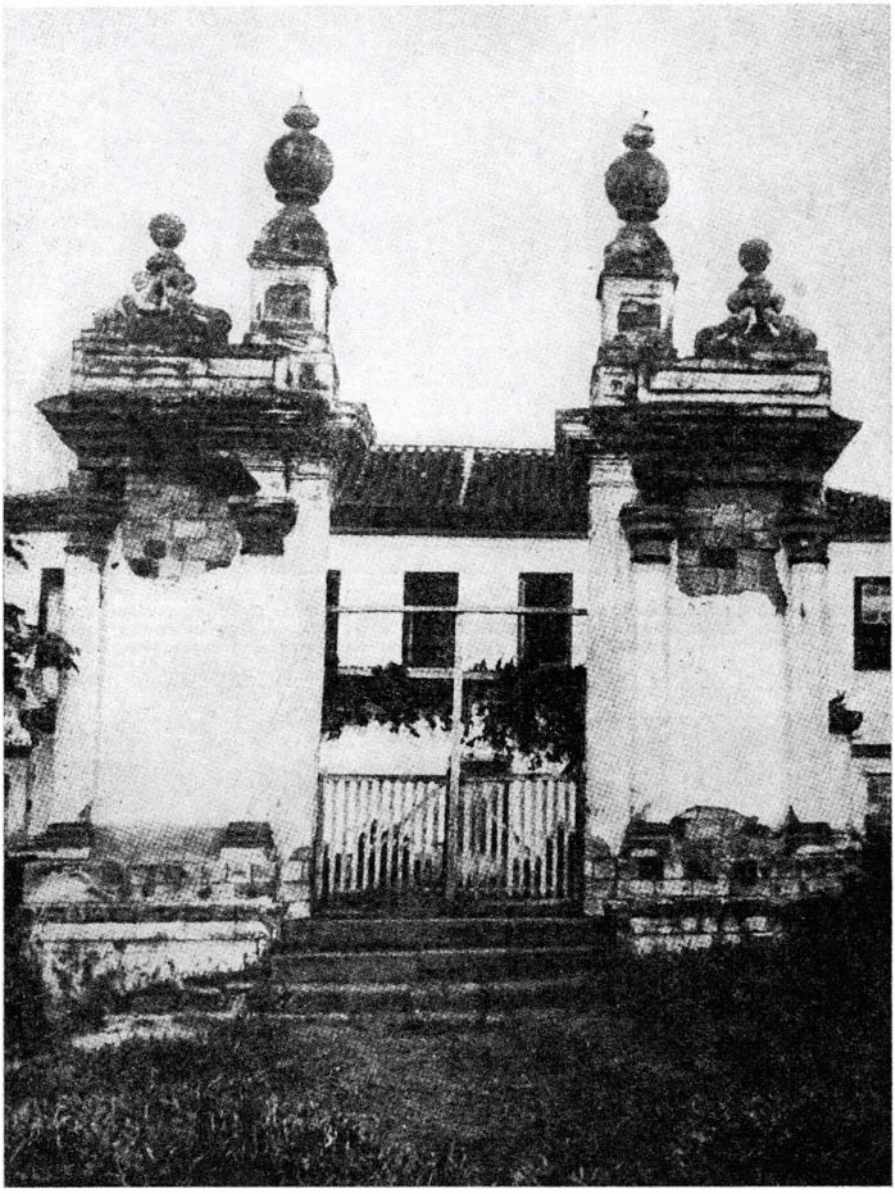


Fig. 210 — *Ruínas do portáo de entrada da fazenda de São José, em Ztaperuna, um dos grandes nucleos agricolas déste grande municipio cafeeiro no periodo imperial.*

(Por gentileza do prefeito AMADEU TINOCO*)*

Todos êsses expoentes da aristocracia fluminense do café mencionados até aqui, foram os de zonas diretamente ligadas-ao Rio de Janeiro. Mas do outro núcleo de irradiação cultural da província, o de Campos, também veremos projetar-se independentemente pelo Paraíba acima e pelo Muriaé, duas correntes imigratórias de maneira idêntica originadoras de uma vigorosa civilização cafeeira.

Mas a importância de Campos como centro açucareiro dominava por tal modo o norte fluminense que, não obstante as grandes lavouras de café desenvolvidas pelas margens dos dois rios, a sua fama era encoberta pelo esplendor da civilização dos senhores de engenho, nobilitados em elevado número.

Em O Homem *e* o *Brejo* dissemos que a zona açucareira de Campos dera cêrca de trinta titulares, além de grande soma de comendadores. Campos foi o maior núcleo provinciano da nobreza agrária do Brasil, merecendo quatro visitas do Imperador e uma dos príncipes imperiais.

Tôda essa fulgurância de brasões na planície litorânea de seculares sedimentações culturais, despercebia-se no quadro social da retaguarda montanhosa, aparentemente bárbara, mas já sob uma intensa cultura cafeeira dissimulada entre serranias e florestas.

Pelo Paraíba acima, já sobressaíam grandes fazendeiros de café. Tal era porém a fama dos solares de Campos e dos seus senhores de engenho, que os olhares imperiais sempre se detinham na planície quando em revista aos nomes a serem nobilitados no norte fluminense. Por isso, todos os titulares da zona cafeeira limitrofes são ligados a cultura da cana-de-açúcar. O barão de MURIAÉ, MANUEL PINTO NETO DA CRUZ, era um opulento senhor de engenho no baixo curso dêsse rio. Casou-se com D. RAQUEL FRANCISCA DE CASTRO NETO DA CRUZ, filha do 1.º barão de SANTA RITA, a qual seria depois a viscondesa de MURIAÉ, com grandeza.

O seu solar da "Baronesa" com a capela magnífica é um dos poucos monumentos históricos de Campos que resistiu aos usineiros demolidores.

Mais para montante, além de Outeiro onde abruptamente se eleva a serra da Onça, ficavam *os* fortes relevos próprios ao café.

Mas em todo êsse trecho do rio até Cardoso Moreira, as planícies Marginais, embora geralmente reduzidas, favoreciam a cultura da cana.

E dêste modo, o título de fazendeiro de café, por motivos geográficos e sob a influência de Campos, evanescia ante a cobiçada honra dos fazendeiros de também se tornarem senhores de engenho.

O Muriaé, pelo menos até Cardoso Moreira 'onde finaliza *o* curso navegável, era antes de tudo um rio de senhores de engenho. Casas grandes, como as de Santa Bárbara e de Santa Rosa, recor-

dam ainda, pelo tamanho, a opulência dêsses fazendeiros ligados às primeiras famílias de Campos, entre os quais havia um visconde de SANTA RITA, com grandeza, JOSÉ RIBEIRO DE CASTRO, dono de Sapucaia, — onde hoje existe importante usina de açúcar —, o qual revoluciona os métodos de trabalho mandando vir 50 famílias de imigrantes europeus; um visconde de ITABAPOANA, com grandeza, Luis ANTONIO DE SIQUEIRA, senhor de Outeiro, também, atualmente sede de outra grande usina, e o barão da LAGOA DOURADA, JOSÉ MARTINS PINHEIRO, proprietário de São José e um dos mais ricos titulares campistas. [467]

Vários comendadores eram fazendeiros no Muriaé, onde os SATURNINO BRAGA, OS PAULA VIANA, OS CARDOSO MOREIRA e os FERREIRA MARTINS elevaram, com o seu trabalho nas lavouras, o nível econômico e cultural das margens dêsse rio.

As casas de São Pedro e de São Domingos são ainda sólidos monumentos dessa época. A última sobretudo pertencente aos RIBEIRO DOS SANTOS, num declive a margem direita do Muriaé, lembra pela robustez do edifício acolhedor, as velhas residências campestres portuguêsas. Houve, nesta fazenda, grande plantação de chá, cujo produto foi premiado numa exposição européia.

A mesma avassaladora influência da cultura canavieira campista iremos encontrar no setor do Paraíba em São Fidélis, não obstante as grandes lavouras de café disseminadas pelas margens dêste rio e do Pomba até os limites de Minas, e de plantio sobremaneira intensificado em Ponte Nova, Pádua e Monte Verde.

O barão de AZEREDO COUTINHO, SEBASTIÃO DA CUNHA AZEREDO COUTINHO, foi o único entre os titulares desta zona que nasceu em São Fidélis, e assim mesmo na fazenda da Penha, nos limites de Campos. [468]

O barão de SÃO FIDÉLIS, ANTÔNIO JOAQUIM DA SILVA PINTO, era campista e senhor de engenho na planície, sem interêsses na terra fidelense. Campista foi o barão de MIRACEMA, o Dr. LOURENÇO MARIA DE ALMEIDA BATISTA, môço fidalgo da Casa Imperial, médico, cirurgião e prestigioso chefe político, em cujo partido cresceria NILO PEÇANHA, e, ainda nascido em Campos era o barão de VILA FLOR, a maior figura de São Fidélis e um dos maiores benfeitores da cidade após os capuchinhos fundadores.

Com grandes quantias contribui êle para a "construção da cadeia, da casa da Câmara, da igreja de N. S. do Rosário, com os flagelados de cólera e febres e com a criação do Hospital de Nossa Senhora das Dores. [469] Nas três visitas feitas pelo Imperador a São Fidélis, é êle que o recebe e hospeda em seu palacete, o mesmo fazendo com os príncipes imperiais. Como tantos outros fazendeiros

---

[467] LAMEGO, Alberto: A *Terra Goitacá*, vol. VI, caps. IV e V
[468] Idem, vol. V, pág. 485.
[469] Idem, vol. V, págs. 167-168.

fluminenses, até **1886** já havia libertado todos os seus escravos, e êle próprio, então presidente da Câmara Municipal, é quem felicita a princesa ISABEL, pelo ato da Abolição.

Como prolongamento para oeste desta zona do norte fluminense onde vemos um íntimo entrelaçamento entre as culturas da cana e do café, no município de Macaé abrangendo parcialmente a serra do Mar, desenvolvem-se também grandes cafèzais pertencentes a ricos titulares. A fazenda da Pimenta do barão de DUAS BARRAS, a de Monte Alegre, do conde de LAJES, ALEXANDRE VIEIRA DE CARVALHO, a Atalaia do visconde de MAUÁ, IRINEU EVANGELISTA DE SOUSA, cujas ruínas do engenho de açúcar ainda existem, bem como as propriedades da Madressilva, Saudade, Coroa e Bertioga do titular português, barão da PÓVOA DE VARZIM, MANUEL FERNANDES DA SILVA CAMPOS, "tôdas situadas na freguesia de Nossa Senhora das Neves de Macaé eram importantes e luxuosas".[470] O conde de LAJES e o visconde de MAUÁ eram grandes do Império.

Nesta breve revista dos principais troncos familiares do café na Serra Fluminense e de alguns traços mais incisivos que focalizam o seu espírito, notamos que o mais característico entre os qualificativos dessa aristocracia dos cafèzais era o seu aferrado apêgo a vida campestre, a ufania das suas fazendas, dos seus solares rurais onde viviam quase todos, o orgulho do titulo de fazendeiros de café.

Bem seguro testemunho dêsse apêgo a vida agrícola é o fato de grande número vir a falecer nas próprias fazendas, não as abandonando mesmo nas graves moléstias que os iriam vitimar, ou quando muito consentindo em acabar os dias em suas pequenas cidades provincianas.

Tivemos assim entre muitos, o comendador JOAQUIM BREVES, apegado sempre as ruínas da sua opulência e morrendo na Grama.

Em Barra Mansa, o barão de GUAPI. Em Vargem Alegre, o 1.º barão dêste nome. Em Santana de Vassouras, o marquês de São João MARCOS. Em Marquês de Valença, o barão de JUPARANÃ, o 1.º barão de PORTO DAS FLORES, o visconde do RIO PRÊTO, o 2.0 barão de RIO PRÊTO. Em suas fazendas de Pati do Alferes, o barão de PATI, o barão de GUARIBU, o **1.0** barão de TINGUÁ. Em Paraíba do Sul, o barão do PIABANHA; em Vassouras, os barões de ITAMBÉ, de VASSOURAS e do RIBEIRÃO; em Pedro do Rio, o barão de BEMPOSTA. Na casa grande de Nova Friburgo, o conde de SÃO CLEMENTE; no solar do Gavião, o conde de NOVA FRIBURGO; em Cantagalo, o barão de CANTAGALO, o barão do CARMO, o barão das DUAS BARRAS... Na vida e na morte eram homens do campo, fazendeiros de café, aristocratas agrários até a medula.

A sua atenção para a preciosa planta que os enriquece e domina-lhes a vida inteira. O café absorve tôda a sua mentalidade.

---

[470] D'ARAÚJO GUIMARÃES: obr. cit., pág. 235.

É êle o símbolo nobilitante de tôdas as suas existências e de tôda a sua época. É como fazendeiros de café que procuram ilustrar-se para bem parecer aos olhos da Côrte e merecer as atenções do monarca.

Não somam os grandes lucros das suas safras para apenas acumularem riquezas, mas para com elas subirem ao próprio refinamento e ao das suas famílias. Todo o prestígio que adquirem e todo o respeito que lhes votam os contemporâneos, provêm do pequeno grão que ergue a um alto nível cultural a terra fluminense pela sua mão.

Converte-se dêsse modo o café no emblema heráldico de uma civilização de lavradores que dêle tanto se desvanecem como dos seus títulos nobiliárquicos. E não é necessário esperar que a fama **da** Serra se difunda com o enobrecimento dos grandes senhores de cafèzais. Desde que se desenvolvam as plantações, tomam a si êsses agricultores a representação simbólica do café como expositora de um trabalho rural que os afidalga.

Quatorze anos apenas tem Vassouras nascida num êrmo, quando já merece uma vista imperial. Ao ir ali Dom PEDRO II em 1847, no baile que em sua casa lhe oferece LAUREANO CORREIA E CASTRO, futuro barão de CAMPO BELO, mais de sessenta senhoras se apresentam ostentando no traje as côres nacionais e no cabelo um ramo de café. [471] Vassouras, ainda em seus começos, manifesta, por sua nata feminina, o orgulho **de** uma civilização rural, que lhe daria magnífico destino. Ufana-se da planta que a enobrece.

De um adôrno temporário, passaria, porém, o café, a permanentes emblemas heráldicos. Não poucos seriam os titulares que o iriam, pela primeira vez colocar nos brasões.

Gabavam-se os barões de SANTA **JUSTA** de exibirem em seu escudo um "leão de sinople rompante, armado de goles, tendo na garra destra um *ramo de cafeeiro ao natural...*"[472]

No brasão do barão de **AVELAR** E ALMEIDA expunha-se "em campo de ouro, uma banda de goles, carregada de três estrêlas de prata de cinco raios, entre *um cafeeiro da sua côr e frutos de goles* acompanhado em chefe de duas estrêlas em vermelho e uma bordadeira anil, carregada de oito besantes de ouro". [473]

Ao emigrar para São Paulo, leva consigo o café os mesmos atributos heráldicos. A baronesa de BELA VISTA, de Bananal, tinha em seu escudo "um *cafeeiro ao natural* em campo de ouro". [474] E o barão de SILVEIRAS ostentava como brasão "em campo de prata, uma banda azul carregada de cinco besantes de ouro, entre um

---

[471] RAPÔSO, **Inácio:** *História de Vassouras.* **Vassouras,** *1935,* pág. 73.
[472] MOYA, **Salvador de:** *An. Gen. Bras.*, **ano II,** pág. 60.
[473] **Idem, ano V, pág.** 54.
[474] **WANDERLEY PINHO:** *obr.* **cit., pag.** *224.*

caduceu de goles, a sinistra, e de um ramo de cafeeiro, de sinople, com frutos de gole a destra". [475]

Em outros brasões de armas faz o fidalgo questão de patentear simbòlicamente as suas atividades como lavrador.

Assim adotara o barão de PATI DO ALFERES como emblema um cafeeiro entrelaçado a uma cana-de-açúcar. [476] O visconde de PARAÍBA apresentava em seu escudo "*um* cafeeiro e uma cana-de-açúcar ao natural, postos em aspa no escudete ao centro". [477] Êste mesmo escudete aparecia no brasão de armas do seu irmão, o barão de São Luís.

Na zona norte fluminense, onde como vimos, passa o café a segundo plano ante a supremacia da civilização açucareira de Campos, já outra mentalidade se forma, dominada pelos senhores de engenho.

Sendo campista e fazendeiro de cana-de-açúcar na planície, não é pois de admirar que o barão de São FIDELIS sòmente exiba esta planta em seu escudo. [478] Mas a predominância dessa mentalidade é mesmo visível no barão de VILA FLOR, residente em São Fidélis, em pleno centro cafeeiro e com a cidade permanentemente agitada com o comércio de café. Era o seu escudo aquartelado "No 1.º e 4.º em campo de prata duas canas-de-açúcar postas em aspa, tendo em chefe: uma flor de cana-de-açúcar e em ponta, uma abelha de sua côr; no 2.0 e no 3.0, em campo azul uma asna de ouro carregada de três estrêlas de gole, entre três besantes de prata". [479]

Era êsse o espírito da província a se manifestar mesmo entre os expoentes da sua aristocracia. Era essa a mentalidade fluminense, então exclusivamente agrária e que poderíamos sintetizar na ufania com que o 2.0 barão do TINGUÁ, FRANCISCO PINTO DUARTE, desprezando estrêlas e caduceus, quinas e castelos, esferas armilares e cunhas de goles, unicórnios e leões rompantes, vieiras de ouro e cruzes floridas, arnas, besantes, águias, flôres de liz, tôda a série enfim de milenares e clássicos motivos heráldicos, brasonava-se com rústicos e plebeus instrumentos da lavoura. Era o seu escudo "partido em contrabanda: na primeira, em campo vermelho, um arado, uma *foice,* uma enxada, um ancinho, uma pá e uma espiga de trigo. Na segunda uma paisagem, vendo-se no primeiro

---

[475] *Arc. Geneal. Bras.,* ano III, pág. 446.

[476] Idem, ano I, pág. 204.

[477] Idem, ano II, pág. 53.

[478] O escudo de barão de São FIDÉLIS era: "Esquartelado no 1.0 quartel em campo de goles, cinco crescentes de ouro postos em aspa; no 2.0, de goles, duas canas *de açúcar* de ouro postas em santor; no 3.º, de prata, um leão rompante de goles armado de azul; no 4.º, faixado de seis peças de ouro azul. Timbre: um leáo de prata, com um crescente de lua na espádua esquerda". (Anuário Genealógico *Brasileiro.* vol. III, pag. 360).

[479] Idem, vol. III, pág. 540.

plano um campo da sua côr, e, ao fundo, sob um céu azul, um grupo de montanhas". [480]

Apenas utensílios de trabalho agrícola sôbre um cenário típico da Baixada Fluminense com os seus trezentos anos de civilização rural. É que tôda essa nobreza viera das derrubadas, das coivaras e queimadas precursoras dos milharais, das plantações de cana, dos pastos e dos milhões de pés de café, um a um pacientemente plantados e cuidados sôbre as intermináveis ondulações da Serra. [481]

Em quase todo êsse escol de titulares robustamente selecionados pelo meio rural, circulava o mesmo sangue vermelho e vivificante da massa de imigrantes ou da sua descendência aclimatada.

Conquanto vários dêsses fazendeiros titulados se filiassem a nobres linhagens portuguêsas, êsses mesmos só vieram a readquirir uma atlética revigoração dos atributos primordiais pelo mergulho e o exercício entre as mourejantes massas populares.

Era esta a essência peculiar a sua capacidade para o formidável trabalho que executaram. Êste o singular mistério de súbitas e espetaculares aparições de nomes até então inexpressivos e dispersos no anonimato das multidões.

É que todos êsses homens se fizeram por uma labuta persistente e árdua. Foi transpondo serras, vadeando pântanos, entranhando-se em florestas, galgando troncos abatidos no labirinto das derrubadas, torrando-se nas soalheiras e encharcando-se nos aguaceiros, plantando pés de café, persistentemente. orientando e fiscalizando plantios, limpas e colheitas que, ampliaram as suas inatas qualidades de organização e de comando.

Foi inteligentemente assimilando as primícias do século do renascimento científico e da expansividade cultural que, renovando a sua penetrante e prática mentalidade e sublimando-a para

---

[480] Idem, vol. III, pág. 48.

[481] Muitos foram os titulares que, honrando a sua origem pelo trabalho, por todo o Brasil, orgulhosamente a expunham em seus brasões. Do *Anuário Genealógico* Brasileiro compilamos os seguintes, além dos mencionados: "visconde de BARRA MANSA, tinha "numa brica de prata um ramo de cafeeiro"; o conde de BOA VISTA, "uma cana de açúcar e um cafeeiro ao natural postos em santor"; o baráo do CASTELO, "dois ramos, um de tabaco a destra e outro de cafeeiro à sinistra"; o barão .de GOIANA, "uma cana de açúcar e um ramo de cafeeiro ao natural postos em santor"; o barão de GUARIBU, o mesmo escudete da família com o café e a cana entrelaçados; o baráo de JAPARATUBA, "Um índio ao natural, tendo na mão direita um ramo de cafeeiro e na esquerda seu arco e flecha"; o barão de LORENA, "um ramo de cafeeiro de ouro com frutos de goles"; o baráo de ALMEIDA RAMOS, "um caduceu sanguíneo e serpes de ouro entre dois ramos de cafeeiro de sua côr e à destra um leão rompante"; o barão de MARANGUAPE, "três flôres de cana-de-açúcar"; o baráo de JACUÍPE, "cinco flôres de cana de açúcar de ouro, abertas e postas em aspa"; o barão de ITAQUATIÁ, "instrumentos agrários e uma paisagem com gado"; o barão de MURIAÉ, como *tenants*, "dois índios ornados de penas coloridas, tendo na mão um ramo de cana e de café"; o barão de SANTA CLARA, "três canas de açúcar de sua côr, postas em aspa e uma no meio em pala"; o do barão de SÃO JOÃO DA BARRA, "uma destra ao natural, tendo uma cana de açúcar de sinople, posta em pala"; o visconde de SÊRRO FORMOSO, num' dos quartéis, "uma cercadura de fôlhas de cafeeiro"; o barão de VILA DO CONDE, duas canas de açúcar postas em aspa"; o barão de VILA MARIA, "em campo de prata um índio ao natural cortando a cana de açúcar com um podão de azul em um canavial verde"; o barão de SÃO TOMÉ, "três canas de açúcar de sinople em pala"; o visconde de MAUÁ, "uma locomotiva, um navio de vapor e quatro lampeões de gás". lembrando as suas grandes iniciativas industriais.

um nível superior de vida, após abater e destruir a vitalidade bárbara do ambiente da floresta, rude e tenaz como nenhum outro substituíram-no pela mais alta civilização possível em sua época dinâmicamente evolutiva e por isso mesmo transitória.

Por isso é que hoje avultam como gigantes. Graças a êles e com o seu exemplo é que poderemos prosseguir, sobrepondo a sedimentação cultural que nos legaram uma vasta socialização dos recursos da terra por êles desbravada com o café.

É assim que o sterão de ver todos aquêles que, honesta e imparcialmente, retornam aos velhos tempos dos "barões do café".

Com êles é que deu o Brasil os seus primeiros passos independentes, "foi dessa maneira que brotou o esplendor fluminense, que nasceu a hegemonia da Província do Rio de Janeiro sôbre as demais Províncias do Império". E "a repercussão que teve o esplendor rural fluminense na vida brasileira foi indiscutível. A fazenda foi eficiente modeladora das personalidades que contribuíram para o progresso nacional. No trabalho árduo do cultivo do solo, na luta que os primeiros desbravadores mantiveram com a floresta virgem, no trabalho incessante com a administração das fazendas, os homens adquiriram uma tenacidade e uma altanaria invulgar".

"Não se curvavam os homens formados no ambiente patriarcal de uma fazenda ou de um engenho de açúcar". [482]

"Foram êles, — no dizer de outro escritor —, os melhores fatores da nossa formação coletiva, e, descobri-los, equivale a descobrir o melhor Brasil, revelando o Brasil aos brasileiros.

Estudá-los, com uma aguda visão retrospectiva, é sentir as fôrças vivas da civilização passada tão bem quanto as da civilização presente.

Havia uma incontestável dignidade nessa aristocracia rústica.

Mesmo quando reviviam, em suas fazendas, as pompas da Europa, mostravam amar, de um amor enternecido, a humilde vida campestre que os rodeava. Justas, torneios, cavalhadas a moda medieval, alfaias e brocados, damascos e sêdas, não os levaram a desprezar as ásperas doçuras dêste caricioso ambiente selvagem. As casas solarengas, as quintas de portões brasonados, as florestas genealógicas que se ramificavam por aqui, não impediam que as velhas damas fidalgas tivessem os seus impulsos de ternura confortadora para com os humildes servos da gleba, Certo gôsto pelos estudos clássicos e pelas belas artes temperava-os no cuidado pelo viço das lavouras tropicais. Todos se nutriam de boa seiva doméstica e, raros se deixavam enlear pelos tentáculos da cidade absorvente. Epicuristas batizados, eram cristãos em con-

[482] D'Araújo Guimarães: obr. cit., pág. 213.

tacto com os pagãos da selva... ajudado por homens assim o Império foi a riqueza, a paz, a legalidade". [483]

OLIVEIRA VIANA robustece estas palavras ao nos mostrar que "essa aristocracia rural é que fornece todos os elementos dirigentes no período imperial. Os cargos de administração local, nos municípios e nas Províncias, são preenchidos por ela.

Dela saem a nobreza do Império e os chefes políticos que fixam e arregimentam nos municípios e nas Províncias, os elementos eleitorais e partidários locais. Dela a juventude que aflui para as academias superiores do norte e do sul, em Recife, em São Paulo, no Rio, e daí para o campo das profissões liberais e para as altas esferas da vida parlamentar e política do país". [484]

Foi com o trabalho e a inteligência dessa aristocracia rural que o Brasil, pela primeira vez, e com a sua própria gente, politicamente se organizou... e preparou a República.

Novas e complexas atividades atualmente se desdobram pela terra fluminense. Apossam-se as indústrias da Serra, mecanizam-se os processos da lavoura, seleciona-se a pecuária, melhoram e aceleram-se os transportes. Novas pasagens humanas por toda parte oferecem-se aos olhares do geógrafo, do ecologista, do economista e do sociólogo. Esvaiu-se aparentemente tôda a civilização imperial do século dos barões.

Mas a incapacidade para compreender a existência dos alicerces na base dos monumentos é privilégio exclusivo de ignorantes ou de fanáticos. Porque os velhos troncos da aristocracia rural enraizados na História e harmônicamente representativos da sua época, avultam sôbre a sua velha gleba, numa subjetiva simbolização dos colossos vegetais que derrubaram. E imperturbàvelmente afrontam o julgamento da posteridade, porque dêles foi o primeiro embate contra o meio brutalmente hostil.

Por meio dêles é que sobe a primeira seiva dirigida e a terra se cobre em festa com as imensas florações de café, numa encorajadora persuasão de que a vontade humana vence todos os ambientes, por mais inóspitos e bárbaros, por mais impenetráveis e desanimadores, desde que nêles siga as diretrizes possibilitadas pela natureza.

Vence o pântano e a montanha. Vence o deserto e a floresta. Vence a hostilidade climática, o desafio dos matagais tremendamente sólidos e beligerantemente unidos contra os assaltos do aniquilador. Vence a estratégia imponderável da bactéria e do micróbio, entrincheirados no invisível.

Ó Homem é o soberano senhor da Terra, na Era geológica preparada pelos bilênios para a sua vinda. E por isso, em sua pró-

---

[483] *GRIECO, Agripino: O maior dos Breves, art.* cit.

[484] *OLIVEIRA VIANA: Evolução do Povo Brasileiro, pág. 90.*

pria evolução devasta-a para a dominar, para dela colhêr o que lhe é útil, passando-a a seguir mais dócil a exploração dos sucessores.

Foi o que fêz o conquistador da selva e da montanha fluminense. Pelos únicos meios permissíveis em sua época de um Brasil paupérrimo de habitantes, com a energia muscular do escravo arrastou de cima dela o manto da floresta. Dividiu-a, e, devotando-lhe a existência, organizou-a, povoando-a.

Matematicamente realizou o seu destino, oculto as gerações antecessoras, impotentes e interrogativas ante a formidável massa bruta da cordilheira enflorestada.

Porque a solução do problema da conquista da Serra, estava encerrada no minúsculo grão em misteriosas terras de além-mâr.

Por caminhos diversos e em punhados avaros iniciais, foi êle se espalhando pela hospitaleira terra que o acolhia, atrativamente a lhe oferecer as colinosas seduções do corpo virgem.

Possuiu-a tôda, fecundando-lhe uma vida nova. Emancipou-a do pesadelo da barbárie, insuflando-lhe aspirações idealisticas.

Áspero e penoso foi o domínio dessa gleba. Mas foi o que realizaram com a sua formidável potência criadora os fazendeiros serranos do Império, justamente nobilitados pelo monarca. Era um prêmio ao seu trabalho infatigável e uma promessa bela a quantos engrandecessem a economia brasileira.

Quando ainda em 1818 o primeiro Imperador eleva um dos pioneiros do desbravamento da Serra a barão de São João MARCOS, não poucos foram os que tentaram ridicularizar a criação de uma nobreza agrária. Um ilustre viajante inglês, WALSH, defende-a porém com a luminosa razão da sua raça de claros e práticos pensadores: "No estado presente dêste pais é o lavrador o promotor de seus mais úteis interêsses. Aquêle que faz nascer do solo uma utilidade que ali jamais existira, merece que o seu govêrno lhe confira grandes honras e distinções. Não só *o* merece como tem direito de exigir tal preito pelo que fêz, como pelo que obra, como exemplo, para os seus compatriotas".[485]

A nobilitação dos lavradores brasileiros foi uma das mais destras e fecundas realizações do sapiente e honesto segundo Imperador, que, dêste modo, organizava concretamente a nação. Dom PEDRO II ampliava a libertadora obra do pai, consolidando o trono e realçando a Coroa com a fulgurância da civilização criada pelos seus titulares fazendeiros, sobretudo pelos "barões do café" da terra fluminense, multiplicados pelo vale do Paraíba.

Porque dêles é que provinha a robustez econômica e financeira do Império. Quando as cifras da produção paulista e mi-

[485] Cf. AFONSO DE TAUNAY: *Velhas Casas Grandes*, "Jornal *do* Comercio", 25-3-1945.

neira eram diminutas ainda,[486] foram aquêles dinâmicos senhores rurais da velha Província que, empunhando um galho de cafeeiro, como símbolo do Brasil, orgulhosamente o foram colocar na bandeira imperial.

---

[486] O seguinte quadro mostra a potência econômica da Província do Rio de Janeiro nos meados do século XIX, quando a riqueza do Brasil se fundava na produção dos cafèzais da Serra:

Produção *de* caft? exportado pelo Brasil *em 1852*

Províncias	Produção *em arrôbas*	Porcentagem
Rio de Janeiro	7 193 000	77,120%
São Paulo	1 289 375	13,825%
Minas Gerais	714 002	7,655%
Espírito Santo	108 088	1,159%
Bahia	18 829	0,202%
Município da Côrte	3 617	0,039%
	9 326 911	100,000%

("Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província do Rio de Janeiro, o Conselheiro Luis ANTÔNIO BARBOSA, pelo Vice-Presidente o Comendador JOÃO PEREIRA DARRIGUE FARO em 1853").

Em 1860 a produção fluminense foi de 8 746361 arrôbas, ou 81,57% da produção brasileira. (TAUNAY: *Hist.* do Caft? no Brasil, vol. VI, pág. 316).

No gráfico anexo em que tentamos apresentar a evolução da cultura cafeeira nus principais Estados produtores, foram os seguintes os dados utilizados:

Nas curvas da produção até 1839, os de PAULO PÔRTO ALEGRE, (*Monografia* do *café*, Lisboa, 1879, págs. 486-488). De 1839 a 1851 os do relatório ao vice-presidente da Província do Rio de Janeiro, comendador DARRIGUE FARO. De 1851 a 1872, os do relatório do Dr. JOSÉ JOAQUIM VIEIRA SOUTO, diretor do Tesouro Fluminense referentes à exportação pela Guanabara. (cf. AFONSO DE TAUNAY: História do Café no Brasil, vol. III, pág. 62), aos quais, para a curva da Província de São Paulo, adicionamos os da exportação pelo pôrto de Santos (Luís AMARAL: História *Geral* da Agricultura no Brasil, vol. III, págs. 230-231), convertendo-os para sacos de 4 arrôbas. De 1872 a 1892, os do relatório apresentado a Secretaria de Finanças do Estado do Rio em 1893, pelo seu diretor AUGUSTO DE MORAIS DA MESQUITA PIMENTEL, sendo porém rejeitadas as cifras referentes a São Paulo, por omitirem a exportação por Santos, substituidas por outras colhidas na obra de TAUNAY e em outros setores fidedignos, que também forneceram elementos para os primeiros anos da República.

Para a exportação fluminense de 1889 a 1926, utilizamos as cifras do Instituto de Fomento e Economia Agrícola do Estado do Rio de Janeiro, (SÍLVIO FERREIRA RANGEL: O café no Estado do Rio. "O Jornal" ed. com. do bicent. do café, 15-10-1927, 2.ª secção).

Para a capixaba, de 1903 a 1926, os dados de A. DE LIMA CAMPOS, (*A influência* do *café* no Espírito Santo. "O Jornal", ed. cit. 12.ª secção); e para a Bahia os de M. MESSIAS DE LACERDA, (O *café* na Bahia, "O Jornal", ed. cit. 12.ª secção), referentes ao período de 1897 a 1926, acrescentando duas cifras de TAUNAY para 1927 e 1930, quando na produção nesse Estado toma notável desenvolvimento.

Para Minas Gerais, na República, calculamos a produção do valor total da exportação e do preço por arrôba anuais, conforme a estatística de "O Jornal", ed. cit. 8.ª secção, pág. 4.

Para e vertiginosa ascensão da curva paulista a partir de 1884, contentamo-nos com as médias anuais por quatriènio do Departamento Nacional do Café (Luis AMARAL, obr. cit. vol. III, págs. 208-209).

O gráfico não tem valor absoluto, pois que, em geral os dados sòmente se referem à exportação, omitidas as quotas de consumo interno. Para os fins em vista, é porém bastante preciso, nêle vendo-se a precedência do período áureo fluminense com a esplêndida civilização rural dos "barões do café", e a queda súbita da produção na República, onde vemos subir o Espírito Santo e Minas Gerais, e sobretudo São Paulo que, Por sua vez alicerça tôda a economia nacional na expansão gigantesca dos seus imensos cafèzais.

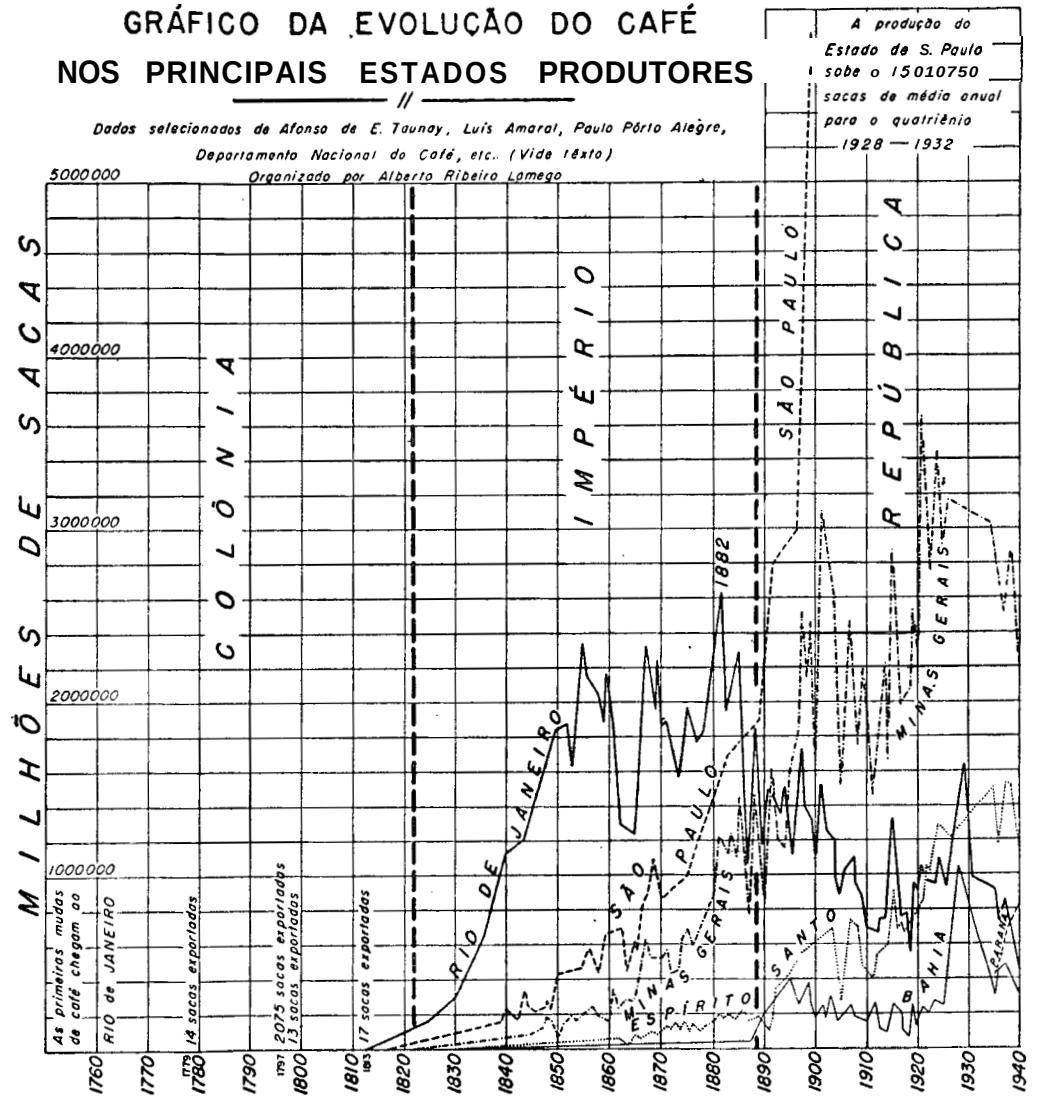


GRÁFICO DA EVOLUÇÃO DO CAFÉ
NOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES
Dados selecionados de Afonso de E. Taunay, Luis Amaral, Paulo Pôrto Alegre, Departamento Nacional do Café, etc.. (Vide texto)
Organizado por Alberto Ribeiro Lamego
A produção do Estado de S. Paulo sobe a 15010750 sacas de média anual para o quatriênio 1928 — 1932
MILHÕES DE SACAS
5000000
4000000
3000000
2000000
1000000
COLÔNIA
IMPÉRIO
REPÚBLICA
As primeiros mudas de café chegam ao RIO de JANEIRO
1760
1770
1779 14 sacas exportadas
1780
1790
1797 2075 sacas exportadas
1800 13 sacas exportadas
1810 17 sacas exportadas
1813
1820
1830
1840
1850
1860
1870
1880
1882
1890
1900
1910
1920
1930
1940
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
BAHIA
PARANÁ

II — CONCLUSÕES ECONÔMICO-SOCIAIS

"O sebastianismo não faz mal aos povos; apenas não lhes resolve os problemas".

GILBERTO FREYRE:. "A propósito de Dom Pedro II" — ("Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis". Rio, 1944, pág. 144).

Podemos agora,. contemplar a formidável obra civilizadora dos senhores do café na Serra Fluminense. Obra, na sua época de magnitude superior em valores econômicos a de velhos países estagnados. Obra gigantesca e até então única no mundo, de uma pertinaz derrubada em massa de florestas, de um incessante alastramento de lavouras, de uma edificação contínua de solares no rastro da selvajaria fugitiva. Obra de aceleração de uma cultura em marcha sôbre a terra virgem e ainda encerrada nos milênios bárbaros, de convocações da inteligência e do trabalho, de constelações de clãs familiares a surgirem de uma informe nebulosa original de escravos e colonos, entre feras e aborígines, matagais e serranias.

Por entre uma indescritível confusão telúrica e vegetal em poucos decênios conjugaram-se os esforços pioneiros, o progresso antecipou-se, afabilizaram-se as relações com a sociabilidade e a educação, desabrocharam e floriram os requintes da civilização.

O Brasil pobre e exausto da sucção colonial vitaminizou-se com uma nova economia, engalanando-se com o prestígio imperial. Com a energia voluntariosa dos austeros "barões do café"' da terra fluminense, a passo firme encaminhou-se a primeira etapa da Independência.

Foi essa a resultante máxima da ofensiva dos cafèzais pela região serrana da Província do Rio de Janeiro.

Analisando-a, vemos que, dentro dela se operou a maior das revoluções econômicas da nossa História com a transformação completa do sistema de transportes, cujo prodigioso impulso viria acelerar tôda a evolução cultural brasileira.

Ao desbravamento da Serra pelo café e a economia cafeeira é que devemos o início da construção das nossas estradas de ferro. Porque foi sobretudo o café da terra fluminense o verdadeiro criador da nossa rêde ferroviária, impulsionada com tamanho êxito no período imperial, desde que MAUÁ assentara os primeiros trilhos das margens da Guanabara ao sopé da serra da Estrêla, já então alvoroçada por um tráfego trepidante de muares com a expansão dos cafèzais.

Foram, também, os "barões do café", os maiores planejadores de vias férreas, como entre outros o barão de VASSOURAS, idealizador da futura Central do Brasil, e o conde de **NOVA FRIBURGO**, construtor da Estrada de Ferro de Cantagalo.

Em 1873, além da Pedro II que já trafegava em plena Serra, contava a Província do Rio de Janeiro sòmente com 103,5 quilômetros de estradas próprias, somados nas seguintes linhas: [487]

E. F. Mauá	19,0 kms
E. F. de Cantagalo	48,5 "
E. F. União Valenciana	25,0 "
E. F. Campos-São Sebastião	11,0 "
	103,5 kms

Tal porém, é a rapidez com que se desenvolve a Província no ciclo do café, que, em 1884, apenas 11 anos decorridos, tinha ela 20 ferrovias próprias, em sua maioria financiadas pelo capital agrícola e movimentadas pela cultura cafeeira, com 1 101,7 quilômetros de linhas aos quais, se adicionarmos 308,7 da Pedro II, 47,5 da Rio d'Ouro e 28,4 do ramal de Pôrto Nôvo do Cunha no território provincial chegamos a um total de 1 486,3 quilômetros. [488]

Juntam-se a êste número mais 339,4 quilômetros construídos até o fim do Império, e veremos então a Província com 1 825,7

[487] O Império do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Viena d'Áustria. Rio, 1873, pág. 220.

[488] PICANÇO, Francisco: *Viação* Férrea do Brasil, Rio, 1884. Segundo êste autor, eram as seguintes as estradas de ferro construídas ou em construção na Província do Rio de Janeiro:

Companhias e	Data da concessão	*Início* da *construção*	*Quilômetros* em tráfego em 1884
1 — E. F. Mauá	12- 6-1852	29- 8-1852	16,1 kms
2 — E. F. de Cantagalo	23- 8-1856	8-11-1859	209,4 "
3 — E. F. União Valenciana	27- 4-1866	1868	63,4 "
4 — E. F. Campos-São Sebastião	24-12-1868	2-10-1872	18.2 "
5 — E. F. Macaé-Campos	16-11-1869	11-12-1871	96,5 "
6 — E. F. Campos-São Fidélis	23-12-1871	5- 4-1882	75,0 "
7 — E. F. Santo Antônio de Pádua	31-12-1871	Julho de 1880	92,9 "
8 — E. F. Resende-Areias	21- 2-1872	2- 5-1875	29,0 "
9 — E. F. Santa Isabel do Rio Prêto ..	16- 8-1872	20-10-1881	74,5 "
10 — E. F. Carangola	12- 4-1873	Maio de 1876	175,0 "
11 — Ramal de Cantagalo	12- 3-1874	1874	66,1 "
12 — E. F. Comércio-Pôrto das Flôres ..	26- 7-1874	1876	24,1 "
13 — E. F. Vassourense	4-11-1874		6,0 "
14 — E. F. Sumidouro	—	1881	29,0 "
15 — E. F. Barão de Araruams	23- 3-1876	5-12-1877	40,5 "
16 — E. F. Príncipe do Grão-Pari	28- 2-1879	Agôsto de 1881	8,8 "
17 — E. F. Piraiense	28- 6-1879	4-11-1880	55,7 "
18 — E. F. Bananalense	5- 5-1880	31- 8-1882	13,0 "
19 — E. F. Teresópolis	15-10-1880	—	— "
20 — E. F. Rio Bonito-Juvurnaiba	16-11-1880	21- 1-1882	8,5 "
			1 101,7 kms

A ascendência do Rio de Janeiro sôbre as demais Províncias em iniciativas ferroviárias, pode ser verificaria com a seguinte estatística:

Estradas de *Ferro* no Brasil em 1884

Município Neutro	5	Prov. de Santa Catarina	2
Prov. do Rio de Janeiro	20	Prov. do Paraná	1
Prov. de São Paulo	8	Prov. do Espírito Santo	1
Prov. de Minas Gerais	7	Prov. da Paraiba	1
Prov. da Bahia	7	Prov. do Rio Grande do Norte	1
Prov. de Pernambuco	6	Prov. do Pará	1
Prov. de Alagoas	3	Prov. do Amazonas	1
Prov. do Cear&	2		66

quilômetros de ferrovias, como eloqüente cifra do seu apogeu no ciclo do café. [489]

No período republicano foram acrescentados 888,6 quilômetros à rêde imperial, contando atualmente o Estado do Rio de Janeiro com 2 714,3 quilômetros de vias férreas. [490]

Esta quilometragem é superior às que apresentam os engenheiros EVERARDO BACKHEUSER —, 2 666,8 quilômetros, [491] e MOACIR M. F. SILVA —, 2 705 quilômetros, [492] mas concorda com grande precisão com a do engenheiro FLÁVIO VIEIRA, do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, que nos dá 2 714,6 quilômetros. [493]

Se adicionarmos, porém, a êste resultado, cêrca de 400 quilômetros de estradas agrícolas das usinas de açúcar em tôrno de Campos, verificamos ainda que as linhas férreas existentes no Estado do Rio de Janeiro, excedem a 3 100 quilômetros.

A maneira de se apreciar a evolução dos transportes ferroviários num país, é relacioná-la com a superfície e a população.

---

[489] Êste acréscimo ainda no Império, corresponde à terminação dos seguintes projetos, ramais e ligações:

E. F. Santo Antônio de Pádua	1,316 kms
Ramal de Cantagalo	17,137 "
Ramal do Sumidouro	62,100 "
E. F. Carangola	47,500 "
E. F. Rio Bonito-Macaé	108,300 "
Vigário Geral-Entroncamento	28,100 "
Goitacases-Mineiros	8,700 "
Petrópolis-São José do Rio Prêto	66,200 "
	339,353 kms

[490] Foram as seguintes as linhas férreas construídas na República no território fluminense:

Ramais da E. F. Rio d'Ouro	52,4 kms
Areal-Três Rios	25,1 "
Macaé-Glicério	43,4 "
Campos-Atafona	39,0 "
Martins Laje-Colomins	16,3 "
Mineiro-Santo Amaro	16,4 "
Ponte do Itaguaí-Mangaratiba	34,5 "
Joaquim Matoso-Ponte do Zacarias	10,0 "
Marquês de Valença-Afonso Arinos	60,0 "
E. F. Maricá	158,0 "
Linha Auxiliar-Rio-Pavuna-Três Rios	145,0 "
Três Rios-Travessão	12,0 "
Governador Portela-Vassouras	61,6 "
Triunfo-Madalena-Manuel de Morais	77,5 "
Piedade-Teresópolis	32,9 "
Austin-Santa Cruz	30,0 "
Angra dos Reis-Passa Vinte	148,6 "
Rosário-Visconde de Itaboraí	44,0 "
	1 006,7 kms

Desta cifra temos a descontar 24,1 kms da estrada de Comércio a Santa Teresa (Rio das Flôres), parcialmente modificada e incluída na linha de Marquês de Valença a Afonso Arinos, e as ferrovias Resende-Areias, — 29,0 kms —, Austin-Santa Cruz, — 30 kms —, e Barra do Piraí-Passa Três, — 35 kms; cujos trilhos foram arrancados, restando-nos um total de 888,6 kms

[491] BACKHEUSER, Everardo: *Da Trilha ao Trilho.* "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, pág. 251.

[492] SILVA, Moacir M.F.: *Geografia dos Transportes no Brasil.* "Revista Brasileira de Geografia", ano III, 1941, n.º 4, pág. 830.

[493] VIEIRA, Flávio: *Classificação Regional das Estradas de Ferro no Brasil,* "Revista Brasileira de Geografia", ano V, 1943, n.º 1, pág. 101.

Obtêm-se assim, respectivamente, as densidades ferroviárias estática e dinâmica.

Na primeira, vemos a relação entre o número de quilômetros de linhas para cada 100 quilômetros quadrados, e, na segunda, para cada 10 000 habitantes.

Para a superfície estadual de 42 404 quilômetros quadrados e uma população de 1 865 998 habitantes segundo os resultados Preliminares do censo de 1940, temos 6,4 para a densidade ferroviária fluminense estática, e 14,5 para a dinâmica.

Êstes índices, postos em confronto com os dos demais Estados do Brasil, e mesmo com os de grandes países industrializados, calocam o Estado do Rio numa eminente posição. É nêle que existe a mais densa rêde ferroviária brasileira, com a exceção do Estado da Guanabara, cujo baixo índice dinâmico é alias compreensível pelos diversos outros meios de transportes coletivos, entre os quais, o bonde, que, como vimos em O Homem e a *Guanabara*, sobrepuja todos os demais.

A densidade ferroviária estática fluminense é mais de duas vêzes superior à paulista, — 3,019, quatro vêzes maior que a espírito-santense, — 1,639, —. O Estado do Rio tem cinco vêzes mais estradas de ferro por quilômetro quadrado que Minas Gerais. [494]

Quanto à densidade ferroviária dinâmica, se bem que inferior às de Mato Grosso e do Paraná, — Estados de pequena população relativamente a áreas bem maiores —, também favorece a pequena terra fluminense, cujos habitantes embora mais densamente aglomerados têm a sua disposição maior número de quilômetros de linhas férreas, estendidas por todo o Estado numa rêde bem equilibrada. Digna de referência é também a comparação entre

[494]

Densidade ferroviária brasileira

	Estática (*Kms* por *100 km²*)	*Dinâmica em 1940* (*Kms* por 10 000 hab.)
Guanabara	12 818	0 766
Rio de Janeiro	6,425	14,553
São Paulo	3,019	10,468
Espírito Santo	1,639	9.746
Sergipe	1,409	5,410
Minas Gerais	1,373	10,261
Santa Catarina	1,257	11,254
Rio Grande do Sul	1,221	10,723
Alagoas	1,214	2,768
Pernambuco	1,090	3,456
Rio Grande do Norte	0,973	6,419
Paraíbe	0,874	3,349
Ceará	0,831	7,180
Bahia	0,407	4,911
Maranháo	0,129	3,650
Piauí	0.101	2,806
Mato Grosso	0,78	29,948
Goiás	0,58	4,873
Pará	0,27	2,306
Amazonas	0,002	0,111
BRASIL	0,402	7,754

Com exceção dos índices para o Rio de Janeiro, todos os demais são do Eng. MOACIB M. F. SILVA, (Obr. cit. pág. 831).

as densidades ferroviárias fluminenses e as dos demais países do Globo, sendo a estática superior às de Cuba 5,2 —, Polônia 5,0 —, Japão 5,1 —, Checoslováquia 4,1 —, Portugal 3,7 —, Espanha 3,1 —, e mesmo à média geral dos Estados Unidos 4,3 —, e da Europa 6,1 —.

A dinâmica é maior que a da França 12,0 —, da Alemanha 9,3 —, da Grã-Bretanha 8,2 —, excedendo mesmo a da Bélgica, 14,0 —, o país de maior quilometragem relativa em todo o mundo. [495]

495

Quilometragem e densidades ferroviárias dos países

	Quilômetros de linhas férreas	*Densidades estáticas*	*Densidades dinâmicas*
EUROPA com exceção da URSS			
Alemanha	58 659	12,5	9,3
França	53 561	9,7	12,0
Ilhas Britânicas	39 291	12,6	8,2
Itália	21 633	7,0	5,3
Polônia	19 418	5,0	7,1
Suécia	16 701	3,7	27,4
Espanha	15 867	3,1	7,1
Checoslováquia	13 765	9,8	10,1
Rumânia	11 948	4,1	6,8
Bélgica	11 093	36,5	14,0
Iugoslávia	9 529	10,3	11,2
Hungria	7 038	8,4	10,8
Suíça	6 038	14,5	15,2
Dinamarca	5 239	12,2	15,1
	289 810	6,1	8,8
ÁSIA			
URSS	77 619	0,4	4,9
Índia	62 478	1,3	1,9
Japão	19 611	5,1	3,1
China	13 561	0,1	0,3
Outros países	32 493		
	205 762	0,5	1,3
ÀFRICA			
União Sul-Africana .	20 075	1,6	29,0
África Setentrional Francesa	10 334	0,4	7,5
Egito e Sudão	7 876	0,2	3,7
Outros países	29 733		
	68 018	0,2	4,7
AMÉRICA			
Estados Unidos e Alasca	402 664	4,3	33,9
Canadá	68 600	0,7	71,9
Argentina	37 790	1,3	35,6
Brasil	31 549	0,4	7,9
México	26 462	1,3	18,5
Chile	8 756	1,2	21,7
Cuba	5 991		
Outros países	24 790		
	606 602	1,5	24,3
OCEÂNIA			
Austrália	43 049	0,6	51,0
Nova-Zelândia	5 950	2,2	40,5
Outros países	435		
	49 434	1,0	6,5
TOTAL MUNDIAL .	1 219 626	1,0	6,5

(*O Brasil na luta pelos transportes* — "Observador Econômico", ano X, n.º 116, setembro de 1945, pág. 60).

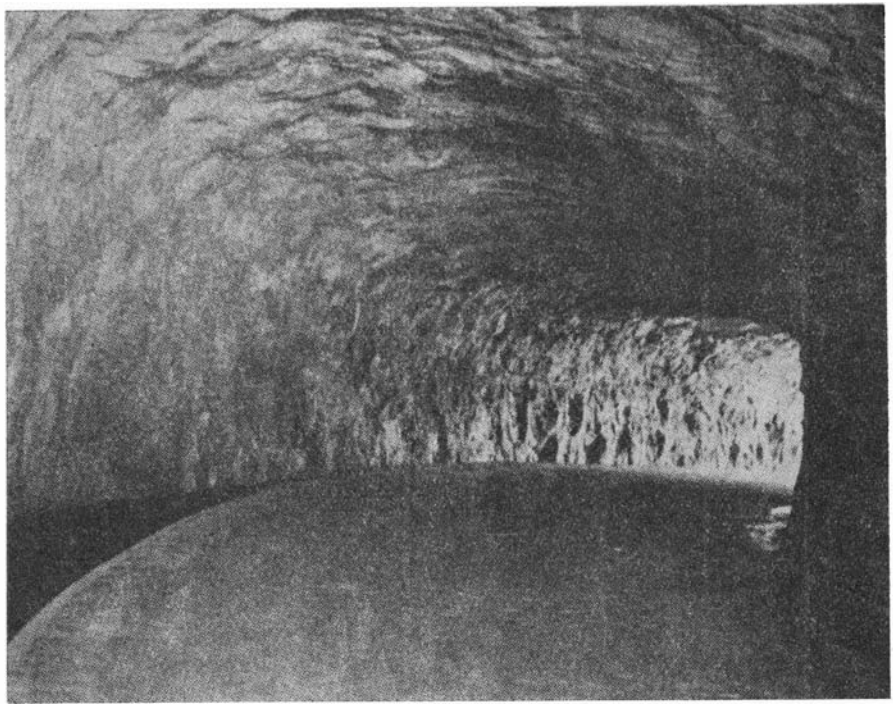


Fig. 212 — *As nossas estradas atuais que substituem os antigos "caminhos do café", na descida da serra do Mar, exigem obras de arte de acurada técnica, como viadutos e tuneis. Aqui eemos um túnel na rodovia de Angra dos Reis.*

(Foto DER)

Fig. 213 — *A cachoeira do Imbuí, no Paquequer-Pequeno, próxima a Teresópolis, e que fornece energia elétrica para a cidade.*

(Foto do Conselho Nacional de Geografia)

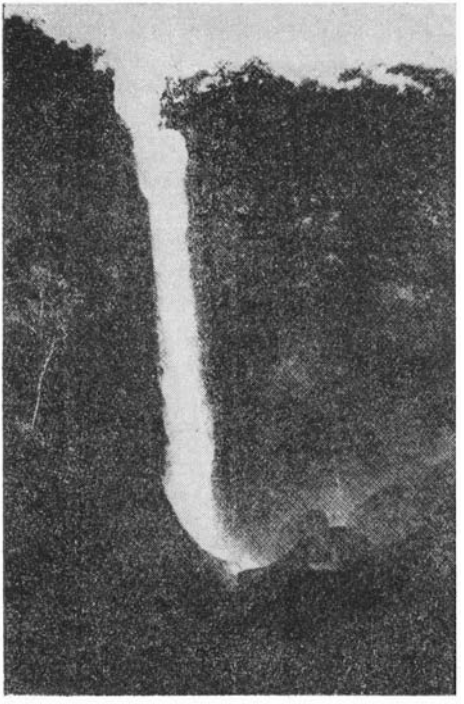


Fig. 214 — A cachoeira Conde d'Eu no rio Paquequer, com 300 metros de altura.

(Do livro de **Galdino do** *Vale Filho: Lendas e Legendas de Nova Friburgo)*

Fig. 215 — Milhares de pequenas cascatas como esta do córrego do Caro Congo, afluente do rio Macabu, garantem por tôda a Serra um parcelado potencial hidráulico para pequenas indústrias ...

(Foto DNOS)

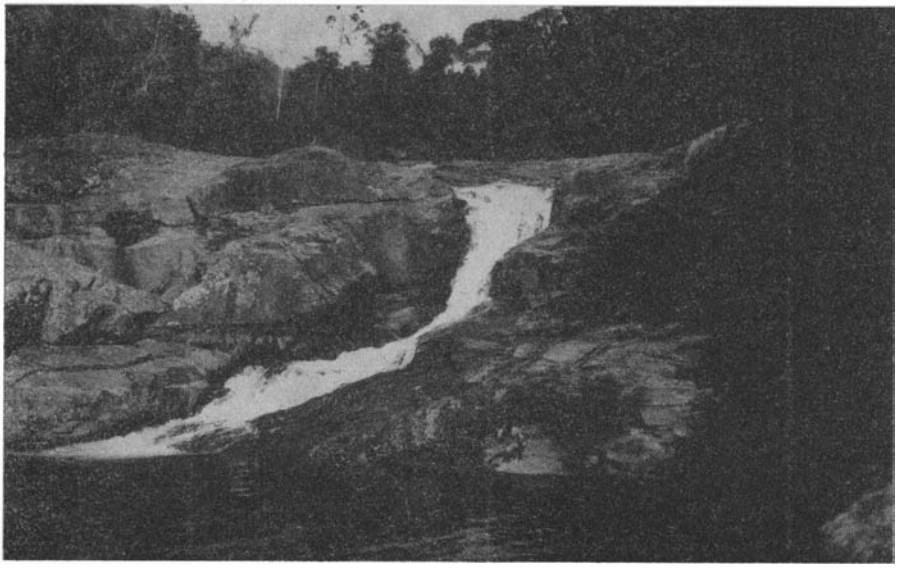


Fig. 216 — ... *enquanto muitas centenas de cavalos podem ser fornecidos pelas sucessivas quedas dos rios que se despenham para a baixada, como as do Segundo Norte, afluente do rio Imbê.*

(Foto Aroldo *de Azevedo)*

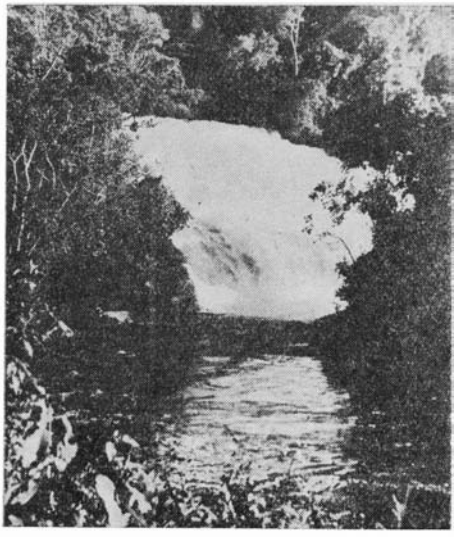


Fig. 217 — *Cachoeira do Pinel ou de Santn Isabel no rio Grande, a montante da estação deste nome no município de Nova Friburgo. (Foto da Divisão de Águas do DNPM)*

Fig. 218 — O mesmo rio Grande em seu alto curso entre vales apertados, de encostas ingremes e em altitudes demasiadas para a lavoura, pode ser represado para a obtenção de sensível potencial para as indústrias.

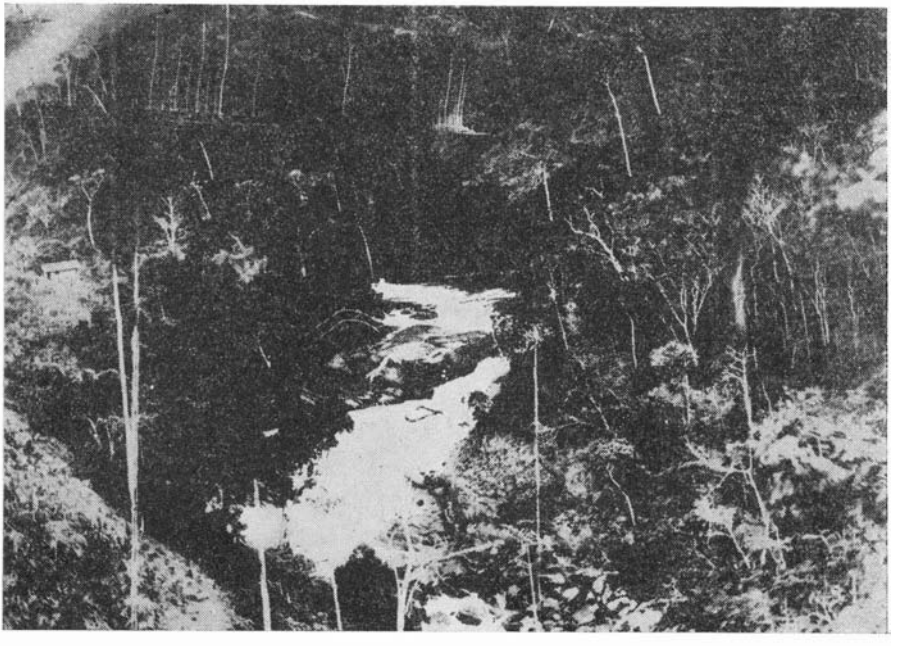


Fig. 219 — *A cachoeira do Inferno, no rio Itabapoana, onde as águas se precipitam para o trecho navegável ate a foz.*

(Foto da Divisão de Aguas do DNPM)

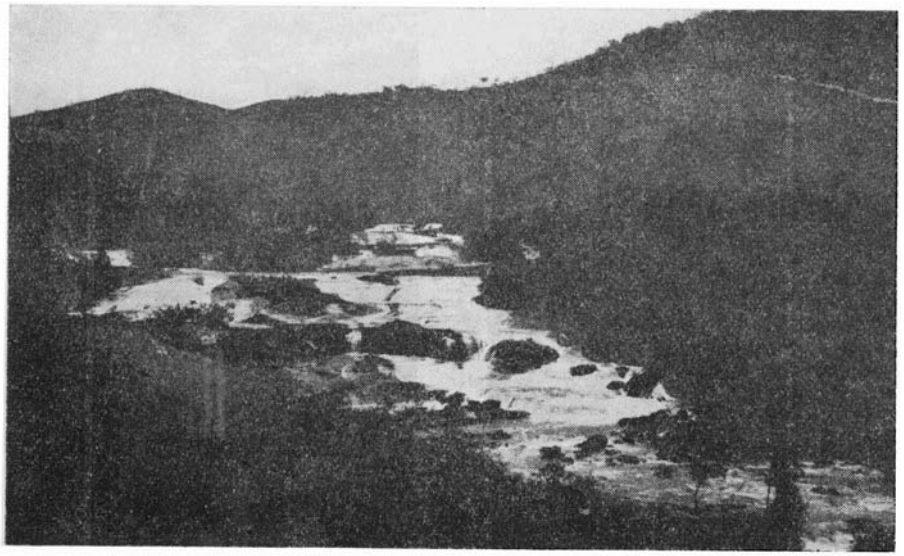


Fig. 220 — *Cachoeira dos Lençóis, no rio Itabapoana, a montante da cidade de Bom Jesus.*

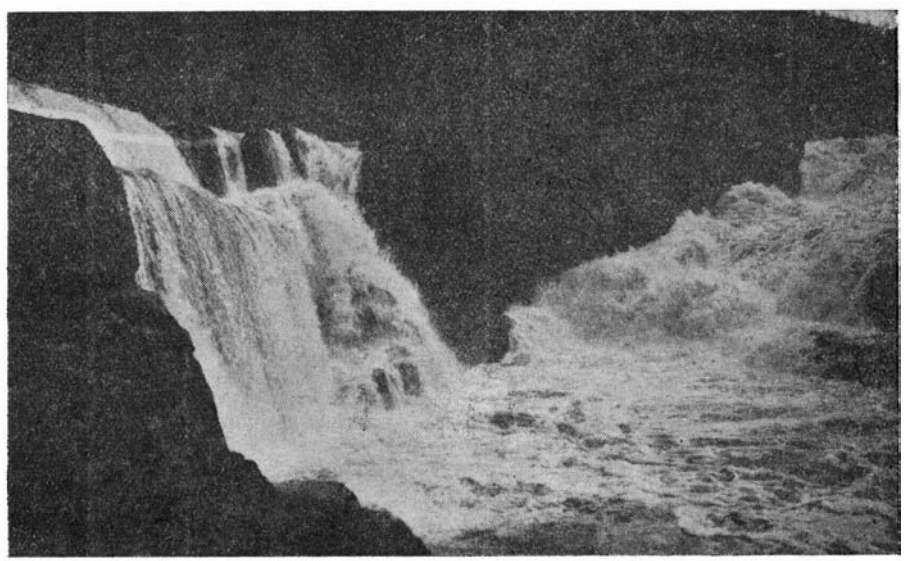


Fig. 221 — *A cachoeira da Fumaça, no rio Itabapoana, cujas quedas d'água constituem poderosas reservas de energia para o futuro industrial da Serra no norte fluminense.*

Fig. 222 — *Cachoeira do Estolano, no valáo d'Antas em Cambuci.*

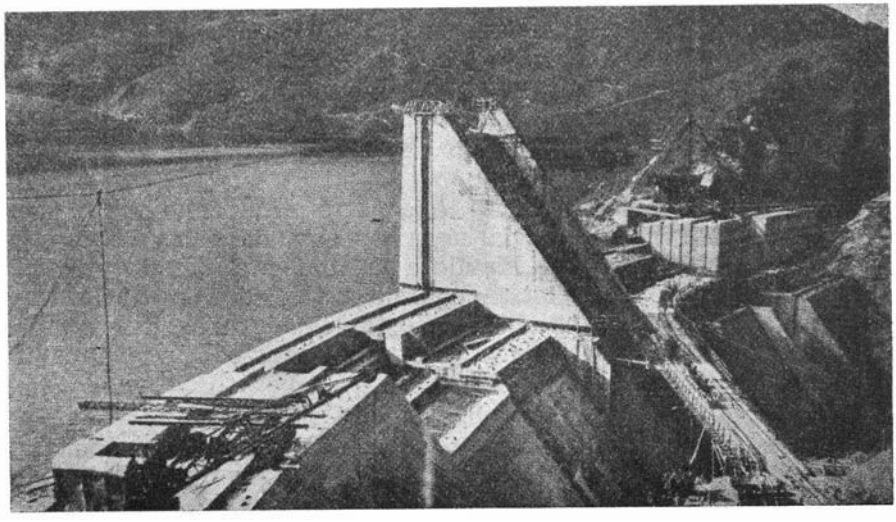


Fig. 223 — *Barragem em construção da usina hidrelétrica de Macabu, de 33000 HP, mais uma fonte de energia que rios da serra do Mar fornecem a terra fluminense.*

(Foto DER)

O Rio de Janeiro é o nosso único Estado com uma densa rêde ferroviária bem distribuída por todo o seu território. Para completá-la bastam apenas insignificantes ligações, como a do ramai de Macuco a Madalena ou a Ponte de Portela.

A terra fluminense é atualmente a única entidade estadual suficientemente aparelhada com linhas férreas, mesmo para atender a necessidades de transportes bem maiores de um grande parque industrial que nela se desenvolva, como é de se prever, desde que se efetuem melhoramentos de leitos e renovação do material rodante.

O traçado e a execução da maior parte dessa rêde, magno fator da evolução cultural fluminense, foi antes de tudo, obra do café e da esclarecida visão dos barões do Império. Não sòmente a êles se devem mais de dois terços dessas ferrovias, trabalhosamente construídas nos começos lentos da nossa industrialização, como a perfeita harmonia dos projetos, tão bem articulados que tôdas aquelas numerosas companhias se acham integradas em três únicas: a Central do Brasil, a Rêde Mineira de Viação e a Estrada de Ferro Leopoldina, com tráfego mútuo bem organizado.

O que se fêz posteriormente na República, excetuando-se a Linha Auxiliar, a descida da Oeste de Minas para Angra dos Reis e a Estrada de Ferro Maricá, nada mais foi que a terminação de projetos em andamento, ou ligações complementares já previstas.

É hábito dizer que a expansão da nossa rêde ferroviária é obra da República, sendo, pela última estatística de **34 204** quilômetros. Não esqueçamos todavia que, não obstante as acanhadas possibilidades técnicas e financeiras da administração imperial, já existiam em **1888** nada menos de **88** caminhos de ferro com **13 481** quilômetros. E tal era então o interêsse pela mecanização dos transportes que, "no comêço de **1889** havia em construção ou estudos **18** 700 quilômetros, sendo de **38** 438:000$000 a despesa autorizada só para o exercício, o que correspondia a **35**% da receita geral". [496]

Êsse capital era entretanto uma parte mínima do que se aplicara em construções ferroviárias, visto que, daquelas **88** companhias, **9** apenas eram "do Estado e **32** com garantia de juros ou subvencionadas". A iniciativa embora estimulada pelo Govêrno, era antes de tudo particular, de pequenos grupos interessados em melhoramentos regionais e com os recursos financeiros da nossa economia agrária.

Era êsse um fenômeno sobremaneira acentuado na Província do Rio de Janeiro, então a testa da organização agrícola nacional. E tão vigorosas eram as tendências construtivas dos fluminenses que, sobrevivendo mesmo ao descalabro financeiro da Abolição,

---

[496] AMARAL, Luís: *História Geral da Agricultura Brasileira,* 1.º *tomo,* São Paulo 1936, pág. 238.

continuariam a manifestar-se nos primeiros anos da República até o desastre nacional do "Encilhamento". Das numerosas companhias incorporadas nessa época, quase a totalidade faliu pela ausência de uma organização política no país então a mercê de novos grupos partidários, nos quais o potencial coesivo das fôrças reais da terra se desmantelara com o desprestígio da aristocracia rural sempre solidária em seus empreendimentos. [497]

Se é hoje o Estado do Rio de Janeiro a região brasileira mais densamente atravessada por estradas de ferro, devemo-lo essencialmente à civilização cafeeira erguida pelos senhores rurais do Império.

Quanto as rodovias, foi também grande a contribuição imperial, visto que, sem elas, não se teria dado a penetração da Serra, nem o seu retalhamento em milhares de propriedades agrícolas. O ciclo do café só poderia evolucionar, atingindo uma produção capaz de exigir o transporte ferroviário, com o desenvolvimento inicial de estradas e caminhos aos meios de condução da época.

---

[497] Foram as seguintes as novas concessões de estradas de ferro ainda no alvorecer. da República:

Linhas férreas	Data da concessão
Maxambomba a Rio-Claro	18- 7-1890
Ligação da Santa Isabel do Rio Prêto à Piraiense	28- 8-1890
Piraí a Itaguai	28- 8-1890
Bom Jardim a Fazenda Rio Grande	2-10-1890
Campos a Gargaú	24-12-1890
Angra dos Reis a Capivari	7- 3-1891
E. F. Itatiaia	8- 4-1891
Pureza a Monção	11- 4-1891
São Fidélis a Santa Maria Madalena	14- 4-1891
Vassouras a Pati do Alferes e a Petrópolis	27- 4-1891
São Fidélis a um pôrto entre Monção e Cachoeiro, na E. F. Carangola	5- 5-1891
Capivari a Gaviões passando por Correnteza	8- 5-1891
Campos ao Sertão do Quimbira	23- 5-1891
Fazenda do Rio Grande a São João Evangelista da Ventania	11- 8-1891
Angra a Barra Mansa	18- 8-1891
De um ponto entre Cordeiro e Monerá a Sumidouro passando por Duas Barrm	20- 6-1891

A ligação da antiga estrada de ferro de Comércio ao Pôrto das Flôres com o ferro-carril de Paraibuna e com a Estrada de Ferro União Valenciana, na cidade de Valença resultou da concessão de 28 de agôsto de 1890. ("Relatório da Diretoria de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro, apresentado ao Presidente Dr. JOSÉ TOMÁS DA PORCIÚNCULA pelo bacharel ERNESTO FERNANDES BARRANDON. Rio, 1892, págs. 34 e 35).

Além destas concessões, foram ainda efetuadas as seguintes, até o ano de 1895:

Linhas férreas	Data da concessão
Petrópolis a Pilar e Três Rios a Serraria	17- 8-1891
Três Irmãos a Bom Jesus do Itabapoana	1- 3-1894
Estrêla a Rio das Flores	10- 4-1894
Ponta dos Búzios a Indaiaçu	1- 6-1894
Entroncamento a Pôrto das Caixas	17- 8-1894
Eao José do Rio Prêto a São Francisco no ramal do Sumidouro	17-11-1894
Indaiaçu a Conselheiro Paulino	17-11-1894
Pureza a Monte Verde	20-12-1894
São João da Barra a Limeira	12- 2-1895
Fazenda da Posse à vila de Iguaçu	16- 5-1895

(Relatório apresentado ao Dr. JOAQUIM MAURÍCIO DE ABREU Presidente do Estado do Rio de Janeiro pelo Secretário do Estado das Obras Públicas e Indústrias AUGUSTO DE ALBREU LACERDA. Rio, 1895, págs. 38 a 43).

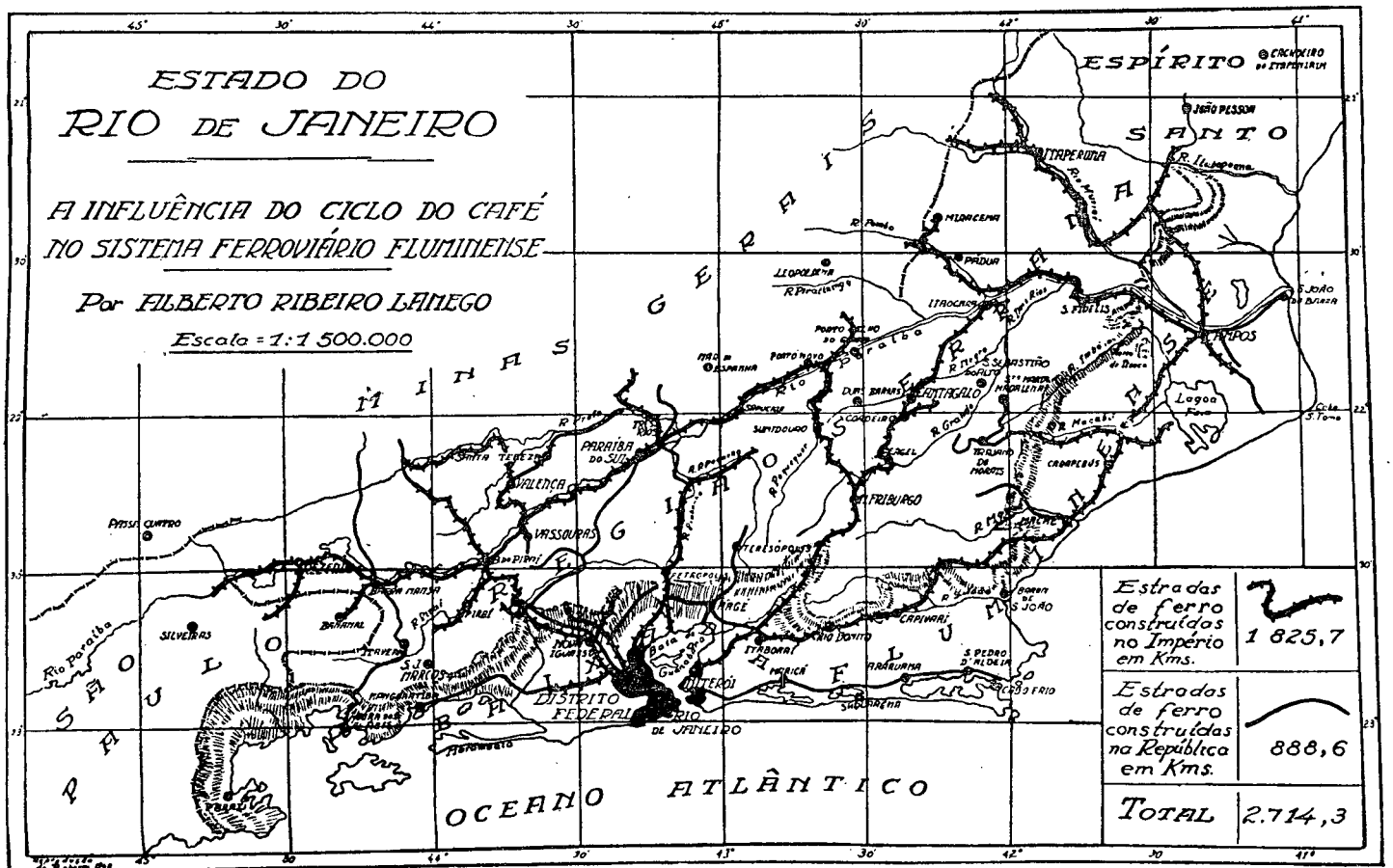

ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
A INFLUÊNCIA DO CICLO DO CAFÉ
NO SISTEMA FERROVIÁRIO FLUMINENSE
Por ALBERTO RIBEIRO LAMEGO
Escala = 1:1 500.000
ESPÍRITO SANTO
MINAS GERAIS
SÃO PAULO
OCEANO ATLÂNTICO
DISTRITO FEDERAL
RIO DE JANEIRO
Estradas de ferro construídas no Império em Kms. 1 825,7
Estradas de ferro construídas na República em Kms. 888,6
TOTAL 2.714,3

Fig. 224

De fazenda em fazenda, podia-se ir por toda a Serra ou descê-la para os vários portos de mar. Em certas zonas, como nas terras da família CLEMENTE PINTO, em Cantagalo e Nova Friburgo, e nas dos ricos senhores de Vassouras, Marquês de Valença e Barra Mansa, boas estradas carroçáveis completadas por numerosas pontes construídas pelos "barões do café", permitiam o tráfego de tôda sorte de veículos. Algumas eram empedradas nos trechos mais danificáveis, como a estrada do Caramujo que do alto do Piraí descia para Angra dos Reis, sempre movimentada por milhares de cargueiros, a famosa estrada dos Breves de São João Marcos a Mangaratiba, com a sua primorosa Ponte Bela, diariamente percorrida por 70 diligências e ao longo da qual se viaja hoje de automóvel em todo o seu percurso.

A mais notável, porém, das rodovias do Império era a "União e Indústria" que seguia o vale do Piabanha, atravessava o Paraíba numa sólida ponte férrea, fazendo ali nascer Três Rios e continuando até Juiz de Fora.

Classificada por AGASSIZ, como vimos, entre as melhores do mundo, mesmo na áspera subida de Petrópolis onde o sábio viajara "num excelente cupê aberto, com quatro animais galopando a tôda brida numa estrada unida como assoalho",[498] a União e Indústria começada em 1852, já era uma revolução nos transportes brasileiros, permitindo, pela primeira vez, a travessia da serra do Mar em carruagens do Rio de Janeiro a Minas Gerais.

A não ser esta, porém, convenhamos que tôdas as demais estradas do Império, mesmo a de Mangaratiba, eram imperfeitas em face da técnica moderna. Não cabe porém a culpa a administração imperial, visto que com a inexistência então de veículos rodoviários a motor, as estradas de ferro passaram a absorver o tráfego de mercadorias e de passageiros.

Infelizmente, o mesmo não se poderá dizer da administração republicana em sua primeira fase, na qual, em cêrca de 50 anos de govêrno, com a mesma imprevidência da sua política ferroviária nos deu apenas a Rio-São Paulo e a Rio-Petrópolis. Quase tôdas as demais estradas fluminenses eram meros caminhos amolecidos de atoleiros em épocas chuvosas.

Justo se torna dizer que a verdadeira política rodoviária só foi inaugurada no Estado do Rio com o Estado Nôvo, quando o interventor AMARAL PEIXOTO entrega a Comissão de Estradas de Rodagem a chefia do engenheiro SATURNINO BRAGA com uma generosa abertura de créditos para verbas de serviços.

Ao descrever a situação em que se achava o Estado relativamente as suas rodovias, diz-nos aquêle técnico, após também reconhecer o alto valor da "rêde de estradas imperiais e provinciais

---

498 AGASSIZ, Luís e Elisabeth. *Viagem ao* Brasil. Trad. de EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA. São Paulo, 1938, pág. 98.

construídas no tempo do Império, que não desapareceram, e *por isso* a densidade rodoviária do Estado é grande. Entretanto não evolveram, de modo que continuam, em sua maioria, sendo estradas para diligências e cavaleiros, mas não para automóveis e caminhões". [499]

Excetuavam-se dêsse aspecto desolador apenas 327 quilômetros construídos na República, assim mesmo a necessitarem de melhoramentos, como "revestimento sílico-arenoso, retificações, drenagem, conservação mecânica, substituição e reparo de obras de arte, regularização do leito, etc. —", isto é, tôda uma geral remodelação de uma pequena rêde apenas trafegável nos meses secos. [500]

O emprêgo em larga escala de processos mecânicos desde então permitiu rápida construção de novas estradas, obedecendo a um vasto plano de milhares de quilômetros, entre os quais cumpre ressaltar a rodovia Niterói-Campos que definitivamente liberta o populoso centro industrial e agrícola do norte fluminense do monopólio dos transportes pela Estrada de Ferro Leopoldina.

Em 1940, elevava-se a 4 160 quilômetros a extensão das rodovias estaduais, sendo 380 quilômetros a cargo da União, 1400 quilômetros dos municípios e 2 380 do Estado. [501]

O engenheiro MOACIR SILVA dá-nos a quilometragem total de 4 233,7 quilômetros, com uma densidade rodoviária estática de 8,985 quilôrnetros, por 100 quilômetros quadrados, e dinâmica de 19,783 por 10 000 habitantes. [502]

Na primeira, coloca-se o Estado do Rio em 6.º lugar, após a Guanabara 46,790 —, São Paulo, 19,441 —, Santa Catarina 16,418 —, Espírito Santo 12,030 —, e Alagoas 10,252. Na relação entre a quilometragem e a população, indisfarçável era então, porém, a fraca posição do Estado, em 16.0 lugar entre os demais, não obstante a vantagem da sua rêde ferroviária. Premente se tornava a ligação de dezenas de milhares de fazendas às estações das ferrovias por boas estradas de rodagem.

---

[499] SATURNINO BRAGA, F.: Estradas *de* Rodagem no Estado do Rio de *Janeiro*. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, Rio, 1944, vol. IV, pág. 79.

[500] Eram as seguintes as estradas estaduais em 1938, além das construídas pelo govêrno federal:

Niterói-Nova Friburgo	120 kms
Araruama-Cabo Frio	36 "
Campos-Conselheiro Josino	30 "
Ponte Nova-Valáo do Barro-Macuco	76 "
Cabral-Paracambi	11 "
Ponte da Rocha-Vassouras	12 "
São Joaquim-Piraí	6 "
Barra do Piraí-Valença	36 "
	327 kms

[501] SATURNINO BRAGA, F.: obr. cit., pág. 78.

[502] SILVA, Moacir M. F.: obr. cit., págs. 830-831.

O grande plano estadual em ampla execução, já de muito melhorou, entretanto, essas precárias condições. Das grandes rodovias troncos partem galhos que se destinam aos principais centros produtores, e os municípios obrigados a apresentar projetos complementares, também já construíram inúmeras estradas, cerrando as malhas de uma das mais perfeitas rêdes do país.

O Império deu a terra fluminense uma densa rêde ferroviária, e ao mesmo tempo um plano de rodovias compatível com as suas necessidades e que ainda hoje subsiste. A primeira fase republicana apenas completou as vias férreas com um acréscimo de menos de um têrço das já existentes, e quase nada fêz em matéria de política rodoviária no Estado do Rio. Sòmente após a decretação de amplos poderes e recursos a Comissão de Estradas de Rodagem, é que assistimos no âmbito estadual a execução de uma rêde moderna de rodovias, condigna da sua evolução econômica e da sua posição geográfica que colocam a terra fluminense entre as mais populosas e progressistas zonas brasileiras, com municípios como o de Campos de maior produção *per capita* do país.

Para completarmos esta rápida resenha da revolucionária influência do ciclo fluminense do café nos sistemas de transporte, mencionemos que, graças a êle, foi introduzida no Brasil a navegação fluvial a vapor nos rios da Baixada em busca de pontos iniciais de várias estradas da Serra. Essa navegação, porém, desapareceu com as estradas de ferro, mesmo a do Paraíba indo até São Fidélis ou se internando pelo Muriaé até Cardoso Moreira.

Tôda essa atividade fluvial, jamais, entretanto, atingiu plenamente a Serra. E um grande problema que certamente exige solução é o da navegabilidade do próprio Paraíba em todo o médio curso.

A não ser no trecho final, não teve êste rio grande importância como diretriz de penetração serrana, pois não obstante possuir seu leito grandes estirões de águas mansas navegáveis, é intermitentemente interrompido por corredeiras. Para se atingir o médio curso era preferível galgar a Serra por bem mais curtos caminhos terrestres.

A impossibilidade 'de navegação foi o principal fator que fêz o rio permanecer desconhecido desde a descoberta quinhentista da sua foz e mesmo durante o intenso povoamento de Campos a partir do seguinte século. Excetuada esta planície costeira e o médio e alto curso paulistas, com as suas vilas assentadas num caminho de Bandeiras, quedou-se o Paraiba incógnito até quase o século XVIII, quando em 1698 GARCIA RODRIGUES PAIS **LEME,** ao descer de Minas, fundava com a sua fazenda a futura Paraíba do Sul.

Com os seus 1145 quilômetros de extensão, paralelo ao litoral e relativamente próximo a Guanabara e a Baixada Fluminense

povoadas desde os idos de quinhentos, excetuando-se zona paulista não teve o Paraíba como o Amazonas, o São Francisco, o Tietê ou o Paraná, a civilizadora missão de conduzir sôbre as suas águas os heróicos cortejos bandeirantes que foram desbravar o nosso interior. Não teve o seu tormentoso curso atraentes arroubos de aventuras para os sedentários agricultores das planícies de Campos, atarefados em seus engenhos e currais.

Eis porque, sendo a bacia do Paraíba a mais intensamente povoada do Brasil e a que maior número de cidades fêz crescer com a sua fecunda civilização agrária,[503] não teve paradoxalmente êsse rio quase nenhuma influência como estrada líquida para os seus desbravadores.

Foram as estradas da Serra que o povoaram. Picadas coloniais através das selvas e tão instintivamente bem traçadas que, a quase todos aquêles caminhos primitivos vieram ajustar-se as vias férreas que hoje entrançam a densa rêde estadual.

A navegabilidade do Paraíba há-de, porém, surgir aos estadistas como imperiosa questão a ser tècnicamente resolvida, quando o vale decisivamente entrar em sua fase industrial e se multiplicarem os seus habitantes exigindo escoamento para uma considerável tonelagem de produtos.

Será êste um problema que, logo a seguir a já necessária construção de um pôrto na foz do rio, gsadativamente irá surgindo aos olhos dos governantes.

Algum dia será o Paraíba navegável, cooperando as suas águas com as estradas de ferro para uma acelerada evolução econômica e social de todo o vale. E prova de que tal problema ainda pode ser considerado em nossos dias, é o de se haverem dêle ocupado ilustres profissionais, minuciosamente estudando a solução com resultados otimistas.

Em 1927, o engenheiro PLÍNIO QUEIRÓS apresenta na Associação Comercial de São Paulo uma interessante exposição da possibilidade de ser o rio aproveitado como rota de transporte.[504]

---

[503]

Cidades da bacia do *Paraiba*

Estado de São Paulo	27
Estado de Minas Gerais	31
Estado do Rio de Janeiro	30
	88

[504] Exemplifica êste engenheiro a possibilidade com similares casos de outros países, entre os quais destaca o do grande canal da Alsácia, ligando Basiléia a Estrasburgo, "através de zonas acidentadas e destinado a permitir a navegação entre essas duas cidades fornecendo ainda cêrca de 800000 HP", o projeto da "utilização do São Lourenço, destinado a permitir que as embarcações do alto mar possam ir até os Grandes Lagos", com uma produção de 5000000 HP, e o canal Reno-Danúbio, ligando o mar do Norte ao Negro, com um forneclrnento de 250 000 HP.

PLÍNIO QUEIRÓS salienta ser possível a ligação do Rio de Janeiro ao Prata por via fluvial, sendo utilizadas as lagunas litorâneas fluminenses até Campos, e dai, o rio Paraíba até Guararema, onde seria fácil a união das suas águas com as do Tietê. Êste rio e o Paraná por sua vez seriam condicionados a uma ininterrupta navegação e assim

O engenheiro ADOZINDO MAGALHÃES DE OLIVEIRA da Divisão de Águas do Departamento Nacional da Produção Mineral, anos depois elabora um projeto alusivo a navegação do Paraíba desde a foz até Resende, por meio de sucessivas barragens e podendo fornecer um potencial de centenas de milhares de cavalos.[505]

Projeto notável pela transformação de mais de três quartos do curso do Paraíba em aquavia permanente, desde a foz até Paraibuna em São Paulo, é do professor CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA, prevendo o autor um transporte anual de 5 000 000 de toneladas e uma produção de energia elétrica de 300 000 cavalos em cêrca de 20 usinas.[506]

O cálculo para o custeio total das suas 18 secções em 1940 era inferior a 28 milhões de cruzeiros, quantia essa que, mesmo triplicada no momento com a elevação do custo de material e mão-de-obra, seria amplamente justificada por suas resultantes. O vale do Paraíba teria no próprio rio um coletor geral da sua produção, com fretes 50 vêzes inferiores aos dos transportes por rodovias e 20 vêzes inferiores aos das ferrovias, e com grande capacidade para o tráfego de matérias-primas e de produtos industrializados.

Em suas justificativas diz o autor: "adaptar o Paraíba do Sul a uma navegação intensa para transportar a imensa produção que

---

teríamos uma grande via navegável através de todo o Brasil meridional indo atingir Buenos Aires.

Neste plano gigantesco e por enquanto de prematura execução, inúmeras usinas elétricas resolveriam o problema da energia para as nossas principais estradas de ferro, e levariam as indústrias pelo interior a dentro. (Navegação interior e obtenção de energia *hidrelétrica*. "Boletim do Instituto de Engenharia", agôsto de 1939, págs. 373 a 379).

505 O projeto do engenheiro ADOZINDO MAGALHÃES consiste no seguinte:

1.º Uma barragem de 10 metros pouco a jusante de São Fidélis, que daria um potencial de 40 000 a 100 000 kW, respectivamente na vazante e na cheia.

2.º Uma barragem de 3 metros logo a jusante da foz do rio Pomba que daria um potencial também de cêrca de 40 a 100 mil kW.

3.º Uma barragem de 30 metros com canal lateral para navegação na Ilha dos Pombos, — obra já executada pela Companhia Light and Power, exceto quanto ao canal —, o que dará um potencial de 120 a 180 mil kW.

4.º Cinco barragens no trecho próximo a Sapucaia com 30 metros de desnível e 6 quilômetros de extensão, com canal lateral para navegação e com um potencial de 200 000 kW na vazante.

5.0 Uma pequena barragem na região de Paraíba do Sul, sem aproveitamento de energia hidráulica.

A transposição das barragens sem canal lateral far-se-ia por meio de eclusas, e a navegação, com êste projeto poderia ir até Resende.

O mesmo processo seria adotado para montante, sendo igualmente possível, por idêntico processo tornar os rios Pomba e Muriaé navegáveis.

(Carta ao autor, do saudoso engenheiro MAGARINOS TÔRRES, da Divisão de Águas, que foi um dos melhores conhecedores da hidrologia do rio Paraíba).

506 PEREIRA DA SILVA, Prof. Clodomiro: O Rio Parafba do *Sul.* "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, vol. V, Rio, 1944, págs. 550 a 572.

Neste projeto analisa o autor a vantagem dos transportes aquáticos sôbre os rodoviários e ferroviários, sendo naqueles a tonelagem de material transportado bem maior relativamente ao pêso do conjunto a ser movido, ao mesmo tempo necessitando uni esfôrço de tração incalculàvelmente inferior. O seguinte quadro mostra-nos como é extraordinária essa economia; para uma velocidade de 2 quilômetros por hora:

	Carga *útil* transportada em relação ao pêso bruto	*Esfôrço* de tração
Aquavia	50 a 80%	0,5 kg por tonelada
Ferrovia	30 a 55%	25,0 kg " "
Rodovia	20 a 50%	35,0 kg "

a bacia fluvial comporta, deve ser considerado *problema nacional* dos *principais, a* vista da posição geográfica em que ela se acha".

Pela palavra dos técnicos, a navegabilidade do rio Paraíba não é pois um simples devaneio. É obra de solução concreta, mesmo dentro das nossas atuais possibilidades financeiras, completando com as modernas rodovias as grandes realizações ferroviárias do Império.

Muitos milhões de habitantes poderão viver nesse vale privilegiado por seus fatôres geográficos. Os transportes baratos e as fontes de energia elétrica não sòmente oriundas do represamento do Paraíba, como de tôda a sua rêde de afluentes, capacitarão o homem de amanhã a elevar nesta bacia uma das grandes civilizações do Globo.

Nos singulares dispositivos de importante potencial hidráulico disseminado por esta bacia vizinha do litoral e focalizada na capacidade portuária da Guanabara, é que se fundamentam as garantias de uma profusa industrialização do vale.

Estudos completos dêsse potencial e das possibilidades do seu aproveitamento na Serra, ainda não foram entretanto executados. Vimos é verdade algumas estimativas parciais decorrentes da série de barragens preconizadas para a navegação, e existem outras da reconhecida competência de técnicos da Divisão de Águas.

Ante o problema, porém, surge um dilema de fatôres que *o* complicam, e que jamais deverão ser esquecidos num plano regional de eletrificação.

O maior dêles é a crescente exigência de energia da Guanabara abastecida pela Serra, e uma clara previsão técnica deve ser feita para a economia de grandes reservas, em face da expansão gigantesca da ex-capital da República e da industrialização já iniciada no recôncavo da Guanabara e nas cidades litorâneas .

Outra objeção é a própria navegabilidade do Paraíba, que poderá vir a ser ameaçada com projetos tentadores que visem a atirar as águas do rio centenas de metros pela serra do Mar abaixo, com formidáveis potenciais.

Dois dêles já estudados pelo 1.º Distrito da Divisão de Aguas, pretendem desviar o curso do Paraibuna paulista, despenhando-o no oceano em Caraguatatuba ou em Mococa, com "uma produção de energia hidráulica da ordem de 500 000 HP instaláveis".[507]

Outro, no território fluminense, idealizado por GONZAGA DE CAMPOS e minuciosamente estudado pelos engenheiros LUÍS LÖFGREN e ADOZINDO DE MAGALHÃES, verificou a possibilidade de um rebaixamento do leito do Piraí para êle canalizando parte das águas do Paraíba que, através de um túnel de 10 850 metros, se-

[507] RIBEIRO FILHO, Raimundo Francisco: *Bacia do Paraíba,* São Paulo, 1943, pág. 37.

riam lançadas em Paracambi com 300 metros de queda, e com um potencial de 150 000 HP.[508]

A seguir a usina de São Paulo com uma capacidade aproveitada de 280 000 kW,[509] as duas maiores do pais, a da ilha dos Pombos, no Paraíba, com 160 000 HP, e a do ribeirão das Lajes com 129 000 HP, estão situadas no território fluminense, fornecendo um total de 289 000 HP que abastecem o estado da Guanabara.[510]

O atual diretor do Serviço de Águas, engenheiro VALDEMAR José DE CARVALHO, avalia para o mesmo fim ainda na Serra uma reserva de 440 000 HP, computada de grandes projetos estudados por essa repartição oficial,[511] além de outros menores na cidade de Paraíba do Sul e no rio Prêto com um total de 160 000 HP.[512]

Cêrca de 600 000 HP ficariam, dêsse modo, disponíveis para a Guanabara e algumas grandes indústrias serranas como a de Volta Redonda. Inúmeros são porém os afluentes da bacia do Paraíba onde, somados, os seus potenciais hidráulicos totalizariam ainda centenas de milhares de cavalos em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, para o desenvolvimento de um grande parque industrial.

Citemos apenas a grande reprêsa de Macabu, em construção pelo govêrno fluminense com um potencial de 33 000 kW, a do Itabapoana em estudos, para 70 000 kW, o anteprojeto do Imbê com 6 000 kW e a ampliação da atual usina de Tombos de 2 2000 kW para 22 500 kW para que se avalie como, por tôda parte do Estado, poderosas reservas de energia hidráulica nas abas da Serra ou nos próprios afluentes do Paraíba, como o rio Grande, — em estudos pela Divisão de Águas —, o Pomba, o Muriaé, o Piraí, e tantos mais, como o Santana, o Piabanha, o Paquequer-Pequeno e o Paquequer, já parcialmente fornecedores de eletricidade, para Pati do Alferes, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e outras vilas serranas, podem garantir uma ampla industrialização da terra fluminense.

---

508 CARVALHO, Valdemar José: O *problema* da energia elétrica no Brasil. "Revista do Clube de Engenharia", vol. X, n.º 91, março de 1944, pág. 94.

509 *Utilização* de Energia *Elétrica* no Brasil. Publ. "Boletim" n.º 2 do Serviço de Aguas. Rio, 1941, pág. 97.

510 Êste projeto foi substituído por outro semelhante, já executado com a construção da barragem de Santa Cecília em Barra do Pirai e a usina de Forçacava em Ribeirão das Lajes. (Nota da 2.ª edição)

511 Idem. São os seguintes os projetos apresentados por êsse engenheiro:

Sapucaia	100000 HP
Paraiba-Guandu	150000 HP
Salto	40000 HP
Desvio Rio Grande-Prêto	100 000 HP
Mambucaba	50000 HP
	440 000 HP

512 Idem, pág. 39.

Das grandes fontes de energia mencionadas, teremos, é bem verdade, a deduzir ainda, a necessária para a eletrificação das nossas estradas de ferro, já iniciada na Rêde Mineira de Viação com desafogo da estação de Barra Mansa anteriormente sempre entulhada de mercadorias, com grande economia do desnecessário combustível e com a simplificação do tráfego a exigir menos locomotivas e menor número de composições para a mesma tonelagem transportada.

No cômputo, porém, daquelas reservas, não foi incluída a contribuição dos subafluentes e ribeirões das cabeceiras, com elevado potencial em parcelas por tôda a Serra.

Até o ano de 1941, era de 218 o número de localidades fluminenses abastecidas com energia elétrica por 98 usinas, em maioria com menos de 20 anos de existência, além de 15 usinas hidrelétricas privativas. [513]

Vê-se por aí que, não obstante ser o emprêgo da eletricidade na Serra de recente data, rapidamente se generalizou. As instalações privadas em geral utilizam altas quedas, como a da cachoeira do Pau Grande com 100 metros no rio Santana afluente do Inhomirim, ou a do Beija-Flor, subafluente do Paquequer, com 165,75 metros.

Nas bacias atlânticas temos alturas aproveitáveis de 1000 metros nas cachoeiras de Ariró e Bracuí, de 600 metros na de Mambucaba, tôdas em Angra dos Reis, e de 870 metros na do Funil em Parati, em cursos d'água que despenham da serra do Mar. Mesmo na bacia do Paraíba, entretanto, onde os desníveis são menos súbitos, várias são as quedas altas entre as quais destacaremos a do Conde d'Eu como 300 metros no Rio Paquequer. [514]

Inúmeras são ainda as cascatas por estudar em ribeirões e córregos das cabeceiras da bacia com grandes reservas latentes de energia hidráulica comportando uma segura previsão de pequenas indústrias futuras, a serem instaladas por tôda parte no vale do Paraíba, ou na Baixada e vertentes da serra do Mar.

Já com a sua densa rêde ferroviária instalada, tem pois a bacia do Paraíba os necessários requisitos de uma região predestinada a grande surto industrial, para que tende a sua evolução determinada pelos fatores geográficos.

Como preparo demográfico para êsse fim, deu-lhe ainda o ciclo imperial do café uma população eqüitativamente espalhada com a subdivisão da terra em fazendas, e centralizada em tôrno de centenas de povoados que evolveriam para outras tantas vilas e

---

[513] *Utilização de* energia *elétrica* no Brasil. "Boletim" n.º 2 da Divisão de Águas, Rio. 1941, pág. 213.

[514] Vide relação final das quedas d'água aproveitadas na bacia do Paraíba ou estudadas na mesma região e nas bacias atlânticas até 1946, pela Divisão de Águas do Departamento Nacional da Produção Mineral.

nada menos de 88 cidades. Não obstante o despovoamento que se registra em várias zonas conseqüente ao declínio da cultura cafeeira substituída pela pecuária,[515] essa população serrana continuou sempre a crescer, apresentando-se hoje com expressivos índices demográficos que demonstram a sua enérgica vitalidade:

População dos municípios da bacia do Paraibn em 1953,[516]

	Área de bacia	*Habitantes*		*Índice demoyráfieo*
Zona paulista	13 500 *km²*	403 280		29,87
Zona mineira	20 900 km²	753 039		35,93
Zona fluminense	22 600 km²	1 080 998		47,83
	57 000 km²	2 237 317	*média*	37.87

Mesmo após a extinção do ciclo do café em quase tôda a superfície do vale, a sua tão apregoada decadência é ,assim antes ilusória, pelo menos na terra fluminense com um bastante elevado índice demográfico. Resulta êle de um confronto com.a excepcional posição da Província no Império, na liderança da .economia nacional embora hoje ceda em valores absolutos o irimeiro lugar a outros Estados de grande área territorial e de maiores possibilidades zgrícolas.

Na produção *per capita* continua, porém, o Estado do Rio 'de Janeiro a frente dos demais. E esta supremacia no trabalho individual é que nos faz crer na sua rápida ascensão no nôvo .cicio industrial que se inicia, motivado pelos fatôres geográficos.

O engenheiro RAIMUNDO RIBEIRO FILHO foi um dos que meihor exprimiram a estreita ligação dêsses fatôres na evolução cultural da bacia do Paraíba: "Êsse importante vale que sente bem de perto a pulsação da capital do país, tem seu destino traçado: Colheu riqueza e fastígio nos frutos da agricultura e teve relêvo incontestável em fins do último século. A posição e a suavidade

[515] Um dos mais perniciosos efeitos dêsse despovoamento, é a figura da população dos campos para as favelas do estado da Guanabara, como se deduz das seguintes cifras oficiais:

População das favelas do Rio de *Janeiro* por Estados e nacionalidades

Estado do Rio	50,12%	Maranháo	0,22%
Minas Gerais	25,03%	Rio Grande do Norts	0,19%
Espírito Santo	10,20%	Goiás	0,19%
Sáo Paulo	2,07%	Mato Grosso	0,14%
Pernambuco	2,07%	Piauí	0,06%
Bahia	1,48%	Portugal	2,80%
Santa Catarina	1,10%	Itália	0,06%
Paraíba	0,83%	Espanha	0,04%
Ceará	0,72%	Turquia	0.04%
Sergipe	0,39%	Síria	0.04%
Pará	0,39%	Estados Unidos	0,04%
Amazonas	0,27%	Bulgária	0,02%
Rio Grande do Sul	0,27%	Guanabara	18,57%

Mais de metade dessa populaçáo é 'pois fluminense, sendo a porcentagem carioca diminuta. (HENRIQUE DODSWORTH: Favelas. "Correio da Manhã". 19 de outubro de 1945.)

[516] Estimativa do Inst. Bras. de Geogr. e Estatística para 1943.

do clima, em vasta extensão do seu território, dão-lhe privilégio que não podem ficar em vão. Estará fadado irrecusavelmente a papel relevante na nossa vida econômica; porque, intimamente ligado a própria grandeza nacional por fatôres e circunstâncias naturais, oferece um esplêndido campo à ação do dinamismo industrial, êsse ar que respira a civilização contemporânea". [517]

Dêle são ainda estas palavras que completam a previsão do grande futuro dêste vale: "Considerados os fatôres geográficos e humanos impõe-se o fato de que essa bacia está numa posição privilegiada, de extrema importância na evolução nacional. Nas proximidades, de seus bordos gravitam as duas mais importantes cidades do país: Rio de Janeiro e São Paulo; no seu interior florescem numerosas cidades de densa população animando de grande circulação econômica as estradas que as cortam. A situação empresta especial significação aos seus recursos naturais, ao sistema hidrográfico e ao valioso potencial hidráulico, máxime no atual estádio da economia brasileira". [518]

Até aqui analisamos a evolução histórica, econômica e social da Serra Fluminense, por sua população e área, a zona mais importante da bacia do Paraíba. Por sua rêde de transportes a mais promissora de uma rápida evolução industrial.

Para que esta entretanto se efetue e se acelere em máxima pujança, torna-se indispensável de antemão enquadrá-la num grandioso plano técnico de conjunto, sob a orientação de um órgão do govêrno.

De tamanho vulto é o problema social da bacia do Paraíba, e de tão grande importância para a nossa economia que, nenhuma outra região brasileira se apresenta na atualidade mais indicada para uma experiência administrativa de conjunto em grande escala. Os vales do Amazonas, do São Francisco e do Paraná são por demais vastos. Nenhum dos grandes rios do planalto nos oferece, a um tempo essa variedade paisagística tão propícia as mais diversas adaptações humanas, e essa uniformidade regional de uma bacia bem delimitada, homogêneamente povoada, rica em cidades prósperas e em recursos de energia hidráulica.

O problema da bacia do Paraíba é de ordem nacional. No vale dêste rio predestinado é que o Brasil deveria estimular o desenvolvimento das suas grandes indústrias para uma integral revolução em tôda a sua economia.

De tal ordem são, porém, a magnitude e a complexidade de uma solução harmônica em todos os setores que, a um departamento especial deveria ser confiado o vale inteiro, para a execução de um plano em grande escala, orientador das suas futuras atividades.

---

[517] RIBEIRO FILHO, Raimundo: obr. cit., pág. 78.

[518] Idem, pág. 21.

Especialistas em todos os ramos técnicos deveriam ser congregados numa entrelaçada colaboração. Geólogos para estudarem as suas possibilidades minerais. Zootécnicos para a seleção de uma pecuária compatível com o consumo de lacticínios nos grandes centros próximos. Agrônomos para as pesquisas no solo empobrecido pelos cafèzais, readaptando-o pela adubagem para novas culturas cientificamente dirigidas. Botânicos para um reflorestamento geral de espécies, para que se renovem as antigas selvas derrubadas, nas encostas com excessivos declives para a lavoura,[519] com a criação de bosques de perobas, de cedros, de sucupiras, de jacarandás, de tôda a variedade imensa de madeiras de lei extintas, onde a experimentação melhor provar o seu crescimento, para que leguemos as futuras gerações florestas homogêneas, em lugar do selvagem e promíscuo desalinho de tanta vegetação que destruímos. Engenheiros para que calculem todo o seu enorme potencial hidráulico do rio mestre as cabeceiras, selecionem reservas para as metrópoles e demais necessidades litorâneas, planejem e localizem as áreas industriais em relação as fontes de energia e a capacidade dos transportes, e que, em seus ciclópicos projetos de atirar o rio pela Serra abaixo, excluam suficiente volume d'água para a navegação a ser do mar levada ao alto curso. Higienistas, sociólogos e economistas, todos devem colaborar no aproveitamento dessa magnífica base física, generoso presente da natureza.

Com um "Departamento Nacional do Vale do Paraíba" agindo em planos decenais, veríamos então surgir no Brasil a formidável potência de uma economia articulada.

Mesmo, porém, que a imprevidência do govêrno se descuide na criação dêsse órgão planejador, dinâmicas iniciativas movimentarão em breve a bacia inteira, embora sem a aconselhável orientação estatal.

Grandes e pequenas indústrias por tôda parte agitarão o vale saturado de populações enérgicas. Do seu subsolo ainda quase desconhecido, possivelmente serão arrancadas preciosas riquezas minerais e os volumosos depósitos de calcário e de calcita farão surgir as grandes fábricas de cimento. A agricultura e a pecuária selecionadas, e desta vez unidas pela subdivisão da propriedade com o aumento do índice demográfico, trarão fartura as calvas ondulações amaninhadas pelos cafèzais.

A Baixada que era uma sucessão de pântanos e lagoas já se converte pelo saneamento em vastas planícies cultiváveis. Por sua vez, irá inversamente a Serra se cobrir de largos. Contidas por cen-

[519] O reflorestamento é um dos fatores fundamentais na recuperação do vale do Paraiba. A experiência agrícola nos Estados Unidos desaconselha a agricultura em terrenos com mais de 15% de rampa, visto que as chuvas, nêles ràpidamente empobrece o solo arrastando tôda a argila coloidal e o húmus, além dos fenômenos desastrosos da erosão. Deve ter sido esta uma das causas do esgotamento dos cafèzais. Corro em quase todo o vale, os declives são em geral superiores aquela cifra, compreende-se a importância do aproveitamento da terra por uma arborização de madelras de lei em grande escala, que pode ser completada por modernas fábricas de celulose.

tenas de reprêsas, as toalhas lacustres reluzirão ao sol, espelhando tôda uma vida de florestas novas, de lavouras novas, de chaminés erguidas por uma nova gente.

A horticultura e a fruticultura de tôdas as espécies tropicais e européias adaptáveis a heterogeneidade climática da Serra, e uma bem dirigida piscicultura nas reprêsas, vitalizarão de sadios alimentos uma nova raça.

Pelo grande rio canalizado, pelas estradas de ferro e pelas rodovias, minérios, madeiras, produtos da lavaura, lacticínios, tecidos, ferro, aço, maquinismos, mercadorias importadas, tôda sorte de matérias-primas e industrializadas continuamente passarão num constante tráfego mútuo entre a Serra e o litoral. Tôda essa fecunda agitação fertilizará novas idéias, insinuará novas diretrizes, infundirá novos estímulos que irradiarão pelos quadrantes do interior e do oceano.

De nôvo, como no Império, mas em escala colossal, sentir-se-á o Brasil possante com a opulência econômica do vale do Paraíba. Mas para isso é preciso que uma nova mentalidade se incorpore no organismo da nossa política. Que, mais profunda que epidérmicos interêsses partidários, surja no espírito dos homens públicos a responsabilidade do futuro do país.

Que parlamentares e governantes, exclusivamente dedicados à solução dos magnos problemas nacionais, associadamente contribuam para promover a grandeza da pátria. Que em retribuição e estímulo aos núcleos produtores rurais, lhes conceda o Govêrno palpáveis quantias da arrecadação, em lugar das mesquinhas parcelas destinadas aos municípios. [520]

[520] Um simples exemplo basta, para que se revele o ignominioso sistema da distribuição atual das verbas arrecadadas.

Municipio de Campos — 1945

Coletorias Federais	Cr$ 34 000 000,00
Coletoria Estadual	Cr$ 25 000 000,00
Institutos	Cr$ 15 000 000,00
Total	Cr$ 74 000 000,00

Orçanaento municipal

Receita	Cr$ 8 360 000,00

Despesa

Funcionalismo	Cr$ 4 308 000,00
Juros de empréstimo	Cr$ 1 600 000,00
Despesas forçadas (Legião Brasileira de Assistência, custeio policial, Saúde Pública, Departamento de Municipalidade, Caixas de Aposentadoria e Pensões, salário-família, etc.	Cr$ 979 000,00
Total	Cr$ 6 887 000,00

Para o custeio de material permanente e de consumo. execução de obras novas, calçamentos, conserva de estradas e pontes, despesas diversas imprevistas, restam apenas Cr$ 1 473 000,00.

É quanto sobra para melhoramentos municipais, de uma arrecadação total que excede a Cr$ 82 000 000,00!

(Dados do discurso de posse do prefeito Dr. FERREIRA PAIS e do discurso do prefeito demissionário Dr. FILIPE SENÉS, em 23 de fevereiro de 1946).

O desbravamento do vale do Paraíba, engrandecido com a civilização do café, foi obra do Império. A sua industrialização terá de necessariamente ser da República.

De nada serve lamentarmos o passado por mais esplêndido que tenha êle sido, mas sim nos projetarmos com maiores êxitos para o futuro.

Valham-nos para isso como lema, estas claras palavras de RENAN: "O que leva os homens a formarem um povo, não é apenas a lembrança de grandes coisas que fizeram juntos, mas o desejo e a vontade de fazerem novas coisas".

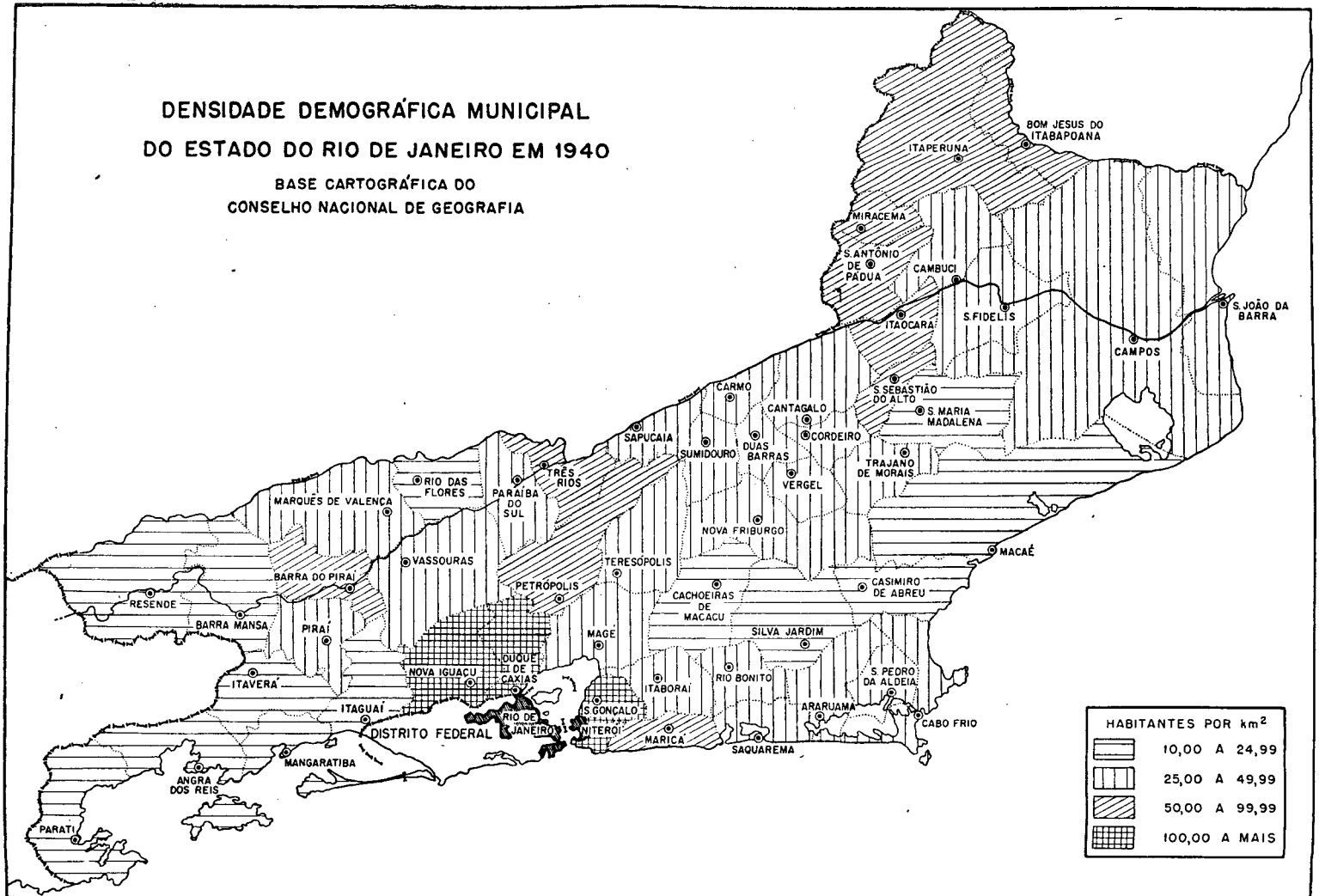

DENSIDADE DEMOGRÁFICA MUNICIPAL
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 1940
BASE CARTOGRÁFICA DO
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
BOM JESUS DO ITABAPOANA
ITAPERUNA
MIRACEMA
S. ANTÔNIO DE PÁDUA
CAMBUCI
S. JOÃO DA BARRA
ITAOCARA
S. FIDELIS
CAMPOS
CARMO
CANTAGALO
S. SEBASTIÃO DO ALTO
S. MARIA MADALENA
CORDEIRO
SAPUCAIA
SUMIDOURO
DUAS BARRAS
TRAJANO DE MORAIS
VERGEL
TRÊS RIOS
RIO DAS FLORES
PARAÍBA DO SUL
MARQUÊS DE VALENÇA
NOVA FRIBURGO
MACAÉ
VASSOURAS
TERESÓPOLIS
BARRA DO PIRAÍ
PETRÓPOLIS
CASIMIRO DE ABREU
CACHOEIRAS DE MACACU
RESENDE
BARRA MANSA
PIRAÍ
MAGÉ
SILVA JARDIM
DUQUE DE CAXIAS
NOVA IGUAÇU
ITAVERÁ
ITABORAÍ
RIO BONITO
S. PEDRO DA ALDEIA
ITAGUAÍ
RIO DE JANEIRO
S. GONÇALO
ARARUAMA
CABO FRIO
DISTRITO FEDERAL
NITERÓI
MARICÁ
SAQUAREMA
MANGARATIBA
ANGRA DOS REIS
PARATI
HABITANTES POR km²
10,00 A 24,99
25,00 A 49,99
50,00 A 99,99
100,00 A MAIS
S.N.W.-1937

Fig. 225

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS **D'ÁGUA** DA BACIA DO **PARAÍBA**

a) Quedas aproveitadas até 1946

QUEDA D'ÁGUA			CURSO D'ÁGUA	CAPACIDADE kW.		MUNICÍPIO	NOME DA USINA
NOME	Altura	Descarga		Aproveit.	Bruta		
1 — Rio de Janeiro							
S. Lagoinha	36,91	0,250	Lagoinha	74	90	Bzrra Mansa	Do Salto
S/N	9,00	0,450	Paca	26	40	Barra Mansa	Em Falcão
C. do Turvo	25,00	1,400	Turvo	258	350	Bzrra Mansa	Turvo
C. do Chalé	25,00	0,480	Bocaina	98	120	Barra Mansa	Chalú
Ilha dos Pombos	25 a 32	500,000	Paraíba	160 000	170 000	Carmo	Ilha dos Pombos
C. Bom Jardim	6,00	3,500	Grande	147	200	Bom Jardim	Bom Jardim
S/N	3,50	0,025	São José	8	10	Bom Jardim	Ertal
C. São Francisco	16,00	0,320	Valão Grande	42	50	Cambuci	S/N
Gambá	12,00	0,600	Valão Grande	46	70	Cambuci	Paraìsinho
C. Tudelândia	48,00	1,000	Santíssimo	184	450	Santa Mzria Madalena	S/N
C. Inferno	38,00	3,889	Negro	1 443	1 480	Cantagalo	Chave do Vaz
C. São Lourenço	7,30	0,420	Quilombo	27	30	Cantagalo	Santa Emília
C. Glória	6,00	0,420	Macuco	74	200	Cantagalo	Glória
S/N	9,50	1,000	Negro	74	100	Cantagalo	Rio Negro
C. Emboque	35,00	0,216	Emboque	74	75	Carmo	Emboque
São José	14,50	0,940	Negro	107	135	Duas Barras	São José
S/N	30,50	0,075	Conceição	29	25	Três Rios	Faz. Bemposta
S/N	58,00	24,969	Piabanha	11 371	17 000	Três Rios	Em Alberto Tôrres
S/N	127,10	3,432	Fagundes	5 888	6 000	Três Rios	Em Alberto Tôrres
C. Fumaga	6,00	30,000	Muriaé	1 840	1 800	Itaperuna	Em Laje do Muriaé
S/N	12,00	0,200	ouro	18	22	Itaperuna	Em Santa Clara
C. Baú	11,50	0,300	Cigarro	18	35	Itaperuna	Ouro Fino
C. Jabota	9,00	0,222	São Sebastião	15	20	Itaperuna	Vista Alegre
C. do Hans	57,00	0,805	Santo Antônio	368	450	Nova Friburgo	Do Hans
C. Catete	110,0	2,040	Bengalas	1 546	2 200	Nova Friburgo	Catete
S/N	16,30	0,200	Taboas	22	32	Nova Friburgo	Refúgio
C. Itamarati	85,56	1,000	Itamarati	648	850	Petrópolis	Itamarati
C. Caxambu	62,01	0,750	Itamarati	339	460	Petrópolis	Rio Prêto
S/N	4,70	1,150	Prêto	59	70	Petrópolis	Caxambu
S/N	70,00	0,370	Campo Belo	250	450	Resende	Itatiaia
S/N	17,00	0,310	Campo Belo	46	50	Resende	Campo Belo
S/N	4,00	0,300	Tabuão	11	12	Resende	Em Fumaça
C. Rio Claro	126,00	0,020	Claro	15	25	Itaverá	Vila Velha

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

a) Quedas aproveitadas até 1946

QUEDA D'ÁGUA			CURSO D'ÁGUA	CAPACIDADE kW.		MUNICÍPIO	NOME DA USINA
NOME	Altura	Descarga		Aproveit.	Bruta		
1 — Rio de Janeiro (conclusão)							
C. Passa Três	20,00	0,080	Passa Três	15	30	Itaverá	Em Passa Três
S/N	—	—	Santo Antônio	11	—	Santa Maria Madalena	Em Vila Arrebol
C. São Leandro	30,00	0,846	Manuel Ferreira	221	300	Rio das Flôres	São Leandro
C. Laje	90,00	0,020	Laje	9	18	São Sebastião	Luso-Brasileiro
C. de Szpucaia	50,00	1,200	Santo Antônio	147	580	Szpucaia	Municipal
C. Aparecida	10,00	0,120	Aparecida	5	12	Szpucaia	Em Aparecida
C. Ponte do Amaro	6,50	1,000	Paquequer	22	70	Sumidouro	Municipal
C. Fischer	16,50	1,825	Paquequer	221	300	Teresópolis	Fischer
C. T. Bênção	11,00	0,300	Neves	29	32	Trajano Morais	Aurora
S/N	5,00	0,300	São Bento	2	15	Trajano Morais	Barra dos Passos
C. Pau d'Alho	25,00	5,000	Flôres	736	1 250	Marquês de Valença	Vito Pentagna
C. Pedro Carlos	36,00	0,500	Prata	61	175	Marquês de Valença	N. S. da Luz
C. Boa Vista	37,00	0,100	Boa Vista	26	40	Marquês de Valença	Santa Isabel
C. Rio Bonito	—	—	Rio Bonito	3	—	Marquês de Vzlença	Em Pentagna
C. São José	7,00	1,500	Sacra Família	74	100	Vassouras	Em Morro Azul
S/N	4,00	0,750	Paraíba	18	—	Cantagalo	Em Euclides da Cunha
C. Banquete	36,00	0,150	Rosário	18	40	Bom Jardim	Banquete
C. Floresta	—	—	Floresta	13	—	Bom Jardim	Em Faz. Bom Jardim
C. da Fábrica	30,00	2,196	Sacra Família	455	600	Barra do Piraí	Da Fábrica
C. de Mendes	9,16	2,500	Sacra Família	121	200	Barra do Piraí	Cachoeira
C. da Samambaia	65,00	0,060	Samambaia	63	50	Cantagalo	Faz. Bemposta
S/N	8,50	0,800	Paquequer	74	650	Carmo	Faz. Santa Catarina
Cascatinha	80,00	1,475	Piabanha	810	1 100	Petrópolis	Cascatinha
Cascata Feroz	47,50	0,240	Macabu	88	110	Teresópolis	Granja Comari
C. Beija-Flor	165,75	0,075	Beija-Flor	87	120	Teresópolis	Granja Guarani
S/N	18,00	2,800	São Fernando	397	500	Marquês de Vzlença	Faz. São Fernando
C. do Salto	49,50	0,560	Salto	221	275	Vassouras	Salto
2 — São Paulo							
S/N	5,50	0,300	Vermelho	22	16	Areias	S/N
S/N	147,00	0,132	Igrejinha	209	200	Bananal	Cach. do Retiro
	116,00	0,040	Barreiro	38	150	Borborema	F. e Luz São José

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

a) Quedas aproveitadas até 1946

QUEDA D'ÁGUA			CURSO D'ÁGUA	CAPACIDADE kW.		MUNICÍPIO	NOME DA USINA
NOME	Altura	Descarga		Aproveit.	Bruta		
2 — São Paulo (conclusão)							
C. do Bravo	59,00	2,150	Bravo	883	5 000	Cachoeira	Bocaina
C. do Putim	72,00	1,200	Putim	589	850	Guararema	Putim
C. do Sodré	125,00	0,705	Piagui	662	860	Guaratinguetá	Sodré
C. Sacatrapo	959,80	0,167	Sacatrapo	8 238	4 560	Pindamonhangaba	Isabel
S/N	39,00	1,650	Turvo	552	750	São José dos Campos	Turvo
C. do Sertão	84,00	0,420	Sertão	298	345	Piquête	F. da Pólvora
C. da Máquina	18,25	0,380	Itacuruçá	18	65	Cunha	Itzcuruçá
S/N	9,00	0,44 a 0,080	Cantagalo	5	6	Cunha	h'. S. Conceição
S/N	24,52	0,296	Entupido	81	100	Queluz	S/N
S/N	14,20	26,619	Paraitinga	2 466	2 500	Redenção	Félix Guisard
C. Varadouro	22,00	0,500	Araraquara	74	100	Santa Isabel	Canvira
S/N	5,50	0,170	Palmeiras	9	10	Santa Isabel	Igaratá
S/N	7,00	0,500	Ferrão	29	750	S. J. Campos	Buquira
Queda do Chapéu	8,30	0,484	Chapéu	33	150	S. L. Paraitinga	Municipal
Cascata Grande	10,59	0,320	Silveira	22	35	Silveiras	Silveiras
S/N	319,00	0,180	Campos	460	565	Aparecida	Cicero Prado
3 — Minas Gerais							
C. Papagaio	97,00	0,140	Papagaio	99	135	Além Paraíba	Aventureiro
C. Chapéu.d'Uvas	27,00	0,700	Tabuões	118	185	Santos Dumont	Chapéu d'Uvas
C. Eubanque	27,00	0,500	Zubanque	52	135	Santos Dumont	Eubanque
SN	8,00	0,400	S/N	22	30	Santos Dumont	Mantiqueira
C. Goiabal	10,00	0,300	Goiabal	2	5	Bom Jardim	Em Tabuão
C. Furriel	40,00	0,500	Furriel	18	25	Carangola	Em Alvorada
S/N	43,00	0,030	Moinho Santa Cruz	18	12	Carangola	Em São Francisco
C. Divino	11,60	0,480	Carangola	44	250	Divino	—
C. Pilões	210,00	1,450	Liberdade	2 490	3 100	Liberdade	Em Carlos Euler
S/N	28,00	0,400	Bages	88	110	Erval	Ervalença
C. Marmelos	43;20	0,800	Paraibuna	1 472	...	Juiz de Fora	Marmelo I
C. Marmelos	53,00	3,600	Paraibuna	3 054	14 200	Juiz de Fora	Marmelo II
C. Paciência	23,00	11,000	Paraibuna	2 944	4 500	Matias Barbosa	Paciência
S/N	5,00	0,300	Espírito Santo	15	20	Juiz de Fora	Em Vargem Grande

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

a) *Quedas aproveitadas até* 1946

QUEDA D'ÁGUA			CURSO D'ÁGUA	CAPACIDADE kW.		MUNICÍPIO	NOME DA USINA
NOME	Altura	Descarga		Aproveit.	Bruta		
3 — Minas Gerais (conclusão)							
C. Fumaça	26,00	0,580	Nôvo	2 208	3 400	Leopoldina	Maurício
C. Brumado	48,00	0,250	Brumado	92	120	Lima Duarte	Na sede
C. Fumaça	75,00	0,528	Prêto	294	1 300	Muriaé	Cel. Domiciano
C. Sumidouro	32,00	9,000	Pomba	2 841	3 000	Pomba	Iturrê
C. Fumaça	10,00	1,000	Pomba	88	1 000	Liberdade	Oiti Laje
C Olaria	—	—	Rosa	3	—	Lima Duarte	Na sede
C. Triste Vida	34,00	0,010	Triste Vida	3	3	Mar de Zspanha	Monte Verde
S/N	8,00	0,080	Sarandi	3	3	Mar de Espanha	Sarandi
C. Santana Deserto	22,00	0,500	Caguicho	74	110	Matizs Barbosa	Santana Deserto
C. Coqueiros	9,00	0,070	Coqueiro	5	10	Matias Barbosa	São Pedro de Alcântara
C. Sumidouro	18,00	1,000	Pomba	147	220	Mercês	Santa Amália
C. Três Barras	6,00	2,600	(Muia) Muriaé	113	210	Miraf	Miguel Pereira
S/N	8,00	0,040	Camargo	2	3	Muriaé	Pirapanema
C. Alegre	—	—	Cascata	2	—	Muriaé	Bom Jesus
C. Água Espalhada	—	—	Água Espalhada	2	—	Muriaé	Rosário de Limeira
C. Pontal	78,00	0,080	Pontal	13	55	Palma	Em Morro Alto
C. Santa Maria	42,00	0,050	Santa Maria	15	20	Rio Branco	Em Santa Maria
C. Água Limpa	27,00	0,740	Água Limpa	151	200	Rio Nôvo	Água Limpa
C. das Pedras	130,00	0,125	Pedras	118	160	Rio Prêto	União
C. do Ronco	19,00	1,200	Bananal	147	230	Rio Prêto	Santa Rita
C. dos Luíees	7,10	0,400	Monte Verde	29	98	Rio Prêto	Em Bárbara Monte Verde
C. do Guari	72,00	10,000	Pinho	4 800	7 000	Santos Dumont	Guari
S/N	32,00	6,000	P i o	1 568	2 000	Santos Dumont	Ana Maria
C. Cantarinos	15,50	1,500	Formoso	167	220	Santos Dumont	Cantarinos
S/N	22,48	0,180	Cachoeira	37	40	Santos Dumont	Em Dores do Paraibuna
C. de Tombos	50,00	4,200	Carangola	2 944	2 450	Tombos	Tombos
C. Segrêdo	—	—	Batatal	9	—	Tombos	Em Água Santa
C. São José	—	—	São José	9	—	Tombos	Em Pedra Dourada
C. do Angu	30,00	1,880	Angu	316	580	Volta Grande	Volta Grande
S/N	35,00	0,205	Peixe	59	70	Rio Nôvo	Ext. Experimental

NOTA — S/N = quedas sem nome.

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

b) Quedas estudadas até 1946

NOME	Altura	Descarga	Curso d'água	Capacid. kW.	Município	Observações
			1 — Rio de Janeiro			
Grande	13,000	5,500	Flôres	526	Marques de Valença	
Adão	30,000	4,000	Paquequer	1 104	Carmo	
Lutterbach	20,000	4,000	Paquequer	590	Carmo	
Bacelar	16,000	3,600	Paquequer	424	Carmo	
Macuco	7,800	9,195	Paquequer	528	Carmo	
Sumidouro	70,000	3,000	Paquequer	1 546	Carmo	
Conde d'Eu	300,000	0,500	Paquequer	1 104	Sumidouro	
Cardoso	24,000	3,000	Rib. Francisco	530		
Bom Jesus	8,360	2,000	São Francisco	123	Sumidouro	
Barra	6,890	2,000	São Francisco	101	Sumidouro	
Rib. do Engenho	49,570	0,500	Rib. do Engenho	182	Carmo	
Paraíba-Guandu	299,000	50,000	Paraíba-Guandu	1 100 032	Barra do Piraí	
Funil	34,500	71,000	Paraíba	18 028	Resende	
Campo Belo	—	3,000	Campo Belo	11 040	Resende	
Guarilhas	19,000	1,000	Sebastiana	189	Teresópolis	
Bom Sucesso	37,000	0,800	Formiga	290	Teresópolis	Com acumulação 1 080 kW
Imbuí	39,000	1,000	Paquequer	382	Teresópolis	
2.ª Cachoeira	45,000	1,000	Paquequer	441	Teresópolis	
Rio Prêto	63,000	4,000	Prêto	2 470	Teresópolis	Com acumulação 8 600 kW
Capim	34,000	6,000	Prêto	2 000	Petrópolis	(1) Aproveitamento conjunto e acumulação 22 000 kW C/Armazenamento (1) 7800 kW aproveitamento difícil.
São José do Rio Prêto	40,000	6,000	Prêto	2 352	Petrópolis	
Areal	47,000	7,000	Prêto	3 220	Petrópolis	
Jacuba (corredeira)	120,000	3,000	Piabanha	3 500	Petrópolis	
A montante de Alberto Torres	52,000	8,000	Piabanha	4070	Três Rios	
A jusante de Albrrto Tôrres	52,000	8,000	Piabanha	2 660	Três Rios	
Paraíso	25,000	6,000	Flôres	1 104	Marquês de Valença	
Cel-Cardoso	15,000	2,000	São Fernando	221	Marquês de Valença	
Cd. Rio Grande	95,000	4,000	Grande	2 797	Nova Friburgo	
Cafurna	20,000	5,000	Grande	736	Nova Friburgo	
Santa Rosa	70,000	6,000	Grande	3 091	Nova Friburgo	
Manuel de Morais	40,000	8,000	Grande	2 355	Nova Friburgo	
Lemgruber	70,000	2,000	Macuco	1 030	Cordeiro	

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

b) Quedas estudadas até 1946

NOME	Altura	Descarga	Curso d'água	Capacid. kW.	Município	Observações
			I — Rio de Janeiro (conclusão)			
Ronca Pau	50,000	4,000	Negro	1 472	Cantagalo	
Agua Limpa	135,000	5,000	Imbê	4 960	Madalena	
Santo Inácio	286,000	0,900	Mocotó	1 890	Campos	
Ribeiro das Flôres	240,000	0,600	Rib. das Flôres	1 060	São Fidélis	
Recreio	150,000	0,600	Colégio	662	São Fidélis	
			2 — Minas Gerais			
Ponto do Gomes	32,000	25,000	Pomba	5 888	Juiz de Fora	
Bonfante	11,000	25,000	Paraibuna	2 800	Juiz de Fora	
São Bento	160,000	1,772	Rib. Sta. Clara	2 087	Rio Prdto	
Monte Verde	50,000	6,000	Monte Verde	2 208	Juiz de Fora	
Sun idouro	30,000	11,000	Pomba	2 429	Pomba	
Corredeira	12,000	30,000	Pombe	2 650	Cataguases	
Fumaça	54,000	8,000	Cágado	3 180	Juiz de Fora	
Boceta	103,000	4,000	Conceição	3 032	Rio Prêto	
Fumrça	94,000	5,000	Formoso	3 459	Pomba	
Areal	80,000	4,200	Bananal	2 473	Rio Prêto	
Eusébia	17,000	45,000	Pomba	5 630	Cataguases	
Cachoeira	26,000	30,000	Peixe	5 471	Juiz de Fora	
Sobraji	76,365	12,000	Paraibuna	6 744	Juiz de Fora	
Maria de Barros	166,500	8,000	Nôvo	9 805	Rio Nôvo	
Sobrado	15,000	0,650	Jacutinga	7 176	Rio Prêto	
Picada	95,500	22,000	Peixe	15 463	Juiz de Fora	
Marmelos	70,000	8,000	Paraibuna	4 122	Juiz de Fora	
Conceição	100,000	1,500	Conceição	1 104	Rio Prêto	
Santana	80,000	2,000	Santana	1 177	Rio Prêto	
Retiro	16,000	1,600	Carangola	250	Carangola	
Boi	20,000	2,000	Carangola	392	Cerengola	Com acumulação 588 kW
Boa Esperança	42,000	2,800	Carangola	1 097	Carangola	Com acumulação 1 568 kW
Ponte do Pari	30,000	3,000	Carangolz	882	Carangola	Com barragem 1 176 kW
Santa Cruz	12,000	3,700	Carangola	435	Carangola	Com acum. montante 905

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

b) Quedas estudadas até 1946

NOME	Altura	Descarga	Curso d'água	Capacid. kW.	Municipio	Observações
			3 — São Paulo			
Rib. Grande	932,000	0,430	Rib. Grande	2 944	Taubaté	
Piagui	751,000	0,200	Piagui	2 355		
Bairro Alto-Mococa	667,000	12,000	Paraibuna	58 910		
Santa Branca	16,000	50,000	Paraíba	5 888	Jacareí	
			4 — Rio de Janeiro — Minas Gerais — São Paulo			
Salto e Paredão	36,000	71,000	Paraíba	18 812	Queluz Resende	
Sapucaia	50,000	250,000	Paraíba	92 000	Sapucaia Mar de Espanha	
Santa Helena	11,723	55,000	Paraibuna	4 745	Juiz de Fora Paraíba do Sul	
Trecho inf. Paraibuna Ponte do Sousa (Cd)	42,000	4,500	Prêto	18 400	Aiuruoca *	
				11 391	Resende	
Fumaça	233,000	5,817	Prêto	9 973	Aiuruoca Resende	
Espraiado	40,000	6,000	Prêto	1 766	Aiuruoca	
Zelinda	14,700	6,500	Prêto	721	Aiuruoca Resende	
Poço dos Patos	25,000	7,500	Prêto	1 380	Santa Rita de Jacutinga Barra Mansa	
Fabiana	8,880	8,000	Prêto	523	Santa Rita de Jacutinga Barra Mansa	
Escadinha	7,940	8,500	Prêto	497	Santa Rita de Jacutinga Marquês de Valença	

* Compreende um trecho encachoeirzdo onde podem ser instaladas três usinas em degraus.

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'ÁGUA DA BACIA DO PARAÍBA

b) Quedas estudadas até 1946

NOME	Altura	Descarga	Curso d'água	Capacid. kW.	Município	Observações
4 — Rio de Janeiro — Minas Gerais — São Paulo (conclusão)						
Ronco	5,180	9,000	Prêto	343	Santa Ritz de Jzcutinga Marquês de Valença	
Barbosa Gonçalves	6,510	14.000	Prêto	670	Rio Prêto Barra Mansa	

CARACTERÍSTICAS DAS QUEDAS D'AGUA DAS BACIAS DO RIO DE JANEIRO

(exceto a bacia do Paraiba)

NOME	Altura	Descarga	Curso d'água	Capacid. kW.	Município	Observações
Ariró	1 000,000	0,500	Ariró	3 700	Angra dos Reis	
Bracuí	1 000,000	1,000	Bracuí	3 600	Angra dos Reis	
Funil	870,000	2,600	Funil	16 648	Parati	
Mambucaba	600,000	8,000	Mambucaba	35 328	Angra dos Reis	
Fumaça	40,000	4,000	Itabapoana	1 177	Santo Eduardo	
Inferno	65,000	5,000	Itabapoana	2 392		
Frez	70,000	3,000	Macaé	1 546	Nova Friburgo	
São Romão	70,000	3,000	Macaé	1 546	Nova Friburgo	
Barra do Sana	50,000	4,000	Macaé	1 472	Nova Friburgo	
Fontes	309,000	16,300	Rib. das Lajes	129 000	Piraí	Novas obras em andamento aumentarão muito a capacidade aproveitada.

Origem da informação. Estudos efetuados pelos técnicos da Divisão de Águas.

BIBLIOGRAFIA

1 — AGASSIZ, Luís e Elisabeth — *Viagem ao Brasil*, 1865-1866. *Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça, São Paulo*, 1938.

2 — *Almanaque Laemmert, Rio*, 1870.

3 — *Almanaque Laemmert, Rio*, 1930.

4 — ALMEIDA, *Guilherme de: Escoadouros Mortos do Café. "O Jornal", ed. comem. cio bicent. do café, Rio*, 15 *de outubro de* 1927, 4.ª *edição.*

5 — ALMEIDA, *Renato: Mangaratiba, terra das begônias. Idem.*

6 — ALVARENGA, *João: Almanaque Industrial, Mercantil e Administrativo da Cidade e Município de Campos.* 2 *vols. Campos*, 1881 *e* 1884.

7 — ALVES DE SOUSA, *A. J.: Aproveitamento da Fôrça Hidráulica no Brasil. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, vol. IV, Rio*, 1944.

8 — ALVES TEIXEIRA, *Emílio,: Turfa de Resende — Estado do Rio. Avulso* n.º 33 *do Serviço do Fomento da* Produção *Mineral, Rio*, 1933.

9 — ALVIM PESSOA: *Distribuição Geográfica do Café. "O Jornal"*, ed. *comem. do bicent. do café, Rio*, 15-10-1927. 5.ª *secção.*

10 — AMARAL BARCELOS: *Fragmentos históricos do município de Barra do Pirai. Rio*, 1940.

11 — AMARAL, *Luís: História Geral da Agricultura Brasileira*, 3 *vols.*, São *Paulo* 1939 *e* 1940.

12 — ANCHIETA, *Padre José de: Cartas. Rio*, 1933.

13 — ANDRADE, *Elói: Grandrza e Decadência da Província do Rio de Janeiro.*

14 — ARAÚJO, *Elísio: Atraves de Meio Século. Rio*, 1932.

15 — ARAÚJO DE OLIVEIRA, *Gabriel* Mauro, *e* LISBOA, *Moacir: Amianto no Brasil. "Boletim"* n.º 45 *da Divisão de Fomento da* Produção Mineral, *Rio*, 1940.

16 — ARROJADO LISBOA, *J. M. e* ARAÚJO DE OLIVEIRA, *Gabriel: Jazidas de dolomito a margem da Central do Brasil. Rev. "Mineração e* Metalurgia", *vol. VI*, n.º 32. *Rio*, 1943.

17 — ASCENDINO DANTAS, *Luís: São João Marcos e Rio Claro.* Niterói, 1936.

18 — ASCENDINO DANTAS, *Luís: São João Marcos da Regiáo do Campo Alegre. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio*, 15-10-1927. 6.ª *secção.*

19 — ASSIS CHATEAUBRIAND: *O Ministério Eterno. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café*, 6.ª *secção.*

20 — ASSIS CHATEAUBRIAND: *Um. viveiro de mão-de-obra para o cafèzal. Idem*, 7.ª *secção.*

21 — ASSIS CHATEAUBRIAND: *Estrada e Civilização. "O Jornal"*, 22-6-1945.

22 — *Atlas Corográfico da Cultura Cafeeira no Estado do Rio de Janeiro. Publ. do Departamento Nacional do Café, Rio*, 1943.

23 — AZEVEDO, *Aroldo: O Vale do Paraíba. "Anais do* IX *Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, vol. V, Rio.*

24 — BACKHEUSER, *Everardo: Aspectos geográficos fluminenses em tôrno da lavoura do café. "O Jornal", ed. comem. bicent. do café, 4.ª secção.*

25 — BACKHEUSER, *Everardo: Da Trilha ao Trilho "Anais do IV Congresso Brasileiro de Geografia", vol. IV.*

26 — *BARBOSA, Amador Parreira: Contribuição do Estado na história da Rêde Mineira de Viação e sua influência sôbre o desenvolvimento econômico e social do Estado de Minas Gerais. Idem, vol. IV.*

27 — *BARROSO,* Gustavo: *História Secreta do Brasil, São* Paulo, **1938, 3** *vols.*

28 — BLASI, *Rafael: Estado do Rio de Janeiro — Produtores de açúcar e rapadura — Relatório inédito do Instituto do Açúcar e do* Álcool.

29 — BUARQUE *DE HOLANDA, Sérgio: João Caetano em Itaboraí. "O Jornal", ed. comem. do bieent. do café, Rio,* **15-10-1927. 5.ª** *secção.*

30 — BULHÕES *CARVALHO: Estatística dos cafeeiros e das faxendas. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* **15-10-1927, 4.ª** secção.

31 — *BRAUNE, Cid: Evolução e distribuição das safras de café por Estado. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do* café, **10.ª** *secção.*

32 — *CAETANO DA SILVA,* Antônio *José: Corografia Fluminense. "Revista do Instituto Histórico e Geográfico", vol. LXVII, Rio,* **1907.**

33 — CALMON, *Pedro: História da Civilização Brasileira. 4.ª ed.,* São *Paulo,* **1940.**

34 — *CALMON, Pedro: Espírito da Sociedade Colonial. Rio,* **1953.**

35 — *CALMON, Pedro: História Social do Brasil, 2.º tomo. São* Paulo, **1940.**

36 — CALÓGERAS, *Pandiá: Transportes arcaicos. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* **15-10-1927. 1.ª** secção.

37 — *CAPPER ALVES DE SOUSA, Henrique: Piritas de Rio Claro. "Boletim", n.º 34 da Divisão do Fomento da Produção Mineral, Rio,* **1939.**

38 — *CARNEIRO* DA *SILVA, José,* **1.0** *Visconde de Araruama: Memória Topográfica e Histórica sôbre os Campos dos Goitacases.* **2.ª** *ed. Rio,* **1907.**

39 — *CARNEIRO, Levi: A repercussão da abolição na lavoura do café. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* **12.ª** *secção.*

40 — *CARVALHO, Augusto de: O Brasil.* Pôrto, **1875.**

41 — *CARVALHO,* Elísio *de: Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira. Rio,* **1911.**

42 — *CARVALHO, Valdemar José de: O Problema da Energia Elétrica no Brasil. "Revista do Clube de Engenharia", vol. X, n.º* **91,** *março de* **1944.**

43 — *CARVALHO, Ronald de: A gesta do ouro negro e do ouro velho. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* **15-10-1927.**

44 — *CASTRO* RANGEL, *Darcílio de: Velhas fazendas de café. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia",* vol. IV.

45 — CONCEIÇÃO, *Carlos: Exumação histórica — O Estado do Rio é o berço da cultura cafeeira no Brasil. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* **10.ª** *secção.*

46 — CORTINES *LAXE: Regimento das Câmaras Municipais.* **2.a** *ed.* correta e *aumentada por Antônio Joaquim de* Macedo *Soares, Rio, 1885.*

47 — COUTO *REIS, Manuel Martins do: Descrição Política e Corográfica dos Campos de Goitacases.* **1875.** *Original do arquivo Alberto* Lamego, *na Biblioteca da Faculdade de Filosofia de São Paulo.*

48 — CÚRIO, *Pedro: Como surgiu Friburgo, Friburgo,* **1914.**

49 — *Dados e informações sôbre Itaperuna. Publ. da Prefeitura Municipal de Itaperuna,* agôsto *de* 1939.

50 — DAMASCENO *FERREIRA, Luís: História de Valença. Rio,* 1925.

51 — *DANTAS, Geremário: O café na cidade do Rio de Janeiro. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927, 22.ª *secção.*

52 — D'ARAÚJO GUIMARÃES: *A Côrte no Brasil.* Pôrto *Alegre,* 1936.

53 — DEFFONTAINES, *Pierre: Geografia Humana do Brasil. Separata da "Revista Brasileira de Geografia", Rio,* 1940.

54 — DEFFONTAINES, *Pierre: Como se constituiu no Brasil a rêde das cidades. "Boletim Geográfico", do Conselho Nacional de Geografia,* n.º 15, *junho de* 1945.

55 — *DE MARTONNE, Emmanuel: Problemas geomorfológicos do Brasil tropical atlântico. "Revista* Brasileira *de Geografia", ano V,* n.º *4, Rio,* 1943.

56 — *DEMOLINS, Edmond: Comment la route crée le type social,* 2 *vols. Paris,* 1927.

57 — DÉNIS, *Pierre: Le Brésil au XX*e *Sidcle. Paris,* 1909.

58 — *DERBY, Orville A. On Nepheline-Rocks in Brazil, "Quarterly Journal of the Geological Survey",* agôsto *de* 1887 *e maio de* 1891.

59 — *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, de* 15 *de dezembro de* 1938.

60 — *DODSWORTH, Henrique: Favelas. "Correio da* Manhã", 19-10-1945.

61 — D'URSEL, *le Cte. Charles: Sud Amérique. Paris,* 1879.

62 — *EBEL Ernst: Rio de Janeiro und seine Umgebungen im Jahre 1824, in Briefen eines Reisenden. Catálogo do Inst. Histórico, S.* Petersburgo, 1828.

63 — ERTHAL *Nunes: A Família Erthal. Niterói,* 1942.

64 — *FAVILA Nunes: Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro, feito em* 30 *de* agôsto *de* 1892, *por ordem do Exmo. Sr. Presidente do Estado, Dr. José Tomás da* Porciúncula. *Rio,* 1893.

65 — FERREIRA *DIAS, Acácio: História de Cantagalo, Niterói,* 1942.

66 — *FIGUEIRA DE ALMEIDA, Antônio: História Pluminense, Rio,* 1930.

67 — *FIGUEIRA DE ALMEIDA, Antônio: Barra Mansa — Memória Comemorativa do 1.0 Centenário. Rio,* 1932.

68 — FIORI, *Hélio B: A expansão do café em São Paulo.* "Anais *do* IX *Congresso Brasileiro de Geografia",* vol. *IV.*

69 — FRANCESCONI *Otacílio: A Indústria de Álcalis no Brasil. Rev. "Mineração e Metalurgia",* vol. *VIII,* n.º 46, *Rio,* 1945.

70 — *FREYRE, Gilberto, Casa Grande e Senzala, Rio,* 1934.

71 — FREYRE, *Gilberto: Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis.* Rio, 1944.

72 — FRÓIS *ABREU, S. e* QUEIRÓS *DE* OLIVEIRA, Aguinaldo: *Pirita. Publ. do Instituto Nacional de Tecnologia. Rio,* 1934.

73 — FRÓIS *ABREU, S.: Quartxo, feldspato e argila nos arredores da baia de Guanabara. Publ. do Instituto Nacional de Tecnologia, Rio,* 1935.

74 — FRÓIS *ABREU, S.: Os xistos pirobetuminosos como reserva nacional. Rev. "Mineração e Metalurgia".* Vol. III.

75 — FRÓIS *ABREU, S.: Fundamentos geográficos da mineração brasileira. "Revista Brasileira de Geografia", ano* VII, n.º 1, *Rio,* 1945.

76 — GARDNER, George: *Viagens ao Brasil,* — **1836-1841.** *Trad. de* Albertino Pinheiro, São *Paulo,* **1942.**

77 — GALDINO DO VALE FILHO: *Lendas e Legendas de Friburgo. Rio,* **1928.**

78 — GOELDI, *Dr. Emílio* Augusto: *Relatório sôbre a Moléstia do Cafeeiro na província do Rio de Janeiro. "Arquivo do Museu Nacional",* vol. *VIII, Rio,* **1887.**

79 — GOMES FILHO, *Carlos: Grafita em São Fidélis, Estado do Rio. Rev. "Mineração e Metalurgia". Vol. V,* n.º *26, Rio,* **1940.**

80 — GRIECO, Agripino: *Paraíba do Sul, do fastígio agrícola a estagnação dos burocratas. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* **15-10-1927,** 2.ª *secção.*

81 — GRIECO, *Agripino: Pelo Estado do Rio da Montanha ao Mar. Idem.*

82 — GRIECO, *Agripino: O maior dos Breves, impressionante figura de gentil-homem rural. Idem, 7.a* secção.

83 — GRIECO, *Agripino: Entre o salão e o cafèzal. Idem,* 9.ª *secção.*

84 — GUIMARÃES, *Djalma: Aspectos econômicos da mica. "Boletim"* n.º **43** *do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Rio,* **1929.**

85 — HOEHNE, **F.** *C.: O mapa fitofisionômico do Brasil. "Anais do* IX *Congresso Brasileiro de* Geografia", vol. III.

86 — IPIRANGA DOS GUARANIS, Milcíades: *Níquel do Brasil. Rev. "Mineração e Metalurgia",* vol. III, n.º **13,** *Rio,* **1938.**

87 — JOPPERT, *Otávio F.: O 2.º Centenário do Café."O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* Rio, **15-10-1927,** 5.ª *secção.*

88 — KOSERITZ, Carl *von: Imagens do Brasil em 1885. Trad. de Afonso Arinos de* Melo *Franco,* São *Paulo,* **1943.**

89 — LACOMBE, *Lourenço: Viajantes estrangeiros em Petrópolis. "Centenário de Petrópolis",* vol. *V.*

90 — LAMEGO, *Alberto: A Terra Goitacá, 7* vols. *Bruxelas e Rio,* **1913** *a* **1945.**

91 — LAMEGO, *Alberto: Subsídios para a história do município de São João Marcos. "O Estado",* Niterói.

92 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: A Planície do Solar e da Senzala. Rio,* **1934.**

93 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro:* **O** *maciço do Ztatiaia e regiões circundantes, "Boletim",* n.º **88** *do* Serviço *Geológico e Mineralógico do Brasil, Rio,* **1936.**

94 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: Teoria do Protognaisse. "Boletim",* n.º **86** *do Serviço* Geológico *e* Mineralógico *do Brasil. Rio,* **1937.**

95 — LAMEGO, *Alberto* Ribeiro: *Escarpas do Rio de Janeiro. "Boletim",* n.º **93** *do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Rio,* **1938.**

96 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: Sôbre uma critica a "Teoria do Protognaisse". "Anais* **da** *Academia Brasileira de Ciências", tomo X,* n.º **3,** *Rio,* **1938.**

97 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: Restinga na Costa do Brasil. "Boletim",* n.º **96** *do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Rio,* **1940.**

98 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: Mármores do Muriaé. "Boletim",* n.º **97** do Serviço *Geológico e Mineralógico, Rio,* **1940.**

99 — LAMEGO, *Alberto* Ribeiro: **O** *Homem e o Brejo. Tese aprovada* com *louvor no IX Congresso Brasileiro de Geografia reunido em Florianópolis de* **7** *a* **14** *de setembro de* **1940.** *Rio,* **1945.** Vol. *I da Biblioteca Geográfica Brasileira.*

100 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: A bacia de Campos na geologia Zitoránea do petróleo. "Boletim",* n.º 113 *da Divisão de Geologia e Mineralogia, Rio,* 1944.

101 — *LAMECIO, Alberto Ribeiro: Grafita em Conceição de Macabu. Relatório inédito apresentado à Divisão de Geologia e Mineralogia.*

102 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: Areia de Fundição de Macaé. Relatório inédito apresentado a Divisão de Geologia e Mineralogia.*

103 — *LAMEGO, Alberto Ribeiro: A Geologia de Niterói na Tectônica da Guanabara. "Boletim",* n.º 115 *da Divisão de Geologia e Mineralogia Rio,* 1945.

104 — *LAMECIO, Alberto Ribeiro: Ciclo evolutivo das lagunas. fluminenses. "Boletim", n.O* 118 *da Divisão de Geologia e Mineralogia, Rio,* 1945.

105 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: O Homem e a Restingn. Prêmio Boiteux, medalha de ouro, do X Congresso Brasileiro de Geografia reunido no Rio de Janeiro em setembro de* 1944, *Rio,* 1946.

106 — LAMEGO, *Alberto Ribeiro: O Homem e a Guanabara. Publ. do Conselho Nacional de Geografia. Vol.* 5 *da Biblioteca Geográfica Brasileira.*

107 — *LAMEGO, Alberto Ribeiro: Análise Tectônica e Morfológica do Sistema da Mantiqueira. Tese apresentada ao 2.0 Congresso Pan-Americano de Eng. de Minas e Geol. reunido no Rio de Janeiro, em out. de* 1946.

108 — *LATIF, Miran M. de Barros: As Minas Gerais. Rio.*

109 — *LEITE, Pe. Serafim: História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa,* 1938 *e Rio,* 1943, 4 *vols.*

110 — LEONARDOS, *Othon Henry: Chumbo e Prata no Brasil. "Boletim",* n.º 2 *do Serviço do Fomento da Produção Mineral, Rio,* 1934.

111 — LEONARDOS, *Othon Henry: Tântalo, Nióàio, Urânio e Rádio no Brasil. "Boletim"* n.º 11 *do Serviço do Fomento da Produção Mineral, Rio,* 1936.

112 — LEONARDOS, *Othon Henry e MORAIS, Luciano Jacques: Quartzo. Avulso* n.º 11 *do Serviço do Fomento da Produção Mineral, Rio,* 1936.

113 — *LEONARDOS, Othon Henry: Quartzo róseo no Brasil. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. I, n.O* 2, *Rio,* 1936.

114 — *LEONARDOS, Othon Henry: Ocorrência de garnierita em Areal, município de Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro. Apêndice ao "Boletim"* n.º 9 *do Serv. de Fom. da Prod. Mineral: Níquel no Brasil, de Luciano Jacques de Morais e outros. Rio,* 1935.

115 — LEONARDOS, *Othon Henry: Berilo no Estado do Rio. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol.* VI, n.º 33, *Rio,* 1942.

116 — LEONARDOS, *Othon Henry: Depósito de Pirita de Rio Claro. Est. do Rio de Janeiro. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol.* VI, *n.O* 34, *Rio,* 1942.

117 — *LIRA CASTRO: A trajetória histórica do café. "O Jornal", ed. com. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927 1.ª *secção.*

118 — *LOPES DE* SOUSA, Pêro: *Diário da Navegação da Armada que foi à Terra do Brasil em 1500 sob a Capitania-Mor de* Martim *Afonso de Sousa. Publ. por Francisco Adolfo Varnhagen, Lisboa,* 1939.

119 — LUCCOCK, *John: Notas sôbre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, Trad. de Mílton da Silva Rodrigues. São Paulo,* 1942.

120 — *MACAULAY, Lord: Ensaios Históricos. Trad. de Antônio Ruas. São Paulo* 1940. 2 *vols.*

121 — MAGALHÃES, Basílio *de: Quem era Francisco de Melo Palhéta. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* 2.ª *secção.*

122 — MAGALHÃES, *Basílio de: Os caminhos antigos pelos quais foi o café transportado para o Rio de Janeiro e para outros pontos do litoral fluminense. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* 15-10-1927. 10.ª *secção.*

123 — MAGALHÃES, *Basílio de: O Café na História, no Folclore e nas Belas Artes.* São *Paulo,* 1939.

124 — MAGALHÃES, *Hildebrando de: Contribuição para a História do Café, "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* 3.ª secção.

125 — *Mapas estatísticos das estradas de ferro do Estado do Rio de Janeiro, relativos a* 1894 *e* 1895, *anexos ao relatório da* 1.ª *secção técnica da Secretaria de Obras Públicas e Industriais. Rio,* 1895.

126 — MASSENA, *Nestor: Barbacenenses de Prol — Garcia Rodrigues Pais. "Jornal do Comércio", Rio, janeiro de* 1945.

127 — MATTOSO MAIA *FORTE, José: Memória da Fundação de Vassouras, Rio,* 1938.

128 — *MATTOSO* MAIA *FORTE, José: O Estado do Rio de Janeiro, Rio,* 1928.

129 — MATTOSO MAIA *FORTE, José: A estrada de rodagem Rio-São Paulo no Estado do Rio de Janeiro. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia". Vol. IV, Rio,* 1944.

130 — MATTOSO MAIA *FORTE, José: A bacia do Paraiba do Sul no Estado do Rio de Janeiro. Idem, vol.* II, *Rio,* 1942.

131 — *MAXIMILIANO, Príncipe de Wied Neuwied: Viagem ao Brasil. Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe Figueiredo. Rio,* 1940.

132 — *MAWE, John: Travels in the interior of Braxil. Londres,* 1815.

133 — *MELO FRANCO, Afonso Arinos de: Desenvolvimento da Civilização Material do Brasil. Publ. do Serviço do* Patrimônio *Histórico e Artístico Nacional, Rio,* 1944.

134 — MELO, *Joaquim de: A evolução da cultura cafeeira no Estado do Rio. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927, 6.ª *secção.*

135 — *Miracema — Memória da fundaçáo désse município fluminense. Publ. do Departamento de Estatística e Publicidade, Niterói,* 1936.

136 — *MIRANDA, José: Areias ilmeníticas do Brasil. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. VII,* n.º 40, *Rio,* 1943.

137 — *MORAIS, Luciano Jaques de: Bacia Terciária do Rio Paraiba, Estado de São Paulo. "Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras": Geologia n.o* 2, *São Paulo,* 1945.

138 — *MORAIS* RÊGO, Luís Flôres *de: Notas sôbre a Geomorfologia de São Paulo e sua Gênese. Publ. do Instituto* Astronômico *e Geológico,* São *Paulo,* 1932.

139 — *MORAIS* RÊGO, *Luís* Flôres *de: Contribuição ao estudo das formações pré-devonianas de São Paulo. São Paulo,* 1933.

140 — *MORAIS* RÊGO, Luís Flôres *de: Contribuição para o estudo dos granitos da serra da Cantareira. Publicação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de S. Paulo* 1938.

141 — MOREIRA *PINTO, Alfredo: Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil. Rio,* 1888.

142 — MOTA, *Mário Pinheiro: Município de Itaperuna. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de* Florianópolis, *vol. V. Rio,* 1944.

143 — *MOYA, Salvador de: Anuário Genealógico Brasileiro,* vols. *I a* V, São *Paulo,* 1939 *a* 1943.

144 — MÜLLER, *Marechal Daniel Pedro: Ensaio dum quadro estatístico da província de S. Paulo. Reedição literal, São Paulo,* **1923.**

145 — *MUYLAERT* JÚNIOR, *Leopoldo: Álbum do Município de Ztaperuna.*

146 — NABUCO, *Joaquim: Minha Formação, Rio,* **1900.**

147 — NASCIMENTO *BRITO, José: A primeira estrada de ferro no Brasil. "Revista do Clube de Engenharia", vol. XI,* n.º **97,** *set. de* **1944.**

148 — *NASCIMENTO SILVA,* João *B. do: O café na legislação fluminense. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* 3.ª secção.

149 — O *Brasil na luta pelos transportes. Rev. "Observador* Econômico", *Ano X,* n.º **116,** *set. de* **1945.**

150 — O *Império do Brasil na Exposição Universal de* **1873** *em Viena d'Áustria. Rio,* **1873.**

151 — *OLIVEIRA,* Avelino *Inácio e LEONARDOS, Othon Henry: Geologia do Brasil.* 2.ª *ed. Rio,* **1943.**

152 — *OLIVEIRA, Francisco José R.: Síntese potamográfica do Estado do Rio de Janeiro. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia"* de *Florianópolis, vol.* II, *Rio,* **1942.**

153 — *OLIVEIRA, Francisco José R: Território Fluminense. Idem. Vol. V, Rio,* **1944.**

154 — *OLIVEIRA, Francisco José R.: Pequena Resenha de Bom-Jardim. Idem.*

155 — *OLIVEIRA* JÚNIOR, Desidério *Luís: Legislação sôbre os Municípios, Comarcas e Distritos, Rio,* **1926.**

156 — *OLIVEIRA, Teixeira de: Vida maravilhosa e burlesca do café. Rio,* **1942.**

157 — *OLIVEIRA* VIANA: *Distribuição Geográfica do Cafeeiro no Estado do Rio. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café. Rio,* **15-10-1927,** 1.ª *secção.*

158 — *OLIVEIRA* VIANA: *Hegemonia do Vale do Paraiba — 2.0 Império. Idem,* 7.º *secção.*

159 — *OLIVEIRA* VIANA: *Evolução do Povo Brasileiro.* 1.ª *ed.* São *Paulo.*

160 — *OLIVEIRA* VIANA: *Pequenos Estudos de Psicologia Social. S.* Paulo, 1.ª *edição.*

161 — *OLIVEIRA* VIANA: *Populaçóes Meridionais do Brasil.* 3.ª *ed. S.* Paulo, **1933.**

162 — *OLIVEIRA* Roxo, Matias Gonsalves: *A Hulha Branca no Estado do Rio de Janeiro. Rio,* **1932.**

163 — *Os comissários de café há meio século. "O Jornal",* ed. *comem. do bicent. do café. Rio.* **15-10-1927.** 10.ª *secção.*

164 — OSÓRIO *DE* FREITAS, Rui: *Jazimento das rochas alcalinas no Brasil Meridional. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. VIII,* n.º **43, 1944.**

165 — PACHECO, *Janot: A.E.F.C.B. e a Serra do Mar. "Revista do Clube de Engenharia", vol. X,* n.º **92,** *abril de* **1944.**

166 — *PAIS LEME, Alberto* Betim: *Notas geológicas sôbre o maciço do Ztatiaia. "Boletim",* n.º **1** *do Museu Nacional, Rio.* **1938.**

167 — PASSOS *NERO e* ARROJADO *LISBOA, Joaquim Miguel: Mica. "Boletim"* n.º **12** *do Serviço de Fomento da* Produção *Mineral, Rio.* **1936.**

168 — *PAULA SOUSA, Antonieta: Ligeiro estudo sôbre a serra do Mar no norte do Estado de São Paulo. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, vol.* II.

169 — PEÇANHA, *Celso: O cinqüentenário da autonomia administrativa de Bom Jardim. "O Jornal", Rio,* **5** *de março de* **1943.**

170 — PEÇANHA, *Celso: Notas sôbre o município de Valença. "O Estado", Niterói,* 15 *de agôsto de* 1941.

171 — PEÇANHA, *Celso: Valença. "O Estado", Niterói,* 19 *de setembro de* 1941.

172 — *PEIXOTO, Afrânio: Vassouras. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927, 1.ª *secção.*

173 — PEREIRA *DA SILVA, J. M.: Situation de l'Empire du Brésil. Rio,* 1865.

174 — *PEREIRA DA SILVA, Clodemiro: O Rio Paraíba do Sul. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia". Vol. V.*

175 — PFFEIFER, *Ida: Voyage d'une femme autour du monde. Paris,* 1858.

176 — PICANÇO, *Francisco: Viação Férrea do Brasil, Rio,* 1884.

177 — *PINHO, Wanderley: Cotejipe e seu tempo.* São *Paulo,* 1927.

178 — *PINHO, Wanderley: Salões e Damas do Segundo Reinado. São Paulo,* 1942.

179 — *PINTO, Jorge: Fôlhas que o vento levou. Rio,* 1923.

180 — *PIRES, Margarido: O mecanismo do comércio do café no mercado do Rio de Janeiro, antes e depois da queda do Império. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café,* 15-10-1927, 4.ª *secção.*

181 — *PIRES DO RIO PINHO, Maria Luísa: A Faxenda Engenho d'Água em Guaratinguetá. "Boletim"* n.º 1 *da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo,* 1944.

182 — PIZARRO *E* ARAÚJO, José *de Sousa Azevedo: Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio,* 1820.

183 — *Plano da Colonização de Teresópolis — Província do Rio de Janeiro. Rio.* 1887.

184 — *POMPEU DE* CASTRO *ALBUQUERQUE, Júlio: O Estado do Rio de Janeiro — Período de 1928 a 1931.*

185 — PÔRTO *ALEGRE, Paulo: Monografia do Café. Lisboa,* 1879.

186 — PÔRTO *SEGURO, Visconde de: História Geral do Brasil.* 3.ª *ed. anotada por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia.*

187 — *PRISCO, Francisco: Um romance histórico sôbre o café. "O Jornal", ed. comem do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927. 10.ª *secção.*

188 — QUEIRÓS, *Plínio: Navegação interior e obtenção de energia hidrelétrica. "Boletim do Instituto de Engenharia", São Paulo,* agôsto *de* 1939.

189 — *Questionários sôbre as condições da agricultura nos municípios do Estado do Rio de Janeiro. Publ. do Ministério da Agricultura, Rio,* 1913.

190 — *RAFFARD, Henry; Jubileu de Petrópolis. "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. LVIII,* 2.ª *parte, rio,* 1895.

191 — *RANGEL, Sílvio Ferreira: O Café no Estado do Rio de Janeiro. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café. Rio* 15-19-1927, 2.ª *secção.*

192 — *RAPOSO, Inácio: História de Vassouras. Vassouras,* 1935.

193 — *Recenseamento do Brasil realizado em 1.º de setembro de 1920. Vols.* I a *IV.*

194 — RÊGO *BARROS,* Jaci: *Senxala e Macumba. Rio,* 1929.

195 — RÉCLUS, *Eliseu: La Montaña. Trad. de A.* López *Rodrigo, Buenos Aires.*

196 — *Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província do Rio de Janeiro, Conselheiro Luís Antônio Barbosa, pelo Vice-Presidente, Comendador João. Pereira Darrigue Faro, em 1853.*

197 — *Relatório do Vice-presidente, o Exmo. Sr. Barão do Rio Bonito Apresentado a Assembléia Legislativa Provincial em 1854.*

198 — *Relatório Anexo ao do Ministro dos Negócios do Império, de 1878. Rio,* 1878.

199 — *Relatório Apresentado à Assembléia Geral pelo Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Rodrigo Augusto da Silva. Rio,* 1888.

200 — *Relatório Apresentado ao Ilmo. Sr. Dr. José Tomás da Porciúncula, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, pelo Diretor Interino dos Negócios do Estado, Bacharel Miguel Joaquim de Carvalho. Rio,* 1892.

201 — *Relatório da Diretoria de Obras Publicas e Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, Apresentado ao Presidente Dr. José Tomás da Porciúncula, pelo Bacharel Ernesto Fernandes Barrandon, Rio,* 1892.

202 — *Relatório Apresentado ao Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Manuel Martins Tôrres, 1.0 Vice-presidente do Estado do Rio de Janeiro, pelo Secretário dos Negócios do Interior e Justiça, Bacharel Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho. Rio,* 1893.

203 — *Relatório Apresentado ao Sr. Secretário de Finanças do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Joaquim Antunes Figueiredo, pelo Diretor da Secretaria, Augusto Frederico de Morais da Mesquita Pimentel. Rio,* 1893.

204 — *Relatório da Secretaria de Obras Públicas e Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, Apresentado em 15 de julho de 1893 ao Presidente do Estado por Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.*

205 — *Relatório Apresentado ao Sr. Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Dr. José Tomás da Porciúncula, pelo Secretário das Finanças, Joaquim Antunes Figueiredo, Rio,* 1894.

206 — *Relatório Apresentado ao Dr. Joaquim Maurício de Abreu, Presidente do Estado do Rio de Janeiro pelo Secretário de Estado das Obras Públicas e Indústrias, Augusto de Abreu Lacerda. Rio,* 1895.

207 — RIBEIRO DE SÁ, A. *de: A cidade de Entrerrios, sua origem e fundação. Rio,* 1942.

208 — RIBEIRO FILHO, *Raimundo Francisco: Bacia do Paraíba. "Anuário Fluviométrico" n.º 4 da Divisão de Aguas do Departamento Nacional da Produção Mineral. São Paulo,* 1943.

209 — RIBEYROLLES, *Charles: Brasil Pitoresco. Trad. de Gastão Penalva, São Paulo,* 1941, 2 *vols.*

210 — RODRIGO OTÁVIO: *Vassouras, "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927, 7.ª *secção.*

211 — RODRIGO OTÁVIO: *Iguaçu. Idem,* 1.ª *secção.*

212 — RUELLAN, *Francis: A evolução geomorfológica da baía de Guanabara e regiões vizinhas. "Revista Brasileira de Geografia", ano VI,* n.º 4, *Rio,* 1944.

213 — SAINT-ADOLPHE, M. Milliet *de: Dicionário Geográfico e Descritivo do Império do Brasil. Paris,* 1863.

214 — SAINT-HILAIRE, *Augusto de: Viagem pelas Provincias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Trad. de Clado Ribeiro Lessa,* 2 *vols. São Paulo,* 1938.

215 — SAINT-HILAIRE, *Augusto de: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822). *Trad. de Afonso de E. Taunay. São Paulo,* 1932.

216 — SAMPAIO, A. J.: O problema do reflorestamento em cada município. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. III.

217 — SAMPAIO, A.J.: Fitogeografia do Brasil. São Paulo, 1945.

218 — SAMPAIO, Teodoro: Peregrinação de Antônio Knivet no Brasil no século XVZ. "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Primeiro Congresso de História Nacional..

219 — SATURNINO BRAGA, F.: Estradas de Rodagem no Estado do Rio de Janeiro. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" de Florianópolis, vol. IV.

220 — SATURNINO BRAGA, Francisco: Transportes ferroviários no Estado do Rio de Janeiro. Rev. "Mineracão e Metalurgia", vol. III, n.º 48, Rio, 1943.

221 — SCHAETTE, frei Estanislau: Os primeiros sesmeiros estabelecidos no território petropolitano. "Centenário de Petrópolis". Vol. V.

222 — SCORZA, Evaristo Pena: Grafita. "Boletim" n.º 57 do Serv. Geol. e Mineralógico do Brasil, Rio, 1931.

223 — SEIDLER, Carl: Dex anos no Brasil. Trad. do general Bertoldo Klinger, São Paulo, 1941.

224 — SILVA, Moacir M. F.: Geografia dos Transportes no Brasil. "Revista Brasileira de Geografia", ano III, n.º 4, Rio, 1941.

225 — SILVA PINTO, Mário da: Areia de Cabo Frio. Rev. "Mineraçáo e Metalurgia", vol. I, n.º 2, Rio, 1936.

226 — SILVA PINTO, Mário da: Descoberta e ocorrência de bauxita no Ztatiaia. Rev. "Mineraçáo e Metalurgia", vol. III, n.º 15, Rio, 1938.

227 — SILVA PINTO, Mário da: Bauxita. Avulso n.º 24 do Serviço do Fomento da Produção Mineral. Rio, 1937.

228 — SILVA REIS, Malvino: O Brasil Político, Industrial, Agrícola e Comercial. Rio, 1894.

229 — SILVEIRA, João Dias: Itatiaia. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. II.

230 — SILVESTRE, Honório: Repercussão do clima sôbre o café. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio, 15-10-1927.

231 — SILVESTRE, Honório: A colonização mineira nos grandes latifúndios do Estado do Rio de Janeiro. Idem, 8.ª secção.

232 — SILVESTRE, Honório: Aspecto Antropogeográfico do Rio Paraíba do Sul. "Jornal do Comércio", 23 de setembro de 1934.

233 — SOARES, A. KROPF: A Cal no Rio de Janeiro. Publ. do Instituto Nacional de Tecnologia, Rio, 1936.

234 — SODRÉ, Alcindo: O Café em Petrópolis. "O Jornai", ed. comem. do bicent. do café, Rio, 15-10-1927, 12.ª secção.

235 — SODRÉ, Alcindo: A Casa da Fazenda. "Centenário de Petrópolis", volume V.

236 — SODRÉ, Alcindo: Petrópolis na sua expansão geográfica e climatérica. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. V.

237 — SODRÉ, Alcindo: Dom Pedro II em Petrówolis. "Anais do Museu Imperial", vol. Rio.

238 — SOUSA E SILVA, Joaquim Norberto: Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro. Rio, 1855.

239 — SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von: Viagem ao Brasil. Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer, Rio, 1938.

240 — TAUNAY, Afonso de E.: História do Café no Brasil. 15 vols. Rio, 1939-1941.

241 — TAUNAY, *Afonso de E.: A mais velha iconografia brasileira do café.* "Jornal do Comércio", 25 *de novembro de* 1943.

242 — TAUNAY, *Afonso de E.: Velhas estampas cafeeiras. Idem,* 10 *de dezembro de* 1944.

243 — TAUNAY, *Afonso de E.: Estampas antigas. "Jornal do Comércio",* 17 *de dezembro de* 1944.

244 — TAUNAY, *Afonso de E.: Antigo Documentário Cafeeiro. Idem,* 1945.

245 — TAUNAY, *Afonso de E.: Pequena História do Café no Brasil, Rio,* 1945.

246 — TAUNAY, *Afonso de E.: Velhas Casas Grandes. Idem,* 25 *de março de* 1945.

247 — TAUNAY, *Afonso de E.: Uma irmandade de grandes cafèzistas e civilizadores. Os Teixeira Leite. "O* Jornal", *ed. comen. do bicent. do café. Rio,* 15-10-1927, 7.ª secção.

248 — TAUNAY, *Visconde de: Trechos de minha vida. São Paulo,* 1922.

249 — TÁVORA FILHO, Elisário: *A Indústria da Soda Cáustica no Estado do Rio. Rev. "Mineração e Metalurgia", vol. IV,* n.º 22, *Rio,* 1939.

250 — TEIXEIRA DE MELO, José *Alexandre: Campos dos Goitacases em 1881. Rio,* 1886.

251 — *Tertúlias Geográficas Semanais. "Boletins Geográficos" do Conselho Nacional de Geografia.*

252 — TOLEDO PISA, *M.: Ztaocara, antiga aldeia de índios. Niterói,* 1946.

253 — THOMAS *Allen, C.: A History of England. New* York, 1913.

254 — *Utilização de Energia Elétrica no Brasil.* Publ. n.º 2 *do Serviço de Águas, Rio,* 1941.

255 — VALE BITTENCOURT: *O Café Resendense. "O Jornal", ed. comen. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927, 10.ª *secção.*

256 — VASCONCELOS, *Barão de, e* SMITH VASCONCELOS, *Barão de: Arquivo Nobiliárquico Brasileiro. Lausanne,* 1918.

257 — VASCONCELOS, *Clodomiro: As estradas antigas de transporte do café no Estado do Rio. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927, 2.ª *secção.*

258 — VASCONCELOS, *Clodomiro: História do Estado do Rio de Janeiro.*

259 — VIANA DE CASTRO: *Estradas Fluminenses. "Centenário de Petrópoiis",* vol. VII.

260 — VIANA DE CASTRO: *A Fazenda da Serraria — Templo de Hospitalidade. "Correio da Manhã", 7 de janeiro de* 1940.

261 — VIEIRA DA CUNHA, *Mário Wagner: O povoamento do município de Cunha. "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia",* vol. III.

262 — VIEIRA FLÁVIO: *Classificação Regional das Estradas de Ferro no Brasil. "Revista Brasileira de Geografia", ano V,* n.º 1, *Rio,* 1943.

263 — VIÇOSO JARDIM: *A influência do café nas finanças fluminenses. "O Jornal", ed. comem. do bicent. do café, Rio,* 15-10-1927.

264 — VON DER VEIGT, *Fred.: O tratamento e a concentração dos minérios de São Fidélis, Rio de Janeiro. Rev. "Mineração e Metalurgia, vol. IX,* n.º 53, *Rio,* 1945.

265 — WALSH, *R.: Notices of Brazil. Boston,* 1831.

266 — WASHBURNE, *Charles W.: Petroleum Geology of the State of São Paulo.* São *Paulo,* 1930.

267 — ZALUAR, Augusto-Emílio: *Peregrinação pela Província de São Paulo. 1860-1861. Rio,* 1862.

RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 — Mapa dos Setores da Evolução Fluminense, p. 5.

Fig. 2 — A "Agulha do Diabo", serra do Mar, p. 38.

Fig. 3 — O pico das Agulhas Negras no Itatiaia, p. 39.

Fig. 4 — A erosão produz formas bizarras, P. 39.

Fig. 5 — Pedra em forma de "Tartaruga", p. 40.

Fig. 6 — Pedra em forma de "Maçã", p. 40.

Fig. 7 — Campos e matas ciliares do alto da serra da Bocaina, p. 41.

Fig. 8 — Vista aérea de um trecho da elevada zona de campos da serra da Bocaina, p. 41.

Fig. 9 — Picos da serra dos Órgãos, vista aérea, p. 42.

Fig. 10 — O dentilhado perfil da serra dos órgãos, p. 43.

Fig. 11 — O "Dedo de Deus", p. 43.

Fig. 12 — A "Matriz do Frade", um dos notáveis picos da serra do Mar, p. 44.

Fig. 13 — Pico, denominado "O Capacete". na serra dos órgãos, p. 44.

Fig. 14 — A cachoeira do Imbui, na zona de Teresópolis, p. 45.

Fig. 15 — A "Pedra do Sino", na serra dos Órgãos, p. 46.

Fig. 16 — Trecho da estrada de Itaipava a Teresópolis, p, 46.

Fig. 17 — Perfil do rio Paraiba, p. 47.

Fig. 18 — O rio Paraiba. visto de norte a sul do cotovêlo de Guararema, p. 47.

Fig. 19 — O rio Paraiba, ao chegar a Jacarei, p. 48.

Fig. 20 — Trecho do rio Paraiba, onde o gnaisse influi no seu curso, p. 48.

Fig. 21 — Outro aspecto do rio Paraiba já na bacia terciária paulista, p. 49.

Fig. 22 — Idem, idem, p. 49.

Fig. 23 — O rio Paraiba em Cachoeira Paulista, p. 50.

Fig. 24 — A serra da Mantiqueira no vale médio paulista, vendo-se a garganta do Embaú, p. 50.

Fig. 25 — A serra da Pedra Selada, p. 51.

Fig. 26 — O rio Paraiba no local denominada "Paredão", p. 67.

Fig. 27 — O rio Paraíba entre Anta e Sapucaia, P. 67.

Fig. 28 — O rio Paraiba entre Anta e Pôrto Nôvo do Cunha, p. 68.

Fig. 29 — O rio Paraiba em Portela, p. 68.

Fig. 30 — Últimas corredeiras do Paraiba, a montante de São Fidélis, p. 69.

Fig. 31 — O rio Paraiba em São Fidélis, p. 69.

Fig. 32 — A serra do Mar apresenta elevadas escarpas, como as da Serra Grande, p. 69.

Fig. 33 — A montanha do Mocotó, p. 70.

Fig. 34 — A Pedra Goivada, p. 70.

Fig. 35 — A serra da Grandeza, p. 71.

Fig. 36 — O rio Mocotó apresentando o leito acidentado de *boulders*, p. 71.

Fig. 37 — Idem, idem, p. 72.

Fig. 38 — O rio Prêto, na parte oriental da serra do Mar, p. 72.

Fig. 39 — Vale do rio Segundo Norte, na serra da Forauilha, P. 73.

Fig. 40 — Fraturas e falhas na serra do Mar, p. 73.

Fig. 41 — Uma corredeira do rio Muriaé, na fazenda Pôrto Alegre, p. 74.

Fig. 42 — Trecho navegável do rio Muriaé, p. 74.

Fig. 43 — Uma das entradas da mina de grafita de São Benedito, em São Fidélis, p. 75.

Fig. 44 — Minério de manganês grafitoso no sitio do Alto Limoeiro, em Itaperuna, p. 75.

Fig. 45 — Lente de grafita em Conceição de Macabu, p. 75.

Fig. 46 — Jazidas de calcita na fazenda São Joaquim, em Paraíso, p. 76.

Fig. 47 — Mármore branco explorado por processos mecânicos, p. 76.

Fig. 48 — A selva bruta, como a viu Debret, nas margens do Paraiba, p. 77.

Fig. 49 — Os pioneiros devassam as florestas com seus primeiros transportes de mercadorias, nas margens do Paraiba, p. 77.

Fig. 50 — Encontro de viajantes com selvagens, p. 78.

Fig. 51 — A dança dos Puris, segundo desenho de Rugendas, p. 143.

Fig. 52 — O suplício dos porões dos navios negreiros, p. 143.

Fig. 53 — O mercado de escravos do Riu de Janeiro, p. 144.

Fig. 54 — Levas de cativos que subiam o vale do Paraiba, p. 144.

Fig. 55 — Derrubada da floresta virgem. p. 145.

Fig. 56 — Travessia do Paraibuna, p. 145.

Fig. 57 — Tropas de café vadeando rios, p. 146.
Fig. 58 — Idem, idem, p. 146.
Fig. 59 — O pôrto da Estrêla, "vila de comércio", p. 147.
Fig. 60 — Outra importante "vila de comércio", Pórto das Caixas, p. 147.
Fig. 61 — Ranchos que serviam de pouso as tropas de café, p. 148.
Fig. 62 — O berço dos cafêzais brasileiros, p. 148.
Fig. 63 — A cidade de Barreiro, no vale paulista do Paraiba, p. 149.
Fig. 64 — A cidade de Guaratinguetá, p. 149.
Fig. 65 — Importantes sobrados em Areias, p. 150.
Fig. 66 — A sede da fazenda de São Jorge, p. 150.
Fig. 67 — Vista de São João Marcos, p. 151.
Fig. 68 — Velha "Casa Grande", em Campo Belo, p. 151.
Fig. 69 — Vista da cidade de Resende, p. 152.
Fig. 70 — Vista da cidade de Barra Mansa, p. 152.
Fig. 71 — Vista parcial de Paraiba do Sul, p. 153.
Fig. 72 — Pôrto Nôvo do Cunha, p. 153.
Fig. 73 — O "Caminho do Piabanha", ao norte de Pedro do Rio, p. 154.
Fig. 74 — Uma das antigas diligências da estrada "União e Indústria", p. 154.
Fig. 75 — O "Caminho Nôvo" e o "Caminho do Proença", p. 185.
Fig. 76 — Variante do "Caminho Nôvo", p. 187.
Fig. 77 — Uma nova variante do "Caminho do Proença", p. 189.
Fig. 78 — Pôsto de mudanças de animais das diligências, na estrada "União e Indústria", p. 202.
Fig. 79 — Vista de Três Rios, p. 202.
Fig. 80 — Vista parcial de Vassouras, p. 203.
Fig. 81 — Velho prédio em Vassouras, p. 203.
Fig. 82 — A velha matriz de Vassouras, p. 204.
Fig. 83 — O chafariz Dom Pedro II, em Vassouras, p. 204.
Fig. 84 — O edifício da Prefeitura de Vassouras, p. 205.
Fig. 85 — O palacete do barão de Amparo, Vassouras, p. 205.
Fig. 86 — A residência dos barões de Itambé, Vassouras, p. 206.
Fig. 87 — A residência do benemérito barão do Ribeirão, Vassouras, p. 206.
Fig. 88 — A "Casa da Hera", solar do Dr. Joaquim Teixeira Leite, p. 207.
Fig. 89 — Hospital Eufrásia Teixeira Leite, p. 207.
Fig. 90 — Instituto Profissional Feminino Dr. Joaquim Teixeira Leite, p. 208.
Fig. 91 — Aspecto parcial da cidade de Marquês de Valença, p. 208.
Fig. 92 — Índios Puris, p. 209.
Fig. 93 — Índios Coropos e Coroados. em São Fidélis, p. 209.
Fig. 94 — A matriz de Marquês de Valença e Grupo Escolar, p. 210.
Fig. 95 — Rio-das-Flôres, a antiga Santa Teresa, p. 210.
Fig. 96 — Vista parcial de Barra do Pirai, p. 211.
Fig. 97 — A serra do Mar, vista por Rugendas, p. 211.
Fig. 98 — A imperial cidade de Petrópolis, p. 212.
Fig. 99 — Vista geral de Petrópolis, p. 212.
Fig. 100 — Antigo Palácio Imperial em Petrópolis, p. 213.
Fig. 101 — O Hotel Quitandinha, em Petrópolis, p. 213.
Fig. 102 — A rodovia Rei Alberto, entre Petrópolis e Teresópolis, p. 214.
Fig. 103 — Despovoamento da Serra em zonas de grande altitude, p. 214.
Fig. 104 — Mapa da fundação de Nova Friburgo, p. 232.
Fig. 105 — A estrada de ferro que fêz a cidade de Teresopolis, p. 253.
Fig. 106 — Vista de Teresópolis, p. 253.
Fig. 107 — A histórica cidade de Cantagalo, p. 254.
Fig. 108 — Idem, idem, p. 254.
Fig. 109 — Idem, idem, p. 255.
Fig. 110 — Idem, idem, p. 255.
Fig. 111 — Idem, idem, p. 256.
Fig. 112 — O busto de Euclides da Cunha, em Cantagalo, p. 256.
Fig. 113 — A matriz do Santissimo Sacramento de Cantagalo, p. 257.
Fig. 114 — Vista da cidade de Nova Friburgo, p. 257.
Fig. 115 — Centro comercial de Nova Friburgo, p. 258.
Fig. 116 — Idem, idem, p. 258.
Fig. 117 — O rio Bengala, canalizado em Nova Friburgo, p. 259.
Fig. 118 — A "Fonte dos Suspiros", em Nova Friburgo, p. 259.
Fig. 119 — Fábricas de rendas em Nova Friburgo, p. 260.
Fig. 120 — Colégio Anchieta, dos Jesuitas, em Friburgo, p. 260.
Fig. 121 — Filós de sêda e algodão, das fábricas de Nova Friburgo, p. 261.
Fig. 122 — A primeira ponte pênsil construida no Brasil, p. 262.
Fig. 123 — Vista da cidade do Carmo, p. 262.
Fig. 124 — Aspecto parcial de Cordeiro, p. 263.
Fig. 125 — Idem, idem, p. 263.
Fig. 126 — Margens do rio Macabu, p. 318.
Fig. 127 — Idem, idem, p. 318.
Fig. 126 — Idem, idem, p. 319.
Fig. 129 — Santa Maria Madalena, p. 319.
Fig. 130 — São Fidélis, ponto terminal da navegação do Paraiba, p. 320.

Fig. 131 — O templo monumental de São Fidélis, p. 320.
Fig. 132 — O rio Paraíba em Três Irmãos, p. 321.
Fig. 133 — Cambuci, a margem do Paraíba, p. 321.
Fig. 134 — O rio Pomba, em Paraoquena, p. 322.
Fig. 135 — Ponte sôbre o rio Pomba, em Pádua, p. 322.
Fig. 136 — Santo Antônio de Pádua, p. 323.
Fig. 137 — Vista aérea de Miracema, p. 323.
Fig. 138 — Outra vista de Miracema, p. 324.
Fig. 139 — A matriz de Santo Ântônio, em Miracema, p. 324.
Fig. 140 — Bela praça ajardinada, em Miracema, p. 325.
Fig. 141 — A fazenda de Pôrto Alegre, em Itaperuna, p. 325.
Fig. 142 — Vista da cidade de Itaperuna, p. 326.
Fig. 143 — Ponte sôbre o Muriaé, em Itaperuna, p. 326.
Fig. 144 — Tipo de carro de bois "mineiro", p. 327.
Fig. 145 — Natividade de Carangola, p. 327.
Fig. 146 — Casal de noivos a cavalo, p. 328.
Fig. 147 — A baronesa de Bela Vista, p. 328.
Fig. 148 — José de Sousa Breves, p. 328.
Fig. 149 — Solar do comendador Joaquim Jose de Sousa Breves, em Passa Três p. 329.
Fig. 150 — A fazenda de Bela Vista, em São João Marcos, p. 329.
Fig. 151 — Pormenores ornamentais da fachada da casa de Bela Vista, p. 330.
Fig. 152 — A ponte Bela na estrada de São João Marcos a Mangaratiba, p. 330.
Fig. 153 — O inacabado solar de Olaria em São João Marcos, p. 331.
Fig. 154/5 — Os marqueses de Valença, p. 347.
Fig. 156 — Domingos Custódio Guimarães, p. 347.
Fig. 157 — Alamêda de palmeiras do solar do Paraíso, p. 347.
Fig. 158/9 — Interior do solar do Paraiso, p. 348.
Fig. 160/1 — Fundos do solar do Paraíso, em Rio das Flores, p. 349.
Fig. 162 — O solar do Paraíso, p. 350.
Fig. 163 — Portal do pomar do solar do Paraiso, p. 350.
Fig. 164 — O aqueduto construido pelo visconde do Rio Préto, p. 351.
Fig. 165 — Solar de Santa Justa, p. 351.
Fig. 166 — A fazenda de Santa Mônica. p. 352.
Fig. 167 — Custódio Ferreira Leite, barão de Aiuruoca, p. 352.
Fig. 168 — João Pereira Darrigue Faro, 2.º barão do Rio Bonito, p. 352.
Fig. 169 — A fazenda Aliança, do barão do Rio Bonito, p. 353.
Fig. 170 — A fazenda de Santana do Calçado, solar do barão de Bempoòta, p. 353.
Figs. 171/2 — Os barões de Itambe. p. 354.
Figs. 173/4 — Os barões de Vassouras, p. 354.
Fig. 175 — Dr. Joaquim José Teixeira Leite, p. 355.
Fig. 176 — Cel. Carlos Teixeira Leite, p. 355.
Fig. 177 — Ccmendador Antônio Carlos Teixeira Leite, p. 355.
Figs. 178/9 — Os viscondes de Taunay, p. 356.
Fig. 180 — O famoso solar do Secretário, do barão de Campo Belo, p. 356.
Fig. 181 — Fundos do solar do Secretário, p. 357.
Fig. 182 — Fazenda União, em Vassouras, p. 374.
Fig. 183 — Sala de visitas da fazenda União, p. 374.
Fig. 184 — Casa da fazenda de Santo Antônio, em Petrópolis, p. 375.
Fig. 185 — O grande terreiro da fazenda Pocinhos, em Vassouras, p. 375.
Fig. 186 — O engenho do Pau Grande. p. 376.
Fig. 187 — O solar da Serraria, do barão de Piabanha, p. 376.
Fig. 188 — A fazenda do Arcozelo, p. 377.
Fig. 189 — A casa da fazenda Santo Antônio, em Itaipava, p. 377.
Fig. 190 — O visconde de Ubá, p. 378.
Fig. 191 — Elisa Ribeiro de Avelar, p. 378.
Fig. 192 — Dr. Elias de Morais, 2.º barão das Duas Barras, p. 378.
Fgi. 193 — O barão de Cantagalo, p. 378.
Fig. 194 — José Carlos Rodrigues, p. 379.
Fig. 195 — Euclides da Cunha, p. 379.
Fig. 196 — A casa onde nasceu Euclides da Cunha, p. 379.
Fig. 197 — Os primeiros barões de Nova Friburgo, p. 380.
Fig. 198 — Vista parcial do solar do Gavião, p. 381.
Fig. 199 — Bernardo Clemente Pinto, 2.º barão de Nova Friburgo, p. 381.
Fig. 200 — O conde de Nova Friburgo, p. 381.
Fig. 201 — O conde de São Clemente, p. 382.
Fig. 202 — A condessa de São Clemente, p. 382.
Figs. 203/4 — Os segundos barões de São Clemente, p. 382.
Fig. 205 — A fazenda de Areias, em Boa Sorte, p. 383.
Fig. 206 — O solar de Areias, em Boa Sorte, p. 383.
Fig. 207 — Gigantesca alfarrobeira na fazenda de Areias, p. 384.

Fig. 208 — Fazenda São Clemente, p. 385.

Fig. 209 — A sede da fazenda Bom Sucesso, em Cantagalo, p. 385.

Fig. 210 — Ruínas do portão da fazenda de São José, em Itaperuna, p. 386.

Fig. 211 — Gráfico da evolução do café, p. 397.

Fig. 212 — Um túnel na rodovia de Angra dos Reis, p. 403.

Fig. 213 — A cachoeira do Imbui, na Paquequer-Pequeno, p. 403.

Fig. 214 — A cachoeira Conde d'Eu, no rio Paqiiequer, p. 404.

Fig. 215 — Pequena cascata do córregs do Caro Congo, p. 404.

Fig. 216 — Cascata do rio Segundo-Norte, p. 404.

Fig. 217 — Cachoeira do Pinel ou de Santa Isabel, no rio Grande, p. 405.

Fig. 218 — O rio Grande entre vales apertados. p. 405.

Fig. 219 — A cachoeira do Inferno, no rio Itabapoana, p. 405.

Fgi. 220 — Cachoeira dos Lençóis, no rio Itabapoana, p. 406.

Fig. 221 — Cachoeira da Fumaça, no riu Itapaboana, p. 406.

Fig. 222 — Cachoeira do Estolano, no valão d'Antas, em Cambuci, p. 407.

Fig. 223 — Barragem em construção da usina hidrelétrica de Macabu, p. 407.

Fig. 224 — Mapa da influência do ciclo do café no sistema ferroviário fluminense, p. 410.

Fig. 225 — Mapa da densidade demográfica municipal do Estada do Rio de Janeiro em 1940, p. 424.

— Mapa dos caminhos de penetração no desbravamento da Serra Fluminense, entre págs. 24-25.

ÍNDICE ANALÍTICO

Abóboras — serra das, 174.
Abolição — 165, 173, 174, 183: catástrofe econômica da, 172.
Açúcar — construção de engenhos de, 95.
AFRÂNIO PEIXOTO — 173.
AGASSIZ — 134.
AGRIPINO GRIECO — 132.
AGUIAR, marquês de — 169.
AIURUOCA, barão de — 122.
Aiuruoca — 96 e 97.
ALBERTO DE OLIVEIRA — 165.
Alemanha — 138; camponês da, — 134.
ALIANÇA, barão da — 170.
ÁLVARES DE MELO, Félix — 141.
AMARAL BARCELOS — 177.
Américas — reminiscências da vida selvagem das, 200.
Andrelândia — 125.
Angra dos Reis — 102, 105, 114, 115, 116, 122, 123, 124, 125 e 168.
ANTONIO DE GUADALUPE, frei — 139.
Aparecida — 107.
ARCOS, conde dos — 242.
ARCOZELO, barão de — 145.
Areias — gnaisses e quartzitos em, 16; vila de, 105, 212 e 215.
Ariró — pôrto de, 115.
ARISTIDES CAIRE — o benemérito doutor, 276.
Arrás — veludos de, 186.
Arrozal — serra do, 117.
AUGUSTO VIEIRA, José — 215.
BAEPENDI, conde de — 170 e 174.
Baependi — 96 e 118.
Bahia — comunicações com a. 127
Baixada — 95; cultura rural da velha, 99; pertinazes lavradores da, 102.
Baixada Fluminense — 138 e 176; divisão em zonas da, 12. faixa deprimida que forma a, 11; paisagens heterogéneas da, 12; protognaisse na, 14.
Bananal — 110 e 116; camadas de dolomito em, 16; lavouras de, 100.
Bandeiras — caminhos das. 116; melhor sangue paulista das. 142; primeiros passos das, 97; velhos caminhos das, 96.
Barbacena — 96.
Barbadinhos — chácara dcs, 99.
Barra do Pirai — 101, 118, 122, 123, 124, 147, 148, 152, 154, 164, 165, 167, 170, 171 e 73.
Barra Mansa — 105, 120, 124, 125, 130, 144, 147 e 148; aristocracia agrária de, 123; ... "cidade de encruzilhada", 122; grandes senhores do café de, 278; rio, 121; rochas a sudoeste de, 18.
BASÍLIO DE MAGALHÃES — 100 e 126.
Belém — serra de, 153.
Belo Horizonte — 225.
BEZERRA DE MENESES — 131 e 132.
Boa Esperança — visita de Ida Pffeifer a fazenda, 199.
Boa Vista — serra da, 138.
Bocaina — contrafortes da, 19 e 96; constituição da serra da ... segundo 0. Derby, 19; divisão do vale do Paraiba. no maciço da, 19; formação da serra da 19; influência dos granitos da, 21.
Boêmia — porcelanas da, 186.
Bom Jardim — fundação da cidade de, 223; população de ..., em 1890, 1920 e 1940, 224; produção de ..., em 1920, 224.
Bom Jesus do Itabapoana — população de ..., em 1881, 264; produção de..., em 1940, 265.
BORBA GATO, Manuel — 226.
Borda do Campo — 126.
Brasil — 95, 125, 132, 137, 142, 146, 155, 161, 165, 167, 173, 182, 183, 194 e 216; a primeira grande fazenda de café no, 100; destinos industriais do, 124; diretrizes econômicas da, 145; feudalismo agrícola, fórmula única para o, 205: poder econômico do, 274; primeiro plebiscito realizado no, 252; um dos mais notáveis municípios cafeeiros do, 246; vice-rei do. 194.
BREVES — OS, 113 e 118.
"Cacador de Esmeraldas" — 133 e 141: filho do. 96; neto do 99.
Cachoeira Grande do Paraibuna — gnaisse lenticular na, 15.
Café — 97, 98, 129 e 158; a cidade relíquia do, 155; ãpogeu da cultura do, 216; a primeira grande fazenda de... no Brasil. 100; brilhantismo do ciclo do, 154, ciclo, 136, — 175 e 188; cidades fluminenses do, 122; começo do plantio do... na bacia do Paraiba, 100; começo3 da exploração do, 190; comércio do... no Rio de Janeiro, 168; cultura do, 131: decadência da cultura do, 119; decadência da "Princesa" do, 153; declinio da cultura do... em Sumidouro, 220; economia do, 123; encerrado o ciclo do, 173; época áurea do, 139; estimulo do plantio do, 100: faina febril da apanha do, 202; grandes senhores do... de Barra Mansa, 278; história fluminense do, 113: invasão do... na província de São Paulo, 100; marcha do, 106; monopólio do transporte do. 169: movimentação do... paulista, 116: o grande ciclo do, 100: passagem das tropas de. 190; uioneiros do, 106: plantio do. 124 e 129; poder extraordinário do, 137; potentados do. 137; princesa do. 142 e 170; senhores do, 104 e 113: velha cidade dos barões do, 155; zona serrana do, 265.
Cambuci — fundação de. 239; população e produção de, em 1920, 241.

Caminho do Proença — 134.
Caminho do Tinguá — 128.
Caminho Nóvo — 99, 129, 133, 138, 139. 156, 157, 160, 165, 166, 175 e 193; abertura do, 99 e 128; evidência da necessidade do, 96.
Caminho Nôvo do Tinguá — 141 e 142.
Caminho Velho — 96.
Campo Alegre — 100; origem do, 97; zuna do, 98.
CAMPO BELO, barão de — 145.
Campo Belo — 97.
Campo Grande — freguesia de, 100.
Campos — 147, 150, 153, 159 e 227; epidemia de cólera-morbos em, 237; plantadores dos canaviais de, 260, supremacia cultural de. 238.
CANANÉIA, barão de — 164 e 166.
CANDIANI — elenco da famosa, 151.
CÂNDIDO MENDES — 131.
Cantagalo — 153, 156, 189, 190 e 193; a semente da futura, 194; atividade rural de... em 1833, 201; centro fundamental de, 214; comarca de, 143; desbravadores de, 221; epidemia de febre amarela em, 226; fazenda de, 135; fragmentação da primitiva comarca de. 224; imigrantes estrangeiros contribuem para o progresso de, 202; ímpeto da cultura cafeeira de, 243; iniciativa cafeeira de, 244; necessidade de um nôvo alento para, 198; parte ocidental da velha comarca de, 209; pouso de tropas na estrada de, 223; semelhança na evolução cultural de, com São João Marcos, 204; suplantação da cidade de, 225; terras gastas da velha, 232.
Capelinha — granitos da Bocaina, em, 15.
CARDOSO DA SILVA, Leonardo — 137.
CARDOSO DE ALMEIDA, Matias — 126.
CARLOS GOMES — 132.
CARMO — 217; crescente prosperidade agrícola de, 218; população de ... em 1872, 218; população de... em 1892. 218; população de ... em 1920, 219; produção de, ... em 1910, 219.
Casa da Moeda — salvo o ouro da, 127.
CASIMIRO DE ABREU — 208.
Caxambu — estudos na zona de, 17.
Caraguatatuba — gnaisses encontrado? em, 18.
CASTELNAU — 181.
CAXIAS — 134.
COELHO NETO — 153.
Coito — serra do, 175.
Companhia União e Indústria — 134.
Cordeiro — influência dos fatôres geográficos na fundaçãa de, 224; população de... em 1883, 226; população de... em 1940, 227.
Coroados — indios, 130 e 156.
Coropós — índios, 156.
CORREIA DA SILVA, Manuel — 187.
CORREIA DE MATOS, Bernardino — 153.
CORREIO E CASTRO, Laureano — 143.
CORREIA E CASTRO, Pedro — 143.
Correias — 177 e 181.
COUTO DA FONSECA, padre Antônio do — 99.
COUTO REIS — mapa de, 235.
Couto — serra do, 138.
Couto — terras do padre, 100.
Cunha — garganta do, 126.
DARWIN — lamúrias veneráveis de, 273.
Dedo de Deus — 192.
DEFFONTAINES — descrição de... sôbre as "vilas de domingo", 201.
DE MARTONNE — 14; gnaisses registrados por 15.
DERBY — 16.
D'EU, conde — 124 e 152.
Distrito Federal — protognaisse no, 18.
Dolomitos — predominância de, 20.
D. MARIA I — 194.
D. TERESA CRISTINA — 190.
D. FERNANDO JOSÉ DE PORTUGAL. vice-rei — 169.
D. João V — 99
D. João VI — abertura cios portos do Brasil a um nôvo cicio demográfico por, 206.
D. JOSÉ — morte do rei. 194.
D. LUÍS DE VASCONCELOS — 98 e 157.
D. MARCOS DE NORONHA — deliberação de, 242.
D. PEDRO I — 181
D. PEDRO II — 118, 181. 185 e 188.
DOURADO. barão de — 226.
DUAS BARRAS — 221; a indústria pastoril encontra em... zona ideal. 222; população de... em 1892. 221; produção de... em 1910, 221.
DUGUAI-TROUIN — 127.
D'URSEL — 184, 190 e 209.
ELÍSIO DE ARAÚJO — opinião de... sôbre o crescimento de São Fidélis, 236.
ELÍSIO DE CARVALHO — 185.
EMBAÚ-MIRIM — camadas de dolomitos no rio, 20.
Encruzilhada — 134:
Entre Rios — 132, 134. 135. 136 e 168; populaçáo do município de... em 1940, 136.
EPITÁCIO PESSOA — 226.
Espírito Santo — rochas encontradas no. 20.
Estado Nôvo — 135.
Estrada de Ferro Cantagalo — 168, 224 e 225; ponto terminal da, 243.
Estrada de Ferro Central do Brasil — 133, 136 e 162: futura garantido pela, 227.
Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Préto — 168.
Estrada de Ferro D. Pedro II — 118, 124, 135, 146, 152, 154, 165 e 166.
Estrada de Ferro Leopoldina — 136 e 250.
Estrada de Ferro Oeste de Minas — 116 e 123.
Estrada de Ferro Piraiense — 119.
Estrada de Ferro São Fidélis — construção da, 238.
Estrada de Ferro Teresópolis — 191.
Estrada de Ferro Vassourense — 153.
"Estrada da Comércio" — 134.
Estrêla — pôrto da, 128 e 168; serra da, 128, 174, 178, 181 e 213.
Europa — 108 e 199; imigrantes vindas da, 135.

FAGUNDES E FRANÇA, Miguel Ângelo — 141.
FAGUNDES VARELA — 132.
FARO, OS —147, 166 e 168.
FERNANDES BAÍA — fazenda de Antônio, 100.
FERNANDES PIRES, Gonçalo — 175.
FERNÃO DIAS PAIS LEME — 99 e 105.
FERREIRA DA FONTE, José — 175.
FERREIRA LEITE, Custódio — 122 e 189.
FIGUEIRA DE ALMEIDA — 100 e 123.
FLOTET — promessa do padre, 227.
Fluminense — ambição do, 95; elevados matagais da terra, 104; fundação da primeira vila ... na Serra, 99; re-

gião... do vale, 97; território ocidental da Serra, 103.
Frade — serra do, 175.
FRAGONARD — telas de, 187.
França — 186.
FRANCISCO XAVIER, José — 139.
FRANCISCO XAVIER, Manuel — 140.
FREIRE ALEMÃO — o ilustre botânico, 100.
FREIREYSS — 179 e 180.
brihurgo — 143, 144, 165, 172, 178, 188, 189, 190, 192, 198, 208, 219; continuo aumento de população de, 211; destinos econômicos e sociais de, 212; elevação cultural de 168; fundação de ..., em -1820, 198; importância de correntes imigratórias na fundação de, 206; inauguração do tráfego ferroviário de ..., à Macuco, 225; lavradores desenganados com o clima de 223; população de ..., de 1820 e 1920, 211.
GARCIA PAIS — 96, 99, 133. 134, 156 e 185.
GARDNER — 189.
Gnaisse xistoso — predotninância de, 20.
Gnaisse granitico — predominância de, 21.
Goianás — trilha dos, 126.
Goiás — 115, 123 e 168.
Goitacãs — índios, 156.
GOMES LEAL, Padre Manuel — 169.
GOMES, tenente José Luis — 118.
GONÇALVES DE MORAIS, Antônio — 166.
GONDIN DA FONSECA — 132.
GOTTSCHALK — 170.
Governador Portela — 166.
Grande — afluente do rio. 96: garimpagem de ouro no rio, 194; observações no rio: 10; vale do rio, 223.
Guanabara — baía de, 102, 126, 127, 146, 147, 165, 167, 168, 183 185, 188, 189, 194, 198 e 200; gnaisse lenticular ao redor da. 19; importância da. 95; margens da. 127: o homem da. 95: rios da bacia da, 201.
Guandu — fazenda do. 141.
Guapi — rio, 188.
Guararema — rochas do túnel de, 20.
Guaratinguetá — 116, 117 e 126.
GUIMARÃES PASSOS — 132 e 153.
GUSTAVO BARROSO — ... e a libertação dos escravos na Inglaterra, 273.
HERMES DA FONSECA, Marechal — 154.
HOHENZOLERN — visita do príncipe Adalberto ... a região de Cantagalo, 202.
HOMEM DE AZEVEDO, Luís — 141.
INÁCIO DE OLIVEIRA, Avelino — a petrografia do vale do Paraiba segundo, 18.
INÁCIO RAPÔSO — 141 e 145.
Índia — colchas e porcelanas da, 186.
Inglaterra — 186.
Inhomirim — 168, 175 e 177.
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — resolução do, 136.
IPIABAS, Barão de — 159 e 163.
Ipiranga — estação de, 167.
ISABEL, Princesa — 152.
Itaguai — 105, 112 e 156; serra de, 103.
Itaipava — 179.
Itaocara — 156; fundação de, 242 e 245: população de ... em 1920, 244; produção de ... em 1909, 244.
Itaperuna — 253; ... "capital do norte", 101; expansão do café em, 259; produção de. em 1936/37, 261.
Itatiaia — 97, 101 e 108; pico do, 96.
Itavera — 113 e 116.
Jacarei — 107.
Jambeiro — rochas graniticas na serra do, 19.
Japão — porcelana do, 186.
Jaweri — 148. 165 e 167.
Jesuítas — 129.
JESUS MARIA, Padre Manuel — 245.
João de Oliveira — estrada, 116.
JOÃO MACHADO PEREIRA — 103.
JOAQUIM NABUCO — 203.
JOAQUIM NORBERTO — 157 e 245.
JOSÉ DE ALENCAR — inspiração de ... na descrição do O Guarani. 203.
Juiz de Fora — 134.
Jurumirim — 115 e 116.
Juseu — quedas do. 227.
Kentucky — criadores de. 274.
KOELLER, major — 181.
LA HURE, Condessa de — 151.
Lajes — ribeirão das. 105, 112, 113. 121 e 167.
LAMEGO, Alberto — 218 e 242.
LAVRADIO, Marquês de — 100.
Light And Power — energia elétrica da. 219; represa da, 103 e 116.
Lisboa — política de, 96: visita ao cárcere de, 194.
Londres — 160 e 186.
Lorena — vila de. 116 c 118.
LUCCOCK — 129.
LUÍS DE SARDEMBERG — mudas de café de Java trazidos por. 208.
Luisiana. — plantadores ria. 274.
Luis MACHADO. Antonio — 140.
Luis MURAT — 152.
Luis PEREIRA BARRETO — 101
LUÍS VAIA MONTEIRO — 103.
Macabu — construção da represa dc. 229.
Macacos — rio, 167.
Macacu — rio, 188.
Macaé — 156 e 227.
MAÇAMBARÁ, Barão de — 152
Macuco — garimpagem dr ouro no rio. 194, inauguração do tráfego ferroviário de Friburgo a. 225.
MAIA FORTE, Matoso — 102. 133 e 142.
Majé — 189, 190 e 192.
MAMBUCABA, Barão de — 118
Bambucaba — pôrto de. 115: rochas praniticas no vale do rio, 12.
Manga Larga — serra da. 175.
Mangaratiba — 101, 105. 113, 115, 152 e 156.
Mantiqueira — constituição da serra da. 15; serra da, 13, 95, 96. 116. 125 r 127: sistema de falhas na. serra da. 11 e 12.
MANUEL GONÇALVES PORTUGAL -- 115.
MANUEL HENRIQUES — penetração na floresta por. 193.
"Mão de Luva" -- 194; antigo arraial de, 199; expedição de. 214: fundamentos precursores de, 224; infiltração mineira pelos caminhos do, 217: primitivo burgo de. 198; prisão do, 215.
Mar — afloramento do gnaisse granitico, nas vertentes da serra do. 21; constituição da serra do, 297: o que se chama serra do, 13; rápido povoamento de um trecho da serra do, 214; raridade do gnaisse lenticular na serra do, 19; rochas graniticas no alto da serra do, 19; serra do. 101, 102, 104. 125, 136, 141, 165, 187 e 189; sistema de falhas que corta a serra do, 20.
MARCH — 189 e 190.
MARCONDES — 124

MARCOS DA COSTA — 138.
Mar de Espanha — 189.
Maria Comprida — pico da, 179.
MARIANO PROCÓPIO — 134.
Marquês de Valença — 113, 131 e 133.
MARTIM AFONSO DE SOUSA — 102.
MARTINHO GARCÊS — 132.
MARTINS VIEIRA, Padre Antônio — 246.
MARTIUS — 112 e 180.
MATOS DE SOUSA, João — 175.
MATOS FILGUEIRA, Francisco de — 175.
MAUÁ, Barão de — 146 e 184.
MAXIMILIANO, Príncipe — 236.
Mendes — 147, 152, 154, 170 e 172.
MESQUITA, Barão de — 201.
M. FREESE — colégio de meninas de, 231.
Miguel Pereira — 155.
MILLIET DE SAINT-ADOLPHE — 142.
Minas Gerais — 97, 102, 106, 115, 122, 123, 127, 135, 137, 139, 142, 147, 156, 157, 160, 161. 162. 167. 168 e 175. centro de comunicações com, 216 estradas de ferro que se internam por, 214; imigração de habitantes de, 213 e 217; oculta picada que vinha de, 98.
Miracema — população de ... em 1940, 252; produção de ... em 1935, 252; tropas de café de, 251.
Monte Carlo — 186.
MONTEIRO DE BARROS, os — 118.
MONTE VERDE, Barão de — 163.
MORAIS, OS — 118.
MORAIS Rêgo, Luís Flôres de — as rochas do vale paulista na opinião de, 17; constituição das serras do Mar e Mantiqueira, segundo, 20.
Morro Azul — 147.
MOUTINHO, Domingos — 191.
MUNIZ DE ALBUQUERQUE, Francisco — 176.
Muriaé — ria, 156.
Muriquioca — rochas encontradas em, 18.
Negro — garimpagem de ouro no rio, 194.
Newport — 186.
Nice — 186.
NILO PEÇANHA — 191
Niterói — 156 e 191..
NOVA FRIBURGO — mudas do café Java oferecidas ao conde de, 209.
O Guarani — inspiração de José de Alencar na descrição do, 203.
O Homem e o Brejo — 234.
OLAVO BILAC — 132 e 153.
OLIVEIRA ROXO, OS — 118.
O Monóculo — 226.
O Município — 150.
Órgãos — serra dos, 96, 174, 178, 188, 190, 213 e 227.
Ostende — 186.
OTHON LEONARDOS — a petrografia do vale do Paraíba, segundo, 18.
Ouro Prêto — esgotamento das lavras de, 225.
Ouvidor — rua do, 152.
Pádua — população de 14 ... de 1812 a 1940, 248; produção de, em 1910, 248.
PAIS LEME, Fernão Dias — 127.
PAIS LEME, Pedro Dias — 105, 128 e 141.
Pampulha — 129 e 134.
Panelas — sítios das, 103. .
Paquequer-Pequeno — rio, 189 e 190.
Paracambi — 153.
Paraíba — bacia do, 13 e 100; caminhos fluviais do, 95; caracteres fisiográficos do vale do, 14; cidades do vale do, 126; cidades nas margens do, 213; diretrizes da cultura no vale do, 155; encontra-se a protognaisse no vale do 16; estrada de ferro até a margem do 225; estrutura do vale do, 16; expedição direta, de café para as margens do, 201; formação do vale do, 15; formações da série São Roque, no vale do, 18; gênese do vale do, 16; geomorfologia do vale do, 16; gnaisse do vale do, 17; marcha de Manuel Henriques para o, 193; margens do, 68, 78, 80, 84, 87, 89, 122, 127, 133, 134, 153, 168, 169 e 175; nascentes do rio, 19; onde predomina o protognaisse no vale do, 21; opinião de Avelino Inácio de Oliveira e Othon Leonardos sôbre a petrografia do vale do, 18; penetração do vale fluminense do, 95; petrografia do vale do, 17; predominância do gnaisse xistoso no vale do, 18; presença de rochas da série São Roque, na zona paulista do vale do, 19; raridade do gnaisse lenticular no vale do, 19; rio, 118, 121, 124, 127, 129, 130, 134, 136, 142 147, 155, 157, 159. 162. 163. 167. 176, 177, 178, 189, 191, 193 e 194; rochas do vale do, 15: rochas graníticas no vale do, segundo R. Ribeiro Filho, 19; rochas protozóicas no vale paulista do, 18; rochas que constituem a crosta do vale do, 16; vale do, 96, 97, 114, 133, 135, 145 e 181: velhas cidades do vale do, 103.
Paraíba do Sul — 96, 126, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 141, 143, 144, 157, 166, 189. 193 e 217: atraso de, 131; decadência de, 134; economia rural de, 128.
Paraibuna — bacia do, 96; os gnaisses passam a micaxistos em, 18; o sinclinal influindo no curso do, 20: rio, 129 e 175.
Paraitinga — o sinclinal influindo no curso do rio, 20.
Parati — 102, 115 e 126.
Paris — 130 e 186; a cultura e o refinamento de, 151.
Passa Três — 119.
Passa Quatro — estudos na zona de, 17.
Pati do Alferes — 96, 129, 138, 140, 141, 142, 143, 154. 155, 157, 166, 175 e 193.
Paulista — contribuição à petrografia do vale. 18: natureza das rochas do vale, 20.
PAULO DE FRONTIN — 154.
Pedro do Rio — 134, 177 e 179.
PERNES LISBOA, Francisco — 165.
Petrópolis — 134, 136, 142, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 192 e 211, área enflorestada confinante com, 209; irradiação cultural de, 183; povoamento de, 127; primeiros alicerces de, 184; progresso urbanístico de, 183.
PFFEIFER, Ida — 184, 199, 208, 209 e 243.
Piabanha — rio, 129, 134, 177, 178, 179 e 193; vale do, 136.
Picadilly — 186.
Pilar — pôrto do, 168.
Pindamonhangaba — 107 e 126.
Pinheiral — estação de, 167.
PINHEIRO DE SOUSA — 142.
PINTO, Antdnio Clemente — 204.
PINTO DE MIRANDA, Antônio — 165.
PIRAÍ — 113, 118, 121, 123, 124. 133, 144 e 170; civilização rural de, 118; exportação de, em 1860, 118; população de .. em 1872, 118 e 120; rio, 105, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 121, 165, 166, e 167.
Piratininga — fundação de, 95.

PIZARRO — 98, 70, 128, 129 e 141.
Pomba — rio, 156.
Pombal — conspiração contra o marquês de, 104.
Pombos — grande usina da ilha dos, 219.
Pôrto das Caixas — 168, 189 e 190.
Pôrto das Flôres — 162 e 163.
Pôrto Marinho — 191.
Pôrto Nôvo do Cunha — i34
Pôrto Velho do Cunha — 194.
Portugal — 111.
Português — espirito aventureiro do, 95.
Prêto — rio, 136, 157, 158 e 162.
"Princesa da Serra" — 184.
PROTÓGENES GUIMARÃES, Almirante — 227.
Puris — indios, 100 e 156.
Quatis — 97 e 124.
Quebra-Cangalhas — camadas de dolomitos na serra de, 18.
QUIRINO DA ROCHA — 142.
20. Quitandinha — cassino de, 187; veraneios em, 120.
RAIMUNDO CORREIA — 153.
RATISBONNA — 132.
RAUL VEIGA — administração estadual do presidente, 226.
Rède Mineira de Viação — 172.
RESENDE, Barão de 278; conde de — 105.
Resende — 99, 100, 104, 105, 110, 112, 114, 115. 116, 121, 124, 126, 137, 138, 156, 166, 167, 68, 193, 213 e 217; bacia terciaria de, 97; ... "capital do Sul", 101; gnaisses graníticos ao sul de, 21; nascimento de, 97; pretensão de, 118.
Ribeirão Prêto — 101.
RIBEIRO DE AVELAR — 142.
RIBEIRO DE SÁ, Baráo — 132, 135 e 136.
RIBEIRO FILHO, Raimundo — não existem rochas proterozóicas, no vale paulista, segundo, 18.
RIBEYROLLES — 131, 145, 148 e 160; opinião de ... sôbre imigração européia, 237.
RIO BONITO, Baráo de — 166, 168 e 170; inicio da magistratura do barão do, 208.
Rio Claro — 114, 115 e 116: ponta de lança da serra do, 21.
RIO DAS FLÔRES, Baráo do — 163.
Rio das Flôres — 164.
Rio das Mortes — estação do, 152.
Riu de Janeiro — 97, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 114, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 127 128, 130, 132, 133, 134, 137, 156, 159, 161, 162, 164, 166, 167, 169, 170, 171, 175, 178, 173, 174, 175, 180, 184, 185, 198, 219 e 242: a civilização de ultramar já se implanta no, 204; autoridades eclesiásticas do, 245; distância do, 194; distância entre o ... e os campos de Minas, 96; festivos salões do, 211; gado para o, 98; governador do, 103.
RIO NÔVO, Condessa do — 135 e 136.
RIO PRÊTO, Visconde do — 159 e 163.
Rio-São Paulo — estrada de rodagem, 120; rochas encontradas na estrada de rodagem, 18.
RODRIGUES ALVES, Francisco — 141.
RODRIGUES DA CRUZ, João — 169.
RODRIGUES DA FONSECA, Domingos — 127.
RODRIGUES PAIS, Garcia — 127.
Sabarã — 193.
Sacra Familia — 96, 105. 140. 141, 142, 149, 157 e 193.
Sacurus — índios, 175.
SAINT-HILAIRE — 106, 107, 108, 109, 112, 129, 130, 146, 157 e 158; descrição do vale paulista por, 201.
SALDANHA E ALBUQUERQUE, Aires — 175.
SALDANHA MARINHO — 161.
"Salutáris" — fonte de água — 133.
San Sebastian — 186.
Santa Bárbara — fazenda de, 115.
Santa Catarina — formação do quilombo de, 143.
SANTA CLARA, Barão de — 163.
Santa Cruz — 112.
SANTA FÉ, Baráo de — 159.
SANTA JUSTA, Baráo de — 163.
Santa Maria Madalena — fundação de, 227.
Santa Teresa — 173 e 174.
Santana — fazenda, 115; rio, 138 e 163; vila de, 118.
Santana das Palmeiras — 138.
Santo Antônio de Padua — 156.
SANTO TIRSO, Duque de — 217.
São Fidélis — 156: cachoeiras de, 254; epidemia de cólera-morbo em, 257; fundação de, 253 e 255; opiniãa de Elísio de Araúio sôbre o crescimento de, 256: populaçáo e produção de ... em 1811, 265; populaçáo de ... em 1858, 257; população de ... em 1872/1940, 259.
São João da Barra — 153.
São João d'el Rei — 193.
São João do Príncipe — 115, 118 e 169.
São Marcos — 100, 101, 103, 104, 112, 113, 114, 115. 116, 117. 118, 124. 126. 129, 137, 165, 166 e 193: rápido crescimento de, 115: semelhança na evolução cultural de Cantagalo com, 304.
São José dos Campos — 107; gnaisse encontrados em, 18.
São Luís Beltrão — 98 e 100.
SÃO MARTINHO. Sargento-Mor — 194.
São Paulo — 95. 98,-101, 102, 104, 105, 107, 184, 189, 122, 124, 126, 127, 145, 147, 161, 165, 166, 167 e 168; caminho de, 103; invasão do café na província de, 100; prolongamento do sinclinal para 15.
Sáo Pedro d'Aldeia — 167.
São Roque — diastrofismo que enrugou a série de, 21; formação da série, 18; interpretação de rochas da série, 15
São Salvador dos Campos — 129.
São Sebastião do Alto — fundação de, 241: população de ... de 1872 a 1940, 242; produção de ... em 1920, 242.
São Vicente — 95.
São Vicente Férrer — distrito de, 100.
Sapucaia — 189 e 215; fundação de, 216; quedas da, 217.
Saxe — porcelanas de, 186.
SEIDEL, Engenheiro Frederico — 191.
SEIDLER, Carlos — 117.
Serra — ciclo do café na, 99; Conquista da, 14; Geologia da, 15; motivos do retardamento do desbravamento da, 14: o que se designa por, 13; o sentido do vocábulo 14.
Sevres — porcelanas de, 136.
Silva Jardim — vasta faixa de gnaisse e biotito que sobe além de, 21.
SILVA JARDIM, Joaquim José da — 194.
SILVEIRA GARCÊS, João da — 175.
SIMÃO DA CUNHA GAGO — 97 e 99.
Sinclinal — observaçdes sôbre a natureza das rochas no interior do. 20.

SIQUEIRA DA SILVA FONSECA, José — 162.
Sistema Riggenbach — 184.
SPIX — 180.
SOARES DE SOUSA, Paulino — 225.
SOARES PROENÇA, Bernardo — 127, 175, 176 e 180.
SODRÉ, Alcindo — 175, 179 e 180.
SOLANO LOPES — 208.
SOUSA WERNECK, Inácio de — 157.
Straten-Ponthoz — 182.
Sucupira — serra do, 179.
Sumidouro — 219; declinio da cultura do café, em 220; população de ... em 1872 e 1890, 220; produção de ... em 1872 e 1890, 220; produção de ... em 1910, 220; ramal ferroviário do, 213.

Tamoios — índios, 157.
Taquaril — serra do, 179.
Taubaté — 107 e 126.
TAUNAY — 100 e 153.
TAUTPHOEUS, Barão de — 151 e 208.
TEIXEIRA DE OLIVEIRA — 100.
TEIXEIRA LEITE, Francisco José — 142, 143 e 147.
TEIXEIRA LEITE, Joaquim — 150 e 166.
Teoria do Protognaisse — 21.
Teresópolis — 165, 189, 190, 191, 192, 209 e 211.
Tietê — caminhos fluviais do, 95.
TINGUÁ, Barão de — 146.
Tinguá — 129; cidade de, 166; serra do, 138.
TIRADENTES, Alferes — 194; fundação do registro do Cunha por, 218.
Tolosa — 130.
Trajano de Morais — fundação de, 229; População de, em 1872, 1892, 1920 e 1940, 230; produção de, em 1910, 230;
Três Rios — 132, 134, 136 e 177.
Ubá — 129, 130 e 157.
União e Indústria — estrada de rodagem, 134, 135. 136, 160, 184 e 190.
Vale Bittencourt — 100.
Valença — 144, 153, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172. 173 e 181; a Produção de, em 1873, 169.
Valparaíba — 106.
VARGEM ALEGRE, Barão de — 108 e 166.
Vargem Alegre — estação de, — 178 e 179.
VASCONCELOS, Clodomiro de — 115 e 189.
VASSOURAS, Barão de — 152.
Vassouras — 96, 106, 113, 132, 133, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 153, 154, 159, 166, 167, 169, 171 e 208; aparecimento da imprensa em, 150; declinio do comércio urbano de, 152; economia rural de, 146; epidemia de febre amarela em, 237; esplendor arquitetural de, 131; ... é um êrro geográfico, 156; homens ilustres de. 148; o maior mistério da fundação de, 141; planejamento urbano de, 160; satélites de, 155; solene inauguração da estação de, 154; um tremendo flagelo cai sôbre, 152.
Velhas — rio das, 127.
Viação Mecânica Vascourense — 153.
VIEIRA AFONSO, Manuel — 181.
VIEIRA LEÃO, Manuel — 193.
Vila Rica — 109, 180 e 193; volta a, 195.
Volta Redonda — usina siderúrgica de, 116 e 125.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS DO SERVIÇO GRÁFICO
DO I.B.G.E. — LUCAS, ESTADO
DA GUANABARA — B R A S I L .